3 E-BOOKS
DO IVAN SANT'ANNA

inversa
publicações

10 CRÔNICAS DE UM TRADER

Histórias que vão mudar sua visão sobre investimentos

APPROVED
3 HISTÓRIAS EXCLUSIVAS
APPROVED

Ivan Sant'Anna
autor da newsletter
"Os Mercadores da Noite"

inversa
publicações

Menu

Conversar com príncipe é outra coisa

Eu sou Fluminense desde antes de nascer. Isso era requisito obrigatório na família. Vinha no DNA. Já assisti a jogos do Flu até em Sarajevo, na antiga Iugoslávia.

Acompanhando o time desse jeito, é claro que os dirigentes, os técnicos e os jogadores me conheciam.

Certa ocasião, no início de 1976, o Didi (o meio-campista mítico, bicampeão mundial em 1958 e 1962) era técnico do Fluminense e chegou a época de renovar contrato. Didi queria ganhar 30 mil dólares por mês (naqueles tempos de inflação galopante pagava-se em cruzeiros mas negociava-se em dólares para que o valor se mantivesse corrigido). O clube ofereceu 25 mil.

O impasse persistia quando Didi recebeu um telefonema de um príncipe da Arábia Saudita, que queria que ele treinasse seu time particular. Enviou as passagens e lá se foi o técnico para conversar.

Já em Riad, Didi não teve como não se inibir quando entrou no palácio digno das mil e uma noites. E o príncipe foi logo definindo: "Você vai morar num condomínio de luxo, terá carro com chofer, três meses de férias por ano e poderá treinar a equipe na Europa ou no Brasil durante outros três meses. Contrate ou dispense o jogador que quiser." Só não falou sobre salário e Didi não teve coragem de perguntar.

Ao final da conversa, os dois já de pé, Sua Alteza informou: "Serão 150 mil dólares mensais, isentos de despesas e impostos, mais prêmios por vitórias e títulos."

Contrato assinado, Didi veio ao Rio pôr seus assuntos particulares em dia e pegar suas coisas. Me encontrei com ele por acaso na sede do Flu. "Seu Ivan, conversar com príncipe é outra coisa", o mestre me disse.

Um livro esquecido

Trinta anos já haviam se passado desde aquela época quando, em 2007, recebi um telefonema de um diretor da BM&F. "Você topa escrever um livro sobre o nosso IPO (*Initial Public Offering*, a Oferta Pública Inicial)?"

A bolsa acabara de se transformar em sociedade anônima e abria seu capital ao público, num IPO que atraíra atenção internacional. Eles queriam que eu narrasse a história desse lançamento em um livro de pouco mais de 100 páginas.

Como eu receberia todos os dados referentes ao IPO, assim como teria acesso aos profissionais que o materializaram, calculei que escreveria o livro em, no máximo, dois meses. Então estimei o preço que cobraria em 30 mil reais. Com esse número na cabeça, viajei para São Paulo para discutir os detalhes do contrato.

Quando estava na antessala do CEO da BM&F, um espaço de aproximadamente 500 metros quadrados, com mobiliário luxuoso e paredes decoradas com obras de pintores nacionais do primeiro time, a única coisa que veio à minha cabeça foi o Didi negociando no palácio saudita.

Não deu outra coisa. O chefão da bolsa disse como queria o texto, me deu uma relação das pessoas que eu deveria entrevistar, no Brasil e lá fora (com todas as despesas pagas) e outros assuntos gerais. E, tal como o príncipe do futebol, só não mencionou o pagamento pelo trabalho.

Num replay da cena de Riad, já estávamos de pé quando o CEO mencionou, quase que incidentalmente: "Cento e cinquenta mil, está bom para você?"
Naquela ocasião eu já tinha quase meio século de experiência de trader. Mesmo assim, ou talvez por isso, decidi não fazer uma contraproposta. Mais ou menos...

"Líquidos, não?"

“Líquidos”, ele fechou, bocejando, quem sabe por lidar com números tão pequenos, ele que presidira um IPO de seis bilhões de reais.

“Conversar com príncipe é outra coisa”, já dissera o Didi, em 1976.

Maratona

Em três meses escrevi “Projeto Maratona – Desmutualização e IPO da BM&F”. Para que o texto não ficasse muito árido, contei algumas histórias pitorescas sobre as origens das bolsas de valores.

O IPO fora um sucesso, com as ações sendo lançadas a 20 reais e a demanda superando por larga margem a oferta, tendo sido necessário um rateio.

O que deixou a desejar, muito a desejar, foi o comportamento das ações da BM&F, que mais tarde se transformaram em BM&FBovespa. No dia do lançamento, 30 de novembro de 2007, após uma rápida (tão rápida que ninguém viu) subida até 26 reais, o preço, nos tempos que se seguiram, não fez outra coisa a não ser cair, tendo chegado a uma mínima de 4,01 reais. Agora, passados 10 anos, a cotação está em 20 reais, um prejuízo amargo para quem comprou no lançamento, por causa da inflação e considerando o custo de oportunidade.

Com raras exceções, IPOs são como filmes nacionais financiados pela lei Rouanet. Quando estreiam nos cinemas (isso nos casos em que são finalizados e exibidos), todo mundo que tinha de ganhar (produtores, diretor, intérpretes, contrarregras, cinegrafistas, etc., etc.) já ganhou.

Quem lucra mesmo com os IPOs são os vendedores das ações e os bancos lançadores, com suas gordas comissões, seus spreads, suas corretagens. E, por que não confessar? Os escribas que narram as “epopeias”. O grande público quase sempre perde dinheiro.

Por isso, caro leitor dessa newsletter, a não ser que você tenha um especialista de alta confiança recomendando determinado lançamento, fuja dessas pechinchas. Aguarde a empresa “IPOzada”, após ser negociada normalmente em bolsa, encontrar seu preço de mercado. Aí, se for o caso, compre. Talvez pague mais caro, muito provavelmente vai pagar mais barato, mas você irá comprar lebre por lebre. E terá se livrado dos gatos.

Detalhe dos mais curiosos: embora eu tenha entregado os originais de “Projeto Maratona” dentro do prazo contratual, o livro só foi lançado um ano mais tarde. E, mesmo assim, num almoço para uma dúzia de pessoas na sede da BM&F. Foi também distribuído a algumas livrarias, sem nenhum estardalhaço.

Após o almoço, eu brinquei com o chefão. Vocês podiam ter lançado antes. Bastava terem mudado o nome de “Projeto Maratona” para “A Grande Enrabada”.

A resposta não foi uma de príncipe.

Buy on dips

Quando Dilma Rousseff foi apeada do Palácio do Planalto, boa parte das pessoas sensatas apoiou o governo Temer. Afinal de contas, era ela ou ele. Relevou-se a nomeação de diversos velhacos para os ministérios e para outros postos importantes da República. E louvou-se a escolha de Henrique Meirelles para a Fazenda e de Ilan Goldfajn para o Banco Central.

O envio ao Congresso dos projetos das reformas trabalhista e previdenciária, além da aprovação do teto de gastos pelas duas casas do Legislativo, só veio dar razão àqueles que não temeram o Temer.

Como não tinha nenhuma popularidade, supôs-se (eu fui um desses otários) que o novo presidente, ao se sentar em sua cadeira no terceiro andar do Planalto, tenha pensado apenas em adotar medidas duras, mas necessárias, já que não precisaria agradar o populacho.

Leituras sugeridas: Para onde o mercado está olhando? Previdência ou Imprevidência?

"Vou debelar a inflação, pôr as contas públicas em ordem e aplainar o terreno para que no mínimo os três próximos governos possam lançar o país num ciclo de prosperidade."

Vieram então os fatos e eles mostraram que Temer era farinha do mesmo saco que embalou Geddel, Moreira, Jucá, Padilha, etc...

Tudo bem. Isso não foi nenhuma surpresa. Daquelas duas cuias (a de cabeça para cima e a

de cabeça para baixo), e é de lá que eles vieram, pode se esperar tudo, menos idealismo e lealdade ao país.

Como Meirelles e Goldfajn continuaram em seus postos, a inflação foi demolida (com a ajuda da recessão, mas foi) e a recessão fez um stop que todo mundo torceu para que não fosse apenas um pit stop.

A delação dos Batista mudou tudo, criou novos fatos. E que fatos. "Ótimo, ótimo", "Precisa manter isso", "Você deu seu nome na portaria?" E por aí foi a conversa gravada na garagem do Jaburu, aquela que o Gilmar diz que não vale.

O curioso é que nesses episódios a gente descobre que o Brasil tem uma unidade monetária de corrupção: 500 mil reais. Que é o que cabe numa mala ou mochila de porte médio. E o intervalo entre um pagamento e outro é de uma semana. Ainda bem que não temos cédulas de 500 ou de mil reais.

Dois milhões de um "empréstimo" para a compra de uma casa são quatro parcelas semanais de 500 mil. Dez milhões: vinte semanas. Houve até o caso em que o ativo ofereceu ao passivo 500 mil por semana até o resto da vida. Em outro, um milhão por semana (no caso, dois pagamentos, quem sabe às terças e sextas, por causa do tamanho da mala), durante 25 anos. Até o Leonel Messi ficou com inveja.

A partir desses episódios, Michel Temer passou a ter um único objetivo: se manter no cargo até o dia 1º de janeiro de 2019. E, para isso, tudo indica, vai se transformar em um novo José Sarney.

Flashback

Na sexta-feira 28 de fevereiro de 1986, o governo Sarney lançou o Plano Cruzado, congelando salários e preços. Nos meses que se seguiram, a economia brasileira sofreu um impulso tão grande que o PIB daquele ano cresceria 7,5 por cento. O povo se alegrou de tal modo que o PMDB de José Sarney e seu partido aliado PFL elegeram 22 dos 23 governadores dos estados, obtiveram 84 por cento dos votos para o Senado e 77 por cento das cadeiras da Câmara.

Logo após as eleições, conversando com Wilson Nélio Brumer, presidente da Cia. Vale do Rio Doce, ele me disse mais ou menos essas palavras: "Com pleno emprego e essa hegemonia no Congresso, este é o momento de demitir um milhão de funcionários

públicos. O setor privado os absorverá facilmente. O governo pode ser enxugado de um modo como nunca se fez antes."

E nem dessa vez. Sarney trocou tudo pela expansão de seu mandato presidencial de quatro para cinco anos. Distribuiu concessões de rádio e televisão, aprovou emendas parlamentares a torto e a direito e não adotou nenhuma medida de austeridade para esfriar o consumo.

Deu no que deu. Nos três anos restantes de seu mandato, o imortal do Maranhão só podia se apresentar em público nos rincões dos rincões. Caso contrário, era vaia em cima de vaia.

Três anos depois, com inflação anual de 1.232 por cento, Sarney assistiu perplexo a uma eleição presidencial na qual todos os 22 (isso mesmo, 22) candidatos eram de oposição.

No segundo turno, o país foi para o baralhão, preto ou vermelho, par ou ímpar, cara ou coroa, capitalismo selvagem ou socialismo, Collor ou Lula. Deu Collor. Por focinho, no photochart. E também deu no que deu. Collor preferiu enricar a reformar o país.

No Brasil a história se repete. Só que se repete à exaustão.

Mas agora é diferente. Ao contrário da época de Sarney, que precisou recorrer à moratória externa, e da de Collor, que confiscou o dinheiro para debelar um surto hiperinflacionário, o Brasil tem robustas reservas internacionais, inflação em níveis (para padrões tupiniquins) baixíssimos e dá para aguentar até as eleições do ano que vem, mesmo que Meirelles e Goldfajn caiam fora, mesmo que a reforma previdenciária seja adiada, mesmo que tenhamos mais dois presidentes da República até lá.

O que não temos, e isso fará toda a diferença, é um grupo político exigindo estatização, já que o Estado quebrou. Então dá para se manter de pé na pinguela nos próximos 18 meses e meio.

No longo prazo, o Brasil está bem nas paradas. Isso porque se não aprendeu o que deve fazer, ao menos aprendeu o que não pode fazer. Nem o Lula, se eleito (e não acredito nessa hipótese), poderá criar programas de benefícios sociais, lançar PACs, construir rodovias, ferrovias, hidrovias, a não ser que recorra ao capital externo e ceda às exigências que ele (o capital) fará para investir aqui.

Nós estamos aprendendo a viver sem governo e é a primeira vez que tal coisa ocorre em nossa história. E isso é ótimo. Ótimo, ótimo, como diz o Temer.

No mercado de ações, *buy on dips* (compre nas quedas), como se escreve lá fora.
E *dips* ocorrerão até o final do ano que vem. Se o mercado não sofreu um crash maior do que o de 1929 desde que aquele funcionário dos Correios apareceu num vídeo recebendo três mil reais (sim, caro leitor, três mil, que cabem numa nécessaire), é porque está chegando a hora.

Ninguém tem mais poder de sabotar o Brasil, porque já estamos muito machucados.

Buy on dips.

Azar de principiante

No início da noite de 29 de janeiro de 1971, eu estava no ônibus da delegação do Fluminense, em São Paulo, indo para o Pacaembu onde o Flu enfrentaria o Palmeiras pela Libertadores. Ao meu lado sentava-se o Zagallo, que se sagrara campeão do mundo como técnico no ano anterior, dirigindo a seleção brasileira na Copa do México, e que acabara de assumir o cargo de treinador do Fluminense.

Para minha surpresa, o "Velho Lobo" me consultou sobre a escalação do time. Fiquei encabulado. Mas, como o Zagallo insistiu, acabei dando meus "pitacos". E, também a pedidos, fiz a mesma coisa nos dois jogos seguintes, contra o Deportivo Galicia e o Deportivo Italia, ambos em Caracas (eu assistia todos os jogos do Fluminense, jogasse onde jogasse).

A partir do quarto jogo, contra o Galicia no Maracanã, Zagallo parou de pedir minha opinião. Já se familiarizara com o elenco e, evidentemente, conhecia 100 vezes mais de futebol do que eu. Só mais tarde vim a saber que Zagallo ouvia inúmeras pessoas e que eu fora apenas uma delas.

Antes de se mudar para os Estados Unidos, e de se dedicar mais aos mercados internacionais, Alfredo Grumser era um mítico operador de opções na bolsa de valores do Rio de Janeiro, principalmente de opções da Cia. Vale do Rio Doce. Era tão bom que até um cavalo que brilhava no hipódromo da Gávea fora batizado com o nome de *Grumser Vale*.

Pois bem, sempre que se aproximava um vencimento de opções, Alfredo me ligava perguntando o que achava do mercado. Só que ele, tal como o Zagallo no futebol, fazia

isso com dezenas de *traders* antes de tomar suas decisões, que costumavam ser tão precisas que, no dia em que as opções expiravam, o preço do papel fechava acima do *strike* no qual o Alfredo estava comprado e abaixo do *strike* no qual ele estava vendido. Ou seja, ganhava no *long* e no *short*. Era, ao mesmo tempo, touro e urso vencedores.

Jesse Livermore foi um dos maiores operadores de ações de todos os tempos. Ninguém acertou tanto na bolsa de Nova York quanto ele nos "Esfuziantes Anos Vinte" (*The Roaring Twenties*), inclusive antecipando o *crash* de outubro de 1929. Eu conto isso em meu livro "1929". Antes de se posicionar na bolsa, Livermore consultava inúmeras pessoas. Só então decidia o que fazer.

Eu tenho um amigo que administra fundos múltiplos. Só aceita aplicações de grandes valores. Numa conversa na semana passada, ele me disse que lê no mínimo cinco horas por dia. E não estava falando de romances ou livros de não-ficção. Referia-se a balanços de empresas, relatórios dos departamentos econômicos dos grandes bancos nacionais e estrangeiros, boletins sobre as economias dos Estados Unidos, da Europa, da China e do Japão, análises de oferta e consumo de petróleo e outros temas que influenciam as taxas de juros e as cotações das bolsas. Não é à toa que suas carteiras costumam apresentar um desempenho muito maior do que aqueles alcançados pelos fundos administrados pelos bancos.

Num livro que acabo de ler, "Os olhos de Bergman", sobre a vida do genial cineasta sueco, descobri que ele não filmava uma única cena sem pedir a opinião de seus fotógrafos, sendo Sven Nykvist o mais influente deles.

Resumindo: os gênios, os craques, os espadas, todos pedem um parecer de terceiros antes de firmar seus conceitos ou de adotar suas posturas. São bem-sucedidos porque falam pouco e escutam (ou leem) muito.

Há algum tempo, numa época de bolsa em alta, uma amiga me contou que seu filho iria vender um apartamento para "jogar" na bolsa. Nessa mesma ocasião, um vizinho que acabara de se aposentar e de receber um gordo FGTS me informou que iria aplicar tudo em ações.

O grande risco é de que essas pessoas, sem consultar ninguém, acertem na primeira arriscada, o que eu chamo de "azar de principiante". Sim, porque o cara (ou a cara) vai achar que ganhou porque analisou bem o mercado e a conjuntura e não porque ele ou ela tiveram a sorte de comprar um papel que subiu.

Se você vai a Las Vegas e aposta na roleta no preto ou vermelho, no par ou ímpar, no alto ou baixo, suas chances são de 47.4 por cento. Não são de *fifty/fifty* porque além dos 36 números há também o zero e o duplo zero, cujas casas são verdes. Quando a bolinha cai numa delas perde todo muito que apostou nas "chances": preto/vermelho, par/impar, etc. Claro que você pode comprar duas puts, apostando uma merreca no zero e outra no duplo zero. Nesse caso, perder tudo não vai. Mas o seguro (*put*) tem custo e suas chances, na lei dos grandes números, serão sempre menores do que as do cassino.

Por causa desses detalhes atuários, além de outros psicológicos (perdedor insiste em recuperar e ganhador não para até perder), uma coisa é certa: os apostadores perdem e o cassino lucra. Caso contrário, eles não construiriam aqueles prédios suntuosos nem ofereceriam bebida de graça aos otár... ooopss, aos apostadores.

Mas vamos esquecer Las Vegas, ou ir lá apenas para ver os shows e se distrair com 100 ou 200 dólares nos cassinos, e voltar para o que interessa: o mercado de valores.

Se você não sabe, faça como o Zagalo, o Alfredo Grumser, o Jesse Livermore ou o meu amigo administrador de fundos. Pergunte a quem sabe, assine publicações isentas, leia sem parar. Você irá agregar o conhecimento de todas essas pessoas.

Jamais atue na base do *feeling* ou do "palpitômetro". Não compre apenas porque caiu muito, não venda porque subiu demais. E, se fizer isso, tomara que perca antes de vender a casa para "jogar" na bolsa. Nesse caso, se for para atuar totalmente às cegas, é melhor comprar uma passagem para Las Vegas e fazer apenas um lance. Aposte a casa no preto ou no vermelho. Você terá os 47.4 por cento de chance. Se ganhar, saia correndo do cassino e jamais volte lá.

Curiosidades: O Fluminense ganhou os três jogos nos quais buzinei no ouvido do Zagalo: 2 a 0 contra o Palmeiras, 3 a 1 contra o Deportivo Galicia e 6 a 0 contra o Deportivo Italia. Depois se ferrou nos jogos de volta, em casa, e foi eliminado. Mas em Las Vegas eu perdi até as calças.

Um dia (e uma noite) de cão

Durante quase vinte anos eu folguei nos feriados americanos e trabalhei nos brasileiros, mesmo quando estava aqui no Rio. *Memorial Day* (última segunda-feira de maio), *Labor Day* (primeira segunda-feira de setembro), *Thanksgiving Day* (a quarta quinta-feira de novembro), entre outras, eram datas nas quais eu não ia trabalhar.

Embora tivesse cadeira cativa em um escritório de Chicago (20 South Wacker Drive) e em outro de Nova York (Four World Trade Center 5th floor), a maior parte do tempo eu ficava numa mesa de operações de um banco situado no 17º andar de um prédio na esquina de av. Presidente Vargas com Rio Branco, bem no Centro. De lá, não tinha como não assistir o desfile militar de 7 de setembro, nem os desfiles de escola de samba do terceiro grupo, no Carnaval, nem diversas passeatas no dia de Corpus Christi.

Nessas datas, eu trabalhava sozinho na mesa de operações e almoçava uma marmita que levava de casa. Como ninguém iria ligar a central de ar-condicionado de todo um prédio só por minha causa, costumava abrir todas as janelas da enorme sala. E por elas entravam as marchas militares na Independência, os sambas-enredos no Carnaval e a música gospel no Corpus Christi.

Não sei se inspirado pela diversidade musical, ou contagiado pela festança lá embaixo, ou encorajado pela minha solidão, o certo é que nessas ocasiões eu arriscava muito mais do que nos dias comuns. **E vejam que sempre gostei de riscos (não é à toa que fui rico e pobre três vezes, antes de estacionar na classe média), de alavancagens e de mercados exóticos.** Já operei feijão vermelho na bolsa de Tóquio, azeite de dendê futuro (não na Bahia, mas na Malásia) e barriga de porco (*pork belly*) em Chicago.

O auge de minha orgia operacional solitária acontecia no Carnaval. Certa vez, resolvi operar em todos os mercados de moedas, de instrumentos financeiros, de commodities e de índices de ações. Um contrato de marco alemão, um de libra esterlina, um de Treasury Bonds, um de S&P 500, um de ouro, um de prata, um de milho, um de soja e assim por diante. Comprei ou vendi de tudo. Sempre um. Usei como estratégia comprar os que estavam em alta e "shortear" os que estavam em baixa.

E não é que deu certo? Entrei nas posições na segunda-feira e zerei tudo na terça. Com pouquíssimas exceções, os ativos que estavam subindo continuaram subindo e os que caíam permaneceram em baixa. Não ganhei nenhuma fortuna, mas pus no bolso uns quatro ou cinco mil dólares, nada mal para um Carnaval despretensioso. Tudo na física, bem entendido. O risco foi meu, o lucro foi meu. E ninguém soube de nada porque maluquice, esquisitice e outros "ices" têm de ser sigilosos, caso contrário os clientes (eu era *broker* também) somem.

Um desastre

A brincadeira acabou na segunda-feira de Carnaval de 1994, que caiu em 14 de fevereiro. Nesse dia, o primeiro-ministro japonês Morihiro Hosokawa se encontrou com o presidente Bill Clinton no salão Oval da Casa Branca numa reunião de trabalho. Clinton queria que o governo do Japão forçasse uma desvalorização do iene, tese com a qual Hosokawa não concordava, preferindo o câmbio livre.

Após a reunião os dois chefes de estado participariam de uma coletiva, dando conta de seus acertos, ou desacertos. O mercado futuro de iene, negociado em Chicago, estava num impasse. Se Clinton convencesse o japonês, o iene despencaria. Caso o primeiro-ministro não concordasse com o colega americano, a moeda japonesa faria um novo *high* de um *bull market* que já durava anos.

Eu apostei em Clinton, "shorteando" pesadamente o iene. E deu Japão. Nem precisei ler a notícia do resultado da reunião de cúpula. Bastou olhar a tela de cotações e ver o iene disparar feito um foguete. Faltavam poucos minutos para o encerramento do pregão e tive de ser rápido para fazer um *stop*.

Na brincadeirinha de Carnaval perdi quase 30 mil dólares. Vinte e nove mil e tantos. Dinheiro que, naquela ocasião, me fez muita falta.

Com o desfile de escolas de samba do terceiro grupo rolando lá na av. Presidente Vargas, fui afogar minhas mágoas numa barraquinha, com latas e mais latas de cerveja acompanhadas de shots e mais shots de cachaça. E foi nesse estado de espírito (e de *spiritual*) que peguei meu carro, uma Parati, para voltar para casa na Barra da Tijuca.

Quem conhece o Rio de Janeiro, sabe que a avenida Niemeyer é uma estrada costeira sinuosa que vai do Leblon a São Conrado. Tem pista simples, com mão e contramão. Uma faixa amarela central deixa claro que as ultrapassagens são proibidas ali.

Havia um carro lento à minha frente e do outro lado vinha um Escort XR3 conversível. Eu calculei que dava para passar e entrei na contramão. Só que, talvez por culpa do Clinton, do Hosokawa, da cerveja, da cachaça, ou mais certamente de minha irresponsabilidade ao volante, o certo é que bati de frente no XR3, novo em folha, no qual vinham quatro mancebos bem nutridos e vestidos de centuriões romanos com as cores da Mocidade Independente de Padre Miguel.

Os garotões eram parrudos, eu já tinha 54 anos e lutar (ainda mais contra quatro ao mesmo tempo) definitivamente não era o meu forte. Para não ser impiedosamente linchado, só me restou recorrer à minha voz da época de operador de pregão.

"Eu sou maluco, mas não sou ladrão", foram minhas primeiras palavras, trovejantes. "Vou pagar agora, em cheque, o prejuízo que vocês calcularem, seja quanto for (complemento de frase do qual me arrependi). Dou em garantia minha carteira de identidade e meus cartões de crédito." Uma patrulhinha da PM chegou pouco mais tarde, relevou meu estado etílico e providenciou dois reboques (pagos por mim, é claro).

Bem, não vou terminar esta história com um clichê politicamente correto do tipo: "Se beber, não dirija."

Prefiro uma dica de trader que já levou muita porrada, embora não física e muito menos de sambista. Não tome decisões só por tomar. Do estilo: "Pra não dizer que não fiz nada". Na dúvida, fique quieto, ouvindo um cantor gospel sertanejo, se necessário.

Para *Hollywood, Wall Street* é uma festa

Quem vê Wall Street retratada nos filmes, e não conhece a "Rua" na vida real, pode pensar que alguns grandes traders são como Jordan Belfort, personagem de Leonardo DiCaprio em O Lobo de Wall Street *("The Wolf of Wall Street").*

Nada mais falso.

Nos 37 anos em que operei nos mercados nacional e internacional, jamais testemunhei uma festa com cocaína servida em bandejas de prata (nem consumida num cantinho do banheiro), muito menos mulheres nuas saindo de bolos, chuvas de cédulas de cem dólares e outras esbórnias. Se houve histórias parecidas, delas não tive conhecimento.

Aqui no Rio, por exemplo, houve um caso muito curioso no *open market.* Um dono de sociedade corretora ficou sabendo que haveria uma maxidesvalorização do cruzeiro (ou do cruzeiro novo, ou de novo no cruzeiro, ou no cruzado, ou no cruzado novo, ou no novo cruzado, ou no cruz credo, isso não importa). Sua fonte discriminou até os centavos.

O cara alavancou ao máximo sua 366 (resolução do Banco Central que fixava os limites de posição, proporcionais ao capital + reservas das instituições) comprando ORTNs cambiais. A maxi veio dentro do "combinado" e a corretora ganhou os tubos.

O que fez o financista? Jogou dólares pela janela, desfilou mulheres de *topless,*distribuiu cocaína à farta, organizou uma tremenda suruba na suíte imperial de um motel? Não. Chamou cada um dos seus funcionários, desde os diretores até o cara da faxina, e perguntou: "Qual é o seu sonho na vida?". Casa própria, carro do ano, excursão à Disney,

primeira viagem de avião, recepção de casamento, custo dos advogados no divórcio... houve de tudo. E tudo foi patrocinado pelo generoso *insider.*

Nada cinematográfico

Voltando à Wall Street, a comunidade financeira de *Lower* Manhattan tem inúmeros defeitos, comete os mais diversos tipos de crime *(insider trading,* manipulação, falso *bid,* falso *ask,* operações desnecessárias só para gerar corretagens, etc.), mas faz tudo com extrema seriedade e circunspecção (sem risos, por favor).

O próprio filme *Wall Street,* de Oliver Stone, com Michael Douglas interpretando o protagonista Gordon Gekko, tem um roteiro fora da realidade do sul da ilha, com um final cheio de dramas de consciência, coisa que, definitivamente, não se vê por aquelas bandas. Drama lá é só prejuízo, pé trocado, ser touro em dia de urso e vice-versa.

Poderia ter havido uma exceção nas caricaturas. Estou me referindo à adaptação para o cinema do livro *A fogueira das vaidades ("The Bonfire of the Vanities"),* obra-prima de Tom Wolfe. Sem dar muitos detalhes mercadológicos do dia a dia de uma *trading desk*, Wolfe retrata com delicioso senso de humor o *modus vivendi* do trader típico da "Rua" no auge do *bull market* dos *junk bonds.*

E não é que Hollywood estragou tudo? Mesmo com Brian de Palma na direção e Tom Hanks no papel do trader Sherman McCoy, o filme é intragável e foi, com muita justeza, execrado pela crítica.

A verdade é que um trader padrão leva, na maioria das vezes, uma vida quase militar.

Digamos que ele vive em Nova York e opere moedas no mercado futuro de Chicago. Quando os negócios começam para valer na Baixa Manhattan, por volta das oito horas da manhã, ele já tem de estar ciente do que aconteceu no Extremo Oriente e na Europa. Portanto, acordou antes das seis, se mora perto da "Rua". Se vive em Connecticut, já está de pé desde as cinco.

Na hora do almoço vai comer um hambúrguer, uma pizza ou um *chop suey,*intercalando cada garfada ou mordida com um telefonema. Ou com dois. Ou com três. Aliás, come por tato, pois não pode tirar o olho das quatro ou cinco telas (de cotações, de gráficos e de notícias) que o engolfam na pequena baia que lhe é destinada.

Um trader jamais pode relaxar totalmente. Pois se o mercado para durante o fim de semana, o mesmo não acontece com o mundo, que continua girando. Kim Jong-un pode estar testando um míssil de longo alcance no sábado. Quem sabe, no domingo, uma eleição importante na Europa. E o Trump pode estar tuitando a asneira decisiva. Tudo tem de estar armazenado na cabeça do *trader*na hora em que o mercado eletrônico 24 horas abre no início da noite de domingo. Porque o início da noite de domingo nos Estados Unidos ou no Brasil é início da manhã de segunda no Japão ou em Cingapura.

Portanto, os Jordan Belfort só existem na imaginação dos cineastas.

Vida real

Minha vida de operador não foi muito diferente dos exemplos que citei acima. Vamos a alguns fatos. Certa ocasião, voando entre Chicago e Miami, precisei acompanhar o mercado pelo *airphone*, um aparelho que a United Airlines dispunha para cada três assentos. E esse foi o meu problema. Era um para três e ao meu lado viajava uma trader. Como a aeronave estava lotada, nós dois passamos as pouco mais de três horas de voo brigando pela posse do telefone.

Outra vez tive de atender um cliente na sala de recuperação de anestesia de um hospital no Rio, onde o cirurgião me extraíra o apêndice. O cara estava perdendo uma fortuna e queria falar comigo, mesmo que eu já estivesse na beira do caixão, para ajudá-lo em seu problema.

Por falar em caixão, houve uma tarde em que o *call* de encerramento (última rodada de negociação) na CSCE *(Coffee, Sugar & Cocoa Exchange)*, em Nova York, se deu justamente quando o corpo de um parente estava sendo encomendado em uma capela do cemitério São João Batista. Não tive outra alternativa senão a de acompanhar a reza dos outros falando em meu celular algo como: "Vende, vende no encerramento do mercado *(Sell MOC, market-on-close)".*

Outro dia, um antigo colega de mercado financeiro do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, me "acusou" de ter sido um *workaholic* naquela época. Na verdade, nunca deixei de ser, seja como trader, seja como escritor, seja como roteirista de televisão, seja como colunista. Ateu de carteirinha e, portanto, descrente da existência de vida após a morte, me sinto na obrigação de fazer tudo nesta. Só estão faltando as comemorações da Wall Street hollywoodiana.

Calça de veludo ou...

Na época em que eu era diretor da distribuidora de valores FNJ, no Rio, resolvemos criar um fundo fechado de alto risco. O próprio nome já dizia tudo: Fundo de Investimentos FNJ de Alto Risco.

Para não ser objeto de reclamações de investidores ("especuladores" seria o termo mais adequado para o perfil dos cotistas que desejávamos captar), no próprio termo de adesão o interessado tinha de declarar que sabia que poderia perder todo o dinheiro aplicado. E que as chances de isso acontecer eram muito grandes.

A estratégia era comprar *calls* e *puts* super *out of the money* (ou "fora do dinheiro", como se abrasileirou agora) e com pequeno *time value*, portanto, prestes a vencer. Nosso objetivo era ter um lucro fenomenal. Se não conseguíssemos, paciência.

Curiosamente, muita gente aderiu ao fundo. A maior parte dos cotistas era composta de *traders* da própria FNJ e de profissionais de outras instituições financeiras. Gente que topava arriscar uma merreca para tentar dar uma porrada.

Logo o fundo ganhou um apelido: *Calça de veludo ou bunda de fora*, ou simplesmente *Calça*.

"Como está a cota do Calça?", um aplicador ligava perguntando.

"Ih, ferrou, cara. A maior parte das calls e puts virou pó. A cota fechou ontem a dois centavos. O caixa que sobrou não dá para aplicar em nada. Estamos aguardando a entrada de novos recursos para fazermos alguma coisa."

Como só tinha *profissa*, ninguém reclamava. Com o passar do tempo, o *Calça* deixou de ser novidade e a entrada de recursos diminuiu muito. Mas sempre vinha algum. Afinal de contas, era melhor pôr dinheiro ali do que, por exemplo, apostar na loteria esportiva.

Então aconteceu...

Eu havia aplicado todos os recursos do fundo numa opção de compra de Vale do Rio Doce que venceria no pregão seguinte. Para que desse exercício, precisaria que a Vale subisse no mínimo uns seis por cento. Passou de onze!!!

Tudo por causa de uma inesperada maxidesvalorização do cruzeiro. Eu não me lembro exatamente dos números, mas a cota subiu algo como de cinco centavos para 25 cruzeiros. Ninguém ganhou uma fortuna porque ninguém aplicava muito. Mas muita gente pôde, com isso, comprar um carro zero ou passar férias na Europa. Por conta do *Calça*.

Mesmo aqueles que já tinham perdido quase tudo em lances anteriores, mantinham um ínfimo resíduo de cotas, cujos valores nunca chegavam a zero. Pois até esses conseguiram tirar uma graninha para algo como viajar para um *resort* do Nordeste no fim de semana.

Como seria de esperar, a partir daquela tacada, choveu dinheiro no Fundo FNJ... no *Calça*.

Costuma-se dizer que o mercado é uma combinação de ganância e medo. Pois deveríamos acrescentar a inveja. Entre os traders do Rio e de São Paulo, os que ficaram de fora daquela parada (vale dizer, quase todo mundo) resolveram aplicar forte.

"Se aquele cagão do Abelardo aplicou 50 mil cruzeiros (equivalentes a cem dólares; sim *giovinezza*, nós já tivemos uma baita inflação) e ganhou cinco milhões (dez mil dólares)", deduziu um 'ganancio-invejoso', "basta eu pôr uma quina (meio milhão) e ficar repetindo isso todo mês. Na hora que o *Calça* der a próxima porrada, vou ficar rico."

Honestamente, quando começou a chover dinheiro, nós, os gestores, ficamos com medo. Porque sabíamos que a possibilidade de acontecer novamente era muito remota. E agora os caras estavam entrando pra valer. Por isso, mudamos o *approach*. Nossos *out of the*

money já não eram tão *outs* assim. As chances de um acerto se repetir ficaram maiores. Mas o resultado seria muito menor.

Fomos salvos pelo Banco Central, que proibiu expressamente fundos de alto risco (já estavam surgindo outros) e determinou que todos os fundos fechados, independentemente de quaisquer cláusulas aceitas pelos cotistas, teriam de cumprir as regras dos fundos em geral: diversificação, limites por empresa, etc.

Devolvemos o dinheiro dos aplicadores e fechamos o *Calça de veludo*, não sem uma ponta de tristeza. Isso não impediu que eu continuasse com o meu Calça particular, pois sempre fui chegado a uma *call* ou *put out of the money* e até mesmo a algumas *deep out of the money*. Isso até acontecer uma das maiores frustrações de minha vida de *trader*.

Decepção

Em 1987, eu estava convicto de que a Bolsa de Valores de Nova York sofreria um *crash*. Naquela ocasião, eu escrevia uma newsletter mensal, a Relatório FNJ, e antecipei esse *crash* para meus assinantes. Me baseara em um artigo do economista John Kenneth Galbraith que jurava que a queda seria similar a de 1929.

Para o vencimento Setembro, apliquei o que tinha e o que não tinha em *puts*fora do dinheiro (pronto, estou me abrasileirando) do S&P 500 na bolsa de futuros de Chicago.

Chegou o vencimento e, como a bolsa não caiu, minhas opções viraram pó. Só me restava fazer a rolagem, comprar *puts* para Dezembro. Só que aí o *time value* tinha muito valor, que se refletia no preço das opções. Resolvi esperar um mês, um mês e pouco, para adquirir as *puts*.

Veio então a sexta-feira 16 de outubro de 1987 e o mercado levou um tombo colossal. Mais importante: fechou nas mínimas do dia, da semana, do mês, do ano. Quem examinou os gráficos após o fechamento percebeu que o *crash* do Galbraith aconteceria na segunda-feira, dia 19. E eu, zerado. Amanheceu a segunda, que até hoje os historiadores do mercado chamam inimaginosamente de *Black Monday*, e o S&P já abriu com um *gap* de 25%. Isso mesmo, 25% abaixo do fechamento da sexta.

Se eu tivesse rolado minha posição um mês antes, pagando o pedágio do tempo, teria ganho alguns milhões de dólares.

Perdi completamente o entusiasmo pela profissão de *trader* que, àquela altura, já exercia há 29 anos. Concluí que o mercado era claramente dividido entre *winners* e *loosers* e que eu pertencia à segunda classe.

Fui salvo pelo grande *bull market* da soja, menos de um ano depois, quando dei a grande tacada de minha vida. Foi meio por sorte, meio por desespero. O certo é que multipliquei meu dinheiro e o dos clientes cujas carteiras administrava por 50, isso em pouco mais de um mês.

Sem que o Banco Central pudesse fazer nada a respeito, o *Calça de Veludo* ressuscitara.

Compre na alta, venda na baixa

A partir de abril de 1995, quando deixei de lado o ofício de trader para me dedicar à literatura, parei também de seguir o dia a dia dos mercados. Mas não abandonei de todo o hábito de acompanhar as cotações.

No início de cada mês, eu entrava no site da Bloomberg e via o preço de tudo: Ibovespa, libra esterlina, barriga de porco (*pork belly*), café, cacau, prata, índices Nikkei e S&P 500, etc. Sempre que um desses ativos fazia o *high* dos últimos 12 meses, eu o comprava. Em minha imaginação, mas comprava. E toda vez que surgia um novo *low* anual, eu vendia. Também de mentirinha, mas vendia. E me dava super bem. Pena que não era à vera.

Acho das mais improdutivas a filosofia de comprar alguma ação, ou *commodity*, só porque está num preço histórico muito baixo ou vender porque fez a máxima de todos os tempos. E daí, cara-pálida?

Quando, em 13 de março de 1986, a Microsoft fez seu primeiro IPO, o preço de lançamento foi de 21 dólares por ação. Esses representavam a maior cotação até aquele dia, ou seja, um *high* histórico.

Apesar dessa nova máxima, um felizardo que por ventura aplicou, digamos, mil dólares nesse lançamento, caso tenha se sentado sobre o papel, tem hoje, graças às bonificações (*splits*) e a valorização da ação, mais de meio milhão de dólares. Se aplicou 100 mil, tem 50 milhões. Caso já fosse um ricaço e tenha alocado um milhão, tornou-se um bilionário. Bilionário em dólares, bem entendido, o que significa 3,15 vezes mais do que bilionário em reais.

Moral da história: um novo high pode ser um excepcional alerta de compra.

O mesmo pode se dizer de um ativo que tenha feito um novo *low*. É possível que seja o alarme de uma derrocada que vai culminar com a falência da empresa. Talvez exprima o momento ideal de se vender a descoberto ou de se comprar *puts*. Quem acompanhou a derrocada do grupo EBX, por exemplo, sabe muito bem disso.

Ainda sobre novas mínimas, quando, em meados dos anos 1960, eu estudava na Universidade de Nova York e estagiava em firmas de Wall Street, uma das grandes estrelas do mercado americano de ações era a Polaroid.

"A foto sai na hora. Não há necessidade de revelação", dizia um trader *bullish*no papel. *"A Kodak vai quebrar. Esta, sim, é o grande short."*

Só que as fotografias da Polaroid não tinham boa definição, se amarelavam com o tempo e a empresa nunca vingou de verdade. Saiu de moda. Ainda existe, mas jamais monopolizou o mercado como chegou a se supor naqueles tempos de glória. Nesse processo de decadência, o papel foi fazendo nova mínimas e cada uma delas era uma excelente oportunidade de *short* ou de compra de *puts*.

O curioso é que o mesmo viria acontecer com a Kodak, só que por um motivo diferente: o advento das fotos digitais. Fotografias hoje, todo mundo sabe, são tiradas diariamente aos bilhões, quase sempre por celulares, que existem em maior número do que gente e com os quais ninguém sonhava no apogeu da Polaroid e da Kodak.

Durante meus primeiros anos de mercado eu tinha a mania de ser um *bottom picker* (garimpeiro de fundos) ou *bargain hunter* (caçador de barganhas), ou seja, tentava descobrir o fundo do poço de um ativo. Perda de tempo. Tentava também achar o teto de algum movimento. Cansei de "shortear" o S&P 500 só porque fizera novas máximas, para ser "stopado" horas, ou até mesmo minutos, depois.

"Você está querendo entrar na frente de um trem em alta velocidade e pará-lo com as mãos", censurava o Maneco (Manoel Joaquim Sampaio), analista da Merrill Lynch com quem eu conversava todo dia. *"Vai quebrar a cara toda vez que fizer isso. Esquece, Ivan."*

O mesmo dizia o Maneco quando eu queria comprar, por exemplo, açúcar só porque estava a dois centavos a libra-peso em Nova York.

“Porra, Maneco, dois centavos! Os produtores vão parar de plantar cana e beterraba”, eu ponderava. E quebrava a cara, pois o mercado de açúcar estava em contango (futuros longos mais caros do que os curtos) e toda vez que rolava minha posição comprada pagava o pedágio da diferença.

Bottom pickers ou *bargain hunters* nunca levam porradas mortais. Eles simplesmente sangram aos pouquinhos. Já beques de locomotivas não raro são esmigalhados por elas.

Felizmente não insisti muito tempo no erro de querer comprar só porque estava nominalmente barato ou de vender porque estava numericamente caro. **Passei a encarar um novo *high* como sinal de força e um novo *low* como demonstração inequívoca de fraqueza.**

Entre os anos 1970 e 1975, eu jogava autobol no Rio de Janeiro. Para quem não sabe, autobol era futebol praticado com automóveis. Cinco contra cinco. A bola, evidentemente enorme, era fabricada pela Drible com couro de búfalo. O esporte fazia sucesso, costumava ter bom público e chegou a ser transmitido pela TV Globo no programa *Esporte Espetacular*.

Para profunda tristeza dos praticantes e dos espectadores, o governo proibiu todas as competições automobilísticas em 1975, na época do racionamento de combustíveis provocada pela primeira crise do petróleo. Sendo inequivocamente uma competição automobilística, o autobol foi no bolo. Da noite para o dia, acabou.

Inconformado, em janeiro de 1978, fui com um amigo conversar em Nova York com Ahmet Ertegun, CEO mundial da Warner. Levamos fotos, recortes de jornais e revistas, inclusive da *Time* e da *Playboy* americanas. Queríamos, com o apoio e com a grana da Warner, lançar o autobol nos Estados Unidos.

O chefão ouviu nossos argumentos e examinou as fotos. *“Pequeno esse estádio, não?”*, ele estava vendo imagens do campo do Fluminense, nas Laranjeiras, Zona Sul do Rio, onde um Fla-Flu de autobol reunira uma “multidão” de umas cinco mil pessoas (a capacidade era de oito mil). “*E não está cheio. Olha só esses claros na arquibancada.”*

Evidente que brochamos na hora. Ertegun ficou com pena. *“Façam o seguinte: no dia em que esse jogo de vocês encher o Maracanã, voltem aqui. Nós não contratamos um cantor promissor. Contratamos o Frank Sinatra e os Rolling Stones.”*

O cara só comprava nos highs.

Os trapalhões

De tempos em tempos, os mercados sofrem influência de erros ou atos irresponsáveis individuais de grande porte, que alteram as cotações dos mais diversos ativos em todo o mundo. Nessas ocasiões, os *traders* deixam de olhar para os fundamentos corriqueiros do dia a dia e passam a acompanhar o que está acontecendo naquele caso específico, mesmo que o teatro da lambança seja a negociação de uma *commodity* ou de um instrumento financeiro completamente distinto daquele no qual operam. Vejamos dois exemplos:

O embananado

Juan Pablo Dávila, de 32 anos, operava no mercado futuro de cobre na bolsa de metais de Londres (London Metal Exchange –– LME) para a empresa chilena na qual trabalhava, a CODELCO, maior mineradora de cobre do mundo. "Operava" é modo de dizer. Sua função se limitava a vender no mercado futuro parte da produção da CODELCO, para garantir o preço. Ou seja, Dávila era um *hedger*.

Pois bem, certo dia, no final de 1993, Juan Pablo, ao vender alguns contratos futuros de cobre, se enganou na hora de pressionar as teclas do computador e apertou "compra" ao invés de "venda". Só quando recebeu o *fill* (confirmação da operação), Dávila percebeu o erro.

A solução para o caso era óbvia: vender o lote em dobro e realizar o prejuízo ou, quem sabe, até mesmo o lucro (o cobre poderia ter subido desde o instante da operação inicial) e comunicar o caso aos seus superiores.

Mas não. Como o mercado de cobre continuou caindo, Dávila resolveu recuperar o prejuízo fazendo preço "mérdio". Comprou mais. Caiu mais ainda. E assim por diante, durante vários dias, sem que o *hedger*, que se transformara em especulador, nada revelasse à diretoria.

Se os corretores em Londres acharam estranho um produtor de cobre comprar cobre futuro, guardaram a estranheza para si. Afinal de contas, todo dia a empresa, além de gerar gordas corretagens para a casa, depositava religiosamente as margens devidas e comparecia com o ajuste.

Só quando o prejuízo se elevou a 200 milhões de dólares é que a direção da CODELCO ficou sabendo. E, tal como fizera seu funcionário, escondeu o fato do governo e do público. Mas, como sempre acontece nessas ocasiões, alguém lá de dentro deu com a língua nos dentes e surgiram rumores. E o caro leitor sabe como são rumores. "A CODELCO quebrou"; "a LME não tem caixa para suportar o tranco"; "o Chile vai declarar moratória de sua dívida externa".

O mercado inteiro começou a avaliar, e principalmente a superavaliar, a "questiúncula". Sim, porque 200 milhões de dólares num mercado mundial de derivativos de mais de 500 trilhões anuais são uma questiúncula. Era como um décimo de milímetro de fio de cobre na fiação de um Airbus A380, aquele "jumbão" de dois andares que pode levar até 800 passageiros.

Logo o mercado se esqueceu da CODELCO e de Juan Dávila. Ele foi julgado por fraude e passou sete anos atrás das grades.

Garoto prodígio

O jovem Nick Leeson (Nicholas William Leeson) trabalhava, na City de Londres, no *back office* da *trading desk* do Baring Bank que, em 1992, era o banco em atividade mais antigo do mundo. A instituição detinha inclusive as contas da família real da Inglaterra.

Leeson era bom. Tão bom que foi enviado para a filial de Cingapura, quando surgiram problemas na área de informática, problemas esses que ele resolveu num piscar de olhos.

De seu posto no setor de apoio, Leeson dava pitacos para o pessoal da mesa, que negociava principalmente contratos futuros do índice Nikkei da bolsa de Tóquio. Como os palpites se revelaram lucrativos, Nick não demorou a ser promovido a *trader*.

O que ninguém esperava é que Nicholas William Leeson se tornasse o melhor operador do banco. O lucro da mesa de Cingapura, operando o Nikkei, era maior do que o das demais *trading desks* do banco somadas. Nada mais natural do que a diretoria, em Londres, relevar alguns pecadilhos de Leeson, como operar valores muito acima do limite que lhe era autorizado.

"Deixa, deixa ele", dizia, numa reunião da matriz na City, um diretor para o outro, pensando em seu bônus de fim de ano, fermentado no outro lado do mundo pelo novo gênio, naquela época com apenas 28 anos, um cara que acertava quase todas.

Veio então o inesperado. No dia 17 de janeiro de 1995, houve um terremoto de grande magnitude na cidade japonesa de Kobe, que deixou 6.500 pessoas mortas e 25 mil

desabrigadas, além de um prejuízo material de 132 bilhões de dólares. Esse tremor, que não poderia deixar de afetar o mercado de ações, colheu Leeson alavancadíssimo no lado comprado do Nikkei.

O que fez ele? Ao invés de realizar o prejuízo, como seria o certo, imitou seu colega chileno, partindo para o preço "mérdio", comprando mais e mais contratos do Nikkei. Comprando morro abaixo, um dos maiores erros que um *trader* pode fazer.

Para driblar os limites que o Baring tinha com a SIMEX (bolsa de futuros de Cingapura), Leeson partiu para um estratagema fraudulento. Pôs as compras na conta "erro", de nº 88888, que, justamente por ter como finalidade a correção de erros, não tem um teto operacional. Erro é erro, seja lá de quanto for.

O Nikkei continuou caindo e o prejuízo do Baring se elevou a um bilhão e quatrocentos milhões de dólares (no parêntese: os rombos da Petrobras fizeram com que nós, brasileiros, perdêssemos um pouco a noção de proporcionalidade de falcatruas). A fraude da 88888 acabou sendo descoberta e a notícia se espalhou.

Enquanto as bolsas de valores de todo o mundo, com destaque para a de Tóquio, desabavam, Nicholas mal teve tempo de rabiscar um pedido de desculpas e pegar o primeiro avião para Londres. Não chegou lá. Foi preso em uma escala no aeroporto de Frankfurt. Devolvido a Cingapura, cumpriu pena de prisão até 1999.

O Baring Bank só não quebrou porque foi comprado pelo ING, holandês, pelo valor simbólico de uma libra esterlina.

Quanto a Nick Leeson, hoje, além de ser autor de diversos best-sellers, ganha bom dinheiro num circuito de palestras. Quem é que não quer ver um cara como ele contar suas aventuras pelo mundo das finanças?

Índice de suicídio

Em boa parte dos anos 1980 trabalhei em uma *trading desk* no Rio, na qual operava exclusivamente mercados internacionais, com destaque para as bolsas de futuros americanas. Nessa época, os *traders* de minha mesa tinham uma brincadeira que consistia na avaliação do índice de suicídio de cada um, feita pelo próprio e revelada aos colegas. Era meio molecagem, mas tinha alguns aspectos sérios. Mas, antes de falar sobre eles, deixem-me detalhar os "critérios técnicos" do índice, que variava de 0 a 10.

Zero é, por exemplo, o índice de um bebê saudável, bem cuidado e cercado de carinho. Dez é o índice de um sujeito sentado no parapeito da sacada do 20° andar, já com o centro de gravidade próximo do ponto de não retorno.

Quando alguém da mesa mergulhava numa sequência de *trades* perdedores, a gente perguntava:

"E aí, cara, qual é o seu IS hoje?"

"Tô mal, irmão. Calculo uns oito e meio. Tô rindo de desastre de trem."

Já a resposta de quem tinha cavalgado uma opção que decuplicara de preço a resposta era algo como:

"Um vírgula dois. Não quero morrer de maneira nenhuma. Se o elevador tem mais de cinco pessoas, eu espero o próximo. Se o comandante do último Electra da ponte aérea não tem os cabelos grisalhos, eu desembarco, durmo em São Paulo e espero o primeiro voo da manhã seguinte. Estou ficando rico e não quero pôr tudo a perder com um piloto que acabou de sair do aeroclube."

Pois bem, meu pior índice de suicídio ocorreu entre agosto de 1988 e janeiro de 1990 e nada teve a ver com o mercado. Muito pelo contrário, eu tinha acabado de dar uma porrada nos futuros e tirei férias. Por mais estranho que possa parecer, voltei totalmente descrente da vida. "Grandes vantagens ganhar dinheiro, se já estou chegando perto da morte" (eu tinha 48 anos). Ou seja, ao invés de comprar um Porsche conversível ou trocar de mulher por uma vinte anos mais moça, eu simplesmente "pirei".

Não cheguei a sentar no parapeito, mas olhava para ele com tentação. Andei acariciando a caixa do Taurus .32. O índice bateu 9,1 ou 9,2, algo assim. Os entendidos sabem como é: a gente fica imaginando o velório.

A crise foi solucionada com sessões de terapia sete dias por semana (isso mesmo: eu tinha consulta com dois terapeutas, Jorge Jaber e Lina Bandeira de Mello – cada vez com um –– diariamente, inclusive nos sábados e domingos). Frequentava também um grupo de análise e, às segundas-feiras, a gente ficava até altas horas dançando no People Down, ocasiões em que eu mamava quase um litro de vodca.

Não sei se foi o Jorge, se foi a Lina, se foram as noitadas no People, a camaradagem e as esbórnias grupais ou, mais provavelmente, o conjunto disso tudo, o certo é que a crise passou. Finalmente me dei alta, quando percebi que estava curado. Alta essa com a qual a Lina não concordou.

"Mas eu já estou preparado", eu disse para ela.

"Mas eu não estou", a Lina rebateu.

Meu segundo pique no índice de suicídio se deu em 1994. E para esse havia um motivo sério: uma operação irresponsável, muito alavancada, no mercado futuro de moedas de Chicago, quando resolvi ficar *short* em contratos de ienes.

Naquela época, eu operava para mim e para diversos clientes, sendo que estes tinham conta conjunta comigo. É verdade que não os pus na posição de iene.

Ao invés de fazer um *stop* quando os prejuízos começaram a se acumular, me transmudei de *trader* em torcedor. Sob o efeito de pesados tranquilizantes (Valium, Mandrix, Rohypnol – que os americanos apelidaram de "pílula do estupro" ––, etc.), eu era o senhor das tarjas pretas, acompanhadas de generosas doses de Jack Daniel's.

Com tanto estímulo químico, eu conseguia dormir. Mas fechava os olhos pensando no iene e acordava, umas seis horas depois, pensando no iene.

O que me deixava mais intrigado é que a corretora de Chicago com a qual eu operava, embora debitasse diariamente em minha conta os ajustes negativos, jamais me cobrava

reforços de margem, com os quais eu não teria como comparecer, nem liquidava minha posição compulsoriamente. Um dia perguntei ao meu *broker*:

"Vem cá, cara. Não que eu esteja me queixando, mas por que é que vocês estão me dando tanto crédito?"

"Nada disso, Ivan. Você está coberto. São mais de 20 contas. E os depósitos de uma servem como margem para a outra. Fica tranquilo."

Só então percebi que havia comprometido recursos dos clientes sem que eles soubessem. Ou seja, além de perder todo o dinheiro, incluindo o valor do meu apartamento, eu havia causado sério prejuízo aos que confiaram em mim.

Embora o índice de suicídio não tenha alcançado o mesmo nível da época em que tive crise de idade, desta vez chegou bem perto. Mas, felizmente, certo dia o iene começou a desabar e a tragédia acabou. Eu até liquidei a posição com lucro. Um lucro de merda, mas um lucro.

Quem leu meu livro *Os Mercadores da Noite*, pôde ver que Julius Clarence fez a mesma coisa: operou sem lastro. E também se safou por sorte.

Depois desse episódio, nunca mais fui o mesmo. Tanto que, um ano mais tarde, troquei os números do mercado – que agora acompanho apenas para meu trabalho de palestrante e de cronista – pelas letras.

Quando um livro meu faz sucesso, o índice de suicídio fica em 3, 3,1, 3,2... Se o livro fracassa, mesma coisa: 3, 3,1, 3,2.

Nesta altura, o leitor pode estar se perguntando: "Por que o Ivan está revelando segredos tão íntimos?" A resposta é simples. Se for para falar abobrinhas, melhor não escrever nada. O que eu quero passar para os leitores que me acompanham são as minhas experiências: as boas e as más.

Resumindo, regra número 1 do mercado. Não se exponha além do razoável. Seja um *trader*, não um torcedor. Não se deixe levar pela ganância. Aceite perder, antes que seja tarde demais.

Existe um provérbio de Wall Street que diz: "*Bulls make money; bears make money; pigs get killed*".

Não deixe que um samurai de Chicago corte o seu pescoço, nem que o seu índice de suicídio rompa a banda superior de um canal de baixa.

Insider do Óbvio

Eu fui o primeiro autor brasileiro a publicar meu e-mail nos livros que lanço. O mesmo faço nestas crônicas. Muitas pessoas podem pensar: "Ah, esse cara nem vai ler minha mensagem". "Ah, esse cara recebe centenas de e-mails por dia."

Pois bem, recebo bastante, mas não centenas por dia, e leio todos. Leio e respondo tão logo posso. Quero interagir com as pessoas. Preciso disso. Oxigena o sangue que irriga meus neurônios. Sem contar que esses comentários são minha alça de mira para as crônicas seguintes. Quando conto uma história, sempre penso como o leitor irá avaliá-la. E qual será o benefício que poderá tirar dela.

Mas deixemos o nhem-nhem-nhem, puxa-saquismo de articulista para leitor, de lado e vamos à vaca fria.

Hoje vou escrever sobre *insiders*, detentores de informações privilegiadas. Já houve épocas no mercado brasileiro que quem não fosse *insider* morria de fome. A gente nem usava essa expressão, *insider*. *"Eu tenho uma barbada"*, dizia um *trader* para o outro, singelamente. "*Compre Amalgamated Mining que é bater em cego (em deficiente visual, vá lá). A Mining vai a vinte. Eles descobriram uma reserva de bauxita. Mas não diz pra mais ninguém. Fica só entre nós."*

Quando, dias depois, a Amalgamated anunciava a descoberta da bauxita, suas ações desabavam. Eram os *insiders* (vale dizer, quase todo mundo) vendendo ao mesmo tempo. Esta história, eu inventei agora. Mas vamos a casos verídicos, que eu testemunhei (e dos quais participei).

Durante o governo Geisel, quando Mario Henrique Simonsen era ministro da Fazenda, houve um congresso de corretores de valores em Salvador. O evento durava quatro dias e

terminava com um discurso de encerramento, proferido por Simonsen, na manhã de sexta-feira.

Ao longo daqueles dias, os corretores jantavam em alegres convescotes que, não raro, se prolongavam até alta madrugada. Dos restaurantes para as boates, das boates para os cabarés, dos cabarés para os.... (deixa para lá). O que importa é que a confraternização era enorme.

O papo era um só: *"Se eu não estivesse bêbado, não te contava. Mas na sexta-feira o Mário Henrique vai anunciar a entrada de recursos do PIS e do PASEP no mercado de ações. Vai ser a porrada do ano."*

Dica pra cá, dica pra lá. Conversas ao pé do ouvido. O certo é que o pregão subiu na terça, na quarta e na quinta. E todo mundo comprando. Até as garotas de programa, que acabaram sendo envolvidas pelo clima de cumplicidade entre os *traders*, fizeram pela primeira vez na vida uma fezinha na bolsa.

Na sexta, Simonsen iniciou o discurso de encerramento por volta de onze horas. E só no finalzinho anunciou que o presidente Geisel estaria assinando um decreto permitindo a aplicação dos recursos do PIS e do PASEP nas bolsas.

Foi um vexame. Os corretores correram para os orelhões da portaria do hotel onde se realizava o congresso, invadiram os escritórios da administração (naquela época não havia celulares) e procuraram telefones no comércio próximo. Eu sei bem porque fui um deles.

"Vende, vende, vende tudo, vende a mercado!".

Desnecessário dizer que as bolsas levaram um tombaço.

Certo dia correu no mercado um rumor de que haveria, logo após os fechamentos, uma maxidesvalorização do cruzeiro (ou do cruzeiro novo, ou do cruzado, ou do cruzado novo, ou do novo cruzeiro, ou do cruz credo; da relação de determinada moeda com determinada data, as pessoas de minha geração sempre se esquecem). Ao longo do dia o mercado futuro de câmbio foi se ajustando à dica de tal modo que o dólar, no vencimento futuro mais próximo, fechou exatamente, com a precisão de quatro decimais, no valor da maxi fixado pelo Banco Central.

Mas os grandes *insiders* do século 21 foram Osama bin Laden, Khaled Sheik Mohamed e Ramzi Binalshibh, os três *masterminds* dos ataques de 11 de setembro. Só eles, e mais alguns homens de um círculo fechado da al Qaeda, sabiam dos ataques.

Na época, a SEC e o FBI verificaram exaustivamente se alguém vendera pesadamente contratos de S&P 500 ou de outro índice de ações nos mercados futuros, antecipando a queda das bolsas de valores, que seria inevitável com os atentados. Os investigadores

apuraram também se houvera alguma venda a descoberto de ações das empresas American e United Airlines.

Nada. Apenas os negócios regulares de sempre, e os parceiros de sempre, em todos os mercados.

Se informação privilegiada é crime, com penas previstas em lei, o mesmo não acontece com raciocínio privilegiado. Melhor dizendo, com os *insiders* da lógica, gente que deduz as consequências, no mercado, de um fato conhecido por todos.

Um dos exemplos mais recentes foi quando a Petrobras, sob a administração Graça Foster, não publicou seu balanço. Não publicou simplesmente porque o rombo em suas contas era tão grande, tão complexo e tão disseminado que não havia como calculá-lo. E, se fosse corretamente apurado, seria altamente constrangedor declará-lo em balanço, na coluna do passivo, trivialmente, com a rubrica "corrupção". Então tivemos uma das maiores empresas petrolíferas do mundo e, pior, de capital aberto, com ações negociadas inclusive em Nova York, sem poder divulgar suas perdas.

Nesse momento um *insider* do óbvio poderia (e muitos fizeram isso) ter ganhado muito dinheiro comprando obrigações de longo prazo da Petrobras no mercado americano. Isso porque duas coisas eram certas. O petróleo no fundo do mar não foi roubado (se fosse possível, roubariam) e, mesmo que a Petrobras quebrasse totalmente, o Tesouro Nacional (vale dizer o contribuinte) reporia as perdas.

Pagando juros de cinco por cento ao ano em dólares, as obrigações da Petrobras, com vencimento entre 2020 e 2025, estavam sendo negociadas com enorme deságio, elevando esse rendimento para quase o dobro. E quando a situação da empresa se regularizou totalmente, já com o novo governo, o preço de negociação desses titulos voltou ao par, dando aos *insiders* da lógica muito mais chance de êxito do que o de três entre quatro aviões acertarem na mosca seus alvos.

Ivan Sant'Anna

Os mercadores da noite

Ivan Sant'Anna

Os mercadores da noite

inversa
publicações

Ao Kiko,
que me deu a mão
ao longo de todas as jornadas.

Aos colegas,
operadores de mercado.

Nota do autor

Os mercadores da noite, primeiro livro que escrevi e, na minha opinião, o melhor deles (ninguém consegue criar um personagem como Julius Clarence duas vezes), foi elaborado entre dezembro de 1992 e junho de 1995. Já foi publicado por outras quatro editoras, cada uma delas com uma ou mais reedições, todas esgotadas. Desde então, os leitores dos 16 livros que lancei ao longo da carreira reclamam uma nova edição de *Os mercadores*. Agora esse desejo está sendo atendido pela Inversa. A única mudança em relação às versões anteriores é a adaptação do texto à reforma ortográfica que entrou em vigor em 2009.

Como o livro foi concluído em 1995, não estranhe o leitor ao ver circulando marcos alemães e francos belgas, telefone no carro de Clarence, em vez de um celular, ausência de GPSs, laptops, pen drives, redes sociais e e-mails, mesmo com parte da ação ocorrendo na virada do século XX para o XXI. Sou escritor, mas não vidente. Por outro lado, antevi os mercados eletrônicos, que ainda não existiam.

Preferimos, a Inversa e eu, manter a história original, exatamente como foi concebida em minha mente. Mas considero importante este esclarecimento.

Capítulo 1

Clarence apertou o botão do subsolo e seu elevador privativo começou a descer, na velocidade vertiginosa de sempre, os 240 m que o separavam da garagem, 80 andares abaixo.

Em algumas horas, o mercado financeiro, as bolsas de valores, os mercados futuros e toda a comunidade de negócios começariam a implodir. Nova York, o resto da América e, mais tarde, o Extremo Oriente sofreriam as consequências das ações que Julius Clarence tramara há alguns anos, executara lenta e cuidadosamente nos últimos meses, semanas e dias e intensificara nas últimas horas.

As bolsas e mercados da Europa seriam muito tumultuados no dia seguinte. Quanto a Nova York, bem, Nova York começaria amanhã, após a leitura dos jornais e a apresentação dos noticiários matutinos da TV, a viver uma de suas horas mais amargas. A pior desde o grande *crash* da bolsa em 1929.

O porteiro da garagem não estranhou o fato de o senhor Clarence estar dirigindo o carro. Acontecia com frequência. O possante Jaguar tremeu com a potência de seu motor V6 de 550 cavalos e juntou-se ao tráfego da tarde de quinta-feira de fim de inverno, na parte sul da ilha de Manhattan.

Enquanto o carro subia silenciosamente a Franklin Delano Roosevelt Drive, Julius retirou cuidadosamente a barba e o bigode postiços, rigorosamente iguais à barba e ao bigode verdadeiros, raspados na véspera.

O corte do cabelo seria um problema. Para cortá-lo, necessitaria da ajuda de terceiros. Precisaria contar com um pouco de sorte, mas Julius Clarence, em toda sua vida, jamais temera arriscar a sorte.

O reluzente Jaguar abandonou a FDR Drive, à direita, na altura da Rua 34. Passou por baixo da via expressa e seguiu para o acesso do Midtown Tunnel. Dobrou à direita outras duas vezes e desceu para o túnel. Alguns minutos mais tarde, do outro lado do East River e já de volta à luz do dia, parou na cabine de pedágio. Pagou os 3 dólares da tarifa e seguiu rumo ao leste, pela Long Island Expressway, até chegar ao Queens Boulevard.

Clarence dirigiu até o estacionamento municipal da Rua 92, junto ao Queens Center, um centro comercial de grande movimento, principalmente naquela época, com as grandes liquidações de fim de inverno. Antes de sair do carro, colocou lentes de contato de cor castanha no lugar das lentes incolores que nada escondiam de seus frios olhos azuis. Deu as costas ao Jaguar. Entrou no shopping pela porta da Avenida 57.

Lá dentro, andando apressadamente, comprou, em pouco mais de meia hora, sempre pagando em dinheiro, dois pares de sapatos, duas calças jeans, quatro camisas esporte, meias e roupas de baixo. Adquiriu também uma jaqueta de couro forrada com pele de carneiro e uma valise. Finalmente, entrou em uma farmácia. Comprou objetos de toalete e uma tesoura.

Nem um observador atento notaria ser o executivo alto e de meia-idade, que entrara no banheiro do shopping, o mesmo a sair 10 minutos depois, usando os trajes informais de um turista e carregando uma pequena valise. Clarence deixara para trás a barba e o bigode postiços, retalhados a tesoura e descartados no vaso sanitário.

Saiu do shopping por uma porta lateral. Andou meia quadra até a estação de metrô de Woodhaven Boulevard. Pegou um trem e voltou a Manhattan. Desceu na 42 e seguiu para sudoeste. Entrou em um salão de barbeiro na esquina da 39 com a 8ª Avenida. Percebeu que a maioria dos clientes era composta de homossexuais. Ignorou alguns olhares interessados. Fez sinal a um barbeiro, mostrando a cabeleira grisalha, e dirigiu-se à cadeira indicada pelo profissional. Pediu um corte radical de quase todo o cabelo.

Se o suarento barbeiro chinês notou alguma semelhança entre o homem sentado em sua cadeira e o famoso bilionário, cuja foto frequentava regularmente os jornais, revistas e noticiários da televisão, não o demonstrou. A gorjeta foi ligeiramente maior que a habitual.

Três horas já haviam decorrido desde que Julius deixara o escritório. Os primeiros sintomas do pandemônio que iria apoderar-se do mercado já deveriam estar se manifestando. O telefone do Jaguar, no estacionamento do Queens, estaria tocando sem parar. Mas isso já não lhe dizia respeito. Seu único problema era embarcar o turista italiano Servulo Anicetto no voo 548 da Cia. Aérea Sabena para Bruxelas.

Ao sair do salão de barbeiro, Julius caminhou algumas quadras pelas ruas mais mal frequentadas da cidade. Dirigiu-se ao terminal de ônibus da Rua 42. Carregando a maleta comprada no Queens, sem a menor hesitação, foi diretamente à plataforma da linha do Aeroporto Kennedy. Entrou no ônibus ali estacionado e relaxou num dos bancos dos fundos.

Hora e meia depois, já no aeroporto, retirou do bolso da jaqueta um envelope que carregava consigo desde a manhã e que continha o passaporte de Servulo Anicetto, 55 anos, natural de Pescara, na costa do Adriático. Fisionomia igual à de Clarence, sem barba e bigode, de olhos castanhos e cabelos cortados bem curtos.

Naquele momento, Julius terminava sua vitoriosa e polêmica existência. Servulo Anicetto nascia para uma breve passagem pela Terra. Clarence planejara os eventos há muito tempo. Sabia que, agora, com a ação iniciada, não poderia voltar atrás — era como se o destino houvesse ditado tudo, e a ele só coubesse obedecer.

O italiano apresentou sua passagem de classe econômica no balcão da Sabena. Escolheu um lugar no fundo do avião, junto à janela, área de fumantes. Embora Servulo, ou melhor, Clarence, não fumasse há vários anos, achava que os fumantes eram as pessoas mais interessantes e, ainda que não pretendesse iniciar nenhum tipo de relacionamento durante a viagem, fez a escolha do lugar mais por força do hábito.

A compra da passagem fora planejada com cuidado. O bilhete compreendia os trechos Los Angeles/Nova York/Bruxelas/Copenhague. Havia sido comprado três meses antes em San Diego, na Califórnia, por um homem alto, com um curativo cirúrgico a esconder-lhe a fisionomia. Pagou à vista, em dinheiro. As folhas correspondentes aos trechos Los Angeles/Nova York e Bruxelas/Copenhague foram simplesmente destruídas.

Tudo transcorrera a contento. Servulo dirigiu-se a um bar, próximo ao portão de embarque. Teria ainda 90 minutos de espera antes da decolagem. Sentou-se a uma mesa do canto. Pediu à garçonete uma dose de vodca gelada. Passou a bebericá-la lentamente.

Ao lado da mesa havia um aparelhinho de TV. Anicetto observou as instruções, colocou na máquina quatro moedas de um quarto de dólar e apertou o interruptor.

A telinha iluminou-se imediatamente. Percorreu diversos canais. De saída, percebeu estar a maioria apresentando noticiários. Alguns em edição extra. Fixou-se em uma estação de maior audiência. Começou a prestar atenção. O coração acelerou-se, os músculos do estômago contraíram-se. Era a velha sensação de predador no ataque, sua conhecida há 40 anos.

Segundo o apresentador do noticiário, o Índice Industrial Dow Jones da Bolsa de Valores de Nova York despencara 2.000 pontos na última meia hora de pregão, a maior queda percentual desde a segunda-feira negra de outubro de 1987. Computadores programados para especulação seriam os responsáveis pelo colapso. O dólar caíra violentamente e a onça-troy do ouro subira 25 dólares.

O locutor mantinha a fisionomia preocupada, a voz mais grave do que o normal.

Quando o voo 548 foi chamado, Servulo deixou uma nota de 10 dólares sob o copo, levantou-se e dirigiu-se ao portão de embarque.

O avião estava vazio, como normalmente acontece na baixa temporada, apesar das tarifas baratas provocadas pela guerra de preços que vinha levando diversas companhias aéreas à falência. Precisamente às 8h30 da noite, as quatro turbinas Pratt & Whitney foram aceleradas ao máximo, e o 747 decolou.

Da janela, nada se via da noite gelada de inverno. Anicetto encontrava-se sozinho, num conjunto de três poltronas do lado direito, perto da cauda. Tomou mais uma dose de vodca. Mal tocou na bandejinha do jantar. Passou a observar os passageiros dentro de seu limitado campo de visão.

Segundo Julius Clarence, as pessoas interessantes ou voavam na primeira classe ou na classe econômica. O pessoal jovem, quase sempre na econômica. E Clarence gostava de gente jovem. Na classe executiva, viajava o pessoal mais desinteressante. Gente que preenchia relatórios e tomava remédios para úlcera. Poucas mulheres usavam a executiva. E Julius também sempre gostara de mulheres, principalmente bonitas, principalmente bonitas e jovens.

No começo de sua vida, Julius viajara algumas vezes na classe econômica. Isso muito no começo. Quanto à executiva, quando foi inventada, Julius já voava de primeira. Nos últimos anos, Clarence usava seus próprios aviões, aparelhos fretados ou pertencentes a amigos e parceiros de negócios, pois possuía muito dinheiro e todas as coisas que ele pode comprar: limusines, iates, mansões, cavalos de corrida, fazendas e obras de arte. E estava largando tudo isso para nascer de novo, com outro nome, outra fisionomia, noutro lugar. Mas, antes, iria arrebentar o mercado.

O mercado fora a coisa mais importante para ele até alguns anos atrás. A própria razão de sua existência. Antes de o Sindicato derrotá-lo.

Servulo dormiu bem. Julius, nas últimas noites, quase não dormira, devido à ansiedade. Era sempre assim quando estava em jogo uma grande operação. A espera, angustiante. A operação em si relaxava. A não ser quando dava errado, coisa rara. Mas esta era a maior operação de Julius Clarence. Iria dar certo. Julius e Servulo tinham certeza disso.

Após seis horas e meia de voo sobre a escuridão do Atlântico Norte, o avião pousou em Bruxelas. Eram 9h30 da manhã devido à diferença de fuso horário.

Uma enevoada manhã de inverno acolheu o turista italiano. Servulo desembarcou carregando apenas a valise contendo ainda o terno do magnata americano Julius Clarence.

As autoridades do aeroporto mal prestaram atenção ao simpático senhor italiano. Só duas coisas preocupam os funcionários da imigração do aeroporto de Bruxelas: embarque de terroristas e desembarque de imigrantes ilegais. Como sede da Comunidade Econômica Europeia, a Bélgica é muito zelosa nessa vigilância. Servulo era italiano, cidadão europeu. O avião procedia de Nova York. Coisa menos suspeita, impossível.

Tão logo livrou-se das autoridades, Anicetto saiu para o saguão do terminal. Dirigiu-se a um guichê de câmbio. Ao comprar francos belgas, moeda atrelada ao marco alemão, constatou a violenta queda do dólar.

Depois de examinar rapidamente o aeroporto, decidiu tomar um trem para a cidade. Observou os sinais indicativos, desceu por uma escada rolante e comprou a passagem no subsolo. Encontrou facilmente a plataforma de embarque do Airport/City/Express. Praguejou ao ver que uma composição acabava de deixar a estação.

Mas não se aborreceu por muito tempo. Um novo trem se aproximou, e o italiano embarcou em um vagão de segunda classe, como determinava a passagem. Dirigiu-se a um compartimento de apenas 20 lugares, reservado a fumantes. Pouco depois, entrou outro passageiro, que se sentou do outro lado, junto à janela. Usava uniforme, aparentando ser um ferroviário.

O comboio não demorou a partir. Servulo passou a examinar a paisagem feia e cinzenta que, como na maioria dos lugares, margeia a ferrovia.

O trajeto entre o aeroporto e a Gare du Nord durou apenas 15 minutos. O italiano pôde observar o intenso tráfego de automóveis do lado de fora. Ficou satisfeito por haver optado pelo trem. Quando chegou à gare, dirigiu-se ao imenso saguão, apinhado de gente àquela hora.

Ao examinar os jornais em um quiosque, Servulo constatou, pela primeira vez, a extensão da crise imaginada e desenvolvida por Julius Clarence. As manchetes dos matutinos não deixavam margem a dúvidas. *CRASH* NA BOLSA DE NOVA YORK. QUEDA RECORDE NA BOLSA DE TÓQUIO. VIOLENTA ALTA DO OURO E DO PETRÓLEO. BOLSAS ABREM MAIS TARDE NA COMUNIDADE EUROPEIA. BILIONÁRIO PODE TER DADO UM GOLPE NO MERCADO.

Seu mercado.

Comprou vários jornais e os comprimiu dentro da valise. Deixou a gare pela porta principal e saiu à procura de um hotel. Tencionava algo simples, com o mínimo de conforto necessário: quarto com banheiro, para um banho relaxante, e um aparelho de TV. Um lugar onde não exigissem cartão de crédito. Não teve sorte. Depois de caminhar 300 m, submetido a um vento frio e cortante, encontrou apenas o President, onde acabou entrando.

Na recepção murmurou algo, em francês, sobre uma viagem às pressas. Convenceu o funcionário a aceitar um depósito em dinheiro. Preencheu a ficha com os dados de Servulo Anicetto.

Dez minutos depois, já no quarto, pediu uma xícara de café. Mais tarde, enquanto sorvia lentamente a bebida, deu uma rápida espiada nos jornais. Sorriu satisfeito.

Mas ler os jornais, ligar a televisão, inteirar-se da evolução dos acontecimentos desde a tarde da véspera, quando saíra de seu escritório em Manhattan, tudo isso ficaria para depois. Agora precisava fazer uma chamada telefônica local.

Capítulo 2

Tartuf Zardil fora o maior cirurgião plástico de sua época. Sua capacidade e competência permaneciam intactas. Entre os antigos colegas, era ainda uma figura lendária; seus livros, consultados por estudantes e professores; as técnicas que inventara, ainda empregadas nos hospitais do mundo inteiro. Mas a bebida pusera um ponto final em sua brilhante carreira.

Começara a beber ainda jovem, em Istambul, onde se graduara. Continuara a fazê-lo, em escala crescente, em Zurique, onde cumprira os anos de residência.

Bolsista pobre e mal remunerado, sempre a passar privações, sempre mal-dormido, a correr de uma enfermaria a outra, a cobrir, em troca de pagamento, os plantões de colegas; sem a bebida não teria conseguido suportar a pobreza, o cansaço e a solidão.

O hábito, iniciado como uma fuga às dificuldades do estudante pobre, fora se apoderando do médico, até ocorrer a tragédia, há algum tempo temida pelos amigos.

O doutor Zardil bebera demais na noite anterior. Dormira mal e por poucas horas. A cirurgia em Adriana Ferlucci, a celebrada atriz italiana, transcorrera sem incidentes. Ao fim, fora aplicada uma dose de penicilina, embora a ficha da paciente mencionasse intolerância ao medicamento. A atriz morrera e a carreira de Zardil terminara ali.

O julgamento criminal e a investigação, efetuada pela Associação Médica, levaram em conta o passado do médico. A pena de quatro anos de prisão foi suspensa. Mas sua licença foi cassada. Pagou também quase 20 milhões de francos suíços como indenização à família da vítima. Os advogados levaram o resto.

De sua luxuosa clínica em Zurique nada sobrou. O médico ficou reduzido a uma pequena casa em Anderlecht, junto a Bruxelas. Ali fazia algumas cirurgias, com o auxílio de uma velha enfermeira. Geralmente, implantação ou substituição de seios de silicone em travestis que vivem da prostituição nas grandes cidades europeias. Estas vinham ao pequeno consultório do médico, onde não se faziam fichas nem perguntas. Cobrava-se pouco e em dinheiro.

Às vezes, o cirurgião fazia uma complexa operação de mudança de sexo.

Mas Zardil sabia ser ainda o melhor de todos — e muitos o sabiam também. Uma vez, fora levado encapuzado até um hospital desconhecido e forçado a operar, com todos os recursos de equipamentos e assepsia, um homem, imediatamente reconhecido por ele como o principal contador da máfia italiana e que, por seus depoimentos, colocara praticamente todos os grandes *capos* atrás das grades.

O homem saiu da sala de operações com um rosto completamente diferente. A polícia italiana fizera o sequestro do professor Zardil em sintonia com a polícia belga. Por isso, não era perturbado pelas autoridades em sua pequena clínica.

O cirurgião já não bebia há uma semana, embora a abstinência o incomodasse. Não estava atendendo ninguém. Seu consultório passara por completa esterilização. Equipamentos dos mais sofisticados e instrumentos cirúrgicos haviam chegado em suas embalagens originais.

Aguardava agora um telefonema, que deveria ocorrer esta manhã. A pessoa que o contatara, há aproximadamente dois meses, combinara uma cirurgia de mudança de rosto e de alteração de impressões digitais por microcirurgia. Pagara 100 mil dólares adiantados, depositados em uma antiga conta bancária do doutor Zardil, no Panamá. Prometera mais 400 mil para depois da operação.

Com meio milhão, o professor Zardil se aposentaria. Não mais precisaria ter contato com a ralé do mundo. Voltaria a seu país, onde pretendia morar nos arredores de Kusadasi, uma vila de pescadores às margens do Mediterrâneo. O mar exibia o mais bonito e transparente azul do planeta. A apenas alguns quilômetros a sudoeste das ruínas de Éfeso, onde o templo de Diana havia sido uma das sete maravilhas da Antiguidade e onde, mais tarde, São João escreveria o livro do Apocalipse, Tartuf iria passar o resto de seus dias.

Talvez até parasse de beber. Mas, antes, deveria operar o cliente cujo telefonema esperava com ansiedade.

Capítulo 3

Bernard sentia-se perplexo. Desde a tarde anterior, quando Clarence saíra misteriosamente, o mundo virara de cabeça para baixo. Centenas de confirmações de ordens de compra e venda de ações e de contratos dos mercados futuros chegavam ao escritório, sem que se soubesse quem passara tais ordens. Todas com os códigos sequenciais de segurança corretos. E, pior ainda, as ordens haviam sido executadas nos pregões das bolsas. Portanto, as operações precisariam ser liquidadas.

A empresa enviava para as bolsas dois tipos de ordens: as de clientes e as da própria corretora. Mas, desta vez, os clientes, em nome dos quais as ordens haviam sido executadas, não existiam. Quanto às ordens da corretora, ninguém sabia quem as havia dado.

A Clarence & Associados não era apenas uma sociedade corretora habilitada a operar nas principais bolsas do mundo. Era também a empresa líder de um enorme conglomerado, compreendendo o Banco Comercial de Manhattan, a cadeia de Lojas Bars, as indústrias Andromeda e Vitalis e a Trans Atlantic Airways, uma das maiores empresas aéreas do mundo, cuja compra, em ousada jogada nas bolsas de valores, havia gerado muita controvérsia.

E, das empresas, os problemas chegavam aos borbotões, sobrecarregando linhas telefônicas, aparelhos de fax e terminais de computadores.

Desde o fim da tarde do dia anterior, a Andromeda, a Vitalis e a central de compras da cadeia de Lojas Bars estavam recebendo matérias-primas e mercadorias desnecessárias.

No Banco Comercial de Manhattan, filas enormes esperavam, do lado de fora, a abertura das agências. Eram pessoas indignadas, com extratos de conta corrente totalmente incompatíveis com seus saldos reais. Outros tinham suas contas correntes e de poupança reduzidas em mais de 90%. Alguns, mais espertos, conseguiram sacar nos caixas automáticos, de funcionamento dia e noite, centenas de dólares cada um, de contas que na véspera estavam quase zeradas.

Nos aeroportos, passageiros chegavam para embarques em voos da Trans Atlantic já com excesso de lotação, enquanto outros voos da empresa partiam vazios.

No começo, Bernard acreditara ser tudo um grande engano. Mais tarde, suspeitou de algum tipo de ação criminosa de alguém que, além de tudo, sequestrara Julius Clarence.

Mas, agora, já decorridas 18 horas do desaparecimento do bilionário, Bernard percebia ter sido tudo obra do próprio Clarence. Além do que, Mohamed Ahsan, o

gênio paquistanês em quem Julius centralizara o comando da gigantesca malha de computadores do conglomerado, também desaparecera como que por encanto.

Bernard Davish reuniu-se, por pouco mais de meia hora, com os principais executivos do grupo. Com a concordância de todos, tomou a decisão inevitável. Fechar tudo, apelar para o capítulo 11 da Lei de Falências e pedir uma concordata preventiva, até ser possível averiguar toda a extensão do desastre.

Se, na sede da Clarence & Associados, o clima era de desespero, nas bolsas de valores, de futuros e de mercadorias o ânimo não era muito melhor.

Costumavam as bolsas realizar uma pequena reunião no próprio pregão, todas as manhãs, antes da abertura dos mercados, para o acerto de ordens solteiras da véspera.

Como os negócios nos pregões eram feitos de boca e anotados às pressas em pequenos blocos, sempre havia um número razoável de operações, executadas no dia anterior, sem a operação correspondente de outra corretora. Compras sem vendas e vice-versa. Lotes e preços divergentes. Eram as ordens solteiras.

Essas discrepâncias, geralmente, eram acertadas sem grandes discussões. Uma e outra corretora levavam um pequeno prejuízo, operadores eram advertidos. Mas os pregões sempre abriam na hora certa. A gigantesca máquina capitalista não podia parar.

Naquela sexta-feira, as sessões haviam sido retardadas. Não havia uma só boleta de ordem executada para clientes da Clarence & Associados ou para a carteira da própria corretora que correspondesse a uma ordem de algum cliente ou a uma decisão de algum dos quase 100 operadores de mercado da empresa.

Já no fim do expediente da quinta-feira, o mercado tomara conhecimento do problema com a Clarence & Associados. Muitos operadores não haviam dormido.

Mas a crise não parava aí. O mercado não é composto unicamente pelas bolsas. Existem os negócios realizados por telefone, entre os bancos e as corretoras. As mercadorias também são negociadas fora das bolsas, diretamente entre produtores e consumidores. Finalmente, havia os gigantescos mercados eletrônicos, tão em moda nos últimos anos, onde bilhões de dólares eram negociados através de computadores.

Todos esses mercados são interdependentes, ações, moedas, obrigações, metais, produtos agrícolas, dentro e fora das bolsas, nos telefones e nas redes de computadores.

No início, alguns profissionais sentiram-se satisfeitos com os problemas enfrentados pela Clarence & Associados: seria um concorrente a menos. Mas, na manhã daquela sexta-feira, começaram a perceber que, se a Clarence & Associados não liquidasse suas operações, as bolsas não teriam recursos para cobrir os prejuízos.

Como as operações feitas em bolsa eram casadas com os negócios efetuados por telefone no mercado aberto, no mercado de balcão, no mercado de câmbio, nos mercados físicos de mercadorias e nos mercados eletrônicos, um clima de pânico começou a se apoderar de todo o sistema.

Tudo isso era agravado pelas notícias vindas do Extremo Oriente e da Europa. O dólar sofrera violenta queda. O ouro subira mais 20 dólares por onça-troy. O petróleo, mais de um dólar por barril. As bolsas de valores da Europa abriram com atraso e caíram vertiginosamente.

Não foi possível precisar de quem partira a iniciativa de não abrir as bolsas americanas. Isso já ocorrera antes, em bolsas isoladas, quando da ocorrência de furacões, tempestades de neve ou blecautes. Mas, naquela sexta-feira de março, pela primeira vez, as bolsas americanas fecharam suas portas simplesmente por medo de o sistema cair como um castelo de cartas.

Em Washington, na sede do Conselho de Governadores do Banco da Reserva Federal, a atividade era febril. O todo-poderoso *chairman*, Arnold Sinclair, em contato permanente com os 12 distritos americanos e com os presidentes dos bancos centrais da Europa e do Japão, dirigia pessoalmente as operações. O banco comprava dólares em qualquer quantidade. Adquiria também qualquer lote de obrigações do Tesouro.

O presidente dos Estados Unidos, Michael Dale, cancelara todos os compromissos do dia, com exceção da inadiável audiência ao presidente Rinus Petras, da República da Eslováquia. O chefe de Estado encontrava-se reunido com o secretário do Tesouro, Luc Huston, no Salão Oval da Casa Branca. Exigia ser informado do desenrolar da crise no mercado financeiro para tomar algum tipo de providência.

O presidente encontrava-se extremamente irritado. Logo ele, que, desde sua posse, havia desgastado boa parte de sua popularidade adotando políticas amargas para diminuir o gigantesco déficit do país, sofria um contratempo desses.

Incomodava o presidente o fato de não estar entendendo muito bem o problema. Sabia apenas que a corretora de Wall Street Clarence & Associados envolvera-se em enorme confusão. Grave o bastante para causar uma seriíssima crise no mercado, anulando seus esforços dos últimos anos para acabar de vez com o problema do déficit, grande ameaça não só para o dólar, como também para a hegemonia da América.

Só uma coisa aliviava tanto o pessoal do mercado como o presidente e demais autoridades de Washington: o fato de o dia seguinte ser um sábado. Todos disporiam de dois dias para entender a crise e tomar as medidas necessárias para a normalização dos negócios na próxima segunda-feira.

Capítulo 4

Mar das Antilhas, a leste das Ilhas Virgens. Os primeiros raios de sol da manhã do sábado começaram a iluminar a areia branca e todos os tons de azul e verde das águas límpidas e transparentes. Baía de Saint-Jean, lado norte da ilha de Saint-Barthélemy. As mãos do Todo-Poderoso haviam criado aquele santuário de beleza tropical em momento de grande inspiração.

As pequenas ondas, derramando-se em direção à praia, balançavam suavemente os barcos fundeados na enseada. Colinas em forma de ferradura protegiam a praia e a baía. Nas encostas dos morros, por entre a vegetação, podiam-se observar várias casas coloridas, meio dissimuladas entre as árvores. Seus privilegiados habitantes desfrutavam da vista deslumbrante, pouco alterada desde que Cristóvão Colombo por ali passara em 1493. O pequeno paraíso tropical de Saint-Barthélemy, Saint-Barth para os moradores, preparava-se preguiçosamente para mais um dia.

Uma das casas situava-se em uma pequena elevação, promontório rochoso que entrava mar adentro interrompendo a graciosa curva da enseada. Abaixo da casa, o cais de pedra brilhava à luz da manhã. No interior da residência, na penumbra fresca do quarto, Valérie ainda dormia profundamente, nua, sobre os lençóis macios.

O sol já estava alto quando ela abriu os olhos e se espreguiçou demoradamente. Levantou-se, enrolou um pano colorido em torno do corpo moreno e foi até a cozinha. Escolheu uma manga na fruteira e, descascando a fruta com os dentes, dirigiu-se ao terraço. Ali, deixou-se ficar por algum tempo, sentindo o calor. Começou a pensar na maneira de ocupar seu dia.

Tinha pouco a fazer, a não ser esperar por Julius. Para ficarem juntos. Para realizarem seus sonhos mais caros. Valérie estremecia só de pensar em vê-lo com outra cara e outra identidade. Sabia que Julius Clarence era um nome a ser esquecido para sempre.

Iria reconhecê-lo imediatamente, fosse qual fosse sua nova fisionomia. Mas tinha medo de as coisas não acontecerem como ele prometera. Confiava em Julius. Nunca confiara tanto em uma pessoa. Mas poderia haver algum acidente. A possibilidade a preocupava.

Filha de pai francês e mãe natural do Taiti, Valérie parecia saída de uma tela de Gauguin. Aparentava, no mínimo, cinco anos a menos que seus 31. Os seios empinados, com os bicos ligeiramente voltados para cima, formavam maravilhoso conjunto com as pernas longas e as nádegas rijas. Os olhos azuis contrastavam com a pele morena. Os cabelos negros desciam-lhe quase até a cintura.

Valérie era uma mulher lindíssima. Bastavam apenas alguns segundos para qualquer um perceber isso. Nascera e se criara nas ilhas da Polinésia Francesa, para onde seu pai fora enviado, no fim dos anos 1950, como agente do Ministério da Saúde da França. O francês era 30 anos mais velho que a bela nativa Ahura, por quem se apaixonara logo ao chegar.

Ao receber da metrópole, cinco anos mais tarde, ordem de transferência para outro lugar, Pierre Toulon pediu demissão, casou-se com Ahura e montou um pequeno restaurante em Papeete. A filha cresceu feliz junto ao mar, brincando pelos recantos da ilha.

O francês jamais poderia esperar ver sua mulher, tão mais jovem, morrer antes dele, devorada por um tumor. Quando Ahura morreu, Toulon fechou o restaurante. Nunca mais foi o mesmo. Tentou viver para a filha. Mas ele, até então um homem forte e saudável, em quem a passagem dos anos deixara poucas marcas, transformou-se num velho frágil. Sua vida apagou-se aos pouquinhos. Valérie sabia que o pai morrera de desgosto, de tristeza, de saudades.

Sofrera muito com a morte dos pais. Liquidou a pequena herança e foi conhecer a Paris da qual seu pai tanto falava. Terminou por fazer um curso de aeromoça em uma empresa americana, que procurava comissárias de bordo fluentes em francês. Era a melhor maneira de conhecer o mundo e também um meio de voltar sempre a suas queridas ilhas.

A Trans Atlantic Airways era uma empresa grande, com rotas para todos os continentes. A sede ficava em Miami. De lá, partiam várias linhas. Uma delas, para Paris. Valérie Toulon era presença constante no voo noturno entre as duas cidades. Foi nessa linha que conheceu o magnata dono da companhia aérea, o famoso rei de Wall Street, Julius Clarence.

Na época, os motivos que, mais tarde, levariam Julius Clarence a quebrar o mercado e a desaparecer de circulação já se esboçavam. Nesse dia, Clarence reunira-se em Miami com dirigentes da Trans Atlantic. No dia seguinte deveria estar em Paris para conversar com Clive Maugh, o poderoso diretor do Sindicato.

Valérie deixara de ser a moça provinciana das ilhas dos Mares do Sul. Dois anos em Paris, e centenas de viagens ao redor do mundo, haviam-na transformado em mulher madura. Conciliava o charme de parisiense com a sensualidade primitiva da Polinésia. O contraste fazia dela uma mulher muito atraente.

Houve certa excitação entre os tripulantes quando foram comunicados que o patrão voaria com eles. Seu avião particular sofrera uma pane. Ele decidira pegar o voo de carreira para Paris. Seu lugar fora marcado, uma hora antes do voo, na última fila de poltronas da primeira classe, no andar de cima do 747. Área de fumantes. Setor de responsabilidade da comissária Valérie.

Julius gostava de voar na cabine de comando para lembrar-se de seus velhos

tempos de piloto. Mas não nessa noite. Pretendia usar o tempo de viagem para dormir.

Não fosse a forte e inesperada turbulência, provavelmente o relacionamento de Julius e Valérie não teria passado de “Boa noite, senhor Clarence” e “Muito obrigado”.

Os pilotos odeiam um fenômeno meteorológico conhecido como *Clear Air Turbulence*, CAT no jargão dos profissionais. São ventos de alta velocidade, causadores de forte turbulência. Não aparecem nas telas dos radares, como os cúmulos-nimbos e as tempestades de granizo. Por isso, surpreendem os aviadores. Foi o que aconteceu naquela noite, durante o voo 501 da Trans Atlantic, entre Miami e Paris.

Valérie servia drinques quando uma corrente de ar descendente pegou o avião de cima para baixo. Os passageiros que estavam sem o cinto de segurança (as luzes de aviso estavam apagadas) tomaram rumo inverso. Foram jogados para cima, alguns quase alcançando o teto. A aeromoça não teve destino diferente. Subiu junto com o carrinho de bebidas. Aterrissou junto a Julius. Ele livrou-se rapidamente do cinto para prestar ajuda.

A turbulência se foi, tão rapidamente como chegara, deixando em seu rastro vários passageiros assustados, alguns com pequenas escoriações. Deixou também o presidente da companhia sentado sobre o tapete do corredor do avião, um dos braços agarrado ao pé da poltrona, o outro envolvendo a cintura da aeromoça. Restou a ambos rir do ridículo da situação.

O incidente e o clima de descontração instaurado a seguir não impediram que Julius se sentisse extremamente atraído pela aeromoça. Atração traduzida em convite para drinques e jantar na noite seguinte, em Paris. Prazerosamente aceito, não tanto por ter partido do presidente e dono da companhia. Ela também sentira-se atraída por ele.

As reuniões de negócios, enfrentadas por Julius no dia seguinte, não o fizeram esquecer-se de telefonar para Valérie na hora combinada. A tensão do dia foi atenuada pela vodca gelada e, principalmente, pela alegre companhia. O sexo naquela noite seria consequência natural.

Mas Julius Clarence não estava preparado para o que aconteceu. Valérie era de novo a nativa da Polinésia, seduzindo o homem, tal como suas antepassadas haviam feito com os primeiros navegadores europeus. Os dois fizeram primeiro sexo, depois amor e sexo. O experiente Julius Clarence chegou a duvidar que realmente estivesse acontecendo.

Os dois continuaram se encontrando. Ora em Paris, ora em Nova York, às vezes em Miami. Sempre em sigilo. Valérie não entendia por que Julius se escondia tanto já que não era casado. Mas não fazia perguntas.

Agora, entendia o motivo de tanto mistério. Se Julius Clarence fosse abertamente ligado a ela, de nada adiantaria mudar de fisionomia.

Ela não sabia como iria aguentar tantos dias até a chegada do homem de quem não conhecia o rosto nem mesmo o nome.

Para passar o tempo, Valérie Toulon pegou o jipe e foi até o povoado de Gustavia, capital da pequena ilha, comprar peixe.

Capítulo 5

Na mesma manhã de sábado, Servulo completava sua primeira diária no hotel President.

No dia anterior, saíra apenas para uma caminhada de meia hora, para que a camareira pudesse arrumar o quarto, uma vez que não queria despertar nenhum tipo de suspeita. Almoçara e jantara no apartamento.

Passara o dia assistindo à televisão, sintonizada em um canal de TV a cabo que transmitia notícias durante 24 horas. E como tinha havido notícias! A estação dedicou toda a sexta-feira a prestar informações sobre a crise do mercado financeiro.

Servulo acompanhou, atentamente, o noticiário sobre a queda das bolsas de Tóquio e da Europa, e a decisão sobre o fechamento dos mercados americanos.

Percebeu o aumento da movimentação nos estúdios da emissora tão logo divulgou-se que os mercados não abririam.

A primeira versão do noticiário foi a ocorrência de uma pane seriíssima nos sistemas de liquidação das operações feitas na quinta-feira. A pane fora causada por ordens de mercado absurdas, e em volumes muito acima do normal, vindas da Clarence & Associados.

Ao longo do dia, o agravamento da crise foi sendo narrado, passo a passo, pelo canal de TV a cabo. O próprio âncora, John Morley, conduzia, ao vivo, o noticiário, os comentários e as entrevistas.

Clarence conhecia bem Morley, com quem conversava com frequência. Eram quase amigos. Às vezes, almoçavam ou jantavam juntos. O âncora deveria estar adorando tudo aquilo, pensou Anicetto. Mesmo se estivesse perdendo dinheiro nas bolsas, coisa, aliás, bem provável. Servulo sabia que John tinha, em grau muito elevado, a deformação profissional de todos os jornalistas: o gosto pela notícia importante, mesmo quando se tratava de uma desgraça ou catástrofe.

Morley conduzia-se com perfeição, como se tivesse ensaiado toda a vida para a condução do noticiário daquele dia. Além dele, todos os profissionais da emissora estavam de plantão nos estúdios: locutores, repórteres, entrevistadores e comentaristas.

Pela manhã, a TV informou que o magnata de Wall Street, o famoso Julius Clarence, desaparecera na tarde de quinta-feira, quando fora visto saindo da garagem de seu escritório em Downtown Manhattan, dirigindo seu próprio carro. Mais tarde, o carro, um Jaguar de série limitada, fora encontrado no estacionamento de um shopping center no Queens. Do financista, nenhum sinal.

Segundo fontes ligadas ao mercado, a corretora Clarence & Associados, de

propriedade de Clarence, enviara às diversas bolsas ordens completamente diferentes das passadas por seus clientes. Compras transformaram-se em vendas e vice-versa. As quantidades de títulos e ações, multiplicadas por 10, 100 e, em alguns casos, até por 1.000.

Os computadores da corretora haviam emitido ordens absurdas. A TV informou que um operador da Bolsa de Toronto recebera uma ordem de venda de um lote de ações de uma ferrovia canadense, superior a todo o capital da ferrovia.

Alguns jornalistas lançavam suspeição sobre o sistema.

— Como os operadores das bolsas não desconfiaram de volumes tão acima do normal? — perguntou, no ar, um comentarista. Ele mesmo apressou-se em responder: — Porque os operadores dos pregões ganham pela quantidade de ações que negociam. O desastre foi causado por pura ganância — acrescentou.

À tarde, a crise agravou-se. Até então, embora houvesse uma conscientização geral da seriedade do problema, quase todos acreditavam que, no final, a Clarence & Associados e seu conglomerado arcariam com todos os prejuízos. Provavelmente, iriam à falência, mas seu enorme patrimônio ressarciria todos os prejudicados.

Finalmente, todos se deram conta da realidade. O desastre atingira o mercado como um todo.

Um veterano operador explicou aos telespectadores que a maioria das decisões sobre as operações nas bolsas de valores, de mercadorias e de futuros emanava de programas de computadores.

À medida que as ordens falsas, emitidas pela Clarence & Associados, eram executadas — dissera o profissional —, as cotações dos diversos mercados subiam ou caíam devido a essas ordens. Os preços, então, mudavam de patamar, fazendo com que os computadores emitissem novas ordens automáticas, baseadas nos novos preços. Desencadeara-se uma reação em cadeia. Não se podia, agora, simplesmente anular as ordens da corretora de Clarence e deixar o resto.

— E as operações de arbitragem? — questionava o operador. — Quando uma cotação sobe em Nova York, alguém em Frankfurt, por exemplo, compra a mesma coisa no mercado alemão para vender na América. Só havia uma solução — vaticinava. — Descobrir o momento exato no qual, na quinta-feira, as ordens absurdas começaram a ser emitidas e anular todas as operações, de todos os mercados, em todos os países, desde aquele momento.

John Morley entrevistou um famoso advogado. Este excluiu de imediato a hipótese de anulação. Segundo ele, cada país tinha sua legislação. Seria impossível conseguir unanimidade de decisões judiciais.

— Além do que, essas decisões levam tempo — sentenciou o entrevistado. E concluiu: — Suponhamos que uma velhinha de New Hampshire tenha, por sorte,

vendido suas ações logo no início da crise. Nenhum juiz irá negar à velha senhora o direito de receber seu dinheiro. Alguém deverá pagar os prejuízos, mas, por certo, não serão os investidores.

"Entre os quais, certamente, o próprio advogado", pensou Servulo em seu quarto de hotel em Bruxelas.

A televisão seguiu entrevistando analistas e operadores. Todos, inclusive os comentaristas da emissora, tinham algo em comum. Estavam extremamente tensos.

O presidente Dale decidira não dar nenhuma declaração à imprensa, pelo menos até conhecer a dimensão da crise e resolver que atitude tomar. Mas acabou se traindo. Durante uma sessão de fotos com o presidente Petras, um jornalista, credenciado junto à Casa Branca, insinuou-se entre os fotógrafos e perguntou:

— Senhor presidente, o senhor vai se omitir neste momento de crise? Não vai dar uma palavra de tranquilidade aos investidores americanos?

— Os especuladores de Wall Street não perdem por esperar — disse o presidente. E arrependeu-se imediatamente, já antevendo a manchete: PRESIDENTE CULPA WALL STREET PELA CRISE. Logo ele que recebera apoio e votos da comunidade financeira, com seu programa de combate ao déficit.

Instaurada a confusão, a pergunta seguinte veio de um fotógrafo:

— Senhor presidente, sua administração está culpando Wall Street pela crise?

Invertendo totalmente os papéis, o presidente Petras pegou o colega pelo braço e fez um sinal ao chefe do cerimonial da Casa Branca para encerrar a sessão de fotos.

Servulo simpatizava com Dale. Sentiu pena dele ao ver a insólita cena na tela de seu aparelho.

Reação apaixonada veio da líder dos consumidores, Denise Sanford. Entrevistada em seu escritório, em Detroit, a inimiga número um dos industriais, comerciantes e banqueiros da América vociferou:

— Há vários anos venho declarando que os banqueiros deste país enriquecem à custa dos pequenos poupadores. Estarei atenta para defendê-los até o último centavo. Estou, desde já, aceitando contribuições para cobrir os custos de uma nova campanha, uma verdadeira cruzada contra os exploradores do povo.

O senador por Wisconsin Benjamim Doan, famoso por aderir a todas as causas que rendiam votos, falou de seu gabinete no Capitólio:

— Estou propondo, nesta data, um comitê de investigação do Senado para apurar os acontecimentos. Posso jurar aos investidores da América: os culpados irão apodrecer atrás das grades.

Um líder religioso do Arizona, conhecido por sua enorme legião de fanáticos, cometeu suicídio, culpando o mercado financeiro por seu gesto. Os fiéis não entenderam a drástica atitude de seu messias. A seita pregava pobreza absoluta. Mal tinham roupas para vestir, quanto mais ações e títulos do mercado. Ou seriam verdadeiros os boatos que diziam ser seu líder máximo possuidor de enorme fortuna, à custa da igreja?

Num subúrbio de Moscou, os carcomidos membros do Clube dos Ex-dirigentes do Partido Comunista da antiga União Soviética emitiram comunicado à imprensa. No manifesto, encabeçado pelo centenário Grigory Konstantin, último remanescente da Revolução de Outubro de 1917, anunciaram o começo do fim do capitalismo. Prenunciaram a volta do mais puro marxismo-leninismo. A crise dos mercados era sinal da volta dos velhos tempos. Prova eloquente do fracasso da economia de mercado.

Outro destaque do noticiário foram as mortes atribuídas à crise. Dois investidores haviam se suicidado. Outros três sofreram ataques cardíacos fatais. Mesmo com as bolsas fechadas. Em furo de reportagem, John Morley conseguiu entrevistar, ao vivo, através do canal de satélite particular da emissora, o ministro das Finanças do Japão, Tetsuo Kubodera. O ministro exigia dos americanos uma solução rápida para a crise. Caso contrário, não poderia evitar uma retirada em massa dos investimentos japoneses na América.

Deitado em sua cama de hotel em Bruxelas, Anicetto sorriu com as declarações de Kubodera. Não só previra essa reação dos japoneses como também uma violenta alta do iene frente ao dólar.

Tudo isso ocorrera na sexta-feira.

Agora, na manhã de sábado, Servulo acordou, tomou uma ducha, comeu o desjejum no quarto e desceu para a recepção. Pagou a conta e saiu à rua. Fez, em sentido contrário, o mesmo percurso da véspera. Voltou à Gare du Nord. Desceu até o subsolo da estação. Foi até o guarda-volumes, usou um canhoto que trouxera consigo de Nova York e retirou uma mala ali depositada por alguém, alguns dias antes. Pagou 700 francos ao funcionário responsável. Dirigiu-se, então, ao banheiro, onde examinou e trocou os conteúdos das duas malas.

Ficou satisfeito com o que viu. Retornou ao guarda-volumes e depositou a valise adquirida no shopping do Queens, dois dias antes, com o conteúdo da mala que estivera guardada na estação.

Encontrou, sem dificuldades, a estação de metrô da gare. Desceu, examinou um mapa afixado na parede e pegou o trem da Linha Verde até De Broucker. Lá fez uma baldeação para a Linha Azul e pegou o trem do ramal 1 B até a estação final de Bizet.

Chegando ao destino, caminhou ainda por meia hora até a clínica clandestina do professor Tartuf Zardil. Tocou a campainha e foi recebido pelo próprio cirurgião.

Nesse momento, Servulo Anicetto deixou de existir. Seus documentos já tinham sido retalhados e jogados no vaso sanitário do hotel. No mesmo vaso, centenas de pedaços, minúsculos, recortados com tesoura, do terno de Julius Clarence haviam sido pacientemente descartados ao longo de todo o dia anterior.

Capítulo 6

Bernard Davish continuava na sede da Clarence & Associados, em Downtown Manhattan. Junto a ele, sentados na sala de estar da suíte particular de Clarence, encontravam-se vários contadores, auditores, advogados e analistas de sistemas, alguns contratados especialmente para o momento de emergência; outros, profissionais do próprio conglomerado. Entre os últimos, o clima era de completo desânimo. Quanto mais discutiam e coletavam informações, mais longe ficavam de uma solução para a crise.

Davish permanecera no escritório desde a noite de quinta-feira. Os luxuosos aposentos da suíte lembravam Clarence em cada detalhe. Ali o magnata passara muitas noites, operando nas bolsas do outro lado do mundo, pois as operações mais importantes exigiam um acompanhamento dos mercados asiáticos, no início da noite, e dos europeus, durante a madrugada. Ali haviam sido comemorados muitos sucessos.

A suíte de Clarence era lendária; poucos podiam gabar-se de havê-la frequentado e apreciado o Picasso e os dois Joan Miró que enriqueciam suas paredes. Quem ali entrava para almoçar, jantar, tomar um drinque ou, simplesmente, ter uma conversa mais privada com o bilionário, sentia-se extremamente gratificado só pelo convite. Poderia, depois, mencionar o encontro nos círculos financeiros. E tanto Julius como seu principal executivo, Bernard Davish, se aproveitavam desse sentimento de gratificação para fazer excelentes negócios.

Naquela radiante manhã ensolarada de sábado de inverno, a vista das janelas panorâmicas do 81º andar era espetacular, embora nenhum dos participantes da reunião parecesse interessado pela paisagem. Se um deles se encaminhasse a uma das vidraças, veria a Estátua da Liberdade, os navios entrando no estuário do Hudson, a ponte Verrazano e a Staten Island. Se olhasse mais verticalmente para baixo, avistaria o Battery Park e o prédio circular, por tanto tempo usado como centro de triagem dos imigrantes. Entre estes, os antepassados protestantes irlandeses de Bernard Davish e católicos irlandeses de Julius Clarence.

Davish passara toda a sexta-feira administrando os negócios da Clarence & Associados, do Banco Comercial de Manhattan, da cadeia de Lojas Bars, da Andromeda, da Vitalis e da Trans Atlantic.

Sentiu-se aliviado ao saber da paralisação das bolsas e do feriado bancário de emergência, declarado pelo Banco da Reserva Federal.

Decidiu manter as lojas de departamentos abertas, sem, entretanto, fazer encomendas e sem aceitar os cartões de crédito do próprio grupo, pois os limites

tinham sido misteriosamente adulterados na Central de Computação. As indústrias continuaram funcionando, sem fazer ou aceitar pedidos. A Trans Atlantic Airways foi totalmente imobilizada, as tripulações voltando às suas bases em aviões de outras empresas.

Durante a sexta-feira, Bernard recebera vários telefonemas urgentes. Atendeu somente os mais importantes. Parecia que todas as pessoas notáveis estavam ligando para ele. Falou com os editores dos principais jornais, atendeu o *chairman* do Banco da Reserva Federal, Arnold Sinclair, o secretário do Tesouro, Huston, e os principais dirigentes da SEC e da CFTC, órgãos controladores das bolsas e dos mercados. Passou quase uma hora ao telefone com o principal dirigente do FDIC, uma espécie de companhia de seguros, de porte gigantesco, cuja função era garantir o dinheiro dos depositantes na maioria dos bancos dos Estados Unidos. Recebeu também um telefonema irado, e repleto de ameaças, do próprio diretor do FBI, Anthony Angiolillo.

Bernard já chegara a duas conclusões: primeira, a situação era irreversível — o conglomerado de Julius Clarence, um dos mais poderosos da América e do mundo, iria quebrar; segunda, o próprio Clarence era responsável por isso.

Apesar disso, embora atônito com a dimensão da catástrofe, e com todo o acontecido, Bernard não sentia raiva de Julius. Só não conseguia imaginar como ele iria livrar-se dessa. De uma coisa tinha certeza: Julius Clarence não tinha a menor intenção de passar o resto de seus dias na cadeia.

Bernard conhecera Clarence no fim dos anos 1960, ao sair da universidade e conseguir seu primeiro emprego na Associados, corretora que começava a atrair a atenção do mercado pelos excelentes resultados obtidos.

Foi uma grande oportunidade para o recém-formado, ambicioso e talentoso Bernard. Fez toda a sua carreira no conglomerado liderado pela Clarence & Associados, chegando rapidamente ao segundo lugar da pirâmide.

Sempre houvera uma sólida amizade entre os dois. Bernard gozava da confiança de Clarence. Este o informava de todos os seus negócios. Centenas de vezes haviam se reunido após um dia de trabalho para tomar um drinque, antes no escritório antigo e, nos últimos tempos, na suíte onde, agora, Davish se recordava de tudo, enquanto ouvia a exposição de um contador.

Não fosse o Sindicato, a confiança teria permanecido para sempre.

Ao contrário de Clarence, para quem os negócios tinham primazia sobre os sentimentos, Bernard era muito ligado a Lisa, sua mulher, e às duas filhas. Quando o Sindicato se tornou uma ameaça para sua família, embora a contragosto, não teve outra alternativa senão bandear-se para o outro lado, traindo o amigo e patrão. Passara a fazer o jogo do Sindicato.

E, num processo lento e sujo, usando dos plenos poderes das procurações de Clarence, Davish começou a transferir ações, desvirtuar negócios e passar informações, de maneira tal que o Sindicato, sem despertar suspeitas, já possuía um enorme lote de ações e de procurações de pequenos acionistas, suficiente para assumir o controle do grupo.

Por isso, Bernard não sentia raiva de Clarence. Estava até aliviado, pois sempre tivera certeza de que, um dia, Julius descobriria tudo. Só não conseguia entender aonde o patrão pretendia chegar com as manobras daquela semana.

Um a um, os profissionais fizeram suas exposições, ao fim das quais não restava a nenhum deles a menor dúvida: as empresas estavam liquidadas, tal a quantidade de irregularidades cometidas nas últimas 48 horas.

Nos próximos dias, Bernard tomaria as providências necessárias para o encerramento das atividades do conglomerado e liquidação dos ativos para pagar os prejuízos e as inevitáveis indenizações.

Sua grande preocupação era fazer tudo dentro da lei, afastando qualquer possibilidade de vir, um dia, a ser considerado culpado de algum crime e parar na prisão.

Precisaria dar explicações ao Sindicato. Mas ele, Bernard, poderia convencê-los de que não era cúmplice de Julius. Mesmo porque era a mais pura verdade. Davish sabia também que a prioridade do Sindicato iria ser um acerto de contas com Clarence.

Com relação ao próprio futuro, Bernard sentia-se tranquilo, mesmo sabendo que sua participação acionária no conglomerado não valia mais nada e da possibilidade de a justiça confiscar seus bens pessoais. Possuía reservas muito bem guardadas, em uma conta bancária, secreta e numerada, em Lugano, Suíça. Alguns milhões de dólares, suficientes para lhe garantir confortável aposentadoria junto a Lisa e às meninas.

Davish encerrou a reunião matutina e saiu do escritório para almoçar. Mais tarde, ainda no sábado, voltariam a reunir-se. Foi sozinho. Após o almoço, pretendia fazer uma chamada telefônica para Lugano. Em atenção aos clientes muçulmanos, que guardavam a sexta-feira, o banco mantinha um plantão aos sábados.

Em vez de utilizar seu carro, estacionado no subsolo do prédio, Bernard pegou um táxi. Mandou o motorista seguir para o Village. Vagueou pelas ruas por cerca de meia hora, observando as pessoas, a maioria alheia à crise do mercado.

Escolheu um restaurante espanhol na Rua 7 Oeste. Estendeu uma nota de 20 dólares ao maître. Sentou-se a uma mesa de quatro lugares, nos fundos, perto da cozinha, de costas para as outras, de maneira a não ser visto.

Encomendou uma lagosta com arroz ao açafrão. Degustou um Cardenal Mendonza Non Plus Ultra enquanto aguardava. Estava com fome. Desde o almoço de quinta-feira não comera uma refeição decente. Sentia-se também cada vez mais tranquilo, como se tivesse tirado um grande peso da consciência. Comeu vagarosamente, bebeu um ótimo Rioja branco e, no fim, um café expresso.

Pagou a conta, deixou uma gorjeta generosa e saiu à procura de uma cabine telefônica. Confirmaria o saldo de sua conta secreta. Depois, voltaria ao escritório. Bernard Davish estava disposto a resolver tudo o mais rapidamente possível.

Dentro da cabine, discou o código internacional de ligações a cobrar, o número da Suíça, de Lugano e, finalmente, o número do banco. Ao amável funcionário que o atendeu, em inglês, deu o número da conta e o código de acesso composto de 13 algarismos. Disse também a *losungswort* correta. Tudo confirmado, pediu o saldo da conta.

— Seu saldo, senhor, é de 32.497 dólares — respondeu, solícito, o bancário suíço.

— Tudo bem, este deve ser o saldo em conta corrente. Me informe o saldo de minhas aplicações. — Bernard começou a ficar preocupado.

— Senhor, todos os saldos, juntos, somam 32.497 dólares.

— Poderia me informar se houve alguma retirada nos últimos dias? — A voz de Davish estava quase sumindo.

— Perfeitamente, senhor. No dia 4, quinta-feira, quase todo o dinheiro foi convertido em franco suíço e transferido para uma conta nas Ilhas Cayman. Exatamente 16.400.000 dólares. É um homem de sorte, senhor. De lá para cá, o franco subiu um bocado.

— Deve estar ocorrendo algum engano. Não autorizei nenhuma transferência. — O tom agora era de pânico.

— Bem, senhor. Os códigos estavam corretos. Senão o dinheiro não sairia. Mas o senhor poderá conversar com nosso gerente na segunda-feira. Tudo será esclarecido, estou certo disso.

Bernard Davish não chegou a tomar nenhuma decisão. As coisas aconteceram mecanicamente. Como se programadas há muitos anos. Caminhou em direção à parte baixa de Manhattan, como se fosse voltar a pé ao escritório. Entrou em uma estação do metrô. Comprou o bilhete, desceu as escadas e encaminhou-se para a plataforma.

O primeiro vagão do expresso da 7ª Avenida entrou na estação de Chambers Street em alta velocidade, embora devesse parar no fim da plataforma. O maquinista, conforme relatou mais tarde à polícia, mal percebeu o vulto que se jogou à frente do trem quando a cabine de comando saiu da escuridão do túnel.

Os pedaços do corpo de Bernard Davish foram transferidos, com o auxílio de uma pá, para o saco de plástico preto que os levou ao necrotério.

Capítulo 7

Coisa rara, as manchetes dos jornais populares e sensacionalistas se assemelhavam às dos diários mais conceituados. Apesar da diferença no estilo de redação, todas, sem exceção, tratavam da morte por suicídio de Bernard Davish, o segundo homem na cadeia de comando do conglomerado de Julius Clarence.

Enquanto a primeira página do *National Enquirer* estampava CHEFÃO DE WALL STREET SE JOGA DEBAIXO DO TREM, o *Wall Street Journal*, em letras de tamanho bem mais discreto, proclamava SUICÍDIO DE BANQUEIRO PODERÁ AGRAVAR A CRISE DO MERCADO.

Os jornais relatavam como o corpo de Bernard fora identificado por seus documentos e por sua roupa. Segundo as pessoas com as quais o executivo estivera reunido durante a manhã, na sede da corretora, ele saíra da reunião apreensivo, mas tranquilo. De acordo com o relato feito à polícia pelo garçom de um restaurante do Village, o freguês servido por ele aparentemente deixara o local bem-disposto, sem a aparência de alguém prestes a se suicidar.

Enquanto os jornais eram lidos em Nova York e no resto da América, na sede da Clarence & Associados técnicos e executivos, exaustos e insones, tentavam chegar a algum tipo de consenso.

Na tarde de sábado, a reunião programada sequer começara, devido à ausência de Davish. Naquele domingo, após algumas poucas horas de tensa e tumultuada reunião, os advogados foram claros: na ausência dos dois principais executivos, nenhuma deliberação tomada naquele encontro teria valor legal.

Ainda pela manhã, todos se retiraram, em pequenos grupos, a maioria tentando evitar a multidão de repórteres que sitiava as saídas do prédio.

As estações de televisão, nos domingos geralmente consagradas aos esportes e programas de auditório, reservaram a maior parte de seu noticiário, tal como na sexta-feira e no sábado, aos assuntos relativos à morte de Bernard e às expectativas gerais com relação à abertura das bolsas na segunda-feira. Mesmo a partida de basquete entre os Ursos de Seattle e os Tubarões de Tampa Bay, há tanto tempo aguardada pelos aficionados, ficou em segundo plano. Os próprios jogadores, entre eles o fantástico Jadit Mahoney, não deram tudo de si, aparentemente mais preocupados com seus investimentos no mercado do que com o andamento do campeonato.

Ao longo do domingo, os profissionais do mercado trabalharam. E como trabalharam. A maioria se reuniu em suas empresas. Outros, em casa, passaram o dia ao telefone. E, ao passar das horas, a expectativa foi crescendo.

Nas sedes dos grandes bancos e corretoras, em Nova York e Chicago, os operadores ligaram seus computadores, estudaram gráficos e analisaram os balanços das principais corporações. Todos queriam saber quem estava envolvido com a Clarence & Associados.

Havia grande expectativa com relação à abertura das bolsas do Extremo Oriente e dos mercados noturnos de Nova York e Chicago.

Nas noites de domingo, assim como nas demais noites da semana, com exceção de sexta-feira e sábado, os mercados americanos de moedas e títulos do Tesouro faziam uma sessão noturna, para coincidir com a hora de maior movimento de negócios em Tóquio, Hong Kong, Sidney e outros importantes centros financeiros do outro lado do mundo.

Em vez de estar com suas mulheres e filhos ou, então, com os olhos grudados nas telas da TV, assistindo a seu esporte preferido, naquela tarde de domingo os mercadores de dinheiro encontravam-se a postos para o início da grande batalha.

Mas os profissionais de mercado não eram os únicos a abrir mão de seu descanso dominical. No quartel-general do FBI, em Washington, o chefão Anthony Angiolillo, Tony Angiolillo, como era chamado pelas costas por seus subordinados, comandava uma reunião com a nata de seus homens.

Debaixo de um enorme retrato do fundador, Edgar J. Hoover, Angiolillo falava pausadamente, com sua voz rouquenha.

— Senhores, a situação é gravíssima. Uma enorme crise está para acontecer nos mercados financeiros e nas bolsas de valores. Essa crise pode ser fruto de ação delituosa de uma ou mais pessoas. Ainda não podemos precisar exatamente quais seriam essas pessoas e, muito menos, os crimes que possam ter cometido. O ponto de partida para nosso trabalho é a localização do senhor Julius Clarence. Os senhores o conhecem de nome e fisionomia. — Molhou com os lábios a ponta de um charuto que acabara de tirar do bolso do paletó.

— No momento — prosseguiu — nem sabemos se o senhor Clarence está vivo e se está no país. Foi visto, pela última vez, saindo de seu escritório, na Liberty Tower, em Wall Street, dirigindo seu próprio carro. Mais tarde, o automóvel, sem qualquer sinal de luta em seu interior, foi encontrado em um estacionamento do Queens, em Nova York.

Angiolillo acendeu o charuto, a despeito da proibição de fumar impressa em cartazes colocados nas duas paredes laterais do salão. Desceu do estrado e começou a passear entre os agentes.

— Os senhores deverão verificar todos os portos e aeroportos, principalmente na Costa Leste, e interrogar o pessoal de serviço nesses locais. Precisamos saber se Julius Clarence saiu dos Estados Unidos. Lembrem-se, o suspeito... bem, o senhor Clarence, pode ter raspado a barba e tingido os cabelos. Lamentavelmente, usa barba desde a juventude. Não temos, portanto, nenhuma fotografia sua com a cara raspada.

— E se o encontrarmos, podemos detê-lo? — perguntou o chefe da região de Nova York.

— Negativo, Jake. Não temos nenhum mandado. Como disse antes, não sabemos, pelo menos oficialmente, nem mesmo se houve algum crime. Mas, se o senhor Clarence for encontrado e perdermos a sua pista, eu próprio me encarrego de cortar os colhões do culpado. E, se for uma das senhoras, eu arranjo alguma outra coisa para cortar.

Outro agente levantou-se, em meio às risadas.

— Mais alguma providência, chefe?

— Sim. Vocês receberão um dossiê. Encontrarão nele o nome, endereço e telefone das pessoas ligadas a Julius Clarence. Quero saber as atividades dele nos últimos meses. Onde esteve, com quem conversou, para onde viajou, com quem fodeu, tudo, tudo. Possivelmente estamos lidando com o mais importante serviço deste bureau em muitos anos. Voltem às suas sedes e convoquem todos os homens necessários, inclusive os de férias ou de licença. O secretário de Justiça e o presidente estarão acompanhando o trabalho dos senhores, tenho certeza disso.

Sarah Jane não costumava trabalhar aos domingos. Como telefonista número um da Casa Branca, servindo o presidente Dale há muitos anos, desde quando era prefeito de San Francisco, Sarah tinha privilégios, entre os quais trabalhar apenas nos dias úteis, como as pessoas normais. Mas, naquele fim de semana, não só estava a postos no comando central dos telefones exclusivos do presidente como mal tinha tempo para comer a pizza pedida ali ao lado, na famosa pizzaria da Avenida Pensilvânia, junto à Casa Branca, cujo aumento de movimento quase sempre coincidia com as grandes crises do governo.

Embora não fosse conhecida do público, Sarah era uma pessoa extraordinária. Trabalhava sem a ajuda de computadores. Bastava ouvir um número de telefone uma vez para lembrar-se dele para sempre. Memorizava a voz das pessoas com quem falava. Se tivesse sido jogadora de xadrez, talvez fosse uma grande mestre, tal sua capacidade de armazenamento de dados.

Tinha um especial talento para localizar as pessoas nos lugares mais difíceis, como quando achou o então prefeito Dale em um motel de Oakland, a tempo de livrá-lo do escândalo que poderia abalar sua carreira política. Era também íntima

da família presidencial e, não raro, participava de almoços somente com o presidente e a senhora Dale. Formava, junto com a secretária particular, Anita Chaves, e o motorista, Victor Bukowski, o mais fechado círculo do poder. Dale sabia dever parte do sucesso de sua carreira à telefonista e dizia-o abertamente.

Naquela tarde de domingo, Sarah procurava os principais banqueiros, industriais, comerciantes, os grandes empresários do país. O presidente desejava falar com o maior número possível de pessoas responsáveis pelo controle do dinheiro na América.

Naquele momento, o chefe de Estado falava com o presidente da General Motors, Harry Appleton. Dois outros empresários aguardavam na linha.

Apesar da urgência, Dale, como sempre, começou com as cortesias habituais.

— Appleton, desculpe-me por interromper-lhe o domingo. Se bem me lembro, não nos falamos há muitos meses. Antes de mais nada, como está Amanda?

A tela de computador, à frente do presidente, mostrava que Harry Appleton tinha 67 anos, era casado com Amanda Becker Appleton, possuía um casal de filhos e três netos.

— Está ótima, senhor presidente — respondeu Appleton, envaidecido. — Quanto ao domingo, com essa crise toda, já está arruinado. Só mesmo um telefonema seu poderia melhorá-lo.

Dale aproveitou a deixa e foi diretamente ao assunto.

— Bem, Harry, este chamado é justamente a propósito da crise. Estou ligando para os principais homens de negócios do país. Minha ideia é simples: todos precisam ajudar o mercado amanhã não só não vendendo ações nas bolsas, mas também as comprando. Minha solicitação, em caráter não oficial, é que a General Motors use suas reservas para comprar suas próprias ações. Essa atitude tem precedente. Ronald Reagan fez isso durante o *crash* de 1987. Veja bem, Harry, além de ajudar o país, você estará ajudando seu próprio negócio. Estou certo de contar com sua boa vontade e com seu espírito de patriotismo.

— Farei o possível, senhor presidente. A propósito, eu já conversara a esse respeito com meus diretores. Estão, neste momento, reunidos aqui comigo. O único problema são os acionistas. Podem não gostar. Mas, certamente, faremos o melhor possível.

— Conto com isso, Harry. Espero vê-lo em breve. Muito obrigado.

Ao longo do dia, o presidente Dale conversou com os grandes empresários. Conseguiu deles a promessa de, no dia seguinte, fazerem o possível para salvar o mercado de uma tragédia. Mas nenhum deles disse ao presidente que iria aproveitar a oportunidade do esforço de salvação das bolsas para se desfazer rapidamente das ações de suas carteiras particulares.

Em seu gabinete, no Banco da Reserva Federal, o *chairman* Arnold Sinclair

conversava, por telefone, com os presidentes de bancos centrais dos países ricos. Muitos estavam em seus gabinetes. Outros foram localizados em suas casas. Um deles, Alex Burns, do Banco da Reserva da Austrália, foi retirado de uma partida de tênis, na residência de um grande empreiteiro local.

Todos, sem exceção, concordaram em defender o dólar, os títulos do Tesouro americano e segurar a alta do ouro. Atuariam conjuntamente nos diversos mercados a partir daquela noite. Uma intervenção em volume sem precedentes.

Em Pequim, já passava da meia-noite de domingo para segunda quando terminou a reunião dos dirigentes do Banco da China. Embora tivessem sido convidados a participar da intervenção conjunta para defender o dólar, e concordado com isso, acabaram tomando uma decisão completamente diversa.

Os chineses decidiram vender imediatamente, com a maior discrição possível, grande parte de suas reservas de dólares e títulos do governo americano e comprar ouro, iene japonês, marco alemão e petróleo, muito petróleo. Essa decisão baseara-se na recomendação do sábio líder Lin Tsu-Yan.

O venerando estadista, do alto de seus 84 anos, antevia a possibilidade de um *crash* das bolsas levar a América a uma nova depressão, como a dos anos 30. Se isso acontecesse, prejudicaria as exportações chinesas para os Estados Unidos. Era necessário precaver-se. Felizmente, há alguns anos, vinha fazendo acordos comerciais com o Japão, para que as duas economias dependessem mais uma da outra e menos do pouco confiável mundo ocidental. Os dirigentes do Banco da China confiavam cegamente no velho Lin.

Os ministros do petróleo dos países da OPEP também se encontravam em frenética atividade. Após três dias de longas conversas entre si, por telefone, chegaram a um consenso. O dólar caíra muito, e tudo apontava para uma queda maior. Seria, portanto, necessário subir o preço em dólares do barril de petróleo. Em uma primeira etapa, de 20 para 22 dólares. Depois, mais.

Alguns ministros, os mais antigos, tinham saudades dos anos 70, quando suas reuniões faziam tremer os dirigentes do planeta. Em seu íntimo, esperavam a volta daqueles dias de glória.

O grande público, nos Estados Unidos, começava a perceber a dimensão do problema.

Em editorial assinado por Bruce Kennyman, Nobel de Economia, o *Washington Post* proclamava que as ordens erradas emanadas dos computadores da Clarence & Associados não eram a causa da crise. Eram apenas o estopim. As origens poderiam ser encontradas nas últimas quatro décadas, durante as quais os americanos haviam gasto além de suas possibilidades, tomando dinheiro emprestado de investidores de todo o mundo.

“A América devia 5 trilhões”, dizia o editorial. “Bastou um problema sério, imobilizando as bolsas por um dia, para todos se conscientizarem do conto de fadas do mercado de capitais dos Estados Unidos, da jogatina desenfreada dos yuppies de Wall Street e da ficção das especulações dirigidas por computadores.”

Os ministros da Fazenda do Grupo dos Nove, representando três quartos da riqueza do mundo, reuniam-se através de teleconferência via satélite. A engenhoca lhes permitia conversar com os colegas, de seu gabinete, usando um telão dividido em nove quadros, cada um deles mostrando um dos ministros. Tal como os presidentes dos bancos centrais, decidiram adotar ações conjuntas para evitar o caos.

Em Tóquio, havia outra reunião em que se tomava decisões com relação aos mercados. Os administradores do Fundo de Pensão dos Bombeiros de Tóquio estavam reunidos. Entre bombeiros da ativa, aposentados e seus familiares, o fundo contava com mais de 100 mil membros. A cidade tinha 3 milhões de casas perigosamente inflamáveis, devido às madeiras das divisórias.

Os bombeiros eram altamente qualificados para o combate ao fogo. Gozavam de grande prestígio. Graças a eles, a cidade não fora totalmente destruída no grande ataque de bombas incendiárias efetuado pela aviação americana em março de 1945. Foram também os responsáveis pelo salvamento de milhares de habitantes no grande terremoto de setembro de 1923. São bem remunerados e gozam de excelente plano de aposentadoria, garantido pelo fundo de pensão e seu patrimônio de mais de 1 trilhão de ienes.

Para proteger todo esse dinheiro, os gestores do fundo participavam de tensa reunião.

Não desejavam correr riscos. Após algumas horas de deliberação, decidiram-se pela venda de ações na Bolsa de Nova York no dia seguinte, assim como de títulos do Tesouro dos Estados Unidos. Os dólares correspondentes seriam convertidos em ienes, obrigações japonesas, barras de ouro e platina. Pelo menos até os mercados voltarem ao normal.

A maioria dos fundos americanos era administrada por computadores através de programas de negociação. Esses programas tomavam decisões baseadas em análise técnica e matemática das cotações dos diversos mercados.

O sistema era simples. Quando o mercado apresentava uma tendência de alta bem definida, os fundos compravam. Quando a tendência era de baixa, os fundos vendiam a descoberto. “A tendência é sua amiga”, dizia um ditado de Wall Street.

Naquele domingo, quase todos os dirigentes de fundos administrados por computador tiveram a mesma ideia. Foram para seus escritórios e simularam

nos programas de suas máquinas uma violenta queda no Índice Dow Jones. Simularam também uma forte baixa do dólar e grande alta no mercado de ouro.

O resultado deixou-os apavorados. Com os esfíncteres soltos, estômagos contraídos e cabeças latejando, iniciaram a angustiante espera da abertura dos mercados.

E os pequenos e médios investidores? Os profissionais liberais, os funcionários do governo, os militares, os aposentados, as viúvas, os artistas, os pequenos comerciantes, as prostitutas, enfim, todos os que contam com seus investimentos para compra da nova casa, troca de carro, viagem de férias, doenças e aposentadoria?

Também haviam lido os jornais e assistido à TV nos últimos três dias. Agora, em suas casas, todos pensavam a mesma coisa. Se a crise era tão séria, como afirmavam os entendidos, melhor seria vender em primeiro lugar.

Já era meio da noite na Europa. O sol se punha na América e nascia no Extremo Oriente. A decisão fora tomada. Os profissionais de mercado, os grandes empresários, os chineses, os magnatas do petróleo, os bombeiros de Tóquio, os administradores de fundos e toda a multidão de pequenos e médios investidores iriam vender ações na abertura dos mercados e tratar de se defender de qualquer maneira.

Capítulo 8

O professor Zardil examinou o recém-chegado e concluiu tratar-se do americano ansiosamente esperado. Conduziu-o imediatamente para dentro.

— Professor Zardil, presumo. — Julius quebrou o silêncio inicial.

— Sim, sou eu. Quanto ao senhor, deve ser... bem... a pessoa que estou aguardando. — O médico ficou embaraçado.

— Meu nome é Julius Clarence. O senhor já ouviu falar a meu respeito, tenho certeza.

— Muitas vezes, senhor Clarence. Principalmente nos últimos dias. Aliás, atualmente, o senhor é o principal assunto da televisão. Quanto ao rosto, está diferente da TV. Certamente andou mudando alguma coisa. Para falar a verdade, me senti bastante curioso com relação à pessoa que queria meus serviços. O senhor deve compreender. Depois de tudo o que aconteceu, não me procuram muito. A não ser uns tipos diferentes. Nada a ver com meus antigos pacientes.

Os dois sentaram-se, frente a frente, em duas pequenas poltronas. Paradoxalmente, Julius estava relaxado e o professor, tenso.

O cômodo era parcamente mobiliado. Apenas um conjunto barato de mesa e cadeiras, as duas poltronas e uma cadeira de balanço, de vime, colocada em frente a um aparelho de televisão. Havia também uma cristaleira e moderna aparelhagem de som, aparentemente a única coisa de algum valor no aposento. Deitado sobre o tapete, um gato siamês dormia sem se perturbar com o estranho. Tudo imaculadamente limpo, inclusive o gato.

— Como já lhe disse, sou Julius Clarence — repetiu o americano, olhando dentro dos olhos do médico. — Achei melhor não escondê-lo do senhor. Nosso negócio, creio que podemos chamá-lo assim, precisa ser feito em confiança. É bem melhor se falarmos francamente desde o início.

— Concordo, também prefiro a franqueza. Não sei fingir e disfarçar muito bem. E já que falou em confiança, tenho perguntado a mim mesmo: por que confiou em mim? — O inglês do professor era carregado nos "erres".

— Evidentemente, andei investigando. Sei bastante a seu respeito. É o melhor em sua especialidade, ninguém duvida disso. Nenhum outro seria capaz de realizar a cirurgia de que necessito. E há mais. Só alguém em sua situação aceitaria correr os riscos inerentes a nossa transação. Não ganharia nada me denunciando às autoridades. Nada! Pelo contrário. Se tudo correr bem, como espero, e eu sair daqui um homem diferente, o senhor terá de volta uma situação financeira invejável e uma velhice sem preocupações. Correspondendo à minha confiança, o senhor tem tudo a ganhar.

Clarence fez uma pausa, estudou a reação do cirurgião. Continuou.

— Quero mudar completamente de fisionomia. Julius Clarence precisa desaparecer. Conto para isso com sua habilidade. Vou também depender de sua discrição. Conforme combinamos, vou pagar-lhe 400 mil dólares, mais os custos do tratamento. Mas não é só isso. A partir do momento em que eu for embora, o senhor receberá, mensalmente, 10 mil dólares, ou o equivalente na moeda que preferir, por toda a vida, que, espero, seja muito longa. Já providenciei tudo em uma instituição de previdência privada do Japão.

Zardil não perdia uma palavra.

— Para nossa segurança mútua — prosseguiu Clarence —, quem acertou os pagamentos foi o governo de um país distante que, aliás, também gosta muito de sigilo e de cumprir acordos. Foi também esse governo que mandou entregar os equipamentos médicos recebidos pelo senhor.

O médico parecia não acreditar no que ouvia.

— Os agentes desse governo — disse o magnata — investigaram muito seu trabalho, professor. O senhor fez um serviço extraordinário para a polícia da Itália, com aquele contador siciliano. Remoçou também em 20 anos o presidente Juan Perón, da Argentina. E mesmo quando alguns militares argentinos lhe ofereceram dinheiro e, mais tarde, fizeram ameaças, não obtiveram as fotografias de antes e depois da operação. O senhor é a pessoa indicada para meu caso. Se tem hábitos menos moderados, isto não me diz respeito. A não ser enquanto eu estiver a seus cuidados, bem entendido.

Pela primeira vez, depois de anos, Zardil sentiu-se exultante. Se não gostou da discreta referência à bebida, não o deixou transparecer. Olhou para o americano, pensou um pouco sobre o que ouvira e perguntou, controlando a excitação:

— Que tipo de cirurgia tem em mente, senhor Clarence? Pelo equipamento enviado, não deve ser coisa simples.

— Não é, professor. Se me levar até onde está a aparelhagem, explicarei melhor.

O médico conduziu Clarence por um corredor pouco iluminado. Chegaram a outra sala, maior, cheia de caixotes. Uns já estavam abertos. Outros ainda se encontravam lacrados em suas embalagens de fábrica.

— Já viu o monitor eletrocardiográfico? — perguntou Julius.

— Vi, sim, e confesso nunca ter visto nada parecido. Li o manual e fiquei impressionado. O aparelho registra os batimentos cardíacos e os interpreta. Adiciona automaticamente ao soro fisiológico os medicamentos necessários para manutenção da frequência ideal. Parece ter sido fabricado especialmente para um cirurgião operar sozinho, sem o auxílio de anestesista e enfermeiros. É esta máquina aqui nos fundos. Mas qual a relação do monitor com as modificações em sua aparência?

— Se tiver a bondade de retirar a placa existente na parte de trás do aparelho, encontrará um CD-ROM. Contém os dados referentes a minha nova fisionomia. Basta digitar a palavra-chave: "Mississippi".

O médico retirou a placa e localizou o disco. Dirigiram-se ao consultório, no andar superior. Zardil ligou o computador, inseriu o disco, entrou no diretório correto e digitou "Mississippi". Levou algum tempo para entender-se com o programa. Tão logo o conseguiu, começaram a surgir na tela, a seu comando, fotos da face, da cabeça e do corpo inteiro de um homem nu. Clarence observava curioso. O médico concentrava-se no trabalho. Localizou tabelas e dados anatômicos sobre o homem em questão. Após algum tempo, declarou, aparentemente desolado, sem, no entanto, demonstrar insegurança:

— Este homem é completamente diferente do senhor.

— Tem a minha altura, o meu peso e a minha envergadura. — Clarence foi incisivo.

— Posso estar sendo precipitado. — Zardil tentava colocar as ideias em ordem. — Preciso estudar tudo com calma e atenção. Mas devo alertá-lo sobre duas coisas: primeiro, nunca um cirurgião plástico conseguiu transformar um homem em outro; segundo, além da altura, do peso e da envergadura, existem dezenas de medidas e dados que precisam ser compatíveis. Terei que examiná-lo também. Terei todas as respostas até o final de amanhã.

Os dois passaram o restante do sábado, e todo o dia de domingo, no andar de cima da modesta clínica. Havia uma sala com uma escrivaninha, duas cadeiras, uma maca, um arquivo e o computador. Ao lado, um quarto com duas camas de hospital. Nos fundos, uma pequena sala de cirurgia.

O professor tirou várias fotografias de Clarence e, através de um scanner, as inseriu no computador. Confrontou-as com as fotos contidas no disco. Depois, colheu diversos dados diretamente no rosto e no corpo de Julius. Armazenou tudo na memória do aparelho.

Julius observava interessado. Sempre gostara de ver um bom profissional trabalhando. O médico consultava fichas do arquivo e vários livros. Trabalhava sem pressa, em silêncio. De vez em quando dividia a tela em duas, colocando, de um lado, Clarence e, do outro, o rosto contido no disco. Julius percebeu que, como todo bom cirurgião, o professor Tartuf Zardil estava se apaixonando pelo desafio científico a sua frente.

Nos intervalos para almoço e jantar, o professor fazia a comida dos dois. Comiam na própria cozinha. O médico não falava sobre o caso e Clarence não perguntava. Conversavam sobre história, arte, literatura. Julius começou a gostar do cirurgião.

No fim da tarde de domingo, finalmente, o doutor Zardil fechou livros e arquivos, cruzou as mãos por cima da escrivaninha e falou:

— É impressionante, senhor Clarence. Se eu fosse encarregado de escolher uma fisionomia para o senhor, não conseguiria uma melhor. Quem a selecionou conhece o assunto e estudou profundamente o caso. Todos os dados são compatíveis. Aparentemente, não existe nenhuma semelhança entre os dois. Mas, na verdade, parecem moldados na mesma forma. É um grande desafio fazer tudo sem ajuda, mas posso conseguir. Nas cirurgias plásticas, é necessária a presença de um assistente, no mínimo para afastar a pele e o couro cabeludo. Terei que adaptar um afastador para isso. Mas será preciso chamar uma pessoa de minha confiança para cozinhar. Ela não virá aqui em cima. Portanto, farei a assepsia e a limpeza sozinho. Isso irá atrasar o trabalho. Mas já estou acostumado a ser meu próprio assistente.

E após uma pequena pausa, movido pela curiosidade, perguntou:

— E o homem da foto, o que aconteceu com ele?

— Está morto, professor. Um acidente, do outro lado do mundo. Não deixou esposa, filhos ou qualquer parente. Certamente, gostaria de saber que vai ressuscitar — disse Clarence, sorrindo então, um sorriso sugestivo, confiante.

O professor Tartuf Zardil permaneceu em silêncio durante alguns instantes, pensando no homem morto num país distante. Imaginou o corpo debaixo da terra, a fisionomia decomposta pela ação do tempo e dos vermes. Iria conseguir.

— O senhor me apresentou um grande desafio, mas posso fazê-lo. Certamente terei sucesso. Preciso de sua cooperação e coragem. O senhor sentirá dores e passará por grande sacrifício. Está mesmo disposto, senhor Clarence? — perguntou, já sabendo a resposta. Aquele homem, que já admirava, tinha profunda certeza do que queria.

— Tomei uma decisão sem volta e nunca imaginei que seria fácil. Considero-a um fato consumado. Mas os detalhes me intrigam. Podemos falar sobre eles agora? — Clarence não demonstrava qualquer emoção diferente, apenas curiosidade.

— Bem, vamos lá. Tentarei explicar, de maneira simples, como ressuscitarei nosso amigo. Começando pela cor da pele, injetarei um tipo de hormônio para que ela fique bronzeada. Será preciso que o senhor tome esse hormônio regularmente, por toda a vida, para manter a cor. Para criar a calvície, destruirei o folículo piloso em uma região do couro cabeludo. O nariz será fácil. Diminuirei as cartilagens alares e cortarei um pouco da pirâmide nasal. Para afastar as sobrancelhas, usarei uma espécie de caneta e cauterizarei os folículos, ao centro. As orelhas serão mudadas facilmente. Retirarei uma fatia da cartilagem conchal e outra da pele para fazê-las mais fechadas. Mas dê a volta e veja diretamente no computador.

Julius rodeou a mesa e viu o monitor do aparelho. A fisionomia iluminada na tela era a sua, tal como estava agora, sem barba.

A um comando do médico, os traços na tela começaram a se modificar. Duas entradas de calvície foram aparecendo lentamente, a curvatura superior do nariz

tornou-se mais côncava à altura dos olhos, as sobrancelhas se afastaram. Finalmente, as orelhas se fecharam um pouco, algo quase imperceptível, mas que alterava sensivelmente as feições. A pele tornou-se ligeiramente bronzeada. Quando a animação terminou, na tela, em lugar da fisionomia de Julius Clarence, encontrava-se a imagem inicial contida no disco de CD-ROM. Enquanto o programa se desenvolvia, Zardil explicava tudo, buscando palavras compreensíveis e diretas.

— Nas faces, colocarei um material sintético sobre o osso malar. Será fixado por um fio de aço. As bochechas ficarão maiores. Depois usarei um truque da profissão. Colocarei material aloplástico por dentro do lábio superior. Os dentes aparecerão um pouco mais. O efeito visual é o mesmo que ocorreria se eu substituísse sua dentadura pela do… bem, do morto.

Clarence estava fascinado. O médico prosseguiu.

— Não sei se reparou, mas o modelo, é melhor chamá-lo assim, tem uma cicatriz de apendicectomia. Isso é fácil. Faço uma incisão com o bisturi e suturo em seguida. O colega não se preocupou muito com a estética, mas levarei apenas 15 ou 20 minutos para fazer uma cópia idêntica. Mas sente-se, por favor, vou explicar o resto.

Julius voltou a sua cadeira.

— Sugiro a mudança de voz — continuou o cirurgião. — Lesarei um dos nervos laringo-recorrentes. O senhor terá uma voz mais rouca. Não sei se sabe, a voz de cada pessoa é como as impressões digitais. Quando registrada em oscilógrafos, cada uma tem um padrão distinto da outra. Com minha intervenção, sua voz ficará diferente. O gráfico desenhado pelo oscilógrafo também. De maneira definitiva.

Clarence aproveitou a explicação para perguntar.

— Desculpe interromper, mas gostaria de saber das impressões digitais.

— Certo, certo. Foi isso o que mais me impressionou no dossiê. Pouquíssimas impressões digitais são compatíveis com outras, mesmo quando transformadas com ácido. Quem escolheu nosso homem tinha conhecimento de datiloscopia. Tanto os arcos como as presilhas internas e externas e os verticilos são compatíveis. Com um pouquinho de ácido, e usando o método Lecha Marzo, farei a transformação. Quando cicatrizar, suas impressões digitais ficarão idênticas às do modelo.

— Então a coisa não será muito complicada. — Clarence começava a ficar eufórico.

— Não disse isso. Além do que, estou deixando o mais difícil para o final. Trata-se da mudança da cor dos olhos. Será preciso fazer uma incisão, nos moldes das operações de catarata, e colocar uma lente dentro do olho. Me desculpe a imodéstia, senhor Clarence, mas sou o único cirurgião plástico no mundo que pode fazê-lo. Vinha desenvolvendo um trabalho sobre isso com cobaias quando… bem, quando minha carreira foi interrompida. Mas não se preocupe, senhor Clarence, os testes já estavam em estágio avançado. O resultado será excelente e… surpreendente. Com certeza.

— Ótimo, professor. E quando começamos?
— Amanhã cedo, se não se importa.
— E já é possível uma previsão de quando terei alta?
— Daqui a uma semana retirarei os pontos e o senhor estará novo em folha. Haverá apenas um pequeno curativo na ponta dos dedos. A maioria dos pontos cirúrgicos será interna. O organismo os absorverá.

Conversaram mais um pouco. Clarence dirigiu-se ao quarto, ao lado do consultório. Olhou-se demoradamente no espelho, despedindo-se do rosto com o qual convivera tão bem por mais de meio século.

Desceu ao andar inferior e ficou ouvindo música com o professor Zardil. O cirurgião ouvia Wagner, juntando no ar os dedos indicador e polegar, como se segurasse uma batuta e regesse uma sinfônica imaginária.

Clarence despediu-se do médico e voltou ao quarto. Evitou, desta vez, o espelho. Deitou-se na cama. Para não pensar demais no dia seguinte, começou a lembrar-se do passado. De um momento, há mais de 40 anos, quando tinha 15 anos.

Pela primeira vez, desde a sua saída do escritório em Manhattan, se emocionou.

Segunda parte

Capítulo 9

Todos estavam reunidos junto ao grande rio, assistindo ao fim do 4 de Julho. A cidade inteira de Davenport via o espetáculo de fogos de artifício. Mesmo aqueles que haviam bebido demais durante os festejos do dia encontravam-se agora bem despertos, vendo o show. Até as crianças pequenas permaneciam acordadas. Os olhinhos arregalados fitavam os rojões que subiam de Rock Island, do outro lado do rio, no estado de Illinois, e explodiam em milhares de faíscas multicoloridas. Bolas de fogo desciam lentamente, até apagar-se nas águas do Mississippi.

As comemorações duraram todo o dia. De manhã, a parada entusiasmara a multidão. Os fazendeiros dos arredores vieram em massa, com suas famílias, assistir ao desfile comemorativo. À frente do cortejo, a banda da Saint Ambrose, precedida das melhores balizas da margem oeste do Mississippi. Desfilaram os estudantes de Davenport e das escolas da zona rural. Mas o apogeu do desfile, levando a multidão ao delírio, ficou por conta da passagem dos veteranos da Segunda Guerra, ainda jovens, na casa dos 30 anos.

A cidade observou, emocionada, um minuto de silêncio pelos mais de 100 rapazes do condado que haviam dado suas vidas pela América. Alguns encontravam-se sepultados no Cemitério Nacional de Arlington; outros, no cemitério da cidade. Muitos tinham simplesmente desaparecido nos campos de batalha da Europa e das ilhas do Pacífico, ou repousavam, para sempre, no fundo dos oceanos.

Depois do almoço, todos participaram ou assistiram aos jogos e brincadeiras. Muitos habitantes de Rock Island, Moline e East Moline haviam cruzado a ponte para assistir à festa de Davenport.

No leilão beneficente de tortas, a disputa acirrada teve como vencedora, mais uma vez, a senhora Dundee. Sua torta de cereja foi arrematada por 15 dólares. Por um advogado, cuja carreira dependia muito das decisões do juiz Osborne Dundee. Tab, o rapaz mais velho dos Clines, não por coincidência o soldado mais condecorado de todo o estado de Iowa, vencera a competição de tiro ao alvo.

Agora, as pessoas sentavam-se à beira do rio, aproveitando a brisa noturna e assistindo à queima de fogos. Cada espoucar era saudado com exclamações de assombro. Sem dúvida, mesmo entre os mais velhos cidadãos das Quad Cities, ninguém se lembrava de uma comemoração melhor da Independência.

Muitos eram os motivos para tanta alegria. Dez anos já se tinham passado desde o fim da Segunda Grande Guerra. A região prosperava com velocidade nunca vista desde os anos 20. Com o preço dos grãos em alta, ganhava-se muito dinheiro por ali, tanto os fazendeiros como os comerciantes da cidade. Carros novos, grandes,

coloridos engarrafavam as ruas. As donas de casa compravam as últimas novidades em eletrodomésticos estampadas nos catálogos da Sears Roebuck.

A Europa libertada reconstruía-se, as pessoas de lá precisavam comer. E quem melhor para produzir os grãos tão necessitados pelos europeus do que o Meio-Oeste, o Cinturão do Milho, o celeiro do mundo? Por isso, todos tinham uma razão a mais para comemorar a festa.

Longe do movimento, o pequeno escritório de um armazém de cereais da avenida Utah mantinha as luzes acesas, contrastando com o restante do comércio, fechado por causa do feriado. Lá, sentado a uma escrivaninha, o jovem Julius Clarence consultava mapas, livros e fazia contas. Anotava tudo em um caderno ao lado.

Encontrava-se ali desde a manhã. Agora, já estava por terminar a tarefa pela qual tinha deixado de ir à festa. Suas conclusões o deixavam excitado. Excitado e satisfeito.

Os pais de Clarence, Bruce e Margaret, católicos irlandeses, haviam emigrado para a América nos anos 1920, ainda crianças. Conheceram-se no próprio navio. Os pais de Margaret vieram cultivar as terras férteis e baratas do Oeste do Mississippi. Os de Bruce se estabeleceram em Davenport, dedicando-se ao comércio, assim como seus antepassados o faziam, no Ulster, há mais de um século.

Os ancestrais de Margaret, os Kimberleys, eram da região de Dungannon, onde cultivavam batata. Tanto os Clarences como os Kimberleys haviam chegado ao Meio-Oeste atraídos por notícias vindas do Novo Mundo, dando conta da fartura de terra e da prosperidade dos que haviam emigrado para lá.

Muitos católicos irlandeses vieram para a região fugindo à perseguição das autoridades inglesas, após o levante da Páscoa de 1916. Juntaram-se às dezenas de milhares de famílias que haviam deixado a Irlanda, muitas décadas atrás, fugindo da grande fome do século XIX.

Junto com os pais de Clarence, vieram os MacLeods, os Connors, os O'Garveys, os Walbys, os Lynchs e muitas outras famílias. Ainda comemoravam a Festa de São Patrício, bebiam o forte uísque irlandês e cultivavam um pouco de batata. Mas eram americanos, bons americanos, e se orgulhavam disso.

O armazém dos Clarences era o ponto de encontro dos fazendeiros irlandeses. Lá compravam as sementes, os adubos e as ferramentas necessárias aos trabalhos do campo. Bruce Clarence também comercializava a safra. Por uma pequena participação nos lucros, vendia a produção de todos, aumentando o poder de barganha.

As terras dos irlandeses situavam-se no lado leste do estado de Iowa, junto à grande curva do Mississippi, entre a Prairie du Chien, ao norte, e Fort Madison, ao

sul. A imensidão da planície lembrava pouco a velha Irlanda. Dois ou três séculos atrás, por ali pastavam grandes manadas de búfalos, na época em que a região fazia parte do território da grande nação dos índios iowa e illinois.

Mais tarde vieram os europeus, entre eles os irlandeses. Estes cultivavam principalmente o milho e a soja, planta nativa da China e do Japão e que tão bem se adaptara ao Meio-Oeste.

Durante o inclemente inverno, quando o vento gelado, soprando dos Grandes Lagos, varria as pradarias, eles pouco faziam. O trabalho começava na primavera, quando era feito o plantio. No verão, as lavouras se desenvolviam. No outono fazia--se a colheita, agora com as grandes colheitadeiras, fabricadas depois da guerra. Em outubro, os grãos já estavam colhidos e abarrotavam os silos da região.

Por ocasião da venda da soja e dos outros cereais, a negociação com os atacadistas de Chicago era feita por Bruce Clarence. Não havia comprador de grãos, por mais ladino que fosse, capaz de lhe passar a perna.

A comunidade confiava nele. Ninguém conferia nada. O determinado por ele era o preço do negócio. O sistema de vida dos irlandeses da região baseava-se na confiança e na solidariedade. Quando ocorria um incêndio em um celeiro, uma doença atacava as lavouras de uma das fazendas, ou uma plantação era inundada pelo rio, Bruce desviava parte da produção dos outros fazendeiros para socorrer o produtor desafortunado.

As coisas funcionavam assim. E funcionavam bem.

Desde os 10 anos, Julius ajudava o pai. Principalmente nas contas, na distribuição das cotas, no cálculo do preço. O garoto conhecia mais de preço de soja que muitos atacadistas veteranos. Sabia de cor as cotações da Bolsa de Chicago.

Naquela noite de 4 de Julho, enquanto todos assistiam aos fogos à beira do rio, Julius acabara de fazer suas contas. Durante as duas últimas semanas, visitara as fazendas, medindo a altura dos pés de soja, verificando o tamanho das vagens, checando o nível de umidade do solo. Agora, estava convicto: a safra seria ruim; a produtividade, muito baixa. Não só nas fazendas dos clientes de seu pai, mas nas outras também.

Chegara a essas conclusões depois de um dia inteiro de trabalho. Refizera os cálculos inúmeras vezes. O nível de umidade do solo estava baixo. O número de *bushels* produzidos por acre seria inferior ao habitual. O preço subiria. Principalmente se não chovesse nas próximas semanas, quando deveria ocorrer a polinização. E não havia previsão de chuvas. O preço poderia disparar. Quem vendesse agora perderia muito dinheiro, pois a safra seria pequena.

O garoto pretendia, no dia seguinte, mostrar suas contas ao pai. Gostaria tam-

bém de exibir suas conclusões na reunião, no fim da tarde, ali mesmo no armazém, entre o pai e os produtores. Esse encontro ocorria todos os anos. Costumava prosseguir noite adentro. Nele, Bruce Clarence combinava com os fazendeiros a melhor maneira de comercializar a safra.

Capítulo 10

O comerciante ficou impressionado. Embora, há alguns anos, confiasse nos cálculos do filho, não o imaginava com capacidade de fazer estudos tão detalhados e chegar a conclusões tão coerentes. A amostragem das pesquisas estava perfeita; e as contas, exatas. O garoto tinha razão. Nenhum pesquisador de campo do Departamento de Agricultura teria feito melhor. O preço da soja iria subir. Bruce Clarence sentia-se aliviado por saber disso antes da reunião com os produtores e, principalmente, antes de iniciar as conversações com os atacadistas de Chicago.

O que o deixava desconfortável era o fato de o menino querer uma participação nos negócios. Isso não era normal. Não em um rapaz daquela idade, de quem se espera que ajude o pai a troco de nada, apenas para aprender. Mas respeitava a pretensão do garoto. Iria expô-la aos produtores, embora não se sentisse à vontade para isso. Em todo caso, Julius pleiteava para si 5% sobre o que passasse de 3 dólares e 50 centavos. E esse preço nunca havia sido alcançado. Nem nas duas grandes guerras, nem na grande seca dos anos 1930.

A reunião começou, como sempre, em ambiente de alegria e algazarra. Aos poucos, todos se acomodaram. Alguns sentados sobre sacos de milho e de soja; outros encostados nas paredes. Eram mais de 50. Um a um, falaram das condições de cada plantação, da altura dos pés de soja, do tamanho das vagens. À medida que faziam suas exposições, percebeu-se que as coisas não iam bem. As plantações não se desenvolviam a contento. Mas nada de assustar. As chuvas ocorreriam a qualquer momento. O importante era chover em agosto, quando a soja precisa de muita água. E encontravam-se ainda no início de julho.

Depois que todos falaram, Bruce pediu a palavra.

— Meus amigos, como sempre, tenho o maior prazer em ver todos aqui. A gente se vê o ano inteiro, mas é raro reunir todo mundo. Tenho um assunto importante desta vez.

A plateia silenciou, interessada.

— Como sabem — continuou Bruce —, todos os anos eu negocio, com os compradores de Chicago, a soja produzida por vocês. Tenho minha participação no negócio e, até agora, ninguém reclamou de nosso sistema. Meu garoto, o Julius, todo mundo aqui conhece o Julius, me ajuda nas contas.

As cabeças viraram-se para o rapaz, de pé, ao fundo. Alguns sorriram simpaticamente para ele. O pai prosseguiu.

— Nos últimos anos temos conseguido vender nossa soja melhor que a maioria

dos fazendeiros. — Houve um murmúrio de concordância. — Devemos isso ao Julius. Ele analisa as lavouras em toda a região. Acompanha os preços da Bolsa de Chicago e tem boa intuição para descobrir a melhor hora de vender. Por isso, graças ao bom Deus, e à ajuda do garoto, tenho conseguido fazer negócios melhores a cada ano.

— Desembucha logo — gritou Liam Connor, cuja maior virtude não era a paciência.

— Calma, Liam, o assunto é importante, deixem eu explicar melhor. Tenham um pouco de paciência. Cada um de vocês já mostrou como está indo a lavoura. Já deu para ver que as coisas não estão bem. Outros fazendeiros também estão com problemas. E não é só no Leste de Iowa. Julius checou isso. Mas é melhor ele mesmo explicar.

Todos se voltaram novamente para Julius Clarence. Este, com desenvoltura incomum para um rapaz de sua idade, foi para a frente e sentou-se sobre o balcão ao qual o pai se encostava. Ficou, assim, em um nível superior aos demais. Como seria de seu feitio por toda a vida, foi direto ao assunto.

— Senhores, o tempo não está ajudando, não está bom para a soja. Deu para notar isso quando cada um falou de sua lavoura. Do outro lado do rio está tudo igual, em Illinois, Wisconsin e Indiana. Do lado de cá, a situação é a mesma. Em todo o estado de Iowa, em Minnesota e no Missouri. Mesmo as lavouras de trigo, lá no Oeste, no Kansas e em Nebrasca, estão indo mal, o trigo não se desenvolve.

— Como sabe tudo isso? — perguntou Ian Walby, a voz desconfiada.

— Aqui no Leste de Iowa e no Oeste de Illinois, do outro lado do rio, fui ver as coisas pessoalmente. Dos outros lugares, ouvi as notícias no rádio. Telefono todos os dias para o Departamento de Agricultura. Eles estão preocupados com as plantações, mas contam com as chuvas. Mas, em minha opinião, vai chover muito pouco no restante do verão. Talvez não chova quase nada mesmo.

Um alvoroço seguiu-se à última afirmação de Julius Clarence. Todos falavam ao mesmo tempo. O pai elevou-se para o mesmo nível do filho e golpeou o balcão com força, com as mãos espalmadas. Fez-se silêncio novamente. Bruce pediu:

— Deixem ele terminar, por favor!

Então, Julius apresentou seus estudos. Mostrou a evolução das plantações de soja em todo o Meio-Oeste. Fez uma analogia com outros anos, quando um padrão muito chuvoso na primavera foi seguido por um verão quente e seco. O fenômeno ocorria mais uma vez.

Quando terminou de falar, virou-se para o pai, devolvendo-lhe a palavra. Desceu do balcão e voltou lá para trás, onde estava inicialmente. Bruce reassumiu.

— Se continuam confiando em mim, como sempre fizeram, não devem vender nada agora. Todos os anos, nesta época, eu negocio a soja de vocês para entrega

futura, para evitar vender na época da colheita, quando todo mundo entra vendendo. Este ano, acho melhor fazer de outro jeito. Deixar tudo para o fim do outono, quando os preços vão subir, como disse o meu rapaz, o Julius. Acho que a quebra da safra vai ser grande, mas será compensada por preços melhores. Isto é, se a gente tiver paciência e sangue-frio para esperar.

A audiência estava pensativa, temerosa. A maioria acreditando. Já há muitos anos, Bruce Clarence negociava por eles. O comerciante passou, então, a falar do assunto que o constrangia.

— Como vocês sabem, todos os anos, eu, em troca da comercialização da soja, cobro uma comissão de 1% sobre o preço bruto de venda. Com isso, cubro minhas despesas e ainda fico com um pequeno lucro, do qual nada tenho para me queixar. Este ano, em troca de seus estudos e de seu trabalho, Julius quer para ele uma comissão de 5% sobre o que ultrapassar 3 dólares e 50 centavos por *bushel*.

Bruce, mal terminou a frase, foi atropelado pelos protestos. Todos falavam, indignados, ao mesmo tempo. Alguns dirigiam-se ao pai. Outros, ao filho, impassível, ao fundo.

Desta vez, Bruce ficou de pé sobre o balcão, o corpo paralelo a um ancinho pendente do teto. Bateu com os pés na madeira. Mais uma vez fez-se silêncio. O comerciante berrou:

— Ninguém precisa aceitar nada. Se não gostaram da proposta, tudo bem. Farei os negócios, como sempre faço, cobrando a comissão habitual; não vou ficar aborrecido e não se fala mais nisso. Mas eu tinha a obrigação de apresentar a proposta do menino, já que ele trabalhou tanto. Para facilitar as coisas, enquanto discutem se aceitam ou não, vou sair do armazém por meia hora. Julius vai comigo. Quando voltar, quero saber a decisão de vocês.

Depois que pai e filho se retiraram, a discussão extremou-se. Os Clarences estavam sendo gananciosos, diziam uns. Explorando uma situação de desgraça. Para outros, pior seria se o menino mostrasse seus estudos aos demais produtores e todos deixassem para vender a soja no outono.

Prevaleceu a sabedoria do velho Roger O'Neill. Sua lógica extinguiu todas as dúvidas.

— Ele está pedindo 5% apenas sobre o que passar de 3 dólares e 50 centavos — argumentou O'Neill. — Ora, todos sabemos, mesmo nas piores safras, a soja nunca chegou tão alto. Provavelmente, não vai chegar agora. E se chegar? Vamos receber 95% do que ultrapassar 3,50. Acho justa a proposta. Se o garoto ficar rico com ela, embora mal tenha saído das fraldas, ninguém vai poder se queixar de nada. Alguém vá lá fora chamá-los. Vamos acabar logo com isso. Precisaremos de muito trabalho no campo para evitar o pior.

Capítulo 11

Poucas pessoas, além de Julius Clarence e de alguns espertos especuladores da Bolsa de Chicago, conseguiram prever a seca daquele ano. No quadrilátero entre os Grandes Lagos, ao norte, os montes Apalaches, a leste, os campos de Oklahoma, ao sul, e as montanhas Rochosas, a oeste, foram registrados os menores índices pluviométricos desde que os índices começaram a ser medidos.

Nos normalmente férteis campos de Iowa, Illinois, Indiana e Missouri, as plantações simplesmente não se desenvolviam. Os fazendeiros olhavam desolados para as vagens secas e esturricadas, procurando ao longe, no horizonte, alguma nuvem anunciando a chuva. Mas esta não chegava. Devido à primavera chuvosa, as raízes das plantas haviam se aprofundado pouco no solo. Não conseguiam, agora, absorver o pouco de umidade existente embaixo da terra.

Se não havia chuva, pior era o calor. Temperaturas só atingidas no Dust Bowl em 1934 eram registradas todos os dias. As nuvens de pó escondiam a paisagem desolada. A água foi racionada em Minneapolis, Saint Paul, Omaha, Kansas City e Saint Louis. As pessoas ficavam em casa, deitadas junto ao ventilador, sem ânimo para o trabalho. Em Chicago, à noite, a população levava suas cadeiras para as ruas, tentando refrescar-se com a brisa vinda do lago Michigan.

Os fazendeiros sofreram sérios prejuízos. Em muitos lugares, já se previa uma produtividade abaixo de 50% da normal. Alguns já tinham vendido sua soja para entrega futura pelos baixos preços da primavera. Não teriam agora produção suficiente para entrega. Os bancos já acionavam seus advogados para tomar as terras daqueles a quem haviam financiado tratores, sementes e fertilizantes. A situação era de desespero. Muita gente iria quebrar. Terras há muitas gerações com uma mesma família iriam mudar de mãos.

Os irlandeses da região de Davenport também sofreram. Ali, a seca era inclemente. Felizmente, o preço da soja subia. Como nunca subira antes. Mesmo obtendo apenas a metade da produção normal, poderiam evitar os prejuízos, se os Clarences acertassem a época de vender. Os preços quase dobravam na bolsa. Os que tinham algum dinheiro guardado, depois da venda da safra, poderiam comprar novas terras. Os bancos ofereceriam fazendas barato, com certeza.

Capítulo 12

Nunca se vira nada igual na Bolsa de Mercadorias de Chicago. Lá, ao contrário do campo, a euforia era total. Todos especulavam com a soja. Há muitos anos, os corretores e operadores não ganhavam tanto dinheiro.

Os preços começaram a subir pouco depois do feriado da Independência. O plantio atrasara por causa das fortes chuvas da primavera. No início do verão, as chuvas terminaram, mas a safra se desenvolveu lentamente, pois o tempo ficou quente e seco. O *bushel* de soja, no início de julho em 3 dólares, subira agora para 3,20. No fim do mês, os preços dispararam. Em apenas uma semana, a soja subiu para 3,40. Na primeira semana de agosto, para 3,50. Depois disso, uma ameaça de chuva, e os preços voltaram para 3,30.

No fim de agosto e início de setembro, o mercado foi tomado por uma onda especulativa sem igual. Todo mundo comprava soja a futuro. Até os mensageiros do pregão de Chicago apostavam suas economias no mercado. Da Costa Leste, o pessoal de Nova York, geralmente mais ligado ao mercado de ações de Wall Street, começou a jogar na Bolsa de Chicago. Os boletins de meteorologia eram lidos avidamente pelos especuladores. Boatos davam conta de que iria faltar soja no fim da temporada e que os Estados Unidos, acreditem, seriam forçados a importar o produto da América do Sul e, até mesmo, da Europa. A cotação chegou a 3,80, preço nunca imaginado.

Os irlandeses, clientes de Bruce, acompanhavam, ansiosos. Sabiam que os Clarences ainda não tinham negociado a produção. Quando o mercado caiu de 3,50 para 3,30, esqueceram-se de que só não tinham vendido tudo em julho devido ao garoto Julius. Criticaram-no por ser tão ambicioso. Quando voltou a subir, desistiram de opinar. Passaram, simplesmente, a confiar na decisão dos Clarences.

Só quando a marca inédita de 4 dólares e 10 centavos foi atingida, Julius disse ao pai para vender. Nesse dia, depois do fechamento do pregão, o Departamento de Agricultura informaria a área plantada, a produtividade por acre e o total previsto para a safra. Apresentaria também as estatísticas do consumo. Julius preferiu não correr o risco decorrente do relatório do governo.

As piores expectativas se confirmaram. A quebra da safra seria a maior de todos os tempos. Quase metade fora perdida. Mas o consumo caíra muito. Os criadores de gado, porcos e galinhas vinham abatendo seus animais devido ao preço da ração, constituída basicamente de farelo de soja.

No dia seguinte, o preço chegou a 4 dólares e 23 centavos, parou lá em cima

por alguns instantes... e desabou. Ninguém mais queria comprar. Afobadamente, todos tentavam vender ao mesmo tempo. Em questão de horas, fortunas foram perdidas na bolsa.

Alguns fazendeiros, já tendo sofrido sérios prejuízos no início da alta — quando venderam antecipadamente sua produção —, perdiam agora o resto de suas economias, jogado na especulação.

Como em todas as grandes altas de mercado da história, o final foi rápido, cruel e violento. A soja, tal como um campeão que sofrera o primeiro nocaute, agora apanhava de todo mundo.

A colheita dos irlandeses do Leste de Iowa fora vendida no pico, por Bruce e seu filho.

Terminou por ser uma boa temporada para os clientes do armazém, apesar da seca. Perderam quase metade da produção, mas venderam o resto pelo dobro do preço normal. Poderiam comprar mais terras e muitas sementes para o ano seguinte. Seria preciso plantar novamente na primavera. O solo das terras banhadas pelo Mississippi é generoso. No ano seguinte poder-se-ia produzir muita soja.

Bruce Clarence vendera 400 mil *bushels* de soja ao preço médio de 4 dólares e 10 centavos. Como Julius tinha direito a 5% do que passasse de 3,50, pagou ao menino 12 mil dólares. Tirou para as despesas, e para si, 17.400 dólares, referentes a 1% sobre o total da venda. Entregou o saldo aos fazendeiros. Havia sido uma boa temporada para todo o grupo.

Julius depositou seu cheque no banco e foi dar uma volta pela Rua Harrison. Era um fim de tarde de outono. Um vento frio, primeiro sinal da chegada do inverno, soprava do Mississippi. Alguns apontavam e cumprimentavam o garoto.

Mas ele, definitivamente, não estava satisfeito. Enquanto caminhava, pensava no quanto poderia ter ganho se tivesse vendido soja, a descoberto, antes da queda.

Capítulo 13

Aos 16 anos, em Davenport, Julius era considerado um adulto, porque trabalhava como um deles. Apesar disso, ainda frequentava o colégio, comparecia aos bailes e jogava futebol. Era o melhor *quarterback* juvenil da cidade. Isso lhe granjeava muito prestígio entre os alunos do colégio, principalmente entre as meninas.

Com parte do dinheiro ganho com a soja, Julius comprara um Ford Fairlane, branco, conversível. O carro não atrapalhava em nada seu relacionamento com as garotas.

E, no Fairlane, Clarence tivera sua primeira grande revelação sexual. Numa noite de sábado, dirigia pela Rua Brady, voltando para casa após um baile no colégio. Parou, obedecendo a um sinal vermelho. De outro carro, uma mulher pediu-lhe para acender seu cigarro.

Ao deslizar para o lado direito do banco, isqueiro à mão, Julius viu, ao volante do carro ao lado, Vera Simmons, a atraente mulher do xerife. Vera pediu-lhe que a seguisse até o estacionamento do supermercado, pois precisava de ajuda.

Meia hora mais tarde, Clarence estacionava seu Ford em Sunset Park, Rock Island, do outro lado do rio, em Illinois. A capota, prudentemente levantada, ocultava Vera e Julius e toda a atividade sexual que transcorria dentro dos limites acanhados do carro.

Agradavelmente surpreendido, Julius deixava-se levar. A língua e as mãos de Vera percorriam o corpo do rapaz, cujas experiências, até então, não haviam passado de encontros furtivos com garotas tão inexperientes e desajeitadas quanto ele.

As carícias dela, seus suspiros, as palavras que pronunciava eram exatamente iguais aos relatos lidos nas revistas que passavam de mão em mão entre a rapaziada. A boca de Vera continuava a lenta descida, iniciada nos lábios de Julius, passando pelo ombro e peito, até chegar ao sexo do jovem, a esta altura pronto a explodir.

Como podia ter dado tanta atenção ao futebol, à soja e ao armazém de cereais?

Mas o armazém estava lá e, na segunda-feira, Julius voltou ao trabalho. Quando viu de novo a mulher do xerife, esta mal balbuciou um cumprimento.

Com o tempo, Clarence começou a ouvir rumores. Vera atacava os rapazes da cidade. E, embora nada mais tivesse acontecido entre os dois, jamais se esqueceu da experiência. Mas nunca comentou o assunto com ninguém. Nem mesmo com seus maiores amigos. Nem com o velho Salomon Abramovitch.

O trabalho no armazém tornara-se sem graça para o jovem Clarence. Seu pai não se impressionara com o dinheiro ganho com a soja. Bruce gostava mesmo era do contato com os fazendeiros, das conversas de fim de tarde no armazém e das celebrações patrióticas e religiosas ligadas à velha Irlanda.

Bruce Clarence estava satisfeito com o que Deus lhe havia dado. Não sonhava com nada mais alto. Mas Julius tinha grandes coisas na cabeça. Por isso, o trabalho no armazém parecia-lhe pouco estimulante. Nem os estudos, nem o futebol, nem as garotas melhoravam seu ânimo. Foi quando conheceu o comprador de grãos, o judeu Salomon Abramovitch.

O velho Salomon tinha uma personalidade marcante. Seus 60 anos pareciam, no mínimo, 75. Sobrevivera a um dos trágicos campos onde os nazistas haviam dizimado os judeus. Prova disso era o número tatuado em seu braço, que fazia questão de não esconder.

Seu nariz alongado, suas grandes orelhas e seu queixo pontudo harmonizavam com o sorriso irônico e o olhar penetrante e inteligente. No contato pessoal, Abramovitch não transmitia a dor e o sofrimento pelos quais havia passado.

Após a guerra, Salomon conseguira um visto de imigração. Viera a Chicago trabalhar com o irmão, atacadista de cereais. Percorria o Cinturão do Milho, comprando grãos. Era bom nos negócios. Antes de os nazistas tomarem o poder, fora um dos maiores corretores da Bolsa de Berlim.

Julius veio a conhecê-lo no armazém do pai. Dos compradores de grãos com quem conversava, era o mais fácil de fazer negócios, mas, por outro lado, o que sempre conseguia comprar mais barato. Tinha uma maneira diferente de apresentar as coisas. Deixava a impressão de ter feito um favor, não um bom negócio para si.

Embora Julius não soubesse disso, era um dos poucos a conseguir arrancar alguma coisa de Salomon. Mesmo assim, porque o comprador gostava dele. O velho visitava mais o armazém da Avenida Utah do que realmente necessitava.

Certo dia, Abramovitch fechou um pequeno negócio, em conjunto com pai e filho. A negociação fora longa, o comprador gostava de conversar com eles. Após acertarem o preço e a data da entrega de 50 mil *bushels* de soja, Salomon sentou-se em um dos tamboretes junto ao balcão. Olhou, então, Julius no fundo dos olhos e, como se o pai não existisse e não estivesse ali presente, convidou:

— Julius Clarence, quero que venha trabalhar comigo. O salário é de 50 dólares por semana, mais 5% dos lucros. Já falei com meu irmão Moshe. Ele concordou, apesar de você ser um *goy*. Poderá continuar seus estudos. Não quero atrapalhá-lo nisso, mas preciso de seu talento.

Bruce, surpreso e indeciso, respondeu em lugar do filho:

— Não... ah, não acho muito certo o senhor levar o meu rapaz. Preciso dele em

meu comércio. Bem, mas, por outro lado, gosto da maneira como faz as coisas, na frente das pessoas, sem segredos. Além disso, bem, senhor Abramovitch, eu já estava achando o armazém pequeno demais para o Julius. Bem..., para ser franco, gostaria de manter o negócio deste tamanho. Portanto, se a mãe dele concordar e ele aceitar a oferta, não tenho nada contra. Existe um dia para as coisas acontecerem. Às vezes, acontecem muito cedo. São os desígnios do Senhor.

Até então Julius não pronunciara uma palavra. Esperou o pai terminar de falar e liquidou o assunto:

— Preciso de tempo para organizar as coisas no armazém e contratar um contador. Posso começar daqui a quatro semanas.

Rapidamente Julius aprendeu o serviço. Como analisar o mercado, a oferta, na conversa com os fazendeiros, e a demanda, com os compradores atacadistas.

Quando as aulas permitiam, acompanhava Salomon em suas viagens por Iowa, Minnesota, Wisconsin, Illinois, Missouri, Kansas e as Dakotas. Ora em seu Ford, ora no velho Buick de Salomon, percorriam as terras férteis banhadas pelos rios Mississippi e Missouri.

Dos imensos campos de trigo do Kansas, ao sul, até as margens dos Grandes Lagos, ao norte, visitavam as fazendas importantes, tomavam conhecimento das doenças das lavouras e registravam as mudanças climáticas. Sujavam as botas de neve no inverno e de lama na primavera, quando ocorria o degelo e tinha início o plantio. Acompanhavam a polinização no verão e o movimento do outono, quando as grandes máquinas faziam a colheita, trabalhando 24 horas por dia, à noite à luz de refletores.

O raio de ação de Salomon Abramovitch e seu ajudante Julius Clarence chegava até Manitoba, no Canadá.

No coração do velho judeu, Julius assumiu o lugar de seu filho, Ezra, a quem vira pela última vez em um vagão de gado, na estação de trem de Dachau, perto de Munique. Mais tarde, Abramovitch soube que Ezra trabalhara nas fábricas junto ao campo de Auschwitz, sendo, depois, morto nas câmaras de gás.

Salomon contou a Julius histórias da época em que era corretor da Bolsa de Valores de Berlim. Chegara a ter mais de 50 empregados. Falou ao jovem sobre a grande inflação alemã de 1923, quando um dólar chegou a valer 4 trilhões de marcos. Contou como tinha vendido suas ações antes do *crash* da Bolsa de Nova York, em 1929, que acabara derrubando também a Bolsa de Berlim. Mostrou como a Grande Depressão dos anos 30 afetara a Alemanha, jogando nas ruas milhões de desempregados e levando Adolf Hitler ao poder.

Capítulo 14

Durante cinco anos, Clarence trabalhou para Abramovitch e seu irmão Moshe. Ao longo desse tempo, a afinidade entre o garoto e o velho transformou-se em respeito e admiração mútuos.

Julius graduou-se no Colégio Palmer, mas não quis ir para a Universidade de Saint Ambrose, como almejavam os rapazes da região. A essa altura, o trabalho já lhe tomava todo o tempo.

Nessa época, morreu sua mãe. A notícia o surpreendeu longe de casa, quando viajava com Salomon. Seu pai sentiu profundamente o golpe. Perdeu a motivação pelos negócios e desinteressou-se pelo armazém. Terminou por vendê-lo. O dinheiro da venda cobriria suas necessidades pelo resto da vida.

Salomon sempre falava de sua vida em Dachau, durante a guerra. Como sobrevivera no campo, trabalhando no corte de cabelo e na separação dos pertences dos prisioneiros. Como conseguira manter seu emprego, bajulando os guardas. Como se submetera a todas as humilhações, para sobreviver.

Lentamente, Abramovitch foi incutindo em Julius a mentalidade de profissional de mercado. Ensinou-o a ter coragem e sangue-frio.

— Nenhum homem pode perder mais do que tem — dizia sempre. Para logo acrescentar: — Todo especulador deve, forçosamente, encarar a possibilidade de perder tudo e voltar a começar do zero.

Ressaltava sempre as vantagens do planejamento e da disciplina. Com sua voz cansada, encarava Clarence e dizia:

— O importante é entender os acontecimentos. Perceber as coisas antes dos outros. Analisar todas as possibilidades de negócio e o *timing* de cada uma delas. Tudo no mundo é questão de *timing*!

Ensinou a Julius como era importante para um operador colocar-se mentalmente no lugar do oponente, entender o ponto de vista contrário ao seu.

— Às vezes — dizia —, quando se está quase desistindo de uma posição, o outro lado também está. É preciso resistir mais que o adversário.

A década de 1950 chegara ao fim. Julius já era um homem quando perdeu o patrão e amigo. Salomon morreu subitamente, como sempre desejara. Seu irmão Moshe

entregou a Julius um envelope, contendo várias páginas manuscritas pelo velho judeu.

No texto, ele previa grandes mudanças no mundo nos anos 1960 e 1970. Era preciso antecipar-se a essas mudanças. Aconselhava Julius a comprar barras ou moedas de ouro, pois os Estados Unidos não iriam conseguir manter o preço do ouro estável, como vinham fazendo desde o fim da guerra.

Também aconselhava Julius a mudar-se para os grandes centros. Primeiro, Chicago; mais tarde, Nova York, onde as coisas importantes iriam acontecer.

No fim, Salomon fazia uma previsão de longo prazo. Em sua opinião, o grande negócio do mundo, dali a 10 ou 20 anos, seria o petróleo. Se o Ocidente continuasse a desperdiçá-lo, como o fazia, o preço subiria muito devido à ameaça de que pudesse vir a faltar.

Profissionalmente, Clarence nada mais tinha a fazer em Davenport. Arrumou suas coisas, despediu-se do pai e rumou para Chicago. Seguia a ordem natural das coisas, tal como lhe indicara Salomon.

O mundo transformava-se rapidamente. No Egito, Nasser dava início ao movimento nacionalista árabe. Em Cuba, um gigante barbudo implantava, pela primeira vez, um governo marxista nas Américas. No Alabama, os negros clamavam pela igualdade de direitos. Em Berlim, tropas russas e americanas se encaravam à distância de um tiro de revólver.

Foguetes russos e americanos exploravam o espaço. O avião U-2 foi abatido sobre a Rússia. Israel raptou em Buenos Aires o carrasco nazista Adolf Eichmann. A França perdia suas colônias do Norte da África. Kennedy vencia Nixon na corrida pela Casa Branca. Os Estados Unidos começavam a se endividar.

Salomon tinha razão. Teria muito a aprender sobre o mercado, mas, acima de tudo, precisaria entender os acontecimentos mundiais.

Capítulo 15

Com a mão direita, Julius puxou levemente o manche para trás e, quase imperceptivelmente, o avião começou a voar. Para decolar, o pequeno Piper Super Cub usou apenas um quinto da pista sul-norte do Aeroporto de Midway.

Quando cruzou a vertical da cabeceira, Clarence reduziu o ritmo de rotações do motor Continental, de 2.500 para 2.250 giros por minuto. Deu um quarto de volta para a frente na manivela do estabilizador e iniciou uma curva de 90 graus para a esquerda, conforme o procedimento do tráfego de subida do aeroporto.

A silhueta da cidade de Chicago começou a correr da esquerda para a direita, na linha do horizonte, na parte de baixo do para-brisa, como se o avião estivesse parado e a cidade girando à sua frente.

Tão logo completou a curva, Julius, ainda em ângulo de subida, iniciou outro giro, desta vez de 45 graus para a direita. Com esses dois procedimentos, o avião evitou o tráfego do Aeroporto O'Hare, onde pousavam os grandes jatos e demais aviões comerciais.

O Piper continuou subindo. Clarence reduziu o ritmo do motor para 2.100 giros. Passou a observar o tráfego aéreo a seu redor. À sua direita, na direção correspondente a duas horas no ponteiro de um relógio imaginário, um jato, provavelmente um 707, deixava uma esteira branca de condensação, contrastando com o azul da manhã de outono. Do lado esquerdo, bem abaixo, na direção de 9 horas, viu a inconfundível silhueta de tubarão de um Constellation, no procedimento final para a descida em O'Hare.

A 3 mil pés de altura, estabilizou o avião, reduziu o ritmo do motor para 2 mil rotações e, com uma pequena inclinação, para baixo, da asa esquerda, acompanhada de leve pressão no pedal esquerdo do leme de direção, tomou o rumo 225, em direção a sudoeste.

Fez seu último contato pelo rádio com o centro de controle de tráfego aéreo de Chicago, confirmando seu prefixo, sua procedência de Midway e seu primeiro destino, para reabastecimento, Fort Madison, no estado de Iowa. Estimou a chegada em Fort Madison para as 15h30, hora de Greenwich, hora zulu, na linguagem oficial dos aviadores. Informou também seu destino final: um aeroporto particular, 50 quilômetros ao norte de Topeka, no Kansas.

Verificou as horas: 7h15 da manhã. Lembrou-se da diferença de fusos horários entre Chicago e Fort Madison e atrasou os ponteiros em uma hora. Olhou para a terra, lá embaixo. O Piper sobrevoava o xadrez das plantações do Meio-Oeste.

As planícies verdes iam até onde a vista podia alcançar. Os últimos subúrbios de Chicago ficaram para trás.

Clarence estava satisfeito. Já se encontrava em Chicago há quase dois anos e os negócios iam bem. Os acontecimentos sucediam-se mais depressa do que poderia ter imaginado. Com apenas 23 anos, era o *scalper* mais novo da Chicago Board of Trade, a maior bolsa de mercadorias do mundo.

Havia também a aviação. No inverno de 1961 para 1962, fizera um curso de pilotagem. Tirou seu brevê e, por 4 mil dólares, comprou o Super Cub. Voava quase todos os fins de semana.

Pilotar não era apenas uma diversão. Era uma terapia para as tensões do mercado e uma oportunidade para ver as lavouras dos produtos que negociava na bolsa. Isso o diferenciava dos outros operadores e *scalpers*. Estava sempre em contato com os fazendeiros, como quando trabalhava com Salomon.

Logo ao chegar a Chicago, Julius trabalhara como mensageiro — *runner*, como se chamava — de pregão para a Morning, uma das mais tradicionais empresas corretoras de grãos.

O trabalho de um *runner* era simples e cansativo. Cada corretora tinha uma cabine telefônica no grande recinto de negociações da bolsa. Nessa cabine, um operador mantinha-se em permanente contato com a sede da empresa e com os clientes. Ao receber uma ordem, repassava-a, verbalmente, ao *runner*. A este competia retransmiti-la, o mais rapidamente possível, ao operador de pregão, no local de negócios, conhecido como *pit*.

Não era preciso muito para se tornar um bom *runner*. Apenas ser rápido e não se esquecer da ordem no meio do caminho.

Mas Clarence não se mudara para Chicago para ficar correndo de lá para cá no saguão da bolsa. Desenvolveu logo um sistema pelo qual, do meio do caminho entre a cabine telefônica e o *pit*, ele, por mímica, passava as ordens aos operadores de pregão. À semelhança deles, passou a colocar a mão direita espalmada para a frente, quando se tratava de venda, e para trás, no caso de compra. Uma série de posições com os dedos significava o preço. Com a mão esquerda, assinalava a quantidade e o mês de vencimento do negócio futuro.

No princípio houve alguma confusão, mas a velocidade aumentou bastante. Clientes com ordens simultâneas à Morning e a outras corretoras passaram a receber da empresa de Clarence as confirmações de suas operações, conhecidas como *fills*, antes dos concorrentes.

Com o tempo, todos os *runners* passaram a fazer a mesma coisa, mas Julius

ficou com o mérito de haver inventado o sistema. Isso o ajudou muito em sua rápida promoção.

No verão de 1962, aos 22 anos, Clarence foi promovido a operador. A Morning, cujo lema era “O Cliente em Primeiro Lugar”, jamais arriscava seu próprio capital. Seus corretores e operadores não podiam operar por conta própria. Ganhavam parte da comissão cobrada dos investidores e especuladores.

Os operadores de pregão recebiam um fixo de 50 centavos por lote negociado. Uma compra ou venda de 10 lotes de soja, milho ou trigo rendia ao operador, independentemente do preço, 5 dólares. Se negociasse 100 lotes por dia, poderia ganhar mil dólares por mês. Por isso, o emprego era cobiçado.

Clarence foi designado para o *pit* de trigo.

Julius trocou, do tanque da asa esquerda para o da direita, a alimentação de gasolina. Deu uma checada minuciosa nos instrumentos do painel de controle.

Estava louco por um cigarro. Mas, para isso, precisava retirar o vapor de gasolina porventura acumulado no interior do avião. Abriu por alguns segundos as janelas dos dois lados. Um vento cortante e gelado invadiu a cabine.

Segundo o manual do fabricante, era proibido fumar no interior do Super Cub. Mas Julius sabia que o perigo não residia em fumar, mas em acender o cigarro. Por isso, depois que renovou o ar, acendeu um, rapidamente. Fechou as janelas, sorveu uma grande tragada e soltou a fumaça lentamente. Uma névoa azulada invadiu o avião. Como a maioria dos fumantes, Clarence, quando tragava, tinha a sensação de aspirar oxigênio puro.

Depois de voar por duas horas e meia, Julius cruzou o Mississippi e pousou em Fort Madison. Eram 8h30 da manhã, hora local. Após 15 minutos de parada para reabastecimento, decolou para o Kansas.

Do ar, Julius observou o grande rio, logo abaixo. Como conhecia a região! À sua esquerda, e na cauda, Illinois ficava para trás. Do lado direito, Iowa, sua terra natal. À frente, as planícies verdes do Missouri.

Na vertical de Chillicothe, chamou o centro de controle de tráfego aéreo de Kansas City. Estimou cruzar o rio Missouri, no través norte daquela cidade, às 18h25 zulu, 11h25 local. O controlador de tráfego liberou o Piper para voo visual até 50 quilômetros ao norte de Topeka. Desejou boa viagem.

Enquanto olhava os campos imensos lá embaixo, Julius voltou a pensar no trabalho.

No início do ano, com o resto do dinheiro trazido de Davenport, mais 10 mil dólares ganhos como operador, comprara um assento da bolsa, com licença para operar no pregão de trigo. Pediu demissão da Morning e tornou-se um *scalper*.

Os *scalpers*, também conhecidos como locais, não tinham clientes. Operavam por conta própria. Não pagavam corretagem porque possuíam o assento da bolsa. Por isso, qualquer quarto de centavo por *bushel* ganho em uma operação representava lucro.

Julius ganhava muito dinheiro. Negociava contratos futuros de trigo para si mesmo. Embolsava todo o lucro, mas, por outro lado, também arcava com os prejuízos. Felizmente, estes eram raros.

Em seu trabalho no *pit* de trigo, Clarence observava o tempo todo os operadores das grandes corretoras. Aprendeu a desvendar suas intenções.

Um deles vendia trigo para uma cooperativa de produtores. Quando esse operador tinha de vender uma grande quantidade, escrevia a ordem em um papel. Antes de vender o último lote, amassava-o e jogava-o no chão. Era o sinal esperado por Julius. Entrava comprando a mercado. Cessado o efeito da ordem da cooperativa, o preço subia. Clarence, então, vendia o lote que comprara.

Alguns locais se descontrolavam quando perdiam dinheiro. Era fácil para Julius perceber quando iriam desfazer-se de suas posições. Já a fisionomia de Clarence nunca se modificava, estivesse perdendo ou ganhando. Chamavam-no de "o homem de gelo".

Com a barba ruiva, que deixara crescer quando ainda morava em Davenport, Clarence destacava-se no pregão.

Mas o que realmente o diferenciava de todos os outros era a coragem. Corria grandes riscos em suas operações. Nunca se esquecera do velho Abramovitch. Quase podia vê-lo, em uma tarde quente de verão, enquanto cruzavam as estradas do Cinturão do Milho. Chegava a ouvir sua voz:

— O verdadeiro especulador tem coragem de arriscar tudo. De voltar a começar do zero.

Como a maioria dos *scalpers*, Julius segurava por pouco tempo uma posição. Mas, desta vez, agia de modo diferente. Acumulava um grande lote de trigo futuro para dezembro, piramidando para cima, isto é, usava o lucro da operação para comprar cada vez mais. O *bushel* de trigo subira de 1 dólar e 90 centavos para 2 e 10, mas ele acreditava que iria subir ainda mais.

Não pretendia ser *scalper* para o resto da vida, comprar uma casa de campo depois de 10 anos, constituir lentamente um pecúlio para a aposentadoria e, talvez, no fim da vida, fazer um cruzeiro de navio ao redor do mundo. Não. Queria passar logo para a próxima etapa.

Por isso, comprava tanto trigo. Já colocara como margem de garantia da operação todo seu dinheiro. Se fosse necessário, faria um empréstimo bancário, dando em garantia seu apartamento, o assento da bolsa e até mesmo o Super Cub.

Havia outra razão para comprar tanto trigo. Estivera observando o operador

da Landmark, uma grande *trading*. O homem vinha comprando grandes lotes de trigo para dezembro. Aparentando muita confiança.

Por esse motivo, Julius se encontrava a caminho do Kansas. Passaria o fim de semana na fazenda de um antigo cliente da época em que trabalhava com Salomon. Ninguém conhecia trigo como Abe Cameron. Julius queria conversar com ele sobre o estado dos trigais e dar uma olhada nas plantações.

Observando o rio Kansas à sua esquerda, Clarence iniciou uma curva de pequena inclinação, picou ligeiramente o estabilizador e abaixou o nariz. Reduziu o giro do motor para 500 rotações. Procedeu à descida, para o pequeno campo de pouso da fazenda.

Voando paralelamente à pista, passou por cima da casa, dando rajadas com o motor e agitando as asas para anunciar a chegada. Fez uma curva de 90 graus para a esquerda e iniciou a perna-base. Puxou a alavanca dos *flaps*. Mais uma curva de 90 graus, também para a esquerda. A diminuta pista de grama surgiu a sua frente. Ultrapassou uma cerca, as rodas quase roçando os mourões. Puxou o manche para trás, suavemente. Sentiu o avião perder a sustentação.

O Piper se aninhou na pista, as três rodas tocando o chão ao mesmo tempo. A grama alta fê-lo parar rapidamente. Clarence voltou a empurrar a manete. Taxiou pela pista, ziguezagueando para poder enxergar a sua frente, pelos cantos inferiores do para-brisa. Parou, praticamente à porta da casa, ao lado do Grumman *monoplace*, modelo 1935, de Cameron, uma raridade que atraía aviadores de todo o Meio-Oeste.

Abe já o esperava, cercado de vários cachorros latindo para o avião. O fazendeiro chutou um deles, que fugiu ganindo. Clarence pulou do Super Cub e ficou entre os dois aviões.

— Cada vez que olho para esta coisa — Julius deu uns tapinhas no montante da asa do Grumman —, fico pensando como um sujeito pode ser tão louco a ponto de voar neste caixote.

Cameron gostou da provocação.

— Bem, Julius, ele não foi feito para qualquer um. Mas, posso lhe garantir, quando eu ficar velho e o braço não aguentar mais segurar um avião de verdade, vou comprar um teco-teco como o seu.

— Julius mal chegou e já estão vocês dois falando de aviões. — Rose Cameron desceu os degraus da entrada da casa, limpando as mãos no avental, e caminhou até eles.

— Aposto que ainda não almoçou, moço da cidade. Aposto também que só apareceu por aqui porque sabia que eu tinha assado um pernil de carneiro. — Ela estava visivelmente satisfeita em ver Clarence. Saudou-o com tamanha palmada no ombro que quase o fez perder o equilíbrio.

Subiram à casa. A senhora Cameron voltou à cozinha. Abe trouxe uma garrafa de bourbon. Os dois sentaram-se no alpendre. Começaram a conversar, enquanto aguardavam o almoço.

Clarence estava esfomeado, após o longo voo. Além disso, o pernil fazia jus à fama de Rose Cameron. Batatas assadas ao forno, salada e pão caseiro de milho completaram a refeição. Como sobremesa, torta de morango. Depois, café.

Após o almoço, os dois homens saíram em uma picape para ver a lavoura. Naquela época do ano, o trigo já estava alto, quase pronto para a colheita. Dali a algumas semanas, as máquinas iriam colher e ensacar a produção. Os pés estavam perfeitos: altura e coloração certas.

Abe ficou satisfeito com o olhar de aprovação de Clarence.

— Está tudo assim, Julius. E não é só aqui na fazenda. Em todo o estado do Kansas nunca se viu produtividade igual. O plantio começou tarde este ano, a safra atrasou, mas valeu a pena esperar. Até os russos ficaram impressionados.

— Você falou “russos”? O que os russos vieram fazer aqui? — Clarence ficou logo interessado.

— Bem, na verdade, eu não sabia que se tratava de russos. Mas o meu vizinho, Lantos, ele nasceu na Lituânia, um país tomado pela Rússia, ele percebeu logo. Os homens chegaram em uma camionete, pediram licença e examinaram o trigo. Depois, foram embora. Muito simpáticos. Engraçado, os comunistas também sabem ser agradáveis! Quando conversaram entre si, o Lantos percebeu logo. Não resisti e perguntei se estavam gostando do trigo. Eles elogiaram a plantação e, pelo jeito de examinar os grãos, as raízes e o solo, deu para ver que entendiam do negócio.

Clarence examinou vários campos e dormiu na fazenda. Na manhã de domingo, comeu o *brunch* feito por Rose, conversou mais um pouco e iniciou o regresso.

Enquanto voava, raciocinou sobre o que tinha visto e ouvido. Conforme observara, a colheita não iria ter problemas, apesar de atrasada. Por esse lado, seria improvável uma alta no preço. Mesmo assim, continuava a acreditar que havia alguma coisa, da qual não tinha conhecimento, que faria o trigo subir muito. Afinal, por que o operador da Landmark comprava tanto? E, agora, essa história dos russos. Havia algo por trás de tudo isso. Era pagar para ver.

Capítulo 16

O grande saguão da Chicago Board of Trade enchia-se de gente naquela segunda-feira de outubro. Operadores, auxiliares, fiscais, *runners*, todos juntavam-se em rodas, comentando os jogos da véspera. O campeonato de futebol estava equilibrado aquele ano. O principal assunto das conversas eram as grandes jogadas do domingo.

O recinto de negociações dividia-se em *pits*, círculos formados por degraus descendentes, deixando o centro da roda em nível inferior ao do piso principal do saguão. Em cada um desses degraus, negociava-se um mês futuro da mercadoria relativa àquele *pit*.

Se um operador quisesse comprar milho para dezembro, bastava dirigir-se ao *pit* de milho e descer até o degrau correspondente a esse mês. Qualquer operador estacionado naquele degrau, apregoando alguma quantidade por determinado preço, estaria automaticamente comprando ou vendendo milho para dezembro. Se quisesse negociar outro mês, março, por exemplo, era só descer ao degrau correspondente. Havia *pits* de soja, farelo de soja, óleo de soja, milho, trigo e aveia.

Os mercados abriam precisamente às 9h30 da manhã. Exatamente nessa hora, quando soava a campainha, todos pareciam enlouquecer. Aquelas mesmas pessoas, minutos antes comentando futebol, passavam a gritar e gesticular furiosamente umas com as outras. Não raro, chegavam à agressão física. Nenhum leigo, ali presente como visitante, compreendia como os operadores se faziam entender em meio a tais tumulto e gritaria. No entanto, comunicavam-se muito bem. Ali mesmo, naquele saguão, havia muitas décadas, negociava-se grande parte dos grãos produzidos no mundo.

Através dos operadores, fazendeiros vendiam sua produção, produtores de alimentos e rações animais compravam matérias-primas, especuladores ganhavam e perdiam fortunas.

Como *scalper*, Clarence negociava por conta própria. Naquela manhã de segunda-feira, com calma, logo após o toque da campainha, dirigiu-se ao *pit* de trigo. Passou a observar os negócios para dezembro. O tempo estivera bom no fim de semana no Kansas, em Montana e nas Dakotas. Nenhuma chuva, bom para a colheita. Os analistas já acreditavam em uma boa safra, apesar do atraso.

O mercado abriu em baixa: 2 dólares e 8 centavos por *bushel*, 2 centavos abaixo do fechamento da sexta-feira. Os locais já vendiam pesado, quando ordens grandes de venda chegaram ao *pit*. O mercado caiu mais. Estava agora a 2 dólares e 5 centavos.

Tranquilamente, sem alarde, com a história dos russos na cabeça, e observando o comportamento do operador da Landmark, Julius levantou a palma da mão e virou-a para si. Passou imediatamente a apregoar:

— Compro 20 mil a zero cinco e meio. — Referia-se a 20 mil *bushels* de trigo, um lote modesto.

Do outro lado da roda veio um berro:

— Fechado.

Clarence era agora o centro das atenções. Continuou gritando e gesticulando.

— Compro mais a zero cinco e meio. Pago zero cinco e 3/4. Dezembro, compro 50 mil a zero cinco e 3/4.

O profissional da Landmark observava tudo, calado. Depois de algum tempo foi até sua cabine telefônica e conversou por alguns minutos. Voltou à roda. Disse logo a que veio.

— Pago zero seis. Compro 100 mil a zero seis.

Agora, todos gritavam ao mesmo tempo. Julius puxou o mercado para zero seis e 1/4. Outros operadores começaram a comprar. Lotes grandes. Os locais rapidamente cobriram suas posições vendidas.

O mercado subiu para zero sete; depois, zero oito. Antes do meio da sessão, o trigo já estava em alta. Todos comprando, uns seguindo os outros, sem ninguém saber por quê, como sempre acontecia. Mas Julius sabia que o homem da Landmark tinha uma carta escondida na manga. Podia sentir isso. Alguma coisa a ver com aqueles russos.

Naquela segunda-feira, o Trigo Dezembro fechou em 2,15 por *bushel*. Se, no fechamento, Clarence vendesse toda a sua posição — como era de seu feitio —, ganharia um bom dinheiro. Mas ele farejava uma grande alta e resolvera apostar pesado. Precisaria recorrer ao banco, pois não tinha capital suficiente para garantir sua posição. Entrara no jogo sem uma estratégia preestabelecida. Agora, iria até o fim.

Depois do fechamento, o Departamento de Agricultura anunciou que o inverno soviético começara muito cedo. Geadas prematuras haviam sido registradas em várias regiões da Ucrânia. Anunciou também a chegada de uma missão comercial soviética a Washington para negociar a compra de trigo.

Ao contrário do que se poderia esperar, o mercado caiu na terça-feira. O Trigo Dezembro fechou em 2,12. Na opinião dos analistas, o presidente Kennedy nunca iria autorizar a venda de trigo aos soviéticos. O relacionamento entre as duas potências estava péssimo, por causa da crise dos mísseis de Cuba.

Para evitar uma queda maior, a Landmark comprou muito. Clarence também. Todos venderam para eles.

Apesar da baixa, Julius foi para casa confiante. Acreditava que o presidente autorizaria o negócio com os russos e até mesmo financiaria a compra. Conforme aprendera com Salomon, tentava colocar-se no lugar de Kennedy.

Na posição do presidente, não via outra coisa a não ser o interesse em melhorar o relacionamento entre os dois países. No episódio dos mísseis, os Estados Unidos tinham levado vantagem. Certamente, Kennedy não teria interesse em agravar a crise. E, mais, Julius acreditava que Kennedy já se posicionara a respeito da venda, e a Landmark sabia disso. Eles nunca apostavam na sorte. Só iam na certa.

Na quarta e quinta-feira, o mercado voltou a subir. Kennedy concedera uma audiência ao embaixador soviético.

Após o encontro, o presidente anunciou um pronunciamento sobre o assunto na noite de quinta. Nesse dia, o Trigo Dezembro fechou em 2,28. Todos comprando.

Julius jantou bem naquele dia. Foi cedo para casa e ligou a televisão. O presidente falaria à nação sobre política externa e informaria sua decisão sobre a venda de trigo aos russos.

Para Clarence, era a hora da verdade. Durante todo aquele episódio, agira única e exclusivamente por intuição. Se Kennedy autorizasse a venda de trigo, seria um homem rico. Caso contrário, perderia tudo. O dinheiro, o apartamento, o assento da bolsa e até o Super Cub. Começaria do zero novamente. Agora com o estigma de perdedor, o que tornaria as coisas mais difíceis.

Kennedy gostava de falar pela televisão. Nunca os americanos haviam tido um presidente com tanto poder de comunicação. Ele sabia tirar proveito disso. Naquela noite, estava impecável. Começou sua fala explicando a crise dos mísseis.

"A América nunca poderia permitir a instalação de armas ofensivas, de poder tão destruidor, a poucos quilômetros de sua costa", ponderou. Mas não desejava confrontos. Prova disso, assinava, naquele exato momento, um acordo comercial com a União Soviética. Os Estados Unidos lhe venderiam 150 milhões de *bushels* de trigo a serem pagos em 20 anos. Estendia a mão como sinal de boa vontade. Esperava um convívio pacífico entre os dois povos.

O mercado, a essa altura, já esperava a venda. Mas não 150 milhões de *bushels*. Muito menos o financiamento, garantindo a operação.

O trigo abriu no limite de alta na sexta-feira. Desde a campainha, havia compradores de Trigo Dezembro por 2,43. Julius vendeu sua posição. Estava satisfeito. Liquidou 156 lotes, de 5 mil *bushels* cada um, comprados em média por 2,13. Embolsou um lucro de 234 mil dólares. Pagaria sua dívida ao banco e ainda sobrariam quase 200 mil.

Por coincidência, saiu do pregão junto de Terry Castle, o operador da Landmark, que estivera por todo o tempo do mesmo lado no campo de batalha. Ao se despedirem, Castle deu-lhe dois tapinhas na face. Sussurrou:

— Não sei se você sabe, mas as coisas lá na empresa estavam muito paradas. Ninguém conseguia ganhar dinheiro. Resolvemos, então, seguir seus passos no *pit*. Querido Clarence, aposto todo o meu lucro que você, desde o início, conhecia esse negócio do Kennedy com os russos. Meu chapa, você só joga na certa. Todo mundo sabe disso.

Julius sorriu para o colega, seu sorriso enigmático reforçando no outro a convicção de estar certo. Dirigiu-se ao estacionamento. Sabia quão imprudente havia sido em todo aquele episódio.

Um dia haveria de ter seu próprio setor de informações. Nunca mais se guiaria por palpites.

O mais novo rico do país, sim, ele agora era um homem rico, começava a enxergar muito além do cenário ocre de folhas secas do outono.

Capítulo 17

O entusiasmo de Clarence pelo mercado de grãos e pela profissão de *scalper* se extinguia. O horizonte, visto de dentro da bolsa, era extremamente limitado. Existiam outros mercados, outros negócios. Julius ansiava por eles. Não saíam de sua cabeça as previsões de alta para ouro e petróleo, feitas por Salomon Abramovitch.

Precisava participar dos acontecimentos, ir para Nova York, onde a verdadeira ação realmente acontecia.

Os eventos se sucediam. Os Estados Unidos envolviam-se no Sudeste Asiático. Primeiro, no Laos. Agora, no Vietnã. Intrometeram-se em uma briga que não lhes dizia respeito, entre os comunistas do Norte e uma dinastia corrupta do Sul. Botas americanas atolavam-se nos pântanos da península da Indochina.

Julius lembrava-se de Abramovitch:

— O importante é entender os acontecimentos do mundo.

Clarence se dava conta de que os Estados Unidos compravam o mundo com a emissão de dólares. Gastavam além de suas possibilidades. De grandes exportadores de petróleo, passaram a ser os maiores importadores.

Salomon tinha razão. Inevitavelmente, o ouro e o petróleo iriam subir.

O governo mantinha o ouro fixado em 35 dólares por onça. O barril de petróleo valia menos de 3 dólares. Seu baixo preço garantia o crescimento da América. Os países exportadores de petróleo organizavam-se para defender os preços, porém ninguém lhes prestava atenção. Mas as coisas iriam mudar. Julius tinha certeza disso. Precisaria apenas manter os olhos abertos.

Clarence possuía um apartamento, o assento da bolsa, o Super Cub e um Corvette conversível Tuxedo Black. Decidiu vender tudo. Juntou o produto da venda ao dinheiro ganho com o trigo e partiu em busca de horizontes mais amplos, assim como quando saíra de Davenport.

Sexta-feira, 22 de novembro de 1963.

A data ficou marcada para sempre na vida de Clarence. Naquele dia, o mesmo em que Kennedy foi assassinado em Dallas, mudou-se de Chicago e, o que iria mudar definitivamente seu destino, conheceu o árabe Abdul al-Kabar.

Julius soube do assassinato pelo rádio do táxi que o conduzia ao aeroporto. Numa reação instintiva, pensou logo no que estaria acontecendo com o mercado.

Quando chegou a O'Hare, viu-se em meio a gente assustada e aturdida. Na-

queles momentos dramáticos, ninguém sabia quem alvejara o presidente. Tanto podia ser um fato isolado como o início de um complô.

O aeroporto estava silencioso, as pessoas falando baixo. A maioria concentrada junto a alguns aparelhos de televisão. Todos meio perdidos, conversando com desconhecidos, como acontece nessas ocasiões.

Julius dirigiu-se ao balcão da companhia aérea para despachar sua bagagem e pegar o talão de embarque. Pagou o carregador e aguardou sua vez. A atendente estava de mau humor, talvez por causa da morte do presidente, talvez porque ela fosse assim mesmo. O objeto da grosseria da moça era o passageiro à frente de Clarence.

— Já lhe disse, senhor. O avião está lotado. Se não tem passagem, não poderá embarcar. Não posso perder meia hora atendendo cada passageiro.

— Mas, entenda, senhorita — retrucou o homem —, eu comprei uma passagem. Só que a esqueci no hotel. Estou disposto a comprar outra, não há problema quanto a isso. Quero apenas que mantenha meu lugar no avião, correspondente ao bilhete extraviado. Se tiver a bondade de consultar a lista de passageiros, encontrará meu nome. — O passageiro era um homem de cor bronzeada, elegantemente vestido, certamente um estrangeiro, apesar do inglês irrepreensível.

Ainda atônito com o assassinato do presidente, Julius não estava interessado no diálogo da moça com o estrangeiro, a não ser pelo fato de que não seria atendido enquanto o problema do outro não fosse resolvido. E desejava resolver logo seus trâmites de embarque para poder, como todo mundo, acompanhar o noticiário do assassinato.

— Não adianta, senhor. Existe uma lista de espera. O senhor, mesmo comprando outra passagem, vai ter que ficar em último lugar. Além disso, senhor, não vendo passagens. Apenas despacho os passageiros. Terá que dirigir-se ao outro lado do saguão e comprar um novo bilhete no balcão de vendas. Depois, volte aqui para colocar seu nome na lista. Agora, se me dá licença, preciso atender o rapaz aí atrás.

Clarence assistira a tudo, calado. Finalmente, não resistiu a tamanho absurdo. Pediu licença ao estrangeiro e, dedo em riste para a moça, resolveu definitivamente a questão.

— Garota, verifique imediatamente a lista de passageiros. Veja se o nome deste senhor consta dela. Se constar, faça o favor de guardar o lugar dele. Caso contrário, vou reclamar com seu superior. Se o amigo aqui tem reserva, ele vai embarcar. Nem que seja no meu lugar. Tem mais, garota. Se eu não for hoje para Nova York por sua causa, vou escrever para sua companhia e contar como você atende os passageiros.

Surpresa com a intervenção inesperada, a atendente, de maneira relutante, terminou por aquiescer, não sem antes murmurar algo sobre os estrangeiros terem matado o presidente. Coisa que só ela sabia.

O passageiro mal teve tempo de agradecer a Julius. Este correu para junto de um grupo de pessoas à frente de um aparelho de televisão.

Mas, pouco depois, voltaram a encontrar-se, já dentro do avião, onde se sentaram lado a lado. O estrangeiro apresentou-se.

— Al-Kabar. Meu nome é Abdul al-Kabar. Lamento profundamente a morte do presidente Kennedy. Parecia-me um grande estadista. E, mais uma vez, agradeço sua interferência no aeroporto. Espero retribuir algum dia. Mas deixe-me entregar-lhe meu cartão.

Estendeu um cartão de visita. De um lado, várias coisas escritas em árabe. O verso era mais esclarecedor.

Abdul al-Kabar
Organização dos Países Exportadores de Petróleo — OPEP
Secretário do Comitê de Preços
Genebra — Suíça

— Sou árabe-saudita e moro em Genebra. Mas estou sempre em Nova York, onde minha organização tem um apartamento permanente no Waldorf Astoria. — Al--Kabar disse-o com naturalidade, sem sinal de exibicionismo.

— Então, poderemos pegar um táxi juntos. Também me hospedarei lá. Lamento não ter um cartão de visita, pois estou, como poderia dizer, bem, sem emprego no momento.

Se Al-Kabar estranhou um desempregado, praticamente um menino, se hospedar no Waldorf, não o deixou transparecer.

— Faço questão de retribuir a gentileza do aeroporto. Terei prazer em convidá-lo para jantar. Poderemos, então, saber um pouco mais um sobre o outro.

Capítulo 18

Em seus primeiros dias em Nova York, Julius esteve o tempo todo ocupado. Precisava adaptar-se rapidamente à cidade, conhecer pessoas e lugares. Estranhou a falta do mercado. Da tomada rápida de decisões, do ambiente, dos telefones. Sentia-se um parasita, apesar de acordar cedo e passar o dia todo visitando corretoras e bancos.

Era um péssimo momento para procurar emprego. Todos estavam traumatizados. A cidade parou para ver o enterro de Kennedy pela televisão. Depois, houve o assassinato de Lee Oswald. As pessoas sequer queriam falar de negócios.

Finalmente, passou. Lyndon Johnson conduzia a nova administração, e o mercado analisava os atos do novo presidente. Wall Street não era muito dada a sentimentalismos. Era preciso voltar aos negócios.

Duas semanas após a morte de Kennedy, Clarence encontrou o que procurava na seção de empregos do *New York Times* dominical.

Operadores de Ações
— Sociedade Corretora precisa de operadores —
Cartas para a redação deste jornal
Favor enviar currículo com referências

Quando Laura Goldman, vice-presidente de Recursos Humanos da Rodney, Drake & Co., colocou o anúncio no jornal, aguardara, como sempre, uma enxurrada de cartas de recém-graduados em Economia e Administração de Empresas, além de um monte de currículos de pessoas sem a menor qualificação.

Não esperava, de maneira alguma, a carta de um operador de futuros de Chicago, um *scalper* da CBOT, de pouco mais de 20 anos, 200 mil dólares de patrimônio, residente no Waldorf Astoria e com referências dos principais bancos do Meio-Oeste. Aquilo deixou-a extremamente curiosa.

Ao contrário do telegrama habitualmente enviado aos candidatos selecionados para a primeira entrevista, telefonou pessoalmente para ele.

— Senhor Clarence, aqui é Laura Goldman, da divisão de pessoal da Rodney, Drake. Nós publicamos o anúncio no *Times.* Creio que se enganou. Estamos precisando de operadores, não de um sócio — disse, irônica.

— Exatamente o que procuro, senhorita Goldman. Uma vaga de operador. Isto é, se não tiver nada contra os caipiras do Meio-Oeste.

— Certamente não, senhor Clarence. Poderia passar aqui amanhã? Digamos... às 10h. — Laura queria saber por que alguém como ele se interessara pelo emprego.

No dia seguinte, pontualmente às 10h, Julius encontrava-se na antessala de Laura Goldman, no 8º andar do número 210 da Rua Liberty, parte baixa de Manhattan. Foi atendido de maneira extremamente cordial pela senhorita Goldman.

— Olá, senhor Clarence. Tenho enorme prazer em conhecê-lo. Confesso que achei seu currículo e os dados pessoais contidos em sua carta muito superiores aos que costumamos receber. Por isso, tomei a precaução de verificá-los pessoalmente. Estou impressionada. Então, o senhor quer ser operador de ações da Rodney, Drake?

— Exatamente, senhorita Goldman. Chicago já não me interessava muito. Resolvi começar por baixo no mercado de ações. Tenho muito a aprender. Creio ser esta a melhor maneira.

Aproveitando a deixa, Laura foi direto a um assunto que a constrangia e que, talvez, fizesse Julius desinteressar-se pelo emprego.

— Foi bom o senhor falar em aprender, em treinamento. Temos uma regra aqui na empresa da qual, com sua experiência, poderá não gostar muito. Novos operadores devem passar, primeiro, por um período de treinamento de quatro semanas. Na próxima segunda-feira começaremos uma turma. Se ainda continua interessado, sua vaga está garantida, é óbvio.

— Negócio fechado, senhorita Goldman. — Julius não demonstrava nem entusiasmo, nem desinteresse. Aparentava a mesma fisionomia neutra que o faria ficar famoso não só na Rodney como em toda a Wall Street.

Laura ficou satisfeita com a conquista. Algo em seu interior dizia-lhe que o homem sentado a sua frente iria fazer uma grande carreira na empresa. Adiantou logo um tema normalmente desenvolvido na primeira aula, ministrada por ela mesma.

— Só mais uma coisa, Julius — não resistiu ao tratamento mais íntimo; afinal, ele era pouco mais que um garoto. — Não sei se sabe, mas nossa corretora é conhecida como "Selva de Wall Street". Sabe por quê?

E, sem dar-lhe tempo para responder, emendou:

— Aqui na Rodney quem gera muitas corretagens ganha dinheiro. Muito mesmo. Quem não apresenta bons resultados é logo dispensado. Corretagem é o nosso negócio.

Clarence iniciou o treinamento. O curso era centralizado na formação de "fazedores de corretagem". Os alunos aprendiam a maneira certa de agradar aos investidores e especuladores, incentivando-os a fazer mais e mais negócios e gerando correta-

gens e mais corretagens. Eram instruídos a falar dos assuntos pelos quais os clientes se interessavam, fossem corridas de cavalos, jogos de tênis, teatro ou pescaria.

Os instrutores revelavam os segredos da profissão de corretor.

— Alguns clientes, principalmente os mais velhos, irão querer conversar com vocês apenas para fugir à solidão. Uns irão ganhar dinheiro, muitos perderão, essas são as regras do jogo. É preciso saber como lidar com os perdedores. Terão que mostrar solidariedade, falar-lhes de maneira compungida, como se também estivessem perdendo.

Quando um aluno perguntava sobre o desempenho das empresas cujas ações eram negociadas na bolsa, os instrutores tinham a resposta na ponta da língua.

— Não precisam se preocupar com esses detalhes. Para isso — diziam — terão o departamento técnico da Rodney, Drake à disposição de vocês. Basta que saibam lidar com os clientes. O resto acontecerá naturalmente.

O sistema de remuneração era explicado minuciosamente.

— O salário fixo de vocês vai ser exatamente zero. Corretores não ganham salários. Ganham comissões. E tem mais. Sobre as primeiras corretagens geradas, a participação será pequena, apenas 10%. A Rodney precisa se reembolsar das despesas. Mas, se examinarem a tabela de comissões, junto ao material de vocês, terão uma grata surpresa. Quem gerar um número elevado de corretagens receberá 50% delas, além de outras vantagens distribuídas ao fim de cada ano para os melhores: automóveis, viagens à Europa e outros prêmios.

A própria Laura Goldman explicou o sistema de promoções:

— No começo todos serão *trainees.* — Olhou desajeitadamente para Clarence. — Depois, quando aumentarem seu volume de negócios, passarão a operadores, juniores, seniores, assessores técnicos, consultores de investimentos e, finalmente, vice-presidentes. — Omitiu o fato de a vice-presidência não significar muita coisa. Dos 300 funcionários da casa, mais de 50 eram vice-presidentes, inclusive ela, Laura.

Depois de quatro semanas, das mais instrutivas de sua vida — não por ter aprendido muita coisa sobre o mercado de ações, mas por ter aprendido como as corretoras de Wall Street funcionavam —, Clarence transformou-se em um operador de ações.

Designaram-lhe um lugar na sala de operações, em frente a um painel com vários ramais telefônicos e um pequeno arquivo giratório para colocar as fichas dos clientes. Bastava telefonar para as pessoas cujos nomes eram fornecidos pela Rodney, conseguir ordens de compra e venda de ações, ligar para os operadores da New York Stock Exchange, da American Stock Exchange e da mesa de negociações do mercado de balcão, e fechar negócios.

Se operasse bastante, seria promovido várias vezes, até chegar a vice-presidente. Seria respeitado na comunidade, frequentaria almoços de negócios, iria aos melhores coquetéis. Possuiria sempre um carro do ano e vestiria ternos feitos nos melhores alfaiates. Gravatas e sapatos, só italianos. Moraria em um bom apartamento no East Side, perto do parque. Entraria para o sistema. Seria um membro do "clube".

Caso contrário, seria posto no olho da rua.

Capítulo 19

Na sala de operações da Rodney, Drake, os operadores sentavam-se lado a lado, diante de mesas compridas, todas voltadas para o mesmo lado, como em uma sala de aula.

Na parede em frente, ao alto, corria o *ticker tape*, a tradicional esteira luminosa de cotações, marca registrada da New York Stock Exchange. Do lado direito, em uma tela, apareciam as cotações das outras bolsas de ações e de mercadorias e do mercado de balcão. Do lado esquerdo, outro terminal transmitia as principais notícias econômicas e políticas, fornecidas pela United Press e pela Reuters.

Os operadores de ações eram as pessoas mais bem informadas do mundo. Sabiam das coisas no momento mesmo em que aconteciam.

A maioria dos iniciantes obtinha ordens pequenas de seus próprios parentes e conhecidos. De pouco serviam as listas de clientes em potencial, fornecidas pela Rodney. Eram compostas de nomes de antigos clientes, que há muito não faziam negócios com a empresa, ou de nomes retirados da lista telefônica. Só os muito hábeis, e os muito bem relacionados, conseguiam, de início, um número razoável de ordens.

Com Julius, as coisas se passaram de modo diferente. Desprezou as listas fornecidas pela empresa, depositou 200 mil dólares em sua própria conta e começou a operar. Todos os dias, realizando muitos negócios. Gerando muitas corretagens. Mas foi o dinheiro de Abdul al-Kabar que lhe permitiu pôr em prática seus planos mais ambiciosos.

Quando ainda fazia seu treinamento, Al-Kabar o levara para jantar. Fizeram-no no próprio Waldorf.

Abdul era uma pessoa fechada, introvertida, extremamente culta, que falava, além de árabe, inglês, francês, alemão e russo. Logo de início, entendeu-se com Julius. Acabou falando bastante.

— Custei a me decidir por uma carreira. Como meu interesse maior sempre foi o petróleo, estudei primeiro Geologia, na Universidade de Moscou. Mais tarde, optei pela face econômica do petróleo. Vim para Harvard, onde fiz Economia e obtive mestrado e doutorado. Infelizmente, a fase dos estudos acabou. Trabalho agora na OPEP. Não sei se já ouviu falar de nossa organização.

— Vejo às vezes nos jornais. Então, é por isso que você mora em Genebra?

— Exatamente. Mas vamos nos transferir para Viena. A Áustria irá dar à nossa organização status diplomático. Nossa finalidade é defender os preços do petróleo.

Clarence não pôde deixar de pensar em Salomon Abramovitch. Al-Kabar continuou falando de si mesmo.

— Minha família, meus pais ainda estão vivos e bem de saúde, moram em Riad. Mas temos interesses no Norte, no Golfo. Quanto às nossas origens, somos beduínos. — O árabe omitiu o fato de que sua família possuía uma grande fortuna. — Mas, e quanto ao amigo, mora em Chicago ou Nova York?

— Bem, encontro-me em fase de transição. Por isso, continuo sem cartão de visita. Mas não será por muito tempo. Sou de Davenport, estado de Iowa, às margens do Mississippi. Minha mãe já morreu, mas meu pai, ele é irlandês, continua lá. Trabalhei em Chicago, no mercado de grãos. Agora, decidi vir para Nova York, onde irei trabalhar com ações. Estou terminando um período de treinamento. Daqui a algumas semanas, estarei na mesa de operações da Rodney, Drake. Para falar com franqueza — Clarence sentia-se à vontade com Abdul —, vim para Nova York para ganhar dinheiro, muito dinheiro.

Algum tempo depois, quando se efetivou na Rodney, Julius enviou a Genebra seu cartão de visita. Recebeu em resposta uma carta de agradecimento e, para sua grata surpresa, uma solicitação: Al-Kabar gostaria de abrir uma conta com ele para operar no mercado de ações.

Clarence enviou as instruções para a remessa de dinheiro. Poderia incluir o árabe em sua carteira de clientes, onde já constavam vários ex-colegas da Bolsa de Chicago, todos interessados em especular em Wall Street. Qual não foi sua surpresa quando recebeu, duas semanas depois, para depósito na conta de ações de Abdul al-Kabar, 1 milhão de dólares. Telefonou imediatamente para Genebra.

— Abdul, acho melhor esclarecer bem as coisas. Não sei se isso ficou claro para você, mas tenciono operar no mercado de maneira especulativa, correndo riscos. Por isso, me sentirei mais confortável se você me confiar uma importância menor. Que tal 100 ou 200 mil? Sempre existe a possibilidade de perder tudo. Vou trabalhar com opções. Elas podem ser perigosas.

A resposta não poderia ser mais clara.

— Julius, remeti 1 milhão porque você, quando jantamos no Waldorf, disse ter em mente operações de alto risco. Quero entrar em Wall Street. Por causa de meu trabalho, tenho me descuidado do dinheiro da família. Além disso, meu amigo, sei que você está apenas começando no mercado de ações, mas não fica bem para os Al-Kabar fazer negócios muito pequenos.

Clarence rendeu-se aos argumentos com naturalidade, como se fosse usual.

Wall Street não era muito diferente de Chicago. Os princípios que regiam o mercado de ações eram os mesmos que Julius conhecia, a fundo, desde seu início no *pit* de trigo. Por isso, não se impressionou quando ganhou dinheiro rapidamente.

Ao contrário dos outros novatos, não precisava procurar novas contas. Sua carteira, com seu próprio dinheiro, mais o de Al-Kabar e dos clientes de Chicago, começara com 1 milhão e 400 mil dólares. Agora já passava de 1 milhão e 600 mil.

Enquanto os outros operadores perdiam tempo bajulando clientes, Julius observava exaustivamente o mercado. Consultava frequentemente os analistas da empresa, para sua surpresa, de excelente nível. Uma garotada nova, recém-formada, cuja frustração era quase nunca ser consultada pelos operadores.

Clarence ocupava parte de seu tempo junto a eles, vendo seus gráficos, estudando os balanços das empresas, examinando o comportamento da economia. Em contrapartida, os analistas sempre o municiavam com notícias em primeira mão, mostrando-lhe as mudanças e inversões de tendências do mercado.

Assim, em pouco tempo, Julius apresentou, operando com ações, resultados tão bons quanto os que conseguira anteriormente em Chicago, negociando produtos agrícolas. Surgiram os primeiros comentários elogiosos, as carteiras cresceram.

No verão de 1964, Clarence já administrava 4 milhões de dólares. Para agilizar seu trabalho, exigiu e obteve dos clientes procuração total para comprar e vender ações, sem aprovação prévia. Pôde, então, dedicar-se exclusivamente às operações, com as quais se ocupava o dia todo. Não raro, dedicava os fins de semana a um estudo mais profundo do mercado.

As promoções sucederam-se rapidamente: operador júnior, sênior, assessor técnico. Antes do fim do ano, já recebia o rebate máximo de 50%. Não se deu por satisfeito. Passou a cobrar, como faziam os veteranos, um percentual sobre os lucros do negócio. Os clientes, Al-Kabar à frente, não relutaram em pagar. Clarence estava sendo um grande negócio para todos eles.

Julius morava na 82, no East Side, junto à 3ª Avenida. No entanto, o apartamento tornava-se menor a cada dia, pois gostava de trabalhar em casa e sua biblioteca crescia muito. Além disso, com quase um ano de vida na cidade, o apartamento era dos mais movimentados, principalmente nas noites de sexta e sábado, quando os amigos, a maioria pessoal de mercado, ali se reuniam para beber, conversar e dançar.

Julius Clarence tornara-se rapidamente um membro do "clube".

Capítulo 20

O corretor de plantão preparava-se para fechar o escritório da Aaron & Samuels. O dia fora fraco. Poucos telefonemas. Menos de 10, ao longo de todo o expediente. Visitas a apartamentos, apenas duas, sem chances de negócio. Já ia apagar a luz quando o telefone tocou. Provavelmente, só mais um chato querendo quebrar a monotonia daquele sábado. Sem muito entusiasmo, pegou o aparelho.

Do outro lado da linha, Julius Clarence não perdeu tempo.

— Estou interessado em ver a cobertura com vista para o parque.

Andreas Schiros farejou a possibilidade de negócio. Marcou encontro com o pretendente, em 15 minutos, na portaria do prédio onde se localizava o apartamento.

O grego Schiros era veterano na profissão. À primeira vista, já avaliava as chances de uma venda. Por isso, ao ver o pretendente, quase girou os calcanhares e foi embora. Ali estava um garoto de pouco mais de 20 anos, usando jeans e tênis. Se tivesse chegado alguns minutos antes e visto Julius Clarence estacionar seu Lamborghini 350 GT, teria feito outra avaliação.

O corretor conhecia bem seu ofício. Sabia que as pessoas não compram apartamentos como se fossem bananas. — Vou levar este cacho. — Por isso, mal pôde acreditar, ao ouvir meia hora mais tarde:

— Vou ficar com ele. Deixo um sinal de 10 mil, ok? Na escritura, pagarei os 110 mil restantes. Certo, senhor... ? Como é mesmo seu nome?

— Schiros. Andreas Schiros. Deixe-me fazer o recibo do sinal. — O corretor não iria argumentar mais nada. Como todo vendedor experimentado, sabia respeitar a regra básica da profissão: "Depois do negócio fechado, qualquer argumento novo, além de não acrescentar nada à operação, pode fazer o comprador desistir."

Julius interessara-se pelo tamanho e pela vista do apartamento. Não o preocupava o fato de o prédio ser velho e a cozinha e os banheiros serem antiquados. Certamente, o piso da sala estava em péssimo estado, as janelas eram pesadas e necessitavam algum esforço para ser movimentadas. Mas, embora fosse um homem extremamente bem-sucedido para alguém de sua idade, ainda não podia aspirar a um apartamento como os habitados pelos realmente ricos.

A localização era ótima, junto ao parque. Quanto aos problemas, nada em que um bom decorador não pudesse dar jeito. Por isso, após a escritura, Clarence informou-se a respeito de decoradores, alguém dotado de competência e bom gosto, mas não especializado no estilo suntuoso. Indicaram-lhe Claire Kellegher, muito apreciada pelo pessoal jovem. Marcou encontro com a decoradora para um sábado de manhã no novo apartamento.

Admirava a vista do Central Park quando a campainha tocou.

Claire Kellegher, arquiteta e decoradora de interiores, acostumara-se a provocar nos homens forte impacto à primeira vista. Com Julius, não foi diferente.

— Olá, você Tarzan, mim Jane, decoradora de cabanas nas árvores. Mas faço também alguns trabalhos aqui perto do parque.

A moça do lado de fora da porta, além de extremamente agradável e espirituosa, era do tipo alta, magra, pele muito clara, cabelos castanho-escuros ligeiramente ondulados. Seu olhar cor de mel penetrou fundo nos olhos azuis de Julius Clarence. Não parecia alguém que precisava lutar para viver.

— Senhorita Kellegher, Claire, não, Jane. Sou Julius Clarence e estou louco para saber se alguém, sem levar todo o meu dinheiro, pode transformar esta velharia aqui em um apartamento de verdade.

— Bem, Julius, para isso existem os decoradores. Mas daqui do lado de fora não há nada que eu possa fazer.

— Ah, desculpe, entre, entre.

Só então ela pôde entrar no apartamento, fortemente iluminado pelo sol da manhã de outono.

Fosse um bom observador de detalhes femininos, Clarence teria percebido que tudo o que a moça vestia era compatível com o dia, a hora e a ocasião. Claire Kellegher usava jeans muito justos e uma camisa de seda branca. Roupas simples, mas de etiquetas caras. Como ornamentos, apenas um relógio Vacheron de ouro e um pequeno brilhante em cada orelha.

Durante mais de uma hora, os dois percorreram o apartamento, observando seus mínimos detalhes. Para cada peça, Claire oferecia sugestões. As cadeiras do terraço, os móveis da sala, as estantes do escritório.

— Acabo de me lembrar, Julius, não se importa se eu chamar você de Julius? Então, como ia dizendo, vi, numa loja da 34, uma escrivaninha vitoriana encantadora. Como é uma peça razoavelmente recente, o preço não vai deixá-lo arruinado. Imagino também que ainda não possua obras de arte significativas. Podemos, no lugar delas, usar gravuras e litografias. Mais tarde poderá substituí-las, aos poucos, quando iniciar uma coleção.

A personalidade esfuziante de Claire envolvera Clarence totalmente. Ela falava o tempo todo.

— Faça o favor de não me esconder nada. Quero saber tudo a respeito de seu trabalho, quem vai frequentar o apartamento, que tipo de reunião você gosta de promover. Você pensa que decorar um apartamento é apenas colocar móveis, quadros, tapetes e cortinas?

Ela mesma respondeu:

— Nada disso. É preciso estudar a personalidade do cliente, o tipo de vida que leva, quanto está disposto a gastar. Só então dá para fazer um projeto.

— Você faz seu trabalho parecer um bocado atraente, garota. Acho que vamos nos dar bem. Mas venha ver meu quarto.

Quando chegaram à suíte, encostaram-se à parede, olhando para o cômodo vazio. Claire examinou o aposento e concluiu.

— Este quarto pede uma cama enorme. — E passou a descrever o móvel adequado ao aposento.

Talvez tenha sido casual. Talvez cada um dos dois tenha tomado um pouco da iniciativa. A princípio tocaram-se de maneira tão leve que apenas os cabelos das costas da mão de Clarence roçaram o antebraço de Claire. Ela aproximou-se um pouco mais. Começaram a falar do quarto, da cama, da cama, do quarto. Imaginaram coisas. Lentamente, escorregaram para o chão.

Julius virou-se de lado e mordiscou-lhe a orelha. Encostou seu sexo endurecido em suas coxas, as cavidades quase explodindo de tanto sangue. Desabotoou-lhe a blusa devagar, botão por botão. Acariciou os seios pequenos, beijou os bicos arredondados de cor rosa. Abriu o zíper da calça e colocou as mãos por dentro da calcinha de seda branca. Seus dedos sentiram a umidade do sexo da mulher. Livrou-se rapidamente de suas roupas. Beijaram-se com fúria.

Treparam loucamente no chão frio.

Apesar do início pouco profissional, nas semanas seguintes Claire desdobrou-se na decoração da cobertura. Dividia seu tempo entre lojas de móveis e decorações e o apartamento. Discutia com carpinteiros, eletricistas e toda espécie de profissionais. Ela sabia lidar com aquela fauna urbana. Davam-se bem. Estavam todos no mesmo negócio.

Claire Kellegher trabalhava no ramo de decorações de interiores, mas, certamente, não o fazia por necessidade. Seu pai, Jerome Kellegher, era um dos mais ricos empreiteiros da Costa Leste. Como todos os seus pares do mundo inteiro, Kellegher trabalhava para os governos. Do país, dos estados, dos municípios. Sabia exatamente quais congressistas deveria agradar e de quais autoridades dependia. Era especialmente hábil em dialogar com os pequenos burocratas, aqueles que ninguém conhecia, mas que tinham o poder de colocar o carimbo e a assinatura certos na hora necessária.

O velho Jerome era um mestre em seu negócio. Construía estradas, pontes, barragens. As gigantescas máquinas com o logotipo de sua empresa eram vistas da Geórgia ao Maine.

Julius e Claire passaram a ver-se constantemente. Ela o introduziu em outra Nova York, por ele desconhecida. Essa outra cidade incluía artistas, museus, pequenas lojas exclusivas, os salões da alta sociedade, leilões e vinhos de safras especiais. Claire quase sempre dormia com Julius na cobertura. Secretamente, passou a decorar o apartamento para si mesma.

Ao fim de algumas semanas casaram-se em Reno, sem avisar ninguém. Para desgosto do empreiteiro, para quem o casamento da filha deveria ser um acontecimento nacional. Jerome Kellegher sempre sonhara em ver em sua casa, ao mesmo tempo, as autoridades de pelo menos 10 estados.

Com o casamento, a vida de Julius tornou-se ainda mais agitada. Nunca imaginara que alguém pudesse relacionar-se com tanta gente como sua mulher. Raros eram os dias sem uma festa, um coquetel, um *vernissage*. Claire conhecia pessoas dos tipos mais variados e gostava de reuni-las em torno de si.

Nas festas promovidas na cobertura do parque, o salão e o terraço viam-se povoados por estilistas de moda, artistas plásticos em ascensão, casais gays, jornalistas da televisão, modelos, pessoas da moda, enfim. Todo mundo adorava todo mundo loucamente.

Nessas ocasiões, Clarence era muito solicitado. Já sabia, desde os tempos de Chicago, que médicos e corretores de bolsa têm uma coisa em comum: as pessoas aproveitam uma apresentação para uma consulta grátis. Sempre dava alguns conselhos sobre investimentos. Isso o tornava popular.

A agitação social de Claire fez de Julius um homem permanentemente cansado, as olheiras denunciando as poucas horas dormidas. Raramente podia chegar em casa, tomar um banho, saborear uma dose de vodca, jantar e ver um jogo ou um velho *western* na televisão. Mal chegava ao apartamento e vinha ela.

— É bom se apressar, querido. Temos que ir ao teatro, *Sweet Charity*. Até hoje você não viu.

E, a um Julius desanimado, garantia:

— Tenho certeza de que já tinha avisado você. Enfim, marquei encontro com os Damgards e com os Sanders. Eles são podres de rico e podem ser bons clientes para você. Depois, um jantar rápido no Village. Prometo: no máximo, à meia-noite, estamos de volta.

À 1h30 da manhã, Julius chegava em casa, exausto, e desabava na cama.

O casal costumava passar os fins de semana na Nova Inglaterra, num gracioso chalé, pequeno mas muito bem localizado, presente de casamento do velho Jerome. O lugar era extremamente tranquilo, não fosse pelo fato de Claire levar sempre alguns casais amigos.

Nos dias úteis, ela acordava ao meio-dia, enquanto Julius, desde as 8h, já es-

tava na Rodney. Percebeu logo que sua mulher se dedicara à profissão de decoradora mais por modismo. Agora, seu interesse deslocara-se para a pintura. Por isso, não se surpreendeu quando, um dia, chegou em casa e encontrou em um dos quartos, agora transformado em ateliê, um negro alto e forte, completamente nu, a não ser por um ramo de oliveira preso à orelha. O homem permanecia estático, em cima de um pequeno pedestal, enquanto, em frente a ele, Claire enlevava-se em tintas e pincéis.

No outono de 1965, o casamento terminou. Sem discussões. Claire desejava mudar--se para Florença, Itália, para estudar pintura. Julius não suportava mais a maratona social. Queria apenas trabalhar. Prometeram um ao outro ser bons amigos.

Por essa época, Clarence já era consultor de investimentos. Comentários na empresa davam como certa, era apenas uma questão de tempo, sua promoção a vice-presidente. Mas ele tinha outras intenções. Falou delas a al-Kabar, cujas vindas a Nova York eram cada vez menos frequentes.

— Abdul, preciso ter meu próprio negócio. Estou perdendo tempo e dinheiro lá na Rodney. Eles estão ganhando mais de 50 mil dólares por mês só com os meus clientes.

Finalmente, Julius decidiu-se. Reuniu todo o seu capital, 600 mil dólares, e fundou a Clarence & Associados. Levou consigo os mais talentosos operadores e analistas da Rodney, a quem deu uma pequena participação no negócio.

Ao terminar o ano de 1965, Clarence possuía a corretora e o apartamento. Se ainda estivesse em Davenport, seria um homem rico. Para Wall Street era ainda um peixe muito pequeno.

Várias inovações foram implantadas na nova empresa. Os clientes passaram a receber, todos os dias, os extratos de suas contas emitidos por um computador eletrônico, uma novidade em Wall Street. Foi criado o financiamento automático de investimentos. Por esse sistema, os clientes da Associados podiam usar ações de sua propriedade como garantia da compra de mais ações.

A empresa intermediava os empréstimos necessários. Julius os avalizava pessoalmente. Um investidor com 100 mil dólares em ações podia comprar outros 100 mil. Um bom negócio para todas as partes envolvidas, desde, claro, que o mercado continuasse subindo.

Clarence tratou de construir sua própria rede de informações. Seu departamento técnico, além de gráficos e análises de todas as ações negociadas nas bolsas, mantinha contato permanente com a direção das companhias importantes. Seus

analistas viajavam pelo país, conversando com os dirigentes das empresas, informando-se de seus planos. Assim, descobriam, com bastante antecedência, as companhias que estavam desenvolvendo novos produtos.

Graças a isso, os clientes da Clarence & Associados conseguiam ganhar muito dinheiro. O negócio prosperava. Julius enriquecia rapidamente.

Sua próxima ambição era possuir uma casa fora da cidade, morar junto ao campo, num lugar amplo onde pudesse receber seus amigos. Os imóveis estavam baratos, e os bancos ofereciam hipotecas.

Na época já se comprometera bastante, devido aos avais que dava a seus clientes para comprar ações. Portanto, não seria prudente endividar-se. Mas a bolsa estava firme, e a casa, à venda em Greenwich, Connecticut, era um imóvel pronto e mobiliado. O preço, apenas 300 mil dólares.

O banco financiava tudo, e a mansão valia três vezes mais, mesmo no péssimo estado de conservação em que se encontrava, as paredes mofadas, os encanamentos podres, o mato crescendo em volta da casa. Mas era pegar ou largar. Julius pegou.

A casa servira de residência aos Dennehys por mais de 40 anos. Agora, com a morte do patriarca Walter Dennehy, dono do monopólio do cimento da Nova Inglaterra, seus herdeiros desejavam vendê-la rapidamente. Colocar logo a mão no dinheiro, sempre sonegado pelo velho sovina.

Desde sua saída de Davenport, Julius praticamente não parara de fazer e adquirir coisas novas. Novos empregos, novos negócios, o apartamento junto ao parque, agora a casa de Greenwich. Enquanto isso, no ranking de Wall Street, a Clarence & Associados ia galgando posições. As coisas não poderiam estar melhores.

Foi quando o mercado começou a cair.

Capítulo 21

Desde o início de 1962, o mercado vinha subindo. Nem o assassinato de Kennedy afetara a bolsa, a não ser por alguns dias. O Índice Industrial Dow Jones dobrara nos últimos quatro anos. De 520 pontos para mais de 1.000.

Agora, naquele inverno de 1965/1966, as ações começavam a despencar. "Uma saudável realização de lucros", diziam os corretores, sorrindo nervosamente.

Enquanto a bolsa caía, os Estados Unidos envolviam-se cada vez mais no Vietnã. Os bombardeiros da Força Aérea despejavam milhares de toneladas de bombas em Hanói e ao longo da trilha Ho Chi Minh. Os soldados do exército e do corpo de fuzileiros lutavam no Norte contra as tropas regulares do general Giap. No Sul, eram atacados pelos guerrilheiros vietcongues, tanto nas cidades como nas florestas do Delta do Mekong.

As imagens da guerra, crianças vietnamitas queimadas por *napalm*, corpos despedaçados de jovens americanos, apareciam diariamente na TV. Era impossível a bolsa de valores continuar subindo nesse cenário. Além do que a guerra custava muito dinheiro, dinheiro dos contribuintes. Aumentos de impostos tornaram-se uma constante. Para financiar o esforço de guerra, o governo colocava obrigações no mercado. Cada vez em número maior. Elevando as taxas de juros.

A crise afetou sobremaneira a Associados. Os negócios diminuíram, os clientes sofreram seus primeiros prejuízos. Muitos fecharam suas contas. Outros, tomadores de empréstimos nos bancos com aval de Clarence, não honraram suas dívidas, obrigando-o a pagar os débitos pessoalmente.

Julius pensou em vender a casa de Greenwich para fazer caixa, mas pouco lhe sobraria. Ainda devia quase toda a hipoteca.

Restava recorrer a Abdul al-Kabar. Viajou a Viena, onde ficava a nova sede da Opep. Foi recebido pelo amigo no luxuoso edifício do Karl Lueger Ring.

— Preciso de 400 mil dólares para colocar na corretora. Senão eu quebro. — Clarence expôs sua situação, sem exagerar, mas sem omitir nada.

Al-Kabar mostrou-se receptivo.

— Posso conseguir esse dinheiro. Mas veja, Julius, o capital é da família, não é só meu. Que garantias você pode nos oferecer?

— Nenhuma, Abdul. Somente as ações da Associados. Mas, se eu não conseguir levantar a empresa com esse empréstimo, elas não terão valor algum.

O árabe gostou da franqueza. E acreditava firmemente na competência do

amigo. Deu alguns telefonemas, falando em árabe, diante de um Clarence ansioso. Quinze minutos depois, uma eternidade para Julius, sacou da gaveta um talão de cheques e preencheu um deles.

Saíram à noite para jantar, às margens do Danúbio, mas não falaram de negócios. No dia seguinte, Clarence retornou a Nova York.

Os 400 mil dólares foram insuficientes para cobrir os prejuízos. Nem assim Julius desistiu. Aumentou as taxas de juros que pagava sobre os saldos das contas dos clientes. Para níveis superiores aos de mercado. Se o preço das ações não subisse logo, quebraria. Como também quebraria se os clientes continuassem sacando.

De acordo com as normas legais, uma corretora podia pagar juros sobre os saldos dos clientes. Para isso, precisava comprar obrigações com o dinheiro das contas. Essas obrigações garantiam os aplicadores.

Clarence passou a usar um mesmo lote de obrigações como garantia de várias contas. Isso significava operar sem lastro. Se a bolsa não subisse logo, iria à falência e terminaria atrás das grades. A alta do mercado tornara-se vital para ele.

No fim do verão, apostara todas as fichas que tinha — e as que não tinha também — no mercado de ações.

Então, a bolsa virou. Primeiro, parou de cair; depois, tomou rumo norte. Com força. Os preços subiram com a mesma violência com que haviam caído. Com os lucros, Julius cobriu os furos das contas correntes.

Clarence liquidou sua dívida com Abdul e voltou a Viena, desta vez para propor novos negócios. Voltou com 2 milhões de dólares para serem depositados na carteira administrada de al-Kabar.

O mercado continuou subindo. Todos voltaram a ganhar dinheiro. Clarence passara por seu batismo de fogo.

A Clarence & Associados tornara-se, aos poucos, uma corretora de porte, com grande volume de negócios. A administração foi colocada na mão de profissionais competentes. Julius ficou, como sempre ficaria, na direção da mesa de operações. Na linha de frente do mercado.

Sua vida pessoal encontrava-se totalmente desorganizada. Passava o dia todo no trabalho. Só ia ao apartamento para dormir. A casa de Greenwich era como se não existisse. Não fosse ele tão jovem, teria sérios problemas de saúde.

Claire retornara de Florença e mantinha ótimas relações com o ex-marido. Aconselhou Julius a viajar de férias. Ele gostou da ideia e foi para as montanhas do Colorado com uma amiga. Pela primeira vez em muitos anos, passou duas semanas sem acompanhar o mercado, sem rotina de horário. Voltou renovado a Nova York. Com muitos planos pela frente.

Capítulo 22

Nos últimos três anos, embora se dedicando mais à bolsa de valores, Clarence não deixara de acompanhar os outros mercados. Vigiava constantemente os preços do ouro e do petróleo, não se esquecendo, nem por um instante, das profecias do velho Salomon. O velho sempre afirmara que esses dois mercados iriam criar as melhores oportunidades.

O ano de 1967 mal começara. No dia 27 de janeiro, a corrida entre os Estados Unidos e a União Soviética pela conquista da Lua fez suas primeiras vítimas americanas. Os astronautas Grisson, White e Chaffee morreram em Cabo Kennedy, na explosão de uma cápsula da missão Apollo 1.

Clarence tinha apenas 26 anos. Aparentava um pouco mais, devido à barba. Para as mulheres era um tipo atraente, olhos azuis penetrantes, o vestir despretensioso, mas de maneira alguma desleixado. Distinguia-se pela simpatia e facilidade em relacionar-se com as pessoas.

No escritório, raramente permanecia em sua sala ou ocupava sua cadeira à mesa de operações. O mais frequente era encontrá-lo passeando por trás dos diversos operadores. O principal homem de Clarence era o mais próximo.

Já há muito ansiava voltar a negociar produtos agrícolas, estudar previsões meteorológicas, verificar de perto o plantio. Aguardava apenas uma oportunidade.

Desde o início daquele inverno, os especuladores vinham apostando pesado no suco de laranja. Se ocorresse uma geada na Flórida, o preço poderia disparar. Caso contrário, cairia. Tal como em um cassino, os operadores jogavam no preto ou no vermelho.

Clarence também desejava participar, mas não às cegas, como a maioria. Procurou entre seus parceiros de negócio alguém relacionado com um esmagador de laranjas da Flórida. Finalmente, tendo conseguido a apresentação, seguiu para lá. Desembarcou em Orlando, ao encontro de Paul Spader, proprietário e administrador da Central Florida Citrus.

O industrial explicou-lhe como operava.

— Veja bem, Julius, existem milhares de plantadores no estado, mas esmagadores, só dois: eu e o Alan Scacchi, da Sunshine State Crushers — apontou o dedo para o peito de Clarence.

— Seu negócio é especular com os preços. O meu é mais simples. Nesta época

do ano, vendo a metade de meu suco no mercado futuro de Nova York. Em março, vendo a outra metade. Se tiver ocorrido geada, por muito mais. Se não, por um preço menor. Fico sempre vendido no preço médio de mercado. Não sei se está me acompanhando.

Clarence sorriu, lembrando-se de um passado não muito distante.

— Na verdade, Paul — apressou-se em esclarecer —, muito antes de operar nas bolsas, eu já conhecia o mercado visto pelo lado de vocês, produtores. Comecei a trabalhar bem cedo, negociando grãos para os agricultores de Iowa. Meu pai, ele agora está aposentado, fez isso a vida toda.

Spader ficou satisfeito.

— Então, você entende o que eu digo. Dessa maneira, toco meu negócio. O Scacchi, da Sunshine, é meu único concorrente. Mas trabalhamos sincronizados. Tomamos todas as decisões importantes de comum acordo.

— Se estou entendendo bem, vocês têm um negócio perfeito.

— Tínhamos, tínhamos. Agora, chegou um grupo do Norte para concorrer conosco. Estão montando uma unidade esmagadora enorme. E não querem conversa. Vão puxar o preço para conseguir a maior quantidade possível de laranjas. Eu já disse ao Scacchi: "Esses caras vão apertar nossos colhões." Por isso, nós agora precisamos de muito dinheiro para comprar o máximo de laranjas possível, antes de eles entrarem no mercado. Quando começarem a operar, se meu plano for posto em prática, eles vão ter que comprar de nós, ou não vão ter nada para esmagar. A não ser seus próprios colhões. Entendeu?

— E de quanto estão precisando? — O interesse de Clarence era visível, embora desconfiasse que a soma em questão estivesse além de suas possibilidades.

— Precisamos de 14 milhões de dólares para dar um sinal aos agricultores. Com isso, eles contratam os apanhadores, para o trabalho manual. É preciso catar fruta por fruta. Garantimos, assim, toda a safra para nós a um preço muito baixo. Quem nos financiar terá esse monte de laranjas como garantia. Estamos conseguindo esses preços porque a safra vai ser recorde e os citricultores têm medo do encalhe. Essa grana pode ser quadruplicada em três meses, quando os caras do Norte começarem a operar.

Dito isso, Paul olhou para os lados, como se alguém pudesse estar ouvindo a conversa, chamou Julius mais para perto, baixou a cabeça e cochichou:

— Não podemos simplesmente procurar um banco e pedir o dinheiro. Meu trato com o Scacchi... bem, nosso trato não está muito de acordo com a lei antitruste. Por isso, preferimos fazer as coisas particularmente, sem alarde.

A possibilidade de reunir tal quantia era remota, mas Clarence não deu mostras disso. Continuou ouvindo. Spader chamou o Scacchi, da Sunshine, e os três foram almoçar. Os industriais fizeram uma exposição detalhada da operação.

Julius ficou impressionado. Nunca tivera oportunidade melhor a seu alcance. Controlar uma safra inteira. Ser o dono do mercado. Ali estava a chance de dar um salto gigantesco para a frente. Mas onde conseguir os recursos? Al-Kabar! Teria que ser com ele.

Ao fim do almoço, Paul foi claro e objetivo.

— Dou-lhe uma semana para tentar, com aqueles especuladores de Wall Street, arranjar os 14 milhões. Se conseguir, faremos um contrato particular e rachamos o lucro, meio a meio.

Capítulo 23

Clarence demorou-se em Nova York apenas o tempo necessário para juntar algumas roupas e telefonar para Abdul. Explicou rapidamente seu plano e embarcou para Viena, onde ele o recebeu no Aeroporto Schwechat. Ouviu surpreso o convite do árabe.

— Tenho um jatinho nos esperando para decolar. Julius, desta vez a coisa é grande demais. Precisamos conversar pessoalmente com meus parentes. Você vai ter que convencê-los. E, desde já, vou alertando. Vai precisar usar toda a sua capacidade de persuasão, que, sei, não é pequena. Eles são desconfiados. Vão exigir garantias para arriscar tudo isso.

Meia hora depois, o Lear Jet fretado, com tanques extras de combustível nas extremidades das asas, voava para sudeste, a quase 900 quilômetros por hora. Sobrevoaram os Bálcãs, o Mediterrâneo e entraram na península Arábica, voando, primeiro, sobre o Líbano e, depois, sobre a Cisjordânia, futuro palco da guerra entre árabes e judeus, alguns meses depois, ainda naquele ano de 1967.

Enquanto voavam, Julius explicou o empreendimento a al-Kabar, os valores envolvidos, as garantias, o potencial de lucro.

O sol de inverno já se punha quando o Lear iniciou a aterrissagem no Aeroporto Internacional de Riad. Clarence via, pela primeira vez, a beleza e a imensidão do deserto. Viajara sem parar, desde o início da noite anterior, e sentia-se cansado. Estava excitado também. Queria muito fazer aquele negócio. Mais do que qualquer coisa na vida, até aquele momento.

Mas a maratona não terminara. Outro avião os aguardava, desta vez um bimotor Beechcraft Baron. Duas horas mais tarde, aterrissavam em um pequeno campo de pouso, balizado com tachas, no Rub'al-Khali, o "lugar vazio". Dali, dessa terra tão inóspita quanto a imensidão das estepes siberianas, se originavam os beduínos, cujo nome, *badawiyin,* significa moradores do deserto.

Devido ao cansaço de Julius, Abdul deixou as apresentações para o dia seguinte. Surpreso com o frio reinante à noite no deserto, e com o conforto da tenda a ele destinada, Clarence abandonou-se exausto sobre os luxuosos tapetes e almofadas, sua cama para aquela noite.

No dia seguinte, bem cedo, Julius conheceu o pai e alguns tios de Abdul. Travou também seu primeiro contato com a hospitalidade beduína.

O pai de Abdul, Aziz, era pessoa de porte e olhar impressivos. Mais alto que

o filho, barba branca bem cuidada, o velho Aziz apresentou os outros parentes. Depois, falou do deserto e das origens da família.

— Amigo estrangeiro. Os ocidentais conhecem muito pouco esta região. Só se interessam pelo lado leste da península, onde estão as reservas de petróleo. E também a maioria dos negócios de nossa família. Mas nossos antepassados viveram neste deserto. Como o petróleo mudou muito nossas vidas, é importante voltar aqui, de vez em quando, para lembrar nossas origens, assim como vamos a Meca pedir a Alá perdão para nossos pecados.

Apesar da pronúncia sofrível, o inglês do pai de Abdul era fluente.

— Nossa hospitalidade tem origem aqui no deserto — continuou explicando. — Quando os viajantes nômades chegam a uma aldeia ou acampamento, o fazem no limite de seus recursos de água e de alimentos. O mesmo ocorre com os camelos. — Olhou, então, diretamente nos olhos de Clarence.

— Meu filho tem negociado com ações por seu intermédio. Diz que você é sério e esperto. Duas coisas difíceis de conciliar. Parece que, desta vez, deseja obter um financiamento para um projeto ambicioso e ousado. Vamos ouvi-lo com atenção. Todos aqui entendem inglês. Muitos estudaram na Inglaterra. Mais tarde, quando o calor do sol for embora, poderá explicar tudo. Enquanto isso, venha conhecer o deserto. Poucos estrangeiros conhecem esta região.

Ainda pela manhã, antes de o calor se tornar insuportável, montado sobre um camelo e acompanhado de pai e filho, Julius foi levado a conhecer uma aldeia.

Embora fosse um bom cavaleiro, sentiu-se inseguro sobre a sela que oscilava no ritmo dos passos do camelo. Sentiu-se um pouco ridículo também, em suas tentativas de segurar-se a alguma coisa que lhe parecesse firme o bastante.

Até onde a vista podia alcançar, a paisagem compunha-se unicamente de areia e dunas.

Após meia hora, chegaram a uma região rochosa onde, milagrosamente, crescia uma vegetação retorcida. Havia ali um poço, em torno do qual se erguia uma aldeia; algumas cabras pastavam o mato ralo que brotava entre as pedras. Ao americano parecia impossível seres humanos sobreviverem com tão pouco.

À hora do almoço, provou vários pratos típicos da culinária beduína e ouviu histórias do deserto.

— Nós, beduínos, somos formados na resistência às intempéries e às vicissitudes. — O velho Aziz gostava de falar sobre seu povo.

Clarence gostou do que viu e ouviu.

Depois do almoço, todos se retiraram para repousar à sombra de suas tendas.

Pouco antes do anoitecer, o sol avermelhou o céu, e o deserto se preparou para mais uma noite de frio. Fogueiras foram acesas. Só então Julius pôde explicar por que viera de tão longe. Mas, antes, falou um pouco de si mesmo.

— O lugar onde nasci é tão diferente deste aqui como a terra do mar. Lá, as chuvas são abundantes, o solo é fértil, basta jogar as sementes e depois fazer a colheita. Mas, apesar da fartura, eu trabalho desde menino. Meus pais vieram da Irlanda, e lá, durante séculos, os homens do campo sempre trabalharam duro para garantir a sobrevivência. Assim, desde cedo, eu entendo o significado do trabalho e da perseverança.

Clarence sentia-se bem falando àqueles homens, alguns de cócoras, outros sentados sobre tapetes estendidos sobre a areia, iluminados apenas pelas estrelas e por algumas lamparinas bruxuleantes, aqui e ali. Falou-lhes por quase uma hora, demonstrando a operação que o trouxera de tão longe. Quando terminou, afastou-se do grupo, deixando os Al-Kabar discutirem o assunto em particular.

Aguardou a resposta, de pé, diante de sua tenda, fumando e olhando as estrelas. Não pôde deixar de lembrar-se de Davenport. Quase 12 anos já se haviam passado desde o dia em que se dirigira aos plantadores de soja, sentado sobre o balcão do armazém de seu pai. Lembrou-se dele. Estava em falta com seu velho irlandês.

Não demorou muito e Abdul apareceu. O cenho franzido prenunciava problemas.

— Ok, Julius, decidimos confiar em seu julgamento. Você vai ter os 14 milhões.

— Excelente, não se arrependerão. — Clarence estava exultante, mas continuava percebendo algo de errado.

Abdul prosseguiu.

— Nossa família está satisfeita com sua eficiência na administração de nossos fundos. Também acreditamos no sucesso do financiamento das laranjas. E isso nos parece ser apenas o início de uma sociedade duradoura e muito lucrativa. Entretanto, queremos manter tudo em segredo absoluto.

Os dois, agora, estavam sentados sobre a areia. Clarence ainda não percebia aonde o amigo queria chegar.

— Veja, Julius, temos muitos negócios com os americanos. São os maiores compradores de nosso petróleo. Tudo leva a crer que, no futuro, muitas vezes estaremos em campos opostos, principalmente em questões políticas. E a política não deve atrapalhar os negócios.

Julius percebeu, então, um leve sinal de emoção nas palavras de Abdul. Este colocou a mão sobre o ombro do americano e disse com firmeza:

— A partir de agora, só nos veremos quando for indispensável. Não nos reuniremos mais. Se nos encontrarmos por acaso em algum lugar, isso é possível e até provável, nos trataremos formalmente. Você passará a acertar nossas contas através de nosso advogado.

Estendeu um cartão a Clarence.

— Procure-o em Londres. Amanhã cedo, ele já terá recebido instruções referentes ao assunto da Flórida. Fará também uma proposta de sociedade conosco.

O árabe fez uma última pausa e concluiu:

— Se, algum dia, eu tiver uma informação importante para sua atuação no mercado, você será contatado por uma pessoa de minha confiança. O nome dela é Sandra. Fica baseada em Düsseldorf.

O sol despontava quando o Baron decolou rumo a Riad. A bordo, somente Clarence e os pilotos. Abdul, de pé ao lado da pista, fez uma última saudação.

Capítulo 24

Basil Kennicot era um advogado tão próspero quanto discreto. À porta de seu luxuoso escritório em Holborn, apenas uma pequena placa dourada indicando nome e profissão. Há muitos anos não comparecia aos tribunais. Assim como seu pai e, antes, seu avô e bisavô, Kennicot cuidava da constituição de sociedades, da fusão e do desmembramento de empresas.

Se alguém pudesse examinar os arquivos do escritório, guardados em uma sala especial, tão inexpugnável quanto um cofre-forte, descobriria preciosidades, como a constituição de um banco na Suíça para o governo da União Soviética. Se consultasse as pastas mais antigas, veria a ata da fusão, em 1907, de uma empresa inglesa, chamada Shell — que importava conchas e outras bugigangas de vários lugares do mundo —, com a Royal Dutch, uma companhia holandesa com plantações de tabaco em Sumatra. Como esclarecia o documento, tal associação destinava-se à exploração de petróleo em Baku, no Azerbaijão, e nas ilhas do extremo sul da Ásia.

Membros ou representantes de famílias notáveis, como os Rockefellers, os Hunts, os Nobels e os Rothschilds, haviam passado, quase sempre de maneira discreta, pelo escritório no qual, agora, o jovem empresário americano Julius Clarence aguardava impaciente o encontro com Kennicot, marcado para as 9h da manhã.

Precisamente a essa hora, uma porta se abriu e o advogado, com um sorriso largo, se apresentou, estendendo a mão.

— Já sabia que o senhor era jovem, mas, de qualquer maneira, me surpreendo. Desculpe-me por não tê-lo atendido ontem à tarde. Não o fiz justamente porque não tinha ainda preparado a papelada que precisa assinar, caso concorde com seus termos, é evidente. Meu pessoal trabalhou muito, durante a noite, nas minutas desses contratos.

O advogado, então, conduziu Clarence a outra sala, onde foram servidos de chá e café.

— Recebi instruções — explicou — da família Al-Kabar, da Arábia Saudita, para providenciar uma carta de crédito, no valor de 14 milhões de dólares, em seu favor. Essa quantia, pelo que fui informado por meus clientes, destina-se à compra de uma grande quantidade de laranjas no estado da Flórida. Estou certo, senhor Clarence?

— Está, senhor Kennicot. Trata-se do financiamento do sinal para a compra de toda a safra de laranja daquele estado por duas indústrias esmagadoras, a Central Florida Citrus e a Sunshine State Crushers. Viajei até a Arábia para propor

a operação. Eles concordaram com o negócio, mas falaram algo sobre sociedade. Segundo Abdul al-Kabar, caberia ao senhor formalizar uma proposta.

— Certo, certo, farei isso agora, procurando tomar a coisa bem simples. Meus clientes investem os 14 milhões. Segundo seus cálculos, essa aplicação irá quadruplicar em três meses, o que não é nada mau, se me permite a observação. Teremos algo em torno de 56 milhões. Subtraímos os 14 iniciais e sobrará um lucro de aproximadamente 42 milhões de dólares. Os números estão corretos?

— É exatamente o que eu propus lá no deserto.

— Muito bem, então posso continuar. O lucro de 42 milhões de dólares será dividido em duas partes iguais. Vinte e um ficam com os industriais da Flórida e os outros 21 serão divididos entre o senhor e a família Al-Kabar, metade para cada uma das partes. Digamos, para simplificar, 10 milhões.

— É esta a conta, senhor Kennicot.

— Ótimo, ótimo, a operação deveria encerrar-se aí não fosse um fato relevante: meus clientes desejam usar todo o lucro da transação para aumentar o capital de sua empresa em Nova York, a Clarence & Associados, ficando eles com metade das ações. Concordam em participar sob a forma de ações preferenciais, sem direito a voto. Os Al-Kabar desejam ser sócios do senhor, mas não têm a pretensão de interferir em sua administração.

Julius esperava uma proposta de sociedade, o próprio Al-Kabar lhe havia dito. Mas não um sócio meio a meio. Era difícil saber quem era o esperto: Abdul ou o inglês. Provavelmente os dois. Ter um sócio com metade do capital era algo que nunca imaginara. Por outro lado, Kennicot não parecia disposto nem autorizado a abrir mão de nada. Então eram aqueles os termos de Abdul al-Kabar. Restava saber se ele, Julius, em algum momento no futuro, teria o direito de recomprar as ações dos árabes.

O advogado pareceu adivinhar-lhe o pensamento.

— De acordo com uma minuta de contrato, eu a tenho aqui, o senhor poderá comprar as ações da família Al-Kabar desde que lhes pague seu valor em ouro, multiplicado por cinco. As ações equivalem hoje a 300 mil onças. Para recomprá-las, o senhor terá que desembolsar o equivalente a 1 milhão e 500 mil onças de ouro.

Clarence pensou rapidamente. Seria quase impossível recomprar as ações por cinco vezes seu valor atual, convertido em ouro, levando em conta a previsão do velho Salomon Abramovitch de que o mercado iria subir muito. Portanto, seria sócio dos árabes para sempre.

Por outro lado, após a jogada da Flórida, para a qual o dinheiro de Al-Kabar era imprescindível, a Clarence & Associados se tornaria uma empresa grande, como sempre sonhara.

Finalmente havia o petróleo. Al-Kabar era um dos dirigentes da OPEP. Ju-

lius poderia valer-se de suas informações privilegiadas. O próprio Abdul lhe insinuara isso.

— Temos um negócio, senhor Kennicot. Pode preparar os contratos.

— Foi o que pensei. Para ser honesto, senhor Clarence, ficaria desapontado se sua resposta fosse diferente. Mas restam alguns detalhes.

Kennicot informou, então, que, a partir daquela data, cópias de todos os balanços, reuniões de diretoria e decisões estatutárias da Clarence & Associados deveriam ser enviadas a seu escritório em Londres. Quanto aos dividendos, deveriam ser depositados em uma conta na Suíça, cujo número o advogado teria em poucas horas.

Finalmente quando Julius pensou que tudo estava acertado, Kennicot revelou a derradeira exigência.

— Uma última cláusula, senhor Clarence. Caso sua corretora apresente prejuízo por três anos consecutivos, seus novos sócios terão direito de comprar as ações do senhor por metade de seu valor contábil.

Julius rebateu prontamente:

— Senhor Kennicot, se minha empresa perder dinheiro por tanto tempo, o melhor que tenho a fazer é voltar para o armazém de cereais de onde saí, em Iowa.

Agora, todas as cartas estavam na mesa. Julius Clarence passava a ser sócio da família Al-Kabar, mas continuava a administrar a corretora a sua maneira.

— Aceite minhas congratulações, senhor Kennicot. O senhor é um mestre. Fico satisfeito quando conheço um.

O advogado leu, então, em tom solene, as condições contratuais, enquanto Julius lia uma cópia simultaneamente. Ao fim da leitura, e sem que tivesse feito um só aparte ou pergunta, Julius assinou todas as folhas. O advogado assinou embaixo, como representante da outra parte.

Ao se despedirem, Kennicot acrescentou:

— Qualquer comunicação com os novos sócios deverá ser feita por meu intermédio. Estarei sempre a sua disposição. Desnecessário dizer, senhor Clarence, nosso negócio é secreto. Para todos os efeitos, uma sociedade anônima europeia comprou ações preferenciais, sem direito a voto, de sua empresa, injetando capital suficiente para que o senhor possa conduzir melhor seus negócios.

Graças ao sinal de 14 milhões de dólares, pago aos citricultores, a Clarence & Associados, a Central Florida Citrus e a Sunshine State Crushers garantiram para si o direito de compra de 80% da safra da Flórida pagando apenas 84 centavos por caixa.

Quando a Eastern American começou a operar, Clarence e seus parceiros puxaram os preços violentamente. Os novos esmagadores viram-se obrigados a pagar 3 dólares por cada caixa de laranjas. Mas o pior momento da Eastern ainda

estava por acontecer. Não ocorrera nenhuma geada naquele inverno, proporcionando uma safra generosa. Após vender as laranjas para a Eastern, Clarence e seus sócios derrubaram as cotações do suco congelado na bolsa em Nova York.

No dia 28 de março de 1967, o preço da libra-peso de suco chegou a 28 centavos, a menor cotação desde que aquela mercadoria era negociada na bolsa. A Eastern, evidentemente sem condições de vender por aquele preço, encerrou suas atividades, causando grande prejuízo às pessoas que haviam investido na empresa e a vários bancos da Flórida e de Nova York.

Um banco de Lausanne, Suíça, também sofreu pesadas perdas.

A operação rendeu 36 milhões de dólares, dos quais a Clarence & Associados ficou com a metade.

Julius Clarence, com apenas 27 anos, tornara-se um milionário. Ganhara também seus primeiros inimigos. Alguns, ele conhecia bem. De outros, distantes e muito mais ameaçadores, sequer suspeitava. Em Lausanne, o Sindicato, financiador da Cia. Eastern, sentira-se prejudicado.

Só então Julius passou a usufruir de sua mansão, totalmente reformada com a ajuda de Claire.

O condado de Greenwich situava-se a menos de uma hora de distância de Manhattan quando o trânsito estava bom. Fora eleito pelos ricos, desejosos de gozar a vida tranquila do campo, sem deixar de comparecer diariamente a seus escritórios de Manhattan.

Durante a semana, Clarence passou a dormir ora em Manhattan ora em Greenwich, o que, geralmente, decidia no fim da tarde. O pessoal da casa recebeu instruções para estar sempre preparado para a possibilidade de sua chegada.

Os fins de semana eram passados em Greenwich, a não ser quando algum compromisso o prendia em Manhattan.

Seus problemas domésticos foram entregues às mãos competentes de Diane, uma jovem negra retirada da custódia de valores da corretora e promovida ao cargo de secretária particular e, a partir de então, encarregada dos assuntos referentes a sua vida pessoal. A extrema discrição da funcionária, quando a corretora se vira forçada a operar sem lastro, a recomendava como alguém em quem se podia confiar.

Diane demonstrou eficiência como administradora doméstica. Jesus, um mordomo filipino, foi colocado por ela na direção da cobertura. Uma governanta mexicana, Teresa, foi encarregada da casa em Greenwich. A secretária contratou também Antoine, senegalês e antigo boxeador peso-pesado, apto a servir como motorista e também como guarda-costas, se necessário.

A residência de Connecticut era ampla, em meio a gramados e jardins, cercada por árvores que a protegiam de olhares indiscretos. Os aposentos particulares de Clarence e as suítes reservadas aos hóspedes situavam-se em alas distintas. Uma imponente sala de jantar, em estilo inglês, o salão e a sala de música, voltados para o terraço fronteiro à casa, destinavam-se às festas que Julius começou a promover com alguma frequência. Outras salas, menores e mais acolhedoras, eram as preferidas pelo dono da casa e seus amigos.

Havia também uma pequena cocheira, embora Julius não possuísse cavalos. Tudo domínio da mexicana Teresa.

A querência de Julius, na casa, era a biblioteca. Gostava do cheiro peculiar desprendido pelas estantes em carvalho polido e pelos livros encadernados em couro macio deixados pelos antigos proprietários, aos quais acrescentou os seus.

Clarence começou a adquirir quadros, a princípio como investimento. Aos poucos foi tomando gosto. Tornou-se um prazer frequentar leilões e galerias. Seus quadros preferidos, aqueles aos quais se afeiçoara especialmente, ficavam reservados à biblioteca, assim como a coleção de peças etruscas, também adquirida dos Dennehys, agora uma fonte de orgulho.

A biblioteca dava diretamente para o escritório. Dali Julius falava com o mundo inteiro. Era um dos poucos corretores, à época, a manter em casa um terminal de vídeo com as cotações das bolsas e também um teletipo, transmitindo ininterruptamente as notícias das principais agências.

A cobertura junto ao parque pouco mudara desde a época de Claire. Apenas alguns quadros foram acrescentados. A única modificação substancial aconteceu no estúdio da ex-mulher, transformado em escritório, equipado como o de Greenwich para o acompanhamento do mercado.

Existia um ciúme disfarçado entre Jesus e Teresa. Ambos esforçavam-se para que o patrão permanecesse o maior tempo em seus domínios, embora isso lhes aumentasse o trabalho. As despesas das duas casas, assim como o salário dos empregados particulares, eram pagos e controlados por Diane.

Clarence possuía hábitos característicos de uma personalidade dividida. Não mantinha, em sua vida pessoal, a disciplina, a lógica e a paciência demonstradas na condução de suas operações de mercado. Dormia pouco. Estava sempre querendo fazer alguma coisa nova.

Saía com muitas mulheres. Pelo menos uma ou duas vezes por semana, dormia com alguma garota, geralmente no apartamento de Manhattan. Não se fixava particularmente em nenhuma.

Não gostava das festas e salões do *beautiful people.* Raramente os convidava ou frequentava, apenas o bastante para ficar em dia com suas obrigações sociais.

Mas gostava de receber hóspedes e visitantes em Connecticut nos fins de semana.

Era um compulsivo em questões de trabalho, metódico e determinado, perseguindo sem descanso seus objetivos. Em casa ou no escritório, mesmo nos fins de semana, acompanhava os mercados do Extremo Oriente, à noite, e os da Europa, muito cedo pela manhã.

Além do trabalho, gostava de viajar, sempre viagens curtas, sem se desligar dos negócios. Julius Clarence gostava da vida, principalmente da sua.

Ele e Claire encontravam-se ocasionalmente, mas nunca mais houve sexo entre os dois. Apenas bons amigos, como se dizia em Hollywood.

No outono de 1967 morreu, subitamente, o velho Bruce. Julius levou Claire a Iowa para os funerais e, antes de deixarem Davenport, mostrou-lhe o antigo armazém de cereais.

Capítulo 25

Desde o início do século, o Banco Centro-Europeu de Lausanne administrava grandes fortunas. Segundo rumores, só do nazista Hermann Goering, morto na prisão de Spandau, em Nuremberg, a instituição herdara uma conta cujo montante equivalia, agora, a mais de 100 milhões de dólares.

A administração não questionava a origem dos recursos nele depositados. A única exigência era um depósito mínimo de 20 milhões de dólares e uma autorização conferindo-lhes poderes totais para aplicar esses valores livremente.

Até agora ninguém se queixara. O Centro-Europeu era muito eficiente na administração de investimentos. Contratava os melhores analistas e operadores. No meio bancário, era conhecido como O Sindicato.

O banco operava em todos os mercados: ações, obrigações, moedas e mercadorias. Salvaguardadas as leis suíças, aceitava participar de qualquer negócio.

A falência da Cia. Eastern American, de processamento de laranjas, acarretara prejuízos ao Sindicato, sem peso para alterar substancialmente os resultados das carteiras no fim do ano, mas suficientes para merecer a inclusão do episódio na reunião do comitê diretor, onde seriam analisados os motivos do insucesso.

O financiamento da Eastern era um assunto importante. Se a operação houvesse logrado êxito, teriam assegurado o monopólio da produção do suco na Flórida, com a falência da Central Florida Citrus e da Sunshine State Crushers. Poderiam, depois, repassar o negócio a uma grande indústria de alimentos da Suíça. O tiro saíra pela culatra e o comitê examinaria as razões do fracasso.

Havia outras razões para se reunirem naquela manhã de primavera. O encontro duraria o dia inteiro. O almoço seria servido ali mesmo. Discutiriam, além do caso das laranjas, os bons resultados da operação de cobre, as contas novas e a escolha do novo operador. Seriam examinados resultados e balancetes do banco.

Pontualmente às 9h, os cinco membros do Comitê Diretor do Banco Centro-Europeu de Lausanne iniciaram sua sessão deliberativa.

A mesa redonda não permitia divisar qualquer hierarquia entre os presentes. Cada um recebeu, no início da reunião, um sumário dos itens a serem deliberados. Recebeu também um bloco de rascunho. Ao fim da reunião, tudo seria destruído em uma máquina de picar papéis.

Como o primeiro assunto a ser tratado seria o caso do cobre, Jean Lesneur, responsável pelo setor operacional, deu início aos trabalhos.

— Senhores, a excelente operação de venda, a descoberto, de cobre, na Bolsa

de Metais de Londres, só está sendo discutida nesta reunião porque, para proteger nossos interesses, foi necessário denunciar ao FBI a tentativa de explosão de uma ponte ferroviária na Zâmbia. Se algum dos senhores não sabe, a Zâmbia é o segundo maior produtor mundial de cobre. Dois espertalhões — um deles chama-se Rolf Duembier, é um alemão naturalizado americano, o nome do outro é Jay Aubrey Elliot, também americano e mergulhador profissional —, bem, esses dois aventureiros estavam prestes a destruir uma ponte ferroviária sobre o rio Zambeze. Como sobre a ponte passa todo o metal extraído em Zâmbia, se eles obtivessem sucesso, faltaria cobre em Londres. Nossas carteiras teriam sofrido grandes perdas. Os dois americanos estavam sendo pagos por alguns especuladores com posições compradas no mercado futuro da bolsa de metais. Graças a Otto, o complô foi descoberto e denunciado.

Todos se voltaram para Otto Behr, responsável pelo setor de inteligência. Este aproveitou o ensejo para acrescentar:

— Felizmente o FBI ficou com o mérito da descoberta da sabotagem. Mas o senhor Hoover tem ideia de onde veio a informação. Pode ser útil no futuro.

Gustave Thayer, diretor responsável pela captação de clientes, pigarreou forte para ser ouvido por todos.

— Bem, o próximo assunto é comigo. Os saldos das contas da América Central e do Caribe estão baixando. Leonidas Trujillo, da República Dominicana, foi assassinado há seis anos. Seus herdeiros — o mais velho, Ramfis, sucedeu ao pai, mas foi logo deposto pelos militares, é agora um playboy internacional —, mas, como ia dizendo, os herdeiros de Trujillo não fazem depósitos, só saques. Desconfiam uns dos outros e fazem muitas perguntas ao banco. E, pior, falam muito.

Com exceção de Otto Behr e Gustave Thayer, os diretores do Sindicato não viam muita diferença entre os países da América Latina. Para eles, eram todos miseráveis, cheios de plantações de bananas e com um general corrupto no poder, saqueando os cofres públicos. Mas Thayer conhecia os detalhes de cada um deles e tinha prazer em explicá-los aos colegas. Prosseguiu:

— Na Nicarágua, Somoza, o filho — o pai também foi assassinado em 1956 —, está no poder. Mas não deve durar muito. Fulgencio Batista, de Cuba, já está no exílio há oito anos. Gasta uma fortuna com sua segurança pessoal. Tem medo de que Castro mande matá-lo. Também se limita a sacar. François Duvalier, do Haiti, ainda faz depósitos regulares, mas os cofres do país estão se esvaziando. Resumindo: o filão está se esgotando. Está na hora de encerrarmos essas contas. Com discrição, mas com firmeza. Felizmente, temos novos clientes, muito promissores. Gostaria de me estender um pouco mais sobre o assunto e informar a todos de onde está vindo a captação nova.

Thayer serviu-se de um bloco onde fizera algumas anotações.

— Vou começar pelo Leste aqui da Europa. Os comunistas da Alemanha Oriental enviam quase tanto dinheiro quanto os naz..., quero dizer, o pessoal das décadas de 1930 e 1940. Erich Honecker — chefe das forças de segurança — tem uma conta promissora. Na opinião de Otto, ele vai suceder a Ulbricht. Nicolae Ceausescu, da Romênia, e sua mulher Elena, ele é secretário-geral do partido e vai assumir a presidência ainda este ano, estão fazendo depósitos regulares. Senhores, até a Albânia! Enver Hoxha — ele governa a Albânia desde a libertação, em 1944 — tem sido uma agradável surpresa. O melhor desses homens do Leste é que não retiram nada. São praticamente donos de seus países. Todos os seus gastos são pagos pelos cofres públicos.

Os membros do comitê sabiam que o colega da captação viajava constantemente ao Leste. Por isso, embora satisfeitos com as informações de Gustave, não se surpreenderam com os resultados de suas viagens. Conheciam de sobra sua competência. Thayer continuou:

— Mas não é só da Europa que o dinheiro novo está vindo. Temos também novidades das Filipinas. O casal Marcos, eles estão há dois anos no poder, bem, os Marcos fizeram uma viagem de férias às ilhas Seychelles. De lá, abriram uma conta, no valor simbólico de 200 mil dólares. Tive um bom pressentimento e aceitei o depósito, apesar de essa quantia ser abaixo de nossos padrões. Acertei na mosca. Passaram-se apenas alguns meses e começaram a chegar novas remessas, vindas de empresários locais. A conta já passa de 40 milhões.

Uma campainha soou baixo na sala de reuniões. Passados alguns minutos, um copeiro entrou, trazendo café, chá, pequenos sanduíches e água mineral. Enquanto comiam, os dirigentes do Sindicato conversaram sobre assuntos triviais. O diretor administrativo, Mark Monpère, recomendou a seus colegas um concerto de Pablo Casals, a que assistira na véspera.

— *El Pesebre* é imperdível — disse ele. — Se um de vocês estiver interessado, vai haver outra apresentação, depois de amanhã, em Genebra. Os ingressos estão esgotados, mas sempre se dá um jeito. — O Centro-Europeu mantinha reservas constantes nos melhores espetáculos. Poderia aparecer, à última hora, algum cliente ou banqueiro estrangeiro. Nessas ocasiões era necessário organizar um programa às pressas. Não havendo nenhum visitante especial naqueles dias, o diretor aproveitou para fazer um agrado aos próprios colegas.

Após o *coffee break*, Gustave Thayer voltou a sua exposição:

— Temos também as contas africanas. Impressionante como aqueles negros conseguem juntar tanto. No Congo, conseguimos uma conta pessoal do presidente Mobutu. Um ministro da Nigéria já tem mais de 60 milhões conosco. Estamos com

outras perspectivas na África. E, vejam bem, mal conseguiram suas independências. Felizmente para a civilização europeia, todas essas riquezas estão protegidas.

Nenhum dos presentes contestou o cinismo do expositor. Continuaram atentos.

— E os investimentos religiosos — prosseguiu Thayer. — Novas seitas estão surgindo, principalmente nos Estados Unidos. Dessas religiões, até há pouco inexistentes, já temos mais de 100 milhões. Os fiéis contribuem para suas igrejas com 10% de seus ganhos. Uma mina inesgotável.

Antes de encerrar a exposição, a mais longa do dia, Gustave Thayer olhou demoradamente os colegas e, tal como um ator recitando seu *gran finale,* baixou o tom de voz, quase para um sussurro, obrigando os outros a se curvarem para o centro da mesa.

— Minha diretoria vem trabalhando três grandes contas, provavelmente as maiores que já tivemos. Uma vem de Palermo, na Sicília, não preciso entrar em detalhes. A segunda é de Marselha. Do grupo que controla o comércio da papoula na Turquia. — Baixou mais ainda o tom. — A terceira, a ser aberta com um depósito de 200 milhões de dólares, é da Santa Igreja Católica de Roma.

Um murmúrio de aprovação seguiu-se às palavras de Thayer. Ele, então, concluiu.

— Nada disso seria possível sem o trabalho de Jean. Se conseguimos atrair tais clientes, foi devido à excepcional rentabilidade de nossa carteira de investimentos.

Jean Lesneur, diretor de operações, cuja participação na reunião se limitara ao assunto do cobre da Zâmbia, voltou ao foco das atenções.

— Obrigado, Gustave. Antes de mais nada, quero explicar nossa perda na América. — Lesneur relatou aos presentes, com detalhes, a história das laranjas e da falência da Eastern American. Passou, então, a outros assuntos:

— Com relação aos resultados das carteiras, obtivemos o segundo melhor desempenho em todo o mundo na administração de capitais especulativos. Só perdemos para a Clarence & Associados, de Nova York, isso por causa do negócio das laranjas. Essa diferença de resultado não significa nada, porque o capital deles é pequeno, coisa de pouco mais de 40 milhões, quase tudo ganho nessa única operação. Mas está na hora do almoço e quero deixar um assunto importante para depois.

Todos se dirigiram ao banheiro, ao lado. Quando voltaram, o copeiro já estendera a toalha e dispusera pratos e talheres sobre a mesa. Pouco depois, serviu salada verde, costeletas de carneiro com batatas ao forno e legumes. Para Jacques Schneider, diretor de contabilidade e controle, vegetariano convicto, trouxe talharim *al funghi secchi.* Como sobremesa, frutas tropicais. Para beber, apenas água mineral.

Terminado o almoço, voltaram ao trabalho. Jean Lesneur passou a expor o assunto adiado pela chegada da refeição:

— Senhores, o sucesso de nossas carteiras especulativas foi conseguido graças

à eficiência de nossos operadores, analistas e estrategistas. Lamentavelmente, o melhor deles vai se aposentar. Refiro-me ao gerente da mesa, Jeffrey Chapman. Pois bem, Chapman já passou dos 60, está rico e a única coisa que deseja da vida é mudar-se para Ibiza, onde tem, eu já passei um fim de semana lá, uma linda *villa*. Tenho conseguido adiar a decisão do Jeffrey, dei a ele vários aumentos, mas agora é definitivo. Ele vai embora no início do verão.

Lesneur retirou de sua pasta um dossiê com várias cópias e as distribuiu entre os colegas, com exceção de Otto Behr, da Inteligência.

— Para o lugar de Chapman — acrescentou —, vou convocar seu lugar-tenente. — Lesneur, embora nunca tivesse vestido uma farda, adorava tratamentos militares. — Bruno D'Angelo. Não é tão brilhante quanto Chapman, mas é de uma fidelidade a toda prova. Homem para ficar toda a vida conosco.

— Se você já tem o substituto de Chapman, por que este dossiê? — perguntou o administrativo Monpère, abrindo as mãos com as palmas para cima.

— Porque resolvi dividir o setor de operações. Essa ficha, à frente dos senhores, é de outro inglês, que trabalha para o grão-duque de Luxemburgo. Administra uma pequena carteira, aberta há 18 meses, com apenas 100 mil.

Lesneur fez uma pequena pausa, só para criar suspense.

— A carteira está hoje com 700 mil dólares — complementou.

— Então, é bem melhor que os nossos e o tal Clarence de Nova York? — voltou a questionar Monpère.

Sem o menor sinal de impaciência, Lesneur esclareceu.

— O desempenho da Clarence & Associados não pode ser comparado a nenhum outro, pois, como já disse, resultou de uma só operação. Imaginei ser esse também o caso do inglês lá de Luxemburgo. Como podem ver no dossiê, o nome dele é Clive Maugh. Otto apurou tudo sobre o rapaz. Tem apenas 27 anos. Os 600%, alcançados em 18 meses, foram obtidos negociando em diversos mercados, todos os dias, inclusive à noite.

A uma audiência totalmente absorta, Lesneur continuou:

— Trata-se, indiscutivelmente, de um gênio. Fui a Luxemburgo só para entrevistá-lo. Trabalha com sistemas desenvolvidos por ele mesmo. Só pensa no mercado. As 24 horas do dia. Parece alimentar-se dele. Não é um tipo agradável, mas, segundo Otto, é de confiança. Bem, é melhor que ele mesmo fale sobre o inglês.

Todos se viraram para o diretor de Inteligência.

— Verifiquei tudo sobre Maugh — iniciou ele. — Mora num apartamento grande e antigo, mas tem uma vida espartana. Tudo o que tem lá são livros. Acho que os compra às toneladas. Gosta também de música clássica. Se alimenta apenas de leite e de sanduíches de queijo, junto com um monte de vitaminas. Tem uma conta de poupança com mais de 50 mil dólares, o que não é de estranhar,

pois não gasta com nada, a não ser com livros e com put... prostitutas. Regularmente, vai de trem até a Holanda, onde se encontra com elas. É solteiro e não tem namorada; um tipo meio repulsivo, desculpem-me o comentário. Seus colegas de trabalho não gostam dele. Por isso, os planos de Lesneur para Maugh são diferentes do padrão aqui do banco. Fale-nos sobre isso, Jean.

— Bem, Otto, a ideia é colocá-lo em uma sala separada, com os equipamentos necessários a seu trabalho. Depois, entregar-lhe um capital pequeno, digamos, uns 4 milhões. Mais tarde, se os resultados forem compatíveis com minha expectativa, aumentamos sua carteira. Desnecessário dizer que, com recursos maiores, ele não irá repetir o resultado de 600%, mas, se meu pressentimento não falhar, vai, no mínimo, dobrar o dinheiro a cada ano.

Durante o resto do encontro, Jean Lesneur, da Diretoria de Operações, Otto Behr, da Inteligência, Gustave Thayer, da Captação, e Mark Monpère, da Administração, examinaram relatórios de Jacques Schneider, da Contabilidade e Controle.

Ao fim do dia, quando tudo parecia indicar o término da reunião, o senhor René Russon, proprietário do Banco Centro-Europeu de Lausanne, que a tudo assistira de seu escritório, através de um aparelho de televisão colocado à frente de sua mesa, entrou na sala e assumiu a presidência do Sindicato. Parabenizou os presentes pelo excelente trabalho realizado. Deu apenas uma ordem:

— Acompanhem o trabalho desse senhor Julius Clarence, de Nova York. Poderemos fazer excelentes negócios se seguirmos seus movimentos. Mais tarde acertaremos a conta das laranjas.

Capítulo 26

Na primavera de 1967, Bernard Davish, recém-graduado na NYU, começou a trabalhar na Clarence & Associados. Sua tarefa inicial consistia em controlar o caixa da mesa de operações.

Para cada negócio feito pela mesa, emitia-se uma boleta, com as características da operação. O papel era imediatamente repassado a Davish. Competia-lhe controlar o fluxo de dinheiro provocado por esses negócios, de maneira tal que, ao fim do dia, a empresa não corresse o risco de ficar com o caixa negativo, nem com sobras de dinheiro.

Magro, alto, cabelos ruivos e ondulados, o jovem Davish conheceu o patrão logo no primeiro dia de trabalho, pois Clarence passava quase todo o tempo na sala de operações. O entusiasmo de Bernard na condução de sua tarefa não passou despercebido.

Na primeira oportunidade, menos de dois meses depois de sua admissão, Davish foi promovido a operador. Recebia ordens de clientes e as passava às diversas bolsas. Foi também autorizado a operar um pequeno capital especulativo: 25 mil dólares, apenas para treinamento. Para Bernard, os 25 mil significaram milhões. Não raro, ficava até tarde da noite na empresa estudando alternativas de negócios para o dia seguinte. Clarence observava.

Na época, a Clarence & Associados já montara um eficiente setor de informações. Muito aquém do nível desejado por Julius, mas o único de Wall Street. As outras empresas preferiam terminais de teletipo das agências de notícia, coisa que ele também possuía.

Julius sabia que as agências quase sempre chegavam à frente com as informações. Mas bastava que, duas ou três vezes por ano, eles soubessem de um acontecimento importante antes do resto do mercado, para superar todos os gastos do setor e ainda sobrar um lucro substancial.

Uma das tarefas do pessoal de informações era escutar transmissões de rádio ao redor do mundo, o que proporcionava alguma vantagem.

Enganam-se os que pensam que todas as informações obtidas pela CIA, pelo KGB, pelo Mossad de Israel e pelos principais órgãos de informação do mundo são coletadas por uma enorme rede de espiões. Embora estes existam, a maior fonte de dados desses órgãos são os jornais e as transmissões de rádio, tanto das emissoras comerciais como das comunicações de pessoa a pessoa.

Alan Payne, responsável pelo serviço de informações da Clarence & Associados,

ex-agente da CIA, montou um sofisticado sistema de escuta. Esse serviço situava-se em Ridgefield, Nova Jersey, do outro lado do Hudson, e mantinha contato permanente com Clarence.

Na segunda quinzena de maio de 1967, os serviços secretos dos governos, as agências de notícias e o serviço de informações da Clarence, em Ridgefield, estavam em plena atividade.

A Síria vinha patrocinando ataques terroristas em Israel. Nasser, do Egito, expulsara da península do Sinai os observadores das Nações Unidas e bloqueara a frota mercante de Israel no golfo de Aqaba. A Jordânia, o Egito e o Iraque haviam unificado seus exércitos sob comando egípcio.

Às 8h da manhã da segunda-feira, 5 de junho, a aviação israelense atacou os aeroportos militares do Egito, Jordânia, Síria e Iraque. Na hora do ataque, o sol já estava alto no Oriente Médio. Mas na Costa Leste dos Estados Unidos ainda era 1h da manhã.

Clarence, que adquirira o hábito de trabalhar nas noites de domingo, examinara uns gráficos das cotações da bolsa de valores e preparava-se para dormir quando os três telefonemas se sucederam quase ao mesmo tempo. Primeiro Sandra, de Düsseldorf. Depois Alan Payne, de Ridgefield, e, logo a seguir, para grande surpresa de Julius, o operador júnior Bernard Davish, falando da sede da Clarence, em Wall Street. Só então o terminal de teletipo começou a vomitar notícias, uma atrás da outra.

Sandra foi rápida e objetiva:

— Vejo que não o acordei. Os amigos têm uma informação. Israel atacou os países árabes. Os detalhes, com certeza, o senhor saberá pelo rádio e pela TV. Se for preciso, volto a telefonar. Uma boa noite, senhor Clarence.

Julius ainda agradecia a Sandra quando o outro telefone tocou. Falando de Ridgefield, onde passava a noite — por pressentir alguma coisa —, Payne foi tão objetivo quanto a moça.

— Julius, a guerra começou no Oriente Médio. A força aérea de Israel está destruindo, no solo, a aviação do Egito, da Síria, da Jordânia e do Iraque.

— Acabei de saber. — Julius fazia questão de que seu serviço soubesse que não fora o primeiro a informar.

Tentando disfarçar a decepção, Payne acrescentou:

— Ficarei atento. Se acontecer algo novo, ligo imediatamente. — Alan tinha autorização para acordar Julius Clarence a qualquer hora da noite.

Ligou, então, Bernard Davish, nervoso e inseguro.

— Me desculpe, Julius — desde o primeiro dia de trabalho, os operadores da Clarence & Associados chamavam o patrão pelo primeiro nome. — Ah... a... aqui

é Bernard, da mesa. Vim até o escritório examinar uns gráficos do Dow e, aí, saiu uma notícia da UPI. Israel está atacando os árabes. Acho que a guerra começou. Fi... fiquei em dúvida. Achei melhor avisá-lo.

A surpresa de Julius foi completa. Bernard encontrava-se no escritório àquela hora. Examinava o mesmo gráfico que ele. Finalmente, Clarence não notara o despacho da UPI, que agora via pendurado no teletipo, ao lado.

Julius sentiu um aperto no estômago. Medo! Sempre sentia medo nessas ocasiões. O medo do predador. De ficar de fora, de perder a oportunidade. De não participar de outra batalha que iria começar.

— Bernard, não desligue. Deixe-me pensar um instante. — Olhou as horas: 1h45. Merda. Péssima hora. Os mercados da Europa ainda não haviam aberto; o do Japão já fechara. Hong Kong! Tinha uma hora e meia em Hong Kong. Tempo suficiente. Voltou a falar com Davish.

— Perda de tempo ir para aí. Tenho três linhas aqui comigo. Uma ficará aberta com você. Vou precisar muito das outras duas. Você tem toda a mesa a seu dispor. Garoto, nós vamos arrebentar com eles.

Ao longo da madrugada, Julius e Davish entraram no mercado de Hong Kong comprando prata e vendendo libras esterlinas contra o dólar. Ao mesmo tempo, foram acordando os operadores da Clarence, de maneira tal que, ao abrirem os mercados na Europa, todos estivessem a postos.

De Greenwich, Clarence conduzia o show. Quando vários operadores já se encontravam na mesa, pegou a limusine com Antoine e dirigiu-se ao escritório. Manteve contato permanente com seu pessoal pelo rádio do carro. A vantagem do tempo era toda dele.

Só quando os escritórios abriram na Europa os ainda sonolentos operadores do Velho Mundo começaram a saber das notícias. Quanto aos profissionais de Wall Street, ainda dormiam a noite de domingo. Mas a Clarence & Associados estava acordada e atacava os adversários. Fornalhas trabalhando a pleno vapor.

Em Paris e Londres, compraram mais dólares, prata e venderam grande quantidade de francos franceses e libras esterlinas. Compraram cacau, açúcar e borracha, mercadorias que sempre sobem durante as guerras. Venderam ações a descoberto nas bolsas de valores de Londres e Paris. Em Roterdã, compraram vários carregamentos de petróleo. Em Londres, no mercado de fretes, alugaram petroleiros.

Se o canal de Suez viesse a ser fechado por causa da guerra, a rota do petróleo do golfo Pérsico para a Europa teria de contornar a África pelo cabo da Boa Esperança. As viagens seriam mais longas e a disponibilidade de navios seria menor. Os fretes iriam subir.

De Ridgefield, Alan Payne insistia:

—Julius, fui informado, por fontes seguras, de que Nasser está considerando seriamente a possibilidade de afundar alguns navios em Suez e bloquear o canal.

Quando a Bolsa de Valores de Nova York abriu, às 9h30, a Clarence & Associados vendeu ações a descoberto. A essa altura, a guerra já eclodira há mais de oito horas, eliminando o fator surpresa. Mesmo assim, o pessoal da Clarence continuava em vantagem, pois estudara, ao longo de todo esse tempo, quais as empresas que perderiam e quais as que ganhariam com a crise.

Ao fim da segunda-feira, Clarence e seus operadores já registravam excelentes resultados em suas operações espalhadas pelo mundo. Era hora de começar a desfazer as posições. Ficaram todos até tarde na corretora preparando planos para o dia seguinte.

No dia 6 de junho, tal como Ridgefield estimara, Nasser fechou Suez, para deixar a Europa sem petróleo, gerando um início de pânico no mercado. Os investidores procurando dólares e prata, oferecendo libras e ações. Foi fácil para a Clarence reverter suas posições, vendendo o que todos queriam comprar e comprando o que todos queriam vender.

O tempo era curto. De Düsseldorf, Sandra deu duas informações preciosas: a guerra acabaria muito em breve e o embargo de petróleo contra os Estados Unidos e a Grã-Bretanha — decretado pela Arábia Saudita, Kuwait, Iraque, Líbia e Argélia — estava fadado ao fracasso.

Com os acontecimentos daquela semana, Clarence percebeu a sabedoria de Abdul, ao optar por uma sociedade secreta, os dois se comunicando através de intermediários. O que estaria fazendo seu sócio naqueles momentos de crise? Lembrou-se também do velho Abramovitch. A voz cansada.

"O importante é entender os acontecimentos do mundo. Perceber as coisas antes dos outros."

Durante o restante da semana, todos concluíram que, com a aviação dos países árabes destruída no solo, a guerra estava decidida em favor de Israel. Os mercados se acalmaram. As coisas voltaram ao normal. O Índice Industrial Dow Jones recuperou os 16 pontos perdidos por conta da guerra.

Enquanto durou o conflito, Julius permaneceu grande parte do tempo no escritório, indo ao apartamento para tomar banho, trocar de roupa e cochilar algumas horas.

Só na sexta-feira retornou a Greenwich. Levou consigo Bernard Davish, seu companheiro de batalha desde o primeiro minuto, para passar o fim de semana.

No dia seguinte, sábado, dia 10, terminou a Guerra dos Seis Dias. Os mercadores de dinheiro, tal como os soldados no front do Sinai, puderam, então, descansar.

Fortunas mudaram de mãos naquela semana. Julius ganhou 10 milhões. Mas não foi o grande vencedor. Clive Maugh, um operador de Lausanne, trabalhando sozinho, quase sem dormir durante toda a semana, e usando ao extremo seu poder de alavancagem, dobrou seu capital de 4 para 8 milhões de dólares.

O Sindicato, graças à atuação de Maugh e ao fantástico serviço de informações de Otto Behr, obteve um lucro de mais de 40 milhões durante a Guerra dos Seis Dias especulando com os mercados.

Capítulo 27

Aos poucos, Julius se integrava a Greenwich. Gostava do lugar, das ruas tranquilas, das propriedades abertas, sem cercas, dos animais silvestres soltos, sem ninguém para perturbá-los. Por ali se viam veados, alces, patos selvagens, esquilos.

Não raro, a limusine era obrigada a parar atrás de uma fila de carros apenas para que uma família de patos atravessasse a estrada. Nessas ocasiões, Antoine voltava-se para o patrão e explicava:

— São os patos, senhor.

Clarence reclinava-se prazerosamente no banco traseiro, enquanto a fila de automóveis aguardava pacientemente um pato retardatário a coçar-se no meio da estrada.

O novo morador foi bem aceito na comunidade. Como se houvera nascido lá. Surgiram os primeiros convites para jantar, para churrascos à beira das piscinas. Começou a chamar os vizinhos para sua casa também.

Os moradores gostavam dele. De certa maneira, também o invejavam, embora houvesse muitas pessoas mais ricas que Julius Clarence no condado de Greenwich. Mas nenhuma delas enriquecera tão rápido e com tão pouca idade.

Havia uma auréola lendária ao redor de Julius Clarence. Dizia-se dele que era o mago de Wall Street. Um homem que transformava informações em dinheiro.

Julius nunca possuíra um cavalo, mas se sentia atraído por eles. Talvez por causa de seu sangue irlandês. Não raro, comparecia aos hipódromos, geralmente levado por seu vizinho, Martin Beresford, este, sim, alucinado pelas corridas.

Beresford tinha pouco mais de 40 anos. Era riquíssimo. Seu patrimônio incluía várias refinarias de petróleo. Comparecia diariamente a seu escritório em Jersey City, cuidava de maneira competente de seus negócios, era bom marido e ótimo pai para suas duas filhas.

Mas gostava mesmo era de cavalos, de puros-sangues ingleses. Possuía uma centena deles em seu haras em Glensboro, nas cercanias de Lexington, no Kentucky. Entre eles, alguns dos melhores reprodutores do país. Outra centena podia ser encontrada nas cocheiras dos principais hipódromos não só dos Estados Unidos como também da Inglaterra e da França.

Martin herdara da mãe e dos avós maternos o gosto pela criação de cavalos. A blusa preta, tradicional marca do Haras Saint Joseph, já trouxera muitas glórias aos Beresfords. Isso se podia averiguar no salão nobre do haras de Kentucky

ou na pequena sala de troféus, ali mesmo em Greenwich, onde Martin guardava os mais recentes para seu próprio deleite.

Não havia demarcação entre o terreno de Julius e o de Martin, a não ser o fim de dois suaves declives gramados, que desciam das duas propriedades. De resto, campo aberto. Martin costumava invadir o terreno de Clarence e arrancá-lo de um bom livro, geralmente para comer um churrasco, que Julius sempre acusava de ser preparado com carne de cavalo.

Era primavera de 1968 e Julius encontrava-se em um desses churrascos na casa ao lado. Sem muito esforço, Beresford levou a conversa para seu tema predileto, puros-sangues ingleses e corridas.

— Pois é, companheiro, você diz que tem sangue irlandês. Já conseguiu beliscar alguma coisa daqueles otários lá da bolsa, mas ainda não tem nenhum cavalo. Lora, você não acha isso uma vergonha?

— O Julius tem coisas mais sérias para fazer. — Lora Beresford era uma mulher encantadora. — Ele está precisando mesmo é de uma mulher. Não é mesmo, Julius?

— Bem, Lora, cavalos a gente pode comprar. Já mulheres... não sei de nenhuma interessada.

Martin virava um bife na grelha e discordou:

— Não caia nessa, garoto, elas estão loucas atrás de você.

— Bem, Martin, eu tenho aquela cocheira lá em casa. Se quiser me vender algum daqueles seus matungos lá do Kentucky, posso colocá-lo ali. Nos fins de semana, sairei galopando pela vizinhança.

— Você sabe que não estou falando disso. Falo de cavalos de verdade. De vencedores de corridas.

— Bem, Martin, vou pen...

— Já sei! — Beresford brandiu o espeto com o bife bem à frente do rosto de Julius. — Vou leiloar alguns potros de dois anos na próxima quinta-feira — gritou entusiasticamente. — Um deles, da melhor linhagem do país, ainda sem nome, tem as mãos tortas. Vou vendê-lo bem barato para você. Só tem um detalhe. Terá que arrematá-lo no leilão. Vai lhe custar 50 mil dólares. Você paga o que for preciso para dar o lance vencedor. O que passar dos 50 mil eu lhe devolvo depois. Esta você não pode recusar, companheiro.

— E o que eu vou fazer com um potro de mãos tortas?

— Fora os que reservei para mim, é o melhor da minha turma de dois anos. Tenho receio que dê um preço baixo por causa das mãos. Ficaria bastante chateado se isso acontecesse. Poderia também baixar o preço do resto do lote. Vou entregá-lo barato para você, mas gostaria de vê-lo por perto. Vai ser um campeão, companheiro. Já estou até arrependido da oferta.

— Ok, Martin. Você venceu. Onde é o leilão?

— Ah, já ia me esquecendo. O leilão vai ser em Paris. Quinta-feira, às 5h da tarde, no *tattersall* do Polo de Bagatelle, lá no hipódromo de Longchamps, no Bois de Boulogne. Poderemos até viajar juntos. Certo, parceiro?

— Eu sabia que tinha alguma coisa escondida nesta história de cavalos. Está bem, Martin. Vou dar um descanso àqueles otários lá da bolsa. — Julius já começava a gostar do potro que nem ainda conhecia. Por certo, estaria lá.

Capítulo 28

O Bois estava triste naquele fim de tarde de primavera. Um vento frio soprava dos lados de Saint-Cloud, vergando as árvores, ainda no começo da floração. O céu carregado e uma garoa fina espantavam os possíveis frequentadores do bosque. Mas, no hipódromo de Longchamps, o burburinho do Polo de Bagatelle mostrava que algo importante estava para acontecer.

Logo teria início o leilão de potros. O primeiro da primavera. O Haras Saint Joseph, do Kentucky, leiloaria, naquela tarde, 18 exemplares de sua criação. Os animais já se encontravam ali há vários dias, recuperando-se da extenuante viagem aérea, feita em um velho mas confortável Boeing Stratocruiser, movido a motor de pistão, adaptado para o transporte de cavalos.

As poltronas de veludo preto, cor do Saint Joseph, haviam sido forradas especialmente para o evento. Ao longo do semicírculo, as pessoas iam se acomodando, enquanto os operadores de luz ajustavam os focos dos holofotes. Tudo extremamente chique: a cidade, o local e as pessoas. Vista assim, Paris mais parecia viver ainda a *belle époque* e não o ano de 1968, quando, apenas dois meses depois, assistiria à última revolta romântica do século XX, protagonizada pelos estudantes liderados por Cohn Bendit.

Há mais de uma hora, Francine Kéraudy encontrava-se no *tattersall*. Enquanto aguardava o leilão, esfregava as mãos nervosamente. Dezenas de vezes abotoara e desabotoara o mesmo botão do Chanel cinza, um tique que há muito não se manifestava.

Francine sabia que o potro seria seu. Mesmo assim, não conseguia controlar a ansiedade.

Por sorte, seria o primeiro a ser vendido. O leilão ainda estaria frio. Os compradores guardando seus lances para o fim. Sua ansiedade terminaria logo. Francine estava louca para acabar com aquilo.

Seu pai, Louis Kéraudy, fora bem claro. No máximo, um milhão de francos. Gostava de cavalos de corrida, não tanto quanto a filha — ninguém gostava tanto de cavalos de corrida quanto Francine Kéraudy —, mas detestava expor seu nome em leilões.

Kéraudy, fabricante de mísseis, era avesso a publicidade. Prejudicava os negócios. Pouco saía da fábrica em Toulouse, a não ser para vender suas armas, o que fazia com grande habilidade. Vinha naqueles dias tentando negociar 2 mil terra-terra Bandits para o governo de Sua Majestade Imperial, o xá Mohamed

Reza Pahlevi. Publicidade, em momentos como aquele, só poderia atrapalhar. "No máximo, 1 milhão", sentenciara ao telefone.

Francine sentara-se na primeira fila, bem ao centro. Olhava constantemente para os lados e para trás, tentando identificar possíveis adversários.

Ninguém iria tomar seu potro. Ninguém. Treinara inúmeras vezes todos os lances. "No máximo, 1 milhão", dissera o pai. Mas podia ficar tranquila. Com 400 ou 500 mil francos, haveria de levá-lo.

Embora amasse os cavalos, Francine detestava leilões. Dois anos antes, sofrera uma grande decepção ao perder, naquele maldito leilão do Kentucky, o Sea Bird, meio-irmão do potro que ia ser leiloado aquela tarde no Bois. E, desde então, Sea Bird vinha ganhando tudo.

O pai, Mosquetère, e a mãe, Tzarina, eram grandes campeões. E não haveria de ser por causa das mãos tortas que seu potro seria um perdedor. Não, as mãos tortas viriam em seu auxílio, manteriam os lances baixos. O potro seria seu e correria até mais que o Sea Bird. Ninguém tomaria, desta vez, seu campeão.

Francine, de tão ansiosa, nem notara o homem alto, de barba, quase a seu lado, parecendo pouco à vontade naquele ambiente desconhecido.

O leilão começou precisamente às 5h. De início, o leiloeiro descreveu todo o lote. Falou sobre o Haras Saint Joseph. Apresentou seu proprietário, Martin Beresford. Aplausos discretos acolheram o americano.

O primeiro potro da tarde, produto de Mosquetère em Tzarina, natural do Kentucky, ainda sem nome, foi apresentado ao seleto público do *tattersall*. O animal foi conduzido várias vezes de um lado para o outro sob as luzes dos holofotes. O brilho do pelo castanho-escuro refletia de volta ao público os raios azulados da luz artificial. O olhar assustado denotava insegurança. Fora criado para correr, não para se apresentar no palco, qual um cavalo de saltimbancos.

Enquanto o potro era exibido, iniciou-se o leilão. O leiloeiro sugeriu um lance inicial de 200 mil francos, ao qual, afobadamente, Francine Kéraudy retrucou levantando a mão direita, mais alto e mais depressa do que ela mesma planejara tantas e tantas vezes. A pressa da moça não passou despercebida a Julius Clarence, sentado praticamente a seu lado.

O leiloeiro sugeriu um lance mais alto. Um senhor, na extremidade direita do anfiteatro, levantou o indicador da mão direita de maneira tão discreta que só mesmo o profissional lá em cima foi capaz de perceber.

Os lances foram se sucedendo rapidamente. Às vezes, o valor era sugerido pelo leiloeiro; em outras, o interessado o indicava com um pequeno gesto. Ninguém falava alto, gesticulava-se pouco. Um pequeno aceno com a mão ou um leve inclinar de cabeça bastava para que o novo lance fosse identificado.

A cada oferta, Francine respondia com um aceno de mão. À medida que os valores subiam, rareavam os compradores. Julius Clarence permanecia calado.

Quando o preço chegou a 800 mil francos, restavam apenas dois pretendentes, Francine e, lá no canto esquerdo, na última poltrona da terceira fila, um senhor de mais idade, aparentemente inglês, pela indumentária. Ela, extremamente nervosa, o botão do tailleur já arrancado em suas mãos. O inglês — sem dúvida, só poderia ser um inglês —, impassível.

Os dois passaram a colocar seus lances de 10 em 10 mil. A plateia olhava para um lado e para o outro como se assistisse a um jogo de tênis.

Após um lance de 960 mil francos, dado já em desespero pela senhorita Kéraudy, o outro pretendente desistiu, não sem antes levantar-se e enviar à moça um gentil cumprimento de felicitações.

O leiloeiro olhou ao redor e preparou-se para bater o martelo. Francine já se via beijando o focinho do filho de Mosquetère e Tzarina, o irmão do grande campeão Sea Bird, quando o homem de gelo do *pit* da Chicago Board of Trade, o mago de Wall Street, Julius Clarence, levantou-se, esticou o braço e, depois, recolheu-o com a palma da mão voltada para si, como quando comprava 200 mil *bushels* de trigo de uma só vez. Como se houvesse falado francês por toda a vida, berrou:

— Je donne un million et deux cents mille francs!

Só então a plateia notou a presença do americano. Quanto a Francine, chorando convulsivamente, jogou fora o pequeno pedaço de papel onde anotara, a cada lance, quanto faltava para seu limite de 1 milhão. Só Clarence percebera quando ela amassou o papel, um pouco antes de seu último lance, tal como fazia, cinco anos atrás, um operador de trigo, seu concorrente no pregão da Bolsa de Chicago.

Inconsolável, a moça correu para fora do *tattersall*.

Capítulo 29

As tribunas do hipódromo de Belmont Park, em Long Island, encontravam-se fortemente iluminadas pelo ardente sol de verão. A uma manhã chuvosa seguira-se um céu aberto. O azul-celeste só era interrompido pelos riscos de condensação traçados pelos jatos que cruzavam os céus.

No *paddock* do hipódromo, o treinador, auxiliado por dois cavalariços, tentava colocar os arreios e a sela no agitado puro-sangue. O potro levantava e abaixava a cabeça, em movimentos súbitos, frustrando as tentativas dos profissionais. Encostados à grade branca do *paddock*, Julius e Martin observavam o trabalho. Sorriram aliviados quando, finalmente, o animal se deixou equipar.

Julius já ia encaminhar-se para a tribuna, seguindo Martin, que parecia conhecer todos ali, quando viu, também encostada à grade, do outro lado do boxe onde o potro era preparado, a moça do leilão de Paris.

Não resistiu. Contornou o boxe e dirigiu-se a ela. Só então notou o quanto era atraente.

Os cabelos curtos mesclavam diversos tons entre castanho e preto. Sobrancelhas bem traçadas acentuavam o lindo par de olhos castanhos. O nariz, a boca, os lábios finos, pintados de vermelho suave, formavam belo conjunto com o par de brincos de pérola. Um colar, também de pérolas, iguais às dos brincos, combinava com o tailleur branco que vestia o corpo extremamente bem proporcionado.

Ao vê-lo, a moça deu sinais de irritação. Clarence ignorou a fisionomia inamistosa e apresentou-se:

— Olhe, meu nome é Julius Clarence. Como estamos sempre frequentando os mesmos lugares, em ambos os lados do Atlântico, sugiro nos apresentarmos um ao outro.

— Gostaria de ser poupada desse desprazer. Estou aqui porque tenho um cavalo no Grande Prêmio. Não vejo necessidade de nos apresentarmos. Não tenho o hábito de conversar com estranhos. — O inglês de Francine disfarçava pouco sua condição de francesa.

— Ah, me desculpe, mas você está olhando o cavalo errado. Este é o Mississippi Saylor, que eu arrematei naquele fantástico leilão em Paris. Vocês franceses sabem mesmo como organizar as coisas. Bem, em Paris, você parecia um bocado interessada em meu cavalo. No Mississippi Saylor.

— Nunca imaginei que alguém pudesse dar um nome tão grotesco a um potro. A não ser você, é claro. Da maneira como deu o lance em Longchamps, só poderia dar um nome desses. Mississippi Saylor! Não dá para acreditar. Bem, não tenho o menor interesse por seu cavalo.

— Bem, com licença, senhorita... Como é mesmo o seu nome? — E, sem esperar uma resposta, Julius acrescentou: — Ok, vamos ver se seu cavalo, ou melhor, se meu cavalo merece tanto interesse. — Julius fez um aceno com a cabeça e dirigiu-se com Martin para as tribunas.

Capítulo 30

Cesar Esposito era um profissional experiente. Conhecia cavalos. Montava-os desde menino, lá em Havana, antes de Castro chegar e estragar as corridas. Esposito não compreendia Castro. Se ele não gostava de apostas nos cavalos, por que não o deixara partir em paz, sem ter de arriscar a vida naquele barco, que mais parecia uma canoa, no meio da noite?

Mas conseguira escapar e já há quase 10 anos montava para o Saint Joseph. No inverno, lá no Hialeah Park, em Miami. No verão, aqui no Belmont Park e em Churchill Downs, no Kentucky.

Bom patrão, o senhor Beresford. Já lhe prometera um trabalho mais tranquilo, no haras em Glensboro, quando estivesse velho demais para as corridas. Mas Esposito desejava mesmo era voltar para Havana, aquilo sim era um lugar para se viver. Quem sabe um dia Castro não começaria a gostar de cavalos.

O animal não pertencia ao Saint Joseph. Esposito iria correr aquele páreo de favor. Era de um amigo do patrão. Senão, não correria. A não ser que lhe pagassem muito bem, pois tinha medo de potros muito novos. Principalmente estreantes como aquele. Bastava um pequeno descuido e pronto. O animal se jogava contra a cerca. Mas, enfim, eram ossos do ofício.

Estivera observando o potro — como era mesmo o nome dele? Ah... sim, Mississippi Saylor, nome estranho para um cavalo — antes, nos treinos, e hoje, durante o galope de apresentação e enquanto se dirigiam ao *starting gate.*

Algo lhe dizia: aquele era um craque. Talvez pela maneira como movia o pescoço, talvez por causa das mãos — engraçado, as mãos dele eram tortas, sim, as mãos tinham uma pegada grande, iam lá na frente. Mas só se podia saber durante a corrida. Cavalos se conhecem na corrida. Aí se vê o coração do animal. O coração é que ganha as corridas.

Esposito colocou Mississippi Saylor em seu boxe no *starting gate.* O primeiro junto à cerca, na reta do lado oposto às tribunas, um pouco antes da curva. Era só largar e pronto. Aquele potro era um velocista. Largar, não deixar o animal abrir na curva e ir coladinho à cerca até o final.

Um a um, os concorrentes foram colocados dentro dos boxes, no *starting gate.* Os animais chocavam-se contra os postes acolchoados, enquanto os cavalariços, agarrados às grades, desdobravam-se para manter os puros-sangues em posição de largada.

Nas tribunas, apostadores, proprietários, treinadores, todos estavam de olhos e binóculos grudados na reta oposta. Embora, para os leigos, todas as corridas pareçam iguais, para os entendidos, os aficionados, cada uma delas contava uma história diferente. Principalmente um páreo de estreantes. Quem sabe ali não estaria um grande campeão?

Julius Clarence procurava controlar a tensão. Olhando para os lados, viu, no fim da tribuna, a garota francesa olhando em sua direção.

Se entre o público havia ansiedade, esta era maior entre os profissionais, sentados sobre a sela minúscula, à espera da campainha, quando todos os portões se abririam ao mesmo tempo e os animais se projetariam para a frente.

Apesar de sua experiência, Esposito sentia-se ansioso. Era sempre assim, não importava o quanto já tivesse corrido. Ouvidos atentos, músculos retesados, uma última verificação para saber se as botas estavam direitas no estribo.

Pronto! Subitamente os portões se abriram para a frente. Uma mistura de sons: os portões, a campainha, os gritos dos jóqueis, dos cavalariços, dos oficiais de largada.

Quando Esposito se deu conta, já era tarde. O jóquei ao lado — aquele filho da puta do Spencer — espremeu-o contra a cerca, obrigando-o a puxar a rédea, os pés calcando o estribo para a frente. — Por que não se lembrou de que o Spencer estava no boxe ao lado?

Esposito ficou para trás, bem longe dos outros competidores. — *Mierda!* Como isto foi possível? — Apenas alguns segundos, mas o suficiente para que a corrida estivesse perdida. Ainda mais num páreo de apenas seis *furlongs*, menos de uma milha. Só restava dar tudo de si, quem sabe, tentar não ser o último colocado.

Tinha que fazer o possível. Senão arriscava-se a ser suspenso pela comissão de corridas, porque o regulamento mandava os jóqueis fazerem todo o esforço possível, mesmo quando o páreo estava perdido.

Então o Mississippi Saylor começou a descontar a diferença. As mãos tortas buscavam a pista lá na frente e depois se curvavam para trás e para cima. As patas traseiras cravando-se na areia úmida. Os olhos grandes pareciam saltar fora das órbitas. Esposito sentiu o coração do animal. Aquele era um campeão. Pena ter largado atrasado.

A curva nem ainda terminara e Cesar começou a sentir no rosto a areia jogada para cima pelas patas dos adversários.

Entraram na reta, três *furlongs* apenas. O cubano não acreditava no que via e sentia. Pelo lado direito, correndo por fora, Mississippi Saylor começou a ultrapassar os outros, um a um. Esposito, os joelhos roçando a cernelha, sentia seu animal buscando o terreno que lhe pertencia.

Os braços do jóquei abriam-se e fechavam-se no mesmo ritmo do pescoço do potro. Parecia que jóquei e cavalo eram partes de um mesmo animal. Esposito sentia-se voar. Apenas dois competidores à sua frente.

Cinquenta jardas para o final, agora apenas um. Cesar Esposito trocou o chicote da mão direita para a esquerda e bateu forte. O potro compreendeu a ordem e, numa última explosão muscular, mãos e patas agora tocando a raia ao mesmo tempo, bateu o último adversário e cruzou o disco em primeiro lugar.

Martin Beresford gritava como um louco. Julius Clarence estava lívido. Subitamente, viu-se caminhando na direção de Francine Kéraudy. Os dois se abraçaram. A moça chorava.

Julius passou as mãos pelo cabelo da jovem e falou carinhosamente:

— Para um cavalo pelo qual não tem o menor interesse, você se emocionou um bocado. Vamos lá, garota, você vai me fazer o favor de sair na foto junto com ele.

Terceira parte

Capítulo 31

Julius acendeu o abajur ao lado da cama e verificou as horas: 2h30 da manhã de segunda-feira. Desde quando se recolhera ao quarto da clínica do professor Zardil estivera acordado pensando, rememorando, um a um, os acontecimentos de sua vida agitada.

Quase 30 anos já haviam passado desde seu encontro com Francine em Belmont Park. Mesmo assim, recordava-se de cada detalhe daquela tarde. Voltou a apagar a luz e, pela primeira vez em muitos anos, sentiu uma vontade incontrolável de fumar um cigarro.

O professor era fumante, mas não desejava acordá-lo. Desceu ao andar térreo. Deu sorte. Encontrou um maço sobre o aparelho de som. Pegou fósforos e um cinzeiro na cozinha e retornou à cama e à escuridão. De novo deitado, acendeu um cigarro, mas ficou tonto ao aspirar a fumaça. Apesar disso, continuou fumando, agora sem tragar. Fixou o olhar no pequeno ponto vermelho formado pela brasa incandescente. Voltou a lembrar-se de Francine. Sorriu para si mesmo ali no escuro.

Conseguiu focalizar na mente a foto da garota francesa segurando as rédeas de Mississippi Saylor em Belmont Park. Viu-a nitidamente, vestida com o tailleur branco, junto a ele, Martin, e o cavalo campeão, logo após a primeira corrida. Lembrou-se da cara do jóquei, o cubano baixinho. Esposito. Sim, Esposito era o nome dele. Depois das fotos, Francine desaparecera.

Foi preciso usar Alan Payne para descobrir quem era a moça. Só então soube que se chamava Francine Kéraudy. Tinha 23 anos, era solteira e filha única. Oficialmente, morava com o pai, Louis Kéraudy, em uma *villa* em Montaigut-sur-Save, a noroeste de Toulouse.

O senhor Kéraudy era proprietário da fábrica de armamentos Midi-Pyrénées, fabricante dos mísseis Bandits. Possuía também um apartamento na Avenue Foch, em Paris, onde Francine passava a maior parte de seu tempo junto a uma governanta, encarregada de sua educação desde menina. A mãe, Irène Kéraudy — Volter, de solteira —, deixara a filha ainda pequena. Vivia, desde então, com o agora octogenário pintor basco Andrés Tuzcoan em uma *villa* na Riviera italiana.

Francine Kéraudy era estudante. Cursava o 3o ano de Arquitetura na École Polytechnique de Paris.

Julius recorreu a Martin para voltar a vê-la. Francine não resistiu a um convite do Saint Joseph e viajou para Glensboro, a fim de conhecer o haras. No fim de semana, Clarence apareceu por lá. Ela sentiu prazer ao vê-lo, embora não o de-

monstrasse abertamente. Já familiarizada com o haras, serviu de guia a Julius, mostrando-lhe as instalações, as cocheiras e as pistas de treinamento. Ficaram juntos o sábado e o domingo.

A partir daí passaram a ver-se regularmente, cabendo a ele, quase sempre, fazer a longa jornada até Paris. Lá, frequentavam os restaurantes da moda, compareciam a shows e assistiam às corridas. Entretanto, quando ele ensaiava um contato mais íntimo, era imediatamente repelido. Até aquela noite no Lasserre — disso Clarence se lembrava nos menores detalhes, mesmo mais de um quarto de século depois, deitado em sua cama em Bruxelas.

Julius conhecia pouco Paris. Até o leilão do Mississippi Saylor, quando vira Francine pela primeira vez, suas viagens à França tinham se limitado a correrias de negócios, para compra de Giscard Bonds, títulos do governo francês, lastreados em ouro, muito procurados pelos investidores americanos. Nessas ocasiões, sua passagem pela cidade restringira-se à sequência monótona aeroporto/táxi/hotel/negócios/aeroporto.

Agora, sentia prazer em se deixar levar pela namorada para conhecer a verdadeira Paris. Percorriam juntos os bulevares e avenidas, sentavam-se nos cafés, à beira das calçadas, e partilhavam da boa mesa.

Francine estava extremamente alegre aquela noite no Lasserre. Os dois já haviam se deliciado com rissoles de lagostins ao tomate verde e aguardavam a língua de carneiro. Francine bebera algumas taças de champanhe e ria além do habitual. De repente, ficou séria, seus olhos encheram-se de lágrimas, os lábios começaram a tremer.

— Eu não vou conseguir nunca — disse, esforçando-se para não chorar.

— Meu amor, fique calma, relaxe. Você não vai conseguir nunca o quê? — Clarence colocou suas mãos sobre as dela, por cima da mesa. — Ssshhh… — sibilou baixinho, como se aquietasse uma criança assustada.

— Você sabe, Julius, eu não vou conseguir nunca. Eu sei que, quando você vem de Nova York e não acontece nada entre nós, você fica desapontado. Eu sei, um dia você não vai mais voltar. Julius, como eu posso ser tão infeliz?

Clarence passou-lhe um lenço. Ela assoou o nariz e olhou disfarçadamente para os lados, a fim de ver se alguém estivera olhando. Só então, mais calma, revelou seu pequeno drama. Já tentara fazer sexo com outros namorados. Sempre fracasso total. Seus romances terminavam abruptamente. Sentia aversão ao ato sexual. Era virgem. Queria deitar-se com Julius, mas receava ver tudo dar errado novamente. Tinha muito medo de perdê-lo por causa disso.

Julius sentiu-se ainda mais atraído; deitar-se com Francine, percebia, não significaria apenas a posse de mais um corpo feminino. Seria necessário mere-

cer-lhe a confiança primeiro. Disse-lhe que não forçaria nada. Deixaria que ela mesma tomasse a iniciativa, ditasse o progresso da relação.

Francine tranquilizou-se. Em sua fantasia, o sexo das mulheres era como alguma coisa que lhes pertencia e que os homens tentavam tomar para si. A atitude de Clarence alterava tudo, invertia os papéis. Isso a excitava. Muito.

Então, aos poucos, começou a aceitar, desejar até, tocar e ser tocada. Com naturalidade, sempre por iniciativa dela, foram se relacionando de maneira cada vez mais íntima.

Julius costumava hospedar-se no George V, não muito distante do apartamento de Francine. Um domingo, haviam acabado de voltar das corridas em Longchamps. Encontravam-se na suíte do hotel, ela sentada no sofá, ele deitado de costas, a cabeça repousando sobre suas coxas.

O contato do pescoço de Julius com a seda de seu vestido provocava na jovem sensações variadas. O coração bateu forte, percebia o sangue a correr mais rápido sob a pele e a contração da garganta ao engolir. Seu olhar percorreu o corpo de Clarence. Percebeu o sexo rijo sob a calça.

Não resistiu mais. Subitamente, ergueu a cabeça de Julius, que lhe tolhia os movimentos, e pôs-se de pé. Despiu-se afobadamente, revelando o corpo alvo, os seios pequenos, os mamilos duros de desejo, o sexo róseo pouco encoberto pela penugem clara. Já completamente nua, tirou a roupa de Julius, impacientando--se com os botões.

Enquanto o corpo dele se revelava, beijou-o no pescoço, no peito, na barriga. Segurou o sexo duro com ambas as mãos, acariciou-o com os lábios, beijou-o. Puxou-o para o sofá. Molhada de desejo, acolheu-o dentro de si. Chegaram juntos ao clímax.

Naquela noite, apaixonado, ele perdeu o voo de volta a Nova York.

Além de apaixonado, Julius se cansara de cruzar o Atlântico só para ver a namorada. Lora Beresford tinha razão. A casa de Greenwich precisava de uma mulher.

— Francine, você quer ser sócia do Mississippi Saylor? — disse Clarence, enquanto ela abria a caixinha com o solitário.

Em Toulouse, Julius conheceu o futuro sogro. Hospedou-se na majestosa *villa* de Montaigut-sur-Save, quartos separados. Para surpresa sua, o industrial Louis Kéraudy sabia tudo a seu respeito. Descobriu serem os fabricantes de armas mais bem informados que os operadores de bolsa.

Foi preciso pedir formalmente a mão de Francine. O sogro exigiu um casamento na fé católica. Isso não foi empecilho para Julius, pois seu casamento anterior, com Claire, realizara-se somente em cerimônia civil.

A mansão dos Kéraudy possuía dois andares, além do porão com as adegas e do sótão e suas seis mansardas. Árvores centenárias ladeavam a construção principal.

Louis Kéraudy criava galgos e colecionava armaduras antigas, dispostas ao longo dos corredores, da biblioteca e até mesmo do grande salão de festas. Este, há anos, não sediava nenhum evento social de magnitude. Austera e triste seriam os melhores adjetivos para definir a residência do sogro de Julius. Talvez por isso Francine passasse a maior parte do tempo no apartamento de Paris, vivendo com a gorda Bernadette, esta, sim, uma pessoa de bem com a vida. A maior fã de Julius Clarence.

Depois da maioridade, Francine visitava frequentemente a mãe em San Remo, algo antes proibido pelo pai. Julius foi até lá com a noiva. Gostou de Irene e ficou fascinado pelo espírito jovial do mestre Tuzcoan.

Francine Kéraudy e Julius Clarence casaram-se na Basílica de Saint-Sernin, em março de 1969, presentes o presidente Charles de Gaulle e toda a França.

Os fatos continuavam a suceder-se rapidamente na vida de Clarence. Ali estava ele, aos 28 anos de idade, casando-se na presença do presidente da França, recebendo telegramas e presentes de todo o mundo. Sentiu falta dos pais, teriam ficado orgulhosos, e do velho Abramovitch. Enviara um convite a Abdul al-Kabar. Este não compareceu à cerimônia, mas enviou um jogo de toalha e guardanapos rendados.

Claire Kellegher e Martin Beresford apadrinharam o noivo. Da noiva, foram padrinhos o presidente e a senhora Yvonne de Gaulle. Reabriu-se o salão de festas de Montaigut-sur-Save depois de longos anos.

Após duas semanas de lua de mel em Acapulco, Francine Kéraudy tomou posse da mansão de Greenwich para encantar Teresa, Antoine, os Beresfords e todos por lá. Bernadette preferiu continuar tomando conta do apartamento em Paris.

Deitado na cama em Bruxelas, Julius mentalizou sua mulher, Francine, conversando com Lora Beresford, as duas sentadas junto à piscina, a francesa com seu inseparável coquetel. Mas isso fora há muito tempo. Antes mesmo da compra do Banco Comercial de Manhattan.

Amanhã, ele se entregaria às mãos de Zardil. Julius Clarence iria desaparecer para sempre.

A brasa incandescente permanecia imóvel em sua mão. O sono veio lentamente. A figura de Francine foi se apagando, confundindo-se aos poucos com a imagem de Valérie Toulon, vestida com o uniforme da Trans Atlantic.

Tantas coisas, tantas pessoas. Julius Clarence adormeceu pela última vez.

Capítulo 32

Noite de domingo. A sede do Centro-Europeu estava quase deserta, não fossem os guardas de segurança e Clive Maugh masturbando-se no banheiro anexo a sua sala. Podia dar-se ao luxo de manter as portas abertas. Assim, via sua mesa, os telefones, os computadores e os terminais de cotação.

Sua mente tortuosa misturava a excitação da ofensiva planejada para aquela noite com a imagem das duas meninas levadas no sábado pelo turco Efram. Tudo muito excitante. Clive masturbava-se de pé, os calcanhares levantados, os olhos evitando sua própria imagem refletida no espelho a sua frente.

Já fazia parte do banco há mais de dois anos. Iniciara seu trabalho com uma carteira de 4 milhões de dólares. Agora, administrava 40, metade entregue pelo banco, a outra metade resultado de seus lucros no mercado.

Com a nova investida, a ser desencadeada na manhã seguinte, esperava ganhar, no mínimo, 10 milhões. Por isso estava tão excitado. Por isso se masturbava.

Maugh tinha um assistente, Giuseppe Ferraro. Este atendia o telefone, anotava as transações realizadas e passava ordens para as bolsas. Era incapaz de tomar uma decisão, e Clive gostava das coisas assim. Se dependesse dele, trabalharia completamente sozinho. Mas o diretor de administração, Monpère, designara o auxiliar, mesmo contra sua vontade, e ele não podia fazer nada a respeito.

Seu relacionamento com os demais operadores era mínimo. Às vezes, quando estava de bom humor, ia até a mesa de operações conversar com os colegas. Estes, entre si, não escondiam a aversão a Maugh, mas respeitavam sua competência.

Mesmo os diretores da instituição, a quem a performance de Clive rendia polpudas gratificações, evitavam um contato mais frequente. Otto Behr já dera a entender que o novo contratado possuía hábitos estranhos. Já o patrão de todos, René Russon, considerava Clive Maugh o mais brilhante profissional a seu serviço. Deixava-o claro a todos os funcionários e diretores do Sindicato.

A aparelhagem de Maugh era sofisticada. Além de uma pequena central telefônica, contava com um terminal de cotações, outro de notícias, uma enorme calculadora eletrônica Friden e um computador, com o qual traçava gráficos e simulava operações. Quando precisava de uma informação importante, fora dos canais normais de notícias, consultava diretamente Otto Behr. Este prestava-lhe imediatamente todo o auxílio.

Possuía vários ternos, camisas e gravatas. Todos iguais. Invariavelmente, comparecia ao trabalho vestindo terno azul-marinho, camisa branca e gravata também azul-marinho. Considerava uma inutilidade perder tempo todas as ma-

nhãs escolhendo a roupa do dia. Apenas o tecido variava, de acordo com a estação do ano.

Naquela noite quente de domingo, usava um terno leve de verão, a camisa branca de sempre, sem paletó e gravata. Os dois últimos estavam guardados no armário. Frequentemente, permanecia em seu posto até o dia seguinte, em contato com os mercados do Oriente. Nessas ocasiões, dava apenas um pequeno cochilo no apartamento, montado especialmente para ele por Monpère, ali mesmo no banco, do outro lado do corredor.

Costumava masturbar-se durante o expediente. Abandonava a mesa por alguns instantes, deixando-a sob os cuidados de Ferraro, e aliviava-se no banheiro. Envolvia o membro com um lenço de papel, evitando, assim, espalhar esperma pelo local. Depois, limpava-se rapidamente e retornava ao trabalho, o rosto vermelho, o ritmo cardíaco acelerado. Tal função o relaxava. Se Ferraro desconfiava dos estranhos hábitos de seu chefe, em nenhum momento o deixava transparecer.

Todas as noites, Maugh permanecia no escritório até tarde. Pelo menos até o fechamento da Bolsa de Nova York, o que acontecia às 9h da noite em Lausanne, por causa da diferença de fuso horário. Depois, examinava ainda os negócios do dia, fazia sua autocrítica e programava operações para o dia seguinte. Tarde da noite, ia de táxi para seu apartamento. Não gostava de dirigir. Receava envolver-se em um acidente. Clive Maugh não corria riscos desnecessários, a não ser nos mercados, onde não temia nada.

Detestava as noites de sexta-feira. Nesse dia, quando os operadores de todo o mundo se entregavam às delícias do fim de semana, ele, na falta de mercado para operar, recolhia-se a seus livros e discos. Ouvia música clássica — Brahms, Schumann e Haydn os seus preferidos — e lia muito. Devorava dezenas de livros por ano, sobre todos os assuntos: romances, contos, livros técnicos e acadêmicos. Estudava matemática, física, medicina e lia tudo sobre os mercados. Mas sua grande predileção eram as revistas pornográficas, que o carteiro depositava diariamente em sua caixa postal, na portaria, e que, depois, atulhavam as gavetas do apartamento.

Nas noites de sábado, uma sim, outra não, encontrava-se com prostitutas. Logo ao mudar-se para Lausanne, costumava ir de trem a Genebra. Lá as encontrava. Aprazia-lhe ir para a cama com duas ao mesmo tempo. Enquanto, a seu comando, elas se relacionavam entre si, ele se masturbava, ajoelhado ao lado das duas. Gostava de ejacular sobre as mulheres.

Maugh veio a conhecer o turco Efram através da sessão de anúncios de uma revista masculina. A partir de então, passou a receber mulheres em seu próprio apartamento. O diligente oriental, em sábados alternados, trazia a mercadoria, usando discretamente a entrada da garagem.

Quando conheceu melhor o cliente, Efram passou a trazer meninas de 13, 14 anos, filhas de imigrantes, cedidas pelos próprios pais em troca de dinheiro. Eram instruídas pelo cáften a tirar suas roupas e exibir seus corpos púberes, os seios mal desabrochando, os ralos pelos púbicos deixando o sexo à mostra.

Clive masturbava-se diante delas, a respiração ofegante, os olhos fixados no corpo das adolescentes, a maioria assustada. Mas havia as que se divertiam. Outras até se excitavam.

Enquanto durava a exibição, o servil Efram aguardava pacientemente na sala. Mais tarde, recolhia ele mesmo o cachê e retirava-se tão discretamente como havia chegado. Antes, indagava se Maugh gostara da mercadoria e combinava a próxima entrega.

Mesmo assim, o inglês detestava os fins de semana. Gostava mesmo das noites de domingo, quando a verdadeira ação voltava a acontecer. Ali, ao telefone, usando sua calculadora e seu computador, sabia que era o melhor.

Encontrava-se especialmente excitado aquela noite. Durante a semana, percebera um movimento acima do normal com as ações do Banco Comercial de Manhattan. Alguém as estivera comprando pesadamente. Os gráficos indicavam que aquele papel poderia subir muito.

As Bolsas de Tóquio e Hong Kong abriram estáveis e com pouco volume. Enquanto vigiava as cotações estampadas na tela a sua frente, Maugh passou a estudar o comportamento, na semana anterior, em Nova York, das ações do Manhattan, com as quais esperava lucrar muito a partir da segunda-feira. Mas, antes, era preciso estudar os gráficos, os balanços do banco, a composição do quadro acionário. Era necessário também preparar um questionário para Otto Behr. Tudo ainda na noite de domingo.

O inglês estava satisfeito. Só uma coisa o aborrecia: uma reportagem no jornal daquele dia sobre o mago de Wall Street, Julius Clarence. Odiava o americano. Ao lembrar-se dele, sentiu vontade de voltar ao banheiro.

Capítulo 33

Enquanto Clive Maugh estudava o Banco Comercial de Manhattan, tentando descobrir por que suas ações tinham sido tão negociadas na semana anterior, Julius Clarence também dedicava seu tempo àquele banco.

Embora ignorasse a existência de Maugh, Julius temia que, àquela altura, algum analista mais esperto pudesse estar percebendo o aumento no volume das ações do Manhattan no mercado de balcão. E Clarence era o responsável por isso; nos últimos três meses as vinha comprando, a princípio lentamente, agora com agressividade.

Sete horas da noite. Julius encontrava-se no escritório de sua casa, absorto na leitura de atas de assembleias do Manhattan, relações de conselheiros e vice-presidentes e mapas de acionistas. Por força do hábito, mantinha ligados os terminais com as cotações de Tóquio e Hong Kong. Mas seu único objetivo, no momento, era apoderar-se do Banco Comercial de Manhattan, uma operação arriscada. Nada mais o interessava.

O dia fora agitado e divertido. Assistiram às corridas em Belmont, ele, Francine, Martin e Lora com as meninas, Bernard e a noiva Lisa. Sem nenhum adversário a lhe oferecer resistência, Mississippi Saylor obteve sua terceira vitória em três apresentações. Desta vez como grande favorito, pagando apenas sete por cinco. Martin também viu dois de seus cavalos vencerem outros páreos daquela tarde. Voltaram satisfeitos. Francine, então, não cabia em si de tão radiante.

Durante a semana, Clarence reforçara sua posição. Utilizara diversas corretoras na operação, tentando protelar ao máximo o momento em que o mercado perceberia o interesse de alguém pelo banco. Mas ele sabia: cedo ou tarde, os observadores mais astutos notariam o aumento no volume de negócios e no preço dos papéis.

Tentava ser o mais discreto possível. Conhecia bem Wall Street. Se corriam rumores dando conta de alguém comprando alguma ação mais agressivamente, pronto! Acontecia o estouro da boiada. Todo mundo fazia o mesmo, sem saber se a empresa valia ou não aqueles preços. Todos queriam o lucro fácil de uma alta repentina.

Clarence sabia ser inevitável que as atenções se voltassem para o Manhattan. Mas desejava retardar esse momento ao máximo, para quando já tivesse um lote suficiente para poder detonar a operação. Por isso, agia de maneira camuflada, usando um fundo das Bermudas e deixando de fora a Associados.

Se começassem a falar que ele cobiçava o Manhattan, o preço iria às alturas. Poderia, então, vender suas ações e obter um grande lucro. Mas não era sua intenção. Queria adquirir o Comercial.

Outras pessoas estavam envolvidas na operação: Alan Payne, Bernard Davish, Basil Kennicot e Abdul al-Kabar, representado pelo advogado londrino.

Dois acontecimentos sem importância e sem conexão entre si haviam despertado seu interesse pelo banco.

Francine, pouco depois do casamento, começara a jogar tênis em um clube de Greenwich. Uma de suas parceiras, Lucille Griffith, era casada com um tal de Thomas Griffith, vice-presidente do Manhattan. Um dia, durante o café da manhã, Francine comentou incidentalmente:

— Imagine, Julius, a Lucille, ela mora aqui perto, ganhou do marido, de presente de aniversário, um anel de brilhantes. Ela diz que custou 25 mil dólares. Estava usando o anel ontem no clube. Mostrou para todo mundo. O marido dela é vice-presidente do Banco Comercial de Manhattan.

— Ah, Francine, as pessoas gostam de se exibir, ainda mais para você, por causa de seu pai, de mim mesmo. Tem sempre alguém querendo impressionar. Vai ver, o anel não vale 5 mil. Ninguém usa uma joia de 25 mil dólares para jogar tênis.

Mais tarde, ainda naquela manhã, conduzindo a limusine pela 95 rumo a Nova York, Antoine quebrou seu silêncio habitual e dirigiu-se ao patrão, ocupado em ler o jornal no banco traseiro.

— Senhor Clarence, desculpe incomodar, mas, se o senhor não se importa, eu preciso de um conselho. Não entendo muito dessas coisas de finanças e de bancos. Sempre joguei o boxe; agora dirijo para o senhor. Mas tenho lá em casa umas ações do Comercial de Manhattan, que comprei há dois anos atrás com o dinheiro que sobrou das lutas e estava na poupança. Foi a pior coisa que fiz em minha vida. A minha mulher, a Bonnie, o senhor conhece a Bonnie, ela é americana e muito esperta para essas coisas de dinheiro, ela está mandando eu vender as ações porque elas não param de cair.

— Quanto você investiu? — Julius lembrou-se imediatamente do anel da parceira de Francine.

— Apliquei mais de 20 mil. Agora, as ações não valem 4 mil. Sempre pensei em me aposentar com esse dinheiro. Mesmo aquele pagamento que eles fazem todos os semestres, os dividendos, também está cada vez menor. Estou muito angustiado. O senhor não poderia dar uma olhada para mim? Se não se importa, é claro.

Clarence ficou curioso. Além disso, desejava ajudar Antoine, como era de seu feitio com os empregados. Chegando ao escritório, pensou em chamar um dos analistas do departamento técnico. Mas uma intuição, um sexto sentido, o levou a convocar Alan Payne.

Quando Alan chegou de Ridgefield, Julius já se arrependera de convocar seu chefe de Inteligência apenas para saber se Antoine estava sendo enganado. Mas, estando já Payne em sua sala, seguiu adiante.

— Alan, acho que chamei você à toa. Francine me contou hoje uma história de um anel de 25 mil dólares. Pouco depois, no carro, Antoine me falou de umas ações que está guardando para sua aposentadoria. Alan, dê uma espiada no Banco Comercial de Manhattan.

— Algum detalhe em especial, chefe?

— Não, não, apenas informações genéricas. Sabe como é. Pesquisa pura. Como fazem nas universidades. Mas faça isso em sigilo. Quem sabe descobrimos algo interessante.

Julius já se esquecera do caso quando, uma semana depois, Alan telefonou de Ridgefield.

— Chefe, já tenho alguma coisa para mostrar do Comercial de Manhattan. — Julius custou a perceber do que estava falando. — Gostaria de ir aí pessoalmente.

Pouco depois, Payne mostrava o resultado de suas investigações.

— Lucille Griffith não mentiu. Realmente seu anel custou ao marido Thomas, ele é vice-presidente de crédito do Manhattan, 25 mil dólares. Mas sua mulher não é a única a ser presenteada com joias. A amante — Payne lançou um olhar malicioso —, Dominique Smith, também recebe presentinhos de alto valor.

Uma luz de interesse acendeu-se nos olhos de Clarence.

— Thomas Griffith não é o único perdulário — continuou Alan. — O mesmo ocorre com os outros vices. Todos possuem hábitos dispendiosos, compram automóveis de luxo, barcos, fazem suas viagens de lazer no jato executivo do banco. Também colecionam obras de arte, algumas valiosas. Encontram-se com as garotas de programa mais caras da cidade. Moram em bairros e subúrbios valorizados, dois deles em Greenwich.

— Com relação às ações do banco, foi possível apurar alguma coisa? — Clarence começava a farejar algo mais que mexericos pessoais.

— Claro, claro, deixei essa parte para o final. Há dois anos, o banco vendeu ações ao público. Fez isso de porta em porta, através de uma rede de vendedores. Esses papéis acabaram sendo um péssimo negócio para os compradores, não é à toa que Antoine está se queixando, mas, como eu ia dizendo, as ações estão caindo desde aquela época. O preço atual, no mercado de balcão, é de 10 dólares, um quinto do preço de lançamento.

Julius interrompeu para pedir a Diane que mandasse buscar sanduíches e refrigerantes. Estava interessado demais para interromper o relatório e sair para almoçar.

Enquanto a comida não chegava, Payne prosseguiu:

— As coisas que eu descobri, se usadas convenientemente, podem colocar a diretoria do Manhattan, em peso, na cadeia. Eles exercem várias atividades fraudulentas. Quando atuam na bolsa, passam os maus negócios para o fundo de in-

vestimentos administrado por eles mesmos. As melhores operações são, invariavelmente, lançadas nas contas dos diretores.

Alan retirou da pasta alguns papéis. Relatórios semestrais do Fundo de Investimentos Manhattan e balancetes do banco. Passou-os a Clarence.

— É evidente que, com tanta roubalheira, os resultados são magros. Os dividendos vêm se reduzindo nos últimos anos, em prejuízo de milhares de pequenos acionistas. Não é de surpreender que os papéis estejam tão baixos.

Pouco depois, Diane trouxe os sanduíches e as bebidas. Enquanto mastigava, com um gesto, Julius, ansioso, mandou Payne prosseguir. Este desistiu de dar a primeira mordida em um suculento cachorro-quente inundado de chili.

— Nosso pessoal também já analisou o Comercial, não sei se você sabe disso. — Clarence não sabia. — Nos últimos quatro anos, nossos analistas vêm recomendando, sistematicamente, aos clientes da casa que se livrem desses papéis, apesar do enorme patrimônio do banco. — Alan não resistiu, deu a primeira dentada no hot dog e só então concluiu, ainda de boca cheia:

— Um relatório, feito há dois anos aqui na Associados, resume tudo: se o Manhattan fosse melhor administrado, suas ações poderiam valer cinco ou 10 vezes mais. Mas os caras botam os lucros no próprio bolso. Não sei como a Comissão de Títulos e Câmbio deixou passar isso. O Comercial deve ter um contador muito bom para mascarar os livros.

Enquanto comiam, a ideia começou a brotar na cabeça de Julius. Depois, após a saída de Payne, não conseguiu mais pensar em outra coisa, a não ser no Comercial de Manhattan. Comprar a instituição. Certamente, uma operação arriscada, envolvendo grandes valores, possivelmente dezenas de milhões.

Nos dias subsequentes, estudou demoradamente o assunto com Alan Payne e Bernard Davish, agora o segundo homem da mesa. Quando Antoine lhe perguntou, aflito, sobre suas ações, aconselhou o motorista a ficar quieto, segurá-las por algum tempo.

Payne foi encarregado de estudar a história do banco, a vida dos diretores, verificar o cargo e a função de cada um, seus bens e hábitos pessoais, nome de suas mulheres, amantes, enfim: saber tudo sobre a instituição e seus executivos.

A Davish coube estudar o perfil dos acionistas, obter a relação com os nomes, quantidade de ações, verificar quem comparecia às assembleias.

Quando soubessem tudo, se a compra fosse viável, Julius iria até Kennicot em Londres para estabelecer um contato com Abdul al-Kabar. Caso contrário, aconselharia Antoine a vender seus papéis e esqueceria o caso.

Os dois homens trabalharam rápido e apresentaram o resultado de suas pesquisas alguns dias mais tarde, um domingo, em Greenwich.

Alan Payne fizera uma investigação minuciosa. Falou primeiro.

— O Manhattan foi fundado em 1925 por Walter Monroe. Manteve-se sólido durante o *crash* da bolsa, em 1929, quando centenas de bancos foram à falência. Na época, Monroe sentou-se ao caixa e descontou, pessoalmente, os cheques das pessoas, naqueles dias o pânico era geral — frisou, como se Julius e Bernard não soubessem. — Mas, como dizia, das pessoas que corriam, em massa, para retirar seu dinheiro. Mas o tempo foi passando, todos perceberam que o banco continuava lá, firme, e voltaram a depositar suas economias, agora preciosas com o início da depressão.

Enquanto Alan falava, Bernard consultava suas próprias anotações e assentia satisfeito. O outro continuou.

— Walter Monroe manteve sua política conservadora, contrária a riscos. Emprestava a juros baixos, cercava-se de todas as garantias. Só fazia negócios com empresas e pessoas sólidas e insuspeitas. Tinha hábitos moderados. Não bebia nem jogava. Seu único pecado era a gula. Monroe era extremamente obeso. Provavelmente morreu por causa disso. Sofreu um ataque cardíaco, em seu escritório, aos 54 anos, em 1939. — Payne fez uma careta tentando interpretar a morte súbita do banqueiro, 30 anos antes. Exibiu uma foto amarelada de um homem muito gordo e, só então, prosseguiu.

— Monroe deixou dois filhos. O mais moço, David, foi morto pelos japoneses, aos 25 anos, em Iwo Jima. James, o filho sobrevivente, dirigiu o negócio até 1965, quando também morreu, de câncer, aos 48. O banco ficou, então, nas mãos de sua mulher, Ethel, e do filho, Edward, 23, homossexual e perdulário, um cara completamente devasso. A partir daí, o banco começou a descer morro abaixo.

— Apesar disso, ele continua lá, mandando. — Clarence também estudara alguma coisa do Manhattan.

— Bem, Julius, a mãe, Ethel, nada entendia de negócios. Além disso, era a única pessoa no mundo que confiava no filho. Deu a ele procuração para administrar tudo. E foi o que ele fez. De início, mudou a diretoria. Colocou como administradores os parceiros de suas estrepolias na cama. Estes se comportaram à altura. Aumentaram seus próprios salários e passaram a usar o Manhattan para financiar seus negócios particulares. Estão lá até hoje. Debitam seus gastos pessoais, cartões de créditos, viagens, tudo no banco. Só se preocupam em permanecer nas boas graças de Ted Monroe. Nesse ponto, os pilantras são competentes.

O chefe da Inteligência exibiu, então, diversos documentos e relatórios, mostrando como, nos últimos quatro anos, desde a morte de James Monroe, o Comercial se vira tomado por uma malta de velhacos.

— Só por um milagre isso ainda não é de conhecimento público. Mas não demora a acontecer — concluiu.

Bernard Davish falou em seguida.

— Muito interessante, o Manhattan. Um caso típico de empresa de terceira geração. O fundador, homem honesto e trabalhador, constrói o negócio. Os filhos, no caso um só, pois o outro morreu ainda jovem, continuam desenvolvendo o negócio, mirando-se no exemplo do pai. A terceira geração, no caso do Comercial, apenas o inconsequente Ted Monroe, põe tudo a perder.

Julius e Alan Payne eram só ouvidos.

— Descobri outras coisas — prosseguiu ele. — Edward e a mãe possuem apenas 17% do capital. Após a crise de 1929, o banco vendeu ações a seus próprios correntistas. Durante anos, décadas, podemos dizer, pagou bons dividendos. Então, há quatro anos, quando Edward assumiu a direção, iniciou-se a fase de decadência. Os dividendos começaram a cair — fez um ar compungido, como se fosse um dos prejudicados.

— Há dois anos, Monroe vendeu ações ao público. Foi quando seu motorista, Antoine, comprou as dele. Atualmente, mãe e filho têm, como já disse, 17%. O restante está pulverizado entre pequenos acionistas, os descendentes dos investidores dos anos 1930 e os infelizes que compraram os papéis lançados há dois anos.

— Os títulos são negociados no mercado de balcão — explicou. — Têm pouca liquidez e as cotações vêm caindo sistematicamente. Valem hoje um quinto do preço de dois anos atrás e um décimo do que valiam quando morreu James Monroe, há apenas quatro anos. Os dividendos são simbólicos. O Manhattan paga dividendos apenas para não chamar a atenção da Comissão de Títulos e Câmbio.

Bernard remexeu alguns papéis em sua pasta, encontrou o que procurava e prosseguiu:

— Outra coisa interessante. A diretoria realiza as assembleias em datas, horários e locais cuidadosamente escolhidos. A última delas foi realizada numa sexta-feira, dia seguinte ao Dia de Ação de Graças do ano passado, às 5h da tarde. Imaginam onde? Na 9ª Avenida, perto do terminal de ônibus, em um auditório do Exército da Salvação. — Agitou no ar a cópia da assembleia, que trouxera consigo. — Estavam lá apenas alguns pilantras, o tempo todo elogiando a administração. Posso afirmar, sem medo de cometer injustiças: o Manhattan é um ninho de ratazanas desprezíveis, desonestas e incompetentes.

Davish voltou à pasta, retirou outra folha, como um mágico sacando coelhos da cartola, e abriu um sorriso, baixando o tom de voz.

— Por outro lado, o patrimônio do banco é respeitável. São muitas agências, todas em imóveis próprios, várias lojas e escritórios, em geral mal alugados. Possui também terrenos em Long Island, um bom investimento feito pelo fundador Walter, nos anos 30, quando as propriedades eram baratas. — Bernard parou por alguns segundos, só para criar suspense. — Se fosse dirigido por uma administração competente, o Comercial valeria 20 vezes mais.

— Quanto? — Clarence não conseguiu conter a ansiedade. — Quanto vale tudo isso?

— Teoricamente, 40 milhões, pois o capital é composto de 4 milhões de ações, e elas estão largadas, cotadas a 10 dólares. Apenas teoricamente, pois, tão logo alguém comece a demonstrar interesse, o preço sobe. Por outro lado, com apenas 20% do total, pode-se adquirir o controle. Se alguém comprar esses 20% ao preço médio de, digamos, 60 dólares, terá gasto cerca de 50 milhões e controlará o banco.

Davish fez mais uma paradinha e finalizou enfático:

— Bem administrado, o Banco Comercial de Manhattan poderá valer 800 milhões, suas ações a 200 dólares cada uma.

Se Alan Payne e Bernard Davish tiveram a intenção de impressionar o patrão, conseguiram.

Clarence marcou uma entrevista com Kennicot e embarcou para Londres, a fim de propor nova sociedade aos Al-Kabar, especificamente para a compra do Manhattan.

A decisão dos árabes fora rápida. Desde então, Julius iniciara, da maneira mais discreta possível, uma verdadeira caça ao papel no mercado de balcão.

Naquela noite de domingo, refazia suas contas. Reunira, até agora, 100 mil ações, pelo preço médio de 15 dólares. Gastara pouco: somente 1 milhão e 500 mil dólares, mas, por outro lado, conseguira somente 2,5% do banco.

Em poucas semanas, as ações haviam dobrado de preço, para 20 dólares, para alegria de Antoine e preocupação de Julius. Ficaria muito mais preocupado se soubesse que Clive Maugh, sempre à espreita para um bote, também voltava sua cobiça para o Manhattan.

Capítulo 34

As operações de Clive Maugh baseavam-se em suas próprias pesquisas, feitas de maneira metódica e organizada. Esses estudos incluíam os mercados do Extremo Oriente, da Europa e da América, não só as bolsas de valores como também os mercados de balcão, assim chamados os negócios feitos por telefone diretamente entre os operadores de bancos e corretoras.

Para cada ação estudada, Maugh compilava os preços, dia a dia, e os volumes de negociação. Esses números eram repassados à memória de seus computadores e transformados em gráficos. Quando percebia qualquer reversão na tendência dos gráficos, o inglês fazia um estudo mais profundo, tentando descobrir se algo importante ocorrera na empresa.

Com esse procedimento sistemático, ao qual dedicava dezenas de horas semanais, o solitário operador do Sindicato era sempre um dos primeiros profissionais a perceber qualquer movimentação extraordinária no mercado, mesmo quando feita de maneira disfarçada, como era o caso, agora, do Comercial de Manhattan.

Quando pinçava uma empresa entre as demais para uma pesquisa mais detalhada, Maugh recorria a Otto Behr. Competia a este consultar o departamento técnico do Banco Centro-Europeu ou fazer uma investigação sobre a companhia. O inglês esperava o relatório da Inteligência e, só então, decidia se valia a pena comprar ou vender. Uma vez tomada a decisão, entrava pesado no mercado.

Naquela segunda-feira, antes mesmo de Otto responder ao questionário enviado pela manhã, Clive, impelido por forte intuição, decidira apostar nas ações do Manhattan. Aguardava apenas a abertura do mercado de balcão de Nova York, às 9h30 da manhã, 2h30 da tarde em Lausanne.

Usando corretores americanos, Maugh correu atrás do papel ao longo da tarde e do início da noite. Fê-lo de maneira resoluta. Começou pagando 20 dólares. Foi aumentando o preço à medida que os lotes se tornavam mais raros. Ao fim do dia, fez suas últimas aquisições por 22 dólares.

As primeiras compras daquela tarde já estavam rendendo 10%, deixando-o satisfeito. Mas acreditava estar apenas no início de uma operação muito rentável. Por isso, permaneceu no escritório até tarde aquela noite examinando gráficos, balancetes e relatórios.

Imediatamente, Clarence desconfiou da existência de um concorrente. Resolveu fazer um teste. Ficou de fora na terça-feira, não passando ordens às corretoras pelas quais vinha atuando até o momento, de maneira dissimulada, para um

fundo das Bermudas. Constatou desolado uma alta para 23 e 1/4. Não havia dúvidas. Outro predador pegara a pista.

Decidiu, então, atuar diretamente, usando sua própria equipe. Reuniu-se com seu pessoal. Agora, sua mesa poderia atuar com força. A briga passava a ser direta, sem subterfúgios ou dissimulações. A ordem era comprar, quanto mais melhor.

Na quarta-feira, Maugh recebeu o relatório de Otto Behr. Impressionou-se com o patrimônio do banco. Tal como Julius, três meses antes, percebeu que as ações poderiam valer muito mais. Entrou comprando pesado.

Naquele dia, o Manhattan fechou em 25 e 3/8. O Sindicato e a mesa da Clarence disputando. Surgiram boatos: Julius Clarence e um grupo europeu estariam puxando o papel. Os especuladores começaram a falar. Rumores corriam de mesa em mesa na América e na Europa.

— O Comercial vai a 50! — vaticinavam convictos os profissionais.

Na quinta e sexta-feira, toda a Wall Street ambicionava as ações. Os vendedores se retraíram. Os jornais comentaram.

Ao fim da sexta-feira, Julius Clarence contava com 260 mil ações, ao custo médio de 19 dólares e 90 centavos. Com isso, controlava 6,5% do banco. Gastara três meses de trabalho e despendera pouco mais de 5 milhões.

Clive Maugh, em apenas uma semana, acumulara 240 mil ações, pelo preço de 23 dólares e 50 centavos. Desembolsara 5 milhões e 600 mil e conseguira para o Sindicato 6% do Manhattan.

No fim de semana, os jornais publicaram reportagens sobre o Comercial. Enquanto os especuladores liam, cobiçosos, as notícias, Clive Maugh preparou um relatório para seu presidente, René Russon. Segundo demonstrava no documento, as ações poderiam valer até 100 dólares, graças ao enorme patrimônio do banco.

A essa altura, Alan Payne informara a Julius o nome do oponente, Banco Centro-Europeu de Lausanne, conhecido como Sindicato. Ao ver o tamanho do banco suíço, Clarence percebeu que subestimara sua tarefa. Reuniu-se com seu pessoal, no domingo, para definir as estratégias dos próximos dias.

A bordo de seu iate, no Mediterrâneo, Ted Monroe, satisfeito com a alta inesperada, decidiu oferecer, no mercado de balcão, mais 2% do Manhattan, reduzindo sua participação a 15%. Necessitava de fundos para financiar a busca de um galeão espanhol, carregado de moedas de ouro e prata, afundado ao sul de Barbados no século XVII. Seu amigo Sandro, alto, moreno e forte, precisava do dinheiro para encontrar tal tesouro. Edward não conseguia resistir ao apelo de seus olhos verdes. Que loucura, aquele garoto italiano.

Na semana seguinte, os preços dispararam. Clarence pagava o preço do vendedor, quando o lote era grande. De vez em quando, vendia um pouco, tentando, sem sucesso, esfriar o mercado. Clive Maugh simplesmente comprava. Raramente deixava a mesa para masturbar-se no banheiro.

Os antigos acionistas estavam atônitos. Alguns venderam suas posições. Outros, até há pouco desanimados com seus papéis, compravam mais e até o recomendavam aos amigos.

Entrevistado pelos jornais, o novo guru do mercado, doutor Vincent Cotten, autor do best-seller *Descobrindo a quinta onda*, previu uma explosão para cima no preço do Manhattan. Antecipando-se a seus vaticínios, engordou seu portfólio particular com um grande lote de ações do banco nova-iorquino, pronto a vendê-lo tão logo suas recomendações atraíssem levas de investidores, mantendo a tradição das profecias autorrealizáveis de Wall Street.

Três semanas após a entrada de Clive Maugh no mercado, as ações já estavam em 47. Clarence era dono de 14% do Manhattan, representados por 540 mil ações, em média por 25 dólares e 10 centavos.

O Sindicato juntara sua mesa de operações ao esforço de Maugh, embora ele não se entusiasmasse com isso. Os suíços também somavam 540 mil ações, pelo preço de 29 dólares e 30 centavos.

Nenhuma das duas instituições sabia quanto possuía o adversário, como também não conhecia suas intenções. Ted Monroe continuava sendo o maior acionista, com uma exígua vantagem de 1% sobre os outros dois.

Se qualquer uma das três partes conseguisse dobrar uma das outras, ficaria com o controle acionário, pois os restantes 57% permaneciam com pequenos acionistas, agora retraídos, na expectativa de altas ainda maiores.

Para Julius, Alan e Bernard, Edward Monroe e seus diretores eram cartas fora do baralho. Não tinham capital para enfrentar a Associados — com seu apoio árabe — e o Centro-Europeu. Caberia a um desses dois, ao fim da disputa, tomar posse do Manhattan.

Restava a Clarence brigar com os suíços ou entrar em acordo com eles. Se repassasse suas ações ao Sindicato, por 100 dólares cada uma, a Associados e os Al-Kabar teriam, juntos, um lucro em torno de 40 milhões. Comprar do Sindicato pelo mesmo preço seria ainda melhor, muito melhor. Significava controlar um banco cujo valor Davish calculava em 800 milhões, suas ações podendo chegar a 200 dólares, com uma boa administração.

Mas Julius queria o Comercial e planejava sua estratégia visando esse objetivo. Entretanto, o Sindicato tinha mais poder de fogo, tinha consciência disso, mesmo se os árabes comparecessem com um reforço de caixa.

Restava, então, descobrir o objetivo dos suíços. Estariam apenas especulando ou realmente queriam o banco?

Já era noite de domingo. Julius confabulava com seus dois homens na pequena sala anexa ao salão de festas de Greenwich. Os três relaxavam com um excelente malte puro de Whyte & Mackay. Clarence fazia as recomendações finais para a semana.

— Bernard, a meu ver, estamos empatados com os suíços. Não quero mais perder posição para eles. Gastamos, até agora, menos da metade do capital levantado para este negócio. Temos ainda muito fôlego para continuar.

Davish aquiesceu. Também achava que a briga estava pau a pau. Julius sorveu um gole do Mackay e comandou:

— O mercado fechou sexta-feira a 47. Comece a pagar 50 amanhã cedo. É um número redondo. Deve ser o objetivo final para muitos especuladores. Vamos ver se chegamos no fim da semana a 700 mil ações. Quero esquentar o mercado para valer. Mas não conseguiremos o banco por aí. Este caso vai ser resolvido cara a cara, olho no olho, diretamente com os homens de Lausanne. — Voltou-se, então, para Payne.

— Tenho uma missão especial para você. Dou-lhe carta branca e caixa aberto para descobrir se aqueles suíços querem assumir o controle do Manhattan ou apenas dar uma porrada. Coisa difícil de saber, eu sei. Portanto, se você não conseguir, não haverá cobrança. Mas tente. Use todos os meios a seu alcance.

Pouco depois, Clarence levou os dois até a porta. Fez Bernard embarcar em seu carro primeiro. Quando este já se afastava, entregou um papel a seu chefe de Inteligência. Esclareceu:

— Você vai entrar em contato com esta pessoa. Chama-se Sandra. Mora em Düsseldorf. Trabalha para uns amigos nossos. Lembra-se da Guerra dos Seis Dias? Foi quem informou do ataque israelense antes de você. Até agora, ela podia entrar em contato comigo, mas eu não tinha seu telefone. Esta semana, consegui do pessoal para quem ela trabalha autorização para obtermos sua ajuda neste caso. Procure-a. Nossas chances irão aumentar. Boa sorte.

Capítulo 35

Clarence ainda dormia, mas já era manhã de segunda-feira em Lausanne. Como de hábito, René Russon chegou ao Sindicato às 9h. O Citroën negro, suspensão hidropneumática, transpôs silenciosamente a canaleta de água à entrada da garagem do Centro-Europeu. O veículo mergulhou rampa abaixo, a traseira erguida, exibindo, de maneira obscena, as ferragens e o cano de escapamento. Parou junto ao elevador.

O motorista saiu do carro e deu a volta por trás. Do outro lado, abriu a porta traseira com a mão direita enquanto, com a esquerda, sacava o boné respeitosamente. Sem se dar ao trabalho de agradecer ao serviçal, Russon entrou no elevador. Dirigiu-se ao último andar do prédio de cinco pavimentos, todos de propriedade e uso exclusivo do banco.

Já encontrou Otto Behr, a quem convocara pelo telefone do carro, em seu gabinete, conversando com a secretária na antessala. Dirigiu-se a uma segunda porta devagar o suficiente para que a moça chegasse antes dele e a abrisse. Numa demonstração de cortesia, que não lhe era habitual, ofereceu precedência a Behr. Este a recusou, constrangido.

Dentro do escritório, Russon não perdeu tempo com rodeios.

— Chamei-o a propósito daquele banco cujas ações estamos comprando no mercado. O Comercial de Manhattan. Até agora, o negócio tem sido excepcional, mas não estou gostando da publicidade. Desejo encerrar esse episódio o mais rapidamente possível.

Otto não esperava aquilo. Acompanhava a operação desde o início e sabia o quanto vinha sendo lucrativa para o banco. Russon percebeu a surpresa do subordinado e apressou-se em justificar.

— Não podemos ficar com ele. Nossa organização é fechada. Simplesmente não temos condições de dirigir uma instituição financeira americana. Ficaríamos expostos. O presidente daquele banco é um idiota, além de pederasta. Não tem como comprar nossas ações. Resta-nos vendê-las ao senhor Clarence, o americano.

— Se ele desconfiar disso, certamente saberá tirar proveito da situação. — Behr começou a perceber o motivo de sua convocação.

— Nada mais exato, senhor Behr. Por isso o chamei. É preciso que ele acredite em nosso interesse pelo Manhattan, não em uma jogada especulativa. Use de suas habilidades. Se o senhor Clarence se convencer de nosso interesse pelo Comercial, poderemos conseguir um preço excepcional. Talvez 100 dólares por ação. Isso nos dará um lucro de 40 milhões. Engordará sua gratificação, senhor Behr.

Russon disse isso e levantou-se, determinando o fim da conversa. Otto também se ergueu, rapidamente. Ouviu uma última ordem:

— Quanto ao nosso operador, o inglês, mantenha-o acreditando na história. Isso aumentará sua agressividade. Assustará o americano.

Reflexo condicionado de um passado distante, Otto bateu os calcanhares e dirigiu-se a sua sala, a fim de desenvolver seus planos. Seguiu satisfeito. Gostava daquele tipo de trabalho. Quanto à gratificação, viria em boa hora. Ajudaria nas obras de sua *villa* em Maiorca.

Na quarta semana de luta pelo Manhattan, a Associados e o Sindicato compraram agressivamente. O preço elevou-se a 55. A essa altura, em Wall Street, todos especulavam com o Comercial. "Vai a 100", espalhava-se.

Vincent Cotten, o guru da moda, jactava-se de suas previsões. Bem abaixo na pirâmide social, Antoine, motorista e boxeador, por acaso o verdadeiro responsável por tudo, mal cabia em si de tão radiante, embora não chegasse a compreender por que suas ações não paravam de subir. Mas sua mulher, Bonnie, acompanhava as cotações.

— Tom, meu querido — dizia ela —, estamos ricos. — Como a Bonnie estava gostosa na cama ultimamente.

Julius permanecia no comando das operações, destinando ao Manhattan cada momento do dia. Sentava-se à mesa, junto aos outros, e negociava pelo telefone. Foi de lá que falou com Clive Maugh pela primeira vez.

Os operadores de mercado costumam oferecer à venda títulos que desejam comprar e à compra papéis que querem vender. Blefam para obter melhores preços. Às vezes se dão mal, compram o que precisam vender e vice-versa. Mas é parte do jogo. Os bons profissionais sabem conviver bem com esses acidentes de percurso.

Clarence era o grande comprador do Comercial. Todos sabiam disso. Por isso, ligavam para sua corretora com ofertas extravagantes. Os operadores da Associados tentavam baixar os preços, oferecendo mais barato. Não raro, viam-se forçados a ceder algumas ações. Ossos do ofício.

Julius, quando ao telefone, gostava de mostrar lotes grandes para pressionar o oponente. Geralmente, conseguia assustar o profissional do outro lado da linha e derrubava os preços.

Na quinta-feira da quarta semana de luta pelo Manhattan, o papel estava em 57. Nesse dia, Clive Maugh decidiu ligar diretamente para a Associados. Coube a Julius, sentado à mesa, atender. Maugh identificou-se:

— Aqui Clive, Centro-Europeu, Lausanne. Como opera o Manhattan?

Clarence se excitou com a presença da instituição adversária.

— Ok, aqui Julius, vendo a 58.

— Lote? — perguntou Maugh.
— Duas mil — Clarence se divertia.
— Comprei. Como opera agora?
Julius já não achou tão engraçado. Mesmo assim, tentou intimidar.
— Vendo 4 mil a 58,25.
— Comprei. Como opera agora?
Clarence persistiu no erro mais uma vez. Além disso, exagerou.
— Vendo 10 mil a 59.
— Comprei. Como opera agora? — Clive estava quase em orgasmo.
— Estou fora. — Julius sentia-se um completo idiota.
— Pois eu compro 20 mil a 60. Compro 40 mil a 60. Compro 100 mil a 60 dólares. Quer fazer negócio?
— Não, já disse que estou fora.
Ao desligar o telefone, Clarence notou o silêncio na sala, todos os olhares voltados para ele. Procurando parecer o mais digno possível, virou-se para o caixa.
— Anote aí, garoto. Vendi 16 mil Manhattan para o Centro-Europeu. Duas mil a 58, 4 mil a 58,25 e 10 mil a 59. — Levantou-se, então, subitamente. Bateu na mesa com a palma da mão.
— Ok, pessoal, já levamos no rabo o suficiente por hoje. Vamos repor as 16 mil. Podem pagar 60. — Como operador tarimbado, sabia absorver seus prejuízos rapidamente.
Os operadores tomaram de seus telefones e, em menos de uma hora, recuperaram as 16 mil ações, pagando 60. A brincadeira custou 17 mil dólares. Dessa maneira, Clarence conheceu e começou a respeitar Clive Maugh.
O inglês, na falta de alguém para se vangloriar do episódio, como faria qualquer colega de profissão, ignorou o imbecil do Ferraro, ao lado, e foi masturbar-se no banheiro. Depois, teria o prazer de relatar o ocorrido diretamente ao senhor Russon.
Após o fechamento, Julius recebeu um telefonema de Lausanne. O presidente do Centro-Europeu desejava falar-lhe pessoalmente. Informado da operação daquele dia, Russon tentava se aproveitar do momento de fraqueza do adversário.
— Senhor Clarence, não sei se já ouviu falar a meu respeito, mas tenho certeza de que conhece nossa casa.
— Naturalmente, senhor... Russon, espero que a pronúncia esteja correta.
— Oh, as línguas são terríveis obstáculos, às vezes. Mas não no meu caso, senhor Clarence. Nós, os suíços, não nos definimos bem com relação ao idioma. Por isso, falamos vários. No meu caso, domino perfeitamente o inglês, além de outros, naturalmente.
— Mas, senhor Russon, a que devo a honra?
— Senhor Clarence, não é segredo para ninguém o fato de estarmos dispu-

tando o controle da mesma instituição. Por isso, em meu entender, já é hora de negociarmos diretamente. Caso contrário, o mercado todo continuará ganhando dinheiro a nossa custa. O Centro-Europeu é gestor de um patrimônio respeitável. — Russon tentava intimidar o oponente. — Mas não construímos nossa reputação jogando dinheiro pela janela.

— Acho uma excelente ideia. O senhor tem alguma sugestão para o encontro?

— Confesso que sim, senhor Clarence. Existe uma pequena localidade, 60 km ao sul de Paris. Chama-se Barbizon. Uma vila de artistas, extremamente agradável, junto à floresta de Fontainebleau. Às vezes, vou até lá no fim de semana. Fico na Hostellerie Les Pléiades. A cozinha é magnífica. Que tal domingo, às 8h da noite?

— Deixe-me anotar. Barbizon, Les Pléiades, domingo às 8h. Estarei lá, pode contar com isso.

À noite, Julius jantou com Payne no apartamento de Manhattan. Enquanto Jesus lhes servia um linguado com alcaparras, Alan revelou suas primeiras conclusões:

— Até agora, tudo indica que o Centro-Europeu quer mesmo o Comercial. Desejam comprar nossas ações pelo menor preço possível. Estou quase certo disso.

Clarence indagou, contrariado:

— Posso saber como está chegando a essa conclusão?

— Eu explico. Investigamos minuciosamente. Coletamos rascunhos amassados, com planos para o Manhattan, na lixeira do banco em Lausanne. Auditores do Centro-Europeu examinaram balancetes do Comercial na Comissão de Títulos e Câmbio em Washington. O presidente deles, René Russon, está procurando nomes importantes de Wall Street para constituir a diretoria. A intenção deles é comprar nossa parte. Lamento, mas é minha opinião, pelo menos neste momento.

— E quanto a Sandra. Falou com ela? — A voz de Julius continuava denotando irritação.

— Falei. Falei duas vezes. Ela vai me passar suas conclusões até segunda-feira, pela manhã. Tão logo desligue o telefone, entro em contato com você. — Payne, embora aborrecido pelo fato de Julius Clarence usar outra pessoa para obter informações, notara, no rápido contato mantido com a moça de Düsseldorf, que ela parecia uma profissional qualificada.

— É tarde, Alan, segunda-feira é tarde. Tenho um jantar marcado com Russon, domingo à noite, perto de Paris. Se até lá sua opinião for a mesma e se a Sandra concordar com você, serei obrigado a vender. Não tenho condições de competir com aqueles suíços. Os caras controlam centenas de milhões. Podem até negociar diretamente com Edward Monroe e pagar 40 ou 60 milhões pela parte dele. Nesse caso, ficaremos como minoritários, à mercê deles.

Deu, então, suas últimas instruções, transparecendo toda a sua decepção:

— Viajo amanhã à noite para Paris. Levo Francine comigo. Ficaremos no apartamento dela. Você tem o telefone. Domingo sairei para o jantar às 7h. Haverá um telefone na limusine. Francine terá o número. Se até as 8h não receber notícias suas, tentarei vender nossas ações pelo melhor preço. Mais tarde, conseguiremos outro banco. Mas posso lhe garantir, Alan: oportunidade igual a esta dificilmente vai se repetir.

Capítulo 36

Clarence chegou à Hostellerie Les Pléiades ainda sem notícias de Alan Payne. Aguardou na limusine, estacionada na Grande Rue, em frente à entrada da pousada, até o último minuto. Apesar do desapontamento, entrou no restaurante exibindo a característica fisionomia jovial.

No jardim dianteiro distribuíam-se várias mesas, a maior parte tomada naquele fim de tarde dominical de verão. Julius dirigiu-se à recepção à direita de um salão, também lotado. Indagou à moça por Russon.

— Senhor Clarence, não? — perguntou solícita. — Está sendo esperado. Um momento, chamarei o maître.

Não demorou muito e o maître, cheio de mesuras, conduziu Julius por entre as mesas. Levou-o até outra porta. Havia outro jardim, situado em plano inferior. Lá, na única mesa existente, René Russon o aguardava.

Julius apresentou-se ao banqueiro. Este respondeu tentando ser cordial, o que não lhe caía naturalmente.

— Cumprimento-o pela idade e pelo sucesso prematuro. A idade, todos passam por ela. Quanto ao sucesso, bem poucos. Felizmente, ainda pode sofrer decepções. Eu não posso mais. Portanto, se as coisas não correrem bem para o senhor esta noite, ainda terá bastante tempo de recuperar-se de alguma frustração.

Os dois sentaram-se à mesa, praticamente lado a lado, de frente para o salão do restaurante. Atrás deles havia uma cerca viva, separando-os da floresta. O dia ainda estava claro. Uma brisa vespertina tornava a temperatura extremamente agradável.

Clarence vestia calças cinzentas e um blazer azul-marinho sobre uma camisa branca listrada, sem gravata. O banqueiro trajava um austero jaquetão preto.

Enquanto um garçom dispunha uma terrina de *foie gras* sobre a mesa, o suíço propôs as regras do jogo. Quem oferecesse o menor preço seria obrigado a vender. Sugeriu, para início de conversa, um lote de 600 mil ações para o negócio. Clarence não concordou. Propôs 640. Russon elevou o lote para 680. Clarence subiu para 710. O suíço puxou para 726 mil.

Julius lamentou ser obrigado a parar em 710. Cumprimentou o adversário por ter conseguido um lote maior. Aproveitou o ensejo para elogiar o operador do Centro-Europeu, o inglês de nome Clive, cujo sobrenome desconhecia. Combinaram que o lote de Russon seria de 726 mil e o de Clarence, 710 mil. Faltava estabelecerem o preço e, mais importante, quem venderia para quem. Para isso estavam ali.

O maître veio à mesa e os dois fizeram seus pedidos. O banqueiro comandou *saumon cru mariné au sel de Guérande* e, para depois, *entrecôte poélée*, *pomme au four*, *confiture d'échalotte*. Julius decidiu-se por *salade de magret séché par nos soins au paprika* e *darne de colin*, *sauce aigrelette*.

Russon desculpou-se, mas só bebia água mineral. Clarence aceitou a sugestão do maître, um Saint-Déran branco.

Livres da escolha, os cavalheiros poderiam tratar de negócios.

Um garçom exibiu a garrafa do Saint-Déran. Clarence examinou o rótulo e aprovou com a cabeça. O profissional serviu um pouco. Julius degustou e aprovou novamente, como se conhecesse. O garçom voltou a servi-lo. Depois, envolveu a garrafa em um guardanapo e a colocou no balde com gelo na pequena mesa ao lado.

Russon foi o primeiro a propor negócio. Enquanto cortava uma fatia generosa do *foie gras*, disse incidentalmente:

— Vendo minhas ações a 250 dólares. — Estava começado o jogo, ao fim do qual um dos dois controlaria o Banco Comercial de Manhattan.

Clarence bebeu um gole de vinho e retrucou:

— Meu trabalho seria bem mais fácil se, no mercado, pudesse fazer os negócios assim. Não cometeria tantos enganos. Não bebe nunca, senhor Russon? O Saint--Déran está simplesmente divino. Vendo meu lote a 240.

— Bom preço, senhor Clarence. Enquanto aguardava sua chegada, pensei na sorte dos acionistas do Comercial. Estão alheios a nossa conversa, mas, graças a ela, vão se livrar da corja que tomou conta do negócio. Vendo a 230.

O garçom trocou os pratos. Passou a servir o pato e o salmão.

— Costuma vir aqui frequentemente, senhor Russon?

— Sempre, sempre. Barbizon é um recanto de artistas. Tem uma tradição de longa data. Este hotel, por exemplo, é a antiga casa do pintor Charles Daubigny. Gosto muito de pintura. Costumo vir em busca de talentos novos. Às vezes, consigo ótimas telas.

— Francine, minha mulher, é francesa, morou grande parte da vida em Paris, mas nunca me falou de Barbizon. Na primeira oportunidade, vou trazê-la aqui. Vendo melhor, a 220.

— Sou um homem antigo, senhor Clarence. Não gosto de precipitação. Estamos indo rápido demais. Prefiro um ritmo mais lento. Duzentos e quinze é o meu preço.

— Desculpe a afobação. Deve ser vestígio do meu tempo de operador de pregão na Bolsa de Chicago. Lamento, mas quero resolver logo este assunto. Vendo a 175.

Russon empalideceu.

O garçom serviu o peixe e o *entrecôte*. O suíço, cuja fome desaparecera subitamente, cortou um pedaço da carne e forçou a comida para dentro. Era preciso não demonstrar sua frustração. Olhou para o americano, tentando ler seu pen-

samento. Estava num dilema. Se reduzisse muito pouco a oferta de Clarence, sua intenção de vender estaria evidenciada.

A contragosto, ofereceu:

— Cento e sessenta.

— Uma delícia, o peixe. — A fisionomia de Julius não demonstrava qualquer emoção. — Não gosto de números redondos, são mais adequados a amadores. Cento e quarenta e nove — rebateu subitamente.

— Gosta de xadrez, senhor Clarence? Tem muita semelhança com esta nossa conversa. A cada lance faz-se necessário julgar as intenções do adversário. Talvez nós dois estejamos querendo vender o Manhattan. Quem sabe os dois desejam comprar? Finalmente, um pode desejar o banco; o outro, não. — Russon reassumira o controle dos nervos. — Jogo em meus dias de folga — continuou. — Com amigos. Às vezes, o faço por telefone. Já empatei com Botvinnik, numa simultânea, é claro. Quando tenho tempo, estudo Capablanca, o meu favorito. Mas não sei por que o estou aborrecendo com isso. Voltemos a nosso negócio. Insisto nos números redondos. Vendo a 140.

Embora tentassem disfarçar, ambos estavam tensos. Até quanto o outro poderia ceder? Cada 10 dólares para baixo significavam 7 milhões a menos. Ótimo para quem fosse comprar; péssimo para o vendedor.

— Uma oferta atraente, 140. Preciso refletir um pouco, como no xadrez.

O garçom serviu *le brie de meaux*. Julius continuou fazendo suspense. Estendeu as duas mãos sobre a mesa, as palmas em vertical, uma voltada para a outra. Moveu os dedos displicentemente na direção do suíço. Fulminou:

— Vendo meu lote de 710 mil ações a 75 dólares e 1 centavo e compro o seu a 75 redondos. Sim, também gosto de xadrez. Xeque.

René Russon calou-se. Seu rosto tornou-se branco-amarelado, as orelhas tingiram-se de rosa, quase vermelho. Retirou do bolso duas folhas de papel timbrado do Centro-Europeu. Registrou em cada uma delas a venda, naquele ato, de 726 mil ações do Banco Comercial de Manhattan a 75 dólares cada uma. Julius assinou um dos papéis, responsabilizando-se pela compra, e o devolveu ao banqueiro. Ficou com o outro. O resto seria resolvido pelos respectivos advogados.

O suíço guardou o papel, levantou-se e inclinou ligeiramente a cabeça. Caminhou pelo terraço, subiu os dois degraus, passou pela recepção e subiu para seu quarto.

Julius comeu as duas sobremesas. Seus *profiteroles au chocolat e a mousse de nougat glacé* de Russon. Tomou o café lentamente. Pediu a conta. Enquanto aguardava, sentiu a brisa fresca soprando da floresta.

Quando o garçom voltou à mesa, Clarence não se deu ao trabalho de verificar quanto devia. Colocou 20 cédulas de 100 dólares no invólucro de couro que continha a nota e seguiu exultante para a porta.

Do lado de fora, ignorou sua limusine e caminhou pela calçada, olhando cuidadosamente para os carros estacionados. Finalmente, achou o que procurava. Apressou o passo, atravessou a rua e dirigiu-se a um carro estacionado em frente ao Bas-Bréau. Abriu a porta do lado direito e encontrou Alan Payne ao volante. Sentou-se a seu lado, colocou a mão sobre sua perna e perguntou de supetão:

— Como soube que ele queria vender?

— Há pouco mais de uma hora eu não sabia, chefe. Mas estava desconfiado. Depois do nosso último encontro, começaram a aparecer mais provas do interesse deles pela compra do Manhattan. Sabe como é, chefe. Provas demais. Comecei a desconfiar de que eles estavam plantando informações para fingir interesse e subir o preço. Mas faltava Sandra. O telefonema dela chegou às 8h05. Felizmente, eu me hospedei aqui no Bas-Bréau para poder atender uma emergência de última hora. Sandra foi clara. Me garantiu que o Centro-Europeu era vendedor, se conseguisse um bom lucro. Caso contrário, eles comprariam a sua parte e tentariam negociar todo o lote com outro banqueiro. Garota esperta, aquela.

— E como conseguiu colocar sua mensagem no rótulo do Saint-Déran?

— Isso foi mais difícil. Precisei dar mil dólares ao maître e mais mil ao garçom. Nem assim eles toparam imediatamente. Mas acabou prevalecendo o bom senso. Esses franceses gostam um bocado de dinheiro.

Dito isso, Alan Payne pegou no assoalho do carro a garrafa de Saint-Déran que, prudentemente, trouxera consigo. Em lugar do tradicional rótulo branco, preto e dourado, uma etiqueta branca, na qual se via claramente a mensagem:

De Ridgefield e Düsseldorf para a mesa de operações:
Ele é vendedor, desde que consiga um lucro razoável.

Capítulo 37

Enquanto regressava a Paris, Julius telefonou para a casa de Kennicot. Narrou o jantar com Russon.

O advogado foi incisivo.

— Estava aguardando seu telefonema com uma certa ansiedade, confesso. Al-Kabar já tem o dinheiro para pagar o Centro-Europeu e comprar as ações de Monroe, se for o caso. Conseguiu também recursos para financiar sua parte na transação. Mas são necessárias outras providências urgentes. Precisamos nos reunir amanhã em Nova York com seu advogado. Melhor se viajássemos juntos. O senhor me colocaria a par dos fatos recentes. Poderíamos desenvolver nossa estratégia. Senhor Clarence, precisamos tomar aquele banco de assalto.

— Me dê uma hora. Verei se consigo fretar um avião. Posso pousar em Londres e cruzaremos juntos o Atlântico.

Julius conseguiu um jato executivo. Decolou de Orly duas horas após o jantar. Kennicot já o aguardava no Aeroporto de Gatwick. Pouco depois da meia-noite partiram para a América. Como passageiros, apenas Clarence, Alan Payne e Basil Kennicot. Francine ficou na França para visitar o pai em Toulouse.

Durante o voo, Kennicot foi informado dos números. Clarence e Al-Kabar agora controlavam 36% do Manhattan, o suficiente para mudar a diretoria e assumir a administração. Pelo rádio do avião, entraram em contato com Bernard Davish. Este localizou o advogado da Associados.

A perda de horas era mínima, pois voavam para oeste. Depois de pousarem no Kennedy, Clarence e seus acompanhantes seguiram de helicóptero para o heliporto da Rua 60. De lá, para o apartamento de Julius.

Às 5h da manhã encontravam-se reunidos na cobertura.

Como os próximos atos seriam decididos de acordo com a legislação do estado de Nova York, Kennicot passou o comando a Richard Bradley, diretor jurídico da Associados. O inglês atuaria como consultor, representando os interesses da família Al-Kabar. Mas só ele e Julius sabiam disso.

Às 8h falaram com Edward Monroe, por sorte em Nova York. Seu mordomo, relutantemente, aquiesceu em despertá-lo. O banqueiro foi praticamente intimado a estar em seu escritório em Downtown, às 10h, para receber Clarence.

Pouco depois dessa hora, Monroe fez entrar Julius Clarence, Bernard Davish, Richard Bradley, Alan Payne e Basil Kennicot. Bradley não perdeu tempo.

— Senhor Monroe, o senhor Clarence já possui 36% desta instituição. Poderá certificar-se disso se tiver a bondade de examinar estes documentos. Depois que

o fizer, sugiro convocar a esta sala seus vice-presidentes. Eles também precisam tomar ciência deste fato.

Edward tomou os documentos em suas mãos, fez menção de examiná-los, mas desistiu. Pelo interfone, pediu à secretária para chamar os vice-presidentes. Passaram à sala de reuniões.

Tão logo chegava, cada executivo era notificado do motivo da presença de Clarence. Quando considerou satisfatório o número de presentes, ele mesmo assumiu o comando.

— Senhores, comunico-lhes que adquiri o controle deste banco.

Ninguém ficou surpreso. Todos sabiam que Clarence e o Banco Centro-Europeu vinham disputando o Manhattan. Julius continuou:

— Eu me interessei por ele há dois meses, não por suas qualidades, mas por seus defeitos. Meus assessores descobriram irregularidades e procedimentos antiéticos na condução dos negócios aqui. Para mim, isso é passado. Se tiverem algo a pagar por tal conduta, será à lei, não a mim. No entanto, advirto: qualquer ato praticado contra os acionistas a partir deste momento os levará imediatamente à justiça. Meus advogados estão aqui para garantir isso. Exijo a convocação de uma assembleia no prazo mínimo previsto em lei. Substituirei todos os senhores.

Se alguém pensou em contestar, não teve tempo. Clarence começou a dar detalhes:

— Ontem à noite comprei, por 75 dólares cada uma, 726 mil ações deste banco. — Bateu com o nó dos dedos na mesa de carvalho. — Tenho agora 35,9% do capital. Continuo comprando a 75. — Olhou então para Ted Monroe. — Isso vale para o senhor e para os outros, caso possuam alguma coisa.

Edward Monroe ficou satisfeito, surpreso e aliviado. Fez as contas mentalmente. Nisso era muito bom, talvez herança do avô, Walter. Receberia 45 milhões de dólares. Poderia levar a vida que sempre desejara, sem outra preocupação a não ser gozá-la, as 24 horas do dia, o ano inteiro.

Os vice-presidentes sentiam-se frustrados. Muitos nutriam esperanças de cair nas graças dos novos donos, até mesmo como delatores, denunciando as velhacarias dos colegas. Mas Clarence fora claro. A carreira deles estava encerrada. Como possuíam participações insignificantes, não podiam compartilhar da alegria de Ted Monroe. Alguns ainda tentaram protestar, mas, aos poucos, se acalmaram, agora mais preocupados em livrar-se da lei.

Naquela segunda-feira, as negociações com as ações do Manhattan haviam sido suspensas pela Comissão de Títulos e Câmbio, a pedido do próprio Clarence, como era exigido pelo Ato Federal de Títulos de 1934 sempre que um fato relevante pudesse alterar substancialmente as cotações. A suspensão duraria até o dia seguinte ao da assembleia geral.

Desde o início da operação detonada por Clarence, mais tarde acompanhada pelo Sindicato, as ações já tinham subido de 10 para 75 dólares, preço pago aos suíços e a Ted Monroe. Agora era preciso impedir, a todo custo, que o papel voltasse a cair.

Todos sabiam que os papéis subiam nos boatos e caíam nos fatos. Era um velho ditado da rua. Mas Julius não podia deixar que isso acontecesse daquela vez. Seria sua ruína. Precisava manter o papel em evidência, procurado pelos especuladores. Resolveu, então, convocar uma entrevista coletiva para anunciar, com estardalhaço, sua compra.

Uma conhecida agência de publicidade da Avenida Madison foi contratada, às pressas, para organizar a coletiva, marcada para as 4h da tarde, a tempo de aparecer nos noticiários do início da noite na televisão.

A TV deu bom destaque à entrevista. Os jornais do dia seguinte foram ainda melhores. Diziam que, com uma boa administração, as ações poderiam valer 200 dólares.

A Assembleia Geral Extraordinária foi marcada para segunda-feira, 4 de agosto, no salão de convenções do New York Hilton.

Os pequenos acionistas se entusiasmaram com a convocação. Mais satisfeitos ainda ficaram os grandes especuladores, pois haviam adquirido muitas ações nas últimas semanas, na onda especulativa provocada por Clarence e pelo Sindicato.

Capítulo 38

O salão de convenções do Hilton encontrava-se lotado para a assembleia extraordinária. Os retardatários de última hora contentavam-se em ficar de pé junto às paredes laterais. Nas filas de cadeiras, dispostas em frente à mesa principal, o burburinho juntava as vozes de pequenos investidores, especuladores, pessoal da imprensa e convidados especiais.

Percebia-se, pelo trajar, a presença de gente de todas as categorias sociais. Mas um único ideal unia todos, pequenos e grandes acionistas, amadores e profissionais de mercado: lucro fácil, da noite para o dia.

À mesa encontravam-se apenas Julius Clarence, Richard Bradley e um procurador de Edward Monroe. Na primeira fila do auditório, em lugares previamente marcados, membros respeitados da comunidade de negócios da Costa Leste, além de dois antigos governadores do Banco da Reserva Federal. Dezenas de jornalistas espalhavam-se pela audiência. As três grandes redes de televisão haviam enviado repórteres e cinegrafistas.

Após a leitura do edital de convocação, Julius Clarence tomou a palavra.

— Senhores acionistas, anuncio a demissão de todos os membros do conselho e da diretoria executiva. Não vou perder tempo em explicar o motivo desta decisão. Todos sabem que o Banco Comercial de Manhattan vem sofrendo um processo contínuo de decadência. Todos acompanharam a queda de suas ações no mercado e a diminuição dos dividendos. Mas, a partir de hoje, desta hora, deste exato minuto, tudo vai mudar. Para começar, anunciarei os novos conselheiros.

Tirou um papel do bolso e começou a ler.

— Martin Beresford, presidente da Garden State Oil, Hugh Bailey, *chairman* da Light and Energy, Andrew Wilson, *chairman* da Coast to Coast Cable and Telephone, Steve Yakula, *chairman* da Pennsylvania Traction, Harrison Banem, *chairman* da Saint-Mary Life & Insurance, Tray Connoly, ex-governador do Banco da Reserva Federal, e David Stanwyck, também ex-governador da Reserva.

A cada nome citado, todos ilustres e conhecidos, o nomeado se levantava da primeira fila, assinava o livro de posse e sentava-se à mesa principal, sob salva de palmas.

Um murmúrio de satisfação ecoava pelo auditório, soando como música aos ouvidos de Julius. Notou quando alguns repórteres correram para fora, em direção às cabines telefônicas. Satisfeito, prosseguiu:

— Senhoras e senhores, como podem perceber, consegui trazer, para o conselho diretor, os mais representativos membros de nossa comunidade de negó-

cios. Acredito com isso devolver a esta instituição a respeitabilidade da qual seu fundador nunca abriu mão. Ainda em memória de Walter Monroe, decidi manter o nome do Manhattan. Se ele conseguiu atravessar a crise de 1929 e a Grande Depressão sem causar prejuízos a seus depositantes e acionistas, não haveria de ser eu a fazer tal desrespeito a sua figura.

A audiência continuava manifestando-se favoravelmente. Poucos perceberam um homem, de pé, ao fundo, com a mão direita levantada. Richard Bradley, atento a tudo, avisou Clarence. Este concedeu a palavra ao desconhecido.

— Meu nome é Dean Stevens — proclamou o homem. — Sou advogado e represento Thomas Griffith, até esta data vice-presidente de crédito e proprietário de 200 ações. Na qualidade de seu representante, protesto contra a violação dos estatutos.

A essa afirmação, todos se voltaram para ele. Algumas vaias chegaram a ser ensaiadas. Ignorando a reação do público, o advogado continuou:

— Quando fundou o Comercial de Manhattan, Walter Monroe temeu que seu banco viesse um dia a cair nas mãos de aventureiros. Por isso, fez questão de incluir nos estatutos uma cláusula pela qual todos os vice-presidentes e conselheiros só podem ser indicados por acionistas proprietários de pelo menos 200 ações, compradas há, no mínimo, dois anos. Gostaria de uma verificação para saber se os portadores de mais de 200 títulos aqui presentes os possuem há mais de dois anos. Caso contrário, as decisões de hoje não terão valor legal.

As pessoas se entreolharam no auditório, esperando uma manifestação de algum dos antigos acionistas. Ninguém se apresentou. Os papéis mais antigos haviam sido subscritos por milhares de pequenos investidores nos anos 1930. Dificilmente seus herdeiros ali presentes teriam, individualmente, 200 ações. Os títulos vendidos há dois anos tinham sido colocados de porta em porta nos bairros mais modestos da cidade. Nenhum desses compradores poderia cumprir as exigências alegadas pelo advogado. Só recentemente os especuladores e Julius Clarence haviam comprado lotes maiores.

Richard Bradley pegou seu microfone.

— O senhor Stevens tem razão. Realmente, o parágrafo 40 do artigo 60 dos estatutos determina essa exigência. Mas o senhor Clarence prefere comentar pessoalmente o assunto.

Julius preparara-se para alguma chantagem de última hora por parte de Griffith, um homem de hábitos dispendiosos, como presentear a mulher com anéis de 25 mil dólares. Sabia que o vice-presidente de crédito possuía 200 ações e poderia tentar vendê-las por um preço altíssimo, à última hora, para permitir a posse dos novos conselheiros. Olhou diretamente para Griffith, sentado ao lado de seu advogado, e falou:

— Senhoras e senhores, se estou aqui hoje, isso se deve a um acionista nas condições imaginadas por Walter Monroe e lembradas agora pelo senhor Stevens. Antoine Yassuf, senegalês de nascimento, a quem tenho a sorte de ter como motorista particular, é um acionista diferente. Muitos compraram seus títulos, há dois anos, só para se livrar dos vendedores insistentes, importunando-os em suas casas. Não foi o caso de Antoine. Ele investiu todas as suas economias. Trata-se de pessoa recatada, detesta exibir-se. Mas ocorreu a mim e a meus advogados a hipótese de alguém exigir o cumprimento do artigo 60. Convoco, portanto, o senhor Antoine Yassuf a indicar pessoalmente os novos conselheiros e vice-presidentes.

Antoine foi conduzido até a mesa. Lentamente, gaguejando, repetiu os nomes e cargos soprados pela mulher, Bonnie, de pé a seu lado, muito à vontade, orgulhosa do marido.

Nada mais havia de importante. Trataram apenas de formalidades. Clarence fez uma profissão de fé na empresa e encerrou a assembleia. Antes, anunciou sua intenção de comprar qualquer lote restante de ações por 75 dólares. Mas alertou sobre o valor patrimonial de cada uma, em torno de 200 dólares.

Após a reunião, Clarence foi almoçar com Martin. Este, cada vez mais admirado com as façanhas de seu vizinho e amigo, não se conteve.

— Julius, como conseguiu todos aqueles figurões? Tudo bem. Eu sou seu amigo, mas e os outros? Honestamente, não entendo como você os convenceu.

— Não foi difícil, Martin. Mas comecemos por você. Praticamente o obriguei a aceitar. Com seu nome garantido, fui atrás de Tray Connoly, o ex-governador do Banco da Reserva. Segundo apurou Alan Payne, um camarada esperto que trabalha para mim, Connoly está passando por uma fase de aperto financeiro. A mulher está doente, o hospital consome boa parte de sua pensão. Afinal, um conselheiro do Manhattan vai receber 30 mil dólares por ano, apenas para comparecer às reuniões mensais. Com você e Connoly garantidos, não tive problemas com o outro governador, Stanwyck.

— Esses burocratas não ganham muito, eu sei. Mas como conseguiu os outros?

— Foi um pouco mais complicado, Martin, mas não muito. Precisei usar de um pequeno truque. Na visita a Hugh Bailey, da Light and Energy, informei... bem, informei que os outros dois, eu não havia nem entrado em contato com eles, já haviam aceitado a oferta. Fui obrigado a blefar e ele acreditou. Com tanta gente ilustre, não foi difícil convencer os dois últimos, Wilson e Yakula. A essa altura, ser conselheiro do Manhattan era uma questão de prestígio. Martin, meu amigo, fico lhe devendo esta.

— Julius, com esses conselheiros e com toda esta publicidade, o mercado vai abrir amanhã a 100.

— Não sei não, Martin, me disseram que já tem comprador a 120. Ah... já ia me esquecendo. Os conselheiros, de acordo com os estatutos, têm direito a comprar 20 mil ações cada um, a 200 dólares, o valor patrimonial. Esse direito vale por dois anos a contar de hoje.

No dia seguinte, Clarence deu folga a Antoine. Guiou seu novo Aston Martin DB6, igualzinho ao do agente 007 em *Goldfinger*, até Manhattan.

Todos o esperavam no luxuoso gabinete de Edward Monroe no Comercial. Em vez disso, dirigiu-se à Clarence & Associados, tomou seu lugar à mesa de operações, em frente a Davish, e agitou os operadores.

— Acabaram-se as férias, pessoal. Estou de volta ao mercado. Como abriu a bolsa? Meninos, precisamos ganhar dinheiro.

Naquele dia, as ações do Manhattan abriram no mercado de balcão a 123. Só voltaram a ser negociadas abaixo desse nível cinco anos depois, quando todo o mercado se voltou contra Julius Clarence.

Capítulo 39

Sandra Kleiber deixou Düsseldorf ainda de madrugada. Era o mês de agosto. O sol de verão surgiu bem cedo, mas já a encontrou dirigindo velozmente pela *autobahn*. Rumou para sudeste, seguindo o vale do Reno.

Noventa minutos depois, em Wiesbaden, abandonou o rio, que aí desvia seu curso para sudoeste, e manteve-se na rota inicial, passando por Frankfurt, na direção de Nuremberg. De lá, prosseguiu até Regensburg, onde parou para uma refeição ligeira. Tomou então o vale do Danúbio, sempre na mesma direção. Passou ao sul da floresta da Boêmia e atravessou a fronteira em Passau.

Já na Áustria, ainda seguindo o Danúbio, rumou para Linz, onde virou para o norte, como se fosse para a Tchecoslováquia. Subindo as montanhas, conduziu o Opel branco até Freistadt. Prosseguiu, então, devagar, examinando um mapa rodoviário aberto sobre a coxa. Dobrou à direita, em uma estrada secundária, e colocou o odômetro do carro na marca zero. Passou a dirigir em baixa velocidade, prestando atenção ao instrumento. Quando atingiu a marca de 3 quilômetros, parou no acostamento, os pneus do lado direito derrapando no cascalho ao lado da pista.

Sandra olhou o relógio. Estava adiantada 40 minutos. Reclinou o banco do carro. Um agradável aroma silvestre penetrou em suas narinas. Começou a indagar-se do motivo do chamado que a levara até ali. Mais um pouco, saberia tudo.

Trabalhava há quase 20 anos para os árabes. Sua pequena e eficiente organização levantava informações e dados que pudessem vir a ser importantes para os interesses petrolíferos sauditas.

A primeira concessão para exploração de petróleo na península Arábica fora assinada, em 1933, entre o rei lbn Saud e a Standard Oil da Califórnia. Mais tarde, essa concessão fora cedida à Aramco. Depois da Segunda Guerra, o engenheiro Jean Paul Getty, proprietário da Aminoil, conseguiu outra concessão e encontrou as maiores reservas petrolíferas da Terra, também na Arábia.

Desde 1950, os lucros líquidos vinham sendo divididos, meio a meio, entre o reino e as concessionárias. Poderia ser um bom negócio para os árabes, mas não era. Na apuração das despesas de exploração, as empresas prejudicavam os sauditas.

O escritório de Sandra dedicava-se a coletar informações sobre as companhias petrolíferas, conhecidas, em seu conjunto, como As Sete Irmãs. Todos os atos prejudiciais aos árabes eram levantados em Düsseldorf e enviados a eles. O contato de Sandra era Abdul al-Kabar. Só a ele prestava contas.

Quem ouvisse sua voz suave ao telefone não poderia imaginar tratar-se de pessoa de grande experiência, mais de 50 anos de idade, 25 de profissão.

Estivera envolvida com informações a maior parte de sua vida. Em seu primeiro trabalho, assessorara o coronel Von Stauffenberg na Operação Valquíria, destinada a matar Adolf Hitler, por intermédio de uma bomba colocada no quartel-general de Rastemburgo, na Floresta Negra, em julho de 1944.

Hitler escapara milagrosamente à explosão do artefato. O coronel foi executado, no mesmo dia, em Berlim, por seus próprios cúmplices, temerosos de que viesse a falar sob o efeito de torturas. Como a participação de Sandra era do conhecimento apenas do próprio Stauffenberg, ela escapou da grande repressão levada a cabo pela Gestapo após o atentado.

Mais tarde, ainda durante a guerra, trabalhara com o conde Folke Bernadotte, presidente da Cruz Vermelha sueca, em suas tentativas de negociar a rendição dos alemães, para evitar o massacre da população civil, submetida aos horrores dos bombardeios.

Após a guerra, Sandra serviu às forças de ocupação, coletando informações para os promotores no julgamento de Nuremberg. Mais tarde, voltou a trabalhar com Bernadotte, nas negociações entre árabes e judeus, para a implantação do estado de Israel.

Quando o conde foi assassinado por fanáticos sionistas, em setembro de 1948, a agente foi contratada pelos árabes, que conhecera durante as negociações. Servia-os desde então, agora sob o comando de Al-Kabar.

Pelo retrovisor, Sandra viu o BMW cinzento aproximar-se e estacionar na sua traseira. Um homem moreno, elegantemente trajado, saltou do carro e dirigiu-se ao Opel.

Abdul al-Kabar disse alguma coisa e regressou para o seu carro.

Quando o BMW voltou a se movimentar, Sandra o seguiu. Algumas centenas de metros à frente, estacionaram em uma área de piqueniques. Abdul retornou ao carro de Sandra, carregando uma pasta. Desta vez, entrou no Opel e sentou-se ao lado da alemã. Disse logo a que vinha.

— Precisaremos interromper suas atividades por algum tempo. Por isso, chamei você para esta conversa. A compra do banco em Nova York era um negócio grande, foi preciso fornecer seu telefone a Julius Clarence. Ele, por sua vez, acabou precisando dar seu número a seu chefe de informações.

Sandra não questionou nada. Limitou-se a ouvir. Al-Kabar, então, determinou:

— Desative o escritório. Dispense o pessoal, entregue as salas, encerre tudo. As coisas estão calmas. Tire um ano de férias. Aproveite seu tempo em algo diferente.

O árabe apontou a pasta em seu colo.

— Aqui tem o dinheiro para tudo. Pague a todos e tire 25 mil dólares para você. Se sobrar alguma coisa, deposite na conta de sempre. Tenha umas boas férias. Daqui a um ano, telefone para mim em Viena.

Sandra refletiu. Aproveitaria bem, tanto o tempo quanto o dinheiro. Tão logo tomasse as providências em Düsseldorf, iria para a África. Há muito procurava uma ocasião para realizar um velho sonho. Fotografar animais na savana africana, junto ao Kilimanjaro e ao lago Tanganica. Se trabalhasse rápido, em um mês estaria lá.

Abdul quebrou o silêncio.

— Foi difícil o trabalho com o Centro-Europeu?

A alemã falou pela primeira vez.

— Não, não foi. Consegui a colaboração de um português da equipe de limpeza do banco em Lausanne. Ele instalou um gravador na sala do presidente, René Russon. Em algum momento, o senhor Russon comunicou a seu homem de inteligência, o nome é Otto Behr, que não poderia ficar com o banco americano. Mas só recebi a fita domingo, no fim da tarde. O senhor Payne aguardava meu chamado em um hotel, perto de Paris. Liguei para ele e passei a informação. Espero ter sido útil.

Os dois conversaram por mais alguns minutos. Abdul voltou a seu carro e regressou a Viena. Ela dormiu em Linz. Só viajou a Düsseldorf no dia seguinte.

Nunca chegou lá.

Pouco antes da fronteira, um Mercedes preto passou a trafegar na traseira de Sandra, guardando uma distância de 100 m. Em seu interior, dois homens esperaram pacientemente o momento adequado, quando nenhum carro, além do Opel branco da agente, se encontrasse em seu campo de visão. O motorista deu, então, uma guinada para a esquerda, calcou fundo o pé no acelerador e emparelhou com o outro veículo.

Quando Sandra percebeu o perigo, era tarde. A última imagem transmitida a seu cérebro mostrou o braço do pistoleiro para fora do carro e a arma apontada em sua direção. O projétil 9 mm, com gotas de mercúrio incrustadas no interior, penetrou em sua têmpora esquerda e perfurou a parede lateral do crânio.

Dentro do cérebro, as partículas de mercúrio espalharam-se em todas as direções, destruindo os tecidos, eliminando qualquer chance de sobrevivência. Os estilhaços saíram pelo outro lado, à altura do pescoço, deixando um grande rombo, por onde escapou quase toda a massa encefálica.

O Opel continuou em trajetória retilínea por mais uma centena de metros. Só então saiu pelo acostamento, atravessou o gramado, atingiu o *guard rail* e capotou. Parou com as quatro rodas voltadas para cima, ainda girando.

Acionada pela pressão do corpo de Sandra contra o volante, a buzina permaneceu soando, como se protestasse contra o ato violento perpetrado na morna manhã de agosto. Um filete de sangue passou a escorrer do teto do carro, regando o canteiro de flores à margem da *autobahn*.

Capítulo 40

Wall Street sempre gostara de um guru. Mas nunca tanto como do doutor Vincent Cotten. Seu boletim diário era lido avidamente pelos especuladores, corretores e operadores. Suas conferências, regiamente pagas, eram proferidas em auditórios lotados. Seus livros, best-sellers. O último, *Descobrindo a quinta onda*, já se encontrava na lista dos mais vendidos há 22 semanas.

Às vezes, um pequeno comentário de Cotten invertia a tendência do mercado. A imprensa dava grande destaque a suas entrevistas. Todos seguiam suas recomendações.

Mas nem tudo fora fácil em sua vida. Seu doutorado fora obtido em Biologia Marinha, embora poucos soubessem disso. Seu primeiro livro, sobre a reprodução dos camarões, escrito após anos de pesquisas na costa do Equador, tivera pouca aceitação, mesmo entre os estudiosos do assunto.

Frustrado em sua profissão, o biólogo conseguiu emprego na IGN Investments, tradicional corretora da Filadélfia. Após o período de treinamento, destacaram-no para o departamento de pesquisas. Coube-lhe ajudar na redação da carta semanal, enviada pela empresa a seus clientes.

Começou a desenvolver seu grande talento até então oculto. Seu enorme poder de influenciar as pessoas.

Passou a recomendar compra ou venda de ações aos clientes da IGN. Descobriu, para sua grande surpresa e alegria, que eles seguiam religiosamente essas recomendações. Melhor ainda, quando se mostravam acertadas, os investidores agradeciam-lhe seus lucros na bolsa. Quando erradas, todos se esqueciam rapidamente.

Mas o novo analista errava pouco. Seus estudos limitavam-se a copiar o trabalho dos bons profissionais das outras corretoras. Mudava apenas as palavras, dando-lhes seu toque pessoal. O toque genial do doutor Vincent Cotten. Nisso era inimitável. Nem mesmo os plagiados se davam conta da farsa. Sentiam-se gratificados por suas opiniões coincidirem com as do, agora famoso, analista.

Com a chegada da fama, o ex-biólogo mudou-se para Nova York. Fundou sua própria empresa de consultoria. Passou a editar o boletim diário *In the Street*. Escreveu seu primeiro livro sobre o mercado de ações, um sucesso. Deixou crescer os cabelos, passando a prendê-los atrás, à moda das coletas dos toureiros. Era chamado a dar palpites sobre tudo, esportes, política, artes. Conseguiu mesmo vender algumas telas, embora ninguém o visse pintá-las.

Mas o grande sucesso de Cotten eram as conferências que proferia. Costumava iniciá-las pedindo a dezenas de pessoas do auditório que se levantassem

e declarassem seus nomes. Depois, enquanto fazia seu discurso, o conferencista dirigia-se a elas pelos nomes, para espanto e admiração da plateia.

Com seus artigos, fazia a prosperidade de algumas empresas e a desgraça de outras. Quando indicava um papel, todos o compravam. Seu preço então subia. Quando mandava vender, todos vendiam; o preço desabava. Com isso, suas profecias realizavam-se automaticamente. Passou a dar palpites sobre as taxas de juros, elevando ou derrubando os preços das obrigações do Tesouro.

O grande guru estaria fadado à glória total, não houvesse prejudicado Julius Clarence.

O chefe do Departamento de Pesquisas da Associados, Mark Scott, fizera um estudo completo sobre a cadeia de lojas de varejo Bars. Os dados obtidos revelaram um enorme potencial de crescimento da empresa. As lojas, até então em número de 60, limitadas à Nova Inglaterra, seriam estendidas a todos os estados, sob o sistema de franquia. A meta final seria um total de 140 novas lojas em cinco anos.

Mark Scott indicou aos clientes da corretora a compra de ações da Bars, então cotadas em 35 dólares. Coerentes com ele, os fundos administrados pela Clarence compraram grandes lotes. Foi quando Cotten recomendou no *In the Street* a venda da Bars, a mercado, e as ações despencaram para 27.

Ao recomendar a venda, Cotten baseou-se em um raciocínio simplista. Simplista e estúpido. A única razão da indicação foi o fato de as ações estarem em seu maior preço de todos os tempos. Ignorou o fato relevante de a cadeia de lojas da Nova Inglaterra estar se preparando para um grande salto, estendendo suas vendas a todo o país. Mas agora, com as ações em 27 dólares, já poderia jactar-se do acerto de mais uma previsão.

O mal estava feito. Julius Clarence, na época ocupado com o projeto de instalação da nova sede da Associados, no 80º andar da Liberty Tower, junto ao Battery Park, convocou imediatamente uma reunião com Mark, Bernard e Alan Payne.

Scott exibiu seu estudo e suas conclusões. Mostrou por que indicara o papel. Explicou também a razão da queda. Uma recomendação desprovida de lógica do *In the Street*.

Clarence ordenou a manutenção dos títulos em carteira e pediu tempo para pensar. Para estudar pessoalmente o assunto, viajou no dia seguinte, bem cedo, para Boston.

David Lowell, *chairman* da Bars, deu a Julius calorosa acolhida em seu escritório, de onde se podia apreciar uma vista panorâmica da baía de Massachusetts.

Estava desolado. Após tanto trabalho para colocar ações novas, visando à ampliação da rede de lojas, aparecia um idiota inconsequente e derrubava as cotações, baseado em nada. Nenhum argumento para justificar sua opinião.

Os dois empresários conversaram por várias horas. Clarence conheceu a história do grupo desde a loja pioneira, junto ao porto. Jantou na casa de David, em companhia dos outros dois irmãos, sócios do negócio. Formou uma opinião favorável à família e à empresa. Pegou um voo tardio para Nova York, disposto a mudar o quadro desfavorável criado pela irresponsabilidade de Vincent Cotten.

No dia seguinte, Julius mandou Scott continuar recomendando a Bars aos clientes da Associados e determinou que Bernard defendesse o papel na bolsa. Depois, chamou Alan Payne.

Conspiraram juntos por longo tempo.

Capítulo 41

Na festa dos MacMurrays, tudo era caro e chique. Uma longa fila de carros e limusines, dirigidos por motoristas uniformizados, tornava lento o trânsito naquele trecho da Park Avenue e despejava gente bem-vestida à entrada do prédio.

Lá dentro, no apartamento, pessoas da moda, financistas, políticos, artistas e jornalistas exibiam sorrisos vitoriosos; mulheres magras usavam vestidos curtíssimos, de preferência negros, realçando as joias. As louças, os cristais, os talheres de prata inglesa, os copeiros — tudo irrepreensível.

Círculos se formavam em torno dos convidados mais ilustres. Um desses grupos tinha como centro Vincent Cotten. Era sempre assim nas festas a que comparecia. Todos o assediavam, querendo passar algum tempo em sua companhia, na esperança de uma palavra, de um palpite do gênio de Wall Street, que os levasse a ganhar mais alguns milhares de dólares num lance afortunado da bolsa.

O guru, satisfeito por despertar tanta atenção, divertia prazerosamente os convivas, contando-lhes as últimas novidades do mundo das finanças e as indiscrições da gente que o povoava.

Mesmo cercado de fãs, Cotten não perdia de vista uma jovem loura, corpo bem-feito, sorriso sedutor, ali bem perto, num grupo composto, em sua maioria, por homens.

A cada movimento da moça, uma folga providencial em seu vestido permitia ao guru divisar um dos seios, firme e rosado. Mudou várias vezes de posição, à procura de melhores ângulos. Mas não resistiu por muito tempo. Desvencilhou-se dos admiradores e caminhou em direção a ela.

— Estou certo de que me conhece, senhorita…

— Moore, Emily Moore. Hum… me dê um tempo. Ah, sim! Hollywood. O senhor é ator em Hollywood. Comediante.

Cotten sentiu o golpe, mas não se deu por vencido.

— Senhorita Moore… Emily… faço previsões para a bolsa de valores. Você é a única pessoa nesta festa que não me conhece. Aposto isso. Mas não será por muito tempo.

O badaladíssimo guru, recém-divorciado, não saiu mais do lado da loura. Ao fim da festa, conseguiu atraí-la para seu apartamento, a uma quadra dali.

Cotten não era propriamente um atleta sexual. Isso não impedia que, usando seu prestígio, assediasse constantemente o sexo oposto, sendo esta a principal causa de seu divórcio. Gostava mais de mulheres casadas, uma predileção antiga. Mas nada tinha contra divorciadas e solteiras.

Como a maioria dos homens, gostava das emoções do primeiro encontro, cada detalhe uma novidade. Só não estava preparado para aquela loura caída do céu.

Deitado de costas, o guru fazia as contas da noite. Por três vezes, fora levado ao orgasmo por Emily.

Ergueu a cabeça e olhou em direção ao banheiro. O boxe transparente permitia divisá-la sob o chuveiro. Foi até lá e trouxe-a novamente para a cama, coberta de espuma. Mais uma vez, chegou ao clímax. Por fim, adormeceu, exausto.

Quando acordou, passava das 10h. Emily preparara seu café da manhã. Agora ela o servia, ali mesmo na cama, vestindo apenas um roupão dele, que teimava em permanecer entreaberto, revelando o corpo jovem e bem proporcionado.

Vincent não tinha mais dúvidas. Só podia ser uma garota de programa, havia de tudo nas festas dos MacMurrays. Certamente, a noite lhe custaria dinheiro, mas, mesmo assim, sentia-se recompensado.

Talvez ela fosse um caso de Norman. Dizia-se que ele e Julianne eram um casal liberado. Quem sabe os três? A fantasia o excitava. Com naturalidade, levantou-se, foi até a escrivaninha, pegou um talão e preencheu um cheque de 150 dólares. Achou pouco, rasgou, fez outro, de 200. Não, definitivamente não iria perdê-la por causa de algo tão insignificante como dinheiro.

A indignação de Emily surpreendeu-o. A moça rasgou o cheque. Tirou o robe, revelando mais uma vez o corpo esplendoroso. Vestiu apressadamente o vestido de noite. Já ia se retirando quando o doutor Vincent, refeito da surpresa, cortou-lhe a passagem.

— Desculpe-me, Emily. Desculpe, por favor. Eu não queria perdê-la. Por isso fiz essa bobagem. Me desculpe. Não vá embora. Deixe-me ao menos explicar.

— Explicar o quê? Você é igual a todos os homens. Pensam que tudo é apenas uma questão de preencher um cheque. Só por curiosidade, doutor Vincent Cotten, não é assim que chamavam você na festa? Que critério usa para pagar suas mulheres? O número de orgasmos? Nesse caso, os 200 dólares foram razoáveis...

— Pare com isso, Emily. Me desculpe, pelo amor de Deus. Cometi um terrível engano. Não imaginei que uma mulher como você, isto é, bonita e nova como você, pudesse interessar-se por um homem como eu. Fui estúpido, grosseiro. Deixe-me levá-la em casa. Por favor!

— Vincent, não sou uma prostituta. Sempre trabalhei como modelo. Agora me formei, trabalho, sou contadora. Quero ter uma profissão segura, fazer uma carreira. Conhecer pessoas respeitáveis, como você, isto é, pelo menos eu pensava.

Vincent Cotten levou-a para casa. Suplicou por um novo encontro. Ela relutou, mas acabou cedendo. Passaram a sair juntos, comparecendo a festas, teatros e restaurantes. Faziam também sexo, muito sexo.

Ela, eventualmente, falava de seu emprego nas lojas Bars. Vincent passou a ser um *insider*. A namorada o informou que a empresa estava em situação financeira precária. Ele congratulou-se por ter sido o primeiro a recomendar a venda dos papéis.

Se as lojas viessem a falir, seu prestígio aumentaria tremendamente. Emily perderia seu emprego, mas não teria importância. Cotten pensava convidá-la para trabalhar em seu escritório. Como contadora, poderia ajudá-lo a analisar balanços de empresas para o *In the Street*. Embora ninguém soubesse disso, ele não entendia absolutamente nada de contabilidade.

Certa noite, Vincent encontrou-a deprimida. Ela lera um relatório confidencial da matriz, em Boston. Um memorando do contador-chefe para a diretoria da Bars.

Mostrou a Cotten uma cópia. O negócio deteriorava-se rapidamente. As vendas haviam caído 30%. Várias lojas seriam desativadas. E, pior, a qualquer momento, os credores poderiam requerer a falência da Bars.

Cotten consolou Emily. Disse-lhe para esquecer seu emprego. Convidou-a para trabalhar no *In the Street*. Começaria na semana seguinte. O salário, 400 dólares por semana, quase o dobro do que ganhava na loja.

Ela o levou à loucura naquela noite, fazendo-o sentir-se de volta aos 18 anos.

Irresponsavelmente, o doutor Cotten não se deu ao trabalho de verificar a autenticidade do documento nem de procurar a diretoria da Bars para uma declaração, como é de praxe na imprensa. Recomendou a seus assinantes a venda, a descoberto, da Bars, isto é, que os investidores vendessem papéis, mesmo não os possuindo, para recomprá-los mais tarde quando o preço estivesse mais baixo, uma operação arriscada, pois os títulos já vinham de uma queda considerável.

Seguindo as recomendações de seu infalível guru, toda a Wall Street dedicou-se à excitante tarefa de demolir a reputação de uma empresa, mais uma vez deliciando-se com a possibilidade do lucro fácil. A Bars despencou para 18 dólares. Só não caiu mais porque a Clarence & Associados comprou pesadamente.

No dia seguinte o comunicado publicado no *Wall Street Journal* deixou pouca margem a dúvidas. Um consórcio de bancos anunciava um empréstimo de 100 milhões de dólares à cadeia de lojas Bars, para execução de ambicioso plano de expansão elevando o número de lojas de 60 para 200, sob o sistema de franchise.

Um parecer dos conceituados auditores Mermann & Greensberg estimava em 50 dólares o valor contábil das ações da empresa. No mesmo jornal, a Bars anunciava um dividendo: 5 dólares por ação.

O mercado abriu indeciso. Não sabia se acreditava no guru ou nos bancos. Prevaleceu o bom senso. Os papéis abriram a 21 e subiram durante toda a sessão. Fecharam a 37, uma das maiores altas em um só dia na Bolsa de Valores de Nova

York. Ao mesmo tempo, caíram todas as ações recomendadas pelo *In the Street*. Aquele dia ficou conhecido, para sempre, como "A Reversão de Vincent Cotten".

Julius chamou seu pessoal para uma comemoração. Mas, quando Mark Scott, Bernard Davish e Alan Payne chegaram à sala do patrão, Clarence já não estava. Um telefonema de Abdul al-Kabar causara a saída repentina.

Coube à secretária Diane receber, mais tarde, ainda naquele dia, o telefonema do xerife do condado de Stanford comunicando a prisão de Francine Kéraudy Clarence por dirigir embriagada.

Capítulo 42

Clarence fora colhido de surpresa pelo telefonema de Abdul. Dispensou Antoine e tomou um táxi. Meia hora depois, entrava na suíte de Al-Kabar no Waldorf. Abraçaram-se afetuosamente. Não se viam há dois anos e meio. Achou o amigo um pouco mais velho. Como se adivinhasse o pensamento de Julius, o árabe comentou:

— O tempo passa, amigo. É irreversível.

— Você está bem, Abdul. Mas a que devo o prazer? Aconteceu alguma coisa? Estou curioso, confesso.

— Sandra, a informante de Düsseldorf. Foi assassinada na Áustria. Quando voltava para casa após um encontro comigo. Um tiro na cabeça, enquanto dirigia. Trabalho de profissionais.

Clarence pensou imediatamente no Centro-Europeu. Franziu o cenho.

— Você sabe o motivo? Quem a matou? Por quê? Essas coisas.

Al-Kabar negou com a cabeça.

— Os assassinos não deixaram pistas. Talvez o crime esteja relacionado com o Banco Centro-Europeu, um grupo misterioso, conhecido como Sindicato. Você deve saber disso. Mas o motivo pode ser alguma coisa acontecida em outra época. Creio que não saberemos nunca. Sandra já investigou grupos e pessoas muito poderosos. Fez isso a vida toda. Mas eu precisava vir a Nova York e quis alertá-lo pessoalmente. Sejam ou não aqueles suíços os mandantes do crime, é bom tomar cuidado com eles.

Abdul e Clarence conversaram por várias horas. Jantaram na suíte. Já passava da meia-noite quando se despediram.

Como era tarde, e estava sem carro, Julius decidiu pernoitar em Manhattan. Foi para a cobertura e lá encontrou um recado urgente de Martin. Ligou para ele e, só então, soube da prisão de Francine.

Felizmente o amigo já providenciara um advogado. Sua mulher já se encontrava a caminho de casa, liberada sob fiança.

Clarence foi imediatamente a seu encontro, mas a poupou de um sermão. Ele também já dirigira embriagado, diversas vezes, embora nunca no meio da tarde, muito menos em um dia de semana. Sorte nunca ter sido flagrado pelos tiras.

Sentiu-se culpado, não vinha dando a merecida atenção ao casamento. Sua mulher bebia acima do normal, só agora o percebia. Mas deixaria o assunto para ser discutido outro dia.

Algumas semanas depois, Francine foi julgada. Sua licença de motorista foi suspensa por seis meses. Pagou também uma multa de 200 dólares. O assunto foi esquecido. Julius passou a dedicar-se mais a ela.

A Associados e seus fundos, tendo investido muito dinheiro em ações da cadeia Bars, haviam se tornado proprietários de 20% da empresa.

Para os Lowells, donos das lojas, ter um sócio de fora da família era uma experiência nova. Visando a um melhor conhecimento de Julius, convidaram o casal Clarence para um cruzeiro pelo Caribe no veleiro da família.

Foi a coisa mais divertida que Clarence fez em sua vida.

Os irmãos Lowells, David, o mais velho, George e Andrew, o caçula, não se limitavam a possuir um veleiro. O nome da família era lendário no iatismo. Por duas vezes haviam vencido a America's Cup. Além de barcos de competição, possuíam a *Innamorata*, uma escuna de 60 pés e quatro velas.

Em seus cruzeiros de recreio, costumavam levar, além das mulheres, apenas dois marinheiros profissionais e um cozinheiro. Os filhos de David e George, ainda pequenos, ficavam em casa. Andrew era recém-casado, não possuindo filhos.

Convidar Clarence e Francine para um cruzeiro na *Innamorata* foi um sólido gesto de amizade dos Lowells, reconhecido e apreciado por Julius.

O casal Clarence encontrou-se com os Lowells em Miami. De lá, seguiram para Key West, onde embarcaram na escuna para a primeira noite a bordo, ainda fundeados no porto. No dia seguinte, zarparam ao nascer do sol.

Durante 15 dias dedicaram-se à arte de velejar — apenas os Lowells, pois Julius e Francine preocupavam-se apenas em se divertir. Os quatro casais riram, cantaram e dançaram, além de gozar os prazeres proporcionados por um excelente cozinheiro e uma adega requintada.

Na *Innamorata* não havia luxo, mas tudo era confortável e funcional. Julius e Francine ocuparam a cabine principal, à proa da embarcação. Os irmãos se acomodaram com suas mulheres em três pequenos camarotes. Quanto aos tripulantes, só eram visíveis quando necessários.

Saindo de Key West, cruzaram o golfo do México até Puerto Juárez. De lá, velejaram para Georgetown, na Grand Cayman, e, depois, para Montego Bay, na Jamaica. Sempre contornando a ilha de Cuba, rumaram para Great Inagua, nas Índias Ocidentais, e, já retornando à Flórida, pararam em Nassau, nas Bahamas. Entre esses portos conhecidos, o veleiro ancorava em diversas ilhas e praias fora do alcance dos cruzeiros comerciais.

Julius e Francine sentiram-se à vontade com os Lowells, como se há muito fizessem parte da família. Nos dois primeiros dias, Francine enjoou um pouco. O mar colaborando, aos poucos acostumou-se ao ritmo suave da subida e descida do veleiro cortando as ondas; o golfo do México e o mar do Caribe haviam se transformado em um grande lago, como que se rendendo ao encanto de tão agradáveis velejadores.

Uma brisa suave garantia a propulsão. Eventualmente, o céu escurecia e uma pancada de chuva varria o convés.

David, o mais velho, capitaneava o barco. George e Andrew revezavam-se na navegação. Stella, mulher de David, uma loura bostoniana, alta e de olhos azuis, se equivalia aos irmãos no conhecimento da arte de navegar. Stephanie, morena, olhos verdes, casada com George, cuidava da comissaria, embora Wu, o cozinheiro chinês, raramente necessitasse de assistência.

Havia ainda Jessica, 19 anos, morena, casada com Andrew. A caçula das seis filhas de um próspero fazendeiro do Illinois, criada em liberdade, sentia-se bem ao ar livre, fosse em terra, fosse no mar. Seu talento ao violão, sua voz agradável e seu repertório rico em canções e baladas enchiam a noite de sons. Era um prazer conviver com Jessica.

Julius comportava-se como um velho marujo. Gostava de sentar-se à proa, subindo e descendo com as ondas, vendo saltar os peixes-voadores à aproximação do veleiro. Recebendo no rosto os respingos do oceano, descansava e meditava.

Em toda a viagem, apenas uma vez foi vencido pela curiosidade e tentou informar-se sobre as cotações da bolsa.

A escuna encontrava-se fundeada em uma pequena enseada em Long Island, ao sul das Bahamas. Os quatro casais aproveitavam a calmaria e a limpidez das águas para mergulhar e admirar os peixes e corais, abundantes no local. Wu e os marinheiros haviam seguido em um escaler até a ilha para comprar frutas.

Julius, sorrateiramente, nadou até o barco e, pelo rádio, usando os préstimos de um radioamador, conseguiu contatar Bernard na sede da Associados. Com isso, quebrou o pacto solene, estabelecido por todos na primeira noite, de se desligarem dos negócios durante o cruzeiro.

Já terminava a conversa com Davish quando foi surpreendido por Andrew.

Apesar das súplicas, Clarence, em julgamento solene, foi condenado a beber 10 doses de rum. A ressaca fê-lo lembrar-se de seguir à risca os mandamentos da embarcação. Ficou também estabelecido por seus algozes que, em caso de reincidência, seria condenado à pena máxima, a prancha, tal como os antigos corsários.

Julius, a partir daí, esqueceu-se do mercado. Passou a curtir exclusivamente a viagem. Diariamente, após o jantar, os Lowells e os Clarences se divertiam, dançando e deliciando-se com os coquetéis multicores de Stephanie, à base de rum e frutas tropicais. Mais tarde, já embalados pela bebida, reclinavam-se nas almofadas do barco. A voz suave de Jessica invadia, então, a cabine. Só depois se recolhiam.

À chegada em Key West foram chamados à realidade de seus cotidianos. Foi um grupo mal-humorado que se dirigiu a Miami, depois a Nova York e Boston, respectivamente.

Francine retomou seus estudos de Arquitetura, interrompidos por ocasião de seu casamento. Matriculou-se na Columbia University e, cumprindo promessa feita a si mesma, parou de beber. Por 18 longos meses.

Capítulo 43

Francine Kéraudy Clarence tinha apenas 24 anos quando tomou consciência de que era uma alcoólatra. Não costumava ficar bêbada e, com exceção do dia de sua prisão, nunca provocara situações constrangedoras para si ou para o marido. Mas bebia sistematicamente, todos os dias, geralmente vinho ou champanhe.

Após a viagem pelo Caribe, decidiu abandonar o álcool, resolutamente. No início, sofreu com a abstinência, mas, com grande força de vontade, conseguiu superar os primeiros meses.

Depois do cruzeiro, os Lowells se juntaram ao restrito círculo de amizades dos Clarences, formado basicamente pelos Beresfords, Martin, Lora e as meninas, e por Bernard Davish e sua noiva, Lisa. Algumas vezes, Claire Kellegher, agora casada com um diretor da Broadway, conseguia espaço em sua agenda e aderia ao grupo.

Jessica levou Francine a visitar a fazenda de seus pais em Illinois, não muito longe de Davenport. Lá, ela conheceu as cinco irmãs da amiga americana, seus maridos e filhos.

A algazarra permanente da fazenda levou a francesa a recordar-se tristemente de sua infância e adolescência na mansão do pai, em Toulouse. Sentiu-se deprimida em meio a tanta alegria.

Julius ampliara sua participação na Bars. Sem subterfúgios, comprando ações no mercado e dos próprios Lowells. Não demorou a perceber que a aspiração maior dos irmãos era dedicar-se a sua verdadeira paixão: veleiros e regatas.

Com a entrada de Clarence na sociedade, os Lowells sentiram-se livres para participar, com maior frequência, de competições ao redor do mundo. Passaram a viajar os três ao mesmo tempo, deixando a Julius e sua equipe a responsabilidade pela condução e expansão da empresa.

Naquele ano de 1970, Bernard Davish, agora o segundo homem de Clarence também no Comercial de Manhattan e na cadeia Bars, casou-se com Lisa.

O casamento foi um grande acontecimento social. Clarence e Francine, padrinhos do noivo, ofereceram a mansão de Greenwich para a recepção.

Além de seus puros-sangues do tempo de solteira, Francine administrava o Mississippi Saylor. Inscrevia-o em páreos importantes, adequados a seu estilo de correr. Constantemente, visitava o Saint Joseph, em Glensboro.

Nessas viagens ao Kentucky, escolhia cuidadosamente um local para o futuro

haras dos Clarences, um projeto secreto do qual só Jessica, agora uma visitante frequente de Greenwich, tomara conhecimento.

Andrew viajava constantemente — negócios e competições. Então, Jessica, fugindo à casa solitária e silenciosa, vinha para junto dos novos amigos.

Julius gostava de vê-la por perto. Era diferente da maioria das mulheres que conhecia. Muito jovem ainda, gostava de esportes. Era uma companheira divertida, mas sentia grande interesse pela política e pelos acontecimentos mundiais.

À noite, depois do jantar, se Clarence não estivesse ocupado com seus terminais e computadores, Jessica costumava interrogá-lo sobre seus negócios. Pedia-lhe a opinião sobre o que lera nos jornais. Em outras ocasiões, simplesmente tocava violão, que nunca deixava de trazer. Às vezes, Julius e Francine juntavam suas vozes à dela. Mas cantavam tão mal que acabavam rindo os três.

Aconselhada por Martin, Francine inscreveu Mississippi Saylor no Kentucky Derby. A corrida realizou-se no sábado, dia 2 de maio. Duas semanas antes ela viajou para Louisville; assistiu aos treinos e cuidou para que nada faltasse ao garanhão. Alguns dias antes da corrida, Martin foi juntar-se a ela.

Julius só viajou para o Kentucky na sexta-feira, véspera do páreo. Fê-lo em grande estilo, levando os irmãos Lowells, suas mulheres e filhos e os Davishs, recém-chegados da lua de mel. O grupo alegre e barulhento ocupou seus lugares nas tribunas de Churchill Downs. Ninguém admitia sequer a hipótese de um segundo lugar.

Mais uma vez, o Mississippi superou as expectativas. Pilotado por Cesar Esposito, percorreu a milha e 1/4 do derby em apenas 1 minuto, 59 segundos e 3 décimos, novo recorde da prova. Essa marca só seria superada pelo fantástico Secretariat, dois anos depois.

Assim Julius levava sua vida. Divertia-se com os amigos, viajava e assistia às corridas. Mas sua grande paixão continuava sendo o mercado. Mantinha o hábito de, nas noites de domingo, recolher-se a seu escritório em Greenwich e analisar as bolsas do Extremo Oriente.

Enquanto Wall Street dormia, ele já comprava e vendia ações, obrigações e mercadorias naquelas bolsas. No dia seguinte, quando os mercados abrissem na Costa Leste, já estaria à frente dos concorrentes.

Operando aos domingos, Clarence travou contato com outros operadores que, como ele, apreciavam o trabalho solitário de fazer negócios no outro lado do mundo. Gente de todos os lugares.

Havia Fernando Rabal, diretor do Banco Obrero da Cidade do México, e Jack

West, mercador solitário, negociando de sua cabana isolada nas faldas do monte Hood, no Oregon. Como também Mislav Soudendijk, do Banco Madeireiro da Colúmbia Britânica, que, por causa da enorme diferença de fuso horário, encerrava seu fim de semana logo após o almoço de domingo e corria para seus telefones e terminais de cotações, no último andar da torre do banco, em Vancouver.

Alguns operadores europeus também trabalhavam aos domingos. Precisavam, para isso, chegar a seus escritórios antes da meia-noite. Na Europa, entre outros, Julius falava com Christian Blaeu, dono de uma pequena corretora em Amsterdã, e Jacques Constantine, operador da Casa Rothschild, de Paris. Leander van Deer, da Cidade do Cabo, especialista em ouro, platina e diamantes, com seu vozeirão inconfundível, dispensava identificação.

Nenhum era tão assíduo quanto Clive Maugh, do Centro-Europeu. Este, às vezes, ligava para Greenwich. Mas, desde a morte de Sandra, Julius evitava aproximar-se do Sindicato. Além disso, algo na voz de Maugh passava a Clarence a impressão de que o inglês o odiava. Mas, sendo vantajoso, faria negócios com ele, sem pestanejar.

Nesses domingos, os solitários operadores da América, da Europa e da África juntavam-se aos profissionais do Extremo Oriente, para os quais a semana havia realmente começado.

Nas mesas de Tóquio, Hong Kong, Sidney, Taipé e Cingapura, não era incomum entrar uma ligação do outro lado do planeta, comprando ou vendendo os ativos negociados naqueles mercados. Naquele distante ano de 1970, o mundo começava a ficar pequeno para os mercadores da noite.

Com o início da nova década, Julius passou a investir em ouro. A seu ver, chegara a hora da realização da profecia de Salomon Abramovitch.

Os Estados Unidos mantinham o preço da onça em 35 dólares. Mas, com os gastos militares no Vietnã, o Tesouro americano endividava-se cada vez mais. Dificilmente conseguiria manter estável a relação entre o dólar e o ouro.

Clarence esperava estar do lado certo, no momento em que o preço disparasse. Mas a operação não era tão simples assim. Uma lei de 1933 proibia aos cidadãos americanos a posse de ouro. Para adquirir suas barras, Julius recorria a uma empresa, no Liechtenstein, que constituíra especialmente para esse fim.

Capítulo 44

Otto Behr releu satisfeito a folha de papel em sua mão; o documento custara caro ao banco, mas, logo ao primeiro exame, Behr constatou que fizera uma barganha. Com base nas informações contidas no relatório, o Centro-Europeu poderia aumentar, de maneira considerável, o lucro de suas carteiras.

Avisou a secretária para não o interromper para ninguém, à exceção do senhor Russon. Reclinou-se na cadeira e leu, pela terceira vez, a preciosidade. Desta vez devagar, examinando cada palavra do texto, para ver se descobria mais algum detalhe relevante.

Tradução de memorando secreto enviado ao camarada Leonid Ilyich Brezhnev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, pelo chefe do Comitê de Segurança do Estado (conhecido no Ocidente por suas iniciais em russo, KGB*), Yuri Vladimirovich Andropov.*

De: Yuri Vladimirovich Andropov, Chefe do Comitê de Segurança do Estado.

Para: Leonid Ilyich Brezhnev, Camarada Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética.

Camarada Secretário-geral,

Tenho em meu poder relatórios obtidos por agentes da mais alta confiança, baseados nos Estados Unidos da América, dando conta de que o presidente Richard Milhous Nixon tomou a decisão de, nos próximos anos, desvalorizar o dólar, passando-o primeiramente dos atuais 1/35 de onça de ouro para 1/38 e, posteriormente, para 1/42.

A decisão do presidente baseia-se no fato de as reservas de ouro dos Estados Unidos, depositadas no Fort Knox, em Hardin County, Kentucky, não mais corresponderem a 1/35 do montante do meio circulante daquele país. Presume-se que essas reservas estejam aquém de 1/38, e mesmo de 1/42, sendo essas duas desvalorizações apenas um primeiro passo para uma liberação total do preço do ouro.

Os gastos militares efetuados por aquele país, em seu ato de agressão ao bravo povo do Vietnã, vêm resultando em forte endividamento do Tesouro americano, provocando, além disso, maciças emissões de dólares, não acompanhadas de um aumento na quantidade de ouro depositada no Fort Knox.

Uma desvalorização do dólar será extremamente benéfica à União Soviética. Visando a tal fim, tomo a liberdade de sugerir ao Camarada Secretário as seguintes providências:

Elevar o auxílio militar ao Vietnã, objetivando, com isso, um aumento nos gastos militares americanos e, portanto, mais emissões de dólares;

Diminuir a venda de ouro da União Soviética no mercado internacional, mesmo sendo necessário reduzir nossas importações de grãos dos Estados Unidos. (As dificuldades a serem impostas ao Heroico Povo Soviético por essa decisão serão amplamente recompensadas quando o ouro se valorizar.)

Lembro ao Camarada Secretário-geral que, em caso de colapso do dólar americano, o Povo Soviético e o Movimento Proletário Internacional serão os grandes beneficiários.

Saudações,

Yuri Vladimirovich Andropov

Chefe do Comitê de Segurança do Estado

Contrariando seus hábitos, Russon presidiria a reunião do Comitê Diretor do Sindicato. Como sempre, Lesneur, de Operações, Behr, da Inteligência, Thayer, da Captação, Monpère, da Administração, e Schneider, da Contabilidade e Controle, sentaram-se à mesa-redonda, agora aguardando a chegada do presidente.

Russon entrou na sala e, com um gesto, mandou que todos permanecessem sentados. Dirigiu-se à única poltrona vaga. Para não perder tempo, inclinou a cabeça na direção de Otto, indicando, com isso, o início dos trabalhos.

O diretor de Inteligência iniciou sua exposição, causa principal da reunião extraordinária:

— A razão pela qual solicitei ao presidente a convocação dos senhores é este relatório à minha frente. Por ser extremamente confidencial, resolvi não tirar uma cópia para cada um, como fazemos habitualmente. Mesmo esta aqui será destruída após a reunião.

Se Behr desejava fazer suspense, conseguiu. Ouviu-se um murmúrio de curiosidade.

— O documento dispensa explicações — continuou ele. — Por isso, vou lê-lo na íntegra.

Leu, então, a cópia do memorando secreto do KGB para Brezhnev.

Após a leitura, antecipando-se a qualquer comentário ou pergunta, apressou-se em esclarecer:

— Imagino que os senhores devam estar se perguntando: "Como um assunto tão secreto pode ter chegado às nossas mãos?" Também tive esta dúvida. E cheguei à seguinte conclusão: o documento é verdadeiro e os soviéticos deixaram

uma cópia vazar para as pessoas certas. Pensemos juntos: "Como se comporta uma instituição como a nossa, administrando fortunas tão grandes, como fazemos, ao saber da intenção dos americanos de desvalorizar o dólar contra o ouro?"

Ninguém disse nada.

— A resposta é óbvia — prosseguiu ele. — Comprando o máximo possível, o que irá ajudar os russos, e aguardando a alta dos preços. Mas não me limitei a julgar o motivo dos russos ou a autenticidade do documento. Usei outras fontes de informação e verifiquei coisas interessantes.

Otto olhou para o presidente, depois passeou a vista pelos colegas e, só então, concluiu:

— Os soviéticos pararam de vender ouro e estão racionando suas compras de grãos, como sugere o memorando. Verifiquei também um aumento na frequência de voos de transportes militares entre a União Soviética e o Vietnã do Norte. Minha conclusão formal é a seguinte: o documento é verdadeiro, Brezhnev aceitou a sugestão de Andropov e o preço do ouro vai subir muito nos próximos anos, pois os americanos vão desvincular o dólar do ouro.

Os diretores do Sindicato não levaram muito tempo para chegar à mesma conclusão de Otto Behr. A palavra foi, então, passada a Jean Lesneur, diretor de Operações. Jean começou por enaltecer o colega:

— Parabéns, Otto. É fácil administrar carteiras, tendo você como apoio. Meu plano é simples. Convocarei Bruno D'Angelo e Clive Maugh para uma conversa. Direi a eles que nossos clientes estão preocupados com a guerra no Sudeste Asiático e desejam mais segurança em seus investimentos. Determinarei um aumento do percentual de ouro nas carteiras. Mas existe algo melhor que, simplesmente, comprar o metal. Compraremos também ações de empresas mineradoras. Se elas já ganham dinheiro com o ouro a 35 dólares por onça, imaginem o aumento dos lucros se o preço subir. E se for realmente liberado? As ações poderão valorizar-se cinco, 10 vezes, até mais.

No quarto trimestre daquele ano, o Centro-Europeu e Clarence, este através de sua subsidiária no Liechtenstein, compraram grandes quantidades de ouro.

Nessa época, Mark Scott, de Pesquisas, chamou a atenção de Julius para uma alta persistente nas ações das mineradoras.

— Claro, como pude ser tão estúpido! — Julius lamentou-se. — Claro, claro, se o ouro vai subir, elas vão subir mais ainda. E essas nós podemos comprar às claras, nenhuma lei nos impede.

O ouro começou a subir no outono. Anos mais tarde, Julius se recordaria da noite de domingo em que a alta começou.

De seu escritório em Greenwich, tendo percebido o início do movimento, ligou primeiro para Tóquio e Hong Kong. Depois, telefonou para os mercadores noturnos, tentando descobrir se a alta passara despercebida por algum deles.

Mas os homens da noite eram bons profissionais. Todos já haviam farejado a nova presa. Cada um deles, os músculos contraídos, a garganta seca, o coração acelerado, os olhos perscrutando a dança dos números em seus terminais de cotações, sentiu, naquele instante, o início de mais um ciclo no mercado.

Clarence, em Greenwich, Rabal, na Cidade do México, West, em sua cabana no Oregon, Soudendijk, de sua torre pairando sobre o Pacífico, Blaeu, em Amsterdã, Constantine, em Paris, Van Deer, na Cidade do Cabo, e Clive Maugh, em Lausanne, iniciavam mais uma semana de trabalho e de emoções.

Para cada um deles, já há muito, o lucro das operações de mercado representava mais do que riqueza e poder. Era o principal elo com a vida. Para os mercadores da noite, ganhar ou perder dinheiro significava a vitória ou a derrota, em um jogo cruel e interminável.

Capítulo 45

Como quase todo mundo, Clarence tivera seu quinhão de tristezas e dificuldades. Perdera seus pais, a quem dedicava grande afeto, e o amigo Salomon Abramovitch. Nos negócios, enfrentara momentos difíceis quando a Associados, em seus primeiros anos, estivera à beira da falência. Seu casamento com Claire fora breve, mas não deixara traumas. Gozara, em muito maior número, de alegrias, vitórias e sucessos.

Mas, naquele ano de 1971, via-se, pela primeira vez, diante da adversidade. Sua vida pessoal tomava rumos inesperados, escapando a seu controle.

Francine, desde seu casamento, há dois anos, ansiava por um filho. Não fazia uso de anticoncepcionais, mas, para sua consternação, até agora nada acontecera.

Preocupada, procurou seu ginecologista. Este a encaminhou ao doutor Anthony Galligan, conceituado especialista em fertilidade.

Após submetê-la a uma bateria de exames, o médico concluiu: nada havia de errado com ela. Se houvesse algum problema, seria do marido.

Embora, até aquele momento, não sentisse a falta de filhos, Julius concordou com o pedido da mulher e procurou o doutor Galligan. Submeteu-se pacientemente aos testes prescritos pelo médico. O laudo foi concludente. Era, irremediavelmente, estéril.

Como seria de esperar, não gostou do resultado. Mas não ficou inconsolável. Acostumara-se a aceitar os fatos irreversíveis, principalmente quando não eram provocados por alguma decisão errada ou precipitada de sua parte. Nunca teria filhos, sua linha de hereditariedade terminava ali. Lamentável, sem dúvida, mas existiam outras pessoas com quem se preocupar e dividir alegrias e infortúnios. Sua mulher era uma delas.

Francine fingiu não se importar, mas sentiu o golpe. Não tinha irmãos. Julius também era filho único. Portanto, não havia sobrinhos.

E ela adorava crianças. Quando visitavam os Lowells, em Boston, brincava com Roxanne e Rick, filhos de David e Stella, e com Joan, a garotinha de George e Stephanie. Em Greenwich, passava horas com as filhas de Martin e Lora, já adolescentes.

Mas, quando Lisa, logo após seu casamento com Bernard, anunciou estar grávida, Francine recebeu a notícia com uma ponta de ciúme. Um casal de setters, presente de Julius, compensava em parte sua necessidade de afeto, mas simplesmente não era a mesma coisa.

Pouco depois, na primavera de 1971, Francine voltou a beber, desta vez às escondidas.

Clarence soube, acidentalmente.

Deixara-a ainda dormindo e dirigia-se com Antoine a Nova York. No meio do trajeto, lembrou-se de haver esquecido em casa alguns documentos. O motorista deu meia-volta e retornaram para casa.

Julius pegou os papéis no escritório e subiu rapidamente ao quarto, para ver se ela já acordara. Mas, ao entrar no aposento, surpreendeu-a, ainda na cama, com um copo nas mãos. Ela se assustou e deixou o copo cair sobre o tapete.

Ao beijá-la, Clarence sentiu o cheiro da bebida. Ficou chocado. Nunca imaginara a mulher bebendo em jejum. Interpelou-a gentilmente. Francine desabou, então, em um choro convulsivo. Depois, mais calma, revelou ter retirado do bar, na véspera, uma garrafa de vodca para um gole apenas. Estivera muito tensa nos últimos dias. Simplesmente, não resistira à tentação de uma dose para relaxar.

Foi a primeira vez. Depois, vieram outras. Francine passou a embriagar-se com frequência. Embora não tivessem vida social intensa, os Clarences compareciam a algumas festas. Também recebiam convidados, tanto em Greenwich como na cobertura do parque.

Nessas ocasiões, Francine, de início, mostrava-se tensa e insegura. Depois da primeira dose, transformava-se. Tornava-se alegre e divertida. Na terceira fase, mais tarde, já embriagada, dizia coisas desagradáveis, era agressiva com as pessoas.

Os íntimos se constrangiam. Os outros comentavam. Vez por outra, algum colunista de mexericos insinuava algo sobre a francesa e a bebida.

Jessica, apesar de mais jovem, era a única pessoa a quem Francine escutava. Para ajudar a amiga, deslocava-se de Boston a Greenwich.

Após esses encontros, Francine ficava vários dias sem beber. Voltava a ser a pessoa doce por quem Julius se apaixonara e que tanto cativara seus amigos, vizinhos e empregados. Mas sempre retornava à bebida. Brigava com Teresa e Antoine, a quem Julius proibira de entregar as chaves dos carros à mulher.

Clarence deixou de ir a festas. Mas continuou recebendo amigos em casa. Francine já não importunava tanto. Sua resistência à bebida diminuíra consideravelmente. Após algumas doses, subia para o quarto. Julius continuava atendendo aos convidados. Estes fingiam não perceber a ausência da anfitriã.

Os problemas domésticos não impediam Clarence de continuar conduzindo com eficiência seus negócios. Usava todas as linhas de crédito a seu alcance para alavancar suas compras de ouro e de ações de mineradoras. Como garantia desses empréstimos, entregava as próprias ações adquiridas e as barras de ouro. Estas já formavam um volume considerável em um cofre na Suíça.

Além de acompanhar os mercados, Julius visitava diariamente as obras do novo escritório da Associados, no topo da Liberty Tower, em Downtown.

A nova sede foi inaugurada em setembro, logo após o Dia do Trabalho. O prefeito de Nova York, John Lindsay, cortou a fita cerimonial, e os convidados percorreram as novas instalações.

A corretora ocupou os três andares mais altos da torre. No primeiro ficaram os setores de apoio e um espaçoso auditório. No andar intermediário foi instalada a plataforma de operações, equipada com a última geração de aparelhos de telecomunicação.

A sala de Julius era modesta, comparada às demais dependências. Mas, se os convidados tivessem subido ao último andar, teriam conhecido a luxuosa suíte concebida, por ele mesmo, para seu uso pessoal. Um refúgio para trabalhar à noite, quando preciso. Também um local discreto para receber convidados mais exclusivos.

Da suíte, um elevador privativo descia direto à garagem, no subsolo.

O problema de Francine se agravara. Não obstante, ela amava Clarence e queria ardentemente preservar seu casamento. Frequentava regularmente um psiquiatra. Aos períodos de embriaguez seguiam-se vários dias de sobriedade. Num desses, encheu-se de coragem e procurou os Alcoólicos Anônimos. Ocupou uma cadeira na última fila; quando o coordenador da reunião lhe perguntou se desejava dizer alguma coisa, intimidada, afastou-se correndo.

Naquela noite, ao chegar em casa, Clarence encontrou-a caída sobre o tapete da biblioteca.

A partir de então, Francine desistiu de lutar. Sua fala tornou-se lenta, a conversa confusa, mesmo no intervalo entre as bebedeiras, como acontece aos alcoólatras. Permanecia calada por muito tempo, mas, quando falava, repetia as frases inúmeras vezes. Esquecia-se frequentemente das coisas mais simples.

Francine Kéraudy Clarence era apenas uma sombra do que fora. Descuidada da própria aparência, magra, os olhos vermelhos. Nem pelos cavalos se interessava mais.

A bebida da casa foi retirada, inutilmente. Ela solicitava um táxi por telefone. Depois de algumas horas, retornava embriagada.

Julius sentia-se impotente para lidar com a situação.

Sugeriu à mulher passar algum tempo com o pai, em Toulouse, ou com Bernadette, em Paris. Ela recusou. Como também não aceitou um convite de Jessica para viajar para a fazenda, em Illinois. Clarence chamou Irene Kéraudy para fazer companhia à filha. Francine ignorou a presença da mãe.

Alguma coisa, talvez há muitos anos, machucara Francine. Ela simplesmente

se recusava a ser feliz. Com Jessica ainda se tornava dócil. Reclinava-se no ombro da amiga e chorava.

Julius avistava-se frequentemente com o psiquiatra da mulher, doutor Rebaj, especializado no tratamento de alcoólatras. Ele desejava internar Francine, mas aguardava uma iniciativa dela mesma. Finalmente, quando Irene retornou à Itália, decidiu fazê-lo à força. Pediu a Clarence que não estivesse presente à chegada da ambulância.

Aliviado, Julius concordou. Pegou um dos carros na garagem e saiu dirigindo, por horas, a esmo. Só retornou a Greenwich à noite. Já haviam levado Francine.

Faltou-lhe coragem para subir até o quarto. Dirigiu-se à biblioteca. Tirou o paletó, os sapatos e estirou-se em uma poltrona. Ficou ali deitado, pensando, fumando um cigarro atrás do outro. Por fim, adormeceu.

Teresa trouxe o jantar em uma bandeja, mas não quis acordá-lo. Retornou com a comida. Pouco depois, voltou à biblioteca, cobriu o patrão com um cobertor e apagou as luzes.

Mas Clarence estava longe dali, pilotando o Super Cub, bem alto, contemplando a grande curva do Mississippi.

Capítulo 46

Após a internação de Francine, Julius intensificou seu ritmo de trabalho, não raro estendendo o expediente até altas horas da noite. Além de supervisionar a corretora, o Comercial de Manhattan e a cadeia Bars, comandava pessoalmente as compras de ouro e de ações de mineradoras. Consumia vários maços de cigarro por dia, praticamente acendendo um no outro. Engolia xícaras e mais xícaras de café. À noite, antes de dormir, bebia inúmeras doses de vodca, acompanhadas de soníferos. Algum tempo depois, uma agradável dormência o envolvia. Só então desligava-se dos negócios e dormia, o sono durando no máximo cinco ou seis horas.

Só ia a Greenwich nos fins de semana. Lá, preferia a casa de Martin à sua. Em Manhattan, dividia as noites entre a cobertura do parque e a suíte da Liberty Tower, agora seu lugar preferido. Pelo menos uma vez por mês, ia até Boston e passava um fim de semana com os Lowells. Eventualmente, viajava com Martin ao Kentucky, para onde Mississippi Saylor fora enviado como reprodutor.

O hábito de trabalhar à noite, aos domingos, transformara-se num ritual. Clarence telefonava para os mercadores da noite, fazia negócios no Extremo Oriente e elaborava planos para suas empresas. Nessas noites, a bebida não lhe fazia falta.

Seu estoque de ouro aumentava progressivamente. No início de 1972, já possuía 15 toneladas, nas quais investira 20 milhões de dólares, obtidos à custa de empréstimos. Outros 20 foram usados na compra de ações de mineradoras.

O Comercial de Manhattan galgava posições no ranking dos bancos graças a uma nova técnica bancária, desenvolvida por Julius e seus executivos. Cada cliente do banco recebeu uma senha secreta. Munidos desse número, podiam fazer suas transações bancárias por telefone, sem sair de seus escritórios ou residências.

Se o crescimento do Manhattan foi surpreendente, maior ainda foi a expansão das Lojas Bars. A cadeia crescia a um ritmo de três unidades novas por mês, sob o sistema de franquia. Tão logo era aberto, cada novo ponto de venda passava a vender por preços, em média, 20% abaixo dos concorrentes locais.

Para poder vender tão barato, Julius e seus assessores, a quem os Lowells deram total autonomia, implantaram um moderno e eficiente centro de compras em Nova York. Quando compravam um item, faziam-no pesadamente, aumentando o poder de barganha com os industriais. Passaram a adquirir produtos industrializados sem a respectiva marca, obtendo um grande desconto. Vendiam-nos com a marca Bars, por preços extremamente baixos.

Francine continuava tratando-se com o doutor Rebaj numa clínica em Staten Island. O regulamento proibia visitas nos primeiros 30 dias. Decorrido esse prazo, Clarence, o coração apertado, cruzou a ponte Verazzano para ver a mulher. Não sabia muito bem como comportar-se nem o que o aguardava; talvez ela o considerasse um traidor.

Ao contrário de sua expectativa, Francine estava tranquila, fisicamente recuperada, após um mês de desintoxicação. Mas alguma coisa nela se quebrara. Respondia às perguntas com voz monótona e infantilizada. Sim, sentia-se bem. Claro, era bem tratada, todos eram gentis.

Julius tentava portar-se de maneira natural, mas sentia, o tempo todo, que falhava. Finalmente, Francine declarou-se cansada e pediu para voltar ao quarto.

O doutor Rebaj, consultado, disse que esse tipo de atitude era normal. "Consequência do tratamento", explicou.

As visitas continuaram. Clarence ia todas as semanas. Voltava deprimido; embora mostrasse uma aparência saudável, Francine continuava desinteressada do mundo lá fora. Parecia a Julius que a mulher perdera a alma. Jessica, outra visitante autorizada, também não estava gostando. Como Clarence, não compartilhava a confiança do médico.

Quando Jessica saía da clínica, após as visitas, costumava encontrar-se com Julius. Esses encontros, geralmente almoços, representavam muito para ele. Ali, junto a Jessica, abandonava sua reserva habitual.

A princípio, falava de Francine, de seu desejo de levá-la para casa, mesmo contrariando a opinião dos médicos. Aos poucos, foi levado a falar de si mesmo. Narrou reminiscências da infância, sua amizade com Abramovitch. Falou também de seu primeiro trabalho, no armazém do pai, em Davenport, não muito longe de onde Jessica nascera.

Nessa época, Clarence viu seu patrimônio, subitamente, aumentado em muitos milhões. Nixon, tal como Salomon vaticinara há mais de 10 anos, desvinculou o dólar do ouro.

O fato merecia uma comemoração especial. Julius chamou o pessoal de Operações para, juntos, celebrarem na suíte. Ao fim da reunião, todos se retiraram para suas casas, onde uma família os aguardava. Clarence ficou sozinho. Recordou-se do velho judeu, suas palavras proféticas, vaticinando duas grandes altas: primeiro, o ouro; depois, o petróleo.

Nos próximos anos, ganharia muito dinheiro, tinha plena consciência disso. Deveria estar exultante aquela noite. Mas não estava. Sentia apenas solidão.

Sentou-se ao telefone e ligou para alguns mercadores noturnos. Falou com West, no Oregon, deu os parabéns a Van Deer, na Cidade do Cabo — ele também

vinha comprando ouro. Negociou alguns papéis com Constantine, da Rothschild. Recebeu uma ligação de Clive Maugh, interessado na compra de prata. O Centro-Europeu também vinha apostando na desindexação do dólar, Julius sabia disso.

Livrou-se rapidamente do inglês e transferiu o aparelho para a secretária eletrônica.

Subiu para a suíte. Foi até o bar. Retirou do congelador uma garrafa de vodca e levou-a para o quarto. Bebeu várias doses, sentado na cama. Podia sentir a bebida caminhando pelas artérias, hipnotizando-lhe a mente, embalando-o com sua proteção aconchegante. Mais uma vez lembrou-se de Salomon. O velho sempre tivera razão.

"Era chegada a hora de prestar atenção ao petróleo", pensou, antes de dormir.

Capítulo 47

Os negócios de Clarence não paravam de se expandir. A Associados, com apenas sete anos de existência, já se colocava entre as grandes de Wall Street. O Comercial de Manhattan, graças a uma administração eficiente, voltava a gozar do bom conceito dos tempos de Walter Monroe. Finalmente, a cadeia Bars já vendia seus produtos em 140 pontos de venda espalhados pelo país.

Metade da Associados ainda pertencia à família Al-Kabar, de acordo com o contrato secreto celebrado em 1967. Se Julius quisesse comprar a parte dos árabes, precisaria pagar o equivalente a cinco vezes o valor de 200 mil onças de ouro, correspondentes, no fim de 1972, a 60 milhões de dólares.

O Manhattan encontrava-se na mesma situação. Oficialmente, o controle acionário do banco pertencia a Clarence. Apenas oficialmente, pois outro contrato, também arquivado no escritório de Basil Kennicot, garantia aos árabes metade das ações de Julius. A outra metade pertencia-lhe, de fato e de direito, mas não podia vendê-la e embolsar o dinheiro, pois tomara dinheiro emprestado para poder comprar a parte de Edward Monroe.

Das Lojas Bars, Julius possuía 20%. Também essas ações estavam oneradas por empréstimos.

O império particular de Clarence crescia tão rapidamente quanto suas dívidas. Para carregá-las, pagava juros altos. Os outros banqueiros consideravam-no um homem de alto risco, um mero especulador. Não uma pessoa respeitável, e útil à sociedade, como eles, cujas famílias possuíam bancos há várias gerações.

Se quisesse, Julius poderia vender parte das empresas, pagar as dívidas, trabalhar sem sobressaltos. Mas não cogitava isso. Considerava cada aquisição uma conquista pessoal, da qual, em hipótese alguma, admitia abrir mão. Por isso, mantinha-se constantemente endividado, correndo em busca de operações de alta rentabilidade, como a compra de ouro e ações de mineradoras.

Não possuía recursos para comprar a parte dos Al-Kabars na Associados e no Manhattan, mas, mesmo se os tivesse, não o faria. Tinha consciência da importância do mercado de petróleo não só para ganhar dinheiro no curto prazo como para realizar seus sonhos mais altos. Ser sócio dos árabes, compartilhar de suas informações privilegiadas sobre as decisões do mundo do petróleo era importante para Clarence.

Três dias antes do Natal de 1972, Julius recebeu um telefonema de Kennicot.

— Senhor Clarence, desculpe-me convidá-lo em cima da hora, mas ficaria

muito honrado se o senhor e a senhora Clarence viessem passar o Natal e o fim de semana prolongado em minha casa de campo. Fica no Sul, a pouco mais de uma hora de Londres. Mando um carro apanhá-los no aeroporto. Faremos uma ceia domingo à noite. Se aceitarem, Abdul al-Kabar virá também. Aliás, a presença dele é a razão deste chamado às pressas. Temos assuntos importantes a tratar. Mas, se já tem compromisso, encontraremos outra data.

— Senhor Kennicot, estarei aí. Pode contar com isso. Quanto à minha mulher, lamento, encontra-se internada em uma clínica. Passa por uma depressão. Minha secretária cuidará da passagem e informará sobre a hora de minha chegada.

Enfim, algo o alegrava. Gostava de Al-Kabar, lamentando vê-lo tão pouco. Também admirava Kennicot.

Até aquele momento, não decidira onde passar o Natal. Francine continuava internada, cada vez mais fora de sintonia. Pensara em ir a Boston, para ficar com os Lowells, ou passar a festa na casa de Martin ou Bernard. Mas o convite de Londres encerrava o problema. Poderia viajar ainda naquela noite.

Na manhã seguinte, Julius desembarcou em Londres. Conforme o combinado, o motorista encontrava-se junto ao portão de desembarque tendo à mão um pequeno cartaz com seu nome.

Uma hora depois, o reluzente Rolls-Royce cruzava os campos gelados de Kent. Um raro e brilhante sol de inverno iluminava o East Sussex quando chegaram à propriedade de Kennicot.

O motorista conduziu o Rolls por um pequeno aclive, cercado de árvores despidas, passou por uma capela e contornou um canteiro. Parou à porta da construção principal, uma mansão do século XIX, em forma de U.

Basil Kennicot surgiu à porta, saudando-o com os braços abertos.

Al-Kabar ainda não chegara. Clarence foi apresentado a Cora Kennicot, dispensou um convite para repousar, pois dormira bem no avião, e foi conhecer a propriedade. Kennicot cultivava rosas, passando na estufa grande parte do tempo quando estava em Sussex.

O árabe chegou duas horas mais tarde. Uma aconchegante sala de estar acolheu os três homens. Enquanto um criado colocava sobre a mesa um bule de chá, xícaras, um açucareiro e uma travessa de prata com pequenos sanduíches de pepino, falaram de amenidades. Mais tarde, por iniciativa de Abdul, passaram a tratar de negócios.

— Bem, meu amigo americano. Já nos conhecemos há nove anos. Lembro como se fosse ontem: o Aeroporto de Chicago, no dia da morte do presidente Kennedy. Quanto à nossa sociedade, já vai completar seis anos. Tem sido boa para os dois

lados. Só assim os negócios podem dar certo. Mas agora são necessárias algumas modificações. Kennicot poderá explicar melhor.

O anfitrião serviu o chá fumegante, sorveu um pequeno gole e olhou para Clarence.

— Se não se importa, creio que já é hora de nos chamarmos pelo primeiro nome.

Clarence assentiu satisfeito. O inglês continuou.

— Julius, você sabe o significado de *blind trust?*

— O nome não me é estranho. Tem algo a ver com a administração dos bens pessoais dos políticos e homens do governo?

— Exatamente. Na América, quando uma pessoa de posses assume um cargo importante no governo, entrega seus investimentos particulares a um procurador. Este administra o portfólio com poderes totais. O dono da carteira é notificado apenas dos resultados. Não sabe em quais ações o dinheiro é investido. Assim, se, em função do cargo, ficar sabendo de informações privilegiadas, não poderá usá-las em proveito próprio.

Kennicot apontou o dedo na direção de Abdul.

— Julius, até agora você tem administrado, de maneira notável, eu diria, o dinheiro dos Al-Kabar. Envia para mim um relatório completo das operações. Eu me encarrego de fornecer-lhes uma cópia resumida. Mas agora surgiu um fato relevante.

Clarence temeu alguma complicação. Por pouco tempo, pois o advogado se apressou em esclarecer.

— Abdul foi convidado por seu rei a assumir o cargo de ministro do Petróleo. Aceitou a tarefa, e a imprensa saberá disso após o Ano-Novo. Devido à nova situação, ele resolveu fazer como os americanos e entregar seus investimentos a um *blind trust,* com você. Eu continuarei a saber das operações. Abdul e sua família conhecerão apenas os resultados. Nosso ministro pretende dedicar-se e preocupar-se unicamente com os negócios de Estado.

Julius apertou a mão de Al-Kabar, cumprimentando-o pela nomeação. Mas ficou frustrado. Logo agora, quando o amigo se tornava uma pessoa influente no mundo do petróleo, perderia o contato. Restava-lhe o consolo de conhecê-lo bem, saber como pensava. Poderia, pelo menos, deduzir suas decisões, com alguma vantagem sobre os concorrentes.

Os três homens passaram o fim de semana de Natal reunidos. Clarence procurou absorver ao máximo as palavras de Abdul. Seria preciso, a partir de agora, colocar-se na posição do amigo árabe para decifrar os rumos do mercado de petróleo, onde esperava dar sua próxima tacada.

Na segunda-feira, dia de Natal, à tarde, antes de voltar a Nova York, Julius conversou longamente com Al-Kabar. Recebeu um último conselho.

— A partir de agora, quando pensar em petróleo, imagine o impossível. Um barril está custando 3 dólares. Não se surpreenda se, no próximo inverno, esse número tiver subido 400% ou 500%.

Kennicot e Al-Kabar levaram Julius até o carro. O árabe e o inglês tinham ainda diversos assuntos a tratar. Antes da despedida, uma última advertência:

— Julius, é uma questão de tempo o fim do império das companhias petrolíferas americanas e europeias. As Sete Irmãs, como vocês as chamam na América, estão com os dias contados no Oriente Médio e na Venezuela. A nacionalização será inevitável. O Ocidente depende de nosso petróleo para manter seu ritmo de desenvolvimento, mas parece não perceber isso. Continuam desperdiçando energia, como faziam no início do século, quando o querosene custava uma insignificância e a gasolina era quase de graça.

Naquela noite de segunda-feira, 25 de dezembro de 1972, Julius Clarence embarcou para Nova York com o pensamento imerso em petróleo. Enquanto os operadores, banqueiros, corretores e especuladores ainda descansavam dos festejos de Natal, Julius voava sobre o Atlântico pensando nas palavras do amigo.

"Quatrocentos ou quinhentos por cento", dissera o beduíno.

Capítulo 48

Tão logo chegou a Nova York, Clarence recebeu um telefonema de David Lowell.

— Estamos organizando um réveillon aqui em casa e fazemos questão de sua presença.

— É uma ótima ideia, David. Já tinha até me esquecido da passagem do ano, no fim de semana. Com tanto trabalho, e com Francine internada, simplesmente não me lembro dessas datas. Ontem mesmo, dia de Natal, estive na Europa tratando de negócios. — Quando se tratava de encontros com Al-Kabar, Clarence tomava cuidado para não dar detalhes. A única pessoa a quem deixava escapar alguma coisa era à secretária, Diane.

— Desculpe se estou me intrometendo, mas por que você não traz a Francine? Quem sabe não será bom para ela? Bem, Julius, um dia ela vai ter que sair pela primeira vez, você não acha?

Clarence gostou da sugestão. Telefonou ao doutor Rebaj. O psiquiatra concordou com a ideia. Já estava na hora de a paciente sair um pouco, fazer seu primeiro teste no mundo exterior.

Para grande desapontamento de Julius, Francine não demonstrou interesse em sair.

— Vai haver uma festa dos internos — justificou ela, timidamente. — Desculpe-me, Julius, mas estou encarregada da decoração, não posso sair assim de repente. Mas estou certa de que, no próximo ano, estarei boa. Poderemos, então, ir a Boston novamente. Se você não se importa, Julius, preciso voltar a meu quarto. Estou muito cansada.

No dia 31, Clarence já se encontrava no aeroporto quando desistiu de ir a Boston. Cansara-se de ir aos lugares sozinho, as pessoas esmerando-se em distraí-lo, para depois comentar, às suas costas, sobre Francine.

Telefonou para David, deu uma desculpa e ficou em Nova York. Foi para a cobertura do parque, ceou sozinho, servido por Jesus, e depois saiu para uma caminhada.

Uma neve fina caía sobre a cidade. Os flocos desciam do céu, brilhavam sob as luzes da cidade em festa e se transformavam em uma lama escura, ao contato com o asfalto. Clarence desceu a 5ª Avenida, passou pelo Rockefeller Center e caminhou pela 52, até a Broadway.

Os transeuntes riam e se beijavam. Julius continuou caminhando. Rua 40, Rua 30. Agora, quase desertas.

A meia-noite encontrou-o perto do Village. Estivera andando por duas horas. Procurou não pensar em nada. Desceu para uma estação de metrô e retornou ao apartamento.

Ao fim daquele ano, seu patrimônio estaria multiplicado. Mas ainda não sabia disso. Como ninguém sabia que, um ano depois, o Ocidente estaria mergulhado na crise do petróleo, na recessão e na inflação. Por isso, comemoravam tanto.

Alguns dias após o réveillon, Clarence voltou a visitar Francine. Encontrou-a integrada aos trabalhos da clínica, desconectada do mundo exterior. Era como se houvesse morrido e ali estivesse outra pessoa, uma impostora roubando sua fisionomia.

Chegando ao escritório, recebeu um telefonema de Jessica Lowell. Havia mágoa em sua voz.

— Julius, por que você não veio a Boston? Sentimos sua falta.

— Bem, Jessica, eu avisei David. Simplesmente não me senti à vontade, quero dizer, sem Francine. Preferi ficar sozinho. Mas conte-me tudo: como foi a festa? Divertiram-se muito?

— A festa foi maravilhosa, Julius. Todos adoraram.

Ficou em silêncio por alguns segundos.

— Sim, todos... todos menos eu, Julius — balbuciou, indecisa.

— Compreendo como você deve ter sentido a falta de Francine. Acabo de chegar da clínica. Ela continua do mesmo jeito. Totalmente alheia, você sabe como.

Jessica baixou o tom de voz. Julius sentiu sua respiração do outro lado da linha. Agora, ela estava quase murmurando.

— Julius, eu senti falta de você. De você, não de Francine. Eu queria vê-lo. Apenas vê-lo.

— Claro, Jessica. Eu também tenho sentido falta de nossos almoços, de nossas conversas. Acho até que foi isso que me impediu de ir à festa. Me acostumei a conversar com você, mas, com tanta gente, simplesmente não é a mesma coisa.

— Julius, você não está entendendo. Eu gosto da Francine, me importo com ela. Mas não era para falar da Francine que eu queria ver você. Que coisa horrível eu estou dizendo. Eu sei. Mas eu preciso falar.

— Então fale, Jessica. Me diga qual é o problema. Você sabe que pode me dizer tudo. Sempre.

— Julius, todos os dias, desde o réveillon, eu pego o telefone, mas desisto. Perco a coragem. Eu amo você. Eu amo você, ouviu? Era isso que eu tinha para dizer. Desde a viagem pelo Caribe, eu amo você.

Clarence ficou atônito. A imagem de Jessica no barco veio imediatamente à

sua mente. Tinha sido um completo idiota. Como não percebera nada? Agora, ouvindo-a falar, tudo ficou claro. Os olhos castanhos de Jessica fixados nele, no barco, em Boston. Ela estava sempre olhando para ele. Procurando pretextos para se aproximar.

Por algum tempo ficaram os dois mudos, um de cada lado da linha, o telefone à mão. Jessica, aliviada por ter tido a coragem de revelar seu segredo. Julius, não encontrando nada para dizer.

— Você está aí? — finalmente ela quebrou o silêncio.

— Estou, Jessica, tentando colocar a cabeça em ordem. Deixe-me resumir os fatos. Você, Jessica Lowell, casada com Andrew Lowell, meu sócio e amigo, está apaixonada por mim. Eu, Julius Clarence, marido de Francine, por sinal sua amiga, internada para tratamento de alcoolismo, devo ficar lisonjeado e diz... Jessica! Isso vai acabar mal.

— Julius, ninguém sabe de nada. É um segredo meu. Não queria contar para você. Mas não aguentei. Eu amo você, Julius. Quero você. Não me importa Andrew, nem Francine, nem ninguém, ninguém. Quero você para mim. Pelo menos um pouquinho, de vez em quando. Eu o amo tanto.

Julius ainda tentou dizer algo sensato. Pensou em Francine, em Andrew Lowell, nos outros irmãos. Mas sentiu apenas uma súbita e enorme vontade de ter Jessica em seus braços, de beijá-la, levá-la para a cama, fazer amor com ela.

— Jessica, não vou mentir. Ouvindo-a falar assim, fiquei com vontade de estar junto de você. Mas não vamos fazer nada precipitado. Muita gente pode sair magoada, quero dizer, Francine e Andrew. Ela está internada, não podemos nos esquecer disso. Precisamos agir com calma. Senão, iremos nos arrepender.

— Eu sei, Julius. Também não quero magoar Francine. Nem Andrew, ele me adora. Mas eu quero ver você. Ninguém precisa saber nada.

— Jessica, ouça com atenção. Não vamos resolver isso por telefone. Escolha o dia, o lugar, a hora. Vou me encontrar com você. Precisamos conversar pessoalmente. Mas, por favor, se cuide. Não vá fazer nenhuma bobagem.

Jessica desligou. Clarence ficou sentado em sua sala, olhando o dia cinzento lá fora. Continuou assim por muito tempo. Sua intuição lhe dizia que algo de muito importante acabara de acontecer em sua vida.

Capítulo 49

Naquele inverno de 1972-73 havia pouco petróleo para cobrir toda a demanda. Qualquer interrupção na oferta faria faltar o produto. Alguns refinadores estavam encontrando dificuldades em conseguir matéria-prima. Diversos estudos projetavam um racionamento de gasolina quando o consumo aumentasse, no verão.

Julius, em Nova York, e o Sindicato, em Lausanne, estavam atentos a isso.

No fim de janeiro, Julius e Jessica se encontraram. Para sair livremente do escritório, Julius usou Martin Beresford. Como tinha agenda aberta, sempre informava a Diane e ao pessoal da mesa onde e com quem estava. Anunciou, então, uma viagem-relâmpago, com Martin, ao Kentucky, e tomou um avião no La Guardia para Boston.

Duas horas depois, conforme o combinado, tocou a campainha do quarto do hotel. Jessica abriu a porta e lá estava Julius, do lado de fora, o sobretudo à mão, o mesmo sorriso claro que sempre a hipnotizara.

Julius planejara uma conversa séria. Mas não chegou a pronunciar a primeira palavra. Jessica abraçou-o com força. Ele largou o sobretudo. Os dois ficaram parados, de pé, beijando-se carinhosamente, por muito tempo, como se quisessem protelar ao máximo o que certamente estava por vir.

Enquanto suas línguas se exploravam, a princípio com delicadeza, depois furiosamente, a mão de Julius foi desabotoando, lentamente, um por um, os botões às costas do vestido de Jessica. Quando chegou ao último, ela desapertou o cinto.

A roupa deslizou para o chão, revelando o corpo branco, a calcinha de seda, o sutiã meia-taça; ela retirou o paletó e a gravata de Julius e desabotoou-lhe a camisa. Acariciou-lhe os cabelos do peito, desceu as mãos e abriu a fivela do cinto.

Ele passou o braço sob as nádegas de Jessica, elevou-a no ar e a carregou para a cama. Ficaram ali, entrelaçados.

Jessica não resistiu por muito tempo. Livrou-se do resto de suas roupas e, girando o corpo, fez com que Julius ficasse por cima dela. Gemeu e chorou de emoção, felicidade e prazer quando ele penetrou em seu corpo e a levou ao orgasmo.

Clarence retornou a Nova York ainda naquela noite. A partir de então, Jessica passou a ligar diariamente. Diane foi a primeira pessoa a perceber o romance entre o patrão e a mulher do sócio. Mas a secretária era cega, surda e muda.

Continuaram a encontrar-se. Às vezes, ele viajava para Boston. Outras, ela voava para Nova York. Para vê-lo, Jessica era obrigada a fazer verdadeiras acro-

bacias, inventando cada vez um pretexto diferente para chegar tarde em casa. Andrew Lowell nada percebia. Em nenhum momento desconfiou que sua mulher tinha um amante. Muito menos que era seu sócio e amigo.

Mas Jessica Lowell e Julius Clarence eram pessoas conhecidas. Suas fotografias frequentavam os jornais. Com o tempo, era previsível, uma ou outra pessoa deparava com o casal entrando ou saindo de um hotel, em Boston ou Nova York. Começaram a surgir os primeiros rumores...

O romance com Jessica não interferia com o trabalho de Julius, nada interferia com o trabalho de Julius. Chegara a primavera e, com ela, uma escassez maior de petróleo. A Associados e o Sindicato permaneciam atentos, à espreita da melhor oportunidade para comprar.

Enquanto isso, no Cairo, o presidente egípcio, Anwar al-Sadat, concentrava-se em um único objetivo. Expulsar Israel da margem oriental do canal de Suez, posição ocupada pelos judeus desde a Guerra dos Seis Dias, em 1967.

Já há algum tempo, junto com o presidente sírio Hafez al-Hassad, Sadat fazia planos para atacar os israelenses. Além dos dois presidentes, o único estadista a compartilhar do segredo era o rei Faissal, da Arábia Saudita. Nos planos de Sadat, o uso da arma petróleo seria fundamental para a concretização de seus objetivos.

Em abril, Alan Payne soube do conteúdo de um relatório de James Akins, assessor da Casa Branca para assuntos energéticos. Akins advertia Nixon sobre a possibilidade de falta de combustíveis. A relação entre a oferta e a demanda encontrava-se cada vez mais apertada.

Na mesma época, um resumo do relatório chegou às mãos de Otto Behr.

No início do verão, a Associados e o Sindicato começaram a comprar contratos futuros de petróleo.

Capítulo 50

Há horas, Leonid Brezhnev lutava contra a insônia. Por fim, desistiu. Acendeu a luz e, só depois de algum tempo, localizou o interruptor do aparelho de ar condicionado, cujo zumbido o incomodava. Desligou-o e abriu as janelas.

O barulho das ondas do Pacífico invadiu o aposento. Brezhnev voltou à cama, apagou a luz, mas continuou acordado.

O líder soviético não se sentia à vontade no terreno do adversário. Encontrava-se hospedado na fazenda do presidente Nixon, em San Clemente, na Califórnia. Os dois participavam de mais uma reunião de cúpula, colocando em dia a eterna agenda comum das duas superpotências: desarmamento, paz mundial e, bem lá entre eles, divisão da Terra entre os feudos soviético e americano.

Brezhnev estava preocupado. Pouco antes de sua saída de Moscou, o KGB o informara dos planos do Egito e da Síria de um ataque de surpresa contra Israel.

O quase setuagenário secretário-geral temia uma guerra envolvendo as duas potências. Por isso, tinha vontade de informar Nixon da intenção dos árabes. Mas seu ministro das Relações Exteriores, Andrey Gromyko, achava que os americanos deveriam ser mantidos na ignorância.

Enquanto ouvia o barulho das ondas, Brezhnev avaliava mentalmente as duas possibilidades. Passar ou não a informação a Nixon.

Súbita e impulsivamente, o soviético acendeu novamente a luz, vestiu um robe sobre o pijama e tocou a campainha. Foi atendido prontamente por um ajudante de ordens, de serviço junto à porta, do lado de fora do aposento. Brezhnev mandou o oficial dar um recado aos americanos: precisava falar com Nixon imediatamente.

Vinte minutos depois, o surpreso e sonolento presidente americano ouvia o angustiado colega soviético em seu escritório particular. Brezhnev procurou as palavras adequadas, sem revelar integralmente suas informações, para alertar Nixon da gravidade da situação no Oriente Médio.

Nixon ouviu pacientemente, mas não acreditou em Brezhnev. Se o tivesse feito, talvez impedisse a guerra no Oriente Médio, alguns meses depois, e, mais ainda, talvez viesse a evitar a crise do petróleo desencadeada pela guerra. Mas estava totalmente absorto pelo caso Watergate.

No dia seguinte, Nixon relatou a conversa a Kissinger, que, por sua vez, discutiu o assunto com um assessor. Este bebeu e falou demais numa roda noturna de Washington. Alan Payne veio a saber e contou imediatamente a Clarence. Julius, ao contrário de Nixon, acreditou em Brezhnev.

Naquele verão, o dólar vinha caindo, devido à crise política americana. Entre os produtores de petróleo crescia um sentimento de insatisfação pelo fato de trocarem sua principal riqueza por uma moeda em queda livre.

A Arábia Saudita detinha o destino do petróleo, produzindo 8 milhões de barris por dia. Abdul al-Kabar, homem de confiança do rei Faissal, era o responsável pela produção e comercialização de tão valiosa riqueza. Apreensivo com a queda do dólar, Abdul fazia gestões junto à Aramco para promover um aumento nos preços e, assim, gerar mais divisas para seu país.

A escassez aumentava. Para agravá-la, no primeiro dia de setembro, Kadafi estatizou 51% do capital das empresas petrolíferas da Líbia. Enquanto isso, o Iraque, a Argélia e a própria Líbia insistiam, com os outros membros da OPEP, para que todos aumentassem os preços.

Al-Kabar concordava com os aumentos. Porém, ao contrário dos radicais, defendia uma alta moderada. Se a dose fosse excessiva, proclamava, haveria uma recessão mundial, com prejuízo para todos, inclusive para eles, países da OPEP.

Mas um ponto comum unia os produtores. O descontentamento com as empresas concessionárias. Mesmo com sucessivos aumentos, elas retinham a maior parte do lucro.

Em setembro, Sadat escolheu a data do ataque a Israel: sábado, 6 de outubro, dia do Yom Kippur, o mais sagrado feriado judaico. Nesse dia, o líder egípcio esperava encontrar um mínimo de prontidão entre as forças armadas israelenses, a maioria dos oficiais e soldados recolhida, observando o jejum.

A rapidez de mobilização era vital para qualquer ação defensiva dos judeus. Sadat sabia disso.

Otto Behr, metódica e pacientemente, juntou as peças do quebra-cabeça com o qual trabalhava há várias semanas. A sua frente, informações obtidas de fontes diferentes não deixavam dúvidas quanto à proximidade do ataque árabe. Só não entendia como os serviços de informação israelense, via de regra tão eficientes, ainda não haviam se dado conta da iminência do ataque.

Para Otto a situação era clara: o presidente Hassad, da Síria, ordenara a expansão imediata dos cemitérios daquele país; os hospitais egípcios vinham sendo desocupados; os doentes, remetidos a suas casas. E, mais revelador, um informe, recebido por Behr algumas horas antes, mostrava uma ordem de repatriação, para a União Soviética, das famílias dos assessores militares soviéticos baseados na Síria e no Egito.

Eram sinais claros do início da guerra.

Seguindo sua metodologia de raciocínio, Otto colocou-se no lugar do presidente egípcio. Optou pelo Yom Kippur como data para o ataque. Satisfeito com

suas conclusões, ligou para René Russon. O presidente do Sindicato convocou imediatamente uma reunião do Comitê Diretor.

Após uma hora de deliberação, decidiram comprar petróleo em Roterdã e a carga de vários petroleiros no mar.

Do outro lado do Atlântico, Julius Clarence registrava o quanto estavam escassos os suprimentos mundiais de petróleo. Sabia ser apenas uma questão de tempo, pouco tempo, a realização de mais uma profecia de Salomon Abramovitch.

Julius decidira apostar até a última ficha no petróleo.

Capítulo 51

Jessica pegou a correspondência na caixa do correio, separou suas cartas e, como de hábito, colocou as de Andrew sobre a escrivaninha do marido. Cansado, à noite, este não se deu ao trabalho de abrir os envelopes. Colocou-os em sua pasta, para fazê-lo no dia seguinte.

Já no escritório, Andrew Lowell abriu a correspondência, leu a carta anônima e ficou lívido.

De início, não acreditou em uma palavra sequer. Chegou a sentir remorsos por ter lido até o fim. Amassou o papel e jogou-o na cesta de lixo. Depois, foi até ela, recolheu a carta, leu-a de novo, mais uma vez, uma outra. Então as coisas começaram a fazer sentido.

Agora, estava ali sentado, a carta na mão, contendo-se para não chorar de tristeza e ódio. Levantou-se, foi até a janela, os olhos marejados, ficou espiando os barcos na baía. Leu mais uma vez.

Andrew Lowell,

Peço desculpas pelo anonimato. Alguns chamam-no de covardia. Prefiro chamá-lo de discrição, discrição e respeito, melhor dizendo.

Trata-se de sua esposa, Jessica. Ela o vem traindo há algum tempo. Quase todas as semanas ela se encontra, às escondidas, com Julius Clarence, o especulador de Wall Street, seu sócio nas Lojas Bars. Às vezes, os dois pombinhos se encontram em Nova York; outras, aqui mesmo, em Boston.

O último encontro aconteceu em Nova York, na quarta-feira da semana passada. A senhora Lowell embarcou no voo das 10h30 da manhã da Eastem Airlines, desembarcou no La Guardia quarenta minutos depois e seguiu para o Waldorf Astoria. Lá, o senhor Clarence a aguardava. Retornou às 16h30, de novo pela Eastern. Certamente esperou você em casa, à noite, com um beijo carinhoso.

Não sou uma chantagista. Se fosse, estaria escrevendo para Jessica Lowell ou Julius Clarence, não para você. Sou apenas uma pessoa bem informada, como pode perceber.

Não tenho provas. Afinal, isto é apenas uma informação, um pequeno favor pessoal e desinteressado, não uma acusação em um tribunal. Mas tenho certeza de uma coisa, Andrew Lowell. Se você seguir Jessica quando ela for almoçar e passar o dia com uma amiga, ou inventar qualquer outra desculpa para ficar fora de casa o dia todo, se certificará do quanto é verdadeira esta minha carta.

Sinceramente,
Uma amiga anônima

A rotina de Clarence vinha sendo exaustiva, mesmo para alguém como ele, acostumado a trabalhar sem descanso desde os 15 anos. Dirigia a Associados, o Manhattan e a cadeia de lojas. Acompanhava as operações de ouro e petróleo.

Quase sempre dormia na Liberty Tower, para poupar tempo com deslocamentos. Visitava Francine semanalmente. Não observara nenhuma melhora, mas, desde seus primeiros encontros com Jessica, a doença da mulher não mais lhe causava depressão. Apenas pesar.

Naquela sexta-feira, Julius dispensou Antoine e foi cedo para o escritório. Trabalhou somente até as 11h. Desceu para a garagem. Meia hora depois, voava no Mercedes esporte, prata, pela 95, rumo norte, torcendo para não ser colhido pelo radar dos tiras.

Planejava chegar ao Motel Ocean Side, na US-1, em Grove Beach, Connecticut, no máximo à 1h da tarde. Poderia assim ficar com Jessica até as 3h30, talvez até as 4h.

No motel, ela já o aguardava no quarto. Instantes depois rolavam na cama, presas de fúria passional. Despediram-se quase três horas depois, com a sensação de ter ficado juntos apenas alguns minutos.

Jessica saiu apressadamente do motel e tomou a estrada rumo norte.

Julius foi calmamente até a portaria, pagou a conta e dirigiu-se ao Mercedes, estacionado no pátio interno. Entrou no carro, acendeu um cigarro, acionou o motor e guiou vagarosamente até o portão de saída. Preparava-se para dobrar à esquerda, rumo sul, quando viu Andrew Lowell parado do outro lado da estrada, junto a um poste de iluminação.

Não podia, simplesmente, continuar dirigindo e ir embora, ignorando-o. Engrenou marcha a ré e retornou ao estacionamento do motel, tentando imaginar a melhor maneira de sair da situação. Nenhuma ideia brilhante lhe ocorreu. Deixou o carro no pátio e caminhou até o portão. Lowell permanecia lá.

Atravessou a estrada para falar com ele. Mas não chegou a pronunciar a primeira palavra. Andrew o atingiu com um murro na ponta do queixo, fazendo-o perder o equilíbrio e desabar sobre o asfalto.

Julius apoiou-se no chão com as palmas das mãos e tentou colocar-se de pé. Não houve tempo. Um violento pontapé na têmpora deixou-o sem sentidos por algum tempo. Quando se levantou, finalmente, algumas pessoas formavam um círculo a seu redor.

Andrew Lowell havia ido embora. Sem responder às perguntas dos desconhecidos, Clarence atravessou rapidamente a estrada e voltou, pela terceira vez, ao pátio do motel.

Tentou colocar as ideias em ordem, apesar da dor lancinante. Pensou em Jessica, temeu por ela. Pensou em Francine também.

Sem conseguir restabelecer o autodomínio, manobrou o Mercedes no estacionamento, passou velozmente pelo portão de saída e pisou forte no acelerador, o fundo do carro batendo no chão da calçada, os pneus cantando e soltando fumaça do atrito com o asfalto.

Sem saber para onde ir, tomou o rumo sul.

Capítulo 52

Pela primeira vez na vida de Clarence, seus assuntos pessoais interferiam nos negócios. Os mercados passaram a um plano secundário. Cada minuto foi dedicado a solucionar a crise gerada pela descoberta de seu romance com Jessica.

A cadeia Bars constituiu-se na primeira baixa do incidente. Os Lowells acusaram Clarence de traição covarde, ao se aproveitar da amizade para roubar a mulher do sócio e amigo. Retiraram seus poderes, o comando das lojas voltou para Boston, e Clarence tornou a ser apenas acionista.

O mercado soube da notícia e as ações caíram 10%. Foi necessário passar pelo constrangimento de explicar tudo a seu pessoal.

Ele mesmo se encarregara de contar a Francine. O doutor Rebaj viu-se obrigado a sedá-la, mas ela, agora, encontrava-se bem, embora se recusando a receber o marido.

Depois de flagrar os amantes, Andrew Lowell voltara para casa disposto a bater na mulher com a mesma violência usada contra Clarence. Não conseguiu. Estava desesperado, mas não era um covarde.

Jessica fora obrigada a sair imediatamente. Encontrava-se, agora, na fazenda dos pais, em Illinois. Telefonava diariamente para Julius, mas ainda não haviam se encontrado novamente devido aos problemas que o prendiam no escritório.

Os juros estavam em alta. Apesar disso, Clarence endividava-se cada vez mais. Seus bens pessoais, as ações da Associados, do Manhattan e das lojas Bars encontravam-se comprometidos pelos empréstimos que contraíra. Para saldá-los seria preciso que ocorresse rapidamente uma forte alta no petróleo.

Visando agilizar suas operações no mercado *spot* de Roterdã, Julius montou às pressas um escritório naquela cidade, para onde enviou Bernard Davish. Os dois mantinham-se em contato permanente. Davish comprava o máximo possível de óleo cru e fretava petroleiros para armazená-lo.

Embora endividado até a raiz dos cabelos, Julius desejava comprar o restante da Bars e trazer de volta a administração para Nova York. Era tarefa quase impossível: era ele o minoritário, não os Lowells. Mas, se não pudesse comprar a parte dos irmãos, tentaria vender a sua o mais caro possível.

Era o responsável pela recuperação da empresa desde quando o guru Vincent

Cotten derrubara o papel, tinha consciência disso. Sabia quanto as lojas deviam a ele e a sua equipe.

Para resolver o impasse, solicitou um encontro informal com David Lowell em Boston. Não o obteve. Em lugar disso, David marcou uma reunião formal de acionistas, presentes os três irmãos, Stella, Stephanie e os advogados da família.

Foi uma reunião longa, penosa para todos.

Clarence viu-se obrigado a enfrentar os olhares hostis de Andrew, dos irmãos e das mulheres. Mas tinha plena consciência de seu papel. Se fizesse um mau negócio, estaria prejudicando os cotistas de seus fundos, a Associados e Al-Kabar, seu sócio na corretora. E tanto os cotistas dos fundos quanto Abdul nada tinham a ver com seu romance. Por isso, negociou duro.

Ao fim do encontro, Julius vendera as ações sob seu controle. Nada mais tinha a ver com a Bars, empresa à qual tanto se dedicara nos últimos tempos. Por outro lado, a entrada do dinheiro diminuiu suas dívidas e permitiu-lhe maior dedicação ao mercado de petróleo.

Para surpresa de Julius, nos primeiros dias de outubro, Francine o chamou a Staten Island, oferecendo-lhe o divórcio. Começava a sentir-se melhor, o tratamento surtia os primeiros efeitos. Desejava voltar à França, retomar seus estudos de arquitetura. Quase na mesma época, Andrew concedeu o divórcio a Jessica.

Julius e Jessica se encontraram pela primeira vez, desde a tarde fatídica em Grove Beach. Passaram juntos um fim de semana na cobertura do parque. Decidiram casar-se o mais breve possível.

Clarence sentia-se feliz, diminuiu a bebida, parou de tomar comprimidos para dormir. A tempestade se dissipara.

Capítulo 53

Sexta-feira, 5 de outubro, 5h30 da tarde em Nova York. Clarence encerrou o expediente e subiu à suíte, onde Jessica o aguardava. Ao contrário de Claire e Francine, ela se interessava pelos detalhes do trabalho de Clarence. Não raro, o acompanhava em seu expediente noturno e ouvia suas conversas com os mercadores da noite.

Naquela tarde, Julius explicou-lhe sua estratégia no mercado.

— Os combustíveis estão escassos — disse ele. — A qualquer ameaça de interrupção no fornecimento o preço poderá ir às nuvens. Esta é a razão pela qual estou comprando tanto petróleo, mesmo tendo que me endividar.

No mesmo instante em que Julius conversava com Jessica na Liberty Tower, já passava da meia-noite no Cairo e os pilotos egípcios eram instruídos sobre seus alvos em Israel.

Enquanto os aviadores recebiam suas ordens, na margem oriental do canal de Suez, na península do Sinai, na Cisjordânia, em Jerusalém, nas colinas de Golan e no antigo e diminuto território de Israel, os cidadãos se recolhiam, preparando-se para celebrar, no dia seguinte, o Dia do Perdão.

Também naquela hora, ignorando completamente o plano de ataque egípcio, Abdul al-Kabar embarcava no Aeroporto Internacional de Riad, com destino a Viena, onde participaria de uma reunião da OPEP.

Nem os aviadores egípcios, nem os devotos cidadãos de Israel, nem mesmo Al-Kabar podiam avaliar o alcance dos acontecimentos dos próximos dias, após os quais o mundo mergulharia na recessão e na inflação, vendo-se diante da maior crise energética enfrentada pela humanidade desde a descoberta de óleo pelo coronel Edwin Drake em Titusville, Pensilvânia, em 1859.

Talvez as únicas pessoas a ter consciência da gravidade do momento fossem Julius Clarence — que vinha se preparando para esse momento há 13 anos — e os diretores do Sindicato, em Lausanne.

Às 2h da tarde do sábado, 6 de outubro, dia do Yom Kippur, o barulho estridente de 200 jatos egípcios se fez ouvir sobre o canal de Suez e a península do Sinai.

Em cumprimento de suas missões, os pilotos atacaram as guarnições israelenses na margem oriental do canal. No mesmo momento, a artilharia egípcia abriu fogo contra as posições inimigas. Em sincronia com seus aliados, aviões sírios atacaram Israel pelo norte, seu ataque reforçado por 500 peças de artilharia.

Iniciara-se a Guerra do Yom Kippur, a quarta entre árabes e israelenses, cujas consequências o Ocidente amargaria por sete longos anos.

Ao chegar a Viena, Al-Kabar inteirou-se das vitórias alcançadas pelos árabes, em função do efeito surpresa. Nas suítes do Hotel Intercontinental, os homens da OPEP, a quem caberia dar as cartas no mundo econômico por quase uma década, reuniam-se satisfeitos, comentando os acontecimentos.

Em outros quartos do hotel, os representantes das empresas petrolíferas entreolhavam-se preocupados.

Ao contrário da Guerra dos Seis Dias, seis anos antes, os primeiros lances da Guerra do Yom Kippur sucederam-se durante o fim de semana, com os mercados fechados. Só iriam abrir na segunda-feira de manhã, horário do Extremo Oriente, começo da madrugada na Europa, fim da tarde de domingo na Costa Leste americana.

Tão logo soube do ataque árabe, Clarence tomou suas primeiras providências. Convocou Alan Payne e alguns operadores da mesa à suíte do escritório. Estudaram os acontecimentos e fizeram projeções para as cotações das bolsas, ouro e petróleo.

Julius esticou ao máximo a noite de sábado, levando Jessica e seu pessoal para jantar. Retornando à suíte, lutou contra o sono. Foi dormir às 6h da manhã. Com tal procedimento, adiantou seu próprio fuso horário, como se estivesse mais a leste. Quando acordou, às 2h da tarde, encontrava-se em condições de trabalhar por toda a noite e aproveitar os primeiros momentos do mercado após o início da guerra.

Em Lausanne, René Russon, contrariando seus hábitos de domingo, sempre dedicados à prática e ao estudo do xadrez, convocou sua diretoria para uma reunião. A novidade foi a presença de Clive Maugh, pela primeira vez convidado a participar de deliberações com os diretores.

No encontro, Otto Behr relatou os acontecimentos no teatro de guerra, as vitórias iniciais das forças sírias e egípcias e, demonstrando uma profunda percepção dos acontecimentos, alertou os presentes sobre a importância da reunião da OPEP, em Viena, e da possibilidade do surgimento de uma grande divergência entre os países-membros daquela organização e as empresas petrolíferas ocidentais.

Ao fim da reunião, decidiram comprar o máximo de petróleo possível, juntando novos lotes às compras recentes.

Segunda-feira, 8 de outubro de 1973. O dia amanheceu no Extremo Oriente. Em algumas horas, os operadores da Austrália, do Japão, de Hong Kong e dos principais mercados do outro lado do mundo, privilegiados pela vantagem a eles conferida pelo fuso horário, seriam os primeiros protagonistas de mais uma emocionante jornada, proporcionada por sua fantástica profissão de mercadores de dinheiro.

No novo capítulo da História, mal iniciado, qualquer erro de avaliação dos acontecimentos detonados no sábado pelas tropas egípcias e sírias poderia significar sérios prejuízos. Por outro lado, se interpretassem corretamente os lances da nova guerra, seriam elevados ao pódio dos vencedores.

Juntando-se aos operadores do Oriente, os mercadores da noite, espalhados pela Europa, África e América, viam seu seleto e exclusivo clube subitamente aumentado por centenas de profissionais, atraídos pela possibilidade de lucro rápido, garantido pelos homens em luta no deserto.

Julius estivera na plataforma de operações, um andar abaixo, junto a seus melhores homens, mantendo-se em contato permanente com Davish em Roterdã.

Ao longo de toda a noite haviam comprado petróleo, primeiro no Oriente, mais tarde na Europa. Agora, pouco antes do nascer do sol, Clarence subira à suíte para tomar o café da manhã com Jessica.

Junto a ela, viu os primeiros raios de sol iluminando a Verrazano. À esquerda, o East River, à direita, o Hudson, ao fundo, Staten Island, onde se encontrava Francine, a Estátua da Liberdade e, bem ao longe, um superpetroleiro dirigindo-se a Nova Jersey com sua carga preciosa.

Julius pensou em seus dois amigos, o judeu Salomon Abramovitch e o árabe Abdul al-Kabar, cujos povos se enfrentavam do outro lado do mundo.

Capítulo 54

Naquela segunda-feira, Golda Meir, a primeira-ministra de Israel, fez um dramático apelo a Nixon. Se os Estados Unidos não fornecessem urgentemente armas e munições aos israelenses, o Estado judeu poderia ser aniquilado.

No mesmo dia, em Viena, os representantes das empresas petrolíferas ofereciam a Al-Kabar um aumento simbólico no preço do barril, de 3 dólares para 3,50. Abdul, embora fosse o mais moderado entre os ministros presentes, repeliu a proposta. Exigiu um reajuste de 100%, para 6 dólares. Pensava, com isso, aplacar a Argélia, a Líbia, o Iraque e o Irã.

As empresas recusaram. Não percebiam a dura verdade. Seu longo reinado terminara.

No dia seguinte, o petróleo começou a escassear em Roterdã. Bernard, naquela cidade, e os homens de Clarence, em Nova York, acreditavam na repetição da estratégia adotada na Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando apuraram um lucro rápido em suas posições especulativas.

Preocupados, viam desta vez Julius vender grande parte da carteira de ações do grupo, manter as posições de ouro, estocado na Europa, e comprar dezenas de milhares de barris, pagando primeiro 4 dólares, depois 5 e, mais tarde, 6.

Bernard achava que o patrão enlouquecera. Se a guerra terminasse subitamente, o mercado poderia voltar ao preço inicial, de 3 dólares. Nesse caso, a Associados poderia ir à falência, levando consigo o Comercial de Manhattan. Julius parecia não perceber isso. Pior, vendia ações a descoberto e comprava mais ouro.

Na quinta-feira, as tropas sírias recuaram. Bernard entrou em pânico. Temendo um fim rápido para a guerra, voltou a pressionar Julius para liquidar as posições. Já estavam lucrando uma fortuna. Davish conseguiu o apoio de Alan Payne: também o chefe da Inteligência acreditava no fim da guerra.

Mas Julius estava convicto, tinha em mente as palavras de Abdul. "A partir de agora, quando pensar em petróleo, imagine o impossível", dissera ele, há menos de um ano, na casa de Kennicot. Depositava enorme confiança em Abdul. Se o árabe previra um aumento de 400% ou 500%, era preciso apostar nisso. Se perdessem, paciência, teria sido coerente com o pensamento do sócio.

Foi a decisão mais acertada de sua vida. Ele e os homens do Sindicato foram os primeiros operadores do mundo a perceber o início de uma nova era. Os tempos da energia cara, da inflação mundial e do aumento das matérias-primas.

Os Estados Unidos passaram a auxiliar os judeus abertamente, enviando armas e munições. No dia 19 de outubro, Nixon anunciou uma ajuda de 2 bilhões e 200 milhões de dólares a Israel.

Em represália, os países árabes, reunidos no Kuwait, elevaram o petróleo em 70%, fixando-o em 5 dólares e 11 centavos. Decidiram também cortar a produção em 5% e continuar cortando 5% a cada mês subsequente.

Em Nova York, Clarence, para desespero da mesa e de Alan Payne, lançou mão de mais empréstimos e determinou a Bernard a compra de mais petróleo em Roterdã.

Em Lausanne, Jean Lesneur fez o mesmo. Ordenou a Clive Maugh e ao chefe da mesa, Bruno D'Angelo, que aumentassem suas posições.

No dia 20, Abdul al-Kabar, obedecendo ao rei Faissal, cancelou todos os embarques de petróleo para os americanos. Na Líbia, o coronel Kadafi fez o mesmo.

Domingo, 21 de outubro de 1973. Julius Clarence passara o dia sozinho, avaliando o mercado, na biblioteca em Greenwich. Refletira sobre sua posição. Se seus diretores e funcionários, seus concorrentes, a imprensa e as autoridades soubessem de sua sociedade com os árabes, seria considerado um traidor. Fez uma autocrítica, um exame de consciência: era apenas um homem de mercado, nada tinha a ver com os acontecimentos. Cabia a ele apenas interpretá-los para tomar suas decisões.

Dessa vez, não contava com Alan Payne. Este não acreditava em um embargo sustentado do petróleo, o Ocidente não iria permitir. Mas Julius conhecia e respeitava Abdul al-Kabar. Por isso, decidira manter suas posições.

Além da guerra e da crise dos combustíveis, havia algo mais para justificar um agravamento da crise. Na véspera, Nixon havia exonerado o promotor público Archibald Cox, responsável pelas investigações do caso Watergate.

Ao cair da tarde, Antoine conduziu Julius e Jessica à Liberty Tower. Subiram para a suíte. Clarence conversou com Davish, em Roterdã, e com Payne, em Ridgefield. Seus homens, embora discordando do patrão, estavam a postos. Alan atento ao noticiário; Davish operando no mercado *spot.*

Julius acompanhou a abertura em Tóquio. Falou, um a um, com os mercadores noturnos, inclusive com Clive Maugh. Depois, não satisfeito com os enormes riscos assumidos até aquele momento, passou a vender ações de empresas americanas, a descoberto.

Foi o primeiro a apostar na queda de Richard Nixon.

Com o passar dos dias, Israel, abastecido pelos americanos, virou a guerra. Encurralou o terceiro exército egípcio no Sinai.

Assim como os Estados Unidos não aceitaram antes uma derrota de Israel, os soviéticos não admitiam, agora, uma capitulação egípcia. Brezhnev deixou isso bem claro em um comunicado a Henry Kissinger. Paraquedistas soviéticos foram colocados de prontidão, para serem lançados em socorro dos egípcios. Agentes ocidentais, localizados no estreito de Dardanelos, captaram emissões de nêutrons procedentes de cargueiros soviéticos em rota para o Mediterrâneo.

As Forças Armadas americanas entraram em estado de prontidão DefCon 3. Tal como na crise de Cuba, 11 anos antes, mais uma vez o mundo se via às voltas com a ameaça de uma crise nuclear. Agora com um presidente americano enfraquecido por Watergate.

Temendo a entrada da União Soviética no conflito, Israel terminou por assinar um cessar-fogo com o Egito. A guerra no Sinai estava encerrada.

Em todo o mundo, os operadores apressaram-se em liquidar suas posições de ouro e petróleo.

Em Lausanne, Otto Behr recomendou a seus colegas do Sindicato a manutenção das posições. Em Nova York, Clarence adotou a mesma postura, para completo desespero de Davish e Payne.

Apesar do fim da guerra, o embargo continuou. O Ocidente encarou melancolicamente a recessão e o racionamento. O preço do barril continuou subindo.

Wall Street passou a ver em Julius Clarence uma auréola de infalibilidade. "Será que não erra nunca?", indagavam uns aos outros.

Bernard retornou de Roterdã. Voltou a seu lugar à mesa de operações e, junto com Alan Payne, rendeu tributos ao patrão.

Em novembro, o petróleo atingiu 16 dólares. Perto do Natal, o xá do Irã, Reza Pahlevi, determinou a realização de um leilão para testar o mercado. Pagaram 17. Nos primeiros dias do inverno, uma *trading* japonesa comprou petróleo nigeriano por 22 dólares.

"Quinhentos por cento", dissera o beduíno Al-Kabar.

Naqueles momentos decisivos, Abdul voltou a demonstrar equilíbrio e sabedoria. O patamar de 20 dólares parecia-lhe absurdo. Provocaria recessão mundial e terminaria por ser nocivo a eles mesmos, produtores. Os consumidores iriam recorrer a novas fontes de energia, perfurar poços em águas profundas, construir usinas nucleares e fabricar carros econômicos. Procurariam depender o mínimo possível da OPEP.

Mas as advertências de Al-Kabar foram em vão. A ganância se apoderava dos produtores.

A alta do petróleo multiplicara a fortuna de Julius Clarence. Ao fim de 1973 havia saldado todas as suas dívidas. Naquele ano, perdera sua participação na cadeia Bars, mas, por outro lado, fizera da Clarence & Associados e do Banco Comercial de Manhattan duas grandes instituições financeiras, altamente capitalizadas.

Clarence tinha 33 anos e já colecionava duas ex-mulheres.

Claire Kellegher, com a morte do pai, herdara sua fortuna. Produzia agora musicais para a Broadway. Francine tivera alta e retornara à França.

Julius casara-se com Jessica. Moravam na cobertura do parque enquanto a mansão de Greenwich passava por uma completa reforma, na qual seriam acrescentadas novas alas.

Os primeiros sinais da ação do tempo davam a sua fisionomia um toque de circunspecção. Restavam agora poucas semelhanças com o garoto do armazém da Avenida Utah, em Davenport.

O inverno começara. Em Lausanne, Clive Maugh encontrava-se em seu apartamento, reclinado em sua poltrona preferida. Ocupando a austera e espaçosa sala, apenas ele, os acordes de piano do *Carnaval*, de Schumann, e uma grande quantidade de revistas pornográficas. No jornal em sua mão, mais uma reportagem sobre Julius Clarence.

Como se regasse uma planta de estimação, Maugh cultivava seu ódio pelo americano.

Não era a única pessoa do mundo a ocupar-se de Julius Clarence. Em seu gabinete no Capitólio, o senador Rutger Olen, representante da Geórgia, percorria com os dedos uma relação com os nomes de seus 99 pares.

Olen analisava mentalmente cada um deles. Precisava saber com quantos poderia contar para conseguir aprovar sua moção, convocando o megaespeculador Julius Clarence a explicar suas atividades no mercado de petróleo em prejuízo dos Estados Unidos da América.

Quarta parte

Capítulo 55

Nunca houvera uma expectativa tão grande antes da abertura dos mercados como naquele domingo. O bilionário Julius Clarence continuava desaparecido, seu segundo homem, Bernard Davish, suicidara-se no metrô de Nova York, e o medo se apoderara dos especuladores e investidores durante o fim de semana.

A hora H estava inexoravelmente marcada para as 9h30 da manhã de segunda-feira em Tóquio, correspondente à 1h30 na Cidade do Cabo, meia-noite e meia em Paris, Frankfurt, Milão e Zurique, 11h30 da noite de domingo em Londres, 7h30 em Nova York, 6h30 da tarde em Chicago e 3h30 em Vancouver.

Nesse exato momento, quando soasse a campainha na Bolsa de Valores de Tóquio, também começariam a funcionar os mercados eletrônicos. Nesses, através dos terminais de computadores, profissionais espalhados pelos 24 fusos horários voltariam a negociar índices futuros de ações, moedas dos países mais importantes, obrigações dos governos e metais preciosos. Estariam também abertos os mercados interbancários, onde bilhões de dólares mudavam de mãos em questão de segundos.

Aquela noite era especial. Até então, mesmo nas grandes crises, sempre houvera ganhadores e perdedores. Assim fora em julho de 1914 ao estourar a Primeira Guerra Mundial, no *crash* de outubro de 1929, no ataque cardíaco do presidente Eisenhower, nas guerras da Coreia e do Vietnã, no assassinato de Kennedy, nas crises do petróleo causadas pelas guerras de Suez, dos Seis Dias e do Yom Kippur, na inflação dos anos 70, na crise dos reféns americanos em Teerã, no *crash* de outubro de 1987, na invasão do Kuwait pelas tropas de Saddam Hussein e no golpe militar contra Gorbachev.

Fora também assim, pouco mais de um ano antes, no dia da explosão no Eurotunnel.

Dessa vez, os acontecimentos haviam fugido ao controle das autoridades e dos dirigentes das bolsas. Desde a tarde de quinta-feira, quando o megaespeculador Julius Clarence desaparecera misteriosamente e o Índice Industrial Dow Jones desabara 2.000 pontos apenas na última meia hora de pregão, ninguém conseguia se entender. O mercado estava sendo movido pelo pânico, não pela razão.

Durante o fim de semana, as cabeças puderam esfriar, e os bancos centrais haviam tomado decisões importantes em defesa dos investidores. Restava aguardar a abertura. “Tudo voltaria ao normal”, diziam os otimistas. “Apenas mais uma crise”, insistiam nervosamente. Todos torciam por isso.

Mas, individualmente, as coisas se passavam de maneira diferente. Cada um dos atingidos pelo turbilhão provocado pela Clarence & Associados planejava o

mesmo: vender dólares, obrigações do governo americano e ações, principalmente ações. Com o produto da venda, comprariam metais preciosos, ienes japoneses, marcos alemães, contratos futuros de petróleo e outros ativos seguros, para proteger seu dinheiro até o fim da crise.

Todos, pequenos e grandes investidores, especuladores, empresários, banqueiros e administradores de fundos, aguardavam, em lenta agonia, a hora H.

Nem os velhos mercadores da noite alimentavam ilusões. Limitavam-se a olhar tristemente para seus terminais, à espera da abertura. O mercado nunca mais seria o mesmo, sabiam. Mas não nutriam rancores contra Julius Clarence, apenas curiosidade. Onde estaria o velhaco irlandês?

Em Kansas City, às 5h15 da tarde, Mark Richardson cumpria sua rotina de trabalho na Trans Globe Market News. Competia-lhe selecionar, entre as notícias recebidas dos diversos monitores à sua frente, aquelas de interesse dos assinantes da Trans Globe, em sua maioria profissionais de mercado. Ato contínuo, precisava resumi-las em frases curtas e digitá-las rápido, fazendo-as chegar, em poucos segundos, aos milhares de terminais espalhados pelas mesas de operações em todo o mundo, de preferência antes dos concorrentes.

Graças à eficiência de funcionários como ele, a Trans Globe ocupava o primeiro lugar no ranking das agências noticiosas especializadas no mercado financeiro. Richardson lia a notícia, avaliava sua importância e, se fosse o caso, fazia um resumo, com no máximo 60 toques, para os assinantes.

Aquele dia era especial para Mark. Ao fim do expediente, iria receber 50 mil dólares. Para fazer jus a tanto dinheiro, precisava apenas digitar, exatamente às 5h30 da tarde, a frase "Naufrágio nas coordenadas 41°44' Norte 50°24' Oeste".

Foi o que fez, exatamente nessa hora, ignorando ser aquela posição geográfica o ponto exato em que o *Titanic* colidira com um iceberg na noite de 14 de abril de 1912.

Após certificar-se de haver digitado os caracteres corretamente, continuou seu trabalho, extremamente movimentado naquele dia, ao contrário dos outros domingos.

Finalmente chegou o momento temido por todos. Nos cinco continentes, os homens se aproximaram de suas telas. Ignoraram uma notícia sem importância, algo sobre um naufrágio, estampada um pouco abaixo das colunas de cotações nos terminais da Trans Globe.

No exato instante da abertura dos negócios, o vírus Titanic, criado e desenvolvido pelo gênio do paquistanês Mohamed Ahsan, atacou.

Durante longos meses, o Titanic se disseminara por discos rígidos, cd-roms e estradas eletrônicas. Infiltrara-se nos mais sofisticados sistemas e programas, viajara

por modems, linhas telefônicas e canais de fibras óticas, passeara, invisível, pelos milhões de terminais da internet.

Quando, nos monitores de cotações e de notícias, surgiram os 46 caracteres digitados por Mark Richardson em Kansas City, o mortífero Titanic encerrou sua longa fase de proliferação e, obedecendo a Julius Clarence, instaurou o caos no mercado.

Capítulo 56

O professor Tartuf Zardil sacudiu o ombro do paciente.

— Está na hora, senhor Clarence. Preciso prepará-lo para a cirurgia.

Julius despertou imediatamente.

— Por favor, sente-se nesta cadeira — disse o médico. — Recline a cabeça para trás. É uma posição desconfortável, mas não vai demorar muito.

Zardil começou logo a trabalhar. Usando, primeiro, uma máquina elétrica e, depois, uma navalha, raspou uma estreita faixa de cabelo, no sentido de uma orelha a outra, deixando intactas as duas extremidades. Fez tudo rapidamente, com grande habilidade. Uma semana depois, a região raspada só seria perceptível quando vista de cima.

A seguir, entregou a Clarence um sabonete desinfetante.

— Tome um banho — ordenou. — Esfregue bem o rosto, o cabelo e as orelhas. Quando terminar, não vista nada sobre o corpo. Me chame, por favor.

Alguns minutos depois, Julius, as primeiras medidas de assepsia terminadas, recebeu e vestiu um camisolão e pantufas de pano. Seguiu Zardil até a sala de operações.

A pedido do cirurgião, deitou-se sobre a mesa. O médico amarrou um elástico ao redor de seu braço e explicou:

— Vou aplicar-lhe uma dose de meperidina combinada com adrenalina. A meperidina é um sedativo forte, à base de morfina. A adrenalina serve para diminuir o sangramento. Quando o senhor estiver dormindo, não vai demorar muito, aplicarei anestésicos nos locais onde irei trabalhar. Não sentirá nada, senhor Clarence. Quando acordar, tudo estará terminado.

Antes de o medicamento surtir efeito, Zardil pediu ao paciente para deslocar-se por sobre a mesa, de modo a ficar com parte da cabeça pendente do lado de fora. Lavou novamente os cabelos. Finalmente, deu-se por satisfeito com a assepsia.

O mais seguro seria uma raspagem geral. Mas não era um procedimento incomum raspar-se o mínimo possível. Pessoas que se submetem a plásticas não gostam de sair carecas do hospital. Em outras épocas, quando operava em Zurique, o professor recebia seus pacientes já preparados pelas enfermeiras. Agora, era preciso fazer, ele mesmo, todo o trabalho.

Aos poucos, a visão de Julius foi se tornando turva. Mal percebeu quando o professor deixou a sala. Já dormia profundamente quando ele retornou, tendo as mãos enluvadas e vestindo um capote esterilizado. Também não manifestou nenhuma reação quando Zardil acendeu as luzes sobre a mesa, conectou a seu

corpo os terminais do monitor eletrocardiográfico e fixou ao dedo médio de sua mão direita um pregador com uma célula fotoelétrica, para calcular o nível de saturação de oxigênio no sangue.

Ato contínuo, o cirurgião isolou os cabelos do paciente com panos e esparadrapos, deixando à mostra apenas o estreito retângulo correspondente à parte raspada anteriormente. Puxou uma mesa de Mayo por sobre o corpo estendido, deixando-a à altura do peito. Retirou dela uma seringa e aplicou a primeira anestesia local, diretamente no couro cabeludo.

— Aahh… — Julius gemeu na hora da picada.

O médico inseriu todo o conteúdo da seringa. Ergueu, em seguida, a parte da mesa operatória correspondente à cabeça. Esperou alguns minutos e, com um bisturi, espetou o local para certificar-se do efeito do anestésico.

Clarence não esboçou nenhum som ou movimento. O cirurgião começou, então, sua longa jornada de trabalho.

Fez, primeiro, uma incisão coronal para levantar o couro cabeludo. O sangue escorreu. Pinçou alguns vasos rapidamente e limpou o local com uma compressa de gaze. Com uma das mãos, manteve a parte dianteira do couro levantada, e, com a outra, introduziu uma tesoura. Cortou os folículos pilosos correspondentes ao local onde precisaria criar uma entrada de calvície. Usando outro tipo de pinça, retirou da parte levantada do couro cabeludo, por baixo, os fios de cabelo correspondentes aos folículos destruídos. Depois de certificar-se de que tudo estava certo, usou um grampeador cirúrgico para fechar a incisão.

Após uma rápida limpeza, colocou um curativo, tampando os grampos e o restante do cabelo, de maneira a não permitir que nenhum fio viesse a cair e contaminar os próximos campos operatórios. Mudou novamente a posição da mesa e começou a trabalhar no nariz, ao qual aplicara outra anestesia, antes de completar o trabalho anterior.

Com um afastador, dilatou ao máximo uma das narinas. Curvando-se para enxergar melhor o interior da cavidade nasal, iluminado pela lanterna cirúrgica presa a sua cabeça, Zardil fez a segunda incisão do dia. Trabalhou com extrema habilidade, usando um instrumento em forma de cunha para escavar as cartilagens alares. Depois, com um escopro, fraturou a pirâmide nasal e modelou o novo nariz subtraindo uma pequena camada de osso. Afastou a outra narina para arrematar o trabalho e suturou.

Após a segunda intervenção, o operador verificou os monitores e examinou o trabalho já feito. Parou por alguns minutos, para descansar as costas, doídas devido ao trabalho no nariz. Passou à próxima tarefa. Rapidamente, com confiança, fez um corte minúsculo entre as duas sobrancelhas e, usando um termocautério acionado por pedal, cauterizou os folículos correspondentes às partes mais inter-

nas. Depilou os pelos externos correspondentes, conferiu tudo e fechou as duas incisões. Foram necessários apenas dois pontos em cada uma delas.

Clarence soltou um gemido. O professor aplicou mais sedativo e alterou, mais uma vez, a posição da mesa. Passou às orelhas. Fez um corte na junção de uma delas com a cabeça e descolou a pele. A falta de um auxiliar tornava a tarefa extremamente difícil. Foi preciso trabalhar com apenas uma das mãos, usando a outra para fazer o afastamento. Retirou uma fatia da cartilagem conchal e a pele correspondente. Fez uma sutura intradérmica, para não deixar cicatriz. Girou a mesa em torno de seu eixo maior e repetiu tudo do outro lado.

Terminadas as orelhas, o médico verificou se não havia sangramento nas cirurgias anteriores e começou a tarefa mais difícil: a intervenção na boca. Colocou um afastador odontológico e fez uma incisão no lado direito, na junção da gengiva com a bochecha, em cima. Chegara o momento com o qual se preocupara tanto. Precisaria prender com fio de aço, sem um assistente para manter aberto o campo cirúrgico, as próteses aloplásticas sobre os ossos malares.

Dessa vez, o professor não conseguiu desenvolver o processo. Tornou-se impossível afastar e operar ao mesmo tempo. Costurou o corte. Faria o trabalho mais tarde, com o auxílio do próprio paciente, quando cessasse o efeito do sedativo. Manteve o afastador, abriu a parte superior interna do lábio e colocou a prótese labial. Para isso, levou apenas alguns minutos.

Restavam ainda a voz, os olhos, as impressões digitais e a simulação da apendicectomia.

Tartuf começou a temer um insucesso. Já trabalhava há três horas, sem parar. Sentia vontade de tomar um trago, esforçava-se para conter o tremor das mãos. Sem ninguém para limpar o suor de sua fronte, abaixou a cabeça e a esfregou no lençol para secá-la. Olhou para suas mãos. Elas agora tremiam visivelmente. Despiu-se das luvas e do capote cirúrgico e desceu ao térreo.

Lá embaixo, tomou um copo de vinho do Porto. Recuperou o autodomínio imediatamente. Tomou outro. Voltou rapidamente para cima, colocou novas vestimentas, examinou o paciente e os monitores e suspirou aliviado.

Sob o efeito do vinho, passou a trabalhar melhor. Colocou a mesa na posição horizontal e fez um corte no pescoço, dois dedos abaixo do pomo de adão. Lesou um dos nervos laringo-recorrentes e fez a sutura intradérmica.

De tempos em tempos, Zardil verificava, nos monitores a sua frente, os sinais vitais do paciente: pressão arterial, frequência cardíaca e dosagem de oxigênio na corrente sanguínea. De acordo com o local de cada intervenção, o cirurgião deslocava para cima e para baixo a mesa de Mayo, contendo os bisturis, tesouras, pinças hemostáticas, porta-agulhas e fios de sutura. Cada instrumento utilizado era imediatamente descartado em um recipiente ao lado da mesa.

Zardil trabalhava rápido. Em uma hora, introduziu lentes internas, de cor castanha, nos olhos de Julius Clarence. Fez rapidamente as suturas com uma ponteira a laser e cobriu os dois olhos com tampões.

O professor programou seus próximos passos. Esperaria dissipar-se o efeito do sedativo. Então, o próprio paciente ajudá-lo-ia na fixação das próteses nos malares. Enquanto isso, trabalharia nos dedos e no abdômen.

Levou três horas para alterar as digitais. Manipulando lentes, instrumentos minúsculos e usando ácido, subtraiu alguns traços das antigas impressões e construiu outros, de acordo com o modelo em uma tela de computador à sua frente. A cicatriz na barriga foi feita em poucos minutos. Enquanto modelava seu novo homem, cessou o efeito do sedativo.

Julius agitou-se, pronunciando palavras desconexas, gemendo com as dores das outras cirurgias, cujas anestesias locais iam perdendo o efeito sucessivamente.

— Senhor Clarence, fique quieto — comandou o médico, energicamente. — Não estrague meu trabalho.

Foi o que bastou para Julius conter-se, apesar da semiconsciência.

Só quando despertou por completo de seu sono químico, Zardil explicou-lhe o problema da boca.

— Vou precisar de sua ajuda, não dá para colocar as próteses e afastar a pele ao mesmo tempo.

Apesar da dor, Clarence, ainda desorientado pela ação da meperidina, os olhos vendados e visivelmente contrafeito, viu-se obrigado a segurar duas pinças, mantendo aberta a cavidade no interior da boca e permitindo a Zardil fixar com fio de aço as próteses aloplásticas.

Com o campo aberto, o professor fez seu trabalho sem dificuldades. Completou a última sutura, conduziu Julius até a cama e aplicou-lhe uma forte dose de sedativo. Só quando o paciente entrou em sono profundo Zardil pôde limpar a sala de operações, tomar um terceiro copo de vinho e fumar um cigarro. Olhou o relógio. Cinco da tarde.

Estivera trabalhando durante oito horas seguidas. Seria preciso, agora, acompanhar o pós-operatório. Tentou comer um sanduíche. Não conseguiu. Bebeu então um café forte e preparou-se para a vigília da noite, tranquilo. Exultante também.

Embora o fato nunca viesse a ser registrado nos anais, o professor Tartuf Zardil sabia que, pela primeira vez na história da Medicina, um cirurgião fizera a cópia externa de um homem.

Para concluir seu trabalho, injetou em Clarence a primeira dose de hormônio para escurecer o tom da pele.

Capítulo 57

Na primeira hora de mercado, o Índice Nikkei da Bolsa de Valores de Tóquio caiu 5 mil pontos, a maior queda de todos os tempos. Simplesmente, não havia compradores.

A Bolsa de Valores de Nova York só abriria às 9h30 da manhã, hora da Costa Leste. Mas o Índice Standard & Poors futuro, para junho, representativo de 500 ações daquela bolsa, encontrava-se trancado no limite de baixa no mercado eletrônico.

Na mesa de operações do Banco da Reserva Federal, o habitualmente fleumático *chairman* Arnold Sinclair, em pessoa comandando as operações noturnas, parecia um possesso.

— Precisamos impedir, a qualquer custo, a queda do dólar — gritou ele aos operadores. — Usem nossas reservas. Não admito que o dólar caia um ponto sequer. Vendam marcos, vendam ienes, vendam ouro, qualquer quantidade, entenderam?

O pessoal não estava habituado a falar diretamente com o *chairman*. Para isso, havia a cadeia de comando. Sinclair raramente aparecia na mesa. Quando o fazia, era para mostrá-la a um visitante estrangeiro. Sua presença impedia que trabalhassem à vontade, como se não bastassem os problemas daquela noite terrível.

— Doutor Sinclair — explicou, agoniado, o veterano chefe da mesa. — Os computadores estão rejeitando as ordens de compra de dólares. Simplesmente, eu nunca vi isto antes, não obedecem ao nosso comando.

Já há alguns anos, as operações de câmbio haviam deixado de ser efetuadas por telefone. Sem o auxílio dos computadores, tornava-se impossível para a Reserva Federal defender o dólar.

Na sessão noturna da Bolsa de Chicago, as obrigações do Tesouro dos Estados Unidos também se encontravam no limite de baixa.

— Vendo no limite — urravam uníssonos os operadores, as jaquetas coloridas suadas, mais por angústia do que pela temperatura ambiente.

O ouro subira 100 dólares em relação ao preço da quinta-feira, quando os mercados foram interrompidos. No mercado de prata e de platina, não havia oferta de venda. Finalmente, no pregão eletrônico de petróleo, o preço do barril já subira 5 dólares, a maior alta em um só dia desde a invasão do Kuwait em agosto de 1990.

Só muito tempo depois, os analistas vieram a entender por que, naquela noite, os ativos tinham se movido, uns para cima, outros para baixo, com tanta violência.

Ao longo dos anos, uma extensa rede de defesas eletrônicas fora edificada para proteger o sistema. Os computadores eram programados para todas as situações. Compensariam a fragilidade dos humanos, operando sem pânico, comprando os ativos quando estivessem despencando, vendendo-os quando disparassem. Mas, naquela noite, as defesas haviam sido eliminadas pelo Titanic.

O vírus afetara também as bolsas nas quais eram negociados os mercados futuros. Sua ação predatória destruíra seus programas de proteção. Nesses mercados, onde se pode comprar e vender coisas inexistentes, em quantidades gigantescas, é preciso depositar margens. Elas protegem o sistema. Os computadores elevam as margens nos momentos de grande risco e liquidam automaticamente as posições perigosas.

Os profissionais levaram mais de meia hora para perceber a verdade: a sabotagem partia dos próprios computadores. Estavam diminuindo as margens, em lugar de aumentá-las. Colocavam à venda ativos em queda livre, adquiriam produtos já excessivamente caros.

Os operadores eram indefesos contra seus computadores. Há muitos anos serviam-se deles para a tomada de decisões. Sem eles, nem mesmo conseguiam visualizar o mercado. As máquinas traçavam os gráficos, interpretavam as oscilações, calculavam as médias móveis, os deltas, as volatilidades.

A avalanche cibernética, há muito, liquidara o sentimento de percepção dos profissionais. Os computadores decidiam qual a hora exata de comprar e vender. Não era possível, assim, de repente, de improviso, deixá-los de lado e voltar a tomar decisões individuais.

Desde meninos, aquela geração da virada do milênio gregoriano respirava eletrônica. Mesmo nas brincadeiras, com seus videogames, jogos de computador, discos de CD-ROM e terminais das estradas eletrônicas, eram regidos por megabytes, não por seus próprios neurônios. Não tinham defesas contra o Titanic de Mohamed Ahsan.

Pouco antes do meio-dia em Tóquio, madrugada na Cidade do Cabo, Paris, Zurique, Milão, Frankfurt e Londres, noite de domingo em Nova York e Chicago e fim de tarde em Vancouver, todos já sabiam: o sistema fora liquidado.

As bolsas, as operações eletrônicas e o mercado interbancário foram fechados. Os homens retornaram a suas casas.

Os mercados foram suspensos por uma semana. Quase todos os países decretaram feriados bancários. O Grupo dos Nove, composto dos Estados Unidos, Japão,

Alemanha, Inglaterra, França, Canadá, Itália, Rússia e China, foi convocado para uma reunião em Paris.

Os nove chefes de governo chegaram ao Louvre, local da reunião, acompanhados de seus secretários e ministros de Finanças e dos presidentes dos bancos centrais. Deliberaram por 72 horas, enquanto o mundo esperava agoniado.

Ao fim do encontro coube ao anfitrião, o presidente Jean Sologne, resumir a principal decisão.

— Decidimos criar um novo padrão monetário para as moedas, novamente lastreadas em ouro, tal como em Bretton Woods, em 1944. Não se trata de um retrocesso — apressou-se em justificar, na coletiva transmitida ao vivo para mais de 100 países. — Mas de uma medida acauteladora, extrema e corajosa, para salvar nossas economias de um desastre.

Os governantes retornaram a seus países para implantar o novo sistema.

O presidente Michael Dale remeteu ao Congresso, para votação em regime de urgência, um severo programa de aumento de impostos e diminuição dos gastos públicos. O Comitê de Mercado Aberto do Banco da Reserva Federal aumentou as taxas de juros para fortalecer o dólar. O Tesouro emitiu duas novas séries de obrigações, uma indexada à cotação do iene japonês e a outra lastreada nas reservas de ouro de Fort Knox.

Em Estrasburgo, o Parlamento Europeu recebeu poderes dos países membros da Comunidade Europeia para adotar medidas amargas. Cortou benefícios sociais, aumentou a idade para aposentadoria dos cidadãos, elevou os impostos e eliminou os subsídios agrícolas.

As decisões não foram bem aceitas. Multidões enfurecidas protestaram nos Champs-Elysées, em Trafalgar Square e nas ruas de Milão, Madri e Frankfurt. Agricultores bloquearam as estradas da França, os tratores invadiram Paris. Um plantador de beterrabas jogou uma bomba no túmulo de Bonaparte, nos Invalides, danificando severamente o mármore vermelho do mausoléu. Em Hamburgo, neonazistas incendiaram uma sinagoga.

Em Moscou, o presidente Aleksei Samusev determinou a aceleração do programa de privatização e mandou reduzir em um quarto os efetivos do exército convencional. O rublo foi desvalorizado em 50%.

Os japoneses e chineses relutaram, mas acabaram concordando em valorizar o iene e o renmimbi e taxar as exportações, a fim de reduzir os superávits comerciais dos dois países.

Iniciou-se a depressão econômica.

Em Lausanne, o Comitê Diretor do Banco Centro-Europeu, fiel zelador das grandes fortunas, do patrimônio dos ditadores, do narcotráfico e de todo o crime organizado, guardião até mesmo do santo dinheiro das igrejas, foi dissolvido. Seus membros fugiram da cidade e do país, cada um deles temendo a terrível vingança quando os titulares das carteiras soubessem da verdade: o Sindicato estava falido, irremediavelmente falido.

Clive Maugh, ao contrário de seus colegas, não pretendia abandonar a cidade. Em seu espaçoso apartamento, ouvia música e recebia putas. Aos montes. Todas se encontravam lá.

Às gargalhadas, o olhar esbugalhado, o inglês atirava-lhes cédulas de 100 francos. Bastava se exibirem, nuas, esfregando-se umas nas outras, enquanto ele se masturbava, o pênis para fora da calça azul-marinho, o ritmo da mão em descompasso com os violinos das *Danças húngaras*, de Brahms, que ouvia pela última vez.

A cápsula de veneno em seu estômago, em breve, se dissolveria.

Em seus últimos momentos, a mente desconexa misturava as putas, o som dos violinos e uma luz âmbar, iluminando seus gráficos de mercado em queda para o abismo.

Capítulo 58

Não fossem os pequenos curativos nas pontas dos dedos, uma ligeira inchação no nariz e duas leves manchas arroxeadas nas faces, um pouco abaixo dos olhos, seria difícil afirmar que aquele homem a se examinar diante do espelho da clínica em Anderlecht, o neozelandês Jack Palmer, há apenas 10 dias, passara por uma completa cirurgia plástica.

Jack sentia-se cansado. Nos últimos dias, enquanto se recuperava da operação, treinara exaustivamente o sotaque da Nova Zelândia, onde, há pouco mais de 50 anos, Palmer nascera, no lado leste da ilha do Sul.

Vários CDs haviam chegado pelo correio à clínica de Zardil. Estudando-os, um antigo caipira de Davenport, Iowa, Estados Unidos da América, transformava-se no agrônomo Jack Palmer.

Entre Julius Clarence e Jack Palmer havia uma identidade intermediária. Sob o nome de Peter Miller, cidadão canadense, nascido e residente em Toronto, o homem mais procurado do mundo pretendia viajar de Amsterdã para a China. De lá, já então com sua identidade final de Jack Palmer, seguiria para o Caribe, ao encontro de Valérie Toulon, em Saint-Barthélemy.

Nenhum neozelandês morava em Saint-Barth, já se certificara disso. Mas não desejava correr riscos, após tanto trabalho e sacrifício. Por isso, tentava adaptar-se rapidamente ao novo sotaque e esquecer por completo a voz e o jeito de falar de Julius Clarence. Exercitara também sua nova caligrafia. Desde a cirurgia, não assistira à televisão nem lera os jornais. Dedicara-se exclusivamente à sua recuperação e ao aprendizado da nova maneira de falar e escrever.

A empregada contratada pelo professor para cozinhar para os dois já fora dispensada. Assim, Jack, ou melhor, Peter, podia circular livremente pelos dois andares da clínica.

Pretendia partir no dia seguinte. Alguns dias depois, Tartuf Zardil se retiraria para Kusadasi e suas águas azuis.

Peter terminou seu exame e desceu para conversar com o doutor, que preparava o jantar no andar térreo. Mal dobrou a escada, viu-o deitado no chão, ao lado de seu gato, os olhos esbugalhados, o peito arfando. Correu para socorrê-lo. O velho tentava alcançar uma das cápsulas espalhadas a seu redor. Miller pegou duas delas, colocando-as sob a língua de Tartuf, que se aquietou; seus olhos se imobilizaram. Jack comprimiu seu peito, fez respiração boca a boca, não sabia exatamente quais os procedimentos corretos. Procurou o catálogo de telefone. Seria preciso chamar uma ambulância.

Então percebeu: o cirurgião plástico Tartuf Zardil estava morto.

Aquilo apressava tudo. Palmer sentou-se na poltrona, junto ao corpo. Colocou as ideias em ordem. Ninguém poderia ligar a morte do cirurgião, por causas naturais, a um bilionário americano desaparecido, ou a um canadense de Toronto, chamado Peter Miller, e, muito menos, a um agrônomo da Nova Zelândia, de nome Jack Palmer, cuja identidade o próprio Tartuf Zardil desconhecia.

Precisava agir sem perda de tempo. Deixou o corpo no local onde morrera e voltou ao andar de cima. Colocou suas roupas, objetos pessoais e as fitas com as falas de inglês da Nova Zelândia na maleta. Procurou, durante algum tempo, e encontrou o disco de CD-ROM com os dados de Jack Palmer. Colocou-o na maleta para descartá-lo mais tarde. Pesquisou o disco rígido do computador. Não encontrou nada comprometedor. Deletou todos os arquivos, desligou a máquina e percorreu demoradamente os cômodos em busca de algo suspeito. Nada.

Vestiu suas roupas, colocou luvas para encobrir as pontas dos dedos ainda enfaixadas, abriu a porta da rua e saiu para a noite escura. Deixou a porta propositadamente escancarada. Certamente, alguém perceberia a casa aberta e chamaria a polícia. Os tiras encontrariam o corpo do professor, fariam uma autópsia e descobririam que a morte havia sido natural. A justiça daria um destino aos móveis, utensílios e aparelhos médicos. Provavelmente, apodreceriam por anos em um depósito público à espera de algum herdeiro.

Palmer percorreu várias quadras, até a estação do metrô. Pegou a primeira composição e seguiu para a Gare du Nord. Chegando à estação, desceu ao subsolo e, no guarda-volumes, retirou a mala comprada por Julius Clarence, no shopping center do Queens, em Nova York, na qual colocara, 12 dias antes, os documentos e objetos de uso pessoal de Peter Miller.

Comprou diversos jornais e revistas. Saiu à rua e dirigiu-se ao Hotel President. Na recepção, preencheu a ficha, sem tirar as luvas, disfarçando a caligrafia. Subiu ao quarto e solicitou uma garrafa de vodca. Só então soube dos acontecimentos no mercado.

Com exceção da morte do professor, tudo correra exatamente como previra.

Peter Miller foi subitamente tomado por uma sensação infinita de euforia.

Capítulo 59

O piloto fez o procedimento usual para pousar no Aeroporto Saint-Jean. Contornou a colina das Tormentas e virou a proa para leste, na direção da enseada. Passou rente ao mato e à curva da estrada. Tão logo ultrapassou a elevação, pressionou o manche para a frente, baixou os flaps, para dar mais sustentação ao pequeno bimotor, e mergulhou em ângulo crítico, na direção da pequena pista. Mal arredondou e tocou o pavimento, freou bruscamente. Caso contrário, terminaria com o bico espetado na areia, 500 m adiante, como acontecia com frequência ali em Saint-Barthélemy.

De sua casa, Valérie ouviu o barulho dos motores. Seu coração bateu forte.

Nos últimos dias, haviam surgido visitas inesperadas: jornalistas, policiais franceses, agentes da Interpol e, até mesmo, investigadores particulares. A princípio, recusara-se a recebê-los, à exceção dos policiais. Depois, concluíra que a única maneira de fazê-los ir embora era atendê-los.

— Nada mais tenho a ver com Julius Clarence — explicava irritada. — Foi meu patrão e amigo, mas, atualmente, desconheço seu paradeiro.

Sentia-se atemorizada. Com tanta gente no encalço de Julius e com tantas reportagens a seu respeito nos jornais e nas revistas, mesmo ali, em Saint-Barth, dificilmente seu disfarce seria bom o suficiente para enganar a todos. Assim, quando ouvia o ronco do bimotor, ficava em dúvida se queria ou não que ele estivesse a bordo.

Pouco depois da chegada do avião, um táxi parou junto à casa. Da janela, Valérie viu o passageiro pagar e dispensar o motorista. Certamente, mais um jornalista ou policial, pensou. Estranhou o fato de o homem não deixar o táxi esperando, como faziam os outros. Pelo visto, o desconhecido pretendia demorar-se. Decidiu despachá-lo rapidamente. Não se via obrigada a dar explicações a todo mundo.

Subitamente, a ideia lhe veio à cabeça: Julius! Não. Ela agora via o homem nitidamente, enquanto ele se aproximava da casa. Aguardou o som da campainha e abriu a porta. Foi a primeira vez que viu Jack.

Palmer sabia que, se conseguisse enganar Valérie, sua transformação teria sido um êxito. Aguardou ansioso a abertura da porta.

— Senhorita Toulon?

— Sou eu mesma. Se está procurando Julius Clarence, vai ter que entrar na fila.

Capítulo 60

Foi difícil convencê-la. Jack precisou recorrer a detalhes da vida de ambos, minúcias das quais só os dois tinham conhecimento, para fazê-la ver que era mesmo seu Julius. Mais difícil ainda foi o relacionamento dos primeiros dias. Para Palmer, ali estava a Valérie de sempre. Para ela, tornava-se complicado. Era como se um perfeito estranho entrasse em sua vida, se instalasse em sua casa e reclamasse seu amor. Precisava acostumar-se à nova fisionomia, aos novos olhos, à tez morena, à nova voz. Levou tempo.

Finalmente, Jack conseguiu. Só então se entregaram a um relacionamento pleno. Isso nunca acontecera antes, quando os encontros da aeromoça da Trans Atlantic com seu patrão, o magnata Julius Clarence, realizavam-se às escondidas.

Imediatamente, policiais, investigadores e jornalistas descobriram o novo habitante da casa. Fotografias foram tiradas de todos os ângulos e distâncias. Escutas foram implantadas. Palmer foi examinado e verificado.

Valérie era obrigada a policiar-se constantemente, para não o chamar de Julius. Para Jack, a maior dificuldade consistia na caligrafia. Evitava escrever, para não ter seus novos traços comparados com a antiga letra. Mas sabia ser impossível alguém provar que era Julius Clarence. Mais impossível ainda que não era o agrônomo neozelandês Jack Palmer.

Por determinação expressa do diretor Anthony Angiolillo, investigadores do FBI se deslocaram para a Nova Zelândia. Lá, verificaram que Jack Palmer havia nascido em Christchurch, em 1945, de rica família de criadores de carneiros. Filho único, formara-se lá mesmo, em Agronomia, em 1970, na Universidade de Canterbury.

Após a graduação, em lugar de trabalhar na fazenda dos pais, prestara concurso para as Nações Unidas. Fora contratado pela FAO e enviado primeiro à Índia, mais tarde à China, sempre na assistência técnica a agricultores. Aposentara-se recentemente. A ONU fora instruída a remeter sua pensão mensal de 4 mil e 500 dólares para Saint-Barthélemy.

Um testamento, registrado em um cartório de Auckland, mostrava que possuía obrigações da China e do Japão. Solteiro até então, seu patrimônio somava algo perto de meio milhão de dólares.

Outras investigações foram feitas na China, onde o agrônomo vivera nos últimos 15 anos, orientando plantadores de trigo no vale do Huai. Tudo foi confir-

mado. Impressões digitais de Palmer, impressas em documentos chineses, foram confrontadas com as do amigo de Valérie Toulon. Fotografias antigas foram examinadas.

O homem estava limpo. Nada tinha a ver com Julius Clarence. O casal foi deixado em paz.

Em Saint-Barth, Jack e Valérie nadavam nas praias, pescavam, faziam compras em Gustavia, passeavam pelas colinas e enseadas. Caminhavam horas na areia.

Nem mesmo esse exercício impedia Palmer de cultivar sua primeira e insistente barriga, resultado do ócio e da arte dos chefs dos quase 70 restaurantes locais.

Enquanto decidia se iniciava algum tipo de negócio para passar o tempo ou simplesmente vivia a vida, Jack inteirava-se da sequela do desastre provocado por Julius Clarence no mercado.

Já eram decorridos três meses desde aquela quinta-feira, quando o magnata abandonara seus negócios e desaparecera misteriosamente, deixando o mercado órfão de seu talento e prisioneiro de suas próprias limitações.

Mais de 100 bancos haviam quebrado, entre eles alguns grandes e tradicionais. O movimento das bolsas e dos mercados futuros — os derivativos, como eram chamados nos últimos anos — reduzira-se a 20% do que era. Normas rígidas foram criadas. Margens de garantia elevadas impediam a alavancagem. Sem ela, os especuladores viam seus ganhos reduzidos, os corretores lutavam por migalhas.

Uma legislação complicada e exigente impedia o trabalho dos profissionais. Para tudo era necessário preencher formulários, prestar exames de qualificação, obter a aprovação dos advogados, estes, sim, os grandes vencedores da crise. O mercado vira-se vitimado por uma burocracia colossal.

Os bancos sofriam na mão de Denise Sanford, a aguerrida líder dos consumidores. Padecimento maior era destinado àqueles convocados a depor no Comitê de Investigação do Senado, no qual o senador Ben Doan garantia para si mesmo várias reeleições futuras, humilhando banqueiros, especuladores, corretores e administradores de fundos especulativos.

Várias religiões haviam sofrido grandes perdas com o colapso do mercado. Mais do que todas, a Igreja Católica de Roma amargava a maior crise financeira de sua história. O papa colombiano, Benedito XVI, recém-eleito pelo Sacro Colégio de Cardeais, decidira-se pelo leilão de diversas obras de arte do Vaticano para desespero dos bispos conservadores.

Com esse inédito processo de privatização, o papa tentava manter o fluxo de recursos para as obras sociais da Igreja. Falava-se em um novo cisma.

Também o crime organizado sofrera pesadas baixas em seus cofres. Tentando

recuperar o prejuízo, os cartéis das drogas inundavam o mercado com seus produtos. Vitimados pela recessão, os jovens tornavam-se presas fáceis da ilusão química.

Em Moscou, o antigo Partido Comunista, para tristeza dos progressistas liberais, vencera as eleições para a prefeitura, realizadas logo após a crise do mercado.

Em Pequim, o venerado líder, Lin Tsu Yan, assinara com o primeiro-ministro do Japão, Hiroo Akioka, o tratado de protecionismo asiático, visando integrar a economia dos dois países. A indústria japonesa iniciou imediatamente o processo de substituição da qualidade pela quantidade para abastecer o mercado chinês.

Jack Palmer acompanhou pela imprensa a falência da Clarence & Associados, do Comercial de Manhattan, das Lojas Bars, da Trans Atlantic Airways, da Andromeda e da Vitalis.

Não derramou uma lágrima, pois, desde a explosão no Eurotunnel, o próprio Julius Clarence vinha sabotando suas próprias empresas.

O *New York Times* editou um caderno especial sobre a crise. Mostrou como o Banco Centro-Europeu de Lausanne, através de subornos e intimidações, infiltrara-se nas empresas de Clarence, usurpando-lhe o controle.

Entrevistada pelo jornal, Lisa Davish, viúva de Bernard, mostrou como ela e suas filhas haviam sido ameaçadas pelo Sindicato, forçando o marido a fazer o jogo dos suíços.

Aos poucos, o ódio público contra Clarence transformou-se em admiração. Seu paradeiro, entretanto, continuava um mistério. Telefonemas e cartas davam conta de sua presença em diversos lugares do mundo. Um conhecido paranormal holandês afirmara, convicto, que ele se encontrava na Bolívia. Tudo falso.

Três diretores do Sindicato haviam sido localizados. Mortos. Clive Maugh, diretor de Operações, suicidara-se em seu apartamento, em Lausanne. Gustave Thayer, diretor de Captação, fora amarrado aos trilhos e estraçalhado por um trem, perto de Salzburgo. Jacques Schneider, o contador, havia sido morto a tiros no elegante balneário de Punta del Este. Otto Behr, da Inteligência, e Mark Monpère, o administrativo, continuavam desaparecidos. O antecessor de Clive Maugh, Jean Lesneur, há anos fora do banco, encontrava-se sob a proteção da polícia.

Capítulo 61

Para Mohamed Ahsan, arrebentar com o mercado havia sido brincadeira de criança. Difícil mesmo era sua nova tarefa: transformar a agricultura de seu país, tornando-a moderna, elevando sua produtividade.

O Paquistão era uma nação nova. Nova e miserável. Desde a sua fundação, em 1947, os paquistaneses lutavam contra a pobreza e a ignorância. Mais da metade da população era analfabeta, a renda per capita somava apenas 350 dólares. Havia também o clima adverso, extremamente seco. As temperaturas desciam a níveis árticos nas montanhas, ao norte. No verão, podia chegar a 50 graus nas planícies do vale do Indo, ao sul. A energia elétrica era escassa, dificultando a implantação de projetos de irrigação.

O tamanho da tarefa não assustava Ahsan. Por isso, quando falava aos alunos da Universidade de Agricultura de Faisalabad, conseguia passar-lhes seu entusiasmo e sua confiança no resultado. Inventara, há anos, seu processo de distribuição equitativa e balanceada de fluidos. O sistema, revolucionário, embora simples, fora criado especialmente para irrigar o Paquistão, gastando o mínimo de água e energia.

Graças a Julius Clarence, não faltaria dinheiro para o projeto. Oficialmente, os recursos haviam entrado no Paquistão através de um programa de auxílio do governo da China. Mas Ahsan conhecia a origem. Tinha total autonomia e tempo ilimitado. Com calma, em alguns anos, transformaria as terras áridas de seu país em solo fértil, para o cultivo de frutas.

Seu pai fora um próspero negociante em Calcutá, antes da separação da Índia e do Paquistão, em 1947. Na época, viu-se obrigado a sair do país, abandonando a casa, a loja e as mercadorias, à exceção de alguma prata, instrumento comum de poupança na Índia.

Quando chegou a Karachi, vendeu a prata e estabeleceu um modesto armarinho. Pôde pagar os estudos do filho mais velho. Dinheiro bem gasto. Mohamed sempre obteve as melhores notas no colégio e, mais tarde, no curso de Matemática da Universidade de Karachi.

Ao graduar-se com louvor, conseguiu uma bolsa de estudos para a Columbia University, em Nova York. Lá, obteve mestrado e doutorado em Matemática, tornando-se, em pouco tempo, o mais brilhante aluno do laboratório de Informática. Foi, então, contratado pelo governo de seu país para trabalhar no projeto nuclear. Retornou a Karachi.

Mas as autoridades não queriam a energia nuclear para fins pacíficos. O ob-

jetivo era construir a bomba e fazer frente à Índia, que explodira seu primeiro artefato em 1974. Pacifista convicto, Ahsan recusou-se a participar do projeto. Temendo represálias, voltou a Nova York, agora como clandestino. Passou a trabalhar em um restaurante, em troca de salário baixo e alojamento miserável. Destinava suas horas vagas a estudos na biblioteca pública da 5ª Avenida.

Tímido, franzino, pele escura, Mohamed lutava contra o preconceito. Nas poucas vezes em que se aventurou em busca de um trabalho mais adequado às suas qualificações acadêmicas, não passou da primeira entrevista. Faltava-lhe também o *green card.* Se fosse denunciado à Imigração, poderia ser deportado para o Paquistão, onde terminariam por forçá-lo a trabalhar no projeto da bomba.

Depois de várias frustrações, fez uma última tentativa. Respondendo a um anúncio do Centro de Processamento de Dados do conglomerado liderado pela Clarence & Associados, remeteu-lhes seu currículo.

Se havia algo que Judy May, chefe de Recursos Humanos da Associados, não admitia, era preconceito. Assim, quando, em 1993, seu departamento recebeu o currículo de Mohamed Ahsan, convocou-o, encaminhando-o a um teste. Após uma pré-seleção sobraram 20 candidatos, entre eles Mohamed, para as três vagas de analista de sistemas. Os pretendentes foram colocados em uma sala, cada um deles em frente a um computador.

— Vocês têm uma hora para solucionar um problema de avaliação de administradores de carteira — disse o encarregado do teste. — Os três melhores resultados serão recompensados com as vagas.

Para Ahsan, o problema era primário, quase um insulto a seus conhecimentos. Surgiu-lhe, então, a ideia de surpreender a todos e revelar, de alguma maneira, o quanto era superior aos demais candidatos. Num impulso, desligou o monitor de sua máquina. Continuou o trabalho, de memória, sem ver na tela o resultado dos passos implementados a cada toque de seus dedos.

Aos poucos, todos perceberam que ele trabalhava com a tela apagada. Seus dedos seguros tocavam as teclas, o sorriso de superioridade não deixava margem a dúvidas: o esquálido, escuro e insignificante paquistanês, Mohamed Ahsan, não precisava de monitor para elaborar aquele programa elementar.

Os demais candidatos interromperam o trabalho. O examinador chegou até Ahsan, pretendendo dizer alguma coisa, mas desistiu. Em 20 minutos, de memória, o matemático de Karachi deu de presente à Clarence & Associados um sofisticado programa de análise da atuação dos profissionais da mesa. Fez isso com seu monitor desligado.

Conseguir o emprego não foi problema. Como também não o foi a obtenção do *green card.* Em seis meses, tornou-se vice-presidente de Processamento de

Dados de todo o conglomerado. Sua presença era obrigatória nas tomadas de decisões. Não raro, subia para drinques com Clarence (Julius, uísque ou vodca; ele, chá) na suíte da Liberty Tower.

Quando Mohamed assumiu suas novas funções, a maioria das decisões, tanto nas bolsas como nos mercados futuros, já era tomada com base em programas de computador. As máquinas analisavam as cotações e decidiam o que comprar e vender. Os profissionais eram escravos de seus computadores e de seus programas. Obedeciam-lhes cegamente.

Após conhecer tais sistemas, Ahsan desenvolveu para Julius Clarence um programa inédito e revolucionário. Através dele, a mesa da Associados podia antecipar os movimentos futuros dos programas dos concorrentes e contra-atacá-los, com velocidade fulminante e surpreendente.

Nem assim o paquistanês sentiu-se realizado. Precisava de novos desafios. Por isso, alegrou-se quando Clarence o chamou para destruir o mercado.

Na mesma quinta-feira em que Julius deixara Nova York, Ahsan deslocara-se furtivamente até o cais do Brooklyn e embarcara em um cargueiro chinês, com destino a Karachi. Fora contratado pelo governo para trabalhar em irrigação, longe do projeto da bomba.

Agora, pacientemente, mostrava a seus alunos o funcionamento de seu processo de distribuição equitativa de líquidos.

— Em alguns anos, o Paquistão poderá tornar-se um grande produtor agrícola — explicava ele. — As condições de vida do povo serão melhores. Poderemos nos livrar da pobreza e da ignorância.

Aquele era o verdadeiro sonho de Mohamed Ahsan. Muito melhor do que trabalhar no mercado. Melhor até que o destruir.

Capítulo 62

O procurador-geral, William Tracy, não gostava do diretor Anthony Angiolillo. Gostaria de ter o bureau dirigido por alguém de sua confiança, de sua própria escolha. Mas o presidente Dale fazia questão de escolher pessoalmente os ocupantes dos principais cargos. Assim, fazia com que devessem seus empregos diretamente à Casa Branca.

Tracy tinha ciúmes de Angiolillo, de seu sucesso na luta contra o crime organizado. Por isso, apesar de também desejar localizar Julius Clarence, não podia deixar de sentir uma ponta de satisfação ao notar o visível constrangimento do diretor do FBI, sentado a sua frente, tentando explicar o fracasso das investigações para a localização e prisão do magnata. Além disso, tal como a maioria das pessoas, Tracy nutria secretamente uma admiração pela façanha perpetrada pelo megaespeculador.

— Fizemos tudo, senhor secretário, o homem desapareceu. — Angiolillo sentava-se à ponta da cadeira, esfregando as mãos nervosamente.

— Cumpriu seu dever, diretor. Estou certo disso. Mas fique sabendo: o presidente tem um enorme interesse pelo assunto. Julius Clarence arruinou sua administração. — O procurador satisfazia-se com a aflição do subordinado.

— Trouxe pessoalmente um relatório detalhado das investigações. Mas, se me permite, senhor secretário, gostaria de adiantar alguns pontos.

Angiolillo retirou de sua pasta um dossiê volumoso. Colocou-o sobre a mesa.

— Clarence desapareceu — continuou. — Como nunca vi ninguém desaparecer antes. A última pessoa a vê-lo foi o porteiro da garagem da Liberty Tower, em Nova York, na quinta-feira, véspera do fechamento das bolsas. Seu carro foi encontrado, intacto, no estacionamento de um shopping center do Queens. Seu principal executivo, aliás seu amigo pessoal, Bernard Davish, suicidou-se dois dias depois, jogando-se debaixo do metrô. — O diretor sabia que o procurador estava ciente de tudo aquilo, mas precisava dizer alguma coisa. Não podia simplesmente largar os papéis e ir embora.

— Bem, diretor, mas quanto aos outros envolvidos? Clarence não pode ter feito tudo sozinho.

Angiolillo esperava por aquela pergunta. Finalmente, teria algo palpável para explicar.

— Mohamed Ahsan. Trata-se do paquistanês. Um gênio. Temos tudo sobre ele aqui no dossiê. Foi quem executou o trabalho, certamente a mando de Clarence. Sabotou os programas dos computadores do mercado, infiltrou-se nas redes dos

concorrentes e das bolsas. Sabemos onde está, mas não podemos fazer nada.

Angiolillo retirou da pasta uma série de fotos. Separou uma delas, recente, na qual o matemático Mohamed podia ser visto proferindo uma palestra. Apressou-se em esclarecer:

— Ele deixou Nova York misteriosamente e reapareceu em sua terra. Trabalha em uma universidade. Alguma coisa ligada à agricultura. Sabe como são excêntricos esses gênios. Pode até mesmo não ter ganho nada com a crise. O governo paquistanês nos permitiu contatá-lo, mas ele se recusou a falar de Julius Clarence e de computadores. Nossos agentes voltaram de lá com as mãos abanando.

O diretor do FBI destacou outras fotos e passou a exibi-las ao procurador-geral.

— Esta aqui é Claire Kellegher, 58 anos, primeira mulher de Clarence. Foram casados por apenas alguns meses. Depois, tornaram-se amigos. Riquíssima, bem-sucedida, acaba de produzir para a Broadway o musical *Twenty First Century*. Não vê o ex-marido há mais de um ano. Colaborou conosco nas investigações, sem muito entusiasmo, eu diria.

— Francine Kéraudy, francesa, pouco mais de 50 anos, mais rica ainda. Certamente, o senhor a conhece de nome. Herdou de seu pai a Midi-Pyrénées e dinamizou a empresa. Fabrica e vende mísseis para quem esteja disposto a pagar. Ajudou a equipar as forças armadas de Saddam Hussein antes da Guerra do Golfo. Já foi alcoólatra. Recusou-se a receber nossos agentes. Mandou que falassem com seus advogados. Eles informaram que ela não vê Clarence há quase 25 anos. Provavelmente é verdade.

Angiolillo mostrou uma foto de Francine Kéraudy desembarcando de seu jato particular. Passou a falar de Jessica:

— Foi sua terceira mulher. Morreu em um acidente em 1980. Foram casados por sete anos. O casamento foi precedido de um caso rumoroso, um escândalo que agitou o mercado. Jessica Clarence, antes Jessica Lowell, havia sido casada com um sócio e amigo de Julius Clarence.

William Tracy estava visivelmente interessado. O diretor voltou à sua pilha de fotos — poderia ter trazido CD-ROMS para exibi-las no computador, mas gostava das coisas à maneira antiga — e tirou de lá o retrato de um casal idoso, duas fisionomias extremamente agradáveis.

— Martin e Lora Beresford — disse ele. — Vivem no Kentucky, em Glensboro, a oeste de Lexington. Lá, o senhor Beresford criou cavalos por muito tempo. Agora sua filha mais moça administra a criação. Talvez o maior amigo de Clarence. Por muitos anos, foi seu vizinho em Greenwich. Não ajudou muito nossas investigações. Não vê nem fala com Clarence há quase um ano, não sabe onde ele está e, se soubesse, não diria. Apesar de haver perdido dinheiro no mercado, Martin Beresford tem seu amigo em alta conta.

— Pelo que vejo, diretor, as pessoas não ajudaram muito seu bureau. Mais alguém interessante?

— Alan Payne. Por longo tempo comandou a Inteligência da Clarence & Associados. Aposentou-se há alguns anos. Dedica-se à pesca oceânica. Vive em Marathon, nas Keys. É um homem rico. Muito sabido também. Estava com dinheiro vivo no dia do estouro das bolsas: marco alemão, franco suíço e iene japonês. Tentou colaborar conosco. Payne foi agente em Langley, por alguns anos, antes de trabalhar na Associados. Nos falou de uma ligação entre Julius Clarence e Abdul al-Kabar, o homem do petróleo.

— Li algo a respeito em um relatório da Agência. Mas nada de concreto. Então, esse senhor... Payne, não?... Esse senhor Payne finalmente esclareceu a relação entre os dois?

— Não exatamente, senhor secretário. Quando trabalhou para Clarence, Alan Payne sempre suspeitou de uma sociedade, que teria sido encerrada em 1976, entre ele e Abdul al-Kabar, o ministro do Petróleo da Arábia Saudita. Um advogado inglês, Basil Kennicot, já falecido, e uma agente alemã, assassinada na Áustria em 1969, o crime nunca foi esclarecido, teriam sido os contatos entre os dois. Mas Payne nunca teve certeza. Apenas uma forte suspeita. Al-Kabar morreu há três anos, quando trabalhava em seu escritório particular em Londres, prestando consultoria sobre petróleo para a República do Azerbaijão.

— E quanto ao círculo mais íntimo, diretor? Empregados domésticos, essas coisas? Ninguém sabe de nada?

— Lamentavelmente, a resposta é não. A secretária particular, Diane Jordan, uma afro-americana — Angiolillo não se sentia à vontade para falar sobre pessoas negras, já que o procurador-geral, também ele um afro-americano, fazia questão dos tratamentos e nomenclaturas corretos —, aposentou-se há 18 meses. Como também se aposentaram o motorista particular Antoine Yassuf, a governanta mexicana Teresa Carmela e o mordomo filipino Jesus Caballo. A senhora Jordan mora com o marido em Vermont, Yassuf tem uma fazenda de plantação de amendoim no Senegal, Teresa morreu há seis meses em Guadalajara e Jesus possui um restaurante no East Side, em Nova York. Desnecessário dizer, senhor: nenhum deles tem a menor ideia do paradeiro de Clarence. E, para ser honesto, senhor secretário, se soubessem, não diriam. Devem tudo o que têm ao antigo patrão. Idolatram-no como a um santo.

Como não tinha nada de concreto para apresentar, o diretor do FBI falava o tempo todo, evitando, assim, mais perguntas. Explicou que, nos últimos anos, o magnata contratara novos serviçais, vendera a mansão de Greenwich e passava a maior parte do tempo na suíte da Liberty Tower. Desejando sair dali rapidamente, passou ao último assunto: Valérie Toulon, em Saint-Barthélemy.

— Senhor procurador-geral. Havia uma última esperança. Nos últimos tempos, Julius Clarence se encontrava, às escondidas, com uma aeromoça da Trans Atlantic, uma nativa da Polinésia Francesa chamada Valérie Toulon. Conseguimos localizá-la e, lamentavelmente, o pessoal da imprensa também, na ilha de Saint-Barthélemy, nas Índias Ocidentais Francesas. Tínhamos esperança de que Clarence terminasse indo para lá. Não foi. A moça está morando com Jack Palmer, um agrônomo aposentado das Nações Unidas. Checamos tudo sobre ele. Nada tem a ver com nosso homem. Nem mesmo semelhança física. Julius Clarence desapareceu. Poderemos encontrá-lo amanhã. Talvez daqui a um ano. Ou nunca mais. Mas estaremos atentos. Se ele cometer algum erro, vai passar o resto da vida em uma prisão federal.

Capítulo 63

Eram 3h30 da manhã quando Jerry Horne, finalmente, encontrou a solução para o problema que o atormentava há vários meses. Se alguém pudesse vê-lo, em sua sala, no Edifício Quatro da sede da Cyberia, em Santa Clara, no coração do vale do Silício, dançando ao redor de sua cadeira como um índio bêbado, diria que enlouquecera.

A Cyberia era um retrato fiel da América bem-sucedida. Em apenas 20 anos, Arthur Clusky transformara sua pequena empresa, de início localizada nos fundos da oficina mecânica de seu pai em Yuma, Arizona, no poderoso complexo industrial de Santa Clara onde eram idealizados e desenvolvidos programas de software e equipamentos para computadores pessoais.

Nos cinco estranhos edifícios, cada um com sete andares, a falta de janelas impedia que funcionários e visitantes contemplassem os belos jardins plantados ao redor das construções. Para Clusky, elas atrapalhariam a concentração. Nos quatro grandes galpões industriais, uma temperatura ambiente de 18 graus centígrados obrigava os empregados a manter-se permanentemente agasalhados.

Jerry Horne trabalhava na unidade de prevenção, localização e combate aos vírus, mais conhecida por UV. Sendo, indiscutivelmente, o maior talento da equipe, cabia-lhe coordenar o trabalho de descoberta de novos vírus. Elaborava os programas de combate adequados a cada um deles.

Desde sua invenção, os vírus infernizavam os fabricantes e usuários de programas. Pelo menos dez eram descobertos a cada dia, obrigando as indústrias a despender grandes recursos na localização e destruição daquelas pragas.

Quase sempre, alguém atravessava a madrugada na UV. Um trabalho atrasado ou a descoberta de um vírus mais eficiente e destruidor provocavam esses serões.

Horne era solteiro e não tinha namorada. Podia varar a noite sem precisar dar satisfações a ninguém. Apaixonado pela profissão, não raro esquecia-se até mesmo de comer. Odiava os sabotadores, embora devesse a eles seu ganha-pão e seu prestígio na Cyberia. Passara seus últimos meses estudando o vírus causador do caos no mercado financeiro. Sabia, como todo mundo, embora não houvesse provas, que o paquistanês Mohamed Ahsan desenvolvera o programa.

Desde o início do trabalho, Horne descobrira o código detonador do processo: a notícia de um naufrágio inexistente nas águas do Atlântico Norte, digitada por

Mark Richardson, operador da Trans Globe Market News, agora preso na penitenciária de Lansing, no Kansas.

Só mais tarde alguém percebera que as coordenadas geográficas do local daquele naufrágio fictício eram as mesmas do ponto onde o *Titanic* submergira em 1912, levando para o fundo arenoso do Atlântico 1.500 pessoas. Imediatamente o vírus passou a ser conhecido por Titanic, por sinal — embora Jerry não soubesse disso — o mesmo nome idealizado por Mohamed Ahsan.

Com paciência oriental, Horne estudara a sequência dos acontecimentos.

A mensagem do naufrágio, remetida aos terminais da Trans Globe, circulara pelos mesmos computadores onde as cotações e os gráficos eram processados e os programas automáticos de compra e venda de ações na Bolsa de Tóquio eram desenvolvidos. Os 55 caracteres digitados em Kansas City interferiram nos programas, gerando ordens de venda de grandes lotes de ações por preços baixíssimos.

Mas a sabotagem deveria limitar-se aos terminais da Trans Globe. Como pôde o Titanic interferir em todos os programas, em todos os mercados, ao longo de todo o mundo?

Só agora, vários meses depois, às 3h30 da manhã, Jerry descobrira a solução do problema.

Mohamed Ahsan desenvolvera um vírus muito mais complexo e eficiente do que o imaginado a princípio. O Titanic dera início a uma reação em cadeia. Horne conseguira reconstituir, em seu computador, todos os eventos eletrônicos postos em ação naquela noite fatídica. Pôde resumir a sequência sinistra desenvolvida pelo paquistanês.

Durante vários meses, possivelmente mais de um ano, uma família de vírus poderosos, criada por Mohamed Ahsan, alastrara-se pelos computadores de todo o mundo.

A primeira onda de ataque foi desencadeada pela notícia do naufrágio nos terminais da Trans Globe. Os programas eletrônicos de especulação, conectados a esses terminais, receberam sinais de venda de grandes volumes de ações.

Vendas tão volumosas derrubaram o índice de força relativa no gráfico *intraday* do Nikkei futuro, negociado na Bolsa de Cingapura, para o nível 20. Esse nível ativou o segundo vírus, muito mais poderoso, pois atingiu os demais sistemas — e não só os conectados à Trans Globe —, já que todos os programas acompanham a força relativa do Nikkei futuro, assim como dos demais mercados.

Em sua sequência de atuação, o segundo ataque, que Jerry batizou de Titanic II, bloqueou as compras de dólares comandadas pelos computadores do Banco da Reserva Federal e gerou ordens de venda, em volumes sem precedentes, de obrigações de 30 anos do Tesouro dos Estados Unidos, fazendo com que mergulhassem para o limite de baixa na sessão noturna da Bolsa de Chicago.

A queda máxima das obrigações americanas acionou o Titanic III, disseminando-o por todo o sistema financeiro mundial. Os computadores divulgaram notícias falsas — como a explosão do terminal de embarque de petróleo da ilha de Kharg, no golfo Pérsico, e a renúncia do *chairman* do FED, Arnold Sinclair —, compraram grandes quantidades de ouro e venderam ações por preços irrisórios nos mercados eletrônicos.

Finalmente, o Titanic III aniquilara as defesas das bolsas, reduzindo as margens de garantias exigidas dos especuladores.

O resto ficara por conta do pânico.

Jerry Horne, agora, conhecia todo o processo. Podia desenvolver seu programa antiTitanic. Em sua obtusidade cibernética, não se apercebia da inutilidade do novo programa.

Capítulo 64

Jack estacionou o jipe no Quai de La République e saiu caminhando pela orla, de mãos dadas com Valérie, como fazia quase todas as noites. Mais tarde, o passeio terminaria, como sempre, à mesa de um dos excelentes restaurantes locais.

Aquela agradável noite de outono não foi diferente. Os dois desceram a Bord de Mer, viraram à direita na Centenaire e novamente à direita na Jeanne d'Arc, sempre contornando o retângulo da enseada. Decidiram-se pelo terraço do La Marine.

A alta estação ainda não começara e havia poucos frequentadores. Enquanto o chef preparava um *civet de canard*, os dois liquidaram uma travessa de ostras, regada por um formidável *blanc des blancs*. Jack verificou se não havia ninguém ao alcance de sua voz e voltou a falar de Rutger Olen.

— Isso foi há mais de 20 anos — disse, em voz baixa. — Olen era, na época, senador pela Geórgia e cismou de destruir Julius Clarence. O bode velho quase acabou comigo.

No fim de 1973, após o primeiro choque do petróleo, a fortuna pessoal de Clarence passava de 200 milhões, mesmo deduzida a parte de Abdul al-Kabar. Tanto dinheiro não poderia passar desapercebido aos homens de Washington, entre eles o senador Olen.

O futuro do veterano político era incerto. Encontrava-se em seu sexto mandato, primeiro na Casa dos Representantes, depois no Senado. No princípio as eleições foram fáceis. Depois, Lyndon Johnson promulgou a Lei dos Direitos Civis, e os negros se organizaram. E Olen tinha poucos votos entre os negros.

Na última eleição, conseguira sustentar seu mandato com uma estreita margem de 2% sobre Phil Malone. Este era jovem, bonito, tinha uma bela mulher e contava com o apoio dos negros. E, pior, pretendia disputar a cadeira novamente nas eleições do ano seguinte.

Olen precisava desesperadamente manter-se em evidência. Só assim conseguiria influenciar os eleitores da Geórgia e reeleger-se mais uma vez. Escolhera Julius Clarence como trampolim para seu novo mandato.

Não seria difícil demonstrar que o magnata nova-iorquino ganhara uma fortuna especulando com petróleo, enquanto os consumidores eram obrigados a pagar uma exorbitância por um galão de gasolina. Estava decidido. Clarence seria seu vilão. Seu bode expiatório para o fracasso do sonho americano.

Enquanto, no início daquela noite de fevereiro, o senador da Geórgia permanecia em seu gabinete no Capitólio, preparando sua moção, a 500 quilômetros ao norte, em Greenwich, Julius nem de leve desconfiava da ameaça. Naquele momento, mais parecia uma criança em dia de aniversário.

Um copo de uísque na mão, aguardava, impaciente, os primeiros convidados à festa de inauguração das reformas da casa. Tilintava as pedrinhas de gelo com os dedos. De vez em quando, levantava-se e corria os salões para ver se tudo estava em ordem. Habitualmente, não se ligava muito a esses preparativos. Mas a ocasião era especial. Pela primeira vez recebia com Jessica, e queria tudo perfeito.

Jessica Clarence estava deslumbrante em um *palazzo pijama* de musselina azul-turquesa. Mesmo sendo a anfitriã, não se preocupava com os detalhes da recepção. Bastava ver Julius feliz, era o suficiente.

Os convidados começaram a chegar. À entrada deixavam seus carros aos cuidados de *valets* e corriam para se abrigar do frio. Os sobretudos eram recolhidos no saguão de entrada. Depois de uma segunda porta, eram recebidos por Julius e Jessica.

Uma hora mais tarde, a mansão estava repleta de gente bonita, elegante e aparentemente muito feliz.

Vinte garçons, obedecendo às ordens de dois maîtres, serviam os convidados espalhados pelos salões. No jardim de inverno, todo envidraçado, a grande surpresa da noite: Herb Alpert e seus Tijuana Brass, levados por Claire Kellegher, tocavam para dançar, tendo como cenário de fundo as árvores do exterior, cobertas de neve, faiscando à luz dos refletores. Quem dançava sentia-se em meio a um bosque.

Na sala de jantar, um grande bufê constituía-se em séria ameaça às silhuetas delgadas, já tão em moda na ocasião.

Wall Street em peso encontrava-se presente. Além do pessoal de mercado, lá estavam os íntimos da casa, executivos da Associados e do Manhattan, vizinhos de Greenwich, alguns artistas e até um político, o idoso senador por Connecticut Christopher Jewison, também morador do condado.

Julius não cabia em si de contentamento. Passeava pelas rodas, brincando com todos. De vez em quando, percebia olhares insinuantes de algumas mulheres. Mesmo feliz com Jessica, era bom para o ego vê-las tão disponíveis.

O velho senador conhecia Clarence apenas superficialmente. Mesmo assim, em pouco tempo já estava íntimo dos anfitriões e de boa parte dos presentes. Jewison sabia que Rutger Olen, seu colega da Geórgia, preparava uma armadilha contra Julius. Agora, enquanto apreciava a festa e os Clarences, perguntava-se. Devia ou não alertar seu vizinho a respeito do comitê? Sentiu-se culpado por calar-se, en-

quanto comia e bebia à custa dele. Mas não precisou avisá-lo. Sua mulher tomou a iniciativa de contar para Jessica.

Martha Jewison era uma velhinha adorável. Já rodara toda a casa, comera à vontade, bebera três taças de champanhe. Ao contrário do marido, que já lhe falara do senador Olen e de seus planos, não hesitou. Tão logo encontrou uma oportunidade, pegou Jessica pelo braço e contou tudo.

— Seu marido precisa tomar muito cuidado — sussurrou ela enquanto mordiscava um camarão espetado num palito. — Estou sempre em Washington, onde temos um apartamento. Conheço quase todos os senadores. Olen é uma raposa esperta e perigosa. Fará qualquer coisa para ganhar votos. Muito cuidado — repetiu, segurando o braço de um garçom e interrompendo sua caminhada com uma bandeja de canapés.

Só ao fim da noite, quando todos já haviam ido embora, Jessica revelou a Julius o que a senhora Jewison lhe confidenciara. Clarence não se impressionou. Apenas mais um político querendo aparecer.

— Jessica, se eu der importância aos políticos, não vou poder mais trabalhar. Eles adoram culpar Wall Street por todos os males do país. Vamos esperar para ver o que acontece. Em todo caso, é bom saber que o senador e a senhora Jewison gostaram da gente.

Uma semana depois, Rutger Olen conseguiu as últimas assinaturas necessárias à aprovação de sua moção. A partir daquele momento, o Senado iria investigar formalmente as atividades do especulador Julius Clarence no mercado de petróleo.

Para decepção de Olen, os jornais deram pouco destaque à notícia. Mas não se deu por vencido. Tão logo começassem as investigações, haveria de receber a devida atenção. Rutger Olen tinha certeza: Julius Clarence carimbaria seu passaporte para mais um mandato.

Julius recebeu a intimação para comparecer ao Senado na segunda-feira, 25 de março. Não temia a investigação: esta apenas o aborrecia. Mas recebeu com grande surpresa, quase que simultaneamente, uma notificação do Serviço Interno de Rendas do Departamento do Tesouro, chamando-o a prestar esclarecimentos sobre sua última declaração de Imposto de Renda.

Longe de entrar em pânico, convocou Alan Payne, Richard Bradley, do Jurídico, e o contador Carlos Goicochea. Reuniu-os na suíte. Explicou rapidamente a razão do chamado. Começou por Payne.

— Alan, eu devia ter avisado você antes. Já sabia desse maldito comitê. A mulher do senador Jewison, meu vizinho, contou tudo à Jessica, na festa lá em casa, semana passada. Gostaria de saber quem é esse Olen e o que ele está querendo.

— Bem, Julius, se você tivesse me contado, eu poderia ter adiantado as coisas. Só soube anteontem, pelos jornais. — Havia um leve tom de censura em sua voz.

— Já ouvi falar do senador Olen. É um político conservador, lá do Sul. Um antigo segregacionista. Mas ainda temos bastante tempo. Em dois ou três dias, já terei conseguido alguma coisa.

Clarence voltou-se para Bradley.

— Quanto a você, Richard, parece-me que depoimento no Senado é coisa mais de sua área, não de Ridgefield. Preciso saber quais são as consequências de uma investigação como essa.

Tendo também visto a notícia nos jornais, o advogado já estudara, por alto, o assunto.

— Aconselho você a contratar um especialista — respondeu de pronto. — Alguns colegas só tratam disso. Conhecem o Capitólio, se dão com os congressistas. Tomei a liberdade de estudar alguns nomes. Amanhã, no fim do dia, o mais tardar, já saberei qual é o melhor entre os disponíveis. Comitê do Senado é assunto sério. Pode dar um bocado de aborrecimento.

Depois que Bradley terminou, Goicochea soube por que estava ali. Julius exibiu-lhe a notificação do Serviço Interno de Rendas do Tesouro. O contador era fera. Fora contratado, a peso de ouro, para trabalhar no conglomerado. Desde sua chegada, nenhuma das empresas tivera mais problemas contábeis.

Marcaram nova reunião para três dias depois. Julius estava extremamente irritado, mas não muito preocupado. Mas estaria, se soubesse que, nas próximas semanas, toda a opinião pública se voltaria contra ele.

Capítulo 65

Geoffrey Donner não era um jornalista de renome, mas tinha prestígio entre os colegas de profissão. Poucos conheciam como ele os bastidores do Capitólio. Relacionava-se pessoalmente com a maioria dos senadores e deputados. Prestava favores aqui e acolá, fazendo matérias de interesse dos congressistas. Em troca, recebia deles furos de reportagens.

Por diversas vezes, deixara atônitos seus colegas do *Potomac Herald*, e mesmo dos outros jornais, ao divulgar fatos que só seriam anunciados oficialmente no dia seguinte.

Ultimamente, Donner sentia-se frustrado pela publicidade em torno do escândalo Watergate; fora um dos primeiros a tomar conhecimento da invasão da sede do Partido Democrata, em junho de 1972. Mas, para seu infortúnio, não dera a devida importância ao incidente. Via-se agora obrigado a cobrir o caso, mesmo sabendo que o mérito iria para seus colegas do *Post*.

Divorciado, tinha uma filha única, casada com um oficial da Força Aérea, morando na Alemanha. Acordava diariamente às 10h. Ficava em casa até o meio-dia lendo os jornais. Almoçava no Congresso, onde, depois, assistia às sessões, conversava com deputados e senadores e acompanhava o trabalho das comissões. Ao fim da tarde, ia para o *Herald,* onde preparava suas matérias.

Deixava a redação por volta das 10h da noite para jantar, geralmente com colegas. Bebia até a madrugada. Invariavelmente, chegava em casa embriagado e desabava sobre a cama. Não raro, acordava no dia seguinte vestindo ainda o surrado terno da véspera.

Ao longo da semana, Donner aguardava, aflito, a chegada da noite de quinta-feira. Nesse dia, procurava fechar suas matérias o mais rápido possível e corria ao encontro de seus parceiros de pôquer.

Já tentara aumentar a frequência do jogo para duas vezes por semana. Sem sucesso. Os outros jogadores, em sua maioria casados, conseguiam, no máximo, uma noite livre. Geoffrey contentava-se, então, com essas poucas horas.

Os parceiros eram quase sempre os mesmos, variando apenas o número, um mínimo de quatro e um máximo de sete. Donner, o único jornalista. Os outros, na maior parte funcionários públicos, inclusive um coronel lotado no Pentágono. Finalmente, um psiquiatra, também divorciado, e um piloto comercial, cuja presença era condicionada a sua escala de voo.

O local, sempre uma suíte de hotel. O jogo começava às 9h, estendendo-se até

1h da madrugada, às vezes um pouco mais. Eram servidos sanduíches e bebidas; as despesas, rateadas entre os jogadores.

O jornalista apreciava a liturgia do jogo. Gostava de manusear as fichas, comandar uma troca de baralho, quando a sorte lhe faltava, filar as cartas. Filava lentamente, primeiro a cor, depois os contornos iniciais das figuras e dos números. Geoffrey Donner gostava de blefar. Um blefe bem-sucedido era melhor que uma boa trepada. Só os verdadeiros jogadores sabem disso.

Se não fosse tão afobado, seria um jogador razoável. Mas tinha um defeito mortal. Participava de todas as jogadas, mesmo quando suas cartas eram ruins, as possibilidades pequenas.

Era o grande perdedor da roda, todos se davam conta disso. Encontrava-se permanentemente endividado. Forçara os parceiros a aumentar o cacife do jogo. Agora, cada um começava com 500 dólares. Ao longo do jogo, poderiam comprar mais cacifes, quantos quisessem.

Quinze dias antes, a sorte havia sido cruel com Donner, fazendo suas dívidas fugirem a seu controle.

Naquela noite, estivera com sorte até a hora fatídica. A mesa estava completa: sete pessoas. Quem dava cartas não participava da mão. Faltava apenas a última, já passava de 1h30.

Donner, em noite inspirada, lucrava 1.700 dólares. Para sua sorte, cabia-lhe agora dar as cartas, presidir a mesa. Depois, era só receber seu dinheiro. No dia seguinte, poderia pagar parte de suas dívidas e diminuir o peso dos juros escorchantes cobrados pelo agiota.

Na última mão, como de costume, as apostas foram aumentadas. Daquela vez, mais ainda, por pressão do coronel Ryan, que perdia muito. Cada um deveria pingar 100 dólares. Geoffrey sentiu-se injustiçado. Logo naquela noite, quando o vento soprava a favor, os caras iam jogar com um pingo de 100, deixando-o de fora. Convenceu o outro ganhador da noite a ceder-lhe a vez.

As cartas foram distribuídas. Donner sentiu uma contração do estômago, uma sensação estranha de potência, quando filou um quatro, um rei e, seguidinhos, três noves.

— Duzentos dólares — apostou. Pegou quatro fichas de 50 e as colocou no centro da mesa.

Três jogadores passaram.

— Eu pago — disse Ned Hardy, pesquisador da Administração de Alimentos e Remédios, enquanto aumentava o bolo de fichas.

— Eu acompanho. — O coronel engordou a pilha.

Donner foi o primeiro a pedir cartas. Para dar a impressão de estar com dois pares, pedida de sequência ou *flush*, segurou o rei junto à trinca de noves.

— Uma carta — pediu, tentando parecer displicente.

— Não quero cartas — rebateu Hardy prontamente, para desalento do jornalista.

— Eu quero três. — O coronel, teimosamente, tentava, a todo risco, tirar seu prejuízo.

Donner "chorou" a quinta carta. Fê-lo lenta e verticalmente. Usando ambos os polegares, escorregou-a, de baixo para cima, sob as quatro restantes.

Depois de alguns segundos surgiram dois tracinhos horizontais no lado esquerdo superior da carta escondida, exclusividade de um rei. *Full hand* de noves!

O jornalista tentou dissimular sua euforia. Por sobre os óculos, deu uma espiada nos outros. Precisava, agora, ter calma para extrair-lhes o máximo.

— Mesa — pediu, sentindo-se um profissional.

— Eu aposto 400. — Ned, que não pedira cartas, transferiu quatro fichas de 100 para o centro. Sua aposta não foi surpresa.

Surpreendente foi o coronel.

— Eu pago os 400 e aposto mais 800. — Ele pedira três.

Dick Reynolds, estatístico do Departamento do Trabalho, apenas dava cartas. Fechara sua noite no lucro. Mesmo assim, estava tenso.

— Calma, companheiros — aconselhou ele. — O jogo está alto demais. Alguém poderá se prejudicar. Estamos aqui para nos divertir, não para nos arruinarmos uns aos outros.

Mas Geoffrey não iria perder sua grande oportunidade. Um *full hand* numa rodada de apostas altas não acontecia todos os dias.

Segundo sua filosofia, o maior pecado de um jogador consistia em não aproveitar uma boa mão.

— Eu pago os 400 de Ned, os 800 do coronel Ryan e aposto mais 1.600.

Ned Hardy não era um otário. Tinha em sua mão uma sequência de ás a dez. Mas os outros dois tinham apostado alto, apesar de ele não ter pedido cartas. Um deles deveria ter um *flush*, um *full hand*, quem sabe até um *four* ou *straight flush*.

— Eu passo — disse com convicção, uma ponta de tristeza.

Restava Ryan. O coronel colocou suas cartas na mesa, pediu mais fichas à banca e, olhando fixamente para o jornalista, falou pausadamente:

— Pago os 1.600 e aposto mais 3.200.

Donner sabia que estava liquidado. Ryan pedira três cartas. Se agora apostava tanto, é porque um terrível capricho do destino lhe dera um jogo alto, muito alto. O mais sensato seria cair fora, perdendo os 3.100 que já deixara na mesa. Como, até aquela rodada, conseguira ganhar 1.700 dólares o prejuízo final seria de 1.400. Teria de tirar mais algum do agiota, não seria a primeira vez. Outra noite, recuperaria seu dinheiro.

Mas, e se o coronel estivesse blefando? Esses militares têm sangue-frio. São treinados para a guerra. Matematicamente, as chances de uma pessoa, tendo pedido três cartas, fazer um jogo superior a um *full hand* de noves são de, no máximo, 5%. Provavelmente, nem isso. E a sua maneira de olhar?

Ryan estava blefando, agora Geoffrey tinha certeza. Comprou mais fichas.

— Eu pago os 3.200 — disse, sentindo uma súbita frouxidão nos esfíncteres. Empurrou com as duas mãos uma montanha de fichas para o centro da mesa. Lançou ao coronel um olhar estranho, um misto de súplica e arrogância.

O *four* de oitos foi mais do que um soco no estômago. Foi um escárnio, uma cuspida na cara. Como pode um cara entrar numa mão pesada como aquela com apenas um par de oitos? Como o destino pudera ser tão cruel, fazendo entrar mais dois oitos, uma chance em 10 mil?

Donner manteve a dignidade. Preencheu um cheque de 4.600 dólares e o entregou à banca. Olhou para o coronel.

— Peço que só deposite o cheque quando eu avisar que já consegui o dinheiro. — Procurava ser o mais educado possível. — Na próxima quinta-feira, a dívida estará liquidada — completou.

Vestiu o paletó. Não conseguiu evitar que seus olhos se enchessem de lágrimas, as orelhas se tingissem de vermelho, as mãos começassem a tremer.

Retirou-se rapidamente para que os outros não percebessem a extensão de sua angústia.

Poderia ter ficado devendo aos parceiros, pagar-lhes aos poucos e, mais tarde, quando a dívida estivesse liquidada, voltar a jogar. Não eram profissionais. Jogavam por distração, para sair um pouco de suas casas. Por certo, poderiam esperar algumas semanas.

Mas o jornalista tinha vergonha de dever a jogadores. Seria preciso ficar fora do jogo por algum tempo. Além disso, eles falariam. Seus colegas da imprensa terminariam por saber. Preferiu tomar mais dinheiro emprestado, pagando 10% ao mês de juros. Pior. Na ânsia de recuperar seu dinheiro, retornara mais duas vezes ao jogo. Entregara outros 2.300.

Agora, devia um valor muito alto, não tinha como pagar. Pior, devia a agiotas profissionais, não a amistosos colegas de pôquer. E os caras saberiam ser violentos, se fosse preciso, na hora de receber sua grana.

Por isso, aceitou o dinheiro do senador Rutger Olen, muito mais do que devia no pôquer. Fazia agora uma série de reportagens sobre Julius Clarence, para grande satisfação de Patrick Reeves, proprietário do *Potomac*.

A circulação do jornal aumentava dia a dia. Novos anunciantes estavam surgindo. Quem sabe o *Herald* não conseguiria a mesma projeção do *Post*, que vinha aniquilando Richard Nixon.

Capítulo 66

Jamais Clarence poderia imaginar toda a opinião pública se voltando contra ele, tão subitamente, como acontecia agora. Tornara-se o grande responsável pela alta do petróleo. Nem mesmo comparecera à primeira audiência no Senado e já encarnava o inimigo número um, o culpado pelas filas nos postos de gasolina, pelo aumento ininterrupto dos preços.

Felizmente, ninguém sequer suspeitava de sua associação com Abdul al-Kabar, o todo-poderoso ministro do Petróleo da Arábia Saudita, que, nas reuniões da OPEP, em Viena, selava o destino dos consumidores americanos.

A crise saía-lhe cara. Os fundos administrados pela Associados sofriam saques pesados, o Comercial de Manhattan perdia clientes. Para não ver as ações do banco despencando, Clarence as sustentava no mercado de balcão, usando, para isso, boa parte do dinheiro ganho com o petróleo e com o ouro.

Havia também o Imposto de Renda, problema mais imediato.

Tentando resolvê-lo, Julius encontrava-se reunido com o contador, Carlos Goicochea.

— Carlos, quero saber exatamente o que está acontecendo e quais são as minhas chances. — Clarence estava extremamente irritado.

— Julius, o SIR está cobrando 120 milhões de dólares, referentes a lucros obtidos por você, segundo eles, no mercado de petróleo de Roterdã e no mercado físico de ouro na Europa. Estive no SIR várias vezes. Segundo eles, você escamoteou seu lucro e o Tesouro foi lesado. Os caras sentiram cheiro de sangue. Já vi isso antes.

— Tudo bem, Carlos, isto é o que eles dizem. Mas eu quero saber de você, não deles, o seguinte: eles têm ou não o direito de me tomar toda essa grana? Estou interessado em sua opinião, não em detalhes técnicos, não entendo nada disso. Tenho ou não tenho que pagar a porra do dinheiro? — A irritação ia num crescendo.

Goicochea estudara profundamente o caso. Mas não podia simplesmente dizer "pague" ou "não pague". Era preciso considerar todos os ângulos da questão. Esperou o patrão se acalmar. Então, explicou pacientemente:

— Precisamos levar em conta quatro aspectos. Número um: todas as operações, embora legais, foram feitas na fronteira entre a legalidade e a ilegalidade. Melhor dizendo, estavam dentro da lei, mas eram contrárias ao espírito da lei. Aspecto número dois: se você não pagar, o SIR vai enviar um batalhão de fiscais

para cá. Vão vasculhar sua vida na Associados, no Manhattan, até na cadeia Bars, que já foi vendida.

A secretária chamou pelo interfone. Julius, cada vez mais irritado, não se preocupou em saber do que se tratava.

— Diane, eu não estou nem para Deus. Continue, Carlos, por favor.

— Continuando, aspecto número três: com essa investigação no Senado e com esse repórter do *Potomac Herald* no seu pé, você está muito vulnerável. Todos vão acreditar em sua culpa no crime de sonegação. Aspecto número quatro e mais importante: se fizer um acordo e pagar os 120 milhões, estará recebendo um atestado de quitação com o SIR, valendo até o dia de hoje.

O contador sabia da importância de sua opinião. Ela poderia representar para Julius Clarence uma perda de 120 milhões de dólares. Por outro lado, uma decisão errada poderia jogá-lo na cadeia. Pesou tudo ao fazer sua recomendação final.

— Julius, se você tem algo escondido, alguma coisa da qual eu não tenha conhecimento, mas que possa ser descoberta em uma varredura completa, faça o acordo com os homens do governo. Mas, se não existe nada, nada mesmo, vamos para a briga. Vamos ganhar essa parada.

Clarence pensou em sua vida pregressa. Lembrou-se do início da Associados, quando usara o dinheiro dos clientes, indevidamente, sem lastro. Pensou na sociedade com Al-Kabar. Poderia ser descoberta.

Só havia uma resposta. Esperou algum tempo, apenas para que seu contador não imaginasse um monte de irregularidades em sua vida. Mas, quando falou, foi incisivo:

— Vou pagar os 120 milhões aos filhos da puta. Não quero um monte de tiras e fiscais aqui no escritório. Vou acabar perdendo mais dinheiro. Assunto encerrado.

Faltava ainda a investigação no Senado. Agora, além do *Herald*, havia outros jornais em cima dele. Enquanto o dia 25 de março — data marcada para o depoimento no Comitê — não chegava, a Associados e o Manhattan não faziam outra coisa a não ser perder dinheiro.

Rutger Olen intensificara sua campanha. Um sentimento contra Clarence se apoderara do mercado. Suas atividades eram antiamericanas, diziam os profissionais. Instituições, até algumas semanas atrás ávidas por fazer negócios com a Associados, fechavam-lhe suas portas, desconectavam suas linhas diretas com a Liberty Tower.

O *affaire* Julius Clarence já rivalizava na mídia com o escândalo Watergate. Tudo por causa de um senador populista e demagogo e um jornalista inescrupuloso. Julius sabia disso, mas nada podia fazer. Restava preparar-se adequadamente para o depoimento do dia 25 e, então, libertar-se do pesadelo. Durante uma semana, não fez outra coisa a não ser reunir-se com Walter O'Connor, advogado indicado por Richard Bradley para prestar-lhe assistência junto ao comitê do Senado.

Antes mesmo da primeira sessão, Rutger Olen já conseguira seu principal objetivo: publicidade. Entrevistado, costa a costa, para a enorme audiência do *US Around the Clock*, esclareceu ao popular entrevistador Colin Carpenter:

— Meu comitê vai apurar os prejuízos causados aos consumidores americanos pelas atividades especulativas de Julius Clarence no mercado de petróleo. Iremos descobrir tudo — disse, olhando para a luzinha vermelha da câmera, pensando nos votos atrás dela.

Mas Clarence não se limitou à defensiva. Encarregou Alan Payne de investigar, discretamente, o senador Olen. Reciprocamente, o comitê vasculhou a vida de Julius. Investigadores foram enviados a Davenport, Chicago, Roterdã e Nova York. A imprensa foi fartamente municiada de fatos e, até, de rumores sem consistência.

Em Washington, o escriba do *Herald* comemorava seu sucesso inesperado. Chegou a faltar a duas sessões de pôquer. Pagou suas dívidas aos agiotas e ainda obteve um aumento de salário.

No recôndito de seu íntimo, sonhou com um Pulitzer.

Às 11h da manhã da segunda-feira, 25 de março de 1974, instalou-se, no prédio antigo do Senado, o Comitê Julius Clarence, como era conhecido na imprensa.

Olen e outros senadores sentavam-se a uma mesa elevada, com o formato de um U. Ao fundo, o grande selo dos Estados Unidos deixava clara a presença de um dos três poderes da República. À frente deles, em uma mesa coberta de feltro, Julius Clarence, entre Jessica e o advogado Walter O'Connor. Na audiência, dezenas de espectadores e grande número de jornalistas. Bem ao fundo, junto a uma lareira de mármore, de pé, sóbrio, queixo erguido, o repórter Geoffrey Donner, do *Potomac Herald*.

Iniciando os trabalhos, Olen leu uma declaração previamente preparada:

— Estamos reunidos para apurar as atividades de Julius Clarence, aqui presente, contrárias ao povo dos Estados Unidos. Ao longo dos depoimentos, iremos ver o quanto os negócios escusos deste nocivo especulador de Wall Street prejudicaram os consumidores. Enquanto os trabalhadores, donas de casa e aposentados americanos assistiam à corrosão de seus salários e pensões, provocada pela inflação, o senhor Clarence se encheu de dinheiro com a alta do petróleo.

O senador continuou seu blablablá. Cada frase de seu discurso fora escolhida a dedo, por seus assessores, para figurar nas manchetes dos jornais. Sua fala continha apenas retórica, nenhum conteúdo. Em momento algum demonstrou que Clarence tivera alguma parcela de culpa na alta dos combustíveis.

Julius seria o primeiro a depor. Enquanto aguardava sua vez, via crescer dentro de si uma enorme indignação contra Olen. Mas os conselhos de Walter O'Connor haviam sido claros.

— Durante o interrogatório — dissera o advogado —, é importante não provocar a ira do senador. O comitê não é um tribunal, não pode condená-lo a nada. Poderá, no máximo, remeter à Justiça as atas das reuniões. Só um promotor poderá processá-lo, caso algum crime tenha sido caracterizado durante as sessões do comitê. Mas não creio ser o caso. Olen quer apenas espaço na mídia, eleger-se à sua custa. Em duas ou três semanas tudo estará terminado. Responda sempre a verdade, apenas sim ou não. Mas, pelo amor de Deus, Julius, deixe o senador conduzir seu show.

Mas, à medida que Olen arrazoava sua arenga, o sangue irlandês ferveu nas veias de Clarence. O especulador frio e calculista deu lugar a um guerreiro combativo, talvez um resquício de seus antepassados do Ulster. Esperou ansiosamente a sua vez de falar. Afagou a mão de Jessica. Depois, fechou os punhos, preparando-se para lutar.

Finalmente, chegou a hora. Olen terminou sua declaração, juntou e alinhou as folhas de papel — mais tarde, entregaria cópias à imprensa —, sorriu satisfeito para os outros senadores, passeou os olhos pela audiência e, por fim, encarou Julius Clarence.

Perguntou de supetão:

— Senhor Clarence, nos últimos seis meses, o preço do petróleo subiu de 3 dólares para quase 20. Segundo farta documentação em meu poder, o senhor ganhou uma fortuna com essa alta. Confirma isso?

Julius não se deu ao trabalho de levantar-se. Para desespero de O'Connor, disse apenas:

— Não.

Um murmúrio correu pela audiência e pela mesa. Rutger Olen ficou exultante. Jamais pudera imaginar circunstâncias tão favoráveis. Então, ele negava. Tinha todas as provas consigo e ele negava. Fuzilou:

— Senhor Clarence. Isto aqui é o Senado dos Estados Unidos. Este é um comitê de investigação, legalmente constituído. O senhor não pode mentir perante esta casa e sair impune. Tenho aqui dezenas de provas, inclusive balanços e balancetes com sua assinatura, demonstrando a obtenção de lucros, eu diria obscenos, à custa do aumento do petróleo. E o senhor diz não. Mas tenho a paciência como uma de minhas virtudes. Vou repetir a pergunta. O senhor ganhou uma fort…

— Não — disse Julius abruptamente.

Olen agora estava furioso. Remexeu sua papelada, chamou alguns assessores, falou com os colegas. Depois, passou a ler para a audiência, desordenadamente, ora recortes de jornais, ora balanços da Associados, tentando demonstrar os lucros obtidos pelo megaespeculador. Conseguiu apenas um amontoado de dados e números desconexos.

Pela primeira vez, temeu uma derrota. Não, isso não podia acontecer, não em seu comitê. Os números provavam tudo. Bastaria demonstrá-los, com calma. Reorganizou-se mentalmente. Perguntou pela terceira vez:

— O senhor gan...

— Não.

— O senhor quer fazer o favor de explicar melhor sua negativa? — Olen não iria deixar-se derrotar por seus próprios nervos.

Clarence, então, levantou-se, retirou o microfone do encaixe, olhou carinhosamente para Jessica, sorriu para O'Connor e começou a falar.

— Obrigado pela consideração, senador. Até então, eu pensava que as pessoas só podiam dizer "sim" ou "não" para o senhor. Obrigado pela oportunidade de me explicar melhor. Infelizmente, não trouxe uma pilha de papéis, como o senhor, mas tenho boa memória para números. Sempre lidei com eles, desde menino, quando fazia a contabilidade do armazém de meu pai, em Davenport, Iowa. Seus homens estiveram lá na semana passada, indagando a meu respeito. Só de uísque, beberam 90 dólares no bar do hotel, à custa dos contribuintes. O armazém ainda existe. Mas, passando ao petróleo, os números são recentes. Estão vivos em minha memória. Se todos tiverem a bondade de pegar lápis e papel, poderão seguir meu raciocínio.

Um cinegrafista abaixou-se à sua frente e colheu um take prolongado. Julius sorriu para a objetiva e, sem consultar nenhuma anotação, nem mesmo recorrer a uma calculadora, prosseguiu:

— Há muitos anos, eu esperava um forte aumento no preço do ouro e do petróleo. Nosso país gasta muito mais do que arrecada. Inundamos o mundo com emissões de papel-moeda. Não poderíamos manter, indefinidamente, o ouro valendo 35 dólares. Por isso, investi em barras de ouro na Europa. Quanto ao petróleo, seu futuro era ainda mais previsível. Fabricamos carros enormes, gastamos uma fortuna com óleo de aquecimento no inverno e com ar condicionado no verão, consumimos um terço do petróleo produzido no planeta, cinco vezes o consumo da China, com 1 bilhão de habitantes. Enquanto isso, nossas reservas vêm caindo assustadoramente. Em 50 anos, passamos de maiores exportadores a maiores importadores. Não era difícil prever a alta do petróleo. Nos dois mercados, ouro e petróleo, ganhei 500 milhões.

Olen gostou da última afirmativa. Já ia voltar a falar quando Julius o atropelou:

— Para comprar tanto ouro e petróleo, precisei de muito capital de giro, mais de 3 bilhões. Recorri a empréstimos. Paguei, só de juros, 60 milhões. Para os governos da Holanda e da Suíça, deixei, de impostos, 91 milhões. Com o transporte, a custódia e o seguro das barras de ouro, gastei 2 milhões e 600 mil. Para negociar petróleo, abri um escritório em Roterdã. Juntando as despesas do escritório ao

custo do frete de petroleiros, mais estiva e seguro, desembolsei 6 milhões. No manuseio do petróleo perde-se alguma coisa. No meu caso, 800 mil.

Clarence indagou se estava sendo rápido demais. Ninguém disse nada.

— Não fiz todas essas operações apenas em meu nome e no de minhas empresas — continuou ele. — Usei fundos das carteiras administradas por mim. Elas ficaram com boa parte do lucro, exatamente 130 milhões. O Imposto de Renda americano levou 120 milhões. Finalmente, o ilustre senador Rutger Olen criou este comitê. A imprensa me julgou e me condenou. Para evitar uma grande queda no preço das ações de meu banco, o Comercial de Manhattan, gastei 74 milhões. Com meu nome difamado na imprensa todos os dias, os clientes fugiram da Clarence & Associados. Só de receita de corretagens e taxas de administração de fundos, deixei de faturar 16 milhões nas últimas quatro semanas. Senhores membros do comitê, se eu ainda sei fazer contas, perdi, nos mercados de ouro e petróleo, 400 mil dólares. Por isso disse "não" à pergunta do senador Olen.

Alguns repórteres saíram para telefonar. Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Julius ignorou a algazarra e sentou-se calmamente.

Olen, completamente desorientado, ainda tentou dar prosseguimento à reunião. Desistiu logo. Era um crápula, mas não era burro. De nada adiantava prosseguir com os trabalhos. Seriam mais pontos positivos para Julius Clarence, mais derrotas para si. Depois, disfarçadamente, longe da imprensa, dissolveria o comitê. Ainda havia tempo para as eleições na Geórgia. Encontraria outro bode expiatório para garantir seus votos.

A demonstração verbal de Julius Clarence não passaria por uma auditoria rigorosa. Fizera superposição de gastos, não mencionara o fato de que as carteiras administradas haviam absorvido grande parte dos impostos e juros bancários. Os impostos pagos na Holanda e na Suíça seriam dedutíveis de seus congêneres americanos. Também omitira isso. Mesmo deduzindo os 120 milhões pagos ao SIR, e as perdas causadas pela crise, ainda restaria um bom lucro na operação do petróleo.

Geoffrey Donner também não se saiu tão mal do episódio. Com o que recebera de Olen, pudera pagar aos agiotas. Viu seu Pulitzer e seu prestígio voarem pela janela, é verdade. Mas ainda havia as noites de quinta-feira, quando o baralho corria de mão em mão. Aquele *four* de oitos continuava engasgado em sua garganta.

No verão daquele ano, Clarence levou Jessica às ilhas gregas. Estava lá quando Nixon renunciou. Voltou à Liberty Tower no início de setembro.

Capítulo 67

Ao voltar das férias, ávido por recuperar o dinheiro pago ao Imposto de Renda e os prejuízos causados pelo senador Olen, Julius encontrou os especuladores excitados. Só falavam de açúcar. Metade estava comprada, apostando na alta. A outra metade vendida, jogando na baixa.

Desde o início do ano, a cotação da libra-peso já subira de 9 para 30 centavos, a maior de todos os tempos, no mercado futuro. E, segundo os analistas, poderia subir mais, muito mais.

Tentando criar um clima favorável à alta, os operadores comprados comentavam ao telefone: "Vai faltar açúcar no próximo ano." Diziam isso baixando a voz, como se passassem um segredo, uma dica de colega para colega, camaradagem de profissional. Os vendidos refutavam: "Os preços não se sustentam neste nível, o mercado vai desabar."

Mas nem só os especuladores de Nova York se preocupavam com o açúcar. Em Havana, Fidel Castro tentava descobrir a maneira mais fácil, mais discreta e menos dispendiosa de importar 1 milhão de toneladas do produto.

De acordo com as últimas pesquisas de campo, feitas pelos técnicos do governo, a safra total da ilha, naquela temporada, seria de 5 milhões de toneladas.

O fato em si seria alvissareiro, tendo em vista as altas cotações internacionais. Não fosse um detalhe. Na ânsia de aproveitar os preços altos, e baseados em estimativas erradas de produção, os cubanos haviam vendido, para entrega futura, aos russos e a diversas *tradings* europeias, 6 milhões de toneladas.

O milhão que faltava precisaria ser comprado no mercado internacional, para ser, então, reexportado. No mais absoluto sigilo. Se o mercado suspeitasse que Cuba iria importar açúcar, os preços iriam à estratosfera e a ilha sofreria enorme prejuízo.

Caminhos tortuosos levaram Fidel Castro a Julius Clarence.

Um dos mercadores da noite, Jacques Constantine, antigo operador da Casa Rothschild, transferira-se para a tradicional e centenária Sucre des Caraïbes. Lá, operava açúcar. Através da Sucre, Cuba colocava a parte de sua produção não destinada à União Soviética. O presidente da empresa, Jean-Claude Cory, foi chamado a Havana. Levou consigo Constantine. Para surpresa de ambos, conduziram-nos à presença do primeiro-ministro cubano.

Castro expôs seu problema e os franceses pediram 24 horas para estudá-lo. No dia seguinte, sugeriram entregar a operação a Julius Clarence, o megaespeculador nova-iorquino.

Fidel não gostou da sugestão.

— Acho que não fui bem entendido. Precisamos de 1 milhão de toneladas. Mas só nós, e agora os senhores, sabemos disso. Se os especuladores suspeitarem que Cuba precisa de todo esse açúcar, o preço vai dobrar.

— Comandante, Clarence encontrará uma maneira de Cuba conseguir seu açúcar sem perder dinheiro. Eu o conheço bem. É o melhor estrategista de mercado que existe.

O primeiro-ministro refletiu. Gostava de soluções heterodoxas. Já lera sobre Clarence e seus negócios com petróleo. Quem sabe os franceses tinham razão? Talvez fosse uma boa estratégia entregar o caso a um especulador profissional. Não havia muitos em Cuba naqueles tempos revolucionários.

Entre curioso e desconfiado, aceitou a sugestão dos franceses.

Os homens da Sucre des Caraïbes eram bons quando se tratava de manter sigilo. Por isso, mereciam a confiança de Cuba e de outros países socialistas. Mesmo assim, no retorno a Paris, Jean-Claude e Jacques tomaram precauções extraordinárias. Nada disseram aos demais executivos sobre a necessidade cubana.

Constantine telefonou a Julius marcando um encontro para o dia seguinte, sábado. Antoine levou o francês diretamente do Kennedy para Greenwich. Quando regressou a Paris, domingo à noite, Constantine levou consigo um plano simples e imaginoso. Todos sairiam ganhando: a Associados, a Sucre des Caraïbes e Cuba.

Mas, embora Clarence não pudesse suspeitá-lo, haveria um ganhador ainda maior: Clive Maugh, naquele instante estudando gráficos de açúcar do outro lado do Atlântico.

Capítulo 68

René Russon morreu como um justo. Serenamente, enquanto dormia. Não exalou um suspiro, não sentiu qualquer dor. O Sindicato foi pego de surpresa. O banqueiro era viúvo, não tinha filhos nem herdeiros. Há anos especulava-se no banco sobre o que aconteceria após sua morte.

Em ambiente de grande expectativa, os membros do Comitê Diretor reuniram-se com os advogados para a leitura do testamento. O documento era claro. O presidente do Sindicato deixava suas ações para uma fundação. Não para uma instituição beneficente, como costumam fazer os muito ricos, quando lhes faltam herdeiros. O único objetivo da Fundação René Russon era perpetuar o Banco Centro-Europeu de Lausanne, um banco sem donos ou sucessores, dirigido por profissionais.

Na ausência definitiva do fundador, o Comitê Diretor tornava-se o poder máximo, cada membro com direito a um voto. Teriam remunerações diferentes, o cálculo feito por um complexo sistema de pontuação, minuciosamente detalhado no testamento, baseado no lucro gerado por membro. Jacques Schneider, da Contabilidade e Controle, ao contrário dos colegas, teria uma remuneração fixa. Caberia a ele calcular e controlar a pontuação dos colegas.

Qualquer diretor poderia ser demitido, bastando, para isso, o voto da maioria do colegiado. Já a contratação de um substituto tornava-se mais difícil. Seria necessária unanimidade. Ao completar 70 anos, os diretores ver-se-iam automaticamente aposentados, passando a receber 200 mil francos anuais, até o fim da vida, desde que não trabalhassem para outro banco.

Através do testamento, Russon demitia Jean Lesneur. Este receberia, como indenização, 2 milhões de francos e mais 200 mil anuais. Clive Maugh ocuparia seu lugar. Com a substituição, explicava o legado do falecido, procurava-se evitar superposição de funções.

Se alguém não gostou da substituição de Lesneur por Maugh, guardou a insatisfação para si. Enquanto Jean, perplexo, deixava o recinto, o inglês foi notificado da promoção. Juntou-se aos novos colegas e soube dos termos do testamento. Exultou. O novo sistema de gratificações faria dele, em pouco tempo, o mais poderoso dirigente do Sindicato.

De saída, pretendia ganhar uma fortuna para o banco no mercado de açúcar.

Enquanto o Sindicato se reorganizava, em Havana, Jacques Constantine, mais uma vez, era levado a Fidel Castro.

— Conversou com o especulador? — interpelou Fidel, dando uma baforada em seu charuto.

— Conversei, comandante. Mais que isso. Consegui dele um plano para resolver o problema da falta do milhão de toneladas. Precisamos apenas de sua autorização para detonar o processo.

— Estou ouvindo. — Castro exalou uma fumaça azulada.

— A Clarence & Associados, a corretora de Julius Clarence — explicou o francês. — Pois bem, a Associados venderá a Cuba 1 milhão de toneladas pelo preço atual de mercado, 30 centavos. Em virtude do boicote americano, o negócio será feito pela Sucre des Caraïbes.

— Ótimo para nós — disse Fidel. — Resolverá nosso problema. Mas, quanto ao senhor Clarence, não consigo entender como ele ganhará dinheiro nos vendendo ao preço de mercado.

— Posso explicar, comandante. Em contrapartida pela venda do açúcar a Cuba, Clarence exige que os senhores suspendam todas as entregas de açúcar bruto no mercado internacional. Cuba poderá fornecer apenas açúcar refinado, açúcar branco, como nós profissionais o chamamos.

— Impossível. Devemos 6 milhões de toneladas à União Soviética e a várias *tradings* europeias. Não temos condições de refinar tanto açúcar.

— Clarence sabe disso — Constantine apressou-se em esclarecer. — Ele sugere que Cuba envie o açúcar bruto para usinas soviéticas. Atualmente elas estão com grande capacidade ociosa, devido à pouca disponibilidade de matéria-prima no mercado, para transformação em branco. De posse do refinado, os senhores poderão vendê-lo a quem bem entenderem, por qualquer preço, quando acharem melhor.

— É possível, mas... — Fidel não percebia aonde o especulador americano queria chegar. — Senhor Jacques — disse ele —, continuo sem entender o que o senhor Clarence vai ganhar com tudo isto. A não ser, é claro, que tenha se tornado, subitamente, colaborador de nosso movimento revolucionário.

— Comandante, se Cuba refinar 6 milhões de toneladas na União Soviética, quando chegar o mês de novembro o mercado estará suficientemente abastecido de açúcar refinado. Mas vai faltar açúcar bruto. E a Bolsa de Futuros de Nova York não negocia refinado, apenas bruto. É uma operação rotineira refinar açúcar, mas é impossível transformá-lo de volta em produto bruto. Se o senhor concordar com a operação, Clarence irá comprar algumas toneladas de açúcar bruto para março e exigir a entrega. Ninguém vai ter açúcar para entregar. Ele, então, poderá ganhar alguma coisa, além, evidentemente, da satisfação de ter colaborado com a solução do problema dos senhores.

— O senhor Clarence é realmente um homem talentoso. Diga a ele que pode mandar o açúcar para nós. Negócio fechado, não é assim que vocês falam?

Na Associados somente Bernard conhecia os planos de Julius quando este, em outubro, comprou 1 milhão de toneladas no mercado internacional e as vendeu imediatamente a Cuba, via França. Ao mesmo tempo, adquiriu, no mercado futuro de Nova York, outro milhão, para recebimento em março. A Sucre des Caraïbes também comprou um milhão de "março". Em Lausanne, Clive Maugh, cujos gráficos indicavam uma iminente alta nos preços, comprou 2 milhões para o Sindicato.

Cumprindo sua parte no acordo, o governo de Cuba enviou todo o seu açúcar bruto para ser refinado na União Soviética. Em novembro, Clarence e a Sucre des Caraïbes anunciaram a intenção de exigir a entrega de 2 milhões de toneladas de açúcar bruto no porto de Nova York. Para surpresa de Julius, o Centro-Europeu anunciou o mesmo, elevando o total para 4 milhões.

Embora, àquela altura, houvesse bastante refinado no mercado, procedente da União Soviética, não havia bruto suficiente para entrega a tempo. Os especuladores vendidos entraram em pânico. Seria impossível conseguir os 4 milhões. Na tentativa desesperada de cobrir suas posições vendidas, elevaram a cotação do mercado futuro de Nova York para incríveis 65 centavos por libra-peso, a maior de todos os tempos.

Julius liquidou sua posição com um lucro de 200 milhões, recuperando o dinheiro pago, no início do ano, ao Imposto de Renda e todas as perdas causadas pelo senador Olen.

Dias depois encontrava-se na suíte usufruindo o aroma de um Cohiba Exquisito, enviado por Fidel Castro, quando recebeu um telefonema desesperado de David Lowell. As Lojas Bars encontravam-se em sérias dificuldades.

Capítulo 69

Francine Clarence, agora novamente Kéraudy, restabeleceu-se. Retornou a Paris, onde Bernadette a aguardava no apartamento da Avenue Foch, e a seus estudos na Polytechnique. Só não retornou à felicidade. Mas isso ela guardava para si. Quanto a homens, se já eram complicados para ela antes de conhecer Julius Clarence, agora nunca mais.

O pai, Louis Kéraudy, encontrava-se muito doente. Dividia seu tempo entre a fábrica e um penoso tratamento para combater o linfoma que o consumia, de maneira lenta e inexorável. A *villa* de Montaigut-sur-Save tornara-se ainda mais triste. Na fábrica, engenheiros e operários acompanhavam preocupados a doença do industrial e o desinteresse da filha pelo negócio. Governo, fornecedores e clientes compartilhavam da preocupação.

A década de 1970 iniciava sua segunda metade. No Vietnã, as tropas do general Giap liquidavam, um após outro, os últimos bolsões de resistência do Sul e aproximavam-se celeremente de Saigon. A Arábia Saudita, o Kuwait e a Venezuela nacionalizavam a exploração de petróleo em seus territórios, exatamente como previra Al-Kabar.

Julius pensava justamente em Abdul, e no acerto de suas previsões, quando Diane anunciou a chegada do senhor Lowell. Clarence avaliava o quanto deveria ser penoso para David ter de recorrer a ele. Para não fazê-lo esperar, subiu rapidamente à suíte, para onde mandou conduzir o visitante. Procurou ser o mais cordial possível.

— Há quanto tempo não nos vemos, David… Um ano? Mais, não?

— Dezesseis meses, desde aquela desagradável reunião lá em Boston. Foi em setembro de 1973. Tudo vem dando errado desde aquele dia. Mas, e você, como está? E Jessica?

— Ela está ótima, David. Mandou lembranças para você. Para nós, também, as coisas não têm sido fáceis. Você deve ter lido nos jornais, o senador Olen tentou acabar comigo. O filho da puta quase conseguiu. Felizmente, já passou. Mas, conte-me. O que está acontecendo com as lojas?

— Está tudo péssimo, Julius. Tínhamos estrutura para administrar as lojas da Nova Inglaterra, não a cadeia montada por você. Desde a sua saída, as vendas caíram, os prejuízos se acumulam. As Lojas Bars não são mais competitivas.

Clarence ouvia atentamente.

— Na última assembleia geral — David prosseguiu — anunciamos uma redu-

ção drástica nos dividendos. Os acionistas não gostaram e sofremos críticas severas. Foi constrangedor. Tem sido constrangedor desde o início. Fomos acusados de prejudicar a empresa por questões pessoais. Eles têm razão, tivemos que ouvir tudo calados. Só agora percebemos, até mesmo o Andrew, que não tínhamos o direito de mudar a direção da empresa por um assunto que só interessava à família e a mais ninguém. Por isso estou aqui para tentar remediar as coisas.

Julius ia esboçar um comentário, mas foi contido por David.

— Não vou dizer agora que não fiquei magoado. O Andrew é meu irmão, nós todos éramos muito ligados à Jessica. Você era nosso amigo, quase da família. Mas eu vim aqui a negócios, não para falar de nossos sentimentos. As lojas vão mal e alguma coisa precisa ser feita. Precisamos vender parte das ações, para capitalizar a empresa, mas, antes de fazermos uma oferta pública, queremos saber se existe algum interesse de sua parte; você foi o melhor administrador que as Bars tiveram até hoje. Problemas pessoais à parte, temos grande admiração por seu talento. Concordamos em passar o controle, mas gostaríamos de continuar como acionistas, mesmo minoritários. Não vai ser fácil aceitar um papel secundário, mas você pode salvar as Bars. Isso é de nosso interesse, e nós o devemos também aos acionistas.

Julius foi franco:

— Você deve compreender, David, não encaixei muito bem a perda das lojas, principalmente da maneira como tudo foi feito. Lamentei também pelos outros acionistas. Foram prejudicados.

E concluiu, já agora falando em um tom puramente comercial:

— Por certo estou interessado. Vou encomendar um levantamento a meus auditores. Quando terminarem, terei uma proposta. Mas posso fazer uma coisa que irá ajudando as Lojas Bars desde já. Vou informar à Comissão de Títulos e Câmbio que pretendo fazer uma proposta pela empresa. Isso vai fazer o papel subir na bolsa.

Quando, no dia seguinte, o mercado soube da possibilidade de a cadeia Bars voltar a ser administrada por Julius Clarence, o papel subiu 5%, fechando em 27 dólares, a melhor cotação dos últimos três meses. Julius agira de maneira esperta. Se os Lowells viessem a recusar sua proposta, qualquer que fosse, as ações voltariam a cair. Não tinham muita escolha.

Quatro semanas depois, Clarence retomou as Lojas Bars, desta vez garantindo para si o controle acionário. Poderia ter "matado" os Lowells, mas, por causa de Jessica e dos velhos tempos, não o fez. Pagou-lhes 75 milhões e comprometeu-se a investir outro tanto no saneamento financeiro da cadeia e na expansão do número de lojas. A central de compras e o comando retornaram a Nova York.

Capítulo 70

Francine encontrava-se à mesa do jantar, com Bernadette, quando telefonaram de Toulouse. Louis Kéraudy estava morto. Pessoas influentes retardaram um voo noturno e, à meia-noite, ela já velava o corpo do pai no grande salão de Montaigut-sur-Save.

No dia seguinte, à tarde, autoridades, à frente o presidente Giscard d'Estaing, altas patentes militares, empregados da Midi-Pyrénées, uma multidão de curiosos e os poucos amigos e familiares acompanharam as cerimônias fúnebres e o sepultamento. Clarence não foi, não dava tempo. Telefonou e enviou uma coroa de flores.

No pequeno cemitério de Montaigut-sur-Save, Francine, sob uma garoa fina, recebeu os cumprimentos de pêsames. Quando retornou à mansão, exausta pela noite não dormida, Jean-Loup Delannoy, advogado da família e da Midi-Pyrénées, encontrava-se a sua espera, ansioso. Mesmo enfrentando o olhar recriminador de Bernadette, Delannoy não perdeu tempo.

— Ah… madame Kéraudy, ah… por favor, me desculpe, mas a morte prematura de seu pai fez surgir um problema urgentíssimo de sucessão. Certamente está extenuada, sei disso, mas lhe rogo que compareça amanhã, pela manhã, à fábrica. Precisamos colocá-la a par dos negócios. Será necessária sua assinatura em diversos documentos. São coisas urgentes, de seu próprio interesse. Mando um carro pegá-la, ah… digamos, às 8h30, se não se importa, é claro.

Bernadette ia protestar quando Francine assentiu.

— Mande o carro, senhor Delannoy. Estarei à espera.

Alguém poderia passar diversas vezes pela autoestrada que acompanha o vale do Garonne, de Toulouse para noroeste, na direção de Bordeaux, sem notar, à direita, logo após a ponte sobre o Girou, o complexo industrial da Midi-Pyrénées.

Não que fosse pequeno. Ao contrário. Juntando o edifício-sede, o galpão industrial, o aeroporto e o campo de testes de superfície, a indústria de Louis Kéraudy, agora de sua filha Francine, ocupava 10 hectares. Mas seus projetistas a haviam concebido exatamente para passar despercebida.

Para buscar Francine, Delannoy enviou o Citroën DS 19, usado apenas por dignitários e clientes importantes em visita à fábrica. O longo veículo deixou a mansão pontualmente às 8h30 e seguiu para nordeste, serpenteando o Save. Após cruzar o Garonne, em Ondes, o motorista virou para sudeste. Pegou, então, a autoestrada, rumo sul, como se estivesse indo para Toulouse. Minutos depois, deixou a rodovia principal e tomou uma via secundária, à esquerda, desprovida de sinalização.

Percorreu apenas 200 m, ultrapassou uma lombada e parou junto a uma gua-

rita. O guarda conhecia o carro, o motorista e fora alertado a respeito da madame. Mesmo assim, deu uma rápida olhada no interior do veículo e, só então, levantou o travessão. Enquanto o Citroën se afastava em direção ao edifício principal, 500 m à frente, após uma segunda lombada, o guarda, usando o interfone, comunicou à chefia a chegada da senhora Kéraudy.

Mais uma guarita, uma segunda verificação, e Francine viu-se à frente do escritório central, onde Delannoy a aguardava satisfeito. O advogado beijou-lhe a mão. Ela fora pontual e, como tudo indicava, não deveria oferecer resistência a seus planos. Se fosse objetivo, antes do almoço tudo estaria concluído.

Dos seis andares do prédio, só metade encontrava-se acima da superfície. Francine foi levada a uma sala de reuniões no último andar. Quatro pessoas já se achavam sentadas à mesa retangular. Levantaram-se à sua chegada. Ela foi conduzida ao lugar do pai, à cabeceira. Delannoy ocupou a cadeira adjacente, à sua direita.

Todos voltaram a sentar-se. Foram feitas as apresentações. Havia na mesa mais um advogado, Richard Malle, o contador Maurice Cocteau, decano dos empregados, Alain Brialy, representando o governo francês, e, estranhamente, Jean-Claude Levent, diretor da Croix de Marseille, concorrente da Midi-Pyrénées na fabricação de mísseis. Delannoy iniciou sua exposição:

— Madame, senhores. Como sabemos, Louis Kéraudy, o Senhor o tenha, deixou apenas um herdeiro, uma herdeira, melhor dizendo, madame Francine Kéraudy, aqui presente. Desde ontem, ela é a única proprietária da Midi-Pyrénées.

O semblante de Francine não demonstrou qualquer emoção especial.

— Madame Kéraudy estuda Arquitetura em Paris — prosseguiu o advogado — e, certamente, tem seus próprios projetos pessoais. Como sabemos, nunca se envolveu com os negócios do pai, nada próprios à natureza feminina, tomo a liberdade de acrescentar.

Francine continuou calada. Estimulado por seu silêncio, Delannoy prosseguiu. Seria mais fácil do que pensara.

— Mesmo assim, como única herdeira, ela poderá fazer da empresa o que achar mais conveniente. — Colocou a mão esquerda sobre o ombro de Francine, em atitude paternal, e enxugou em seus próprios olhos, com a mão, uma lágrima inexistente. Abaixou o tom de voz.

— Na qualidade de advogado do falecido, proponho, no interesse de Francine Kéraudy, dos empregados da Midi-Pyrénées e, por que não dizer, da própria França, a venda da empresa à Croix de Marseille, sua única concorrente no país, aqui representada pelo senhor Levent. Sugiro como preço o valor patrimonial, fixado em 750 milhões de francos em recente auditoria. Essa importância poderá ser repassada imediatamente a madame Kéraudy.

Francine continuou muda.

— O senhor Brialy — prosseguiu ele —, representante do governo, aqui presente, me fez ver, nos últimos dias, sua preocupação de que a obra de Louis Kéraudy não sofresse solução de continuidade.

Os olhares se fixaram em Francine. Caso ela concordasse com a sugestão, o decano Maurice Cocteau poderia transmitir a boa nova a seus colegas, o procurador do governo Alain Brialy informaria as autoridades em Paris e Jean-Claude Levent contabilizaria para a Croix de Marseille uma das maiores pechinchas da história da indústria de armamentos.

Os detalhes jurídicos não se constituiriam em problema. O advogado Richard Malle já tinha pronto o documento de transferência, a fim de submetê-lo a um juiz, tão logo fosse assinado pela herdeira. Mas Jean-Loup Delannoy tinha mais um argumento.

— Madame Kéraudy, preciso dizer-lhe algo extremamente confidencial. — Virou-se para os outros: — Peço que se retirem por alguns minutos. Eu os chamarei de volta em seguida.

Quanto só restaram os dois, Delannoy arrastou sua cadeira mais para junto da herdeira, tomou as mãos dela nas suas e falou-lhe, quase ao ouvido:

— Minha querida, nos últimos tempos, a Midi-Pyrénées vinha conduzindo uma venda de 500 mísseis ar-superfície Gendarme para a força aérea do Irã. Seu pai, ao morrer, tinha um encontro marcado, para daqui a um mês, com o próprio xá Reza Pahlevi, em Saint-Moritz, para tratar do assunto. Se a Croix de Marseille assumir rapidamente, eles poderão concluir o negócio. Se o perdermos, teremos sérios prejuízos. Já temos 200 mísseis prontos e estocados. Daí a urgência de sua decisão.

Francine não pretendia protelar nada. Tencionava assumir o negócio do pai. Se Louis Kéraudy desejasse vender sua empresa à Croix de Marseille, tê-lo-ia manifestado em vida ou em testamento.

Durante o velório, ela rememorara a infância triste, o abandono prematuro da mãe, os primeiros anos em Paris, seu difícil relacionamento com os homens. Lembrara-se de seus bons tempos com Julius Clarence em Greenwich, de Mississippi Saylor. Finalmente, da bebida e dos dias difíceis passados na clínica em Staten Island.

O que poderia esperar do futuro? Não pensava casar-se novamente. Sua mente só conseguia antever solidão. Então, por que não? Subitamente, produzir e vender armamentos, dirigir homens, fazer com que dependessem dela, mudar os destinos das guerras dava-lhe uma intensa sensação de poderio.

Quando o advogado Jean-Loup Delannoy chamou de volta os participantes da reunião, Francine Kéraudy informou-os, para desespero de todos, que, a partir daquele momento, assumia o comando da Midi-Pyrénées.

Durante um mês, Francine dedicou-se a conhecer os escritórios e as unidades

industriais, tomou contato com os executivos, projetistas e operários. Examinou cada detalhe da empresa, conversou com cada um de seus empregados.

Entre as instalações destacava-se o galpão industrial, com sua forma abobadada, três quartos de sua área situados no subsolo. Essa unidade tinha uma formidável resistência horizontal. Suas paredes espessas fariam com que, em caso de explosão, o impacto se dirigisse para cima, não afetando os setores adjacentes. Esteiras rolantes conduziam os mísseis entre os diversos departamentos durante a fase de montagem.

Cada míssil compunha-se de três seções. Na parte frontal, encontravam-se os componentes de orientação, formados basicamente de radares e sensores térmicos. Na segunda seção, eram montadas as cargas explosivas, constituídas de TNT. Finalmente, a terceira, a parte de trás do míssil, compunha-se de aletas móveis, obedientes aos comandos automáticos instalados no nariz dos artefatos. Os mísseis da Midi-Pyrénées pertenciam a uma geração avançada de armas mortíferas conhecida nos meios militares como Classe FF (*Fire and Forget*).

Nas linhas de montagem, operários, altamente qualificados e remunerados, trabalhavam em compartimentos estanques, de tal maneira que nenhum deles conhecia o trabalho dos outros setores, mesmo os mais próximos. Somente alguns técnicos veteranos, de fidelidade comprovada, conheciam todo o processo de fabricação.

No edifício-sede localizava-se o Departamento de Projetos, onde engenheiros e físicos especializados em ciências aeronáuticas e espaciais trabalhavam sob a chefia do físico austríaco Erik Schwartz.

O restante da propriedade era ocupado por campos de provas ao ar livre, protegidos por dunas e elevações, cercas de arame farpado, muros altos e guaritas em posições estratégicas. Por baixo desses campos localizavam-se as áreas subterrâneas de testes. Finalmente, havia o aeroporto e o heliporto particulares.

Três palavras poderiam descrever a fábrica idealizada por Louis Kéraudy, agora herdada por sua filha Francine: qualidade, segurança e automação.

O setor comercial situava-se longe dali, numa mansão ampla e discreta, em Chantilly, ao norte de Paris. Lá, hábeis e experimentados vendedores conduziam as vendas dos mísseis planejados e montados no complexo de Toulouse a quem se dispusesse a comprá-los, guardadas algumas exceções eventuais, estabelecidas pelo governo francês.

Também em Chantilly localizava-se o setor de informações, onde agentes exclusivos, em sua maioria ex-oficiais, mantinham-se em dia com os acontecimentos do mundo, em particular mudanças políticas e atividades militares. Esses agentes sabiam quais as pessoas certas, em cujas contas bancárias, na Suíça ou em algum paraíso fiscal, um discreto e substancial depósito poderia significar o fechamento de uma lucrativa venda dos artefatos produzidos em Toulouse.

Em um mês, Francine inteirou-se de tudo. Assumiu as funções do pai, a princípio enfrentando a contrariedade dos subordinados. Contratou algumas poucas pessoas e demitiu outras, entre as quais Jean-Loup Delannoy.

Deixou o comando da mansão de Montaigut-sur-Save a cargo de Bernadette. Se ainda fosse vivo, Louis Kéraudy contemplaria, orgulhoso, sua única filha e herdeira assumindo, com gosto, sua fábrica, suas armaduras e seus galgos.

Um mês após o sepultamento do pai, Francine Kéraudy partia ao encontro de Sua Majestade Imperial Mohamed Reza Pahlevi.

Capítulo 71

O xá possuía uma *villa* em Saint-Moritz, anexa ao Hotel Suvretta, onde passava anualmente uma temporada esquiando, em companhia da imperatriz Farah Diba e dos filhos; aproveitava a viagem para um check-up médico em Zurique. Eventualmente, recebia amigos, estadistas e empresários em sua *villa* de inverno.

Francine, desde pequena, conhecera alguns chefes de Estado graças às relações de seu pai. Mais tarde, enquanto casada com Julius Clarence, convivera com celebridades da América. Estava, portanto, habituada a lidar com pessoas importantes. Mas a entrevista com o xá era seu primeiro encontro com um monarca reinante. Junte-se a isso o fato de estar, pela primeira vez, conduzindo uma venda para a Midi-Pyrénées, uma operação da qual dependia o futuro da empresa. Daí seu nervosismo, enquanto aguardava o xainxá.

Desde o primeiro choque do petróleo, há pouco mais de um ano, o xá vinha tentando, com seus petrodólares, fazer do golfo Pérsico um mar iraniano. Sua intenção era transformar seu país na maior potência do Oriente Médio, dotada de uma máquina de guerra ao nível das mais poderosas do mundo.

O xá ostentava o título de Rei dos Reis, fazendo-se passar, aos olhos do mundo, por último descendente direto de Ciro, o Grande, arquiteto do Império Persa há dois milênios. Nada mais falso. O xainxá era filho de um coronel semianalfabeto que, em 1921, coroara a si mesmo imperador ao fim de uma rebelião contra a legítima dinastia persa. A linhagem de Pahlevi remontava, portanto, a exíguos 54 anos.

Desde sua subida ao trono, em 1941, o xá sustentava-se no poder à custa do apoio americano. Tornara-se também uma espécie de playboy do Oriente, tendo se casado primeiro com uma irmã do rei Farouk, do Egito, depois com uma mulher lindíssima, chamada Soraya, e, finalmente, com Farah Diba, uma estudante iraniana da Sorbonne não menos formosa.

Até o choque do petróleo, em 1973, o nome do xá era mais ligado à vida mundana de Paris, Cannes, Nova York, Londres e, na temporada de inverno, às pistas de esqui de Gstaad, Cortina d'Ampezzo e, mais recentemente, Saint-Moritz, onde edificara uma *villa*.

A Guerra do Yom Kippur e a subsequente alta do petróleo mudaram tudo. O Irã tornara-se, praticamente da noite para o dia, possuidor de uma reserva que podia ser medida em dezenas de bilhões de dólares. O xá era agora cortejado pelos compradores americanos e japoneses, recebia em palácio Giscard d'Estaing, Gerald Ford, Harold Wilson, todos ansiosos por agradá-lo e, em troca, assinar contratos que garantissem a seus países o fluxo do precioso petróleo iraniano.

A vida mundana tornara-se um enfado. Reza Pahlevi desejava agora ser um notável líder militar, comandar um poderoso exército, respaldado, no golfo Pérsico, por uma esquadra naval de grande mobilidade e, nos céus do Oriente Médio, por uma força aérea moderna e bem equipada.

Ao fim do inverno, em 1975, o Irã possuía 200 mil homens em armas na ativa, 300 aviões de combate, 500 helicópteros e 40 vasos de guerra. Munido de todo esse arsenal, o monarca podia sonhar mais alto. Pretendia ditar a política do petróleo a seus vizinhos árabes, mantendo-os sob a ameaça permanente de suas forças armadas.

Faltavam ainda alguns detalhes, dos quais o xá gostava de tratar pessoalmente, entre eles a compra dos Gendarmes. Os mísseis franceses, mais versáteis que seus congêneres americanos, tanto poderiam ser lançados dos caças-bombardeiros F-16 da Força Aérea Iraniana como dos ultramodernos helicópteros Cobra recentemente adquiridos dos Estados Unidos.

O xá impressionara-se com um teste secreto que assistira no mar Cáspio, patrocinado pela Midi-Pyrénées. Os mísseis poderiam ser usados no golfo Pérsico, ao sul. Uma vez disparados, seguiriam em velocidade próxima a Mach 1, voando a uma altura de apenas um metro e meio, sobre a crista das ondas, fora do alcance do radar inimigo. Quando atingissem a costa, os sensores térmicos os levariam até os poços e refinarias de petróleo do Iraque, Arábia Saudita, Kuwait e Emirados Árabes Unidos. O monarca gostara tanto que resolvera tratar da compra pessoalmente.

Francine Kéraudy desembarcou no Aeroporto Kloten, em Zurique, e seguiu para o Dolder, onde passou a noite. No dia seguinte, bem cedo, viajou em um bimotor fretado até o pequeno aeroporto de Samedan, espremido entre as montanhas. Um Mercedes 600 do xá a aguardava.

Como tinha várias horas de espera pela frente, ocupou uma suíte no Palace. Programara sua viagem de tal maneira que, se o aeroporto da cidade estivesse fechado pelo mau tempo, como ocorria frequentemente, poderia seguir de trem ou de carro de Zurique a Saint-Moritz sem risco de atrasar-se para o encontro com o xá. Contrariando a opinião de seus diretores, Francine viajou sozinha. Não desejava testemunhas de eventuais inseguranças em seu primeiro encontro importante de negócios.

Às 5h da tarde, pontualmente, o xainxá a recebeu em uma das alas do chalé, especialmente reservada aos assuntos de Estado, os quais o Rei dos Reis nunca abandonava, mesmo quando em férias.

O soberano esquiara por toda a manhã nas encostas do Piz Nair, acompanhado de um batalhão de seguranças, almoçara e descansara. Estava de excelente humor ao sentar-se com a francesa junto a uma lareira.

— Aceite minhas condolências por seu pai. Um grande homem, um patriota. — O xá sabia ser galante e cortês.

— Obrigada, majestade. Agradeço também o telefonema de seu embaixador em Paris. Senti-me confortada pelo apreço. Foi um momento difícil. Para mim e para a Midi-Pyrénées.

— Por falar na empresa, senhora Kéraudy, estranhei vê-la dirigindo pessoalmente o negócio. Não imaginei que entendesse de mísseis. Na semana passada, quando meu cerimonial informou que viria no lugar de seu pai, percebi que, pela primeira vez, iria tratar de armas com uma mulher. Uma experiência diferente, confesso.

O xá sabia bem mais sobre Francine. Havia lido num sumário da Savak, sua temida e eficiente polícia secreta, que a herdeira assumira a fábrica do pai contra a vontade do governo francês. Fora casada com o megaespeculador americano Julius Clarence e já estivera internada por alcoolismo. O xainxá, homem dado a detalhes, determinara que, da bandeja de chá a ser servida durante o encontro, não constasse a habitual garrafa de licor de champanhe.

Embora estivesse tratando de uma vultosa compra de armas, o Rei dos Reis não pôde deixar de notar as pernas bem-feitas da francesa. Um pequeno ângulo formado pelas duas abas do chemise de Francine deixava à mostra a pele alva, um pouco acima do joelho.

O xá tinha um fraco por mulheres e, embora naquela ocasião estivesse mais interessado pelos mísseis do que pela jovem industrial à sua frente, desviava continuamente seu olhar para as pernas da interlocutora, deixando-a em visível desconforto. Percebendo-o, o xainxá desviou o olhar e dedicou-se exclusivamente aos mísseis.

— Na última reunião entre seu pai e meus ministros — disse ele — ficou acertado o preço, a quantidade, o prazo, o local de entrega e o fornecimento de assessoria técnica por dois anos ao pessoal de minha força aérea. O negócio só não foi fechado por causa da nossa exigência de exclusividade.

O Irã condicionava o negócio a um compromisso de Midi-Pyrénées pelo qual os franceses ficavam impedidos de vender o Gendarme a qualquer país do Oriente Médio.

Francine estava a par da exigência.

— O governo francês, senhor, tem como norma reservar para si a decisão sobre quem pode e quem não pode comprar nossos produtos. Por isso não pudemos garantir a exclusividade. Mas existe outro problema. Essa cláusula limita em muito o universo de venda dos mísseis.

O xá ficou satisfeito em ver que a francesa conhecia os fatos e que tinha argumentos. Gostava de negociar com pessoas inteligentes, principalmente quando tinham um joelho tão sedutor.

— Já resolvemos o problema com o governo — continuou ela. — Paris concor-

dou com a exclusividade. Resta negociar uma pequena compensação pela perda de um mercado tão próspero, seus vizinhos, quero dizer.

— E em quanto consistiria essa "pequena compensação"?

— Para que Vossa Majestade possa incorporar imediatamente os Gendarmes a seu arsenal de defesa (os mísseis Gendarmes eram armas de ataque, não de defesa, mas Francine já aprendera algumas mentirinhas convencionais, filigranas próprias do negócio de armas), sugiro um pequeno aumento no preço e na quantidade. Em vez de um lote de 500, proponho 700. Quanto ao preço, tomo a liberdade de sugerir 250 mil por unidade.

— Não estou habituado a discutir minúcias. Meus assessores fazem isso. Mas quero resolver tudo hoje. Concordo com seus termos, embora meu sangue de mercador persa me faça sentir que poderia conseguir um desconto sobre esse último preço.

Feita a ressalva, o xá deu uma última olhada nas pernas de Francine e levantou-se, encerrando a audiência. Acompanhou a empresária até a porta, satisfeito. Estava muito mais interessado na exclusividade do que no preço.

— Espero vê-la algum dia em Teerã — despediu-se. — Uma bela cidade, senhora Kéraudy. Faça chegar a meu conhecimento se resolver visitar-nos. Quanto à assinatura do contrato, receberá um telefonema de meus assessores combinando os detalhes.

Uma hora depois, ela voava para Zurique.

No dia seguinte, os profissionais da Midi-Pyrénées tomaram conhecimento do negócio fechado em Saint-Moritz. Passaram a respeitar a nova patroa. Ela mesma, Francine Kéraudy, ex-Clarence, pela primeira vez na vida, respeitou a si mesma.

Capítulo 72

Desde os tempos de Chicago, quando operava no pregão de trigo, o trabalho constituíra-se em prioridade absoluta na vida de Clarence. A presença de Jessica provocara uma mudança. Passara a aguardar com prazer as tardes de sexta-feira quando, regressando com Antoine a Greenwich, se alegrava com a perspectiva de passar dois dias inteiros ao lado da mulher, desligado dos negócios.

Nesses dias costumava indagar-se: o que ela haveria programado desta vez? Um churrasco à beira da piscina com Martin, Bernard e as famílias? Ou passariam, ele e Jessica, o fim de semana sozinhos numa curta viagem ao campo?

Em datas festivas, a mansão era invadida por um exército de cunhadas e sobrinhos, vindos de Illinois. Julius gostava quando chegavam e, mais ainda, quando iam embora e a casa retornava à sua calma habitual.

Apreciadora de teatro, quando havia algum bom espetáculo novo em cartaz, Jessica reservava as entradas e um restaurante para depois.

Nas noites de domingo, quando interrompia o descanso e se dirigia à suíte da Liberty Tower para operar nos mercados do Oriente, Clarence levava Jessica consigo, prolongando a convivência do fim de semana. Ela frequentemente o ajudava, rodando programas de computador. Outras vezes, limitava-se a fazer-lhe companhia, preparar café e sanduíches.

Enquanto ele iniciava sua semana de trabalho, os dois contemplavam a paisagem, tendo aos pés o estuário do Hudson, cada estação do ano um cenário diferente.

No verão de 1975, ele comprou *Miss Montego*, um esplêndido iate de 20 metros. Deixava a navegação por conta de profissionais, não se sentia com inclinação ou talento para a vida do mar. Enquanto durou o verão, os fins de semana foram quase todos passados a bordo em companhia de amigos. Como nos velhos tempos, à noite, após o jantar, Jessica cantava as baladas do Illinois, acompanhando-se ao violão.

Ao chegar o outono, *Miss Montego* foi levado para a Flórida, onde o clima e as águas tépidas do golfo do México e do Caribe permitiriam a navegação, mesmo no inverno.

Julius nunca se sentira tão bem. Sua aparência o demonstrava. Aos 35 anos, era um homem maduro e circunspecto. No trabalho, trajava-se com apuro e sobriedade. Fora dele, dava preferência aos jeans, eventualmente acompanhados de um blazer. Seus olhos azuis destacavam-se no rosto bronzeado pelos fins de semana no mar.

A seu lado, Jessica, jovem e esguia, fazia uma bela figura. O que mais se invejava no casal era a camaradagem. Mais que marido e mulher, eram amantes, amigos, sócios, colegas.

Os negócios prosperavam. A Associados, o Comercial de Manhattan e a cadeia Bars, sob o comando de executivos competentes, prescindiam da supervisão constante de Clarence para manter o fluxo de lucros. Julius passava a maior parte do tempo à mesa de operações, sentado em frente a Bernard Davish. Alan Payne continuava em Ridgefield, de onde procurava municiar a Liberty Tower com informações de primeira mão. Todos, Alan, Bernard e Clarence, sem nada que desafiasse seus talentos, mais adequados às batalhas e às crises, entediavam-se em suas rotinas de trabalho.

Foi quando surgiu a ideia da compra de um grande lote de ações da H. Knox. Fora o tédio, nada poderia explicar por que deixaram suas guardas tão abertas a ponto de correr um risco tão grande.

Ao contrário de Clarence e seus executivos, Clive Maugh, em Lausanne, trabalhava como nunca.

Após a morte de René Russon e a demissão de Jean Lesneur, o novo diretor de Operações destacava-se entre os colegas. Continuava um solitário e pouco falava nas reuniões do Comitê Diretor. Mas, sob sua gestão, as carteiras administradas pelo Sindicato apresentavam níveis excepcionais de rentabilidade, mesmo para os rigorosos padrões do Centro-Europeu.

Maugh continuava operando até tarde da noite. Pernoitava no banco quando julgava necessário e pesquisava nas horas de folga. Não fossem suas metódicas pesquisas, não teria chegado à H. Knox.

No início da segunda metade da década de 1970, as empresas japonesas começavam a dominar o mercado de aparelhos eletrônicos. O Japão vendia produtos mais baratos e de qualidade cada vez melhor. As grandes multinacionais americanas, entre elas a H. Knox, sentiam a concorrência. A maioria só continuava no mercado graças a suas marcas famosas.

As fábricas da H. Knox espalhavam-se por vários estados americanos e por diversos países. A empresa, fundada na Filadélfia por Henry Knox nos anos 1920, começara fabricando rádios e vitrolas. Conseguira sobreviver à Grande Depressão. Durante a Segunda Guerra, fabricara equipamentos de comunicação para as Forças Armadas. Depois do conflito tornara-se a maior fabricante mundial de televisores.

A marca do elefante com sua tromba erguida representava qualidade, quase perfeição.

Com a chegada da fortuna, Knox tornou-se um excêntrico. Por pouco, não morreu, ao tentar atravessar o país a bordo de um balão. Bateu o recorde mundial de velocidade sobre rodas, no deserto de Alvard, e foi o primeiro homem a saltar 5 mil metros em queda livre. Tornou-se um defensor da vida selvagem e custeou uma campanha mundial contra as caçadas na África.

No início dos anos 1950, deixou a direção dos negócios e abriu o capital da empresa, deixando-a aos cuidados de executivos profissionais. Comprou uma fazenda no Quênia, para transformá-la em reserva animal.

Não conseguiu muito. Foi morto em 1953 pelos Mau-Mau.

A morte do fundador não freou o crescimento do grupo. A H. Knox passou a fabricar máquinas de escrever e calculadoras elétricas, que vieram se juntar à afamada linha de produtos de imagem e som. Ao fim dos anos 1960, os produtos com o símbolo do elefante podiam ser encontrados em mais de 100 países.

Vieram, então, os japoneses vendendo barato, inundando o mercado. A H. Knox não admitiu reduzir custos, para não sacrificar a qualidade. Foi, aos poucos, perdendo a concorrência. Suas fábricas passaram a trabalhar no vermelho, os dividendos tornaram-se menores. As ações já caíam na bolsa há mais de cinco anos quando Clive Maugh descobriu o papel.

Após estudar a H. Knox, Maugh concluiu: se conseguisse adquirir um lote de ações suficiente para controlar a empresa, poderia desmantelá-la, vender algumas fábricas, sucatear outras e, mais importante e lucrativo, repassar o nome e a marca do elefante a outro grupo industrial.

Não seria desejável envolver o Centro-Europeu diretamente na operação. Cada vez mais, os suíços gostavam de discrição. Restava encontrar um testa de ferro confiável para, através dele, comprar para o Sindicato o controle da H. Knox.

Depois de pesquisar com Otto Behr, Clive Maugh decidiu utilizar os serviços de Zack Hickox, corretor em Wall Street, famoso por suas grandes tacadas e também por seus não menos frequentes prejuízos.

Hickox, recém-saído de um sério revés na bolsa, farejou imediatamente um bom negócio, ao ser contatado pelos suíços. No dia seguinte reuniu-se com Maugh e Otto em Lausanne. Recebeu suas instruções e, ao retornar a Nova York, passou a comprar os papéis da H. Knox.

Durante seis meses, sob a supervisão atenta de Clive Maugh, Zack comprou ações praticamente despercebido.

Capítulo 73

Jack West conciliava sua vida de ermitão e sua profissão de operador de mercado. Em sua cabana junto ao monte Hood, 80 quilômetros a sudeste de Portland, ainda precisava acender laboriosamente o fogão a lenha para cozinhar suas refeições, mas já contava com os mais modernos computadores e terminais de cotação e de notícias para exercer seu ofício.

Havia uma simpatia mútua entre ele e Clarence. Jack era um dos primeiros mercadores noturnos que Julius contatava quando, aos domingos, no começo da noite, chegava à suíte da Liberty Tower para dar início a sua jornada semanal de trabalho. De sua cabana, ao crepitar da lareira, West comprazia-se em trocar ideias com o famoso colega nova-iorquino. Ao longo da semana falavam-se algumas vezes. Aos domingos, era sagrado.

Por intermédio de Jack, Clarence teve sua atenção despertada para a H. Knox. West estudara o papel, examinara gráficos e cotações. Constatara um aumento sistemático no preço e no volume de negociação. Esse padrão de comportamento já durava seis meses, sem interrupção.

Alertado pelo colega do Oregon, Julius também analisou os gráficos e constatou: as ações da H. Knox haviam feito um *break away gap* na semana anterior.

No jargão dos grafistas, um *break away gap* ocorria quando uma ação, ou um produto qualquer, mudava de patamar e começava a ser negociado em nível superior a seu valor histórico recente. Significava que uma ou várias pessoas estavam comprando aquele ativo, pagando cada vez mais, a fim de atrair vendedores. Era um sinal de alerta. Costumava indicar uma oportunidade de ganho fácil pela frente. Clarence ficou excitado ao constatar o *break* da H. Knox. Decidiu comprar também, antes consultando Bernard Davish e Alan Payne.

Bernard sentia-se entediado com a monotonia reinante no escritório. Estava louco por ação. Por isso, ao ser consultado por Julius, fez alguns estudos superficiais sobre a H. Knox, constatou a qualidade de seus produtos, o grande valor da marca. Concordou com a compra. Payne investigou os dirigentes da empresa e só encontrou boas referências. Tal como Davish, aprovou o negócio, sem restrições.

Julius passou a comprar as ações em bolsa para vendê-las, mais tarde, com lucro. Nem mesmo remotamente pensou em controlar a H. Knox.

Clive Maugh logo percebeu que havia outro comprador.

Não se assustou. Já possuía um número de ações suficiente para assumir o controle e executar seu plano. Mas, definitivamente, não gostou quando soube, por intermédio de Hickox, que Julius Clarence estava comprando seu papel.

Em recente viagem ao Japão, em companhia de Zack Hickox e do contador do Sindicato, Jacques Schneider, o inglês acertara com os japoneses da Chimba, fabricantes de produtos eletrônicos, a venda do nome H. Knox e da marca do elefante por 200 milhões de dólares.

O próximo passo seria a venda das instalações industriais e dos imóveis. O grupo fundado por H. Knox ver-se-ia reduzido a uma montanha de dinheiro, *cash*, a ser distribuído entre os acionistas. Entre os quais o Centro-Europeu, possuidor agora da maior parte das ações.

Mas, quando Zack lhe comunicou que a Clarence & Associados estava lotada daqueles papéis, Maugh resolveu mudar o plano. Decidiu largar a H. Knox, sem o nome tradicional e a marca famosa, na mão de Julius Clarence. Voltou a Tóquio, levando consigo Zack Hickox, e impôs novas condições aos japoneses. Em vez de 200 milhões, a Knox venderia seus símbolos por apenas 20. Os restantes 180 seriam pagos por fora ao Centro-Europeu. Para a Chimba, não fazia diferença. Concordaram com a nova proposta.

Clarence ficou estupefato ao saber que a H. Knox vendera seu nome e sua marca por 20 milhões de dólares. A empresa passava a chamar-se Andromeda, com novo logotipo, um emblema dourado em forma de elipse. Ao mesmo tempo, Julius soube que Zack Hickox detinha o controle.

As ações, que antes haviam feito um *break away gap* para cima, fizeram um novo *break*, só que, desta vez, para baixo. Em poucos dias, os títulos da H. Knox — da Andromeda, melhor dizendo — perderam 1/3 de seu valor, caindo de 30 para 20 dólares.

Mas o inferno astral de Julius Clarence estava longe de chegar ao fim. Clive Maugh ainda controlava, através de seu testa de ferro nova-iorquino, 5 milhões de ações. O inglês liquidou-as rapidamente para garantir mais alguns milhões ao Sindicato. A Andromeda caiu para 16 dólares.

Andromeda, elipse dourada, *break away gap* para baixo, 16 dólares. A cada nova desgraça, Clarence sentia-se, cada vez mais, um amador irresponsável. E Zack Hickox continuava vendendo por qualquer preço, forçando o papel para baixo. A Andromeda — Julius não conseguia se acostumar ao novo nome — só se estabilizou quando chegou a 12 dólares e o Sindicato vendeu seu último lote, sempre através do testa de ferro.

Clarence colocara muito dinheiro na maldita operação. Não podia, simplesmente, deixá-lo virar fumaça. Os produtos fabricados pela Andromeda eram de boa qualidade, tinha consciência disso. Restava-lhe ficar com a empresa e tentar soerguê-la.

A essa altura, usara recursos da Associados, do Comercial de Manhattan e até mesmo das Lojas Bars. Envolvera seu grupo em uma operação executada sem o menor planejamento, iniciada apenas para fugir do tédio. Mesmo assim, o capital

revelou-se insuficiente. Precisava de mais para transformar a Andromeda em uma indústria lucrativa e tirar as outras empresas do buraco onde ele mesmo as havia colocado.

Como fizera em outros momentos de dificuldade, recorreu a Abdul al-Kabar. Mas, pela primeira vez, não pôde contar com o árabe. Este, segundo informou Basil Kennicot, encontrava-se às voltas com a política da OPEP. Lamentavelmente, não se encontrava disponível.

Julius admitia sua culpa pelo fracasso da operação. Só não entendia por que a marca e o símbolo da H. Knox haviam sido vendidos por tão pouco. Mas não demorou a saber. Zack Hickox, em uma festa, bêbado, confidenciou a alguns amigos que a Chimba pagara ao Sindicato 180 milhões de dólares em troca do nome e do elefante com a tromba erguida. A informação chegou logo a Alan Payne. Mas não havia provas. Nada se podia fazer a respeito.

Como em crises anteriores, Julius voltou a fumar e beber em demasia. Mal saía da Liberty Tower. Mas não se deu por vencido. Jurou a si mesmo recuperar suas empresas e fazer da Andromeda a melhor e mais eficiente fabricante de produtos de áudio e vídeo do mundo. A elipse dourada, assim como o novo nome, já não lhe parecia tão estranha.

Mas seus problemas estavam longe de uma solução definitiva. Os japoneses da Chimba, agora H. Knox, entraram no mercado americano vendendo por preços muito inferiores aos que a Andromeda podia oferecer. O momento não podia ser pior. Uma greve, a primeira enfrentada por Julius, paralisara a fábrica de televisores. Seus operários, à frente o líder Terence Coyote, pressionavam por aumento de salários.

Clarence encontrou-se a sós com Coyote e surpreendeu-se quando este lhe extorquiu 50 mil dólares para acabar com a greve. Então, o filho da puta concordava em pôr fim ao movimento, desde que recebesse dinheiro. Julius lutava contra a maior crise de sua vida e o canalha se vendia por míseros 50 mil.

Entregou-lhe o suborno pessoalmente. O ardiloso sindicalista aproveitou a ocasião para sugerir uma campanha publicitária contra os produtos estrangeiros. Poderiam, assim, ajudar a Andromeda e prejudicar a Chimba.

Da conversa entre Julius Clarence e Terence Coyote, dentro de um carro em movimento pelas ruas de Manhattan, surgiu o lema: "Compre americanos".

A "Compre americanos" foi uma campanha árdua. Árdua e suja. Cenas da Segunda Guerra Mundial, como o ataque a Pearl Harbour, foram relembradas. As empresas estrangeiras tiveram seus nomes vinculados ao desemprego na América, os operários japoneses eram mostrados como robôs, trabalhando sem descanso em suas linhas de montagem, em concorrência desleal com seus colegas americanos.

Ao fim da campanha, Terence Coyote tornara-se um líder sindical de projeção. Representava o símbolo da nova ordem: operários americanos consumindo

produtos americanos. Clarence deu a sua cota de contribuição. Acertou com seus operários a participação de todos nos lucros da Andromeda. Foi preciso também alterar alguns hábitos pessoais. Trocou seu Mercedes Classe S por um Cadillac Fleetwood e sua Ferrari Testarossa, nova em folha, por um patriótico Corvette.

Sua imagem foi beneficiada pela "Compre americanos", tornando-o uma espécie de paladino do *american way of life.* Os grandes bancos sentiram-se constrangidos em recusar empréstimos, a juros baixos, à Andromeda. Uma reportagem publicada no *Miami Herald,* acusando-o de ter furado o bloqueio a Cuba — teria vendido, segundo o jornal, um ano antes, 1 milhão de toneladas de açúcar para Fidel Castro —, foi desacreditada.

Dessa vez Julius Clarence escapou por um triz.

Clive Maugh encerrou seu expediente mais cedo e correu para casa. Naquela noite de quarta-feira, excepcionalmente, o turco Efram iria fornecer-lhe novamente as duas gêmeas coreanas que conhecera no sábado. Tinham o clitóris avantajado, algo que nunca vira antes.

O inglês nunca se excitara tanto e queria repetir a dose. Ao contrário de Julius Clarence, nada tinha contra produtos orientais.

Quando West abanou o fogo, a lenha seca estalou entre as chamas. Aproveitou o calor do fogão e aqueceu as mãos geladas. Pegou a panela de feijão, colocando-a sobre a trempe, acima das labaredas. Com uma colher de pau, mexeu o ensopado de carne em outra panela. Dividiu uma broa de milho em duas partes. Pôs uma delas sobre a chapa quente.

Feijão, carne ensopada com molho de chili, pão caseiro e uma caneca de cerveja. Quando a fome estivesse saciada, Jack West voltaria ao trabalho.

As ações da Andromeda, agora, estavam em alta e, por certo, em algumas semanas, recuperaria seu prejuízo. Não que o dinheiro pudesse fazer-lhe falta. Ali, no monte Hood, ter mais ou menos dinheiro não fazia a menor diferença. Era apenas uma questão de marcação. Jack, simplesmente, não gostava de ficar do lado perdedor no jogo do mercado.

Engraçado aquele Julius Clarence. Em nenhum momento mencionara o fato de ele, West, ter indicado as ações da H. Knox, que acabaram se transformando em Andromeda.

Tinha um palpite sobre aquele caso. Uma vaga suspeita de que todos os lados haviam jogado sujo naquela parada. Uma vaga suspeita. Por isso, embora gostasse tanto do mercado, preferia trabalhar sozinho ali nas montanhas.

O agente do FBI exibiu o mandado de prisão e recitou o Miranda. Depois, algemou Zack Hickox pelas costas. Mais tarde, ele seria levado à presença de um juiz e acusado de fraude, manipulação de mercado, uso ilegal de informações privilegiadas e sonegação de impostos.

Hickox assumiu a culpa sozinho. Sabia o suficiente sobre o Sindicato para desrespeitar o juramento de silêncio feito a Otto Behr, seis meses antes, em Lausanne. Guardava a lembrança do chefe da Inteligência do Centro-Europeu tendo em mãos o retrato de sua filhinha, Cynthia Hickox, de apenas seis anos, tirado no pátio do recreio da escola de freiras Mary Mount, na 5ª Avenida, junto ao Central Park.

Capítulo 74

Clarence tornara-se mais rico, controlava mais empresas. Os corretores e operadores de Wall Street tinham-no como um ídolo, admiravam sua fibra e sangue-frio, aplaudiam seus sucessos. Já os banqueiros tradicionais o viam cada vez mais como um aventureiro, muito bem-sucedido, é verdade, mas, inequivocamente, um aventureiro.

Quando avaliavam sua atuação como operador de mercado, todos eram unânimes. Ninguém o igualava, pelo menos na América.

Graças a esse talento, um ano após a compra da Andromeda, Clarence ganhara dinheiro suficiente para transformá-la numa indústria moderna e eficiente e devolver às suas outras empresas o capital usado para a compra da antiga H. Knox. Fizera mais do que isso. No ano de 1976, as carteiras de clientes administradas pela Associados haviam apresentado a notável rentabilidade de 70%.

Nenhum fundo de investimentos americano sequer se aproximara de tal performance. Resultado superior só na Suíça, onde o Banco Centro-Europeu de Lausanne obteve, para as carteiras administradas por Clive Maugh, um resultado de 110%.

Mas poucos sabiam dos resultados de Maugh. O Sindicato não tinha o costume de propalá-los.

Nada disso constava da pauta da conversa entre Julius Clarence e Basil Kennicot, sentados à mesa do Savoy Grill, para almoçar, no início de uma tarde chuvosa de inverno. Os dois estimavam-se mutuamente. Seus encontros, embora raros, eram, via de regra, extremamente agradáveis a ambos.

Clarence chegara pela manhã a Londres, hospedando-se no próprio Savoy. Já se encontrava no restaurante, degustando um malte puro, quando o advogado chegou. Kennicot deu uma olhada na mesa e comentou maliciosamente:

— Compre americanos. Certamente esse líquido escuro em seu copo é o mais puro bourbon do Kentucky.

Julius aceitou a provocação.

— Quando estou fora, abro uma exceção. Questão de cortesia com os nativos.

Kennicot sentou-se e pediu um Porto. Esperou o garçom afastar-se e estendeu a mão, a palma na vertical, voltada para Clarence.

— Deixe-me adivinhar — disse rindo. — Você já tem uma corretora, um banco, uma cadeia de lojas e uma fábrica de aparelhos de televisão. Quer agora comprar uma companhia de navegação e precisa de meus humildes préstimos.

Clarence encerrou a brincadeira.

— Estou aqui para comprar a parte de Abdul al-Kabar na Associados e no Manhattan.

O advogado não se impressionou.

— Sempre me perguntei quando aconteceria isso.

— Pois eu nunca havia cogitado a hipótese. Pelo menos até o ano passado, quando fiquei em dificuldades por causa da Andromeda e sequer consegui falar com Abdul. Naquele momento, decidi que, tão logo fosse possível, encerraria a sociedade. Não está sendo de nenhuma utilidade para mim. Foi muito importante no início quando eu precisava desesperadamente de capital.

O garçom serviu o Porto. Quando veio o maître, Julius pediu uma omelete à Arnold Bennet e peito de pombo grelhado com *foie gras,* alho e champignon. Kennicot optou por carpaccio marinado com óleo de trufas e rim de carneiro com bacon.

Quando novamente ficaram a sós, o inglês olhou discretamente para os lados, para verificar se alguém os poderia estar ouvindo. Falou sério:

— As condições de recompra são pesadas. Principalmente as da Associados. Se não me falha a memória, há dez anos, você assinou um contrato pelo qual concordou em remunerar o capital investido por eles, cinco vezes mais do que a valorização do ouro. No caso do Manhattan, a coisa é mais fácil. Uma vez e meia o valor de mercado, se não estou enganado.

— Basil, você nunca se engana. Mas, por incrível que pareça, terei que desembolsar mais dinheiro pelo Manhattan. — Explicou que, devido ao enorme crescimento das duas empresas, tornou-se mais vantajoso pagar pela Associados cinco vezes a valorização do ouro do que pagar pelo Manhattan uma vez e meia a valorização de suas ações.

— Com o ouro a 100 dólares — concluiu —, vou pagar pelas ações da Associados 100 milhões de dólares, equivalentes a cinco vezes 200 mil onças. Já a parte do Manhattan, apesar de valer muito menos, vai me custar 112 milhões, ao preço de fechamento das ações ontem no mercado de balcão. Duzentos e doze milhões para ficar sozinho com o meu negócio, este é o preço.

O garçom serviu as entradas. Clarence comeu um pedaço da omelete, deliciou-se com a combinação de queijo derretido e peixe defumado, e continuou:

— O mais difícil foi conseguir separar tanto dinheiro sem o conhecimento de meus próprios diretores. Nenhum deles sabe da sociedade. Durante 10 anos, fui obrigado a fazer malabarismos para manter o assunto em segredo. Mas agora acabou. Já tenho tudo depositado nas ilhas Cayman.

— Irei pessoalmente a Riad — disse Kennicot, degustando o carpaccio. — Notificarei meu cliente e prepararei uma quitação.

Não falaram mais de negócios. Após o pombo e o rim, saborearam um Peach

Melba, legendária invenção da casa. Prolongaram ao máximo o encontro. Naqueles 10 anos, Julius Clarence e Basil Kennicot haviam se tornado grandes amigos.

Alguns dias depois, Kennicot viajou para a Arábia Saudita, onde Abdul al-Kabar o recebeu em sua casa.

O árabe ficou satisfeito com o fim da sociedade. Tal como acontecia com Clarence, precisava ocultá-la, para não prejudicar suas atividades de ministro. Seria uma preocupação a menos.

Al-Kabar lidava com vários problemas simultaneamente. O xá Reza Pahlevi vinha forçando novas altas do petróleo e, ao modo de ver de Abdul, o Ocidente não poderia suportar tais aumentos. Finalmente, sua posição política tornara-se fraca em seu próprio país desde o assassinato do rei Faissal.

Alguns meses depois, foi substituído no cargo de ministro do Petróleo. Mudou-se para Londres, onde constituiu uma empresa de consultoria.

Embora Clarence viajasse constantemente para Londres a negócios e mais tarde tivesse comprado uma casa no interior da Inglaterra, ele e Abdul nunca mais se encontraram.

Quinta parte

Capítulo 75

Acontecimentos importantes marcaram o fim da década de 1970. No Irã, multidões enfurecidas forçaram o xá a abandonar o trono de Ciro, o Grande, e tomar o rumo do exílio, deixando o poder para os mulás liderados por Khomeini. Meses depois, a embaixada americana em Teerã foi invadida, seus funcionários tomados como reféns.

A situação mundial tornou-se tensa. Ouro e petróleo voltaram a subir. Todos temiam que a crise iraniana se transformasse em guerra e incendiasse o Oriente Médio.

Julius Clarence terminara de pagar as ações compradas de Abdul al-Kabar e solidificara suas empresas. O caipira de Davenport era agora uma grande celebridade, um magnata.

Jessica compartilhava de cada minuto da vida do marido. Incentivava seus negócios e o acompanhava em suas viagens, agora feitas em um jato Cessna 500, Citation, particular.

Julius não foi o único a crescer naqueles três anos. Em Lausanne, Clive Maugh tornara-se o mais importante diretor do Sindicato. Continuava trabalhando até altas horas da noite e ainda operava pelo telefone. Mas, agora, além de cuidar de suas próprias operações, supervisionava o trabalho de outros profissionais.

Dezenas de milhões de dólares de aplicações novas entravam mensalmente no Centro-Europeu. Gustave Thayer, da captação, não mais precisava sair em busca de clientes. Estes vinham a ele, ansiosos por se protegerem da corrosão inflacionária provocada pela alta do petróleo.

Não somente os donos das grandes fortunas, o crime organizado, as igrejas, os tiranos e os corruptos procuravam o Sindicato para proteger seu patrimônio. A grande fonte de recursos provinha agora dos petrodólares que inundavam o Oriente Médio. Todo esse dinheiro fluía, aos borbotões, direto para as carteiras de Clive Maugh.

Ninguém se decepcionava. Por isso, o Centro-Europeu não parava de crescer. Rivalizava agora, em quantidade de recursos administrados, com os grandes bancos do Ocidente. Maugh, mesmo contra sua vontade, deixara de ser um anônimo operador. Para seu grande desprazer, contemplava frequentemente seu nome e sua foto nos mais importantes órgãos da imprensa internacional. Mudara-se para um apartamento maior, à margem do Lac Léman, onde continuava lendo seus livros e revistas, ouvindo suas músicas, recebendo suas putas e corrompendo suas adolescentes.

A Midi-Pyrénées também se beneficiara com a crise do Oriente Médio. O mercado de armas se aquecera e a fábrica de Toulouse precisara ampliar suas instalações para atender às encomendas vindas de todo o mundo.

Aos poucos, Francine aprendera e assumira todas as funções do pai. Seus engenheiros e operários já não mais estranhavam ter de obedecer a uma mulher. Quando não se encontrava na fábrica, ela dividia seu tempo entre a mansão de Montaigut-sur-Save, o apartamento de Paris e as cada vez mais frequentes viagens de negócio.

Raramente sentia solidão. Além do trabalho e das viagens, havia agora Catherine, engenheira, ex-piloto de provas e amiga íntima da senhora Kéraudy.

Francine e Catherine viviam um romance.

Catherine Sorel, filha do ex-primeiro-ministro Gérard Sorel, fora, durante anos, piloto de provas da Avions Marcel Dassault. Até que, em 1967, sofrera um gravíssimo acidente com um Super-Mystère B2, no Mediterrâneo, ao norte da Tunísia.

Além de múltiplas fraturas e lesões, Catherine foi vítima de graves queimaduras. Seu rosto transfigurou-se completamente. Foi preciso, primeiro, esperar a cicatrização dos ferimentos e a solidificação dos ossos. Só então pôde ser iniciado o penoso e prolongado tratamento cirúrgico para reconstituição da face. Felizmente havia a clínica do professor Tartuf Zardil, em Zurique, onde se operavam verdadeiros milagres.

Foram necessários cinco anos e dezenas de operações para que a piloto de provas recuperasse sua beleza. Os implantes, efetuados pela mão segura e competente de Zardil, reconstituíram-lhe a pele lisa. Não restou cicatriz aparente.

Catherine Sorel não aparentava seus 40 anos. Sua fisionomia serena e descontraída raramente revelava a dor que sofrera durante o tratamento.

Após a recuperação, conseguira emprego na Midi-Pyrénées. Sua tarefa consistia em avaliar o comportamento aerodinâmico dos aviões, ao serem equipados com os mísseis ar-ar e ar-superfície da fábrica de Toulouse. Competia-lhe conversar com os pilotos de provas, voar com eles. Infelizmente, não podia mais pilotar. Um de seus olhos, embora esteticamente perfeito, tinha apenas 20% da visão, também consequência do terrível acidente no Mediterrâneo.

Seu trabalho era importantíssimo para a fábrica de Toulouse. Seu nome dava prestígio à empresa. Fazia-se respeitar pelos projetistas dos mísseis e pelos pilotos, civis e militares, com os quais lidava diariamente.

No início, o relacionamento com Francine foi difícil. Catherine, mais do que os homens, não gostava de ser dirigida por uma mulher. Principalmente uma milionária mimada, que nada entendia de aviões, de armas e que, praticamente, pouco conhecia do negócio do pai. Francine, por seu lado, enciumava-se ao ver a outra conversando de igual para igual com engenheiros, desenhistas e projetistas, coisa que jamais conseguia.

Mal se suportavam quando a coisa estourou.

A Midi-Pyrénées gastara meses de trabalho e dezenas de milhões de francos para produzir o Antares, especialmente concebido para equipar o Mirage F1, da Marcel Dassault. Alguns exemplares haviam sido enviados ao construtor dos caças para testes de voo. Faltava apenas a aprovação final para o início da fabricação em série.

Francine e seus engenheiros depositavam grandes esperanças no Antares. Mas os pilotos da Dassault não estavam gostando da maneira como os aviões se comportavam no ar quando equipados com ele. Catherine, em vez de defender a Midi-Pyrénées, posicionou-se ao lado dos aviadores. Estes queriam uma redução do tamanho dos mísseis, que, segundo eles, naquelas dimensões, prejudicavam a dirigibilidade dos caças quando voavam de dorso.

A modificação em si não constituía um problema técnico de difícil solução. Mas o tamanho menor significaria uma carga menor de TNT, portanto um menor poder de destruição, implicando uma redução do preço final de venda dos mísseis. Estava em jogo um prejuízo de 18 milhões de francos.

Na opinião de Francine, sua subordinada queria apenas dar uma demonstração de força, fazendo com que a fábrica cedesse a um capricho seu. Mas, embora contrariada, manteve sua decisão em aberto. Exigiu que lhe provassem a necessidade das modificações no projeto Antares.

Catherine não aceitava discutir o assunto com uma leiga, só porque era dona da empresa; não gostou quando foi chamada à sala da presidente. Decidiu provocar um incidente irreversível.

— Só existe uma maneira de provar — disse ela, acidamente, ao entrar na sala. Levante a bundinha cheirosa dessa cadeira estofada e vá sentar-se com um piloto de verdade na porra do cockpit do F1. Quando o caça estiver voando de dorso, vai trepidar como uma chocolateira. Então, queridinha, você vai saber por que estou do lado dos pilotos.

Para sua completa surpresa, Francine aceitou o desafio.

No dia seguinte, Catherine viu-se obrigada a levá-la ao campo de provas da Aérospatiale — que costumava emprestar suas instalações à Midi-Pyrénées —, a noroeste de Toulouse. Um Mirage F1, modelo *biplace* de treinamento, novo em folha, aguardava à porta de um dos hangares, pronto para sair. Em cada uma das asas, presos à parte inferior, dois Antares, a parte frontal dos mísseis projetando-se um pouco à frente do bordo de ataque, as aletas traseiras estendendo-se além do bordo de fuga.

No vestiário, Francine trocou de roupa, vestindo um macacão de voo. Foi, então, conduzida ao assento traseiro, ejetável, do caça. Equiparam-na com capacete, máscara de oxigênio e aparelhagem de intercomunicação com o piloto.

O bólido foi taxiado e conduzido à cabeceira. O piloto deu uma última checada nos instrumentos, comunicou-se com a torre de controle e, pelo interfone, avisou a passageira de que se preparasse para a decolagem. Comprimiu, então, os dois pedais dos freios e empurrou a manete do acelerador, injetando querosene nas duas turbinas, de 16 mil libras de empuxo cada uma. Soltos os freios, Francine foi projetada, de maneira selvagem, contra o assento. O caça saltou para a frente, como uma fera libertada de seus grilhões, e engoliu rapidamente a pista de concreto.

Já no ar, o piloto elevou o nariz para um ângulo de subida de 30 graus.

Dez minutos depois, na altitude de 30 mil pés, velocidade de Mach 0.9, ele nivelou o Mirage. Fez sinal com o polegar direito, indicando o início do teste.

Os comandos à frente de Francine começaram a se mexer quando o piloto levou a alavanca do manche para o lado direito, tomando o cuidado de pressionar, ao mesmo tempo, o pedal esquerdo do leme de direção, a fim de manter a trajetória. O avião girou lentamente em torno de seu próprio eixo e completou um *demi-tonneau.*

Instantes depois, o corpo rígido de Francine registrou a trepidação que se apoderou do aparelho. Segurou-se no assento com as duas mãos, como se disso dependesse a estabilidade do caça.

Depois de alguns segundos, que pareceram a ela uma eternidade, o piloto comandou o retorno à atitude de voo de cruzeiro e iniciou a volta à base.

Francine nunca voara em um avião de caça, muito menos de dorso, menos ainda trepidando daquela maneira. Quando o piloto conduziu o Mirage de volta ao hangar, suplicou a Catherine que a levasse rapidamente para longe dali.

Mal deixaram o aeroporto, pediu-lhe que parasse o carro. Saiu rapidamente e vomitou.

Catherine segurou sua testa. Depois a conduziu gentilmente de volta ao veículo.

— Desculpe-me — disse ela. — Eu não tinha o direito. Não tinha o direito de deixar você voar naquele avião. Assim que chegarmos à fábrica, receberá meu pedido de demissão. Não vou mais atrapalhá-la. Você vai ser respeitada, garota. Nem mesmo seu pai, nem mesmo ele, teve coragem de subir lá em cima para ver como as coisas acontecem na vida real.

— Não vai pedir demissão nenhuma. Você vai nos ajudar a diminuir a porra daquele míssil. — Francine nunca falara daquela maneira.

Desde então tornaram-se amigas. Mais tarde, íntimas. Catherine, a que não gostava de obedecer a mulheres. Francine, a que tinha dificuldades com os homens...

Capítulo 76

Quando, em janeiro de 1848, James W. Marshall descobriu ouro na Califórnia, aventureiros de todo o país correram para a região. Um ano depois, os garimpeiros podiam ser contados às dezenas de milhares, acomodados em cidades improvisadas.

Era preciso alguma coisa para divertir aquela multidão de homens rudes. Surgiram, então, as touradas que os mexicanos, vindos do Sul, haviam herdado de seus colonizadores espanhóis. Mas a luta entre o homem e o touro não foi suficiente para agradar aos garimpeiros. Queriam algo mais violento, menos previsível, uma luta igual em que pudessem apostar. Os touros foram, então, aproveitados para lutar contra ursos, encontrados em abundância no norte do estado.

A nova luta foi um sucesso. Durava apenas alguns minutos. Terminava, invariavelmente, com a morte de um dos participantes. Algumas vezes, o touro, com um rápido movimento da cabeça para cima, perfurava com os chifres o peito do adversário. Em outras, o urso, com uma violenta patada para baixo, esmigalhava o crânio do inimigo. O touro sempre atacava para cima. O urso, para baixo.

Veio dessa época o hábito de chamar de touros as pessoas que apostam nas altas do mercado, pois estão jogando na expectativa de um movimento para cima. Por outro lado, ursos são os que apostam no movimento para baixo. *Bull market* é o mercado do touro, para cima. *Bear market* é o mercado do urso, para baixo.

Quase oito décadas depois da Corrida do Ouro, todo o país apostava no *bull market* de ações na Bolsa de Valores de Nova York. Mas veio o *crash*, em outubro de 1929, e os Estados Unidos mergulharam na depressão.

Um ano mais tarde, desempregados acotovelavam-se nas filas de distribuição de sopa ou trabalhavam em troca de um prato de comida. Famílias inteiras mendigavam nas ruas das grandes cidades. O desânimo se apossara de todos.

Nada disso afetava Columbus Joiner, 71 anos, mais conhecido como Dad Joiner, cujo ofício era procurar petróleo. Ele costumava afirmar que podia farejar petróleo debaixo da terra. Em 1930, Joiner perambulava pelo Leste do Texas, certo de encontrar fortuna debaixo do solo pobre e arenoso da região.

Como não tinha capital para iniciar uma perfuração, o velho Dad recorria a um estratagema. Procurava nomes de viúvas nas colunas de obituários dos jornais. Então, escrevia-lhes, oferecendo-se para multiplicar o dinheiro deixado pelo falecido, que aplicava na prospecção de petróleo. Para dar maior credibilidade às cartas, anexava-lhes um mapa geológico, assinalando onde pretendia perfurar, no condado de Rusk, a sudeste de Dallas, quase na fronteira com a Louisiana.

Conseguia apenas um minguado capital. Usava-o para comprar máquinas de segunda mão e contratar alguns operários maltrapilhos. Mão de obra barata era o que não faltava naqueles dias de depressão.

Finalmente, no início de setembro, a sorte começou a sorrir para Dad Joiner. As perfuratrizes de um de seus poços, o Daisy Bradford Número 3, cujo nome derivava da proprietária da fazenda onde se fazia a prospecção, encontraram gás, sinal de que algo mais valioso poderia estar escondido abaixo da superfície arenosa. A notícia correu célere. Centenas de pessoas vieram dos arredores para assistir ao fenômeno. Todos queriam estar presentes quando surgisse o petróleo.

Sexta-feira, 3 de outubro de 1930, 8h da noite. Os trabalhadores já haviam guardado os equipamentos e conversavam em pequenos grupos, junto às tendas. Então, subitamente, aconteceu. O poço da fazenda de Daisy Bradford, no condado de Rusk, Leste do Texas, começou a borbulhar. A terra tremeu sob os pés dos operários e curiosos.

Minutos depois, o petróleo irrompia. Um líquido negro e espesso jorrou muito acima da torre de perfuração e veio cair, sob a forma de uma chuva oleosa, sobre os presentes. Dad Joiner acabara de encontrar o "Gigante Negro", o maior poço de petróleo dos Estados Unidos.

Imediatamente surgiram, como que por encanto, centenas de pessoas a quem Joiner vendera participações em seu empreendimento. O velho só então percebeu que tinha sócios demais. Possivelmente, ficaria com muito pouco de seu negócio. Havia até a possibilidade de que, ao fim de tudo, nada lhe restasse.

Mas Joiner tinha outro poço, o Deep Rock, situado a menos de dois quilômetros do Daisy Bradford. Se juntasse a produção dos dois, poderia resolver a pendência com os que reclamavam seus direitos de sociedade e, ainda, lhe sobraria dinheiro, o bastante para se tomar a pessoa mais rica do Leste do Texas.

Infelizmente, Dad ignorava que o Deep Rock também tinha petróleo. Um espertalhão, de nome Haroldson Lafayette Hunt, subornara, com 20 mil dólares, o perfurador de Deep Rock para que se calasse. Mas Hunt sabia que o segundo poço era tão fértil quanto o primeiro.

Dad Joiner foi levado por Haroldson a um hotel no Arkansas. Lá, no Dia de Ação de Graças, após quase 40 horas de negociação ininterrupta, Hunt, um sujeito enorme, convenceu o velho a ceder-lhe, por 1 milhão e 300 mil dólares, 30 mil em dinheiro, o resto em petróleo, todos os direitos de exploração.

Columbus Joiner morreu 16 anos depois, aos 87 anos. Pobre. Gastara todo o dinheiro recebido de Hunt na pesquisa de novos poços. Nunca mais achou nada.

Haroldson L. Hunt acertou as pendências judiciais e tornou-se o maior produtor independente do Leste do Texas. Tornou-se também um dos homens mais

ricos dos Estados Unidos. Um empresário respeitável, extremamente conservador, defensor da teoria singular segundo a qual os votos dos cidadãos deveriam ter um peso correspondente à riqueza de cada um.

Na vida particular, Hunt era mais liberal. Constituíra, simultaneamente, três famílias. Cinquenta anos depois, em 1980, seus filhos tentaram, de maneira engenhosa, multiplicar toda aquela fortuna, por meio de um *corner* no mercado de prata de Nova York.

Capítulo 77

Os grandes especuladores, através dos tempos, sempre almejaram um *corner*. É a mais fascinante e lucrativa das operações de mercado.

O *corner* existe quando uma pessoa ou instituição compra determinado ativo em quantidade maior do que a existente daquele ativo. Por exemplo, se alguém consegue comprar 1 bilhão de dólares de determinada série de obrigações do Tesouro, e só foram emitidos 900 milhões daquela série, esse alguém conseguiu estabelecer um *corner*. Nessas ocasiões, as cotações sobem a níveis estratosféricos.

Ao apagar das luzes da década de 1970, mais precisamente no outono de 1979, os irmãos Hunt, associados a alguns magnatas do Oriente Médio, compraram 90 milhões de onças de prata no mercado futuro de Nova York. Acontece que não existia toda aquela prata disponível no mundo.

Os bilionários texanos pretendiam exigir a entrega física do metal, em março de 1980. Nessa ocasião, os especuladores vendidos teriam de comprar a prata dos próprios Hunts, para entregá-la a eles mesmos. Os irmãos poderiam ganhar bilhões com isso. Eventualmente, tornar-se-iam os homens mais ricos do planeta.

O momento era propício a uma alta dos metais preciosos. Diversas coisas importantes aconteciam ao mesmo tempo. Os mercados estavam extremamente nervosos.

Em dezembro o dólar encontrava-se em queda livre. Os reféns americanos continuavam presos na embaixada em Teerã. O governo iraniano acusava o xá de ter roubado 1 bilhão de dólares e exigia, do Ocidente, a devolução do dinheiro. O petróleo não parava de subir. Para agravar a situação, a União Soviética concentrara tropas na fronteira do Afeganistão. Uma invasão era iminente.

Clarence andava tenso, pois não comprara uma onça de prata sequer. E nada incomodava mais Julius Clarence do que perder uma oportunidade. Determinara a Alan Payne e Bernard Davish que verificassem se os Hunts tinham mesmo possibilidade de comprar tanta prata, como alardeavam.

Jessica percebia a tensão do marido e o forçava a sair de casa. Boas peças e filmes estavam em cartaz naqueles dias. Naquele outono, o casal assistira a *Oklahoma*, *Evita* e à estreia de *All That Jazz*, com Roy Scheider. Julius fora aos espetáculos sem muito entusiasmo, o pensamento na prata.

Na terça-feira, 18 de dezembro, antes da abertura do mercado, Clarence conversou com Alan e Bernard.

— Tenho uma informação quente — disse Alan. — O fundo constituído pelos

Hunts e seus sócios árabes possui, neste momento, 2 bilhões de dólares em dinheiro. Eles ainda têm fôlego para absorver muita prata — concluiu.

Bernard também tinha novidades.

— Um amigo meu, Rud Damgard, corretor da Sander, recebeu ontem, direto de Nelson Bunker Hunt, ordem para comprar prata no mercado futuro, em qualquer quantidade, de maneira a levar todos os vencimentos para o limite de alta. Julius, o Rud me impressionou. Nunca vi um cara tão *bullish* em toda a minha vida.

Definitivamente, a Associados não podia ficar fora daquela jogada. Uma fortuna estava em jogo, bastava um pouco de ousadia. Decidiram, a partir daquele momento, seguir as pegadas dos Hunts.

Entraram comprando lotes grandes, pagando na boca do vendedor. Naquela terça-feira, a prata Março fechou no limite de alta — como dissera o amigo de Bernard —, em 23 dólares e 70 centavos, a maior cotação de todos os tempos.

Se Julius Clarence estivera tenso por não estar participando da tentativa de *corner*, pior acontecia com Clive Maugh. O inglês estava simplesmente histérico por estar de fora. Segundo um relatório preparado por Otto Behr — Maugh lia e relia o papel às 3h30 da manhã da quarta-feira, 19 de dezembro —, diversos aviões cargueiros vinham decolando, nos últimos dias, de Nova York e Londres, carregados de prata. Dirigiam-se a algum ponto do Oriente Médio. Concluía o relatório: os Hunts e seus sócios tinham condições de comprar toda a prata existente no mundo e levar a cotação a níveis inimagináveis.

O informe do diretor de Inteligência era reforçado pelos gráficos. Estes indicavam que o preço da prata poderia explodir para cima. Enquanto plotava as linhas de tendência na tela do computador, Maugh experimentou uma ereção. Correu ao banheiro. Quando retornou à mesa, aliviado, decidira entrar para valer no mercado, usando o peso das carteiras dos clientes do Sindicato.

Os irmãos Hunt encontravam-se prestes a realizar o sonho supremo de todos os especuladores: executar um *corner* perfeito. Existiam, naquele momento, 76 milhões de onças de prata nos cofres das bolsas e dos bancos europeus e americanos. E os Hunts estavam comprados em 120 milhões de onças, para recebimento em março. A Clarence & Associados comprara 10 milhões. O Centro-Europeu adquirira 20.

Poucos profissionais, em todo o mundo, entendiam tanto de prata quanto Fernando Rabal, diretor do Banco Obrero da Cidade do México, um dos mercadores da noite. Rabal também comprara, na esteira dos Hunts, mas, ao contrário de Julius Clarence e Clive Maugh, tinha medo da operação.

Devido aos altos preços, várias minas antigas vinham sendo reativadas no Mé-

xico, Peru, Zâmbia, Estados Unidos e Canadá. No mercado varejista, os compradores haviam desaparecido. Em Nova York, nas lojas da Rua 47, pequenos poupadores vendiam, radiantes, joias e moedas. Na Índia, onde o hábito de comprar prata como poupança remontava a vários séculos, também era grande o desinvestimento.

Na opinião do mexicano, os Hunts poderiam ter uma surpresa desagradável quando chegasse o mês de março. Muita prata poderia juntar-se ao estoque das bolsas e dos bancos, vinda de todos os lugares do mundo.

Havia outra razão para aumentar o temor de Rabal. Lera cuidadosamente o regulamento da Bolsa de Mercadorias de Nova York e verificara que, caso o *corner* se caracterizasse, as regras do jogo poderiam ser mudadas subitamente, obrigando os Hunts a liquidar suas posições.

Mesmo assim, Fernando continuava comprando. Mas com o dedo no gatilho, pronto a desfazer-se rapidamente de suas posições, quando a coisa começasse a cheirar mal. Rabal confiava muito em seu sexto sentido. Sempre tivera o dom de perceber, pouco antes da hora, o fim de todos os grandes *bull markets,* os mercados do touro.

Poucos dias antes do Natal, os Hunts elevaram suas posições para 140 milhões de onças. Julius Clarence, em Nova York, Clive Maugh, em Lausanne, e Fernando Rabal, na Cidade do México, seguiam seus passos. O resto do mercado, em sua maioria, encontrava-se vendido.

No último dia de 1979, uma segunda-feira, a prata marcou novo recorde. Fechou a 34 dólares e 45 centavos. Os operadores foram para as festas de fim de ano tomados de grande nervosismo, o habitual sangue-frio transformado em um sentimento próximo do pânico. Qualquer fato novo poderia detonar uma grande liquidação e arrebentar os comprados, os touros. Mas poderia também provocar novas altas e aniquilar os vendidos, os ursos.

Havia uma grande expectativa quando as cortinas desceram sobre a década de 1970.

Capítulo 78

Os acontecimentos precipitaram-se no início de 1980. No dia 2 de janeiro, a União Soviética invadiu o Afeganistão. Dois dias depois, Jimmy Carter decretou um embargo tecnológico aos soviéticos. A prata subiu para 36 dólares e 10 centavos.

A bolsa, seriamente preocupada com a possibilidade de *corner*, determinou que os clientes não poderiam aumentar suas posições. Nelson Bunker Hunt não se atemorizou. Anunciou sua intenção de exigir a entrega de 140 milhões de onças quando chegasse o vencimento, em março. O mercado, em estado de histeria, bateu limite de alta e, depois, de baixa. A prata fechou em 32 dólares após ter sido negociada por 40. Os operadores tinham os nervos à flor da pele.

Nos dias subsequentes, a loucura tomou conta do mercado. Na segunda-feira, dia 14, a prata fechou a 43 dólares e subiu ao longo de toda a semana, para euforia dos touros e desespero dos ursos.

Embora permanecesse comprado, Fernando Rabal sentia-se cada vez mais desconfortável. Mesmo assim, não aparentava nervosismo ao sair de seu magnífico apartamento em Pedregal, domingo pela manhã, para um passeio com as crianças. Almoçou bem: uma tigela de *guacamoles*, *fajitas* de camarão de água doce e *costillatos*. Tentou despedir-se da mulher. Recebeu em resposta um grunhido ininteligível. Pegou o carro na garagem e foi para a Plaza.

Era alucinado por touradas. Pena que Cecilia as odiasse. Por isso, diminuía cada vez mais a frequência. Não compensava vê-la emburrada por dias a fio. Mas, naquele domingo frio e ensolarado de inverno, os espanhóis Cilento e Parrado e o mexicano Emilio Russo trabalhariam na mesma corrida, pela primeira vez na temporada. Uma tarde imperdível para qualquer aficionado.

Precisamente às 5h da tarde, o espetáculo começou. As tribunas e arquibancadas repletas. Rabal comprara um dos melhores lugares, à sombra, na primeira fila, abaixo do presidente da corrida. Sentiu a pele arrepiar-se, como sempre acontecia, quando as *cuadrillas* encenaram o *paseo*, ao som de um *pasodoble*.

Terminada a solenidade, o primeiro touro foi solto. O bicho atravessou a arena e arremeteu contra a *barrera*, do outro lado, tirando uma lasca de madeira. Os *banderilleros* correram em sua direção, provocando-o com suas capas. Antonio Cilento, primeiro matador da tarde, pôde, então, fazer sua primeira avaliação sobre o temperamento do animal.

Na tribuna, Fernando Rabal enrugou a testa, apreensivo. A besta atacava de ambos os lados. Olhou para o matador, encostado a um dos *burladeros*. O espa-

nhol também não gostara. Percebia-se sua contrariedade, enquanto ajeitava a coleta, tentando disfarçar.

A atenção do touro foi despertada por um cavalo, de olhos vendados, os flancos protegidos por um acolchoado, recém-chegado à arena, montado por um picador. Carregou sobre ele. O profissional sobre a sela cravou-lhe uma lança às costas, surpreendendo-o.

Sob protestos do público, a vara foi usada pela segunda vez. Os verdadeiros aficionados não gostam de picadores. Enfraquecem os músculos do pescoço do touro. Facilitam o trabalho do toureiro.

Antes de uma terceira picada, o picador olhou para o presidente. Este fez-lhe um sinal com um lenço, indicando que duas eram o suficiente. O público aplaudiu, entusiasmado. Cilento sacudiu a cabeça resignadamente.

Chegou a vez dos *banderilleros.* Um deles entrou na arena e correu em direção ao touro. Aplicou-lhe, com extrema maestria, as duas primeiras *banderillas.* Mas, quando seu companheiro se preparou para as seguintes, Cilento adiantou-se, pegou ele mesmo as farpas coloridas e correu em direção à fera. Só conseguiu colocar uma delas. Mesmo assim, o público aplaudiu. Todos sabiam que o matador não era bom com as *banderillas.* Seu forte era a capa, coisa que ia começar agora.

Por 10 minutos, o espanhol Antonio Cilento brindou o público da Plaza Mexico com uma série de passes magistrais. Rodopiava a capa em *verónicas* perfeitas, ajoelhava-se ao lado da fera, virava-lhe as costas arrogante. Transformava em bailado aquele *pas de deux* sanguinolento, enobrecendo a luta de vida ou morte entre o artista e o animal.

Olé! Olé!... O público acompanhava, entusiasmado.

Finalmente o matador foi até um *burladero* e equipou-se com a muleta e a espada para a parte final, a *faena.*

Antonio sabia que a morte, o *momento de la verdad,* era o clímax do espetáculo, a parte mais difícil e perigosa. De nada adiantava um trabalho perfeito com a capa se, ao final, a espada não entrasse com firmeza no *morillo,* através de um pequeno espaço entre os dois ombros da fera, pouco maior que uma moeda de meio dólar. A aorta seria, então, seccionada. A morte sobreviria fulminante.

Pouco restava da dignidade do touro. As costas, cobertas de sangue e suor, encontravam-se dilaceradas pela ação dos picadores. A cabeça agora permanecia baixa. As *banderillas* coloridas oscilavam de um lado para o outro, provocando intensa dor.

O inimigo continuava lá, em seu *traje de luces,* manejando sua capa ardilosamente.

O touro arremeteu pela última vez. O matador estivera esperando aquele momento e o aparou com a espada. Fez um misto de riso e careta quando o estoque

entrou até o punho. O touro, primeiro, ajoelhou-se sobre as patas dianteiras e, depois, desabou sobre a areia. As arquibancadas e tribunas entraram em delírio quando o animal vomitou sangue, em seu último estertor.

Nesse momento, Fernando Rabal sentiu o aviso de seu sexto sentido: o sistema, assim como as touradas, tinha suas defesas, seus picadores, seus *banderilleros.* O b*ull market* de prata, tal como o touro caído na arena da Plaza Mexico, chegara ao fim. Voltou para casa angustiado. Seria preciso aguardar a abertura do mercado, na segunda-feira, para liquidar sua posição e bandear-se para o lado dos ursos.

Capítulo 79

Nas últimas semanas, milhões de pequenos investidores, em todo o mundo, vinham vendendo moedas, medalhas comemorativas, talheres, baixelas, castiçais, joias, objetos de artesanato e toda a sorte de utensílios de prata. O metal, derretido pelos fundidores, transformava-se em lingotes. Simultaneamente, reativavam-se centenas de antigas minas. Os altos preços da prata voltavam a torná-las economicamente viáveis.

Toda essa prata, somada ao estoque das bolsas e dos bancos, ultrapassava em muito os cálculos dos irmãos Hunt.

Segunda-feira, 22 de janeiro de 1980, 8h45 da manhã em Nova York. Julius Clarence encontrava-se sentado em seu lugar, na plataforma de operações da Clarence & Associados. Do outro lado da mesa, exatamente à sua frente, Bernard Davish. Espalhados pela plataforma, em meio a uma floresta de monitores, painéis telefônicos, terminais de cotações e de notícias, somavam-se pelo menos cinco dezenas de profissionais.

Os mercados de moedas, eurodólares e títulos de curto prazo do Banco da Reserva Federal já se encontravam abertos. Algumas luzinhas nos monitores registravam as cotações. Mas ninguém lhes prestava muita atenção. Todos aguardavam a abertura da prata na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

Na sexta-feira, o mercado fechara em 50 dólares e 35 centavos. Durante o fim de semana correram boatos de que a bolsa tomaria uma série de medidas, sem precedentes, para impedir o *corner*.

O preço oscilara muito no início daquela segunda-feira. Primeiro no Extremo Oriente, depois na Europa. Restava a arena de Nova York, onde se perpetrava o *corner*, palco principal daquela luta feroz entre touros e ursos.

Os dirigentes da bolsa sabiam que, caso os Hunts fossem bem-sucedidos em sua tentativa de *corner*, muitas corretoras quebrariam. A própria bolsa corria risco. Decidiram, então, alguns minutos antes da abertura, elevar drasticamente as margens de garantia e adiar a abertura da prata para a tarde, limitando o tempo da sessão a 40 minutos.

Seria preciso esperar mais 4 horas e 50 minutos.

Só à 1h45 da tarde soou a campainha. Clarence encontrava-se ao telefone. Do outro lado da linha, no saguão da bolsa, Jack Arbor, operador de pregão da Associados. Competiria a Jack receber as ordens de Julius e transmiti-las aos operadores no *pit* de prata. Ao redor de Clarence, na mesa, os demais operadores aguardavam em muda expectativa.

— Como abriu? — perguntou Julius, de pé, junto à mesa, ligando o viva voz do aparelho.

— Comprador a 48. Vendedor calado — respondeu Jack, para logo acrescentar: — Vendedor a 52. Até agora, nenhum negócio. Quarenta e oito com 52, este é o mercado. Pera aí... comprador a 49. Enfiaram nele. Negócios a 49. Mercado a 49. Vendedor a 48 e meio. É da Valmex. Valmex vende a 48 e meio. Está apregoando um lote grande.

Bernard, até então calado, embora atento, gritou para Clarence:

— Esses caras trabalham para Rabal, do Obrero.

— Não pode ser. — Julius tentava organizar-se mentalmente. "Valmex, Obrero, Rabal." — Porra, o filho da puta está caindo fora. — Clarence sentiu uma sensação de extremo desconforto ao perceber que Rabal, aparentemente, liquidava sua posição. — Mercado? — gritou para Jack.

— Vendedor a 48. De Ville vendendo. Comprador só a 47 e meio. A De Ville enfiou nele. De Ville vende mais. Vende a 47. Porra, Julius, a De Ville vende lote. Comprador, calado.

— Centro-Europeu! — Julius e Bernard gritaram na mesma hora. O Sindicato operava prata através da De Ville.

Se Clarence sentira desconforto ao ver que Rabal vendia, agora apavorava-se, literalmente, ao ver o Sindicato pular fora. Os Hunts encontravam-se impossibilitados de segurar o mercado. A bolsa proibira o aumento de posições. Subitamente, sem consultar ninguém, nem mesmo Bernard, sentado à sua frente, Julius tomou sua decisão.

— Comprador? — gritou.

— Comprador só a 45 — berrou Jack. Valmex e De Ville vendem a 46. O resto calado.

— Vende, porra — gritou Julius. — Enfia a 45. Vende 1 milhão. — Referia-se a 1 milhão de onças, 200 contratos de prata.

— Vendemos 100 mil a 45.

— Cem mil, puta que o pariu, 100 mil! Assim estamos fodidos. Comprador? Quero comprador de lote, caralho. É melhor ficar quieto. Espera um comprador de lote grande.

A Valmex e a De Ville também se aquietaram. Fernando Rabal, no México, e Clive Maugh, em Lausanne, tal como Julius Clarence, em Nova York, aguardavam um comprador de verdade.

Com a ausência de vendedores, o mercado melhorou. Alguns touros se excitaram. O ataque dos ursos, tudo indicava, chegara ao fim.

Do pregão, Jack Arbor irradiava:

— Comprador a 46. Comprador a 46 e meio. Pagaram 47. Comprador a 47. Comprador de 1 milhão a 47.

Tal como um pescador de marlins, aguardando o momento certo de travar a carretilha, Rabal, Maugh e Clarence, separados por milhares de quilômetros, permaneciam quietos.

— Comprador de 5 milhões a 47 — Jack entusiasmou-se.

— Enfia! — Julius foi o mais rápido dos três.

— Vendidos 5 milhões a 47. Comprador a 46.

— Lote. Diga o lote, porra — Julius deu uma tragada, que consumiu um terço do cigarro.

— Comprador de 500 mil a 46. De Ville vendeu para ele.

— Espera. Quero um lote fodido de grande.

— Comprador de 3 milhões a 45.

— Enfia agora, porra. Não perde, Jack. — Clarence deu um murro na mesa.

— Vendemos 3 milhões a 45.

Julius relaxou.

— Vá com calma agora, garoto. Falta apenas 1 milhão e 900. Vou passar para Davish. Pega, Bernard. Completa o lote. Ainda temos... deixe-me ver... 11 minutos.

No tempo restante, Bernard liquidou o saldo. Como também o fizeram Fernando Rabal, da Cidade do México, e Clive Maugh, de Lausanne.

A prata cedeu mais ao longo daquela semana. Fechou na sexta-feira a 37,50. Na quarta-feira, 31 de janeiro de 1980, o mercado já caíra para 30,05.

A Clarence & Associados obteve, com seus 10 milhões de onças, um lucro de 100 milhões de dólares. O Centro-Europeu, que comprara mais caro e vendera mais barato, mesmo assim ganhou mais, 150, pois adquirira o dobro. Fernando Rabal não trabalhava lotes tão grandes. Ganhou 25 milhões, o melhor resultado de sua vida.

Os irmãos Hunt, impedidos pela bolsa de aumentar suas posições e defender o mercado, perderam grande parte de sua fortuna. A tentativa de fazer um *corner* no mercado de prata fracassara.

O velho Dad Joiner, o homem que farejava petróleo debaixo da terra, fora vingado.

O mercado só voltou a ter momento tão dramático quando, quase 20 anos depois, Julius Clarence, como touro, e Clive Maugh, como urso, travaram uma luta de vida ou morte com os títulos da dívida do Eurotunnel.

Capítulo 80

Após a jogada da prata, Julius diminuiu seu ritmo de trabalho. Já não chegava tão cedo ao escritório e, muitas vezes, voltava para casa antes dos fechamentos. Pouco ia à cobertura do parque, de onde Jesus fora transferido para a suíte da Liberty Tower. Ainda trabalhava nas noites de domingo, mais para conversar com os amigos e parceiros do que para arriscar-se em nova tacada milionária. Mas o fazia do escritório de Greenwich, quase nunca da suíte.

Tinha agora outros interesses: conviver mais com Jessica, conhecer lugares novos, adquirir obras de arte, enriquecer sua biblioteca. Lia vários livros ao mesmo tempo. Gostava de ler na limusine, no trajeto entre a casa e o trabalho. Antoine, quando via, pelo retrovisor, o patrão lendo no banco traseiro, dirigia devagar, evitando freadas e aceleradas mais bruscas. Julius só fechava o livro quando entravam na garagem da Liberty Tower ou, na volta, cruzavam o portão da mansão de Greenwich.

Os preços do petróleo, metais preciosos e produtos agrícolas caíam no início da nova década. A inflação, finalmente, começava a ceder nos Estados Unidos e demais países industrializados.

Os negócios de Clarence iam bem, sob a condução de profissionais capacitados. Ele resumia-se a presidir as reuniões de diretoria do Manhattan, da cadeia Bars e da Andromeda. Mas, quando não estava viajando, ocupava diariamente seu lugar à mesa de operações da Associados.

No verão de 1980, Julius e Jessica viajaram para Londres. Pretendiam realizar um sonho antigo: adquirir uma mansão na Inglaterra. Margaret Thatcher adotava uma política econômica austera, decidida a combater a inflação, provocada pela crise do petróleo. Taxas de juros altíssimas derrubavam os preços dos imóveis. O casal Clarence pretendia, no início, algo simples, apenas um lugar para usufruir da paisagem rural inglesa. Mas não resistiram quando conheceram Lakeswater.

A propriedade compreendia um solar com três pavimentos e um sótão, algumas construções anexas, jardins, piscina e 60 mil metros quadrados de bosques. Construída no século XVIII, situava-se em Kent, a meio caminho entre Londres e Dover.

A construção principal formava um U, uma das pernas menor que a outra. A parte baixa da fachada, revestida de pedra, os andares superiores, pintados de branco. Janelas projetadas para fora, quatro mansardas e seis conjuntos de chaminés davam-lhe um toque de nobreza e originalidade.

A biblioteca, no andar térreo, destacava-se dos demais aposentos. O assoalho de tábuas corridas, as quatro colunas e o teto abobadado emolduravam estantes

de mogno, dispostas ao longo de paredes côncavas. Ainda no mesmo plano, era possível admirar a sala de jantar, o salão laranja e a sala de música, com um piano quadrado do século XVIII e uma harpa Erard. Um amplo conjunto de copa e cozinha atendia aos cômodos.

Um pequeno elevador, recentemente adaptado, permitia aos moradores e convidados eximir-se das enormes escadas de mármore, que conduziam aos outros pavimentos, às suítes, banheiros e salas íntimas.

Jardins situados em dois planos ladeavam o solar. Na parte de cima, ao nível do andar térreo da mansão, canteiros de flores, fícus moldados, um tanque com chafariz e alguns arbustos enfileirados. Estes separavam da casa principal as construções secundárias: garagem, celeiro, aposentos da criadagem, estufa e, mais adiante, os espaçosos estábulos, com alguns belos exemplares árabes.

Na parte inferior, mais jardins e a piscina. Os dois planos eram unidos por uma graciosa escada em semicírculo. Mais adiante, bosques.

Lakeswater foi adquirida, completa e mobiliada, de uma família em dificuldades com os impostos que a Dama de Ferro impunha aos ingleses naqueles anos difíceis. Levando-se em conta as benfeitorias, o mobiliário e as obras de arte, os 4 milhões de libras foram uma pechincha.

O casal passou a maior parte do verão conhecendo e ganhando intimidade com a nova casa e cavalgando os garanhões árabes pelos bosques ao redor. Mas, por mais que convidassem amigos americanos, e ingleses apresentados por Basil Kennicot, tornava-se difícil preencher os espaços naquela imensidão.

Clarence gostou tanto de Lakeswater que só retornou a Nova York, e a seus afazeres cotidianos, em setembro, pouco antes de o Iraque atacar o Irã.

Capítulo 81

Quando Francine Kéraudy entrou em sua suíte no Le Richemond, em Genebra, encontrou, além de uma camareira a postos para ajudá-la a desfazer as malas, uma cesta de frutas exóticas, arranjos de flores frescas e produtos de toalete com suas marcas preferidas. Só não encontrou a tradicional garrafa de champanhe com que o hotel costumava mimosear seus hóspedes, à chegada. Os gerentes do Le Richemond conheciam o suficiente sobre cada um de seus habitués para que não cometessem nenhum deslize imperdoável.

Francine deixou suas coisas aos cuidados da camareira e desceu para almoçar no Le Jardin. Mais tarde, voltaria ao luxuoso aposento, todo ele decorado com móveis Luís XV, antiguidades, relógios raros, obras de arte e outras preciosidades. No Le Richemond, o requinte fazia parte do cotidiano. Após o almoço, pretendia voltar à suíte e preparar-se para um encontro, de extrema importância, ali mesmo no hotel, às 5h da tarde.

A duas dezenas de passos, em outra suíte, não menos ampla e luxuosa, porém no estilo Luís XVI, Alicio Garcia também acabara de chegar ao hotel. Garcia precisava de tempo para acostumar-se àquele luxo. Por isso, dispensou a camareira, que o deixava pouco à vontade. Despiu-se e, só de cuecas, passou a examinar o aposento. Provou um pouco de cada coisa. Finalmente, decidiu-se por um Jack Daniels, *on the rocks.* Preparou uma dose generosa, espalhou-se em um sofá e colocou os pés sobre uma mesinha. Estava começando a gostar. Arrotou prazerosamente.

A bebida despertou seu apetite. Verificou as horas. Tinha muito tempo antes do encontro com a senhora Kéraudy. O mais discreto e conveniente seria pedir algo no quarto. Mas, depois de manusear um folheto explicativo dos serviços do Le Richemond, Garcia não resistiu. Resolveu descer ao Le Jardin. O maître indicou-lhe uma mesa, a poucos metros de onde estava Francine.

Ela o reconheceu imediatamente. O setor de informações da Midi-Pyrénées já a municiara com sua foto. O mesmo se passou com ele. Já estudara o dossiê da francesa. Mas nenhum dos dois deu qualquer sinal de haver reconhecido o outro.

Francine optou por uma refeição leve. Em 40 minutos, retornou à suíte. Garcia comeu à tripa forra: caviar, salada, peixe, carne e sobremesa. Bebeu dois tipos de vinho e, ao fim, deliciou-se com um magnífico licor. Fechou com um Havana. Só então subiu ao quarto.

Exatamente às 5h da tarde, Francine Kéraudy bateu à porta da suíte do brigadeiro Alicio Garcia, chefe do Estado-Maior da Força Aérea da República Argentina.

O militar viajara a Genebra especialmente para concluir a compra de 50 mísseis Antares da Midi-Pyrénées. A encomenda fazia parte de um conjunto de providências secretas do governo de seu país. A junta militar, liderada pelo tenente-general Jorge Videla, planejava, debaixo de grande segredo, invadir e tomar de volta as ilhas Falklands — chamadas pelos argentinos de Malvinas —, ocupadas pelos ingleses em 1833. O general Videla pretendia legar a seu sucessor o plano de invasão.

Os militares consideravam de suma importância retomar as Malvinas. Não tanto por seu valor material. A economia do arquipélago resumia-se à criação de carneiros. Interessavam-se pela popularidade que poderia advir de um grande triunfo militar. Planejavam obtê-lo, no máximo, em dois anos. Para tanto, era preciso uma força aérea bem equipada para desencorajar uma reação dos ingleses. Daí o interesse pelos Antares.

Para encontrar-se com Garcia, Francine jogara um blazer manteiga sobre a calça de linho e a blusa de seda. Como joias, um conjunto de colar e brincos de pérola, um Rolex de ouro e, no dedo mínimo, um anel Cartier. Nos pés, escarpins rasos. Os cabelos, improvisara-os, ela mesma, em coque.

O brigadeiro procurara vestir-se com apuro, apesar de o encontro ser em sua própria suíte. Usava um terno cinza, novo, embora de corte um tanto quanto ultrapassado, e uma gravata vermelha com arabescos. Emplastrara e repartira cuidadosamente os cabelos.

— Brigadeiro Garcia? — Francine estendeu-lhe as pontas dos dedos.

— O próprio, senhora Kéraudy. Entre, por favor. Desculpe-me não havê-la cumprimentado no restaurante. Achei que não seria conveniente. — Embora falasse razoavelmente bem o inglês, resultado de uma missão no Colégio Interamericano de Defesa, em Washington, sua pronúncia era simplesmente horrível.

— Compreendo perfeitamente, brigadeiro — Francine penetrou a suíte.

Garcia conduziu-a a um dos sofás. Sentou-se na poltrona ao lado.

— Posso pedir-lhe alguma coisa, senhora? Quem sabe, um chá.

— Não, obrigada. O pessoal do serviço de quartos nos veria. O sigilo, penso eu, atende melhor a nossos interesses.

O militar concordou. Mas precisava servir alguma coisa. Desajeitadamente, colocou sobre a mesa, à frente de Francine, a cesta de frutas e uma caixa de bombons.

— Recebi com surpresa seu convite, brigadeiro. Pensei que meu representante em Buenos Aires já acertara tudo sobre os Antares. — O agente da Midi-Pyrénées na América do Sul, Pablo Mauru, vinha, com extrema habilidade, vendendo armas, simultaneamente, aos militares argentinos e à ditadura chilena de Augusto Pinochet.

Mauru sequer imaginava a hipótese de uma invasão das Falklands. Entretanto, explorava a crescente tensão entre os ditadores Videla, da Argentina, e Pinochet,

do Chile, resultante da disputa pela soberania sobre três ilhas no canal de Beagle, no extremo sul da Patagônia.

— Convoquei-a para tratar do preço — Garcia apressou-se em esclarecer. — Tivemos uma reunião em Buenos Aires, semana passada, e decidimos renegociar a compra dos Antares.

Francine irritou-se. Seu representante argentino afirmara-lhe, categoricamente, que o preço estava acertado. Agora, o brigadeiro falava em renegociação.

— Desculpe-me, senhor, mas fechamos o negócio a 300 mil por unidade. Isso dá um total de 15 milhões. Já calculamos nossos custos e não temos condições de conceder um abatimento. — Francine, então, parou, pensou um pouco e concluiu: — Posso reduzir mais 3%, 450 mil dólares no total da encomenda. No máximo, brigadeiro. Caso contrário, teremos que cancelar a operação.

— Senhora Kéraudy — disse sorrindo o brigadeiro. — Quando decidimos renegociar os Antares, pensamos em um aumento, não em uma redução: 20% de acréscimo, para ser mais preciso.

Francine compreendeu imediatamente. Garcia pleiteava algo para si próprio ou para seu grupo — nunca se sabia exatamente para quem ia o dinheiro. Aquilo tornava as coisas mais fáceis. Bastava o brigadeiro indicar-lhe onde fazer o depósito. Assentiu imediatamente. A Midi-Pyrénées estava habituada a superfaturar e devolver o excedente aos compradores. O governo francês sabia disso e permitia que a comissão fosse deduzida dos impostos. Uma prática corriqueira no negócio de armas.

O brigadeiro apressou-se em justificar.

— É preciso que uma coisa fique clara — disse ele. — Os 20% irão para um fundo de reserva. Foi constituído especialmente para amparar as viúvas e órfãos dos militares assassinados pelos terroristas. São os Montoneros, um grupo de sediciosos selvagens que ataca nossos homens à traição.

— Tenho certeza de que irá para causas nobres. — Seria impossível perceber qualquer ironia na voz de Francine. — Tão logo recebamos o pagamento por parte de seu governo, depositaremos os 20%: 3 milhões de dólares, exatamente.

O brigadeiro retirou do bolso um pedaço de papel. Em letras miúdas, manuscritas, o nome do Banco Centro-Europeu de Lausanne. Abaixo, uma série de números correspondentes à conta na qual o depósito deveria ser feito.

Tratava-se de uma conta grande, com mais de 100 milhões de dólares. Fora aberta quatro anos antes, logo após a deposição da presidenta argentina Isabelita Perón. Ao fim de cada ano distribuía-se o saldo por diversas subcontas. Garcia era o encarregado da divisão, além de ser o titular de uma delas. Por isso, surpreendeu-se agradavelmente quando a francesa lhe propôs:

— Brigadeiro, com relação àqueles 3% que, de início, propus abater do preço

dos mísseis, caso o senhor tenha alguma outra conta, poderemos, a título de estímulo para novos negócios, fazer um depósito.

Alicio Garcia exultou: 450 mil dólares a mais para ele. Era preciso encarar o futuro. Ditaduras não duram para sempre, tinha consciência disso. Preencheu rapidamente um novo papelote com as instruções de sua subconta particular no Centro-Europeu e o estendeu a Francine.

O brigadeiro passava por um período extremamente estressante. Custava a dormir, à noite. E, quando o conseguia, era acometido de pesadelos horríveis. Não sem razão.

Uma vez por semana, um quadrimotor Hercules, da Força Aérea Argentina, decolava, lotado de presos políticos, e voava para longe da costa. Já em alto-mar, os presos, narcotizados, eram lançados do aparelho, mergulhando para a morte. Já podiam ser contados aos milhares.

Alicio Garcia fora encarregado dessa "solução final" do problema político argentino. Por isso, tinha dificuldade de conciliar o sono. Por isso, prevenia-se para o futuro, aumentando constantemente sua poupança no Sindicato.

Havia outro problema. Anualmente, na hora de dividir, com seus camaradas, o saldo da conta principal, Garcia alocava para si uma fatia substancialmente maior. Se os outros viessem a descobrir, poderia considerar-se um homem morto. E ele conhecia, nos mínimos detalhes, os suplícios que seus colegas sabiam infligir a um homem antes de matá-lo.

Alicio Garcia e Francine Kéraudy nada mais tinham a tratar. O argentino pretendia voar para Paris ainda aquela noite para encontrar-se com a mulher. Estava satisfeito. Tinha certeza de que novos e promissores negócios surgiriam no futuro.

Francine despediu-se e retornou à sua suíte. Àquela altura, Catherine deveria estar chegando a Genebra. Passariam a noite juntas, longe dos negócios e de olhares curiosos.

Capítulo 82

Meio-dia em Nova York. Na plataforma de operações da Clarence & Associados, os operadores encontravam-se agitados. O Iraque invadira o Irã, nos últimos dias do verão, provocando uma súbita e inesperada alta no petróleo. Os profissionais gostavam desses eventos. Esquentavam o mercado. Naquele dia, a mesa encontrava-se especialmente animada.

Debra Thomas, operadora de petróleo, centralizava as atenções.

— Puta que o pariu — gritava ela. — Comprador de 200 lotes (cada lote equivalia a mil barris) a 39,10. Se alguém quiser comprar, é bom fazer logo. Já, já, o fodido do petróleo — Debra era a pessoa mais desbocada da mesa e, com isso, deixava os colegas homens extremamente à vontade — vai para o limite e ninguém vai poder comprar.

— Fique atenta, Debby — berrou Julius do outro lado, onde operava obrigações do Tesouro. — Se chegar perto do limite, me avise. Estou *short* em 100 lotes e não quero ficar trancado lá em cima. Mas acho que o mercado não vai aguentar.

Alguns minutos depois, tal como ele previra, o mercado desabou.

Debra, que comprara para seus clientes — os operadores podiam adotar posições antagônicas ao patrão —, liquidou suas posições rapidamente, com um pequeno prejuízo.

— Esse Julius é mesmo um fodido de um operador — disse ela, admirada. Mas Clarence não ouviu. Prestava atenção ao mercado de ouro, que começava a cair, acompanhando o petróleo. Uma ligação de fora o aguardava.

— Vende 100 lotes (referia-se a 10 mil onças de ouro) a mercado. Enfia no comprador, porra — instruía ele ao pregão. Tinha de, praticamente, urrar, pois, a seu lado, Tony Bianco esgoelava-se para comprar mil toneladas de açúcar, abafando todas as vozes a seu redor. Precisava mandar o Bianco lá para o outro lado da mesa. Ou ele mesmo, Julius, mudar-se-ia. Caso contrário, ficaria sem as cordas vocais. Atendeu a ligação.

— Senhor Julius Clarence, aqui fala...

— Um momento. Porra, vamos comprar obrigações, todo mundo comprando obrigações, o petróleo está caindo, as obrigações vão subir.

— Senhor Julius Clarence, aqui fala o patrulhei...

— Pera aí, amigo. — Apertou a tecla de sigilo do fone. Virou-se para os outros. — As obrigações estão subindo, caralho, todo mundo comprando obrigações. Até você, Tony. — Desligou o sigilo. — Pode falar, amigo.

— O senhor quer fazer o favor de me escutar? Meu nome é Robin Field, sou da Polícia Rodoviária de Connecticut. Sua esposa, Jessica Clarence...

Bernard, em frente a Julius, percebeu que algo havia acontecido. Fez sinal com as mãos para que os outros se aquietassem.

— Sua esposa, Jessica Clarence — repetiu o patrulheiro —, sofreu um acidente. Ela está morta, senhor Clarence.

Capítulo 83

Julius estava radiante. Os homens cantavam em *swahili* e marcavam o ritmo, batendo com os pés no assoalho do caminhão. À frente, enquanto guiava, Clarence tamborilava os dedos sobre o volante, acompanhando a batida.

O sol desaparecia atrás do Kilimanjaro, ao longe, à traseira do caminhão. Era a hora do dia de que mais gostava, quando se encontrava no Quênia. Viera especialmente de Nova York para acompanhar o administrador Temo Olote na inspeção trimestral dos rinocerontes. E pela primeira vez na história da reserva o procedimento não acusava falta de nenhum animal. Por isso sentia-se tão contente.

A caça era proibida no país, mas isso não impedia que aqueles grandes mamíferos se tornassem presas fáceis de caçadores clandestinos. Seus chifres obtinham altos preços no mercado asiático devido à crença de que tinham poder afrodisíaco.

Olote e seus homens haviam implantado, no chifre superior de todos os rinocerontes da reserva, um pequeno aparelho radiotransmissor. Assim, tornava-se uma tarefa fácil a contagem dos animais. Mas era preciso inspecionar cada um deles, verificar seu estado geral. Fazia-se necessário narcotizá-los, o que demorava. Dessa vez, a inspeção durara quatro dias, durante os quais Julius, Temo e os outros dormiram em tendas. Agora, retornavam à sede da reserva, junto à casa de Clarence.

As chuvas ainda não haviam chegado. O caminhão, um jipão militar adaptado, equipado com tração nas seis rodas, sacolejava e deixava um rastro de poeira. Os homens, aboletados na carroceria, eram *kikuyus* e trabalhavam sob as ordens de Olote, zoólogo formado pela Universidade de Nairóbi, doutor em grandes mamíferos. Riam gostosamente quando um obstáculo fazia o veículo dar um salto ou obrigava Julius a executar uma guinada mais súbita. Nessas ocasiões, o canto alegre misturava-se às gargalhadas.

Já quase 10 anos haviam se passado desde a morte de Jessica. Julius, próximo dos 50, era agora totalmente grisalho, talvez mais bonito, melancólico. Como ela teria gostado da reserva, da fazenda e dos rinocerontes, os protegidos de Clarence, principal razão da existência da Fundação Jessica Clarence.

Jessica morrera em um engavetamento de veículos, na Interestadual 95, em consequência de um nevoeiro. Fora abalroada por trás, por um caminhão, quando saltava do carro, após ter batido em outro, que freara à sua frente. Não sofreu grandes ferimentos. Mas, ao bater com a nuca na coluna divisória entre as portas, fraturou o pescoço. Sua morte foi instantânea.

Foi enterrada na fazenda dos pais, em Hooppole, não muito distante de Da-

venport. Foram todos. Além de Julius, dos pais, irmãs, cunhados e sobrinhos, Lisa e Bernard, Lora e Martin, Claire Kellegher, Cora e Basil Kennicot, Diane, Teresa, Jesus, Antoine, Alan Payne, Stella e David Lowell, Stephanie e George, o ex-marido Andrew, Jack West, do Oregon, Constantine, de Paris, o pessoal da Associados, do Manhattan, da cadeia Bars e da Andromeda.

Francine Kéraudy, apesar do ocorrido entre as duas, sentiu a morte da ex-amiga e confidente. Enviou um telegrama de Bagdá, onde se encontrava a negócios.

Jessica permaneceu bela, no caixão, como fora em vida. Julius manteve-se a seu lado, quieto, silencioso, o olhar fixo no corpo adormecido. Nunca mais ouviria suas baladas. Não mais rolariam na cama, presas de fúria passional. Nem veriam, do alto da Liberty Tower, o amanhecer no estuário do Hudson. Não mais navegariam no *Miss Montego.* Nem galopariam nos bosques de Lakeswater.

Clarence retornou a Nova York. Nos meses seguintes à morte de Jessica, não bebeu nem tomou comprimidos para dormir. Tinha plena consciência de que, se começasse, não haveria retorno. Tinha pela frente uma luta feroz contra a solidão e a desesperança. Seus pais já haviam morrido há muito. Não tinha irmãos, filhos, sobrinhos, nada. Julius Clarence só tinha a si mesmo, seus poucos amigos e seus negócios. Mergulhou no trabalho obstinadamente, lutando ferozmente contra a falta de entusiasmo.

Nos primeiros anos da década de 1980, abriu o capital da Clarence & Associados e vendeu ao público boa parte de suas empresas. Já não precisava recorrer a outros bancos para financiar suas aventuras especulativas. E, ironicamente, os banqueiros tradicionais agora insistiam em emprestar-lhe dinheiro. Mas Julius desdenhava. O especulador aventureiro cedera a vez ao filantropo, protetor das artes e das letras, defensor da natureza.

Ao comprar a Andromeda, em 1975, Julius herdara, automaticamente, as terras de Henry Knox, no Quênia. Um ano após a morte de Jessica, decidiu conhecê-las. A fazenda fazia fronteira com o Parque Nacional Tsavo, de preservação da vida selvagem.

Transformou a fazenda em fundação, deu-lhe o nome de Jessica e iniciou um programa de preservação de rinocerontes africanos, ameaçados de extinção. Reuniu diversos exemplares das espécies branca e negra, de dois chifres. Passou a mantê-los sob vigilância. Os animais multiplicaram-se. Eventualmente, um ataque de caçadores inescrupulosos reduzia o grupo. Mas, após a contratação de Temo Olote, o número jamais parou de crescer.

Em 1982, Julius comprou um Boeing 727-100 usado, pintou-o de preto e mandou colocar na cauda, abaixo dos profundores, a marca de dois chifres da fundação. Dificilmente ficava mais de três meses sem ir ao Quênia.

Com o tempo, voltou a dedicar-se aos negócios. Adquiriu a Vitalis, uma indústria de alimentos em Pittsburgh. Mas só se interessou novamente pelo mercado

na segunda metade da década, quando comprou a Trans Atlantic Airways, em uma ousada jogada de *takeover*, financiada com a emissão de obrigações de segunda classe, *junk bonds*, como eram conhecidas em Wall Street.

Voltou a Lakeswater cinco anos após a morte de Jessica, apenas para assinar a doação da propriedade ao Jessica Clarence Memorial Institute, fundado para ajudar na pesquisa sobre a Aids.

Em 1986, viveu um caso rumoroso e fugaz com Susie Anderson, estrela de Hollywood. Dois anos mais tarde, conheceu Marla Kobrovsky, magistral operadora de *junk bonds*, com quem manteve um *affaire* prolongado. Chegou a levá-la para alguns fins de semana em Greenwich. Depois, acabou.

Como a Guerra das Falklands dera grande prestígio aos Antares, Francine Kéraudy vendeu, sem dificuldade, centenas a Saddam Hussein, o até então pouco conhecido ditador do Iraque. A transação foi financiada por bancos americanos e europeus. Na época, o Ocidente esmerava-se em ajudar os iraquianos na guerra contra o Irã, este, sim, o grande inimigo.

De cliente da Midi-Pyrénées, o brigadeiro Alicio Garcia tornou-se agente. O melhor deles. A ditadura militar chegara ao fim em 1983. O Congresso argentino decretara a anistia (*Punto Final*). Garcia saiu ileso, reformado e milionário. Ofereceu-se para trabalhar para os franceses e, com grande habilidade, vendia mísseis ao Irã, através de uma sofisticada conexão israelense, enquanto Francine municiava o Iraque.

A conta do ex-brigadeiro no Centro-Europeu continuou crescendo. Seus colegas das Forças Armadas jamais haviam desconfiado da partilha do dinheiro ali depositado. Mudara-se para Paris, onde mantinha um belo apartamento na Avenue Kléber. A lembrança dos voos da morte, quando os presos eram lançados no espaço, tornou-se uma coisa vaga, longe no tempo.

Agora, Alicio Garcia dormia tranquila e sossegadamente.

Capítulo 84

Nem mesmo Otto Behr ousava interromper Clive Maugh sem aviso prévio. Esperou pacientemente que a secretária o anunciasse. Só então entrou na sala do diretor de Operações.

Era verão de 1990. Maugh vestia uma roupa leve, terno azul-marinho de tropical, gravata da mesma cor. O paletó encontrava-se às costas da cadeira. A camisa social, branca, de mangas curtas, deixava à mostra os antebraços peludos. O diretor de Operações encarou Otto por cima dos óculos. Fez sinal para que se sentasse.

— Acho que descobri a ponta de um iceberg — disse Behr. — Tenho quase certeza de que algo muito importante está para acontecer no mercado de petróleo.

Clive interessou-se imediatamente. Desviou o olhar do terminal de cotações a sua frente. Esperou que o outro continuasse.

— Schneider — disse Otto, referindo-se a Jacques Schneider, da Contabilidade e Controle — me informou que, nas duas últimas semanas, sofremos saques pesados em algumas contas.

— Coisa muito grande? — perguntou o inglês.

— Nada de assustar. O problema não é quanto saiu, mas de onde saiu.

— Pois bem, de onde saiu? — Maugh preferia que Behr fizesse menos rodeios.

— De algumas contas iraquianas, gente importante. Todos ligados à família Talfah. Khayr Allah Talfah é tio de Saddam Hussein. Foi quem o criou, pois o pai de Saddam morreu antes de ele nascer. Uma dessas contas pertence aos herdeiros de Adnan Khayr Allah Talfah, cunhado e primo de Hussein, que morreu ano passado, em um desastre aéreo. Exercia, na época, o cargo de ministro da Defesa.

Maugh pressentiu chumbo grosso. Inclinou-se para ouvir melhor.

— O segundo saque veio da conta de Hussein Kamil al-Majid, primo e genro de Saddam. Os membros da família casam-se entre si — explicou. — Al-Majid é quem compra armas para o Iraque. Acaba de encomendar à Midi-Pyrénées sensores ultrassofisticados para equipar os mísseis soviéticos Scud, que os iraquianos têm em profusão.

— Mais algum? — perguntou o diretor de Operações.

— Diversos. Todo o pessoal de Tikrit está retirando dinheiro. É uma cidade pequena, ao norte de Bagdá, onde Saddam Hussein nasceu e onde recruta a maior parte de seus ministros e homens de confiança. É possível que essas contas pertençam ao próprio Saddam — acrescentou Behr, baixando a voz para criar um clima de mistério.

— Bem — disse Clive. — Os iraquianos estão fazendo grandes retiradas. Mas por que você acha que isso é a ponta de um iceberg?

— Porque o dinheiro está indo para a Svarzo. — Referia-se à Svarzo & Partners, uma das maiores corretoras londrinas. — E a Svarzo está comprando, em Nova York e Londres, grandes quantidades de opções de petróleo, vencimento em setembro, *strike* de 25 dólares. Está comprando para os iraquianos — disse Otto, entusiasmando-se. — Soube ontem, de fonte limpa — completou.

Aquilo era realmente importante. O petróleo encontrava-se, naqueles primeiros dias de julho, a 18 dólares o barril. Havia abundância do produto, pois o Kuwait, os Emirados Árabes Unidos e o próprio Iraque trapaceavam, produzindo além de suas cotas, fixadas pela OPEP.

Uma opção para setembro, *strike* 25 dólares, garantia a seu proprietário o direito de comprar petróleo futuro Setembro pelo preço de 25. As opções expiravam na sexta-feira, dia 11 de agosto. Para um comprador de *strike* 25 ganhar dinheiro, seria preciso que, antes de 11 de agosto, o petróleo subisse de 18 para mais de 25 dólares, coisa altamente improvável, com tanto produto no mercado e faltando tão pouco tempo para o vencimento. Por isso, as opções de 25 valiam apenas alguns centavos por barril.

A não ser que acontecesse um imprevisto, algo grande, que provocasse pânico no mercado. E foi o que imediatamente ocorreu a Clive Maugh.

— Você… acha que os iraquianos estão preparando uma surpresa? Um grande iceberg? — perguntou, já decidido a comprar opções de petróleo para suas carteiras.

Às 2h da manhã de 2 de agosto, nove dias antes do vencimento das opções, divisões motorizadas iraquianas, totalizando mais de 100 mil homens, cruzaram a fronteira com o Kuwait e correram, celeremente, pela autoestrada de seis pistas que leva à capital.

Com a invasão, o preço do petróleo disparou. Em poucos dias, pulou de 18 para 30 dólares. O Sindicato comprara opções de *strike* 20, 21 e 22 dólares e, mais uma vez, obteve um grande lucro para suas carteiras graças às suas informações privilegiadas.

Clive Maugh já trabalhava no Centro-Europeu há 23 anos. Agora, administrava bilhões. Nos últimos anos, conseguira estar do lado certo em quase todos os movimentos do mercado.

Estivera vendido em ações no *crash* da Bolsa de Valores de Nova York, em outubro de 1987. Ganhara uma fortuna comprado em marco da Alemanha Oriental, antes da queda do muro de Berlim, em outubro de 1989.

Tornara-se um especialista em descobrir novas empresas, ainda desconhe-

cidas do grande público, mas que apresentassem um grande potencial. Fora um dos primeiros a comprar ações da Cyberia, antes de Arthur Clusky inventar o Waves e revolucionar o mercado de software.

Outra de suas especialidades era descobrir empresas em dificuldades financeiras, mas possuidoras de grande patrimônio. Clive comprava o controle em bolsa, ou no mercado de balcão, e, depois de retalhá-las, vendia os pedaços, com grande lucro.

Era senhor absoluto do Sindicato. Os outros diretores dificilmente o contestavam. Otto Behr trabalhava praticamente só para ele. Seu nome era citado por profissionais dos cinco continentes com respeito e admiração. Clive Maugh, diziam, era grande, o melhor de todos.

Mas, longe de estar satisfeito, Maugh sentia-se entediado. Raramente chegava cedo ao escritório. Já não dormia no apartamento ao lado da sala de operações. Há muito não trabalhava aos domingos. Aos poucos, afastara-se dos outros mercadores da noite.

O inglês Clive Maugh, diretor de Operações do Banco Centro-Europeu de Lausanne, só agora percebia a verdade: o importante não era vencer, e sim infligir uma grande derrota. Não bastava ser um ganhador. Era preciso haver um perdedor, palpável, conhecido de todos, um homem de mercado. E, no entanto, seu arquirrival e inimigo, Julius Clarence, encontrava-se ausente, cuidando de rinocerontes, ridículos e estúpidos rinocerontes.

Era preciso atraí-lo de volta, para que pudessem, novamente, bater-se na arena exclusiva dos gladiadores do capital selvagem.

Dessa vez Maugh teria de agir sozinho. Dificilmente seus companheiros concordariam com uma vendeta pessoal, despropositada, levando o Sindicato a correr riscos desnecessários. Por isso, escolhia, cuidadosamente, um agente para operar exclusivamente para ele, alguém que não tivesse outra escolha a não ser ajudá-lo a destruir Julius Clarence, suas empresas, suas fundações, sua reputação e seus malditos rinocerontes. Então, sim. Seria um verdadeiro vencedor.

Capítulo 85

Clarence permaneceu ainda alguns dias na reserva. A fauna era abundante. Rinocerontes, zebras, girafas, alguns grandes elefantes africanos e diversas famílias de leões podiam ser observados em meio ao capim alto, dourado naquela época do ano, que crescia entre as árvores espaçadas da savana.

Finalmente Julius retornou a Nova York. Vinha, aos poucos, interessando-se novamente pelo mercado. Trabalhava agora principalmente com ações, não as *blue chips*, conhecidas de todos. Gostava de descobrir empresas novas, que estivessem desenvolvendo um produto promissor. Era fascinante vê-las subindo cada degrau da escada do mercado. Descobri-las era uma espécie de caça ao tesouro, à qual Clarence se entregava com cada vez mais entusiasmo e dedicação.

Havia também os japoneses. Estes o assediavam, há vários meses, insinuando uma sociedade. Julius conhecia pouco do Japão e de seus empresários. No episódio da Andromeda, ficara abertamente contra eles, na campanha "Compre americanos". Mesmo assim, o grupo Shirayshi insistia para que ele os visitasse e ouvisse uma proposta formal de associação entre a Clarence & Associados e a Yamakawa Securities, corretora e braço financeiro do poderoso conglomerado japonês.

Nos últimos 10 anos, o iene valorizava-se, sistematicamente, frente ao dólar. Isso permitia que os japoneses comprassem, em quantidade cada vez maior, ações de empresas americanas e imóveis nos Estados Unidos. Chegavam a adquirir grandes fazendas de criação de gado no Texas, para desconsolo dos texanos tradicionais. Eram também os principais participantes dos leilões de obrigações do Tesouro americano.

Por isso, quando Shadao Shirayshi, o venerável e octogenário presidente do grupo Shirayshi, telefonou-lhe pessoalmente, Julius viajou para Tóquio, a bordo de um dos 747-400 da Trans Atlantic. Foi recebido com honras no Aeroporto Internacional de Narita, de onde foi levado ao Hotel Imperial, situado no mesmo complexo onde ficava a sede do conglomerado Shirayshi.

Depois de um fim de semana de descanso, e recuperação das 10 horas de diferença de fuso horário, Clarence saiu, no domingo, para jantar com o senhor Shadao no Restaurante Isecho. Felizmente, Julius gostava de comida japonesa. Pôde deliciar-se com um maravilhoso *kinkary*, uma delicada combinação de legumes decorados e frutos do mar.

O ancião ficou satisfeito ao ver que seu convidado gostava da comida.

— Senhor Clarence — disse ele em um inglês mais do que razoável. — Soube que tem uma indústria de alimentos.

— Chama-se Vitalis, senhor Shirayshi — Julius apressou-se em esclarecer. — Há cerca de três anos, introduzimos alguns pratos japoneses em nossos cardápios. Foi um sucesso. Desde então, estamos sempre acrescentando novas variedades.

— É uma comida saudável, senhor Clarence. Já os japoneses fazem o inverso. Comem agora bacon com ovos no café da manhã e, se o senhor prestar atenção quando sair à rua aqui em Tóquio, verá que as cadeias de fast-food americana se encontram permanentemente lotadas.

Em momento algum, durante o jantar, o senhor Shirayshi referiu-se a negócios. Os dois homens conversaram sobre hábitos alimentares, falaram do programa de proteção aos rinocerontes, do clima, de generalidades.

O primeiro encontro de trabalho realizou-se na segunda-feira. Os empresários haviam agendado uma reunião, às 9h30 da manhã, na sede do conglomerado Shirayshi, no 15º andar da Imperial Tower.

Ainda um pouco desbalanceado pela diferença de fuso horário, Julius acordou muito cedo. Às 8h da manhã já terminara o café da manhã. Deu algumas voltas pela Imperial Plaza. De lá, pôde admirar a fachada da torre, revestida em cerâmica rosa, as janelas de vidro fumê, em formato de *bay window*. Depois, passeou pelas galerias do térreo e do subsolo. Chanel, Gucci, Guerlain, Alfred Dunhill, Christian Dior, todas as boas lojas do Ocidente ali estavam à captura dos preciosos ienes.

Às 9h15 dirigiu-se ao luxuoso saguão da Imperial Tower. Entrou no elevador Toshiba, ultrarrápido, percorrendo, em segundos, os 15 andares até a sede do conglomerado Shirayshi, um imóvel de 10 milhões de ienes por *tsubo* (medida equivalente a pouco mais de três metros quadrados), quase 10 vezes mais caro que a Liberty Tower, em Nova York.

O senhor Shirayshi viera de metrô para o escritório, um hábito antigo. Já presidira duas reuniões, antes da chegada do visitante. Recebeu-o calorosamente. Apresentou seus principais executivos, cada um deles se esmerando em curvar-se mais, em saudação. Depois, levou-o a conhecer as luxuosas instalações e apreciar a magnífica vista. Clarence pôde ver os jardins do Palácio Imperial, o Hibiya Park, a linha do Shinkansen (trem-bala) e a Torre de Tóquio.

Já em sua sala, o senhor Shirayshi serviu chá. Só então tratou de negócios.

Propôs uma sociedade. O grupo japonês compraria 20% da Clarence & Associados e do Banco Comercial de Manhattan. Em troca, venderia ações da Yamakawa Securities no mesmo valor. Passariam a atuar no mercado de obrigações americanas através da Associados. Explicou que a Yamakawa comandava as operações de diversos fundos de pensão japoneses, sendo os volumes de negócios muito grandes.

Julius também desejava investir no Japão, pois o iene continuava a valorizar-se diante do dólar. Fechou negócio com os japoneses.

Voltou para casa na quarta-feira. Na segunda-feira seguinte, haveria um lei-

lão de obrigações de 30 anos, um dos grandes, no valor de 8 bilhões de dólares. Seria, então, possível operar pela primeira vez para os novos e poderosos sócios.

Os dias de leilão costumavam ser agitados no open market. Os preços oscilavam, para cima e para baixo, até a hora da divulgação dos resultados. Só então tomavam um rumo definitivo. Se a média ficasse próxima da cotação máxima, significava uma boa demanda. Os preços subiam. Quando a média se aproximava da mínima, caíam. Era um sinal nítido de que a procura havia sido fraca. Os japoneses costumavam ser o fiel da balança. Quando participavam ativamente do leilão, era uma festa para o mercado. Os papéis subiam após o resultado e Wall Street se fartava de ganhar dinheiro.

Às 10h da manhã de segunda-feira, havia um clima de nervosismo na plataforma de operações da Associados. Estariam atuando, pela primeira vez, para os japoneses. Era preciso que tudo funcionasse como um relógio.

Pouco depois das 10h, Yoshio Ikeda, chefe da mesa de *open* da Yamakawa, ligou para a Associados. Falou com Bernard, sob cuja direção eram conduzidos os negócios de obrigações. Eram 8h da noite no Japão e, como sempre quando havia leilão, Yoshio pretendia trabalhar até o fechamento do mercado de Nova York, o que equivalia a permanecer em seu posto até as 4h da manhã, hora de Tóquio.

— Senhor Davish, não? — indagou o japonês. — Pretendo fazer uma proposta de 500 milhões. Vamos olhar o mercado para definirmos a taxa, não?

Bernard ficou decepcionado. Julius, sentado à sua frente, e ouvindo na extensão, também. Embora 500 milhões fosse uma proposta alta, bem acima dos padrões normais da Associados, esperavam algo maior por parte dos japoneses em sua estreia. No mínimo, 1 bilhão.

O japonês percebeu a decepção do americano.

— Senhor Davish — continuou ele. — Na próxima meia hora, quero que o senhor compre, na bolsa, em Chicago, 50 mil contratos futuros de obrigações para junho. Sabe por quê? Porque estamos participando do leilão através de outras 15 corretoras. Vamos comprar um total de 8 bilhões. O leilão inteiro, não, senhor Davish?

Bernard Davish e Julius Clarence ficaram lívidos. Os japoneses estavam comprando todo o leilão de 30 anos. E eles sabiam dessa informação extremamente privilegiada. Os dois pensaram a mesma coisa. Atuariam somente como *brokers* ou poderiam comprar alguma coisa para a Associados? Poderia ser a porrada do ano. Ikeda, como se lhes adivinhasse o pensamento, concluiu:

— Senhor Davish, sugiro que compre outros 10 mil contratos para inaugurarmos nossa sociedade. Vai ser uma boa pancada, não? — O japonês Yoshio Ikeda também pertencia ao clube.

Dessa maneira, Julius Clarence veio a saber que, quando o senhor Shadao Shirayshi comprava obrigações, comprava todas elas.

Capítulo 86

Horace Bowie encontrava-se ligado ao projeto do Túnel do Canal desde 1986, ano em que a primeira-ministra Margaret Thatcher e o presidente François Mitterrand anunciaram a escolha de um consórcio franco-britânico para construir e explorar a ligação ferroviária entre a Grã-Bretanha e a França. Nessa época, Bowie trabalhava no consórcio vencedor da concorrência, como escriturário, no Departamento de Seguros.

Mais tarde, a SNCF, da França, a British Rail, da Grã-Bretanha, e a SNCB, da Bélgica, formaram a sociedade Eurotunnel PLC, para construir e explorar, até o ano 2052, a passagem sob a Mancha (canal Inglês, para os britânicos). Bowie foi transferido para a nova empresa e continuou a tratar de seguros.

Em 1989, enormes perfuratrizes, tracionadas por lagartas, iniciaram as escavações, dando início à construção da obra, cujos primeiros projetos remontavam à época napoleônica. Horace fora, então, promovido. Era agora funcionário graduado do departamento.

No dia 6 de maio de 1994, quando a rainha Elizabeth II e o presidente Mitterrand participaram da viagem inaugural, Bowie já era o segundo na hierarquia do departamento de seguros. Já viajara sob o canal, bem antes da rainha e do presidente francês. Em 20 de junho de 1993, estivera a bordo do primeiro trem a trafegar, extraoficialmente, sob a Mancha, rebocado por uma locomotiva a diesel.

Graças à sua competência e dedicação, aliadas a uma honestidade inabalável e fidelidade canina à empresa, pouco menos de 10 anos após a sua contratação, recebeu a incumbência de dirigir o departamento. Assistiu emocionado ao início da operação comercial, quando o Eurostar — nome dado ao trem de alta velocidade que fazia a ligação entre a Grã-Bretanha e o continente — transportou seus primeiros passageiros. Tinha, na época, 43 anos de idade.

Antes de envolver-se com o Eurotunnel, Horace sempre trabalhara com seguros. Primeiro, como vendedor de seguros de vida. Mais tarde, como auxiliar de um corretor do Lloyd's. Agora, podia considerar-se um homem realizado. Na Eurotunnel, nenhum seguro era feito, nenhuma apólice renovada, nenhum prêmio pago, nenhuma indenização recebida sem que fosse consultado. Nada se fazia sem seu *nihil obstat.*

Em seu departamento, os valores envolvidos, primeiro na construção e, agora, na operação, eram astronômicos. O empreendimento valia, ao todo, 10 bilhões de libras esterlinas. Era preciso segurar, além do túnel propriamente dito, as linhas de tráfego na Grã-Bretanha, na França e na Bélgica, as estações geradoras, as linhas de transmissão e as oficinas de reparos e manutenção.

O Eurotunnel tornara-se a grande paixão de Horace. Nem mesmo a mulher, Mathilde, e os gêmeos, Robin e John, mereciam-lhe tanta dedicação.

O corpo alto e esquelético (seus 65 quilos distribuíam-se ao longo de 1,89 m) e a cabeça grande e desproporcional valiam-lhe o apelido de "Palito de Fósforo", dado pelas secretárias. Usava lentes bifocais. Seu rosto, extremamente pálido, resultava de apenas um ou dois banhos de sol anuais, em Brighton, no verão, quando levava Mathilde e os garotos à praia.

Era um dos últimos da City que ainda teimavam em usar chapéu-coco, geralmente acompanhado de terno cinza-escuro e gravata preta. Nesta, um pregador, com as três ondas azuis e a estrela dourada do logotipo do Eurostar, testemunhava seu amor à empresa.

Conhecera Mathilde, 10 anos mais moça, quando ela ainda trabalhava no pregão do Lloyd's e era secretária em uma sociedade corretora de ações da City. O primeiro encontro dera-se por acaso, na verdade um pequeno acidente. Sentavam-se à mesma mesa, em um restaurante popular, onde ambos almoçavam diariamente. Horace derramara um copo de leite sobre o vestido da moça. Ficara extremamente encabulado. "Não é nada", dissera ela. Passaram a cumprimentar-se. Finalmente, a almoçar juntos.

Não sendo, nenhum dos dois, dado a aventuras, casaram-se após um breve e sossegado período de namoro. Horace pediu-lhe que parasse de trabalhar. Ela aquiesceu, satisfeita.

Viviam harmoniosamente. Mathilde dedicava-se única e exclusivamente ao lar e aos meninos. Sentia-se extremamente grata por ter um marido tão fiel, dedicado, com um emprego seguro, em um cargo tão importante.

Diariamente, Horace Bowie saía de casa, em Colindale, um subúrbio de classe média, às 7h45. Dirigia menos de dois quilômetros, até a estação do underground. Pegava o trem da Northern Line, sentido sul, até a estação de Charing Cross, quase do outro lado da cidade. Ao sair da estação, precisava caminhar apenas algumas dezenas de metros, subindo a John Adam Street até o Edifício Adelphi, um prédio em estilo georgiano, onde funciona a Eurotunnel PLC. Bowie entrava em sua sala, invariavelmente, entre 8h30 e 8h45.

Geralmente, era convidado a almoçar com representantes de companhias seguradoras. Nas poucas vezes em que comia sozinho, ia a um dos inúmeros restaurantes situados junto à estação de Charing Cross.

O expediente encerrava-se às 5h. Mas Horace se habituara a esticá-lo até as 6h30. Aproveitava essa hora e meia adicional para estudar propostas, apólices e examinar tabelas atuariais. Só então voltava para Mathilde e as crianças. Chegava em casa pouco depois das 7h30.

A rotina era imutável. Até que um imigrante se suicidou na estação de Leices-

ter Square, exatamente na Northern Line, e Bowie viu-se às voltas com o problema de traçar um roteiro alternativo. Decidiu tomar a Bakerloo Line até a Baker Street. Lá, faria a mudança para a Metropolitan Line. Um expresso o levaria a Wembley Park, onde, finalmente, pegaria um ônibus ou um táxi — Horace não gostava de esbanjar, mas aquela era, definitivamente, uma exceção — até o estacionamento, em Colindale.

Mas, seguramente, não era seu dia de sorte. Chegando à Baker Street, subiu para a Metropolitan, que corre bem acima da Bakerloo. Um trem acabava de partir da plataforma, que formava um V com a District e a Circle Line. Olhou as horas. Certamente chegaria bem atrasado. No mínimo, 45 minutos. Decidiu ligar para Mathilde.

Foi até uma cabine telefônica.

— Estou atrasado — avisou. — Parece que houve um acidente. Não, querida. Não foi comigo. O IRA? Não, querida, não sei se foi o IRA. Só sei que houve um acidente. Em Leicester Square, parece.

Já ia deixar a cabine quando viu o pequeno anúncio fixado ao vidro. "Castigue-me severamente", dizia. Ao lado, o desenho de uma garota jovem, muito atraente, extremamente sensual, usando salto alto, meia-calça, o busto completamente nu, luvas pretas cobrindo as mãos e parte dos braços.

A jovem encontrava-se inclinada, apoiando-se sobre um móvel baixo, o traseiro projetando-se para cima. Em cima, um telefone: 258-1437.

Sentiu-se culpado apenas por ter olhado. Deu uma espiada para fora da cabine. Não havia ninguém esperando para falar. Foi, subitamente, acometido de uma vontade irresistível de telefonar. Mas, e se a moça estivesse observando de longe? Mas que bobagem. Como ela poderia saber que ele estava interessado? Sim, interessado. No mínimo, em ouvir a voz. Apenas um pouquinho, depois desligar e ir correndo para casa. Outro trem já encostava na plataforma enviesada.

Colocou uma moeda. Dois, cinco, oito, um, quatro, três, sete. Os dedos eram senhores de si. Não obedeciam ao comando da razão. Ouviu a chamada ritmada, de dois em dois sinais.

— Alô? — a voz rouca era tão sensual quanto a gravura. Horace desligou, descolou o anúncio, preso ao vidro com goma de mascar, guardou-o no bolso, saiu da cabine e dirigiu-se rapidamente ao trem da Metropolitan.

Pouco mais tarde, durante a viagem de táxi — decidira-se por um táxi — entre Wembley Park e a estação de Colindale, memorizou o número. Já no estacionamento do underground, disfarçadamente, amassou e largou o papelote no chão. Chegou em casa sobressaltado. Certamente por causa do IRA, pensou Mathilde.

Nos dias seguintes, Bowie voltou a ligar diversas vezes para a moça. Sempre de cabines públicas. Ela atendia, ele desligava. Só duas semanas depois, armou-se de coragem para dizer alguma coisa.

— Alô? — dissera a voz rouca mais uma vez.

— Ah, desculpe... desculpe incomodar, mas eu vi o anúncio.

— Ah, então é você que telefona todos os dias. Mas por que desliga, queridinho? Não sabe o que está perdendo. Sabe onde eu estou, meu amor? Estou deitada na cama, nua, à sua espera. Por que não vem encontrar-se comigo? Vai ter uma surpresa. Mas tenho certeza de que irá gostar.

Só então Bowie percebeu. A voz rouca. Um homem. Provavelmente um travesti. Subitamente, lembrou-se da Aids. Desligou rapidamente.

Mas não conseguiu afastar a garota — para ele, estranhamente, continuava sendo uma garota — do pensamento. Passados alguns dias, certa manhã, desceu rapidamente na estação de Leicester Square, saiu à rua e comprou uma revista, cuja capa observara em outra banca, perto do trabalho. Guardou-a cuidadosamente na pasta e voltou ao underground. Só mais tarde, no fim do dia, no escritório, quando teve certeza de que não havia mais ninguém na antessala, examinou seu conteúdo.

Quando Horace viu os corpos jovens e lindos, os seios empinados, as nádegas redondas, as bocas carnudas, quando sentiu um terrível desejo de tocar naqueles pênis em corpos femininos, soube imediatamente que sua sorte estava lançada.

Telefonou dali mesmo para a garota do anúncio e, no dia seguinte, depois de dar uma desculpa em casa — um jantar com o presidente de uma seguradora —, foi encontrar-se, de terno e gravata, com ela, num hotel de quinta categoria, junto à estação de King's Cross. Antes, parou em uma farmácia e comprou preservativos.

Trêmulo, seguiu as instruções que ela havia dado. Apresentou-se na recepção como senhor Jones, pagou 20 libras adiantadas ao encarregado, um *sikh* carrancudo, e subiu para o quarto. Conheceu, então, a coreana — ou o coreano, melhor dizendo — chamada Michele.

Uma hora depois retirou-se, enojado consigo mesmo. Deu uma volta completa na Circle Line para chegar em casa numa hora mais compatível com o jantar de negócios. Tomou um banho, sempre o fazia antes de deitar-se, e dormiu, jurando nunca mais repetir a aventura.

Mas não cumpriu o juramento. Continuou se encontrando com o coreano e com outras. Seus telefones, ele os obtinha nas cabines telefônicas.

Capítulo 87

Desde sua admissão no Centro-Europeu, 30 anos antes, Clive Maugh era conhecido por seus hábitos estranhos. Sua alimentação consistia em leite e sanduíches de queijo. Complementava a dieta com uma profusão de vitaminas. Vestia seus costumeiros ternos azul-marinho, gravata da mesma cor, camisa branca.

Em seu amplo apartamento, raramente admirava a magnífica vista: na frente, os barcos fundeados no lago e um repuxo que lançava uma coluna d'água a mais de 120 m; nos fundos, as montanhas, verdes nos meses quentes, brancas no inverno.

O interior assemelhava-se mais a uma biblioteca, eclética, variando de estantes repletas de clássicos a gavetas cheias de revistas pornográficas. Em uma sala especial, Maugh guardava seus discos de música clássica. Renovava constantemente a aparelhagem de som. Fazia questão de possuir o melhor e mais moderno.

Apesar de mais velho, continuava a receber prostitutas. Agora, com mais frequência, pois dispunha de mais tempo. Já não dormia tantas vezes no Sindicato.

Efram, o proxeneta, há muito retornara a sua terra. Mas tomara o cuidado de deixar um substituto. Este, com a mesma competência do antecessor, abastecia o cliente com o que de mais exótico havia no mercado.

Süleyman, o sucessor, só cometera um erro grave. Levara, de uma feita, dois travestis ao apartamento do lago. Foram imediatamente rechaçados. A lição foi aprendida. O cliente gostava de mulheres, no mínimo duas de cada vez. Rapazolas não o interessavam, nem mesmo quando era difícil estabelecer a diferença.

Além de suas excentricidades costumeiras, Maugh adotara novos hábitos. Novos e estranhos. Não recebia ninguém, no escritório, sem antes sua secretária verificar se o visitante estava gripado. Caso estivesse, era conduzido a outros, nunca ao diretor de Operações. Evitava apertar a mão de seus interlocutores. Só o fazia quando inevitável, correndo a lavar as mãos, com álcool, tão logo se via a sós. Quanto às putas enviadas por Süleyman, Clive as observava de prudente distância, enquanto se masturbava.

Os demais diretores do Sindicato temiam que Maugh estivesse enlouquecendo. Eventualmente, dois ou três se reuniam, à socapa, cuidando de sua demissão. Bastaria o voto da maioria simples do Comitê Diretor. Os estatutos legados por René Russon eram claros a respeito.

Mas o diretor de Operações, mesmo não trabalhando tantas horas por dia como antes, garantia a maior parte dos lucros do Centro-Europeu. E as polpudas gratificações com as quais os colegas engordavam seus portfólios particulares.

Finalmente havia o cardeal Bento d'Onofrio, curador do Tesouro do Vaticano,

maior cliente do Sindicato. Nos últimos anos, o prelado adquirira o hábito de conversar diariamente com Clive Maugh. Ao contrário dos outros clientes importantes, com quem o diretor de Operações mantinha um relacionamento distante e protocolar, o cardeal recebia toda a atenção. Sua Eminência retribuía o tratamento. Fazia ver a todos que o santo dinheiro da Igreja de Roma estava sob a tutela do inglês Clive Maugh, não da instituição Banco Centro-Europeu de Lausanne.

Maugh vinha obtendo algumas informações propositadamente sem o concurso de Otto Behr. Aproveitava-se das férias do chefe da Inteligência, que viajara para Maiorca, para receber, na discrição de seu próprio apartamento, o compatriota Jeffrey Rogers, detetive particular.

Rogers trazia o resultado das investigações encomendadas pelo diretor do Sindicato.

— Levou algum tempo — disse ele. — Mas consegui um bom material. Julgue o senhor mesmo. — Estendeu um envelope cinzento com as fotos de Horace Bowie.

Era uma coleção impressionante. O chefe do Departamento de Seguros da Eurotunnel aparecia em situações e poses comprometedoras. Em uma delas, uma mulher muito alta, morena, aparecia entrando no carro de Bowie. Foto tirada por profissional. Percebiam-se, nitidamente, as duas figuras. O inglês, abaixando-se e estendendo a mão para abrir a porta do outro lado do carro. De costas, preparando-se para entrar no veículo, uma morena, evidentemente uma prostituta, tão típica era a vulgar indumentária.

— Trata-se de um travesti. Não de uma mulher — explicou Rogers. — Mas não precisava. Clive examinava agora, com indisfarçável repugnância, outra foto. Nesta apareciam, deitados, completamente nus, Horace e uma oriental, ou melhor, um oriental, pois era visível o pênis, avantajado, ereto, contrastando abruptamente com o lindo par de seios, redondos, mais acima.

Maugh indagou-se como o detetive obtivera tal foto.

— O quarto foi preparado para o encontro — Jeffrey adivinhou-lhe o pensamento. — O senhor Bowie tem o hábito perigoso de ir sempre ao mesmo hotel, uma espelunca, perto da estação de King's Cross. Havia uma câmera oculta à sua espera. Uma questão do dinheiro certo para a pessoa certa. No caso, um *sikh,* ávido por algumas libras extras.

O diretor do Centro-Europeu examinou cada uma das fotos, todas comprometedoras. Horace Bowie podia ser visto com diversos travestis, dentro do carro, saindo do veículo, entrando no hotel. Aparecia em sessões de masturbação a dois, beijando-os na boca, fazendo sexo oral. Clive Maugh chegou a sentir algum desejo, os prolegômenos de uma ereção. Quem sabe...? Como voyeur...

— Muito bem, senhor Rogers. Ficarei com elas. Combinamos 10 mil dólares, certo?

— Libras. Trabalho com libras, senhor. Mas, evidentemente, posso aceitar o equivalente em dólares.

Maugh foi a outro cômodo e separou os dólares correspondentes a 10 mil libras. Entregou o maço de notas ao detetive. Levou-o até a porta.

— Se for preciso, sei onde encontrá-lo. Tenha uma boa viagem de regresso, senhor Rogers.

Capítulo 88

Kenneth Estevez não era apenas mais um entre os milhões de investidores americanos interessados por ações. Tratava-se de um viciado no mercado de opções.

Como dentista, sua verdadeira profissão, era muito competente. Gozava de boa clientela em seu consultório no Rockefeller Center. Hábil, extremamente cuidadoso, esmerava-se para que seus pacientes sofressem o mínimo possível. Suas próteses eram perfeitas, resultado de anos de trabalho árduo, dedicação e experiência. Sua sala de espera permanecia lotada, pois, além das consultas marcadas, havia as emergências. Estevez nunca deixava de atender a um cliente, mesmo que fosse preciso trabalhar até tarde da noite.

Devido a sua dedicação e competência, ganhava muito dinheiro. Lamentavelmente, perdia quase tudo nas opções.

Os investidores do arriscado mercado de opções podem comprar *calls* ou *puts*. *Calls* dão o direito de comprar ações por determinado preço. Aos proprietários de *puts*, reserva-se o direito de vender. Quem quer apostar na alta, compra *calls*. Para jogar na baixa, compra *puts*.

O dentista Kenneth não tinha preferências. Algumas vezes, era touro, adquiria *calls*. Em outras, tornava-se urso, comprava *puts*. Queria sempre apostar de um lado ou de outro. Ora achava que o mercado ia subir, ora estava certo de uma queda espetacular.

Fazia seus negócios no intervalo entre um cliente e outro. Depois, enquanto se inclinava sobre a boca escancarada, dividia-se entre cáries, obturações, pivôs, coroas e o mercado. Como estariam as ações das quais comprara *calls* ou *puts?*

Quando, porventura, tinha a sorte de atender a um profissional de mercado, fazia perguntas, pedia dicas, mesmo sabendo que o pobre, a boca imobilizada, encontrava-se impossibilitado de responder.

Ao fim do dia, sonhava. Via-se perpetrando tacadas milionárias, sentia-se um grande *trader*. Imaginava-se vivendo nas Bahamas, com um escritório particular na própria casa, repleto de terminais das bolsas. Movia-se entre as telas iluminadas, o telefone à mão, passando ordens aos corretores em Nova York, Chicago, Londres, Tóquio.

No mundo real, nada disso acontecia. Era um perdedor sistemático. Quando comprava *calls*, o mercado caía. Quando comprava *puts*, antevendo um *crash* no mercado, a bolsa subia, para seu desalento.

Estevez assinava inúmeras publicações. Lia todos os boletins de recomendações a seu alcance. Passava horas, à noite, e durante os fins de semana, traçando

gráficos, estudando balancetes das empresas. Mas, na hora de negociar as opções, era disperso. Comprava determinado *call*, recomendado por um analista, e, subitamente, influenciado por outro guru — existiam aos montes em Wall Street —, liquidava-o com prejuízo e comprava *puts*.

Felizmente, era divorciado. Já se livrara do inferno de ter de dar explicações a Emma, quando faltava dinheiro para as férias ou para a compra de um carro novo. Ela nunca o entendera. Se era tão bom dentista, como diziam, como podia ter menos dinheiro que Peter Falk, colega de profissão, morador da casa em frente, no condomínio em Nova Jersey. Falk mudava de carro anualmente e viajava constantemente à Europa. Não se esquecia de avisar os vizinhos, é claro, o exibicionista.

Depois do divórcio, Kenneth mudara-se para um pequeno apartamento na Rua 67, lado oeste, esquina com a Broadway, perto do Lincoln Center. Ao fim de cada mês, após os prejuízos no mercado, mal dava conta de pagar a pensão do pequeno Bobby, de apenas 5 anos, e o aluguel.

Subitamente, as coisas melhoraram. Estevez abrira uma conta na De Ville e, no intervalo entre duas consultas, seu corretor segredara-lhe ao telefone:

— Compre *calls out-of-the-money (out-of-the-money* eram opções cuja possibilidade de exercício era muito remota) da Mohair. Uma empresa da Califórnia. — E baixando o tom da voz: — Nosso maior cliente, o Banco Centro-Europeu de Lausanne, está comprando esses *calls*. O papel vai dar uma porrada. É uma barbada. Só estou lhe falando isso por amizade. Sei que não tem dado muita sorte.

Sem esperar que o dentista, já todo excitado, perguntasse alguma coisa, apressou-se em explicar:

— A Mohair descobriu um catalisador de poluição para automóveis que dispensa o uso de platina. Vai poder ser usado em todos os estados, mesmo na Califórnia, onde os padrões são os mais exigentes.

Kenneth pôde comprar bastante, 20 mil dólares em *calls*. Obtivera, também intermediado pela De Ville, um empréstimo, para o qual dera em garantia os equipamentos do consultório. Enfim, chegara a hora de sua redenção, sua grande tacada.

Um mês após a compra, os *calls* já valiam 50 mil dólares. E a Mohair continuava subindo. Cochichava-se que iria lançar uma nova patente. Estevez piramidou para cima. Vendeu os *calls* comprados anteriormente e comprou outros, de exercício mais difícil ainda. Sempre por recomendação de seu corretor, seu novo guru.

— Os caras da Suíça estão investindo milhões. A porrada da década — sussurrava ao ouvido extasiado do dentista.

Dez dias antes do vencimento, as opções totalizavam 75 mil. Kenneth já estava quase satisfeito. Quando chegassem a 100 mil — o guru dizia que chegariam a 200 mil, mas não era ganancioso —, venderia todo o lote. Se desse mais umas cinco

tacadas como aquela, fecharia o consultório. Compraria, então, uma passagem, só de ida, para Nassau.

De Lausanne, Clive Maugh acompanhava atentamente o desenrolar daquele pequeno negócio em Nova York. Lentamente, costurava a teia de sua armadilha para pegar Julius Clarence.

Capítulo 89

Apesar de jovem — tinha apenas 28 anos —, Norman Crane era um dos mais antigos e fervorosos militantes do Partido Radical Nacionalista Saxão. Nunca deixava de comparecer às reuniões semanais. Contribuía com 20% dos seus ganhos — não era muita coisa, pois, constantemente desempregado, vivia de biscates esporádicos. Pagava sua mensalidade religiosamente.

Observava cuidadosamente os rituais da organização. Ao reunir-se com os companheiros, saudava-os estendendo a mão direita e colocando-a sobre seus ombros. Para o chefe do partido, Christopher Hawn, o tratamento era diferenciado. Norman estendia a mão para cima. Batia os calcanhares em sinal de respeito.

Conhecia, de cor e salteado, a doutrina e os mandamentos do PRNS. Os saxões radicais — como gostavam de ser chamados — organizavam um movimento para livrar as ilhas britânicas dos imigrantes, devolvendo-os às suas origens ou, se fosse necessário, eliminando-os sumariamente.

Sua infância não fora melhor que a dos pobres imigrantes, alvo de seu ódio. Não conhecera o pai. A mãe, prostituta e alcoólatra, livrara-se dele na primeira oportunidade. Vivera em orfanatos e casas de caridade. A princípio, apanhara dos colegas. Depois, tornara-se esperto. Não raro, liderava pequenas gangues, dentro das próprias instituições ou entre as ruas dos bairros pobres de Londres.

O projeto dos saxões radicais visava o longo prazo. Era preciso primeiro recrutar militantes. Faziam-no entre os arruaceiros das torcidas dos times de futebol, entre os desempregados e, principalmente, entre os grupos de neonazistas que infestavam a Grã-Bretanha.

Para pertencer ao PRNS, o candidato precisava ter as características raciais dos antigos saxões, que, conforme haviam decorado, invadiram a Inglaterra no século V. Não era exigido nenhum exame acurado. Se o pretendente fosse branco e jurasse obedecer aos mandamentos do partido, admitiam-no sem maiores formalidades.

No futuro, quando possuísse um bom número de membros, a organização planejava iniciar uma campanha de ataques terroristas. Estes seriam atribuídos aos imigrantes. Não seria difícil — pelo menos esta era a opinião do líder Hawn — levar o público a acreditar na culpa de grupos notoriamente ligados ao terrorismo. Visavam especialmente os fundamentalistas islâmicos, que estavam aterrorizando diversos países, sob o patrocínio velado do governo do Irã.

Em uma terceira fase, os radicais pretendiam eleger membros do Parlamento. Depois, formar uma maioria e, consequentemente, um governo. Ao fim, preten-

diam dar um golpe de Estado e implantar uma ditadura. Expulsariam os imigrantes, e seus descendentes, e formariam a nova nação anglo-saxônia.

Norman era um dos membros que mais gozavam da confiança do chefe. Tinha pleno conhecimento de seus planos terroristas. Por isso, pressentiu algo importante, ao ser convocado para uma reunião noturna, fora de Londres, em uma sexta-feira de verão.

A cúpula do PRNS deixou a Estação Victoria, no início da tarde, e seguiu de trem para Dover. Dois carros já se encontravam reservados em uma agência de aluguel. De posse dos veículos, o pequeno grupo de militantes rumou em direção a um dos famosos penhascos brancos da região. Do alto, podiam ver as paredes rochosas, descendo abruptamente em direção às águas do canal. Era, inegavelmente, um local condizente com uma proclamação histórica.

Quando anoiteceu, 10 homens, a nata dos saxões radicais, ouviram seu líder máximo, Christopher Hawn, anunciar-lhes que, em breve, teriam início os primeiros atos de terrorismo.

— Haverá algumas baixas. São inevitáveis em qualquer movimento revolucionário. Mas, caso um de nós seja escolhido para derramar seu sangue pelo renascimento da nação anglo-saxônia, seu nome permanecerá, para sempre, imortalizado no panteão de heróis que haveremos de erigir em memória de nossos mais bravos guerreiros.

Uma lua prateada refletia-se nas águas do canal. Um vento leste, frio apesar do verão, soprava em direção à velha Albion. Norman respirou fundo. Seus dedos crisparam-se. Os olhos se umedeceram. Fosse ele o escolhido, não desapontaria seus camaradas em armas.

No dia seguinte, sábado, Christopher Hawn esperou, pacientemente, durante 40 minutos, à porta do Dino's, um restaurante italiano localizado no prédio da estação de underground de South Kensington.

Finalmente, um táxi parou junto ao meio-fio. Um homem de óculos escuros desceu do carro, olhou a seu redor e, só então, dirigiu-se a Hawn. Entregou-lhe um pacote contendo 50 mil libras e mandou, em inglês sofrível, que aguardasse novas instruções.

O estrangeiro demorou menos de 20 segundos ao lado de Hawn. Feita a entrega, desapareceu dentro da estação do underground. Dirigiu-se à plataforma da linha Picadilly, direção oeste. Pegou o trem para Heathrow. Antes de viajar para seu destino, deu um rápido telefonema para Clive Maugh, em Lausanne.

O diretor de Operações do Centro-Europeu estivera esperando, ansiosamente, o telefonema. Exultou. Os fatos sucediam-se exatamente como planejara. Mais tarde, quando não houvesse mais retorno, aproveitar-se-ia do *fait accompli* e exigiria a colaboração de Otto Behr.

Capítulo 90

Mais uma vez, os *calls* da Mohair fecharam em alta. A posição de Kenneth Estevez valia agora 98 mil dólares. Ele decidira liquidar a parada. Venderia, no dia seguinte, logo após a abertura, toda a posição, mesmo se James Crowe, seu corretor na De Ville, fosse contra. Esperaria apenas uma pequena alta, que certamente ocorreria, tal a força com que o mercado havia fechado.

Pela primeira vez na vida, Kenneth dera uma verdadeira tacada. Das grandes. Transformara 20 mil dólares em 100 mil. Antes de dormir, mirou-se demoradamente no espelho. Não viu um prosaico dentista. Viu um *trader*, um mago das opções. Fez uma cara inteligente. Semicerrou os olhos, maquiavélico. Sorriu misteriosamente. Um *trader* profissional…

No dia seguinte, acordou bem cedo. Fez 40 minutos de *jogging* no Central Park. Tomou um café da manhã à base de frutas e iogurte, precisava conter a silhueta. Desceu para a Broadway, pensando em ir de táxi para o consultório. Mas o trânsito já se encontrava engarrafado àquela hora da manhã, embora fosse verão e boa parte dos moradores estivesse fora da cidade. Decidiu-se pelo metrô. Felizmente, nas Bahamas, nunca mais se defrontaria com a necessidade, menor, proletária, de ter de, diariamente, pegar uma condução para o trabalho. Em casa… passeando entre os terminais.

Entrou na estação de metrô da 66, comprou um bilhete e desceu à plataforma. Pegou o Broadway Local até Columbus Circle, percurso de apenas uma estação. Rapidamente, transferiu-se para o Expresso da 6ª Avenida. Duas estações depois, emergia no burburinho matinal da 5ª Avenida.

O mago das opções desdenhou o cenário radiante da Rockefeller Plaza, as bandeiras coloridas, pessoas bonitas sentadas nos cafés e seguiu para seu prédio. No consultório, no 30º andar, já encontrou Dana, secretária e enfermeira, esterilizando o instrumental. Na sala de espera, a senhora Tuchner, primeira paciente do dia, aguardava, folheando uma revista especializada no mercado de ações.

Oito e meia da manhã. Atenderia as duas primeiras consultas e, no intervalo entre a segunda e a terceira, telefonaria para Crowe. Mandaria vender toda a posição por 100 mil dólares. Subitamente, lembrou-se: números redondos davam azar: 99 mil estava ótimo. Um profissional…

Após a terceira consulta, voltaria a ligar para o corretor. Receberia sua confirmação de venda — *fill*, diziam os profissionais. Receberia seu *fill* e, depois, com calma, esperaria, tal como um predador na savana africana, a oportunidade de mais um bote mortal.

A primeira consulta transcorreu normalmente. O dentista trabalhou um pouco mais rápido do que costumava. Mas o fez com perfeição. Aplicou anestesia e obturou um canino da senhora Tuchner. Terminou às 8h55.

Antes de fazer entrar o segundo paciente, senhor di Leo, examinou sua ficha. Droga! Obturação do canal em um molar superior. Um trabalho demorado. Seria preciso inserir cimento nas cavidades alongadas das raízes, com extremo cuidado. Qualquer umidade residual arruinaria o serviço. Essas obturações costumavam demorar mais do que a meia hora habitual de consulta. O mercado já teria aberto — refletiu contrariado. Ficaria impossibilitado de fazer o que planejara: passar a ordem à De Ville antes da abertura. Não podia fazê-lo agora, porque Crowe só chegava à corretora em cima da hora.

Fez o paciente sentar-se. Examinou sua boca. Resolveu mentir.

— Senhor di Leo — disse, sentindo uma ponta de remorso. — O dente ainda não está pronto para a obturação final. Será preciso uma última limada no canal. Mas, na próxima semana, prometo, concluirei seu molar. Gosta do mercado de ações, senhor di Leo?

Antes que o cliente pudesse esboçar uma resposta, enfiou-lhe um instrumento goela adentro. Precisava tirar a massa e abrir o campo para trabalhar com a agulha. Debruçou-se sobre o trabalho e, em 20 minutos, liberou o paciente. Às 9h26, quatro minutos antes da abertura, Kenneth Estevez telefonou ao corretor.

— Anote uma ordem — disse, secamente, esmerando-se no tom de comando para que Crowe não argumentasse. — Venda 10 mil *calls* da Mohair, *strike* 50, a 9,90. — Disse-o como se possuísse dezenas de posições e não somente aquela. Desligou o telefone e mandou entrar a senhora Stowe, coroa de jaqueta no incisivo lateral.

Eram 2h28 da tarde em Lausanne quando Clive Maugh recebeu a ligação de James Crowe.

— O dentista mandou vender as 10 mil, *strike* 50, a 9,90 — disse o corretor.

Maugh agiu rápido.

— Venda, na abertura, 100 mil Mohair, no mercado à vista, a mercado.

Pouco mais tarde, recebeu o *fill*. Mandou vender mais 100 mil; depois, outras 100 mil.

Na primeira meia hora de pregão, Clive vendeu 500 mil ações, fazendo com que a Mohair despencasse de 57 dólares, preço de fechamento da véspera, para 49. O *call*, *strike* 50, desabou para 4 dólares, menos da metade do valor pretendido por Estevez.

O mago das opções — não, agora voltava a ser um simples dentista — cometeu o derradeiro erro. No intervalo entre a senhora Stowe e Jonathan McEntire, extração de um siso, desolado pela derrocada de seus papéis, solicitou e obteve —

sempre por telefone — um financiamento extra de 20 mil dólares. Comprou mais 5 mil *calls* do *strike* 50 por 4 dólares.

Clive Maugh continuou vendendo. Ao fim do dia, a Mohair caíra para 44 dólares.

Ao longo da semana, o inglês continuou derrubando o papel. Na sexta-feira, as opções de Kenneth Estevez valiam, no total, apenas algumas centenas de dólares.

Desta vez, fora longe demais. Perdera suas ferramentas de trabalho.

Capítulo 91

Julius Clarence foi surpreendido pela morte súbita de Sadao Shirayshi. Voou para Tóquio. Depois dos funerais, ainda permaneceu alguns dias no Japão, tratando de novos investimentos. Acreditava que o iene continuaria subindo frente ao dólar. Pretendia tirar proveito dessa valorização. Do Japão, seguiu para a China, antecipando uma viagem marcada antes da morte de Shirayshi. Planejava permanecer algum tempo no país.

No fim do século, bilhões de dólares vinham sendo transferidos, anualmente, dos Estados Unidos para a China, atraídos pela mão de obra barata. Produtos chineses inundavam o mercado americano. Na opinião de Julius, esse movimento perduraria por muito tempo. Por isso, pretendia estabelecer sólidas raízes entre eles. Mas era um país difícil. Nada se podia fazer sem autorização do governo. A burocracia era infernal.

Clarence interessara-se particularmente pelas terras férteis do Leste da China, onde pretendia investir em agricultura, fazendo uso de alta tecnologia. Levou semanas negociando com o governo, antes de assinar o contrato. Finalmente, deu início ao projeto Davenport. Transferiu 200 milhões de dólares para a China.

Kenneth Estevez passou um fim de semana de cão. Mesmo assim, levou Bobby ao zoológico do Central Park e ao Cirque du Soleil. Os ingressos haviam sido obtidos com dificuldade. A lotação do circo era permanentemente vendida com muita antecedência, e ele não podia desapontar o filho por causa das opções. Mas não pôde curtir o menino, muito menos o espetáculo.

Na segunda-feira, mal chegou ao consultório, o telefone soou. Em lugar de sua habitual voz compungida, quando falava com clientes perdedores, James Crowe foi direto:

— É preciso que venha à corretora ainda hoje. A conta está negativa, doutor Estevez. Posso esperar, ah… digamos, até as 3h.

Kenneth mandou Dana desmarcar os clientes da parte da tarde. Fez das tripas coração para executar o trabalho da manhã. Às 2h, entrou na sede da De Ville, em Downtown. Foi levado a uma sala. Pouco depois, Crowe apareceu. Fulminou:

— Teoricamente, o senhor deve 38.500 dólares, doutor Estevez. Mas precisamos ser realistas. Suas opções vão virar pó. É melhor considerar essa hipótese desde já e nos pagar logo 40 mil.

O dentista custou a responder. Fazia enorme força para não chorar. Seus esfíncteres afrouxavam-se. Suava frio para contê-los.

— Não tenho esse dinheiro — balbuciou. — Posso vender meus equipamentos, meu carro, algumas coisas. Mas não tenho certeza se vou poder levantar tudo isso. Mesmo assim, leva tempo. — Fizera algumas contas no fim de semana. Somara um saldo aqui, outro ali. — Posso lhe pagar 2.500. É tudo que tenho — concluiu, a voz embargada, os olhos lacrimejantes.

O corretor sabia que o cliente não tinha o dinheiro. Sabia muito mais. Sabia que a lei equiparava o mercado de opções aos jogos dos cassinos. Portanto, nenhum juiz obrigaria o senhor Kenneth Estevez a vender seu instrumental de trabalho, do qual tirava seu sustento, e do filho pequeno, para pagar uma dívida de jogo. Finalmente, sabia que o poderoso diretor de Operações do Banco Centro-Europeu de Lausanne, o Sindicato, dispunha-se a responsabilizar-se pelo débito do dentista. Mesmo assim, seguiu adiante com seu teatro.

— Por favor, me aguarde, senhor Estevez. Verei o que posso fazer. — Saiu da sala. — Essas opções… — murmurou, displicente.

Voltou meia hora depois.

— Meu querido Kenneth, é um homem de muita sorte. Estive falando de seu caso com nossos clientes suíços. Querem conversar com você a respeito do mercado de opções. Mas não aqui. Lá na Suíça, em Lausanne. Ah! Já ia me esquecendo. Seu débito fica suspenso por enquanto. Sugiro que vá o quanto antes. Se aguardar mais meia hora, receberá a passagem aérea. Pode aproveitar o tempo para desmarcar seus pacientes. Quanto mais cedo, melhor, Kenneth. Quanto mais cedo, melhor.

O dentista fez as coisas maquinalmente. Não pensou na falta de lógica de um banqueiro suíço interessar-se por um especulador estrangeiro desastrado. Não pensou em nada. Se só havia aquela saída, era para lá que tinha de ir. Ligou para Dana e desmarcou todas as consultas da semana.

Clive Maugh não precisou de muito tempo para aliciá-lo. Estevez passaria a operar, em sua conta pessoal, para o Banco Centro-Europeu. Seria um testa de ferro dos suíços. Desde que cumprisse as ordens de Lausanne, não precisava preocupar-se com o débito na De Ville. Deveria continuar com suas consultas e seus clientes. No momento certo, Maugh lhe diria onde operar, o que comprar, que lote e por quanto. Mas era importante que obedecesse. Caso contrário, o Sindicato saberia cobrar suas dívidas.

Clive Maugh fez uso de um argumento convincente, que aprendera com Otto Behr. Exibiu a Kenneth Estevez uma fotografia do pequeno Bobby, sentado ao lado do pai, na arquibancada do Cirque du Soleil, em Nova York. Por trás do menino, um homem mantinha o paletó entreaberto. Abaixo da axila esquerda via-se nitidamente uma pistola automática. Exatamente igual à que Estevez usara,

muito tempo atrás, quando servira como dentista no exército do general Norman Schwarzkopf por ocasião da invasão e retomada do Kuwait.

Desde que cumprisse as ordens…

Capítulo 92

Kenneth Estevez voltou a Nova York, a seu consultório e a seus clientes. Desinteressou-se totalmente pelo mercado. De Clive Maugh e do Sindicato, nenhuma notícia. Finalmente, quase um mês após seu retorno de Lausanne, quando já reassumira a sua rotina normal de trabalho, recebeu a primeira ligação do Centro-Europeu.

— Vá até a Clarence & Associados, no 79º andar da Liberty Tower — ordenou Maugh. — Se cadastre como cliente. Dê a De Ville como referência. Informe que seu saldo lá é de 100 mil. Deixe o resto comigo. Volto a telefonar-lhe nos próximos dias. Passe bem, doutor Estevez.

O dentista fez o que lhe foi mandado. Dias depois, recebeu, pelo correio, um extrato de conta da Associados, com um saldo inicial de 100 mil dólares. Na véspera, recebera algumas notas de operações da De Ville, discriminando uma série de compras e vendas de ações, nas quais lucrara a mesma importância, 100 mil. Percebeu, imediatamente, que a De Ville esquentara dinheiro para ele, permitindo que operasse na Associados.

Mais uma semana de silêncio e Maugh retornou. Desta vez, com a primeira ordem.

— Mande a Associados comprar, na Bolsa de Londres, 10 mil ações da Commonwealth Constructions a 10 dólares. Dê a ordem GTC (ordens GTC, *good till cancelled*, valiam até que fossem executadas ou canceladas).

Na Associados, ninguém conhecia a Commonwealth. Consultaram a lista de ações negociáveis em Londres. A empresa estava lá. Pouquíssimo negociada, sua última cotação fora 9,80. Mas o cliente tinha saldo e a ordem era específica. Retransmitiram-na para Londres.

Foi preciso uma semana para que as 10 mil ações fossem compradas. Diariamente, o dentista recebia um *fill* parcial, passado por Dennis Sheen, operador júnior de clientes da Associados, responsável pela nova conta.

Mal Estevez completou seu lote, as ações começaram a subir: 11 dólares, 12, 13. Uma semana depois da última compra, já estavam em 15. Sheen ligou para o cliente.

— Tem acompanhado a Commonwealth, doutor Estevez? Fechou hoje a 15. Cinquenta por cento em uma semana. O senhor não gostaria de realizar parte do lucro?

— Não, obrigado — respondeu secamente o dentista.

"Tem alguma coisa escondida", pensou o operador. Comprou mil ações para sua própria conta. Pagou 16. Em três dias, o papel pulou para 20.

Dennis apenas começava na profissão. Tinha poucos clientes, fornecidos pela própria Associados. Não resistiu. Recomendou a ação. Alguns compraram. A Commonwealth avançou para 25.

Vinte e cinco dólares! O doutor Kenneth Estevez ganhara 150% em pouco mais de duas semanas e agia como se fosse normal. A essa altura, outros operadores da Associados também haviam comprado o papel. As coisas estavam calmas, com Julius Clarence há tanto tempo na China. Mas nenhum deles investiu muito. Não seria possível. O mercado da Constructions era muito estreito.

Em Londres, Robert Douglas, diretor da Commonwealth, preocupava-se ao extremo. Ordens de compra de suas ações vinham surgindo de Nova York, especialmente da Clarence & Associados. "Alguém poderia estar sabendo de alguma coisa", afligia-se.

Razões para preocupar-se não faltavam. A Constructions conduzia, sigilosamente, uma sofisticada operação de transferência e lavagem de dinheiro.

A China arrendara o território de Hong Kong aos ingleses por 99 anos. O arrendamento expiraria em breve. Para transferir, disfarçadamente, parte da fortuna que abarrotava os cofres públicos, antes que os chineses assumissem, o último governo inglês da cidade contratara, com a Commonwealth, obras de modernização do porto de Victoria, um dos maiores do mundo. As obras haviam sido contratadas por um preço altíssimo. Graças a esse estratagema, boa parte das reservas do território voaria para a Inglaterra.

Mas o governo de Hong Kong não sabia do mais importante. A Constructions planejava aproveitar-se da enorme movimentação de recursos, gerada pelas obras do porto, para fazer uma gigantesca operação de lavagem de dinheiro. Transferiria para Londres o lucro gerado, durante anos, pelo narcotráfico e pela prostituição. Os barões da droga e do lenocínio planejavam retirar-se, levando consigo o capital do negócio, antes de os chineses assumirem o território.

De Lausanne, Clive Maugh acompanhava, com grande satisfação, a alta da Commonwealth na Bolsa de Londres, pela qual a Clarence & Associados era uma das principais responsáveis. Enquanto assistia ao movimento, preparava, em segredo, uma denúncia. No momento oportuno, faria com que caísse, por vias anônimas, na mão da imprensa.

Em sua acusação, Maugh comparava os preços das obras de modernização do porto de Victoria com outros semelhantes. E demonstrava que os chefões da

droga e da prostituição de Hong Kong haviam adquirido, através de alguns testas de ferro, o controle acionário da Commonwealth, vencedora da concorrência das obras do porto.

Ocorreria um grande escândalo. Maugh tinha certeza disso. Todos acreditariam no envolvimento de Julius Clarence, pois sua empresa em Nova York comprava sem cessar ações da Constructions. Mas era preciso mais que isso. Julius Clarence teria de saber que ele, Clive Maugh, fora o responsável. Queria provocá-lo. Só então teria condições de atraí-lo para um combate singular, direto, mortal.

Julius Clarence encontrava-se à mesa do restaurante do Hotel Mandarim Oriental, no distrito central de Hong Kong, à hora do café da manhã. Comia satisfeito e descansado. Voara, na véspera, de Pequim. Chegara ao elegantíssimo hotel à noite. Dormira por quase 10 horas.

Após o desjejum, pretendia dar uma volta pela cidade. No fim da tarde, voaria para casa.

Subitamente, viu seu nome e sua foto ocupando boa parte da primeira página do jornal que outro hóspede lia algumas mesas adiante da sua. Mas, devido à distância, não pôde ler o texto.

Que a imprensa noticiasse sua presença na cidade era perfeitamente normal. Seu nome comumente aparecia nos jornais, em todos os lugares. Mas tamanho destaque… foto e nome na primeira página… E, no entanto, estava lá. Algo de importante acontecera, no qual estava envolvido. E simplesmente ignorava.

Conseguiu divisar o nome do jornal. Chamou um garçom. Minutos depois, lia a reportagem do *South China Tribune*. O jornal o acusava de tirar vantagem de uma operação de lavagem de dinheiro. Citava uma empresa, Commonwealth Constructions, da qual nunca ouvira falar.

Só percebeu que tinha problemas sérios quando chegou ao saguão do hotel. Uma multidão de repórteres o aguardava.

Capítulo 93

Julius atravessara inúmeras fases críticas em sua vida. O início da Associados, as duas crises das Lojas Bars, a primeira provocada pelo guru Vincent Cotten, a segunda pela descoberta de seu romance com Jessica. Convivera com o alcoolismo de Francine, sofrera a perseguição do senador Olen e do Imposto de Renda. Por pouco, não falira por causa da Andromeda. Tornara-se um homem extremamente calejado. Mas, depois da morte de Jessica, perdera seus últimos resquícios de medo.

Suas empresas formavam agora um gigantesco conglomerado multinacional, ao qual recentemente, adicionara a Vitalis e a Trans Atlantic. Associara-se aos japoneses. Iniciava um vultoso projeto de agricultura na China. Movimentava bilhões.

Gostava de criar empregos, gerar coisas produtivas, cultivar e produzir alimentos. Mas não se contentava com negócios lucrativos. Colecionava obras de arte, patrocinava diversas fundações filantrópicas, colaborava com a proteção da fauna e do meio ambiente.

Apesar de aumentar constantemente sua fortuna, não tinha mais receio de perdê-la. O dinheiro tornara-se um detalhe, de somenos importância, na vida de Julius Clarence.

Mesmo assim, não se encontrava preparado para a avalanche de notícias ruins que surgiram, aos borbotões, de todos os lados, principiando ali, em Hong Kong, naquela manhã, tão logo deixou a mesa do café da manhã do Mandarim Oriental.

Cometeu, logo de início, um erro, ao informar aos repórteres aglomerados no saguão do hotel, sem antes consultar Nova York, que sua corretora jamais comprara uma ação sequer da Commonwealth Constructions.

A imprensa logo obteve os registros oficiais das operações. Estes revelaram que a Clarence & Associados vinha comprando aqueles papéis desde 16 dólares, não só para clientes como também para a maioria dos operadores da mesa.

As coisas tornaram-se piores quando Bernard Davish declarou em Nova York que seus operadores pouco sabiam sobre a Commonwealth. Cometeu a extrema infantilidade de dizer aos repórteres que o pessoal da mesa se limitara a seguir os passos de um dentista. A imprensa, já agora toda ela interessada, apurou que o dentista era um perdedor nato. Perdera até a mulher, por causa do mercado de opções.

A Associados tornou-se objeto de mofa e de insinuações graves. "Então, nada sabiam sobre lavagem de dinheiro." "Seus operadores eram instruídos por um dentista."

O escândalo adquiriu proporções inesperadas. O governo da China, com o qual Julius despendera tanto tempo negociando o projeto Davenport, exigiu explicações sobre seu envolvimento com a Constructions.

Foi obrigado a voltar a Pequim. Conseguiu convencer os chineses de sua inocência. Mas precisou amolecê-los. Dobrou seu investimento em agricultura de 200 para 400 milhões de dólares.

Foi apenas o começo de uma série de infortúnios. Tornara-se sócio dos japoneses e dos chineses na hora errada. Uma guerra comercial, há muito ensaiada, irrompeu entre americanos, de um lado, e os dois países orientais, de outro. Por pressão do Congresso, o governo americano taxou os produtos do Japão e da China, alegando práticas comerciais injustas. O grupo Shirayshi foi dos mais afetados. Sua principal fonte de renda consistia em exportações para o mercado americano.

A China retaliou contra os Estados Unidos, suspendendo importações. O projeto de agricultura, ao qual tanto Julius se dedicara, foi relegado a segundo plano. O dinheiro já investido foi bloqueado, à espera de uma decisão dos burocratas.

A situação de Clarence chegava a ser irônica, não fosse dramática. Nos Estados Unidos, suas empresas passaram a sofrer boicotes, porque era sócio de japoneses e chineses. Na China e no Japão, era visto com maus olhos por ser americano. Investira demais nos dois países. Ficou vulnerável, como nos velhos tempos. Só que, a essa altura, os companheiros de outras batalhas mais pareciam burocratas prestes a se aposentar.

Alan Payne agora permanecia mais tempo em Marathon, nas Keys, do que em Ridgefield. Via com maus olhos cada nova investida de Clarence. Bernard Davish ainda comparecia à mesa todos os dias e secundava Clarence nas outras empresas. Mas pensava seriamente em aposentar-se. Tampouco se interessava pelos novos, e cada vez mais distantes, projetos do grupo.

Julius decidiu tudo sozinho. Comprou de volta a parte dos japoneses na Clarence & Associados. Em contrapartida, liquidou sua participação no grupo Shirayshi. Seu conglomerado e o grupo japonês haviam sofrido pesadas perdas com a guerra comercial e o escândalo da Commonwealth. Para agravar, o iene sofrera forte desvalorização frente ao dólar, contrariando suas previsões.

Fez também novo acordo com os chineses. Vendeu-lhes seu projeto de agricultura, mas foi obrigado a manter o dinheiro, resultante da venda, na própria China. Investiu os 400 milhões de dólares em obrigações chinesas.

Com a aventura oriental, somada ao ridículo episódio da Constructions, Julius perdera uma fortuna. Em outras épocas, teria respirado fundo, como sempre o fizera, e mergulhado na tarefa da recuperação. Mas, agora, não via muito sentido em lutar. Mesmo com os prejuízos no Japão e na China, continuava um homem riquíssimo, um dos mais bem-sucedidos da América.

Não, dessa vez Julius Clarence iria simplesmente aceitar os prejuízos e refrear novos impulsos. Chegara a seu tamanho ideal. Por que pensar em voos mais altos se os próprios companheiros já achavam que tinham ido longe demais?

O dentista Kenneth Estevez preparava-se para examinar a boca de uma cliente, quando Dana o interrompeu.

— Desculpe, doutor Estevez. Mas o senhor Maugh, da Suíça, insiste em falar-lhe imediatamente.

Kenneth pensou em não atender, mas desistiu imediatamente.

— Perdão, senhora Schumacher — disse contrariado. — Deve ser coisa urgente. Um instante só, por favor. Não demoro.

Dirigiu-se à sala ao lado, onde mantinha um pequeno escritório. Pegou o telefone com medo, como sempre acontecia quando falava com o Sindicato. Logo agora que as coisas estavam voltando ao normal…

— Serei rápido, doutor — disse o inglês, rispidamente. — Vou passar-lhe algumas instruções. Caso as cumpra corretamente, seu débito na De Ville será liquidado e seus problemas estarão resolvidos.

— Estou ouvindo, senhor Maugh. — Kenneth continuava temeroso, apesar da promessa.

— Pois bem, doutor. Lembra-se de sua conta na Clarence & Associados? O senhor não a movimentou mais, não é mesmo?

— Nunca mais, senhor Maugh. Continuo recebendo os extratos. As 10 mil ações da Commonwealth Constructions ainda estão custodiadas lá.

— Ótimo, doutor Estevez. Quero que o senhor mande vender as ações amanhã por 5 dólares cada uma. Vai haver um comprador por esse preço. Está me acompanhando, doutor?

— Sim, senhor Maugh — respondeu, ainda com medo. — Mando vender as ações por 5 dólares.

— Certo. Ficará com um crédito de 50 mil dólares. Um pouco menos, devido à corretagem. Agora, preste bem atenção. Depois de amanhã, o senhor deverá ir à corretora, pegar o cheque no valor da venda e doá-lo à Fundação Jessica Clarence, do Quênia. Pode fazer isso lá mesmo.

Kenneth anotava tudo.

— Peça o recibo da doação em nome do Banco Centro-Europeu. Mande-o para mim, pelo correio, e esqueça seu débito com a De Ville.

— Obrigado, senhor Maugh. — Kenneth agora estava aliviado.

— Uma última coisa, doutor. Um conselho profissional. Esqueça o mercado de opções.

Julius Clarence soube imediatamente.

O dentista, que tantos problemas lhe causara, vendera as malditas ações da Commonwealth. Doara o produto da venda, quase 50 mil dólares, a seus rinocerontes. Pedira o recibo em nome do Centro-Europeu, o Sindicato.

Quando Clarence ligou para Gilda Harris, do Departamento Técnico, já pressentia todas as respostas.

— Gilda, tem havido muitos negócios com a Constructions? Aquela… isso mesmo!

— É registrada na Bolsa de Londres. Deixe-me verificar no terminal. Negocia raramente, Julius. Mas ontem foram negociadas 10 mil. Ei! Fomos nós que vendemos.

Julius fez questão de ir até o fim.

— E quem comprou, Gilda?

— O Banco Centro-Europeu de Lausanne. Engraçado. Eles quase nunca operam no próprio nome. Costumam usar a De Ville.

Julius poderia fazer uma denúncia às autoridades. Manipulação de mercado, informação privilegiada, lavagem de dinheiro. Mas nem cogitou disso.

Com mais determinação do que quando vendera a soja dos irlandeses de Davenport, arriscara tudo no trigo em Chicago, seguindo os russos e a Landmark, comprara a Associados, o Comercial de Manhattan, as Lojas Bars, a Andromeda, a Vitalis, a Trans Atlantic, com uma vontade que nunca sentira antes, topou a parada.

A partir de agora, seguiria os passos de Clive Maugh até o inferno.

Em Lausanne, Clive Maugh, como um pescador que sentisse a primeira e tênue vibração na linha junto à ponta do polegar, soube que o peixe grande mordera a isca.

Capítulo 94

Desde o século XIV, quando mercadores de Veneza, Florença e Gênova criaram os primeiros negócios futuros de bens e moedas, de tempos em tempos, os mercados eram assolados por grandes febres especulativas.

O primeiro desses surtos cíclicos ocorreu na década de 1630, quando toda a população da Holanda dedicou-se a especular com… tulipas. Tulipas! Em 1636, um único bulbo de tulipa chegou a valer o equivalente a uma carruagem, devidamente acompanhada de sua parelha de cavalos. Diversas bolsas de valores foram instituídas para negociar bulbos e tulipas. No auge da especulação, um exemplar mais raro chegou a trocar de mãos por 3 mil florins, correspondentes, hoje, a mais de 20 mil dólares.

O desastre veio em 1637. A fúria especulativa transformou-se em pânico quando, subitamente, os homens se deram conta de que eram apenas… tulipas!

Menos de 100 anos depois, mais precisamente na década de 1710, agora tendo Paris como cenário, um escocês, de nome John Law, para uns gênio das finanças, para outros espertalhão, falsário e, até mesmo, assassino — batera-se em duelo, de maneira não muito leal, em Londres, em 1694 —, estabeleceu a Compagnie d'Occident. Esta foi agraciada pela coroa francesa com os direitos de exploração de ouro no território da Louisiana, na época pertencente à França.

Law ofertou ações da nova companhia ao público. A aceitação foi fantástica, embora não houvesse nenhum indício da existência de ouro na Louisiana. Uma investigação mais apurada mostraria que a Compagnie d'Occident nem mesmo chegou a iniciar uma prospecção. Mas isso era um detalhe irrelevante para os especuladores parisienses. Lançaram-se ávidos à compra e venda dos novos papéis, no velho mercado de valores da Rue Quincampoix.

Em 1720, o mercado vacilou. Um príncipe, De Conti, suscitara algumas dúvidas sobre a existência daquele ouro. John Law respondeu aos rumores contratando centenas de mendigos nas ruas de Paris. Equipou-os de pás e picaretas. Fê-los marchar pela cidade, como se se dirigissem à Louisiana. Mas, quando, algumas semanas depois, os especuladores viram os pedintes de volta, em seus pontos tradicionais, perderam as esperanças. O mercado desabou, lançando na miséria milhares de investidores.

Enquanto em Paris as pessoas se lançavam em busca da fortuna fácil, em Londres, não se fazia por menos. A South Sea Company, fundada por Robert Harley, conde

de Oxford, vendia ações ao público, acenando-lhe com a possibilidade de lucros gigantescos, a serem obtidos na exploração das riquezas da costa ocidental da América do Sul. Relegava-se a um segundo plano o fato de que a Coroa de Espanha, soberana das terras em questão, autorizara a South Company a fazer uma única viagem anual à região.

A febre tomou conta dos investidores ingleses. Entre janeiro de 1720 e o fim do verão daquele ano, quando sobreveio o *crash*, as ações da South Company pularam de 128 libras para mil.

Na América, já no século XX, antes do colapso da bolsa, em 1929, quando caiu por terra o sonho de uma sociedade em que todos seriam ricos, outro episódio de especulação coletiva ocorrera pouco antes.

Entre 1924 e 1926, especuladores de todo o país voltaram-se para o *boom* imobiliário da Flórida. Os preços dos terrenos, que podiam ser comprados com entradas módicas de até 10%, não raro triplicavam ou quadruplicavam em poucos meses, para regozijo dos investidores.

O fluxo de dinheiro começou a diminuir em 1926. Ocorreu, então, a queda. Mas os jogadores não tiveram muito tempo para chorar, pois, nos anos seguintes, a jogatina voltou-se para o mercado de ações. Até a terça-feira negra, dia 29 de outubro de 1929, quando, em poucas horas, todos os sonhos vieram abaixo.

Mas nenhum movimento especulativo foi tão intenso quanto o que ocorria na virada do segundo para o terceiro milênio. De uma maneira ou de outra, todos se envolviam com o gigantesco mercado eletrônico. Era possível negociar ações, opções de ações, obrigações dos países, *junk bonds* e títulos de dívida em qualquer quantidade, de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora do dia ou da noite. O mercado só parava no fim da tarde de sexta-feira, hora da Costa Leste americana, voltando a funcionar na segunda-feira pela manhã, hora do Extremo Oriente.

O cenário era extremamente favorável. Os países reuniam-se em mercados comuns, abriam suas fronteiras econômicas e liberalizavam, cada vez mais, a entrada e saída de divisas. O capital deixara de ter pátria. Mais uma vez falava-se em "uma sociedade em que todos serão ricos".

O novo sistema pertencia a quase todos os países, o que valia dizer: não pertencia a nenhum. Pairava acima das leis. O mercado eletrônico regulava a si próprio. Tanto participavam os tradicionais investidores americanos, europeus e japoneses como centenas de milhões de chineses, a nova burguesia russa, os onipresentes homens do petróleo e a emergente classe média do Leste da Europa e do Terceiro Mundo.

Todos os cidadãos idôneos podiam participar. O acesso era garantido por um cartão magnético. Qualquer homem comum, ou dona de casa, podia, a qualquer

hora do dia ou da noite, comprar ou vender ações e opções. Bastava dirigir-se a uma cabine da rede eletrônica *Non stop trading counter.* Havia milhares delas nas grandes metrópoles. Os investidores podiam acessar o mercado e fazer seu investimento ou especulação, por menor que fosse. Os mais fanáticos, de um lado ou de outro, podiam dispor de cartões com a figura do touro ou do urso.

Defesas eletrônicas impediam que as pessoas operassem em quantidade superior a seu saldo ou crédito bancário.

As cotações podiam ser analisadas nos painéis espalhados em locais públicos, nos canais de TV a cabo e nos pequenos terminais, pouco maiores que uma caixa de fósforo, que os especuladores carregavam no bolso ou prendiam ao pulso como relógios.

O novo sistema tanto processava uma ordem de 100 milhões de dólares de um grande fundo de pensão como aceitava uma especulação de 10 dólares no mercado de opções, pecadilho de uma bucólica velhinha do interior de Wyoming. O mercado eletrônico de ações e de opções era, ao fim da última década do segundo milênio, o retrato fiel da vitória final e inconteste do capitalismo.

Capítulo 95

Após o prejuízo no Extremo Oriente, Julius dedicou a maior parte de seu tempo ao mercado eletrônico. Elegera-o como local mais adequado à recuperação daquelas perdas e ideal para o confronto decisivo com Clive Maugh.

Logo após o escândalo da Commonwealth Constructions, Alan Payne anunciara sua decisão de aposentar-se. Clarence pedira-lhe uma última missão. Seguir os passos de Maugh. Os homens destacados por Ridgefield para cobrir o diretor do Sindicato logo descobriram seus hábitos estranhos. Observaram que recebia prostitutas em seu apartamento. Registraram sua predileção por música, literatura e pornografia barata.

Nada disso interessou a Julius. Não pretendia nenhum tipo de chantagem. Queria, isso sim, conhecer a maneira de trabalhar do inglês, descobrir seu estilo. Cada um deles tinha um estilo. Clarence sabia disso como ninguém.

Além de Alan Payne e Bernard Davish, Mohamed Ahsan era o único a saber das investigações feitas em Lausanne. Há algum tempo, o paquistanês participava do fechado círculo de decisões do conglomerado. Mesmo assim, Julius surpreendeu-se ao saber que o matemático desejava falar-lhe sobre Clive Maugh. Que poderia Ahsan saber de Maugh? Curioso, recebeu-o na suíte, ao anoitecer.

Os dois sentaram-se a um canto, de onde podiam contemplar a inesgotável paisagem do estuário. Jesus trouxe chá para o paquistanês e um copo de vodca para o patrão. Mohamed sorveu o primeiro gole, sentiu o incomparável aroma das folhas de Darjeeling, que o mordomo filipino reservava só para ele, voltou-se para o velho serviçal, de pé, do outro lado da suíte, e fez-lhe uma mesura, quase imperceptível. Só então dirigiu-se a Julius, que notara cada detalhe da liturgia.

— Todos os dias, pouco depois da chegada de Clive Maugh à sede do Centro-Europeu, aumenta consideravelmente o volume de negócios com obrigações da Eurotunnel no mercado eletrônico. Começam a ser negociados lotes grandes, sempre em números múltiplos de 12 milhões de dólares — disse, de supetão, cortando caminho, para não ofender a inteligência do interlocutor com uma série de explicações preliminares.

Clarence gostou da informação. Só mesmo Ahsan imaginaria confrontar o horário do operador com o volume de negócios. Então, as obrigações da Eurotunnel eram o papel preferido do inglês. Este seguia um padrão constante no trabalho. Tinha um estilo, tal como Julius imaginara.

Jesus trocou o copo de vodca do patrão, embora este mal houvesse tocado

a bebida. Fazia questão de mantê-la permanentemente supergelada, pois ele a apreciava assim.

Duas informações importantes. Clive Maugh operava obrigações da Eurotunnel. Trabalhava com lotes múltiplos de 12 milhões. Isso facilitava sobremaneira o acompanhamento do adversário. Se, por exemplo, logo após a chegada de Clive Maugh ao Centro-Europeu, o mercado eletrônico registrasse uma venda de 48 milhões daquelas obrigações, para vários compradores, isso significava que o Sindicato vendera aquele montante. A recíproca seria verdadeira.

— Às vezes, aumenta sua posição ao longo do dia. Sempre em múltiplos de 12 milhões — acrescentou Mohamed.

Clarence estava abismado. Quem poderia imaginar? O matemático descobrira o padrão de comportamento de Clive Maugh.

— Como se fosse sua assinatura ou impressão digital — concluiu o paquistanês, com naturalidade.

Em todos os grandes momentos especulativos da História, os jogadores elegem um papel favorito. Todos querem negociá-lo porque tem muita liquidez. E tem muita liquidez porque todos negociam com ele. Forma-se o círculo vicioso, fazendo com que uma empresa se destaque das outras. Naquela virada de milênio, as obrigações da Eurotunnel tornaram-se, subitamente, a coqueluche dos especuladores.

Julius as vinha estudando cuidadosamente. Desde que estourara seu orçamento pela primeira vez, em 1990, o túnel sob o canal constituía-se em um verdadeiro pesadelo para seus 720 mil acionistas e para os 220 bancos que financiaram o projeto. Nem mesmo o início das viagens comerciais, em outubro de 1994, aliviara a situação.

Os prejuízos da Eurotunnel PLC alcançavam quase 8 bilhões de dólares. Com seu orçamento irremediavelmente estourado, a empresa corria o risco de falir. Suas obrigações vinham sendo negociadas no mercado eletrônico por apenas 60% de seu valor de face.

Ao contrário da maioria, Julius não acreditava na possibilidade de falência da Eurotunnel. Em sua opinião, o pior já ficara para trás. O forte sentimento consumista, que, com a chegada do novo milênio, se apoderara das pessoas, terminaria por refletir-se em melhores resultados para a operadora do túnel. Considerava um exagero as obrigações estarem sendo negociadas por tão pouco. Por isso, as vinha comprando agressivamente.

Restava agora saber qual a posição do Centro-Europeu. Já que Ahsan descobrira a assinatura eletrônica de Clive Maugh, não demorariam a saber se ele era um touro ou um urso.

Logo constataram que o Sindicato era vendedor sistemático. Encontrava-se permanentemente vendido a descoberto em obrigações da Eurotunnel. Julius Clarence concluiu que chegara a hora do confronto. Decidiu-se por apostar fortemente do outro lado. Seria touro desta vez.

Em Lausanne, Clive Maugh percebeu imediatamente a posição do inimigo. Exultou. Nunca estivera tão seguro de uma posição. Pois só ele tinha conhecimento dos fatos que iriam ocorrer em poucas semanas, jogando no abismo as obrigações da Eurotunnel e arrastando com elas Julius Clarence.

Seria preciso mover cuidadosamente, sem nenhuma margem de erro, as três peças de seu xadrez: Horace Bowie, responsável pelos seguros do Eurotúnel, Christopher Hawn, líder máximo do Partido Radical Nacionalista Saxão, e o cardeal Bento d'Onofrio, curador do Tesouro do Vaticano.

Capítulo 96

Horace Bowie não costumava ser convidado para jantares de negócios aos sábados. Mas o senhor Alfonso Maximiliano, diretor da Oaks, dissera-lhe, pelo telefone, que só estaria em Londres durante o fim de semana. Dissera também que apresentaria uma proposta de seguros irrecusável.

Nenhum dia era inoportuno, se estivesse em jogo um bom negócio para a companhia. Bowie pensava assim. E, quem sabe não poderia ouvir rapidamente a proposta do senhor Maximiliano? O restaurante, Rudland & Stubbs, não podia ser mais conveniente. Após o jantar, seria possível dar um pulo à estação de King's Cross, a cinco minutos de carro, e encontrar-se com uma de suas amiguinhas. Tornara-se um expert. Dois, no máximo três telefonemas, combinaria um rápido programa no Saint-Pancras Central Hotel, a poucas quadras da estação, não muito longe do Stubbs.

O telefonema de Maximiliano dera nova vida a seu fim de semana. Ouviria sua proposta e partiria célere atrás das meninas. Mathilde poderia desconf... Não! Mathilde nunca desconfiava de nada.

O restaurante Rudland & Stubbs era uma casa de duas personalidades. Especializado em frutos do mar, situava-se na City o suficiente para ser frequentado, durante o almoço, por homens de negócio. Mas se localizava junto ao mercado de carne, na orla norte da comunidade de negócios. À noite, recebia gente mais alegre, menos formal: alguns executivos boêmios ou retardatários e o pessoal do Gay and Lesbian Center, ali perto, na Cowcross Street. No jantar, o movimento era menor, as pessoas não tinham pressa. Os garçons atendiam mais descontraídos, com menos formalidade.

Bowie conhecia o Stubbs. Mas nunca o frequentara à noite. Conseguiu estacionar seu Peugeot 306, verde-garrafa, bem à porta, e entrou. Dirigiu-se ao maître. Este indicou-lhe o senhor Maximiliano, sentado a uma mesa à direita, encimada por uma gravura, *Pêcheurs Réunis.* Usava um pesado par de óculos escuros, apesar da hora.

Maximiliano esperou que Bowie chegasse perto de sua mesa. Só então levantou-se.

— Alfonso Maximiliano — disse, estendendo a mão e abrindo um sorriso cordial, os óculos escondendo-lhe boa parte da fisionomia.

— Bowie, Horace Bowie, Eurotunnel, seguros — apresentou-se o outro, jovialmente.

— Sente-se, por favor. Não estranhe meus óculos. Passei por uma cirurgia e não posso expor os olhos à luz.

— Costuma vir muito aqui, senhor Maximiano... senhor Maximiliano?

— É a primeira vez. Moro no continente. Bebe alguma coisa?

Bowie planejara forçar um jantar rápido, para ter tempo de encontrar-se com um de seus rapazes. Pediu um suco de tomate, que pretendia engolir rapidamente. Para seu desalento, o outro pediu um Johnnie Walker Black Label e um balde com gelo.

— Encontra-se na Oaks há muito tempo, senhor Maxima... Maximilia...? Nunca ouvi...

— Na verdade, não trabalho lá. Um creme de espinafre — pediu ao maître, que se aproximara.

— Não compreendo, senhor Maximiano. Disse-me, ao telefone, que era diretor da Oaks. A proposta de seguros irrecusável. Lembra-se?

— Sim, eu disse isso. Mas não se trata de vender uma apólice. Não deseja uma entrada?

— Ah... um coquetel de frutos do mar — disse Bowie, mais para livrar-se do maître e saber logo qual era o assunto do senhor Miliano. Se fosse uma brincadeira de mau gosto, retirar-se-ia imediatamente.

— Senhor Maximi... — começou a dizer, quando, na mesa à sua esquerda, reconheceu a fisionomia de uma jovem que acabara de sentar-se, uma japonesa. Não. Coreana! Não podia ser. Primeiro, uma brincadeira de mau gosto. O senhor Maximiliano não trabalhava na Oaks. Agora, o garoto coreano. O primeiro deles. Lembrava-se bem daquela noite na cabine telefônica da estação da Baker Street.

— Está sentindo algo, senhor Bowie?

Alívio! A coreana não fez menção de reconhecê-lo.

— Senhor Maximiliano — disse Horace, contrariado. — Se não é diretor da Oaks, então por que...

Mas não chegou a completar a frase, pois o garçom trouxe o creme de espinafre e o *sea food cocktail.* Enquanto isso, na mesa ao lado, o coreano pediu ao maître uma lagosta ao alho e, simultaneamente, uma nova garota, outra das amiguinhas de Horace, entrou no restaurante e sentou-se à outra mesa adjacente à deles.

Alfonso Maximiliano e Horace Bowie encontravam-se agora cercados pelos dois travestis, um de cada lado.

Se havia algo que Bowie conhecia bem, era atuária, cálculo de probabilidades.

— O que está acontecendo, senhor Maximiliano?

— Tome sua sopa. Depois, sugiro um *Dover sole.* Se olhar para trás, verá outros de seus amiguinhos. Se precisar de mais evidências, posso mostrar-lhe algumas fotos. Estão comigo, em minha pasta. Foram tiradas aqui perto, nas imediações de King's Cross. Tenho também alguns exemplares colhidos no Central Hotel.

Bowie parecia viver um pesadelo. O horrível sotaque de Maximiliano doía-lhe ao ouvido. As garotas, como conseguira reuni-las? E, no entanto, estavam lá, ao redor dele.

— Vou deixá-lo mais à vontade, tirá-lo daqui — disse Maximiliano. Mas, antes, termine o jantar. Depois, daremos uma volta em seu carro. Poderemos, então, tratar de negócios. Falaremos de seguros. Como disse antes, uma proposta irrecusável.

Seguindo instruções que recebera por telefone, Christopher Hawn aguardou na plataforma da direção oeste, estação de Marble Arch, linha Central do underground. Colocou-se na extremidade leste, junto à boca do túnel arredondado. Assistiu à passagem de diversos trens, embora o tráfego fosse bastante espaçado na manhã de domingo. Finalmente, o homem de óculos escuros, o mesmo que vira semanas antes em South Kensington, desceu do primeiro vagão de uma composição, na outra extremidade.

O desconhecido caminhou pela plataforma semideserta em direção ao supremo líder dos saxões radicais. Os dois homens permaneceram apenas alguns segundos lado a lado, o suficiente para Hawn receber a segunda parcela de 50 mil libras. As restantes 100 mil seriam pagas tão logo os radicais cumprissem a missão pela qual seu líder estava sendo pago.

Capítulo 97

Clive Maugh continuou vendendo, a descoberto, obrigações da Eurotunnel, sempre trabalhando em lotes múltiplos de 12 milhões. Manteve o mesmo padrão de comportamento, cujas pegadas Mohamed Ahsan rastreara. De Nova York, Julius Clarence e suas empresas aumentaram suas compras.

Ambos os contendores atuavam em volumes gigantescos. Clive Maugh, o urso, e Julius Clarence, o touro, haviam definido, de maneira inequívoca, suas posições no tabuleiro eletrônico.

O cenário favorecia Clarence. Embora continuasse operando no vermelho, os prejuízos da Eurotunnel diminuíam. Um *boom* turístico, como a humanidade nunca vira antes, mantinha o Eurostar permanentemente lotado. Cientes disso, fundos e especuladores passaram a apostar do lado do touro. O mercado só não subia porque, do outro lado, o Banco Centro-Europeu de Lausanne, o temível Sindicato, vendia grandes lotes, sempre múltiplos de 12 milhões.

Finalmente, os fundamentos pesaram na balança. Os papéis começaram a subir.

Os dois lados encontravam-se extremamente alavancados. A Associados e seu grupo passaram a receber um enorme fluxo de dinheiro. Na outra ponta, o Sindicato sofria pesados desencaixes.

Em Lausanne, os membros do Comitê Diretor do Centro-Europeu sentiam-se extremamente desconfortáveis. Olhavam Clive Maugh com visível desconfiança. Mas o inglês se preparara para aquele momento. Uma etapa inevitável, embora desgastante, em seu plano para acabar com Julius Clarence. Tentando tranquilizar seus companheiros, solicitou uma reunião especial do comitê. Pediu-lhes uma semana. Era o que bastava. Como artífice dos acontecimentos, sabia disso perfeitamente.

O Sindicato via-se forçado a pagar ajustes além de suas possibilidades para sustentar sua enorme posição vendida em obrigações da Eurotunnel. Seria preciso contatar pelo menos um dos grandes clientes, para obter um reforço de caixa. Maugh prontificou-se a conversar com o cardeal Bento d'Onofrio, curador do Vaticano, detentor da maior carteira do Sindicato.

Solicitou e obteve, imediatamente, uma audiência com o cardeal D'Onofrio. Embarcou para Roma. Os dois, embora conversassem quase diariamente pelo telefone, jamais se haviam encontrado pessoalmente.

Difícil precisar o que mais sobressaía em Sua Eminência. O porte gigantesco apropriava-se mais a um profissional de luta livre do que a um santo membro do Colégio Cardinalício. A calva reluzente, margeada pouco acima das orelhas pelos

últimos e ralos fios de cabelo, parecia polida e engraxada. A protuberante barriga, resultado de décadas a fio de prática contínua do pecado da gula, impossibilitava qualquer pessoa de chegar muito perto do prelado.

O cardeal levantou-se, com dificuldade, para receber o visitante. Padecia de gota. Sendo muito mais alto, mais largo e mais pesado que Maugh, o inglês praticamente desaparecia junto a ele.

Clive estendeu a mão para o cardeal. Este quase a quebrou. O diretor do Centro-Europeu não conseguiu evitar um gemido.

— Mil desculpas, inglês — o prelado costumava chamá-lo assim. — Esqueço-me amiúde da força que o Senhor deu a minhas mãos. Foi-me particularmente útil quando trabalhei no campo, na Sardenha, nas planícies do Campidano, cultivando tabaco. Mais tarde, recolhi-me ao seminário, mas a força permaneceu. Mas a que devo a visita? Ao que soube, o senhor não é dado a relações públicas. Venha, venha, inglês. — Conduziu Maugh a um conjunto de poltrona e sofá.

Clive abriu e fechou por diversas vezes a mão direita, verificando se quebrara alguma coisa. Sentou-se no sofá. Foi imediatamente impelido para cima, pelo ar comprimido no interior da almofada, quando o cardeal sentou-se, com seus 150 quilos, a seu lado.

— Vossa Eminência acompanha meus relatórios — disse Maugh, depois de estabilizar-se. — Espero que esteja satisfeito com os resultados.

O cardeal tinha como norma nunca elogiar. Fazia as pessoas se esmerarem menos no trabalho. Mas o diretor do Centro-Europeu era uma exceção. Embora se estivessem vendo pela primeira vez, Bento d'Onofrio considerava-o um amigo.

— Confesso que não são dos piores — concordou. — Mas tenho certeza de que não se deslocou da Suíça só para saber o grau de minha satisfação. Garanto que tem algo em mente.

— Bem, cardeal. Assim como o senhor lê meus relatórios, também andei lendo alguns dos seus. Mais precisamente, uma circular que encaminhou aos bispos da Santa Igreja, pedindo um esforço extra de captação de donativos. Saiu nos jornais.

— Um documento de circulação exclusiva, inglês. Mas, com tantos bispados ao longo do mundo, foi necessário que fizéssemos milhares de cópias. Alguns bispos... Bem, era inevitável que a imprensa soubesse. Sua Santidade está numa fase de extrema diligência, na prática da caridade. Os gastos são enormes... — O Sumo Pontífice vinha usando o dinheiro da Igreja na erradicação de diversos bolsões de miséria, ao longo do mundo, especialmente na África.

— Os papas deveriam ser sempre... — começou a dizer o cardeal. — Mas não sei por que estou falando isso. O Sacro Colégio é infalível quando escolhe Sua Santidade. E foi quem o escolheu, embora levássemos semanas... Mas o que tem a ver sua visita a Roma com meu documento, confidencial, diga-se de passagem, aos bispos?

— Tenho uma operação extremamente rentável, cardeal, fantasticamente rentável, eu diria. Mas preciso de mais capital. Não gostaria de dar muitos detalhes. Vossa Eminência poderia não achá-la muito ética.

— Realmente, não gosto de detalhes, inglês. *"Pecunia non paribus pecunia"*, escreveu Santo Tomás de Aquino. Nenhuma operação que envolva juros é ética, na ótica do santo. Nada de detalhes. Mas preciso saber se existe algum risco.

— Nenhum, cardeal. Mas necessito de 2 bilhões de dólares por um mês. Renderão 20%, pelo menos. Vossa Eminência não precisará recorrer aos bispos. O Papa poderá prosseguir em sua piedosa missão de caridade: 20%.

Dois bilhões! D'Onofrio assustou-se: 20% equivaliam a 400 milhões de dólares. Em apenas um mês. "Em apenas um mês", ficou repetindo baixinho, assustado. "Valha-me, Santo Tomás." Dois bilhões de dólares por um mês.

Tal como Clive Maugh previra desde o início — conhecia Bento d'Onofrio melhor do que qualquer outro cliente do Sindicato —, o cardeal não resistiu.

No mercado eletrônico, o movimento especulativo atingia seu clímax. Os jogadores, apostando cada vez mais. Julius Clarence piramidava sua posição usando os lucros para comprar, cada vez mais, obrigações da Eurotunnel. O papel continuou subindo. O Centro-Europeu, agora reforçado pelo caixa do Vaticano, manteve-se vendido, fortemente apostado nos ursos.

Capítulo 98

Ao fim da tarde de terça-feira, 22 de abril, Horace Bowie, chefe do Departamento de Seguros da Eurotunnel, entregou a Paul Rushton, corretor da Summers Brokers, um cheque de 87 mil libras, correspondente à renovação da apólice do seguro de lucros cessantes do Eurotunnel, que venceria precisamente à zero hora da quarta-feira, dia 23.

Tal procedimento seria normal e rotineiro, não fossem alguns detalhes. Paul Rushton era um nome falso. A Summers Brokers não existia. A única coisa real daquela transação era a Western Associated, na qual o seguro seria feito. Mas a Western não tinha a menor ideia de ter sido agraciada com a escolha da renovação de apólice tão importante.

Bowie sentia infinita revolta com o procedimento de todos os envolvidos: o estrangeiro de óculos escuros, que o chantageara no Rudland & Stubbs, a Summers Brokers, da qual nunca ouvira falar, e a Associated. Mas nada podia fazer, a não ser render-se à extorsão. O desconhecido — só podia ser um agente da Western — ameaçara divulgar suas fotos com os travestis, destruindo seu casamento e sua carreira.

Desde seu encontro no restaurante, sua vida transformara-se em um tormento. Culminando com o pagamento, aquela tarde, da renovação da apólice. Mas a Western não perdia por esperar. Haveria de chegar o dia da desforra. O universo dos seguros era pequeno e o mundo dava muitas voltas.

O corretor Paul Rushton, na verdade o investigador particular Jeffrey Rogers, deixou apressadamente o Edifício Adelphi. Seguiu pelo Strand, na direção nordeste. Em Aldwych, sempre caminhando a passos largos, mudou de direção e tomou o rumo do Tâmisa. Em poucos minutos, chegou à parte central da ponte de Waterloo. Parou e debruçou-se sobre a amurada.

Um rebocador passava sob o arco da ponte. Rogers aguardou que a popa se afastasse. Só então lançou ao rio os minúsculos pedaços do cheque de 87 mil libras, jogando-os na esteira oleosa e borbulhante.

A Scotland Yard encontrava-se de prontidão nas estações de trem e aeroportos. A vigilância estendia-se às estradas e, na costa, aos terminais de ferryboat e da linha de catamarãs. Em Londres, Dover, Folkestone e outros portos do canal, o controle do tráfego de passageiros era anormalmente severo.

Havia sérias razões para isso. Após duas temporadas gloriosas, a equipe de

futebol do Arsenal, depois de vencer, simultaneamente, o campeonato e a taça da Inglaterra, disputava agora a final da Liga dos Campeões, no Stade de France, em Paris, contra a poderosa esquadra da Juventus, de Turim.

Por diversas vezes, desordeiros, que participavam das torcidas dos times ingleses, haviam semeado brigas, bebedeiras, depredações, e até mortes, no continente. Por isso, naquela manhã de quarta-feira, policiais fardados revistavam os últimos *hooligans* que embarcavam para o jogo daquela noite. Outros agentes, disfarçados de torcedores, acompanhariam os diversos grupos até a capital francesa, numa missão conjunta da Scotland Yard e da Préfecture de Police de Paris.

Com o interesse das autoridades totalmente concentrado nos *hooligans,* apenas dois agentes acompanhavam, na estação de Waterloo, os passageiros do Eurostar, horário das 10h20, *nonstop,* destino Gare Midi, Bruxelas.

Enfiado dentro de um terno, e usando gravata, Norman Crane, militante do Partido Radical Nacionalista Saxão, parecia um peixe fora d'água. O jovem desembarcou de um táxi, na parte lateral da estação, depositou a mala maior em um dos carrinhos disponíveis e, já no interior da gare, seguindo instruções de um funcionário, colocou o bilhete em uma máquina verificadora de autenticidade. Tendo à mão uma pequena maleta executiva, passou ao saguão privativo do Eurostar.

Nenhuma das duas malas foi revistada. Nem mesmo submetida aos raios X. O Eurostar para Bruxelas pouco interessava aos policiais. Encontravam-se, naquele momento, atarefados na vigilância de torcedores, que, em outra plataforma, dirigiam-se à França para o jogo.

Mesmo se tivessem prestado atenção a Norman, pouco à vontade em sua roupa de executivo, dificilmente descobririam algo importante. Na mala pequena, havia apenas papéis. Na grande, roupas, objetos de uso pessoal e farto equipamento fotográfico. Junto a este, álbuns, negativos, slides e um saco especial para guardar e proteger filmes ultrassensíveis, acima de 400 ASA.

Caso a mala grande fosse passada pelos raios X, estes revelariam apenas o inocente saco de filmes, um produto corriqueiro, disponível em qualquer loja de apetrechos fotográficos. Suas quatro camadas protetoras, uma de plástico, duas de polietileno e uma finíssima película de chumbo, impediriam que os policiais vissem, em seu interior, alguns fios e eletrodos, conectados a um objeto fino, do tamanho e forma de uma caneta. Os raios X revelariam também diversas outras canetas e vasto estoque de bobinas de filmes fotográficos.

Só um exame minucioso da mala, o que não era o caso naquela manhã, com todos os policiais preocupados com os *hooligans,* mostraria o fundo falso, no qual se encontravam acondicionados quatro quilos de Anfo, combinação de 94,3% de nitrato de amônio e 5,7% de óleo diesel, produtos fáceis de encontrar no comércio,

mas, que, misturados nessa proporção, constituem uma substância granulada, de cor parda, e formidável poder explosivo.

Somente às 10h os passageiros do Eurostar foram liberados para a escada rolante que dá acesso à plataforma de embarque, tão iluminada quanto o dia lá fora, devido à abóbada de vidro.

Crane dirigiu-se a seu vagão, número 18, segunda classe, que verificou ser o primeiro da composição, logo após a locomotiva e carro de força dianteiro. Colocou a mala no porta-bagagem, junto à porta do vagão, levando consigo apenas a maleta executiva. Sentou-se na poltrona 25, junto à janela, de frente para a locomotiva.

Deveria estar excitadíssimo. Mas as drogas que o chefe Hawn, em pessoa, lhe administrara, naquela manhã, já surtiam os primeiros efeitos. Enquanto aguardava a partida, Norman foi tomado de um sentimento de paz interior, apesar do risco envolvido na missão. Só uma coisa o preocupava: o fato de viajar no primeiro vagão. Hawn nada lhe dissera sobre isso. O perigo seria maior... Não! Não lhe cabia duvidar do líder, em hora tão importante.

Suas instruções eram claras. Cinco minutos após o trem penetrar o túnel, sob o mar, iria até o compartimento de bagagens e giraria o segredo da mala para o número 352. Teria, então, 352 segundos, quase seis minutos, para deslocar-se até outro vagão, o mais distante possível.

Deveria sentar-se em uma poltrona, preferencialmente de costas para a locomotiva, a fim de melhor absorver o impacto da frenagem súbita, que certamente ocorreria após a explosão. Caso não houvesse uma disponível, entraria em um dos toaletes e encostar-se-ia na parede.

Após esse tempo, a mala explodiria. Possivelmente, um ou dois passageiros, os mais próximos, morreriam. Muitos ficariam feridos. O trem seria forçado a parar, sob o canal. A notícia logo se espalharia pelo mundo. Seria o início da grande arrancada dos Saxões Radicais.

Norman teria 352 segundos para safar-se de sua carga mortal.

Na cabine de comando, o inglês Martin Bridges, maquinista do Eurostar, tal como um piloto de avião antes da decolagem, procedia à conferência da listagem final de partida, no sistema de computador, trilíngue, a sua frente.

Finalmente, às 10h23, com três minutos de atraso, o centro de controle, em Lille, na França, autorizou Bridges a dar a partida. Imediatamente, a seu comando, os 12 poderosos motores assíncronos repassaram à transmissão, e esta aos eixos, a descomunal força de seus 12.200kW. O Eurostar, lentamente, deixou a estação de Waterloo.

À medida que o comboio ganhou velocidade, acelerou-se a frequência dos batimentos das rodas sobre as pequenas frestas que separam cada um dos trilhos de aço. Em pouco tempo, o som tornou-se contínuo. O Eurostar projetou-se à frente, por sobre as lâminas paralelas que ora se acoplam a outras, ora de outras se separam, na labiríntica teia que atravessa os cinzentos subúrbios da capital inglesa.

Dentro do vagão de segunda classe, o terrorista entretinha-se procurando ver a sombra da locomotiva, projetada nos muros às margens da ferrovia, uma brincadeira de seus tempos de criança, nas poucas vezes em que viajara de trem.

A paisagem suburbana, entremeada de campos de rúgbi e futebol, dava agora lugar a pequenas aldeias, pastos e plantações. Como não havia mais muros, Crane passou a examinar os passageiros em seu campo de visão, sentados às poltronas cinzentas com listras amarelas.

Havia duas moças, um casal de meia-idade, uma moça sozinha e, no último banco, antes da porta, um casal. O homem, um oriental de pele escura — "Devia ser um indiano", pensou Norman —, roncava. Seus óculos pareciam cair a qualquer momento. Sua mulher parecia inglesa. Desejou que o indiano estivesse entre os mortos.

Começou a chover. Sentado em sua cadeira de comando amarela, situada exatamente no centro da cabine, para não desagradar nem os maquinistas franceses e belgas, de um lado, nem os ingleses, de outro, Martin Bridges acionou os limpadores de para-brisa. As duas enormes palhetas negras passaram a dançar a sua frente.

Martin gostava daquela visão. Os trilhos, bem lá na frente, pareciam um só. Era como se o Eurostar o estivesse cortando em duas fatias e passasse exatamente no meio delas. Verificou a tela do ultramoderno TVM 430. O novo sistema captava os sinais colocados ao lado da ferrovia. A 300 quilômetros por hora — velocidade que o trem desenvolvia em solo francês — o condutor simplesmente não teria tempo de lê-los. Mas, naquele momento, deslocavam-se a apenas 120 km por hora.

Em Tonbridge, o maquinista recebeu ordem de acelerar até 160 km por hora. Procedeu imediatamente à mudança e deu uma checada geral na instrumentação. Se trabalhasse com perícia, respondendo prontamente aos comandos de Lille, poderia compensar os três minutos de atraso.

No primeiro vagão de passageiros, o terrorista comprou, de um funcionário que conduzia um carrinho pelo corredor, entre as poltronas, um chocolate quente e um croissant. Pagou por eles 2 libras e 5 pence.

Às 11h35, em Folkstone, o trem mergulhou no Eurotunnel. Norman Crane engoliu rapidamente o último pedaço de croissant. Deu uma olhada no relógio. O coração

agora batia forte. Não faltaria com seu dever. Na sede do Centro-Europeu, em Lausanne, Clive Maugh, impassivelmente, ligou seu televisor.

Tão logo entrou no túnel, sem que os passageiros pudessem perceber, o Eurostar passou, subitamente, a ser alimentado por uma corrente de 25 mil volts, contra os 750 volts do Sul da Inglaterra. No interior da composição, um zumbido forte e contínuo soava como um avião.

Crane acompanhou a passagem dos cinco minutos. Christopher Hawn escolhera bem seu homem. Tal como um autômato, em nenhum momento pensou em retroceder.

Quando o relógio digital do terrorista acusou 11h40, ele levantou-se, caminhou até o compartimento de bagagens, procurou sua mala e, encontrando-a, girou o primeiro disco do segredo: três. O segundo: cinco. O terceiro: dois.

Tão logo o segredo foi completado, a espoleta elétrica, do tamanho e forma de uma caneta, camuflada no interior do saco especial para proteção de filmes ultrassensíveis, acionou um dos rolos de filme, que não era mais nada do que um cartucho de dinamite de 50 gramas. Quando a dinamite explodiu, liberou energia suficiente para detonar os quatro quilos do terrível Anfo. Em milésimos de segundos, o Eurostar transformou-se no inferno.

Final

Capítulo 99

Desde seu início no Centro-Europeu, há mais de 30 anos, Clive Maugh sempre fora exímio em interpretar, rápida e corretamente, os fatos inesperados. Conseguia, graças a essa habilidade, antecipar-se aos outros operadores, comprando e vendendo as posições certas nos mercados, quando ocorria algo inesperado, fossem guerras, catástrofes, atentados ou golpes de Estado.

Mas, naquele início de tarde de primavera, pela primeira vez em sua vida, Maugh era, ele próprio, o senhor absoluto dos fatos. Enquanto, o televisor ligado, aguardava a notícia da explosão no interior do Eurotunnel, o inglês sentia, na contração dos esternoclidomastóideos, a emanação de infinita sensação de superioridade.

Apostava consigo mesmo quanto tempo decorreria entre o fato e a notícia. Sem saber que o Eurostar penetrara o túnel com dois minutos e meio de atraso, esperou para as 13h15, hora de Lausanne e de Lille, 12h15 na Inglaterra, o primeiro boletim informativo. Errou pelos exatos 2 minutos e meio. Segundos após, às 13h17'30", NOTÍCIAS AINDA NÃO CONFIRMADAS DÃO CONTA DE FORTE EXPLOSÃO NO INTER...

Clive Maugh não esperou mais nada, era o único que não precisava. Rumou para a sala de Otto Behr. Encontrou-o com o telefone em uma das mãos, a outra procurando o controle remoto da televisão.

O chefe de Inteligência perguntou imediatamente:

—Você já soube, você viu...? —Subitamente se deu conta. As obrigações da Eurotunnel, Maugh pedira uma semana, o sorriso diabólico. Não, não precisava ouvir uma palavra sequer. Clive Maugh, de alguma maneira, estava envolvido com aquilo. Quanto menos soubesse, melhor. Um *fait accompli.*

Norman Crane jamais soube que fora traído. A mala explodiu-lhe nas mãos, a dois palmos do abdômen. Pedaços do tronco, cabeça, vísceras disformes, ossos, músculos foram projetados ao longe.

A violenta explosão ocorreu no compartimento de bagagens, na parte da frente do primeiro vagão de passageiros do Eurostar, logo após a locomotiva e carro de força dianteiro. Vinte e cinco passageiros, entre os quais as duas moças à frente da poltrona de Norman, a moça sozinha, o casal de meia-idade, o indiano, sua mulher, morreram no exato instante, ou minutos depois, da explosão. Pedaços de corpos, roupas, malas, poltronas viam-se agora transformados em destroços fumegantes, enquanto o trem, movido pela formidável inércia de suas 800 toneladas, continuou projetando-se para a frente, as ferragens do carro 18 friccionando-se contra o túnel, numa mistura infernal de ruídos e faíscas.

O restante do trem foi pouco afetado. Os quatro quilos de Anfo foram insuficientes para estender o estrago aos outros vagões, à exceção de janelas quebradas, consequência de destroços do primeiro carro, que ricocheteavam entre a composição, ainda em andamento, e as paredes do túnel. Os chassis seguiram intactos, assim como os eixos e suas rodas, nenhuma delas, nem mesmo levemente, prejudicada pela explosão. O Eurostar, mesmo ferido, prosseguiu ainda por intermináveis segundos a 160 km por hora, arrastando consigo o vagão 18 e sua carga macabra.

O maquinista Martin Bridges, em sua cabine localizada adiante da bomba, fora, entre os 800 passageiros e tripulantes do Eurostar, um dos menos atingidos pela explosão. Seus 20 anos de treinamento vieram à tona imediatamente. O ruído da bomba e a irrupção de diversos sinais de alarme, que passaram a soar estridentemente na cabine, fizeram-no acionar, imediatamente, os três sistemas de frenagem de emergência. O barulho dos reostatos, sapatas e discos juntou-se à profusão de ruídos que emanavam das rodas, friccionando-se aos trilhos e às ferragens que se entrechocavam à traseira da locomotiva. O trem da morte começou a parar.

Não foram poucos os passageiros e tripulantes a pensar que o túnel viera abaixo. Só depois que o trem imobilizou-se totalmente, os mais corajosos aventuraram-se à frente para ver o que acontecera. Perceberam, imediatamente, tratar-se de uma explosão. A notícia correu, de boca em boca, até o fim do comboio, 300 m atrás do carro 18.

O centro de comando em Lille, mesmo antes de saber com precisão o que ocorrera, enviou a primeira equipe de socorro. O Eurotunnel desde seu planejamento inicial, preparara-se para um evento como aquele. Além dos dois túneis, em ambos os sentidos, fora construído um terceiro, de serviço. Por esse túnel, precipitaram-se, imediatamente, as primeiras missões de resgate.

Minutos antes das 2h da tarde, hora do continente, bombeiros, tripulantes do Eurostar e todos os médicos a bordo atendiam os sobreviventes do vagão 18, a maioria em estado gravíssimo, vísceras expostas, membros amputados, o sangue misturando-se às lágrimas e gritos de dor e desespero.

Julius Clarence soube às 9h15 da manhã, hora de Nova York. Mesmo sem conhecer os detalhes da tragédia, percebeu que fracassara em sua operação com as obrigações da Eurotunnel. Convocou Alan Payne em Ridgefield e chamou Bernard, Mohamed Ahsan, Mark Scott e outros executivos a sua sala. Determinou que Davish e Scott coordenassem os demais operadores, de maneira que fizessem o máximo de caixa possível. Lembrou-se de um episódio ocorrido mais de um quarto de século antes, quando Abdul al-Kabar lhe informara que a alemã Sandra Kleiber fora assassinada em uma estrada da Áustria.

No dia seguinte, a explosão no interior do Eurotunnel monopolizava a primeira página dos jornais em todo o mundo: 33 pessoas haviam morrido. Para outras cinco, os médicos tinham poucas esperanças. Outros ficariam aleijados para sempre.

Só na sexta-feira o mercado soube que o ato terrorista — ninguém tinha dúvidas de que se tratava de um ato terrorista — ocorrera num momento em que o Eurotunnel se encontrava descoberto em sua apólice de seguro contra lucros cessantes, vencida à meia-noite de terça para quarta-feira.

Justamente para falar sobre a não renovação do seguro, Horace Bowie, por iniciativa própria, depunha a agentes do CID, no prédio da Scotland Yard.

Os arquivos do departamento registravam centenas de casos em que incêndios e outros eventos haviam sido provocados para recebimento criminoso de seguros. Mas aquele caso era exatamente o contrário. A explosão ocorrera logo depois de a apólice perder sua validade.

Bowie não era suspeito de nada. Mas sua história deixava os policiais extremamente intrigados. O responsável pelos seguros da Eurotunnel afirmava, entre soluços, ter pago 87 mil libras a Paul Rushton, um nome que não constava de nenhum registro do Departamento de Inteligência Criminal da Yard, da Summers Brokers, provavelmente uma empresa fictícia, para renovação de um seguro a ser coberto pela Western Associates. A polícia apurara que essa idônea firma não recebera o cheque e nada sabia a respeito da renovação do seguro.

Tão logo soube da explosão no interior do túnel, e que o seguro não havia sido renovado na Western, Horace, mesmo sabendo que sua carreira e, provavelmente, seu casamento haviam chegado ao fim, decidiu procurar a polícia. Contou tudo. Falou dos travestis, do homem de óculos escuros, do jantar no Rudland & Stubbs e do pagamento ao emissário da Summers, Paul Rushton, na tarde da terça-feira.

Desde o início, a polícia acreditara na culpa de alguma organização terrorista, embora, até então, nenhuma delas reivindicasse o atentado, como de hábito. Mas o episódio do falso seguro deixava os policiais desorientados. Para que pudessem procurar, de maneira lógica, os suspeitos de um crime de tal magnitude seria preciso, primeiro, verificar quem lucrara com a ocorrência.

"Quem estaria ganhando com aquilo?", indagavam-se as autoridades. Algum grupo vendido, a descoberto, em ações ou obrigações da Eurotunnel? O Banco Centro-Europeu de Lausanne era o grande vendedor, segundo fontes do mercado. Mas um banco simplesmente não explode túneis e mata vítimas inocentes. Fantasioso demais para ser considerado seriamente.

As autoridades tinham em mão um nome, Paul Rushton, que acreditavam ser falso. Desaparecera com um cheque de 87 mil libras. Outra pessoa poderia estar

envolvida: um homem aparentando 60 anos, segundo a descrição de Bowie, que falava inglês com pronúncia de estrangeiro e fora visto por ele, escondido atrás de óculos escuros. De real, os policiais tinham apenas o burocrata, envolvido com travestis, provavelmente apenas uma inocente vítima de chantagem.

Embora examinassem exaustivamente os arquivos do Departamento de Inteligência, lá permaneceu intocada uma carta datada de 1967, do então diretor do FBI, Edgar J. Hoover, comunicando à Yard que dois americanos, Rolf Duembier e Aubrey Elliot, haviam planejado a explosão de uma ponte ferroviária sobre o rio Zambeze, na Zâmbia, conforme denúncia de um senhor Otto Behr, diretor do Banco Centro-Europeu de Lausanne. Os americanos em questão, dizia a carta, haviam sido financiados por especuladores fortemente comprados em cobre na Bolsa de Metais de Londres.

Sendo um evento africano, de prioridade muito baixa na escala da Yard, a carta encontrava-se em um arquivo morto. Não fora transcrita nos computadores. Mas nem mesmo os velhos arquivos da polícia inglesa sabiam que, na época, Otto Behr relatara aquela operação a seus colegas do Comitê Diretor do Sindicato, por coincidência no mesmo dia em que decidiram contratar o inglês Clive Maugh, então operando para o grão-duque de Luxemburgo. Um dos membros do comitê, Jean Lesneur, à época diretor de Operações, esquecera-se de destruir sua cópia da ata daquela reunião, mais tarde inspirando seu sucessor, o próprio Clive Maugh, a explodir uma bomba no interior do Eurotunnel.

Capítulo 100

Desde o momento em que a notícia da explosão chegou ao mercado, as obrigações da Eurotunnel entraram em espiral descendente. Mais tarde, quando os operadores souberam que a empresa encontrava-se descoberta em seu seguro de lucros cessantes, a queda acelerou-se, agora movida pelo pânico.

Se os mercados obedecessem a uma lógica matemática, as obrigações não teriam caído tanto. Em poucas semanas, os danos à ferrovia seriam reparados. Os trens voltariam a funcionar. Mas o mercado sempre desprezara a lógica e a matemática. Movia-se por psicologia de massa, ganância e medo.

Não apenas as ações e obrigações da Eurotunnel sofreram as consequências do atentado sob as águas do canal. Como sempre acontece em tais ocasiões, o mercado caiu como um todo. No mundo inteiro, as bolsas de valores desabaram. Na Europa, especuladores correram para o marco alemão; no Extremo Oriente, para o iene. O preço do ouro subiu, assim como o do petróleo.

Desde o início, Julius Clarence, em Nova York, e Clive Maugh, em Lausanne, sabiam o que aconteceria com o mercado. Quando a direção da Eurotunnel PLC informou que, a despeito dos pequenos danos às instalações, o tráfego seria suspenso por um mês, para implantação de novas medidas de segurança, as obrigações já haviam caído para 50% de seu valor de face. Mais tarde, quando se divulgou que 250 milhões de libras seriam necessários para a compra e instalação dos novos equipamentos, cederam para 45%.

Em poucas semanas, a Scotland Yard descobriu que os até então desconhecidos saxões radicais eram os autores da explosão. Christopher Hawn foi preso em Cancún, no México, onde se refugiara. Sem maiores dificuldades, e usando métodos mais apropriados às polícias do Terceiro Mundo, extraíram dele a informação de que recebera 200 mil libras para perpetrar o crime, cometido por um de seus seguidores, um jovem desajustado, de nome Norman Crane. O dinheiro havia sido pago por um homem de estatura mediana, aproximadamente 60 anos, sotaque de estrangeiro, usando permanentemente óculos escuros.

Os policiais lançaram-se ao trabalho. Baseados na descrição de Horace Bowie, agentes saíram em busca do mensageiro que recolhera 87 mil libras e do homem mais velho. Os travestis de Londres foram exaustivamente interrogados a respeito da pessoa que os contratara para jantar no Stubbs. Sempre a mesma coisa: estatura mediana, óculos escuros etc. etc. O suspeito tornou-se imediatamente o homem mais procurado pela polícia.

Quando seu secretário o avisou de que Clive se encontrava na linha, o cardeal D'Onofrio apressou-se em atender.

— Acabo de remeter-lhe 2 bilhões e 400 milhões, conforme combinamos. — O inglês deu a informação, usando uma entonação neutra, sem enfatizar o montante de dinheiro, como se fosse um padeiro informando a uma dona de casa que o bolo de aniversário estava a caminho.

O cardeal exalou um gemido de alívio. Não dormia decentemente há vários dias. Nem mesmo comia direito. Desde a explosão do Eurostar, quando observara os mercados oscilando de maneira tresloucada, temera pelo santo dinheiro da Igreja. Por diversas vezes, pegara o telefone para perguntar ao inglês sobre a aplicação. "Talvez não muito ética", aventara ele.

— Que Santo Tomás o proteja — agradeceu. — Se voltar a precisar, não um valor tão grande, o desconforto não compensa, conte conosco.

Já há cinco dias, a senhora Hardy estranhava o carro estacionado à frente de sua pensão para estudantes, na bucólica Coniston Road, em Bromley, a sudeste de Londres. Emma Hardy gostava de espiar pela janela. Vira perfeitamente quando um homem, usando pesados óculos escuros, estacionara o veículo, trancara a porta e se afastara. Mas isso fora há cinco dias. Finalmente, chamou a polícia.

Mesmo antes de conferir, pelo rádio da viatura, o número da licença, o policial Roy Weeks pressentiu tratar-se de um veículo roubado. Weeks conhecia tudo de automóveis. O luxuoso Rover 820 Ti, motor 2.7, turbinado, encontrava-se, além de empoeirado, algo deslocado naquela vizinhança de classe média baixa.

Através da Central, ficou sabendo que o número da licença não conferia, nem com a marca, nem com a cor do veículo. Soube também que um carro com exatamente aquelas características fora roubado em Glasgow, seis dias antes.

Mas, só depois de arrombar o Rover e seu porta-malas, os peritos descobriram o cadáver, já em decomposição, com uma perfuração de arma de fogo exatamente no meio dos olhos. A senhora Hardy confirmou. Um homem de óculos escuros. Isso mesmo, 60 anos, aproximadamente. Afastara-se do carro lenta e calmamente.

As digitais do homem assassinado confirmaram tratar-se de Jeffrey Rogers, detetive particular. Horace Bowie reconheceu ser o defunto a mesma pessoa que levara o cheque de 87 mil libras. As poucas impressões encontradas no carro pertenciam ao proprietário, em Glasgow, e seus familiares.

A Scotland Yard tinha apenas um par de óculos escuros, uma estatura média, 60 anos, sotaque estrangeiro. O sotaque poderia ser uma simulação. Alguns criminosos faziam-nas perfeitamente.

Capítulo 101

Decorridos seis meses do atentado terrorista sob as águas do canal, tecnicamente os únicos culpados continuavam sendo os saxões radicais. Toda a cúpula do PRNS encontrava-se detida, aguardando julgamento. Mas, do homem de óculos escuros, nenhuma pista.

Tal como Clive Maugh estimara, nem o mercado nem a polícia sequer suspeitaram da participação do Centro-Europeu. Entre os membros do Comitê Diretor do Sindicato, somente Otto Behr sabia quem planejara o morticínio. Mas Otto preferira guardar segredo. Quanto menos pessoas soubessem, melhor.

Em Nova York, Bernard Davish e Alan Payne, ao contrário da maioria, suspeitavam seriamente do Sindicato. Quanto a Julius Clarence, este tinha convicção absoluta da culpa do Centro-Europeu.

Em Lausanne, Clive Maugh não entendia como Clarence e suas empresas haviam superado a queda das obrigações da Eurotunnel, decorrente da explosão. Sabia que o conglomerado, liderado pela Clarence & Associados, vendera grande parte de suas próprias ações, por preços baixíssimos, a centenas de milhares de acionistas, para fazer caixa. Mas, segundo as estimativas do inglês, tais vendas, por si só, seriam insuficientes para cobrir os prejuízos do grupo.

Alguma fonte externa, misteriosa, auxiliara Julius Clarence, emprestando-lhe grande quantidade de dinheiro. E Maugh não tinha a mínima ideia de quem seria. Nem mesmo Otto Behr, que aos poucos voltava a colaborar com o diretor de Operações, conseguia conjeturar quem poderia ter ajudado o magnata americano.

Mas Clive Maugh não desistia facilmente de seus objetivos. O Centro-Europeu lucrara uma fortuna com a queda das obrigações da Eurotunnel. Suas carteiras encontravam-se abarrotadas de dinheiro. Maugh passou a comprar nas bolsas de valores, e no mercado de balcão, ações da Clarence & Associados, do Banco Comercial de Manhattan, da cadeia de Lojas Bars, da Andromeda, da Vitalis e da Trans Atlantic.

Quando se certificou de que já possuía mais ações das empresas de Clarence do que o próprio, convocou-o para uma reunião em Paris. Julius aceitou o convite.

Se o inglês ambicionava controlar as empresas de Julius Clarence, este, de seu lado, dispunha-se a perder até o último centavo, se isso fosse necessário, para aniquilar o Sindicato e seu bando de assassinos.

Julius encontrava-se em Miami, presidindo uma reunião da Trans Atlantic Airways, quando recebeu o telefonema de Maugh, chamando-o para o encontro a

dois. Conteve seu ódio. Em seu interior, já germinava a ideia de, junto com Mohamed Ahsan, exterminar para sempre o Centro-Europeu de Lausanne, mesmo que tivesse de levar suas empresas e o resto do mercado para o abismo junto com os suíços.

Enquanto voava de Miami a Paris, a bordo de um 747 da Trans Atlantic, Julius conheceu uma de suas aeromoças, Valérie Toulon.

A sucursal parisiense do Centro-Europeu localizava-se na Esplanade de La Défense. Em seu magnífico escritório, do qual poderia contemplar, se fosse de seu agrado, ao longe, o Arco do Triunfo e os Champs-Elysées, Clive Maugh encontrava-se extremamente nervoso. A ousadia do inimigo aceitando o confronto em seu próprio terreno o desconcertava.

Maugh vestia-se da única maneira que sabia. Terno azul-marinho, gravata da mesma cor, camisa branca. Apertou o colarinho, coisa que detestava. Mesmo possuindo todos os trunfos, sentiu-se inseguro, enquanto aguardava o instante de seu primeiro encontro com o arquirrival.

Clarence identificou-se na recepção, sendo imediatamente conduzido à sala de Maugh. Ao contrário do inglês, estava calmo, a despeito da repugnância que nutria pelo outro. Vestia jeans, camisa esporte e blazer.

Quando a secretária abriu a porta e introduziu o americano em sua sala, o diretor do Sindicato levantou-se. Nenhum dos dois fez menção de dar a mão ao adversário. Clive limitou-se a indicar um conjunto de poltronas. Clarence encaminhou-se para lá, seguido pelo inglês. Não perderam nem um segundo com amenidades. Muito menos tentaram disfarçar o ódio.

— Achei inteligente de sua parte aceitar meu convite — começou Maugh. — Podemos, assim, economizar um bom dinheiro com advogados, em virtude do que tenho a lhe propor.

Julius emitiu um grunhido, que pareceu ao diretor do Sindicato uma sugestão para continuar falando. Foi o que fez.

— Disponho-me a oferecer 1 bilhão de dólares por suas ações da Clarence & Associados — Clive detestava pronunciar aquele nome — e de todas as empresas do conglomerado. Desde, é claro, que se demita imediatamente da direção.

— Infelizmente, não disponho de importância tão grande, *cash*, para rebater a oferta — Julius refutou. — Mas não vou aceitar. Nem mesmo sei por que vim até aqui. Se o senhor quer se apossar de meus negócios, que o faça através do mercado. Será uma luta desigual, tenho consciência disso. Mas que venha. Não entregarei minhas empresas a um assassino, um pervertido sexual, corruptor de adolescentes. Já sei o que me impeliu de Miami até aqui. Apenas a vontade, o prazer de, pessoalmente, mandá-lo tomar no rabo. Experimente, senhor Clive Maugh. Tenho certeza de que irá gostar.

Não esperou resposta. Enquanto o inglês excretava saliva, de raiva, Clarence retirou-se. Desceu um lance de escadas para pegar o elevador um andar abaixo. Não queria ficar nem mais um segundo no Centro-Europeu. Quando cruzou a portaria do prédio, pensava no encontro que marcara com uma de suas aeromoças. Já estava quase na hora.

Capítulo 102

Julius Clarence sempre crescera nas crises. Por isso, apesar das circunstâncias que cercaram seu primeiro encontro com Valérie, em Paris, curtiu cada momento daquela noite. A vodca gelada, a música, o sexo ardente com que ela o envolvera.

Continuaram a encontrar-se. Em lugares diferentes. Sempre discretamente. Tendo já uma vaga ideia do que pretendia fazer consigo mesmo e com o mercado, Clarence preferiu assim. Embora estranhasse, Valérie não reclamou.

Clive Maugh, agora movido por um ódio epiléptico, prosseguiu comprando ações das empresas de Clarence. Mas, para sua surpresa, a posição não evoluía tão facilmente como imaginara. De algum lugar, Julius obtinha financiamento, raramente cedendo terreno.

Embora, a essa altura, possuísse menos ações de suas empresas que o Sindicato, Clarence representava, através de procurações, centenas de acionistas minoritários. Somando suas próprias ações às desses acionistas menores, ainda contava com mais votos que o Centro-Europeu. Nas assembleias de acionistas Bernard Davish representava Julius e os acionistas minoritários. Sabendo da posição de Bernard, Otto Behr procurou Clive Maugh.

Após a explosão no interior do Eurotunnel, Behr concluíra que seu colega, Clive Maugh, era demente. Mas não podia simplesmente denunciá-lo às autoridades. O diretor de Operações sabia de coisas suficientes para colocá-lo, e aos demais colegas, na cadeia pelo resto da vida.

— Uma proposta? — perguntou Maugh, desconfiado.

— Sim, uma proposta. Eu o ajudo a liquidar Julius Clarence. Em contrapartida, assim que isso acontecer, você renuncia à diretoria do Centro-Europeu. — Em nenhum momento, Otto se referiu à explosão do Eurostar, mas Maugh sabia que ele sabia.

— Digamos que eu aceite. Digamos que já esteja na hora de deixar o banco e cuidar de meu portfólio particular, quem sabe retornar à Inglaterra. O que tem em mente, Otto?

— Bernard Davish. Acho que posso conseguir sua cooperação. Rastreio seus passos há mais de 25 anos. Possui uma conta em Lugano, da qual nem Julius Clarence nem o Serviço Interno de Rendas americano têm conhecimento. Desde o início da crise do petróleo, em 1973, quando Davish dirigia o escritório de Clarence em Roterdã, ele desvia recursos do Banco Comercial de Manhattan para essa conta.

— E se ele, em vez de traí-lo, confessar tudo a Clarence?

— Tenho maneiras de persuadi-lo a não fazer isso. Ele irá colaborar conosco. Garanto.

Pelo olhar frio de Otto Behr, Clive Maugh percebeu que Bernard Davish não teria a menor opção. Restava apenas a decisão dele, Maugh.

— Terá a minha renúncia — respondeu afinal. — Tão logo o Centro-Europeu esteja de posse do controle do grupo de Clarence, deixarei o banco. — Semicerrou os olhos e pensou no americano insultando-o no escritório de Paris. Todos aqueles anos significavam para ele apenas um combate singular, ele contra Julius Clarence, na arena do mercado.

Bernard Davish desceu até a garagem de seu prédio para pegar o carro e ir a Greenwich, onde confessaria tudo a Julius. Explicaria a ele que a conta em Lugano fora aberta logo após a Guerra do Yom Kippur, em 1973, quando ele, Davish, pensara que Clarence ficara louco ao comprar tanto ouro e petróleo por preços tão altos. Mas e os outros depósitos? Durante quase 30 anos, subtraíra sistematicamente dinheiro do Manhattan. E o Serviço Interno de Rendas? O emissário do Centro-Europeu fora claro. Se não colaborasse com eles, iria, irremediavelmente, para a cadeia.

Davish sentou-se ao volante. A cabeça latejava-lhe, as ideias vinham e iam em turbilhão. Subitamente, percebeu o envelope pardo no banco do carro, a seu lado. Abriu-o. O conteúdo não podia ser mais esclarecedor. Eram dezenas de fotos de suas filhas. Algumas em Boston, onde a mais velha fazia residência médica. Outras em Los Angeles, onde a mais moça trabalhava como roteirista.

Não, não podia arriscar a vida de suas filhas. Decidiu colaborar com o Sindicato.

Clarence não era um homem fácil de ser enganado. Era um predador atento, tal como Clive Maugh. Percebeu imediatamente a mudança no semblante de Bernard. Dava para sentir o cheiro da traição e do medo. Em outros tempos, teria confiado em Alan Payne. Mas não desta vez. Preferiu o paquistanês. Os dois passaram a controlar cada passo, cada atitude de Bernard. Verificaram que ele vinha traindo o conglomerado, transferindo o controle acionário para o Centro-Europeu.

A partir desse momento, Julius Clarence decidiu levar suas próprias empresas à falência e arrebentar com o mercado.

Cada segundo de sua vida era agora dedicado à nova tarefa. Ausentava-se nas horas certas, dando a Bernard campo livre de ação. Reunia-se por horas com o paquistanês, única pessoa em quem agora confiava.

Cuidou de cada detalhe pessoalmente. Um ano antes de quebrar o mercado, dispensou Teresa, Jesus, Antoine, vendeu a casa de Greenwich e o apartamento do parque. Finalmente, dispensou Diane, em quem tanto confiara e que nunca lhe

faltara. Alan Payne foi embora para as Keys. Outros diretores do conglomerado, os mais antigos e chegados, também foram incentivados a se aposentar.

Clarence passou a morar exclusivamente na suíte. Uma empresa cuidava da arrumação. Um restaurante próximo entregava as refeições. A maioria de seus profissionais era agora desconhecida. Sua vida pessoal limitou-se a encontros furtivos com Valérie e horas intermináveis de reuniões com Mohamed Ahsan.

O paquistanês desenvolveu um sistema para sabotar as contas correntes do Banco Comercial de Manhattan, as centrais de compras da cadeia de Lojas Bars, da Vitalis e da Andromeda e o sistema de reservas de passagens da Trans Atlantic Airways. Implantou na rede de computadores da Clarence & Associados um intrincado programa pelo qual, numa quinta-feira de fim de inverno, todas as ordens emitidas pela Clarence & Associados seriam invertidas, os lotes alterados. Finalmente, acessou o computador particular de Bernard Davish, descobriu o número de sua conta pessoal, num banco de Lugano, e sua *losungswort*.

A administração da Fundação Jessica Clarence foi transferida para o governo do Quênia. O Jessica Clarence Memorial Institute passou a ser dirigido pelo Instituto Pasteur, de Paris. Julius afastou-se de Claire e dos Beresford, estes agora morando no Kentucky.

As providências restantes foram tomadas na China, para onde Clarence viajou, por duas semanas, seis meses antes de quebrar o mercado. Não foi difícil convencer os chineses a ajudá-lo, em troca da permanência, para sempre, no país, do dinheiro do projeto Davenport, bloqueado por ocasião do escândalo da Commonwealth Constructions.

O grande cirurgião plástico chinês doutor Chen Wu-tah, especialista em queimados, indicou o professor Tartuf Zardil. Era o único no mundo que poderia mudar-lhe — se fosse necessário — a cor dos olhos. O doutor Wu-tah supervisionou, pessoalmente, a compra dos equipamentos cirúrgicos.

O mais difícil foi conseguir uma identidade. Alguém a quem Julius pudesse substituir. Surgiu, então, Jack Palmer, um agrônomo neozelandês da ONU, um tipo celibatário que sofrera um traumatismo cranioencefálico fatal, num acidente em Xangai, exatamente em seu primeiro dia de aposentadoria, quando se preparava para deixar a China e mudar-se para a ilha de Saint-Barthélemy, no Caribe.

O doutor Chen, que já examinara vários cadáveres, concluiu que os dados anatômicos de Palmer se compatibilizavam com os de Julius Clarence. Registrado cada detalhe de seu corpo, Palmer foi cremado. Os registros foram enviados à clínica do professor Tartuf Zardil, em Anderlecht, acondicionados nas embalagens dos aparelhos médicos adquiridos pelos chineses.

Foram também os chineses que forjaram as duas identidades intermediárias: o italiano Servulo Anicetto, cujo nome Julius usaria para deixar Nova York usando

um passaporte com sua própria foto na qual a barba e o bigode foram subtraídos com o auxílio de um computador —, e o canadense Peter Miller, cujo nome Clarence usaria para viajar de Bruxelas à China. Cinco dias antes de Julius arrasar com o mercado, os documentos de Peter Miller foram remetidos para um guarda-volumes da Gare du Nord, em Bruxelas. A chave foi enviada ao magnata, em Nova York.

Uma quantidade de dinheiro suficiente para Jack Palmer viver confortavelmente o resto de seus dias foi remetida da China para Saint-Barthélemy. Ótimo negócio para os chineses. O sumiço de Julius Clarence deixar-lhes-ia para sempre os recursos do projeto Davenport, agora transformado em Fundo Davenport.

As últimas providências foram tomadas pelo próprio Clarence. Disfarçado com um curativo cirúrgico, comprou as passagens em San Diego. A barba e o bigode postiços, em Los Angeles.

Capítulo 103

Clarence apertou o botão do subsolo e seu elevador privativo começou a descer, na velocidade vertiginosa de sempre, os 240 m que o separavam da garagem, 80 andares abaixo.

Sua última providência, antes de abandonar, para sempre, a suíte da Liberty Tower, fora ligar para Francine e agradecer-lhe por tudo. Sem ela, sem a sua formidável ajuda financeira, jamais teria conseguido repor as perdas decorrentes da explosão do Eurostar e, mais tarde, competir com Clive Maugh na compra de ações da Clarence & Associados e das outras empresas. Sem o apoio logístico do setor de informações da Midi-Pyrénées, nunca os chineses teriam localizado Tartuf Zardil, obtido as identidades intermediárias para Julius Clarence e preparado o terreno para o golpe mortal que Julius infligiria, naquele fim de tarde de inverno, ao Sindicato.

Francine desejou-lhe boa sorte. Nos próximos dias, Julius lhe assegurara, e ele nunca errava nessas coisas de dinheiro, a Midi-Pyrénées ganharia uma fortuna. Sim, porque os administradores do Fundo Davenport, da China, onde Francine aplicara todas as suas reservas, eram os únicos operadores do mundo que sabiam exatamente o que iria acontecer com os mercados nos próximos minutos, nas próximas horas, nos próximos dias, assim que Julius Clarence escapulisse da Liberty Tower e deixasse o mercado órfão de seu incomparável talento.

O Fundo Davenport, sediado em Hong Kong, cidade que voltara a pertencer aos chineses desde julho de 1997, estava prestes a dar uma das maiores tacadas do mercado em todos os tempos. O fundo encontrava-se violentamente alavancado, comprado em iene japonês, marco alemão, ouro e petróleo. Por outro lado, estava vendido, a descoberto, nas principais bolsas de valores do mundo e no mercado de obrigações do Tesouro americano.

Finalmente, o prisioneiro começou a ceder. Depois de duas semanas de interrogatório, Alicio Garcia concordou em falar, desde que apagassem os possantes refletores direcionados diretamente a seus olhos.

O brigadeiro argentino fora pego pela Scotland Yard por pura sorte. Sorte da polícia. Muito azar, e um pouco de estupidez, da parte dele. Não fosse a sensação de eterna impunidade que cerca alguns militares sul-americanos, jamais teria viajado para Londres. Jamais teria se protegido do sol com óculos escuros. Pois foi assim que o antigo especialista em seguros, Horace Bowie, reconheceu o brigadeiro, quando este fazia compras, numa radiante manhã de domingo, no mercado de Camden Town, lugar onde Bowie costumava armar sua modesta barraca de roupas usadas.

Alicio sabia que estava liquidado. Por isso, contou tudo.

— Quando o senhor deixou a Argentina? — O investigador do CID ligou o gravador e virou a cadeira ao contrário, apoiando-se ao encosto, como nos filmes.

— Saí quando o Congresso argentino votou a anistia. *Punto Final*, é assim que a lei foi chamada.

— Onde o senhor foi morar quando saiu de seu país?

— Em Paris. Aluguei um apartamento na Avenue Kléber.

— Foi trabalhar na Midi-Pyrénées, certo?

O brigadeiro começou a sentir o alívio que os criminosos sentem quando confessam.

— Trabalhei durante cinco anos. Depois, a senhora Kéraudy soube dos... bem... dos voos. — O brigadeiro fora sumariamente dispensado da Midi-Pyrénées quando a Anistia Internacional divulgou que ele comandara os voos da morte.

O interrogador conteve o desprezo. Ofereceu-lhe um cigarro. O militar recusou. Pensou melhor. Agora não fazia diferença. Aceitou um, deu uma tragada e sentiu-se tonto.

— Os voos nos quais os sediciosos eram eliminados — prosseguiu.

— E o que fez o senhor após sair da Midi-Pyrénées?

— Nada. Continuei morando em Paris, até ser chantageado pelo inglês do Banco Centro-Europeu de Lausanne. Frisou o "inglês", causando visível desconforto ao policial.

— Ah... Que tipo de chantagem o senhor sofreu? — recuperou-se o interrogador.

— O senhor Maugh, é o nome do inglês — repetiu — do Centro-Europeu, ameaçou denunciar-me a meus companheiros. Disse que eu trapaceava na hora de distribuir o dinheiro da conta. Uma conta que tínhamos, muito antes de eu trabalhar com a Midi-Pyrénées.

— E o senhor trapaceav... Bem, isso não importa. Que ordens o senhor recebeu de Clive Maugh?

— Fui incumbido de contratar os ingleses do PRNS — acentuou novamente "ingleses", para grande irritação do agente da lei.

— Sim, sim, eu sei. Contratar para quê?

— Para colocar a bomba no trem.

— E onde o senhor obteve a bomba?

— Comprei no armazém. Isto é, eu mesmo a fiz. Comprei os ingredientes no comércio. Nitrato de amônio e óleo diesel. Qualquer um pode fazer isso. Quanto ao cartucho de dinamite, eu tinha um em casa. Desde a época em que... Acho que isso também não tem mais importância.

Capítulo 104

A Midi-Pyrénées foi uma das poucas instituições a lucrar com a crise detonada por Julius Clarence. Mas Francine Kéraudy não reaplicou o dinheiro na própria empresa. Vinha procurando, nos últimos anos, diversificar seus negócios. Já não se sentia tão à vontade, como antes, vendendo mísseis a qualquer um que se dispusesse a comprá-los.

Não poderia investi-lo com Julius, como sempre o fizera desde a morte do pai. Seria perigoso para ele, caso o procurasse. Apenas ela e Claire sabiam que Julius se encontrava em Saint-Barth com Valérie.

Após o *crash* das bolsas, os ativos do Fundo Davenport, na China, transformaram-se em imensa fortuna. Mesmo assim, a parte de Julius Clarence permanecia lá, pois ele não existia mais.

Em Saint-Barth, Jack Palmer contentava-se com seu patrimônio, uma quantia razoável de dinheiro, que proporcionaria a ele e Valérie uma vida folgada, embora nada comparável àquela que o magnata de Iowa, Julius Clarence, poderia ter almejado para sua velhice.

Mas o mercado é algo que nasce, cresce e morre com as pessoas. Jack já se encontrava há alguns anos em Saint-Barthélemy. Abrira uma conta em um banco. Passou a fazer, eventualmente, um negócio aqui, outro ali. Finalmente, não resistiu. Em uma noite de domingo, procurou os mercadores da noite. Fernando Rabal, da Cidade do México, e Mislav Soudendijk, de Vancouver, haviam morrido. Jacques Constantine, de Paris, e Christian Blaeu, de Amsterdã, estavam aposentados.

Palmer falou com Leander Van Deer, na Cidade do Cabo, e com Jack West, em sua cabana no monte Hood, os dois ainda na ativa. West deveria estar com mais de 75 anos, pensou Jack, ao apresentar-se como um velho neozelandês que operava lotes pequenos, apenas para manter o hábito. West ficou satisfeito. Também gostava de negociar quantidades menores.

— Como opera a Giant? — perguntou o mercador solitário, servindo-se de café. A noite estava fria nas montanhas.

— Vendo 100 ações a 15. — Jack ouvia o barulho das ondas e um chiado vindo da cozinha, onde Valérie fritava camarões.

— Fechado. Como você quer que eu liquide?

— Mando o certificado de custódia das ações pelo correio. Pode me mandar o cheque pelo correio também. Espere que vou passar-lhe o endereço. Vivo aqui

em Saint-Barthélemy. Sim, fica no Caribe. Isso mesmo. Quer fazer mais alguma coisa?

— Não, obrigado. Preciso aquecer a lareira. Está quase se apagando.

Depois do jantar, Palmer saiu para caminhar com Valérie. Foram até a enseada de Lorient. Contou a ela como Francine o salvara em seu momento mais crítico.

O inverno se aproximava. Com ele, a alta temporada. A lua cheia iluminava as pequenas vagas, derramando-se em direção à areia da praia. Uma onda mais audaciosa veio molhar-lhes os pés. Jack pensou em Claire, em Francine, em Jessica. Nunca fora traído por nenhuma de suas mulheres.

Pensou no velho Salomon Abramovitch. Lembrou-se de sua figura arqueada, enquanto cruzavam, o velho e o menino de Davenport, as planícies do Meio-Oeste. Nenhum homem pode perder mais do que tem — sempre dissera. Lembrou-se de Abdul al-Kabar.

Mas, enquanto sentia a água morna do Caribe, Palmer lembrou-se principalmente do doutor Chen Wu-tah. Especialmente do momento em que o cirurgião chinês lhe entregara o frasco contendo sêmen congelado, punçado dos testículos de Jack Palmer, enquanto o coração do agrônomo neozelandês ainda batia, mas sua morte cerebral já se consumara. "Meu presente para o homem que vai ressuscitar", dissera o doutor Wu-tah.

Só agora, ao ver a barriga enorme e arredondada de Valérie, Julius compreendia quanto queria aquele herdeiro, filho legítimo de sua nova identidade. Por isso, voltava lentamente ao mercado, com lotes pequenos, só para manter a forma. Haveria de ensinar, a ele ou a ela, todas as magias, faria com que compreendesse todo o fascínio da profissão dos mercadores de dinheiro.

Não importava que seu dinheiro estivesse perdido para sempre na China. Seu filho teria de começar do zero, tal como ele começara, numa noite de 4 de julho, em Davenport. Talvez seu herdeiro quisesse ser apenas um pescador, uma pessoa simples, amante do mar e da natureza, como a mãe. Mas, se desejasse ser um dos mercadores da noite, ele teria o privilégio de ensinar-lhe como subir, um a um, cada degrau da escada do mercado. Mas faria questão de dizer, tal como Salomon Abramovitch, que o dinheiro não tinha a menor importância. Era apenas o marcador daquele jogo interminável.

Agora, com o começo da velhice, tornara-se um romântico sentimental, tal como Jessica sempre dissera que haveria de se tornar.

Mas sentia ainda, latente, o homem de gelo do *pit* de trigo da Bolsa de Chicago. Por isso, estava começando a arriscar o capital de que ainda dispunha. Precisaria contar com um pouco de sorte, mas Julius Clarence, em toda a sua vida, jamais temera arriscar a sorte.

Agradecimentos

Pelo auxílio inestimável, sem o qual não teria sido possível escrever *Os mercadores da noite*, agradeço às seguintes pessoas:

Minha irmã, Sonia, que leu e releu, criticou e corrigiu cada palavra do texto, à medida que o projeto ia avançando.

Ciça, minha mulher, que leu, torceu, acreditou, incentivou.

Dr. Marco Aurélio de Freitas Braga Pellon, cirurgião plástico, pela ajuda na criação da cirurgia em Julius Clarence. Os exageros, ou imperfeições, devem ser a mim debitados.

Patrícia e Alfredo Grumser, que me ajudaram a criar a corrida em Belmont Park e o cenário de Greenwich, Connecticut.

Cristina e Michel, na Bélgica.

Mary e Ted Arnold, em Londres.

Michele Branning-Sakin, em Nova York.

Ricardo Barros, que me ajudou a criar a Midi-Pyrénées e fez pesquisas de campo, em Tóquio.

Ricardo, Maurício e Geraldo — que Deus se apiede deles —, que me ajudaram a projetar a bomba.

Luiz Otávio de Almeida Carneiro, que me revelou Saint-Barthélemy.

Gérald Blanchard, d'Office Municipal du Tourisme, Île de Saint-Barthélemy.

Marisa, Denise e Eduardo, pela assessoria médica.

Maurício Salles Macedo, que projetou o sistema de irrigação de Mohamed Ahsan.

Agradeço também aos inúmeros anônimos, passantes de rua, motoristas de táxi, policiais, *maîtres* e garçons de restaurantes, em Nova York, Chicago, Londres, Paris, Bruxelas, Barbizon, Lausanne, aos travestis de Londres, aos tripulantes do Eurostar, enfim, a todos os que me ajudaram em minhas investigações. Aos amigos que se deram ao trabalho de ler e criticar o manuscrito. A meus filhos, Kiko, Flavinho e Leticia, pela paciência, pela torcida. A Lina Zapulla Bandeira de Mello (*in memoriam*), ao Jorge Jaber e ao "Grupo", que prepararam minha cabeça para *Os mercadores da noite*.

Minha homenagem póstuma aos meus queridos amigos Hugo Picchioni e Augusto de Assis Magalhães, que me iluminaram os primeiros caminhos do fascinante mundo do mercado.

Finalmente, agradeço, em especial, à BM&F, que patrocinou a primeira edição.

9 788594 256003

Ivan Sant'Anna

1929: quebra da bolsa de Nova York

a história real dos que viveram um dos eventos mais impactantes do século

Ivan Sant'Anna

1929: quebra da bolsa de Nova York

a história real dos que
viveram um dos eventos mais
impactantes do século

inversa
publicações

Três grandes forças regem o mundo:
estupidez, ganância e medo.
Warren Buffet, megainvestidor americano

Sumário

Nota do autor

Entre os anos que marcaram transições históricas no século XX, 1929 é um dos sete mais importantes. Tanto quanto 1914, ano do assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, em Sarajevo, na Bósnia, dando início à Primeira Guerra Mundial; 1917, Revolução Russa; 1918, Armistício; 1939, invasão alemã da Polônia e consequente começo da Segunda Guerra; 1945, derrotas da Alemanha e do Japão e início da era nuclear; e 1989, queda do Muro de Berlim.

Sem exagero, a história econômica americana do século passado pode ser dividida em duas partes, antes e depois de outubro de 1929, mês em que terminou o sonho dourado e ilusório dos "esfuziantes anos 20" (*The Roaring Twenties*), quando, nos Estados Unidos, muitos acreditavam no surgimento de uma sociedade em que todos seriam ricos.

"*Everybody ought to be rich*" (todos devem ser ricos), disse, convicto, John Jakob Raskob, um dos mais bem-sucedidos empresários e financistas da época, em entrevista publicada no *Ladies' Home Journal* em agosto de 1929. Além de ser vice-presidente da DuPont e da General Motors, Raskob concebeu e construiu o Empire State Building.

Os crashes de 24 e de 29 de outubro daquele ano na Bolsa de Valores de Nova York, datas que se tornariam conhecidas pelos nomes pouco imaginativos de Quinta-Feira Negra e Terça-Feira Negra, foram seguidos por terremotos de igual magnitude em todas as bolsas e mercados do mundo.

O ano de 1929 deu origem à Grande Depressão e ao desemprego em massa, influenciou a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, permitindo a Adolf Hitler provocar deliberada e calculadamente a Segunda Guerra Mundial. Esta, por sua vez, deixou em seu rastro mais de 60 milhões de mortos.

Quando se fala em crash da Bolsa, quebradeira dos bancos, ruína das finanças domésticas, depressão, desemprego, guerra, Holocausto, Hiroshima, Nagasaki e mais um sem-número de desgraças, fica uma nítida impressão de que 1929 só gerou perdedores.

Mas não.

No mercado financeiro, os operadores são divididos em "touros" e "ursos". Touros apostam na alta. Ursos, na baixa. Os termos vêm da época em que touros lutavam contra ursos para diversão dos garimpeiros durante a Corrida do Ouro

do final da década de 1840, na Califórnia. Como o touro ataca de baixo para cima, com os chifres, e o urso de cima para baixo, com as patas, vem daí a analogia.

No Brasil quase não se usa as designações "touro" e "urso". E os poucos que o fazem, se valem dos termos em inglês: *bull* e *bear*. *Bearish* (algo como "ursista") é quem acredita na baixa. Bullish ("tourista") é quem crê na alta. *Bull-market* é o mercado do touro. *Bear-market*, o do urso.

Este livro tem por objetivo relatar os acontecimentos que precederam e deram origem ao crash de 1929, descrever quase que minuto a minuto os momentos mais dramáticos do colapso da Bolsa de Valores de Nova York e contar como foram os dias, semanas, meses e anos que sucederam o esfacelamento do mercado. Vai também esmiuçar a desgraça dos touros e contar o que aconteceu com os ursos.

Ao iniciar esta narrativa, posso adiantar que tudo o que houve naqueles tempos foi provocado pela ganância e pelo medo, dois sentimentos que sempre moveram os mercados financeiros e que compuseram, ao longo dos séculos, a essência do DNA dos especuladores.

Ivan Sant'Anna
isantanna@inversapub.com

Personagens relevantes
por ordem alfabética de primeiro nome

Adelaide | mãe de Adele Merrill, futura senhora Charlton MacVeagh
Adele MacVeagh | mulher de Charlton e filha do banqueiro Edwin Merrill
Adolf Hitler
Albert Wiggin | presidente do Conselho do Chase National Bank
Alexander Dana Noyes | editor financeiro do *The New York Times*
Alexandra | czarina da Rússia, mulher de Nicolau II
Alfred Sloan | presidente da General Motors
Alfred Smith | diretor da Empire State Inc.
Amadeo Peter Giannini | fundador do Bank of Italy e do Bank of America
Andrew Arway | padrasto de Jolan e destilador de bebida clandestina
Andrew Mellon | banqueiro e secretário do Tesouro dos Estados Unidos
Anna Case | segunda mulher de Clarence Mackay
Archibald Bodkin, sir | diretor da Promotoria britânica
Arthur Schlosser | caixa do Union Industrial Bank
Arthur W. Cutten | especulador canadense do mercado de ações
Attilio (Doc) Giannini | irmão de Amadeo, executivo do Bank of America

Barbara | mãe de Jolan e sogra de Steve Vargo
Bearsted, lorde | diretor do banco inglês Montagu Samuel
Beatrice | mulher de Edward Henry Harriman Simmons
Benito Mussolini | ditador italiano
Ben Smith | operador da W. E. Hutton and Company
Bernard Baruch | financista, especulador, conselheiro de Winston Churchill
Betty | mulher de Ivan Christensen
Bing Crosby | cantor e ator
Blair | maior acionista da Blair and Company
Bradford Ellsworth | especulador profissional

Calvin Coolidge | 30º presidente dos Estados Unidos
Catherine | segunda mulher de Billy Durant
Charles Beagle | promotor público de Flint

Charles Chaplin
Charles Dawes | embaixador americano em Londres
Charles Edwin Mitchell | presidente do National City Bank, atual Citibank
Charles E. Merrill | fundador da Merrill Lynch & Co.
Charles Goudiss | um dos responsáveis pela corretora do navio *Berengaria*
Charles Lindbergh | herói americano da aviação
Charles MacVeagh | embaixador dos Estados Unidos no Japão
Charles Murphy | jornalista do *New York Evening Mail*
Charles Schwab | magnata do aço
Charles Stewart Mott | presidente do Conselho do Union Industrial Bank
Charles Topping | especulador do mercado de ações
Charlton MacVeagh | executivo da J. P. Morgan
Claire | filha caçula de Clorinda e Amadeo Peter Giannini
Clarence Charles Hatry | empresário e financista inglês
Clarence Mackay | magnata dos telégrafos, pai de Ellin
Clifford Plumb | caixa do Union Industrial Bank
Clorinda Giannini | mulher de Amadeo Peter Giannini

Davenport Pogue | assessor financeiro de Helena Rubinstein
David McGregor | caixa do Union Industrial Bank
David M. Lion | manipulador de ações
David Sarnoff | presidente da Radio Corporation of America (RCA)
Dee Van Balkom Furey | jornalista, terceira mulher de Charles Mott
Dorothy (Dotsie) | mulher de Jesse Livermore
Dorothy Goetz | cantora, primeira mulher de Irving Berlin
Douglas Fairbanks Jr. | ator de cinema

E. C. Delafield | executivo do Bank of America
Edmund Daniels | diretor-gerente do grupo empresarial de Clarence Hatry
Edmund Lynch | sócio de Charles E. Merrill na Merrill Lynch & Co.
Edward | príncipe de Gales, filho de George V, futuro duque de Windsor
Edward Henry Harriman Simmons | presidente da Bolsa de Nova York
Edward (Ted) Kennedy | filho caçula de Rose e Joe Kennedy
Edwin Merrill | presidente do Bank of New York e pai de Adele
Elisha Walker | sócio de Amadeo Peter Giannini
Elizabeth | mulher de Milton Pollock

Ellin Mackay | segunda mulher de Irving Berlin
Elton Graham | tesoureiro sênior do Union Industrial Bank
Ephraim Goldberger | advogado da colônia húngara de Flint, Michigan
Eugene M. Stevens | presidente do Continental Illinois Bank
Eugene O'Neill | dramaturgo, pai de Oona
Evangeline Adams | vidente

Farrell Thompson | caixa do Union Industrial Bank
Ferdinand Pecora | presidente da Comissão Parlamentar que investigou o crash
Frank Bliss | operador de pregão na Bolsa de Valores de Nova York
Franklin Delano Roosevelt | 32º presidente dos Estados Unidos
Frank Montague | vice-presidente do Union Industrial Bank
Franz von Papen | chanceler de Hindenburg
Fred Astaire | dançarino e ator

George F. Baker | presidente do First National Bank of New York
George Gershwin | compositor
George V | rei da Inglaterra
George VI | rei da Inglaterra
George Whitney | sócio e diretor da Casa Morgan, irmão de Richard Whitney
George Woodhouse | caixa do Union Industrial Bank
Gilbert Garnsey, Sir | conceituado contador da City londrina
Ginger Rogers | dançarina e atriz
Gladys | mulher de Homer Dowdy
Gloria Swanson | diva de Hollywood, amante de Joe Kennedy
Grant Brown | presidente do Union Industrial Bank, pai de Robert
Guilherme II | kaiser da Alemanha

Helena Rubinstein | empresária da indústria de cosméticos
Henry Davidson | executivo da J. P. Morgan
Henry Ford | fundador da Ford Motor Company
Henry Sturgis Morgan | executivo da J. P. Morgan
Herbert Hoover | 31º presidente dos Estados Unidos
Hindenburg, marechal | presidente da Alemanha
Homer Dowdy | carteiro de Flint
Hut Hutton-Miller | corretor júnior da W. E. Hutton and Company

Ira Gershwin | compositor
Irmãos Fisher | especuladores do mercado de ações
Irving Berlin | compositor
Irving Fisher | professor de economia na universidade de Yale
Ivan Christensen | tesoureiro assistente do Union Industrial Bank
Ivar Kreuger | financista e especulador internacional

Jack Morgan | sucessor do pai na presidência da J. P. Morgan
James Barron | caixa do Union Industrial Bank
James Farrell | presidente da U. S. Steel
James (Jimmy) Walker | prefeito de Nova York
James Riordan | especulador do mercado de ações
Jesse Livermore | especulador do mercado de ações, especializado na baixa
Jessie | mulher de Jack Morgan
J. F. Lowther | jornalista do *New York Herald Tribune*
Joe Garcia | motorista particular de Amadeo Peter Giannini
John Bokr | merceeiro de Flint
John de Camp | vice-presidente sênior do Union Industrial Bank
John D. Rockefeller | magnata americano do petróleo
John (Jack) Fitzgerald Kennedy | 35º presidente dos Estados Unidos
John Jakob Raskob | idealizador do Empire State Building
John Pierpont Morgan | filho do fundador da J. P. Morgan
John Steinbeck | escritor, autor, entre outras obras, de *As vinhas da ira*
John T. Flynn | articulista da *American Magazine*
Jolan Slezsak | futura sra. Steve Vargo, vendedora de bebidas clandestinas
Josef Stalin | sucessor de Lenin
Joseph (Joe) Kennedy | empresário e especulador, pai de John Kennedy
Joseph Patrick Kennedy | o Joe Jr., primogênito de Rose e Joe Kennedy
Joseph Stagg Lawrence | professor da universidade de Princeton

Kathleen (Kick) | filha de Rose e Joe Kennedy
Kitty | primeira mulher de Clarence Mackay

Leon Trotsky | seguidor de Lenin e rival de Stalin
Louise | mulher de Frank Montague
Louis Lyons | jornalista do *Boston Sunday Globe*

Marie | mulher de Grant Brown, o presidente do Union Industrial Bank
Mark Kelly | caixa do Union Industrial Bank
Mary Jo Kopechne | morta no acidente de Chappaquiddick
Mary Pickford | atriz de cinema
Michael Bouvier | operador decano da Bolsa, tio-avô de Jacqueline Kennedy
Michael Levine | judeu russo com vários negócios, legais e ilegais, em Nova York
Michael (Mike) Meehan | especialista nas ações da RCA
Milton Pollock | vice-presidente do Union Industrial Bank
Montagu Norman | *governor* do Banco da Inglaterra

Neville Chamberlain | primeiro-ministro britânico
Nicolau II | czar da Rússia

Oakleigh Thorne | presidente da Trust Company of America
Oliver Bridgeman | especialista na United States Steel no pregão da Bolsa
Oona O'Neill | última mulher de Charles Chaplin

Pat Bologna | engraxate em Wall Street
Paulette Goddard | atriz de cinema, uma das mulheres de Charles Chaplin
Paul Warburg | do International Acceptance Bank
Percy Rockefeller | especulador da Bolsa
Pierre du Pont | diretor da Empire State Inc.
Prewitt Semmes | advogado de Dee Van Balkom Furey

Ramsay MacDonald | líder trabalhista e primeiro-ministro inglês
Richard Edmondson | jornalista do *Wall Street Journal*
Richard Whitney | vice-presidente da Bolsa de Nova York, irmão de George Whitney
Robert (Bobby) Kennedy | filho de Rose e Joe Kennedy
Robert Brown | caixa do Union Industrial Bank
Robert McDonald | caixa do Union Industrial Bank
Roger W. Babson | professor, estatístico e matemático
Rose Kennedy | mulher de Joseph Kennedy e mãe de John Kennedy
Roy Young | presidente do Conselho da Reserva Federal
Russell Runyon | perito em cálculos do Union Industrial Bank

Samuel Vauclain | presidente da Baldwin Locomotive
Seward Prosser | *chairman* do Bankers Trust
S. S. Stewart | conselheiro, diretor e acionista do Union Industrial Bank
Stanley Baldwin | primeiro-ministro da Grã-Bretanha
Stanley Moore | funcionário da corretora do *Berengaria*
Stanley Passmore | advogado de Clarence Hatry
Steve Vargo | operário da Buick, marido de Jolan

Theodore (Ted) Roosevelt | sucessor de McKinley na presidência dos Estados Unidos
Thomas Lamont | segundo em hierarquia na J. P. Morgan
Thomas Stilwell | executivo da J. P. Morgan
Tom Bragg | operador da W. E. Hutton and Company

Vincent Astor | homem de negócios e filantropo, dono de grande fortuna
Vladimir Ilyich Lenin | líder da Revolução Russa

Walter Chrysler | fundador da montadora Chrysler
Walter Teagle | presidente da Standard Oil
Warren G. Harding | 29º presidente dos Estados Unidos
W. F. Walmsley | jornalista do *The New York Times*
William (Billy) Crapo Durant | fundador da General Motors
William Cavendish | marquês de Hartington, marido de Kick Kennedy
William Gomber | jornalista do *Financial America*
William Howard Taft | 27º presidente dos Estados Unidos
William J. McMahon | comentarista de rádio, especializado na Bolsa
William Lamb | arquiteto do Empire State Building
William McKinley | 25º presidente dos Estados Unidos
William Potter | presidente do Guaranty Trust
William Randolph Hearst | magnata americano das comunicações
William R. Crawford | superintendente da Bolsa de Valores de Nova York
William White | jornalista do *New York Evening Post*
Will Payne | colunista econômico e especulador no mercado de ações
Winston Churchill | chanceler do Erário, futuro primeiro-ministro britânico
Woodrow Wilson | 28º presidente dos Estados Unidos

1929: quebra da bolsa de Nova York

1. O garoto de Boston

No final do século XIX, a quantidade de imigrantes que chegavam aos Estados Unidos através do porto de Nova York, vindos principalmente da Europa, não fazia outra coisa senão crescer. Depois que os navios entravam na boca do estuário do rio Hudson, uma das primeiras imagens dos homens, mulheres e crianças que tinham atravessado o Atlântico Norte amontoados em beliches da terceira classe era a da Estátua da Liberdade, inaugurada em 1886. Um quilômetro ao norte da estátua havia um centro de triagem, na ilha Ellis, por onde todos os recém-chegados tinham de passar.

Grande parte dessas famílias vendera todos os seus bens em suas terras natais para pagar a passagem. A origem dos imigrantes havia mudado. Em vez de irlandeses, ingleses, escoceses, franceses, holandeses, belgas, escandinavos e alemães dos tempos anteriores, a maioria agora vinha do sul da Itália, dos Bálcãs e dos impérios russo e austro-húngaro.

Um desses era o pintor de paredes judeu Abraham Sarnoff, que foi inspecionado e aprovado pelos agentes sanitários e de imigração da ilha Ellis em 1896. Ele deixara a família na pequena aldeia de Uzlian, nas proximidades de Minsk, na Bielorrússia, onde haviam nascido. Abraham pretendia trabalhar incansavelmente na América até poder pagar a passagem da mulher e dos filhos, entre estes David, um menino de 5 anos que já revelava uma inteligência incomum.

Também judeus, os Baline, originários da Rússia, haviam desembarcado em Nova York em setembro de 1893, a bordo do navio *SS Rhynland*. Ao contrário dos Sarnoff, a família Baline veio de uma só vez: Moses, o pai; sua mulher, Lena; e seis filhos, entre os quais Israel Baline, de 5 anos, a quem os íntimos chamariam de Izzy e o mundo inteiro iria conhecer como Irving Berlin, nome artístico que Israel adotaria no futuro.

Tal como acontecia com boa parte dos imigrantes que optavam por fixar residência em Nova York, no início os Baline foram morar num cortiço do Lower East Side — a família toda espremida em um cômodo de quatro por quatro metros. Dois anos após sua chegada, Izzy, então com 7 anos, ganhava seus primeiros trocados vendendo jornais nas ruas. Frequentava também uma escola pública, onde aprendeu inglês rapidamente.

Boa parte das famílias de imigrantes costumava não conviver com a miséria por muito tempo. Os Estados Unidos eram a terra da oportunidade e dos empreendedores. Era só ver o exemplo de alguns europeus que tinham vindo antes. Eles haviam estendido os trilhos das ferrovias e os fios do telégrafo, prospectado o solo, instalado indústrias de base e de transformação, erguido os primeiros arranha-céus do planeta e fundado bancos. Bancos esses que financiavam os empreendimentos mais audaciosos e que, dentro de pouco mais de três décadas, iriam desgraçadamente estimular a maior jogatina da história no mercado de ações.

Entre os banqueiros, o de maior prestígio e não menor fortuna era John Pierpont Morgan, nascido em Connecticut em 1837. Raros eram os grandes negócios do país dos quais a Casa Morgan não participava direta ou indiretamente.

Ao apagar das luzes do século XIX, Nova York já era um dos mais importantes centros financeiros do mundo, tendo sua Bolsa de Valores completado um século de existência. Um novo prédio para abrigar os escritórios e o pregão estava sendo projetado. O volume de negócios só aumentava, graças ao magnetismo que a especulação exercia sobre a sociedade *nouvelle riche* americana.

Não apenas em Nova York o mercado financeiro era ativo. Boston, por exemplo, era um centro importante de negócios. Foi justamente lá que Jesse Livermore, um jovem de apenas 14 anos, começou em 1891 sua carreira no negócio de ações, anotando cotações no quadro-negro de uma sociedade corretora e recebendo como pagamento um dólar por semana.

Jesse não se limitava a anotar os preços para que outros os vissem. Ele os memorizava, analisava e fazia projeções futuras, não raro permanecendo no escritório até altas horas. Nesses serões, não demorou a perceber que a análise de tendências era um dos segredos do sucesso nas bolsas. Saber o preço do momento não tinha a menor importância. Bastava ler a pedra. O que valia mesmo era descobrir para onde o mercado estava indo, calcular a cotação do dia seguinte, e do outro, e ainda do outro. Era essa habilidade, uma mistura de ciência e arte, que diferenciava os vencedores dos fracassados.

Em Boston, assim como em Nova York, havia sociedades corretoras informais, sem nenhum vínculo com as bolsas. Eram os *bookmakers* do mercado, chamados de *bucket shops*. Essas "empresas" aceitavam ordens de compra e

de venda de ações, sem executá-las no pregão. Ou seja, se alguém quisesse apostar na alta da General Electric, por exemplo, bastava entrar em uma *bucket shop*, dar uma ordem de compra ao preço de mercado e pagá-la. Se a GE subisse, o cliente recebia o lucro. Se caísse, o prejuízo era abatido na hora da liquidação do negócio.

Além de cobrar taxas de corretagem obscenas, as *bucket shops* inventavam cotações. Ou seja, se sabiam que o cliente iria comprar, mostravam-lhe um preço acima do preço real praticado nas bolsas naquele momento. Se o freguês ia vender, a cotação era artificialmente diminuída.

Para ganhar dinheiro no mercado de ações através de uma *bucket shop*, o especulador tinha de superar o mercado, o alto custo de corretagem e o "boneco", nome que se dá a essa diferença entre o preço real e o preço cobrado. Mas vício é vício, especular é um jogo como outro qualquer, e as *bucket shops* registravam grande movimento e não menores lucros, principalmente graças aos pequenos investidores que não tinham cadastros bons o bastante para serem aceitos pelas sociedades corretoras filiadas às bolsas.

Vencendo todos esses obstáculos e contra todas as probabilidades, o jovem Livermore, ainda com rosto imberbe de criança, graças ao seu excepcional talento como *trader* e à sua habilidade de fazer prognósticos, conseguia ganhar dinheiro operando nas *bucket shops*, o que fazia nos intervalos de almoço. Ganhou tanto que foi proibido de frequentá-las. Mas aí já não importava. A conta bancária de Jesse Livermore ficou suficientemente polpuda para que ele pudesse ser aceito como cliente das corretoras.

Volta e meia, as bolsas de valores americanas eram acometidas de surtos de pânico. No século XIX isso acontecera em 1819, 1837, 1857, 1873 e 1893. Durante este último evento, Jesse Livermore já era um especulador ativo e firmara sólida reputação como urso. Ou seja, jogava mais na baixa, exemplar ainda raro no mercado. Certos investidores consideravam os ursos impatrióticos e derrotistas antiamericanos.

Ao pânico de 1893 seguiu-se uma severa depressão. Os fazendeiros, além de se defrontarem com secas, pragas e tempestades de areia, se viram atingidos por uma deflação no preço das *commodities* agrícolas. Nas regiões urbanas, um em cada quatro trabalhadores não especializados perdeu seu emprego. Milhares deles participaram de uma marcha sobre a capital, Washington. Paralisações no trabalho começaram a pipocar em diversos es-

tados, sendo a mais grave delas em Illinois, para onde tropas federais foram enviadas para enfrentar os grevistas.

Tudo isso foi música para os ouvidos de Jesse Livermore. Durante a depressão, que durou quatro anos, ele ganhou uma fortuna vendendo ações a descoberto, ou seja, vendendo os papéis sem tê-los, para recomprá-los mais tarde por preços inferiores.

No primeiro semestre de 1898, com quase 21 anos de idade, mas ainda com o rosto inocente de um garoto, Livermore mudou-se de Boston para Nova York, levando consigo um formidável capital de 2,5 milhões de dólares, ganhos na bolsa. Se impondo uma disciplina rígida, Jesse jamais entrava em pânico.

Sua fortuna lhe permitiu a realização de sonhos pessoais. Comprou automóveis luxuosos, dezenas de ternos, só fazia camisas sob medida, se banhava com galões de água-de-colônia. Tinha amantes na Flórida e na Europa.

Os Estados Unidos cada vez mais emergiam como potência mundial. Em 1898, o governo americano adquiriu o Havaí, no meio do Pacífico, o que lhe permitiu estabelecer uma base naval a meio caminho entre a Califórnia e o Extremo Oriente. Sua armada já era a terceira do mundo.

Nessa mesma época, o país se engajou em sua primeira incursão militar no exterior, declarando guerra à Espanha. O objetivo era apoiar os revolucionários cubanos que pretendiam obter a independência da ilha. Além de perder Cuba, a Espanha cedeu Porto Rico, Guam e as Filipinas aos americanos.

Veio então o século xx, no qual os Estados Unidos da América se tornariam a maior potência militar e econômica do planeta, não sem antes passar por terríveis provações, sobre as quais a especulação desenfreada no mercado financeiro exerceu forte influência.

2. Gênios e magnatas

Na virada do século XIX para o XX, os Estados Unidos já haviam se recuperado da depressão iniciada em 1893 e viviam tempos de crescimento acelerado. Nenhum outro país do mundo produzia tanta riqueza. Logo, grandes corporações seriam fundadas, entre elas a United States Steel Corporation, a International Harvester e a International Nickel.

Nesse cenário de prosperidade, o número de bilionários americanos era cada vez maior. Entre eles se destacavam o magnata do petróleo John D. Rockefeller e o banqueiro John Pierpont Morgan, mais conhecido como J. P. Morgan.

Os sócios e executivos graduados da Casa Morgan participavam da direção e do Conselho de outras 112 grandes empresas, entre elas concessionárias de serviços públicos, seguradoras, companhias industriais e comerciais, ferrovias e até mesmo outros bancos.

Para desgosto de J. P. Morgan e de outros grandes empresários, em 14 de setembro de 1901, com o assassinato do presidente William McKinley, seu vice, Theodore Roosevelt, assumiu a Casa Branca. Roosevelt era reformista e se dispunha a defender mais os trabalhadores do que os patrões. Usou a lei antitruste Sherman contra a Northern Securities Co., uma das empresas que Morgan controlava de modo disfarçado.

Em julho de 1901, quando Irving Berlin tinha 12 anos, seu pai, Moses, morreu de bronquite, deixando viúva e quatro filhos órfãos além de Irving. A sexta criança havia morrido antes.

Um ano após a morte do pai, Irving abandonou colégio e família. Chegara à conclusão de que levava menos dinheiro para casa do que dava de despesas. Izzy foi morar nas ruas e em albergues públicos do Bowery, uma das áreas mais pobres da ilha de Manhattan.

Como tinha uma voz passável, Irving Berlin começou a cantar em bares frequentados por marinheiros e prostitutas em troca de gorjetas. Então as coisas melhoraram um pouco e ele conseguiu um lugar no coro do musical *The Show Girl*. Fazia também diversos tipos de biscates, entre eles o de participar de claques em espeluncas de Chinatown. Finalmente arrumou um

trabalho de tempo integral como cantor-garçom no café de Mike Salter, também no bairro chinês.

Na noite de sábado de 18 de novembro de 1905, o príncipe Louis de Battenberg, da família real britânica, que percorria casas de ópio de Chinatown, foi até o bar onde Izzy Berlin cantava e servia os fregueses e gostou muito da sua apresentação, em que interpretava paródias cômico-eróticas com letras de duplo sentido. A satisfação do príncipe virou notícia em diversos jornais.

Em Londres, Charlie Chaplin, um garoto semianalfabeto da mesma idade de Irving Berlin, cuja infância fora igualmente miserável, também conseguira seu primeiro emprego no *showbiz*. A peça *Jim, the Romance of a Cockney* foi um fracasso de crítica. Mas a atuação do menino, que interpretou a parte cômica do espetáculo no papel de um pequeno jornaleiro, mereceu fartos elogios.

O pai de Charlie, Charles Spencer Chaplin, morrera de tanto beber. A mãe do jovem comediante, Hannah, uma atriz fracassada, alternava períodos morando com os filhos com temporadas em sanatórios para doentes mentais.

Separados por 5,6 mil quilômetros, os garotos Izzy e Charlie tinham duas coisas em comum: enorme talento e necessidade de trabalhar para comer. Em outubro de 1904, aos 34 anos, Amadeo Peter Giannini fundou, no distrito italiano de North Beach, em São Francisco, o Bank of Italy, voltado para uma clientela de pessoas de baixa e média renda. Segundo os especialistas do ramo, as chances de sucesso de Giannini eram mínimas. Comerciante de formação, ele não tinha experiência bancária e não conhecia ninguém nos altos círculos das finanças.

Incluindo o próprio Amadeo Giannini, nenhum sócio do banco tinha mais do que cem ações. Estas estavam nas mãos de 1.620 acionistas: padeiros, farmacêuticos, peixeiros, pequenos comerciantes de um modo geral, alguns com não mais do que duas ou três cotas. Tratava-se de um banco de gente miúda para atender a uma clientela miúda, atraída pelas taxas de juros de 3,5% ao ano que o Bank of Italy oferecia aos pequenos poupadores, cuja alternativa seria deixar suas economias debaixo do colchão.

Às 5h12 da manhã de quarta-feira, 18 de abril de 1906, a cidade de São Francisco foi abalada por um terremoto de 7,9 graus na escala Richter, seguido por um incêndio não menos devastador. Mais de 3 mil pessoas morreram

e 70% das construções foram destruídas. Do total de 410 mil habitantes da cidade, 270 mil ficaram desabrigados.

Nessa ocasião, o magistral urso especulador Jesse Livermore provou ser um homem de muita sorte. Dois dias antes da tragédia, Jesse, que tirava férias com uma namorada em Atlantic City, na Costa Leste, entrou numa sociedade corretora do balneário e vendeu a descoberto 3 mil ações da Union Pacific Railroad, que servia São Francisco. No dia seguinte, 17 de abril, como a Union Pacific continuava subindo, Livermore vendeu mais 2 mil ações, antes de regressar a Nova York.

No dia do terremoto, Jesse Livermore foi acordado por seu criado de quarto, que lhe deu a notícia. Como não podia deixar de ser, os papéis da ferrovia do Pacífico despencaram, pois um longo trecho do leito da estrada de ferro se esfarinhara, com os trilhos arrancados de seus dormentes. Ao final da tarde, o urso de Boston deixara de ser um milionário para se tornar um multimilionário.

Embora Jesse Livermore tenha dado sua grande tacada de forma fortuita, os demais *traders* não deram a menor importância ao detalhe. Ganhou, é bom. Perdeu, é ruim. Sempre foi e sempre será assim no jogo das bolsas. O que vale é vencer. Foi o que aconteceu com Livermore. Criou-se ao redor dele uma aura de premonição, da qual Jesse se aproveitou para alavancar sua fortuna nos anos seguintes.

Ao contrário de Livermore, Amadeo Peter Giannini tinha tudo para perder dinheiro com o terremoto. São Francisco era o seu território, a sede de seu banco e o local onde boa parte de seus clientes morava e ganhava a vida. Só que Giannini, antes mesmo de a fumaça dos incêndios que haviam devastado a cidade se extinguir, começou a oferecer, através do Bank of Italy, empréstimos a taxas de juros moderadas àqueles que haviam perdido suas casas e seus negócios, para que eles pudessem reconstruí-los. O banco tinha em caixa 80 mil dólares para cobrir depósitos de 846 mil. Mesmo assim, Amadeo não vacilou. Saiu emprestando.

Os demais banqueiros locais, que procuravam se espelhar no conservadorismo e na prudência dos Rothschilds, da Europa, e de John Pierpont Morgan, de Nova York, imediatamente fecharam suas carteiras de crédito após o terremoto. E comentaram com desdém a atitude de Giannini: “Não se poderia esperar outra coisa de um carcamano que cresceu vendendo verduras. Banco não é casa de caridade. O italiano vai dar com os burros n’água.”

O mau agouro falhou e o Bank of Italy cresceu com a crise. Impressiona-

dos com a atitude de Giannini durante o momento trágico, novos depositantes surgiram.

Em Nova York, Irving Berlin agora cantava no Nigger Mike's, também em Chinatown. E começou a compor. Sua primeira canção foi *Marie from Sunny Italy*, cujos direitos vendeu por apenas 37 centavos. Izzy completara 19 anos e continuava se sustentando, embora mal e porcamente, com seu trabalho de cantor-garçom. Não sabia ler nem escrever partituras e precisava que alguém passasse suas músicas para o papel.

Na Bolsa de Nova York, Jesse Livermore continuava com suas jogadas especulativas, quase sempre vendendo a descoberto. E voltou a dar uma enorme tacada quando o mercado sofreu um novo pânico, no outono de 1907. Só na quinta-feira, 24 de outubro, o urso de Boston, agora com 30 anos, ganhou 250 mil dólares. Ao todo, Jesse lucrou um milhão de dólares no crash — o equivalente, nos dias de hoje, a 25 milhões de dólares.

O pânico de 1907 foi suavizado por J. P. Morgan de maneira prática e espiritual. Prática porque ele jogou recursos próprios e de outros banqueiros para comprar ações. Espiritual porque apelou para os clérigos de Nova York, para que usassem seus sermões dominicais para injetar confiança nos investidores assustados. J. P. culpava o presidente Theodore Roosevelt pelo que acontecia na Bolsa. Roosevelt não deixou a acusação sem resposta. Chamou de gananciosos e impatrióticos os homens de grande fortuna do país.

Ignorando as acusações do presidente, Morgan, agora com 70 anos, ainda salvou diversos bancos nova-iorquinos e a própria Bolsa de Valores de Nova York da falência, emprestando 25 milhões de dólares aos corretores e à Bolsa. Finalmente, nos dias 28 e 29 de outubro, evitou uma crise financeira na cidade emprestando 30 milhões de dólares à prefeitura para que esta pudesse pagar os salários de seus funcionários e dos professores públicos.

Na Califórnia, Amadeo Peter Giannini continuava prosperando. Durante o pânico de 1907, Giannini, que não fora atingido pela crise, possuía tanto ouro que precisou alugar cofres para guardar os lingotes; seu banco foi o único da Califórnia que pôde atender todas as demandas de empréstimos de seus clientes. Milhares de depositantes abriam contas no Bank of Italy.

O sonho de Giannini agora era expandir seus negócios para outros estados. O ex-vendedor de hortigranjeiros queria agências de seu banco estabelecidas em todas as cidades e até mesmo na maioria das vilas. Seria o primeiro grande conglomerado bancário americano de varejo.

No inverno de 1908, Charlie Chaplin, com 19 para 20 anos, já era um comediante bem-sucedido na Inglaterra, atuando em shows de *vaudeville*. Morava com seu irmão, Sydney, num apartamento de três quartos na Brixton Road, ao sul do Tâmisa, e namorava Hattie, uma corista da companhia.

Um ano mais tarde, Chaplin se apresentaria no Folies Bergere, em Paris, onde fez enorme sucesso.

Charles E. Merrill, que chegara a Nova York no auge do pânico de 1907, trabalhava no departamento de títulos da George H. Burr & Company, uma empresa de Wall Street. Depois de algum tempo no emprego, no qual se sobressaía entre os colegas, Charles conseguiu trazer para a firma seu amigo Edmund Lynch, um graduado da Universidade John Hopkins. Os dois sobrenomes, Merrill e Lynch, ajudariam a escrever a história do mercado financeiro dos Estados Unidos ao longo de todo o século XX, entrando pelo século XXI.

Em 1908, Theodore Roosevelt decidiu não concorrer à reeleição. Amante da vida ao ar livre, resolveu se dedicar a caçadas na África.

"Espero que o primeiro leão que ele encontrar cumpra o seu dever", disse John Pierpont Morgan numa roda de amigos. J. P. jamais perdoara a perseguição que sofrera por parte de Ted Roosevelt.

Roosevelt foi sucedido pelo também republicano William Howard Taft, que manteve a política antitruste de seu antecessor e, para desespero dos ricos, criou o imposto de renda federal.

Na primeira década do século XX, mais 6 milhões de emigrantes entraram nos Estados Unidos, entre eles o bielorrusso David Sarnoff, com 9 anos, cujo pai, o pintor de paredes Abraham Sarnoff, desembarcara em Nova York em 1896, levando quatro anos para juntar os 144 dólares necessários para trazer toda a família. Esta foi morar numa área miserável do Lower East Side.

Infelizmente, logo após a chegada da mulher e dos filhos, Abraham ficou doente e incapacitado para o trabalho. Apesar de criança, David fez questão

de ajudar no sustento da casa, vendendo nas ruas os jornais judeus *Tageblatt* e *Forverts*. Quando seu pai morreu, em 1906, David Sarnoff, então com 15 anos, foi trabalhar como mensageiro na Commercial Cable Company, uma empresa de telégrafos, ganhando cinco dólares por semana. Sentindo-se no lugar e no momento certos, David cuidou de aprender a operar o telégrafo.

Desde meados do século XIX, as pessoas e as empresas se comunicavam por telegramas. Essas mensagens, passadas e decifradas usando-se o código Morse, eram transmitidas através de fios. Só que, no início do novo século, o fio tornara-se desnecessário. Em 1901, o italiano Guglielmo Marconi completou com sucesso a primeira transmissão transatlântica sem fio.

Demitido da Commercial Cable por ter tirado três dias de folga para comparecer a uma festividade judaica, David Sarnoff conseguiu um emprego no bairro do Brooklyn, na estação telegráfica da empresa inglesa Marconi Wireless Telegraph Co., assim chamada em homenagem ao inventor.

Sarnoff usava suas horas de folga, domingos e feriados para devorar publicações científicas em bibliotecas públicas. Fez também um curso de engenharia elétrica no Instituto Pratt. A dedicação não passou despercebida por seus patrões, e logo David foi promovido a diretor da estação de telégrafo sem fio da Marconi instalada no topo da loja de departamentos Wanamaker, em Manhattan.

Tendo provado sua competência em Nova York, em 1908, David Sarnoff, então com 17 anos, foi designado para a estação da Marconi no posto remoto da ilha de Nantucket, ao sul do extremo leste da costa de Massachusetts, com um salário mensal de setenta dólares. Em vez de se dedicar apenas às suas tarefas profissionais, na ilha Sarnoff estudou como funcionavam as ondas de rádio que lhe permitiam enviar e receber as mensagens telegráficas. Tornou-se um perito no assunto, a ponto de trocar ideias a distância com o próprio Guglielmo Marconi. Fazia também um curso de matemática por correspondência.

Charles Edwin Mitchell nascera em Chelsea, subúrbio de Boston, em 6 de outubro de 1877. Tinha, portanto, 23 anos na passagem de século. Dotado de inteligência privilegiada, Mitchell conseguiu chegar à universidade, dando aulas particulares de oratória para custear os estudos. Tinha um talento especial para encantar as pessoas, praticamente hipnotizando-as.

O primeiro emprego de Mitchell foi na Western Electric, em Chicago. Em pouco tempo tornou-se gerente de crédito. Mas não esquentou a cadeira

por muito tempo. Recebeu — e aceitou — um convite da Trust Company of America, de Nova York, uma companhia de investimentos, para ser assistente pessoal do presidente, Oakleigh Thorne.

Quando aconteceu o crash de 1907, seguido de pânico no mercado, a Trust foi atingida em cheio pela crise. Nessa ocasião, Mitchell chegou a trabalhar vinte horas por dia, limitando-se a alguns cochilos no escritório de Thorne. Em grande parte graças ao seu esforço e ao seu talento, a empresa sobreviveu à turbulência.

Em 1909, Irving Berlin assinou um contrato de 25 dólares por semana, mais royalties, com a empresa Waterson & Snyder, para compor canções, embora não soubesse escrever música, nem tivesse feito nenhum esforço para aprender a fazer isso, deixando a tarefa a cargo de outras pessoas.

A deficiência não impediu Berlin de produzir, no espaço de um ano, duas dúzias de canções. Só uma delas — *My Wife's Gone to the Country* — vendeu 300 mil cópias em partituras.

Naquela época, as canções eram distribuídas por editoras, sendo as cópias vendidas em papel com pauta, notas musicais e letra. Não havia discos, nem rádio; o cinema, que começava a cair no gosto dos americanos, era mudo. Portanto, sem que Irving Berlin soubesse, uma longa estrada de oportunidades ainda iria se abrir para sua genialidade.

3. Incêndio e naufrágio

Em 1910, o bairro de Hollywood, em Los Angeles, Califórnia, até então uma bucólica comunidade de aposentados que fugiam dos invernos rigorosos dos estados do norte, começou a receber vizinhos estranhos. Eram os primeiros estúdios cinematográficos, os *movies*, como eram chamados, pois lidavam com imagens em movimento.

Justamente nessa época Charles Chaplin chegou pela primeira vez aos Estados Unidos, mas não para o cinema. Foi participar da turnê de uma companhia de *vaudeville*. O grande sucesso de Chaplin, na ocasião, era quando interpretava o papel de um bêbado, numa atuação impagável e irrepreensível que deu grande impulso à sua carreira.

Irving Berlin compôs mais de quarenta músicas em 1911 e contribuiu com quatro canções para a edição anual do *Ziegfeld Follies*, além de vender 2 milhões de cópias da música *Alexander's Ragtime Band*. No ano seguinte, em fevereiro, Berlin se casou com a cantora Dorothy Goetz. Nessa ocasião, a renda do músico já era de 100 mil dólares anuais.

Dorothy e Izzy passaram a lua de mel em Cuba. Enquanto o casal estava lá, irrompeu um surto de tifo. Dorothy foi contaminada pela doença e morreu cinco meses depois, em julho de 1912, aos 27 anos. *When I Lost You*, composta por Berlin em homenagem à mulher, vendeu um milhão de cópias.

Embora a economia dos Estados Unidos não parasse de crescer, também crescia o abismo entre ricos e pobres. A concentração de renda era aviltante. Setenta famílias americanas controlavam 7% da riqueza nacional.

Numa época em que movimentos socialistas floresciam na Europa Ocidental e começavam a se organizar na Rússia czarista, o capitalismo selvagem era regra geral na América. Uma espécie de vale-tudo entre dinheiro e trabalho. Isso começou a mudar por ocasião de um incidente gravíssimo ocorrido em Nova York no sábado de 25 de março de 1911. Nesse dia, a fábrica de blusas Triangle, que ocupava o oitavo, o nono e o décimo e último andares do prédio Asch, em Washington Place, Greenwich Village, na baixa Manhattan, pegou fogo.

A Triangle empregava quinhentas pessoas, em sua maioria mulheres imigrantes italianas e judias do Leste Europeu. Elas trabalhavam nove horas por dia de segunda a sexta-feira e sete horas nos sábados, em troca de um salário de sete a doze dólares semanais.

O prédio tinha três escadarias. Para evitar o furto de peças de roupa e cortes de tecido, ou mesmo pausas para descanso não autorizadas, os gerentes da Triangle mantinham trancadas as portas que davam acesso a duas delas. A terceira não tinha capacidade para a evacuação de centenas de pessoas ao mesmo tempo e seus acessos nos três andares da indústria se davam por passagens estreitas nas quais as bolsas das operárias eram revistadas na saída. Havia também dois elevadores de carga e uma frágil escada de incêndio.

No sábado fatídico, às 16h40, o fogo teve início numa cesta de retalhos debaixo de uma das compridas mesas de corte no canto nordeste do oitavo andar, onde alguém jogou um cigarro ou um fósforo aceso. Embora fosse proibido fumar na fábrica, muitas garotas o faziam disfarçadamente, mantendo o cigarro sob a mesa e levando-o à boca quando o capataz não estava olhando.

A primeira pessoa a dar o alarme para os bombeiros foi um passante na calçada do lado oposto da Washington Place, que viu fumaça saindo do Asch. O que ele não sabia, nem tinha como saber, é que nos três andares da fábrica já reinava o caos. Pessoas se amontoavam em pânico na ânsia de escapar do fogo. O capataz que tinha as chaves das portas trancadas guardadas no bolso, em vez de abri-las, foi um dos primeiros a fugir. Os elevadores de carga se revelaram inúteis, pois seus trilhos se deformaram com o calor.

Logo boa parte das operárias, encurralada pelo fogo e sufocada pela fumaça, correu para as janelas do prédio. Com seus vestidos e cabelos em chamas, hesitavam um pouco antes de saltar para a rua, trinta metros abaixo, mas imediatamente eram empurradas pelas que vinham atrás.

Somando as pessoas que morreram queimadas, as que se espatifaram no pavimento de concreto lá embaixo e as que estavam na escada de incêndio, que acabou desmoronando, 146 funcionários da Triangle morreram, 125 mulheres e 21 homens. Entre elas, a mais velha tinha 48 anos; as mais novas, duas garotas de 14 anos.

Os bombeiros, que não demoraram a chegar ao local da tragédia, quase nada puderam fazer. As lonas que estenderam para aparar as pessoas que caíam não aguentaram o peso dos corpos vindos de tão alto. As escadas de salvamento só iam até o sexto andar. E o fogo era do oitavo para cima.

O episódio da Triangle foi um marco na história da luta sindical americana. Em todos os Estados Unidos a agitação social começou a ferver. Diversos ativistas se mobilizaram após o incêndio na fábrica e os direitos dos empregados no país melhoraram bastante, embora às vezes ao preço de muita luta e sangue.

Até então, os imigrantes se sujeitavam a praticamente tudo. Agora não. Reivindicações salariais foram aceitas pelos patrões e a renda tornou-se melhor distribuída. Isso acelerou ainda mais o crescimento do país, pois melhorou consideravelmente o consumo interno. A Women's Trade Union League obteve diversas conquistas para as trabalhadoras. Leis foram aprovadas nos congressos federal e estaduais, melhorando as condições de segurança no trabalho.

Um ano depois do incêndio da Triangle, uma tragédia muito maior aconteceu em pleno oceano Atlântico. Na noite de domingo do dia 14 de abril para segunda-feira, dia 15 de abril de 1912, o *Titanic*, em rota de Southampton, Inglaterra, para Nova York, colidiu com um iceberg e naufragou. Os botes salva-vidas eram insuficientes para as mais de 2,2 mil pessoas a bordo e 1.517 morreram afogadas ou congeladas na água, entre elas milionários como John Jacob Astor IV, Benjamin Guggenheim e Isidor Strauss.

Não fosse a pronta atuação da Marconi Wireless Telegraph Co., que recebera pedidos de socorro do *Titanic*, mais gente teria morrido. Os telegrafistas da Marconi alertaram o *RMS Carpathia*, o primeiro navio a chegar ao local da tragédia e recolher os sobreviventes que estavam nos botes.

Se David Sarnoff — que deixara seu posto na ilha de Nantucket e fora promovido para um cargo de direção no continente — teve participação direta nas operações de socorro aos náufragos, isso não ficou plenamente esclarecido. Afinal de contas, era um domingo e ele fora elevado a executivo. Portanto, deveria estar em casa. O certo é que os jornais o noticiaram como herói e ele ficou famoso da noite para o dia. A atuação da Marconi no naufrágio despertou o mundo para a importância do telégrafo.

Independentemente de ser herói ou não, Sarnoff andava interessado em um novo sistema de comunicações: o rádio. Ele achava que o potencial de lucros da nova tecnologia era enorme.

Em 1912, Woodrow Wilson, nascido e criado na Virgínia, ex-governador de Nova Jersey e ex-reitor da Universidade de Princeton, que só se iniciara na

política aos 54 anos, elegeu-se presidente dos Estados Unidos. Assim que se viu na Casa Branca, decidiu pela neutralidade na luta entre as grandes empresas e os sindicatos. "Não devemos acabar com os trustes", dizia Wilson, "mas sim moralizá-los".

Wilson não se preocupou em resolver os problemas sociais mais graves nem em coibir o trabalho infantil. Recusou-se a dar ajuda governamental aos desempregados e a discriminação racial agravou-se em seu governo. Em diversas repartições, os funcionários brancos foram separados dos negros.

Descontadas as injustiças, era uma época de muitas oportunidades em ambos os lados do Atlântico, principalmente para os europeus e seus descendentes na América. Em Londres, Clarence Charles Hatry, um agente de seguros inglês de 24 anos, revelava-se como gênio dos negócios. O mesmo acontecia com Charles Mitchell, de 35, americano de Chelsea, Massachusetts, que fundara uma empresa de investimentos, a C. E. Mitchell & Company, em Nova York. Hatry e Mitchell teriam papel preponderante nos acontecimentos que afetariam os mercados nas décadas de 1910 e 1920.

Nessa mesma ocasião, graduava-se em Harvard Joseph (Joe) Kennedy, 24 anos, filho de um político católico bostoniano de origem irlandesa, Patrick Joseph Kennedy, também conhecido como PJ. Por indicação do pai, Joe foi indicado inspetor estadual de bancos em Massachusetts, o que lhe permitiu conhecer como funcionava o sistema bancário, conhecimento esse do qual logo se valeu para iniciar sua bem-sucedida carreira no mercado financeiro.

Depois de evitar, usando 45 mil dólares emprestados pela comunidade irlandesa de Boston, que o controle acionário do Columbia Trust fosse comprado na Bolsa pelo First National Bank, operação conhecida como *hostile bid*, Joe Kennedy conseguiu, aos 25 anos de idade, ser nomeado presidente do Columbia. Logo se revelou um banqueiro inclemente, não hesitando em confiscar os imóveis dos clientes que atrasavam as mensalidades de suas hipotecas.

Enquanto em Detroit Henry Ford procurava democratizar a indústria automobilística fabricando e vendendo o Modelo T, um carro popular ao alcance do bolso do americano médio, em Nova York, na corretora de valores George H. Burr & Company, os jovens executivos Charles E. Merrill e Edmund Lynch, ambos então com 27 anos, procuravam fazer o mesmo no mercado de ações

Merrill e Lynch estavam convictos de que investir na Bolsa não deveria ser um privilégio só dos ricos e que muito dinheiro poderia estar envolvido numa operação de varejo. George Burr, patrão dos dois jovens, endossou o plano.

Na terça-feira, 1º de abril de 1913, John Pierpont Morgan morreu aos 75 anos enquanto dormia no Grand Hotel, em Roma. Quando a notícia chegou a Wall Street, as bandeiras na rua foram descidas a meio pau. O corpo foi embalsamado e trasladado para Nova York, e o mercado de ações parou durante duas horas no dia da passagem do cortejo fúnebre.

Jack Morgan (John Pierpont Morgan Jr.), o único filho homem de J. P., então com 45 anos, sucedeu-o na direção do negócio. Tinha o mesmo comportamento discreto do pai, totalmente avesso a qualquer tipo de publicidade. Mas, ao contrário dele, extremamente centralizador, Jack deu autonomia aos demais dezenove sócios da Casa, limitando-se a passar-lhes as diretrizes básicas do banco.

No final de 1913, Hollywood descobriu Charles Chaplin. Mack Sennett, um diretor de comédias cinematográficas que vira Charlie interpretar o papel do bêbado no American Music Hall, em Nova York, o recomendou à Keystone Company. Chaplin foi para a Califórnia e começou no cinema com um contrato pelo qual ganharia 150 dólares semanais nos primeiros três meses e 175 dólares nos nove restantes.

Num dia de filmagens, meio que por acaso, Charles Chaplin inventou Carlitos (*The Tramp — O vagabundo*), seu personagem imortal. O próprio Chaplin conta como tudo aconteceu em sua autobiografia:

> *Eu estava em meus trajes normais e não tinha nada para fazer, de modo que me pus em um lugar de onde* [Mack] *Sennett poderia me ver. Ele estava de pé ao lado de Mabel* [Normand], *olhando para o set que representava o lobby de um hotel, mordendo a ponta de um charuto. "Precisamos de algumas cenas engraçadas aqui", ele disse. Então virou-se para mim. "Se produza como um comediante. Qualquer coisa serve."*
>
> *Eu não tinha ideia de como me produzir.* [...] *Todavia, a caminho do guarda-roupa, pensei em vestir calças largas, sapatos grandes, uma bengala e um chapéu-coco. Eu queria que tudo fosse uma contradição: as calças frouxas, o paletó apertado, o chapéu pequeno e os sapatos*

grandes. Estava indeciso entre parecer velho ou moço, mas lembrando que Sennett havia suposto que eu fosse um homem muito mais velho, acrescentei um pequeno bigode, que, segundo imaginei, aumentaria minha idade escondendo minha fisionomia.

Eu não tinha ideia do personagem. Mas no momento em que terminei de me produzir, as roupas e a maquiagem me fizeram sentir a pessoa que o personagem deveria ser. Eu comecei a conhecê-lo, e no momento em que caminhei para o palco ele [Carlitos] *estava totalmente pronto. Quando confrontei Sennett, assumi o personagem e comecei a fazê-lo caminhar, balançando minha bengala e andando à frente de Sennett. Piadas e ideias cômicas começaram a desfilar por minha mente.*

[...]

Entrei [no cenário] *e tropecei no pé de uma senhora. E me virei e tirei meu chapéu me desculpando, então me virei e tropecei numa escarradeira, então me virei e tirei meu chapéu para a escarradeira. Por trás das câmeras, as pessoas começaram a rir.*

Enquanto Carlitos nascia, na Europa as músicas de Irving Berlin faziam sucesso em Londres, Paris, Viena e Madri.

No domingo de 28 de junho de 1914, a cidade de Sarajevo, na Bósnia, se engalanara para receber a visita do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro e comandante em chefe do Exército austríaco. Era uma viagem de risco. A maioria dos habitantes de Sarajevo, simpatizantes da Sérvia, odiava a Áustria, que ocupava a Bósnia havia décadas.

Apesar do ambiente hostil, o arquiduque fez questão de desfilar em carro aberto, ao lado de sua mulher, Sofia, duquesa de Hohenberg. Disso se aproveitou Gavrilo Princip, um fanático nacionalista sérvio, que se aproximou do carro e, a menos de dois metros de distância, matou com dois tiros de pistola o arquiduque e a duquesa.

Em toda a história da humanidade, nenhum assassinato teve tantas consequências trágicas.

4. A Grande Guerra

Por ocasião do assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e de sua mulher, Sofia, a Europa se dividia basicamente em dois grupos nitidamente antagônicos. De um lado, a *Entente*, constituída por Grã-Bretanha, França e Rússia. Do outro, Alemanha, Itália e Áustria-Hungria formavam a Tríplice Aliança.

Como Gavrilo Princip, assassino do arquiduque, era sérvio, fora treinado na Sérvia e usara armas sérvias para cometer seu crime, a Alemanha exigiu que sua aliada Áustria-Hungria, em vez de tão somente julgar Princip por duplo homicídio e terrorismo, retaliasse contra a Sérvia.

Não sem alguma demora, por temer represálias da Rússia, a Áustria acabou agindo. Apresentou um ultimato à Sérvia, cujas cláusulas, na prática, significavam a perda da independência do país. Mesmo assim, os sérvios atenderam a quase todas as exigências, com exceção a de permitir que a polícia e a Justiça austríacas pudessem operar em seu território. A recusa foi o suficiente para que, em 28 de julho de 1914, a Áustria declarasse guerra à Sérvia.

Os russos acudiram os sérvios, concentrando parte de seu Exército nas proximidades da fronteira austríaca. Finalmente o czar Nicolau II ordenou uma mobilização geral. Em represália, o kaiser Guilherme II, da Alemanha, seguindo orientação de seus generais, declarou guerra à Rússia. Voltando também sua atenção para o oeste, a Alemanha ocupou o pequeno e indefeso Luxemburgo. Seguiu-se a invasão alemã da neutra Bélgica e a declaração de guerra à França, cuja aliada Grã-Bretanha respondeu entrando em estado de guerra contra os alemães.

Iniciara-se o conflito que se tornaria conhecido como A Grande Guerra e, um quarto de século mais tarde, quando sobreveio outra muito mais ampla, seria rebatizado como Primeira Guerra Mundial, ou simplesmente Primeira Guerra.

No início os combates favoreceram os alemães, que avançaram até um ponto a dois dias de marcha de Paris. Mas, sendo uma guerra de duas frentes, a Alemanha precisou deslocar algumas divisões para o leste, onde os russos atacavam a Prússia Oriental.

Com vitórias e derrotas, avanços e retiradas dos dois lados, a Grande Guerra entrou em um impasse que duraria quatro anos. Soldados morriam

às centenas de milhares. Só na batalha de Verdun, no nordeste da França, 700 mil homens da *Entente* e da Tríplice Aliança morreram de tiro e de doenças nas trincheiras enlameadas. No ar, embora a guerra fosse limpa, o índice de mortalidade dos pilotos era maior do que o dos soldados lá embaixo.

Por decisão do presidente Woodrow Wilson, um isolacionista convicto, os Estados Unidos no começo ficaram de fora da guerra. Isso não impediu que os mercados financeiros americanos sofressem imediatamente as consequências do conflito. Os negócios com ações na Bolsa de Nova York, por exemplo, ficaram suspensos de 31 de julho de 1914, logo após se iniciarem os combates na Europa, até o dia 28 de novembro daquele ano.

Só após a Alemanha torpedear diversos navios mercantes americanos, além de tentar aliciar o México como aliado, Wilson, pressionado pelo ex-presidente Theodore Roosevelt, decidiu-se pela declaração de guerra, que foi aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos no dia 6 de abril de 1917. Uma onda de sentimento antigermânico tomou conta do país. Nove milhões de jovens se apresentaram como voluntários para lutar na Europa, mas menos de 700 mil foram aceitos pelas Forças Armadas, que não tinham material bélico nem instrutores suficientes para lidar com um número maior de recrutas.

Sendo inglês de nascimento e de nacionalidade — jamais se interessara pela cidadania americana —, Charles Chaplin vibrou com a entrada dos Estados Unidos na guerra. Mas dela não participou, continuando suas atividades no cinema. Ele se tornara o comediante mais famoso do mundo, sempre no papel de Carlitos. Assinara contrato em 1916 com a Mutual Film Corporation, com um salário anual de 670 mil dólares.

Em 1917, Chaplin, agora ganhando mais de um milhão de dólares por ano, começou a investir em ações. Enquanto atuava em suas comédias de pastelão, no ritmo de quase uma por mês, ele, junto com seus grandes amigos, os atores Douglas Fairbanks Jr. e Mary Pickford, ainda encontrava tempo para fazer turnês de trem pelos Estados Unidos vendendo obrigações de guerra (*Liberty Bonds*).

As músicas de Irving Berlin continuavam fazendo enorme sucesso. O musical *Watch Your Steps*, com canções de sua autoria, fora o grande acontecimento da temporada 1914/1915 na Broadway.

Nessa época já havia gramofones. Além de serem apresentadas no teatro, as músicas eram gravadas em sulcos feitos em cilindros ou discos, que uma agulha transformava em som na engenhoca. Junte-se a isso a venda de partituras e os ganhos de Berlin não paravam de subir.

Em 6 de fevereiro de 1918, Irving Berlin, então com 29 anos, tornou-se cidadão americano. Foi imediatamente convocado pelo Exército, no posto de sargento. Mas, em vez de ser mandado para a Europa, Berlin foi servir em uma unidade de Long Island. Lá, escreveu *God Bless America* (Deus abençoe a América), mas como não achou a música boa o suficiente para incluí-la no show especial que produzia para a Broadway com renda integral para o esforço de guerra, engavetou-a.

A música e a letra de *God Bless America* permaneceriam jogadas no fundo de um baú na casa de Berlin por vinte longos anos.

Embora, durante a Grande Guerra, as transmissões de rádio tenham sido estrategicamente importantes, David Sarnoff, agora vice-presidente da Marconi Wireless Telegraph Co., já antevia o futuro do rádio em tempos de paz como meio de entretenimento.

"Tenho em mente que o rádio se tornará uma utilidade doméstica, tal como o piano ou o fonógrafo", Sarnoff escreveu em um memorando interno da empresa.

No outono de 1914, o banqueiro Joe Kennedy se casara com Rose, filha de John Fitzgerald, um político importante de origem irlandesa, como os Kennedy. Os recém-casados foram morar no subúrbio de Brookline, em Boston. Logo Rose ficou grávida pela primeira vez.

Os objetivos de vida de Joe não podiam ser mais ambiciosos: ele queria ser rico e influente na política e no mundo dos negócios. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, Joe trocou sua posição de presidente do Columbia Trust pela gerência dos estaleiros da Bethlehem Steel em Fore River, Massachusetts, que construíam destróieres para a Marinha.

A produtividade do estaleiro disparou com a chegada de Kennedy. Ele trabalhava tanto que desenvolveu úlceras, com as quais teria de conviver durante o resto de sua vida.

Em Nova York, embora fosse o mais bem-sucedido entre os corretores da

George H. Burr & Co., Charles Merrill, aos 28 anos, quis deixar de ser empregado. Associando-se ao seu amigo e parceiro Edmund Lynch, montou uma firma destinada a negociar ações para investidores de classe média, com sede no número 7 de Wall Street. Assim teve início a Merrill, Lynch & Co., cuja logomarca do touro (o símbolo da alta) se tornaria lendária nas décadas que se seguiriam.

William (Billy) Crapo Durant, nascido em Boston e neto de um ex-governador de Illinois, fundara a General Motors em 1908. Dois anos mais tarde, Billy Durant foi demitido de seu próprio negócio, assumido por bancos aos quais a GM devia 10 milhões de dólares. Durant, que fazia enorme fé no mercado de automóveis, montou a Chevrolet Car Company.

Quando os mesmos bancos abriram o capital da General Motors, lançando ações ao público, Durant, na surdina, e usando recursos da Chevrolet, que se revelara extremamente lucrativa, recuperou o controle da GM. Em setembro de 1915, ele assumiu a presidência do Conselho de Diretores.

Na Europa Ocidental, a vitória começou a pender para as tropas de França, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Enquanto isso, na frente leste, os alemães discutiam uma paz em separado com a Rússia, que enfrentava uma luta interna entre as tropas leais ao czar e outras simpatizantes do movimento bolchevique, que queria implantar uma república socialista baseada nas ideias de Karl Marx (1818-1883).

A Alemanha foi se desintegrando aos poucos, suas tropas recuando em todas as frentes no oeste. Na Europa Central, seus aliados austro-húngaros enfrentavam movimentos separatistas, com diversos grupos étnicos querendo fundar sua própria nação.

Vendo que a derrota seria uma questão de tempo, o kaiser Guilherme II abdicou do trono e abandonou o país. Seus sucessores pediram a paz aos aliados ocidentais. Um armistício, na verdade uma rendição alemã, foi assinado em Compiègne, no norte da França, no dia 11 de novembro de 1918.

Entre militares e civis, 13 milhões de pessoas haviam morrido na Grande Guerra.

5. Revolução Russa

No início, a Grande Guerra foi uma tábua de salvação para o czar Nicolau II, cujo governo vinha enfrentando seguidas greves e manifestações populares, quase nunca pacíficas, geralmente lideradas por militantes socialistas bolcheviques e mencheviques. A czarina Alexandra era especialmente odiada pelo povo, em parte por ser alemã de nascimento, mas também por causa de sua amizade com o autoproclamado santo Grigori Rasputin, alcoólatra e devasso, a quem Alexandra confiava o tratamento de seu filho Alexis, herdeiro do trono, que sofria de hemofilia.

Veio então a guerra contra a Alemanha e a grande maioria dos russos, como quase sempre acontece nessas horas, se uniu em torno do czar contra o inimigo estrangeiro. Nos três anos que se seguiram, reveses nos campos de batalha, além da fome nas cidades, acabaram com o entusiasmo inicial. Em 1917, o czar abdicou e foi enviado, junto com a czarina e os cinco filhos, para a pequena cidade siberiana de Tobolsk.

Após algumas alternâncias no governo, os bolcheviques, sob a liderança de Vladimir Ilyich Lenin, que tinha como principais lugares-tenentes Josef Stálin e Leon Trotsky, instalaram o primeiro regime comunista da história. As terras, os bancos, a Marinha mercante e os meios de produção, transporte e comercialização foram socializados.

"Todo o poder aos sovietes", era o slogan dos novos dirigentes, se referindo aos conselhos de trabalhadores, camponeses, soldados e marinheiros que, ao menos na teoria, iriam agora governar o país, no que era definido por alguns como "ditadura do proletariado".

Enquanto os comunistas tentavam organizar o governo, a guerra contra os alemães continuava, com derrotas russas se sucedendo e soldados desertando em massa do Exército. Lenin não perdeu tempo. Em dezembro de 1917 enviou uma delegação, encabeçada por Trotsky, para iniciar conversações com a Alemanha visando um cessar-fogo.

Os russos pagaram um preço alto para assinar a paz com os alemães, no Tratado de Brest-Litovsk. Tiveram de entregar vastas extensões territoriais no Cáucaso, na Ucrânia, na Polônia, na Finlândia e no Báltico. Isso equivalia a um terço de suas terras cultiváveis e de sua população, quatro quintos das minas de

carvão, um quarto das ferrovias e um terço das fábricas, além de serem obrigados a pagar à Alemanha uma reparação de guerra de 6 milhões de marcos.

Se a Rússia assinou a paz com os alemães, dentro de seu território iniciou-se uma nova e não menos sangrenta luta, uma guerra civil envolvendo, de um lado, os revolucionários comunistas (Exército Vermelho) e, do outro, os adeptos do antigo regime czarista (Exército Branco), estes apoiados e armados pelo Ocidente.

Para grande pesar dos brancos, os vermelhos, que haviam transferido a capital para Moscou, mandaram fuzilar toda a família imperial. A execução ocorreu no dia 16 de julho de 1918 no porão de uma casa em Yekaterinburgo, para onde o czar e sua família haviam sido removidos. Com isso, os comunistas extinguiram a dinastia Romanov.

Terminada a Grande Guerra, os líderes dos países vencedores e derrotados na Frente Oeste se reuniram em Versalhes para tentar estabelecer uma paz duradoura. Mas faltou magnanimidade e bom senso às potências vitoriosas, principalmente a França. Num tratado assinado em 28 de junho de 1919, a Alemanha foi obrigada a se comprometer com reparações financeiras no valor de 11,3 bilhões de libras, impossíveis de serem cumpridas. Esse erro, percebido imediatamente pelo presidente americano Woodrow Wilson, teria trágicas consequências no futuro.

Nos Estados Unidos, terminada a guerra, Joe Kennedy pediu demissão de seu emprego nos estaleiros da Bethlehem Steel e resolveu voltar para o mercado financeiro. Obteve o cargo de gerente da filial da corretora Hayden Stone & Co. em Boston. Seu instinto lhe dizia que as grandes oportunidades dos anos seguintes surgiriam no mercado de ações.

Não foi preciso muito tempo para que Kennedy aprendesse os aspectos menos éticos do negócio e começasse a se valer fartamente deles, inclusive, e principalmente, o de operar amparado por informações privilegiadas. Em sua primeira grande tacada, ele adquiriu ações da empresa Pond Creek Coal, cujo controle acionário Joe sabia que estava passando para Henry Ford. Joe Kennedy pegou dinheiro emprestado e comprou 15 mil ações da Pond Creek ao preço de 16 dólares.

De fato, Ford assumiu a empresa, as ações dispararam e Kennedy obteve um lucro de mais de 200 mil dólares. Logo vieram outras jogadas especu-

lativas, cada uma mais sofisticada do que a anterior, com destaque para os *pools* de ações.

Nesses *pools*, que poderíamos definir como "puxadas", vários corretores se reuniam, adquiriam grandes lotes de determinado papel e começavam a espalhar notícias favoráveis a respeito dele, inclusive subornando jornalistas. Isso atraía levas de compradores gananciosos, em busca de um lucro fácil. Os preços então subiam e os integrantes do *pool* se desfaziam de maneira ordenada de seus títulos, deixando para a manada de investidores que vinha atrás o prejuízo quando sobreviesse a inevitável baixa, numa espécie de jogo das cadeiras. Cada *pool* tinha um organizador, a quem competia definir as estratégias operacionais e centralizar as decisões. Kennedy costumava ser um deles, um dos melhores.

Um lado menos conhecido das atividades de Joe Kennedy catapultava sua fortuna. Desde o dia 16 de janeiro de 1919 entrara em vigor a 18ª emenda à Constituição dos Estados Unidos, proibindo a fabricação, o comércio, a importação e o transporte de bebidas alcoólicas. Tratava-se da Lei Seca (*Prohibition*). Sem maiores constrangimentos, Kennedy entrou no ramo, agora ilegal, de bebidas, financiando fermentadores e destiladores clandestinos, em parceria com gângsteres.

A Grande Guerra diminuiu o ritmo de crescimento do Bank of Italy, de Amadeo Peter Giannini, mas logo após o armistício os negócios melhoraram. Giannini então resolveu expandir seus negócios, estendendo suas operações de São Francisco para Nova York.

Tal como acontecera na Costa Oeste, quinze anos antes, os banqueiros de Wall Street torceram seus narizes para o arrivista carcamano. Giannini ignorou-os e comprou dois bancos, o East River e o Bowery National. Fundiu-os, constituindo o Bancitaly Corporation, para trabalhar no varejo, aceitando aplicações de pequenos investidores e contas de comerciantes do lado leste, e pobre, da Baixa Manhattan.

Na Califórnia, Charles Chaplin havia decidido ser dono de sua carreira. Em parceria com Douglas Fairbanks Jr., Mary Pickford e o diretor D. W. Griffith, Charlie fundou a United Artists.

Enquanto isso, na Europa Ocidental, os países que haviam lutado na guerra trabalhavam penosamente na reconstrução. No outro extremo do continente,

a guerra civil continuava devastando a Rússia. Só após a vitória, se ela viesse, Lenin poderia provar as vantagens para o povo da ditadura do proletariado.

Nesse cenário, os Estados Unidos da América eram uma ilha de exceção. Entre 1914, ano do início da Grande Guerra, e 1920, o PIB do país crescera inacreditáveis 250%. E o melhor estava para acontecer: a chegada dos *Roaring Twenties*.

6. Milagre da alavancagem

Ao se iniciar a década de 1920, o consumo das famílias era a grande mola propulsora da economia dos Estados Unidos. Entre outros tipos de gastança, as pessoas iam regularmente ao cinema, compravam aparelhos de rádio e gramofones — trazendo a música dos teatros para dentro de casa —, frequentavam restaurantes, sorveterias e lanchonetes. Os automóveis deixaram de ser privilégio dos muito ricos, graças à redução dos custos de produção propiciada pelas linhas de montagem de Detroit.

A revolução feminina americana de costumes também começara. As mulheres já podiam usar cabelos curtos, sem serem consideradas indecentes, e mostrar as pernas — as barras das saias subiram do tornozelo para o joelho. No dia 18 de agosto de 1920 foi ratificada a 19ª emenda à Constituição, instituindo o sufrágio feminino.

Com o advento da Lei Seca, boa parte da população passara a delinquir. Enquanto dezenas de milhares de cidadãos aprenderam a fazer bebidas alcoólicas caseiras, um número muito maior começou a frequentar os *speakeasies*, bares clandestinos — mas não tão clandestinos que não pudessem ser encontrados com facilidade — onde uísque, vinho, cerveja, gim, rum e outras beberagens contrabandeadas da Europa e do Canadá eram consumidas à larga. O hábito deu grande impulso aos gângsteres e à corrupção policial.

Beber escondido em caves, cujas portas equipadas de olho mágico só eram abertas para clientes da casa, era muito mais divertido do que beber legalmente. Os jovens, então, adoravam o clima de cumplicidade criado pelo novo hábito.

Além do cinema, dos gramofones, das saias curtas, dos carros de Detroit e das noitadas em *speakeasies*, outras modas excitantes estavam surgindo. Entre elas a de se especular com ações, atividade que, tal como acontecia com a compra de automóveis, deixara de ser exclusiva dos ricos. Pois agora os bancos ofereciam "empréstimos com chamadas de margem" (*margin calls* ou *call loans*) para pessoas de classe média.

Se um investidor, por exemplo, dispunha de mil dólares para investir na Bolsa, as sociedades corretoras lhe ofereciam, digamos, um empréstimo de 3 ou 5 mil para a compra de ações a termo. Os mil dólares e as próprias ações

serviam como garantia dessas compras. Se o mercado caísse, as corretoras, que eram financiadas pelos bancos, davam duas opções aos clientes: reforçar suas margens, ou seja, acrescentar mais dinheiro aos mil dólares iniciais, ou vender as ações compradas a termo e realizar o prejuízo.

Só que isso raramente acontecia, pois o mercado de ações não fazia outra coisa a não ser subir. Por causa dessa alta, muita gente que jamais sonhara com a hipótese enriquecia facilmente. E espalhava para os amigos.

"Pode comprar. Os bancos emprestam quase todo o dinheiro. Se você for audacioso e tiver um pouco de sorte, pode transformar quinhentos dólares em 10 mil. Foi o que aconteceu comigo."

Os especuladores às vezes exageravam.

No ano de 1920, o volume de empréstimos feitos pelos bancos americanos às corretoras para financiar compras sob margem dos clientes atingiu 1,5 bilhão de dólares.

Charles Chaplin, que em 1918, aos 29 anos, se casara com a atriz Mildred Harris, de apenas 16, não conseguia encontrar inspiração para criar novas histórias para Carlitos. Foi num estado de espírito acabrunhado que certa noite Chaplin compareceu ao teatro Orpheum, em Los Angeles, para assistir ao show de um bailarino, John Coogan. O espetáculo não tinha nada de excepcional. Mas ao final da apresentação, Coogan chamou seu filho, Jackie, de apenas 6 anos, para participar dos agradecimentos.

As reverências e o modo engraçado como Jackie Coogan se dirigiu à plateia encantaram a todos. As pessoas gostaram tanto dos trejeitos e da personalidade do menino que este foi obrigado a retornar ao palco por diversas vezes.

Se os expectadores gostaram, Charles Chaplin simplesmente ficou extasiado. E prometeu a si próprio que não descansaria até conseguir que o garotinho participasse de um filme de Carlitos.

Foi assim que nasceu *The Kid* (*O garoto*), no qual Carlitos era um consertador de vidraças, cabendo a seu parceiro, interpretado pelo menino Jackie, quebrá-las antes com pedradas. Numa cena que entrou para a antologia do cinema, o garoto se prepara para jogar uma pedra numa vidraça que logo o "sócio" iria se apresentar para substituir. Só que quando traz o braço para trás para preparar o lançamento, a mão de Jackie esbarra no uniforme de um policial que o observa atentamente.

O menino olha para o guarda, abre um sorriso, joga a pedra para cima e a apara na mão. Só então inicia uma desabalada carreira.

The Kid era um filme para fazer as pessoas alternarem risos com choros, coisa jamais tentada em Hollywood. Em certo momento, um agente do juizado de menores tira o menino do vagabundo para levá-lo a um orfanato. Só que Carlitos consegue resgatar Jackie.

Apesar de fazer fé no futuro da fita, Charles Chaplin jamais poderia imaginar que *The Kid* seria um dos maiores sucessos da era do cinema mudo.

Nas eleições presidenciais de 1920, realizadas no dia 2 de novembro, o candidato republicano Warren G. Harding saiu vencedor, batendo por larga margem o democrata James Cox. Caberia a Harding governar os Estados Unidos nos primeiros anos dos *Roaring Twenties*. Sua plataforma era priorizar o desenvolvimento do país, mesmo que em detrimento da austeridade fiscal.

Logo após a eleição de Harding, e antes de sua posse, um atentado à bomba em Wall Street matou 38 pessoas em frente ao prédio do Banco Morgan. A explosão causou pânico na Bolsa de Valores de Nova York, que levou um tombaço.

Os autores da chacina não foram identificados. No entanto, dois anarquistas italianos, o sapateiro Nicola Sacco e o vendedor ambulante de peixes Bartolomeo Vanzetti, suspeitos de um duplo homicídio ocorrido durante um assalto em Massachusetts no início do ano de 1920, sem que houvesse nenhuma prova consistente contra eles, foram julgados, condenados à morte e executados na cadeira elétrica sete anos mais tarde. Segundo as autoridades policiais e judiciárias, alguém teria de servir como exemplo para evitar que atentados como o de Wall Street se repetissem.

Em 1920, William (Billy) Crapo Durant, que reassumira a presidência do Conselho de Diretores da General Motors cinco anos antes, voltou a ver a empresa enfrentar problemas financeiros causados por um programa expansionista ambicioso demais e pela construção do faraônico edifício Durant, em Detroit. Billy Durant recorreu aos bancos, que lhe recusaram suporte.

Próximo passo, Durant tentou Wall Street, oferecendo 64 milhões de dólares em ações ao público. Mas o mercado ainda se ressentia da queda provocada pelo atentado a bomba e os papéis não encontraram receptividade.

Billy Durant não teve outro remédio senão aceitar uma proposta conjunta do Banco Morgan e da DuPont, que adquiriram a GM por míseros 20 milhões

de dólares. Durant não esperou ser demitido da presidência do Conselho. Renunciou antes.

Uma das primeiras providências dos novos donos da empresa foi mudar o nome do novo e pomposo prédio sede de Durant Building para General Motors Building.

7. Comunismo versus capitalismo

Nos primeiros anos que se seguiram à Revolução Russa e ao fim da Grande Guerra, a desnutrição e outras doenças decorrentes da escassez de gêneros mataram 5 milhões de pessoas na Rússia, mais gente do que na guerra e na revolução juntas. A revolta contra os comunistas era geral. Levantes pipocavam por todos os lados.

Em março de 1921, os marinheiros da base naval russa de Kronstadt, localizada em uma ilha no golfo da Finlândia, se amotinaram contra as arbitrariedades cometidas pelos comissários do povo, representantes do partido que os bolcheviques mantinham em todas as unidades das Forças Armadas. Embora Lenin tivesse sufocado a rebelião enviando 25 mil soldados do Exército Vermelho para combatê-la, percebeu que teria de ser mais moderado no trato com o povo em geral, e com os militares em particular, se quisesse continuar controlando o país.

Visando um melhor relacionamento com a população, o governo adotou uma série de procedimentos, aos quais deu o nome de Nova Política Econômica. Os agricultores foram autorizados a vender livremente o excesso de produção. Os pequenos comerciantes e industriais puderam reabrir suas empresas, que a Revolução transferira para o Estado.

A resposta às medidas foi imediata. Cresceram a produção industrial e a safra agrícola, embora tenham continuado muito abaixo dos níveis do tempo do czar.

Quando Vladimir Lenin sofreu um ataque cardíaco em maio de 1922, o primeiro de uma série, poucos russos tinham conhecimento da existência de um dos seus lugares-tenentes, Josef Stálin, que agia mais nos bastidores, ao contrário de seu rival, Leon Trotsky, que fazia valer seus dotes de brilhante orador e articulista. Mas, à medida que a saúde de Lenin se deteriorava, foi Stálin que começou a mover, na surdina, as pedras de xadrez do poder.

Se na Rússia o comunismo engatinhava titubeante, na América o capitalismo caminhava a passos largos, ancorado num ritmo alucinante de crescimento da produção industrial e na farta liquidez. Em 1921, a Casa Morgan liderou a emissão e a venda de obrigações da França e da China, totalmente subscritas

pelos investidores. Os governos da Polônia e da Romênia também receberam empréstimos da Morgan.

Charles Mitchell, que fundara a C. E. Mitchell & Company em Nova York cinco anos antes, tendo como funcionários apenas uma datilógrafa, um escriturário e um office boy, mudara o nome da empresa, agora com um amplo quadro de empregados, para National City Bank. Sob a presidência de Mitchell, o City Bank tornava-se uma instituição cada vez maior e mais lucrativa.

Quase todos os setores da atividade econômica prosperavam nos Estados Unidos, inclusive o de entretenimento, já que os cidadãos tinham dinheiro sobrando para gastar em supérfluos. Na quinta-feira de 22 de setembro de 1921, Irving Berlin inaugurou em Nova York seu próprio teatro, ao qual deu o nome de The Music Box (Caixa de Música), cuja construção custara quase um milhão de dólares. A estreia do *Music Box Revue of 1921* foi o grande acontecimento musical da Broadway no ano.

A General Electric comprara a Marconi Wireless Telegraph Co., transformando-a em Radio Corporation of America, empresa que se tornaria mundialmente conhecida por suas iniciais, RCA, e entre os operadores da Bolsa simplesmente como Radio. Essa aquisição veio ao encontro dos anseios do vice-presidente da Marconi, David Sarnoff, que antecipara o futuro do rádio como meio de levar diversão e informação aos lares de todo o país.

Rapidamente os engenheiros da RCA encontraram uma maneira de enviar os sons do rádio pelas linhas telefônicas. As duas primeiras estações emissoras da RCA, cujos prefixos eram WJZ e WJY, foram inauguradas em Manhattan.

No dia 2 de julho de 1921, a RCA transmitiu para 300 mil ouvintes, diretamente de Jersey City, a luta de boxe entre o americano Jack Dempsey e o francês Georges Carpentier, valendo o título mundial dos pesos pesados.

Em Wall Street, Joe Kennedy continuava com suas jogadas especulativas, quase sempre bem-sucedidas. Ao descobrir que alguns ursos espertos vinham derrubando artificialmente as ações da Yellow Cab Company, uma empresa de táxis de Nova York, com a intenção de recomprá-las na baixa, Kennedy se ofereceu aos diretores da firma para entrar como touro na disputa, sustentando os papéis.

Operando de um quarto do hotel Waldorf Astoria, Kennedy levou algumas semanas para desmontar a estratégia dos ursos. Joe não só conseguiu estancar a queda da Yellow Cab como reverteu a tendência de baixa das ações,

dando dicas para diversos especuladores ávidos por um lucro fácil. Lucro esse do qual Joe Kennedy ficou com a maior fatia. Seu nome começou a ser comentado pelos *traders* da Rua. "Precisamos tomar cuidado com esse irlandês filho da puta", comentou um dos ursos, lambendo as feridas e dividindo-se entre o respeito, a admiração e a raiva.

8. Jack Morgan, o banqueiro do mundo

Enquanto os Estados Unidos se tornavam a maior potência econômica do planeta, superando inclusive o Império britânico, a União Soviética — que era como a Rússia e os países sob seu domínio passaram a se chamar desde 1922 — tentava edificar uma sociedade próspera baseada no socialismo. Já a Alemanha sofria para cumprir as cláusulas draconianas do Tratado de Versalhes.

Adolf Hitler, um cabo austríaco, pintor de paredes de origem, que recebera a Cruz de Ferro por atos de bravura na frente ocidental durante a Grande Guerra, liderava agora o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou simplesmente Partido Nazista, como era mais conhecido.

Apesar de sua pouca instrução, Hitler era dotado de enorme carisma e atraía seguidores em todo o país com sua oratória repleta de slogans repetitivos e citações bombásticas, acompanhada de gestos teatrais, que magnetizavam os ouvintes. Para o líder nazista e seus adeptos, os políticos e os militares que haviam assinado o armistício de 1918 e aceitado as cláusulas de Versalhes, assim como os judeus, eram os vendilhões da pátria.

Com os cofres do Tesouro vazios por causa dos pagamentos de reparações de guerra às potências vencedoras, o governo alemão não teve outro remédio a não ser imprimir dinheiro. Em volume tão grande que resultou numa inflação devastadora.

Em 1914, quando estourou a Grande Guerra, um dólar custava 4,2 marcos. Em 1922, a cotação subira 166.500% para 7 mil. Um ano depois, no verão de 1923, o dólar era trocado por 200 mil marcos. No final do outono esse valor subiu para inacreditáveis 4,2 trilhões de marcos. Em novembro de 1923, a taxa mensal de inflação na Alemanha atingiu 10.121% e a moeda simplesmente perdeu seu poder de compra. O próprio dólar em espécie só tinha utilidade quando eram cédulas de baixo valor, pois ninguém seria ingênuo o bastante para comprar alguma coisa com uma nota de vinte dólares, por exemplo, e receber o troco em notas de 20 bilhões de marcos, que em poucas horas nada valeriam.

Na noite de quinta-feira, 8 de novembro de 1923, no auge do pique inflacionário, Adolf Hitler tentou dar um golpe de Estado em Munique, na Bavária, que ficaria conhecido como o *Putsch* da Cervejaria, pois foi numa das maio-

res e mais famosas da cidade, a Bürgerbräukeller, que os conspiradores se reuniram para iniciar o movimento.

Quando, após discursos que vararam a madrugada, os golpistas saíram às ruas no dia seguinte, na esperança de que multidões se juntassem a eles, foram atacados pela polícia. Na fuzilaria que se seguiu, dezesseis nazistas e quatro policiais foram mortos. Hitler conseguiu fugir, mas foi preso pouco depois. Julgado e sentenciado a cinco anos de detenção, cumpriria apenas um. Na prisão ele escreveria o livro *Mein Kampf* (*Minha luta*), no qual expunha suas teorias raciais e expansionistas e que se tornaria a bíblia do nazismo.

Nas eleições presidenciais americanas de 1924, vencidas pelo republicano Calvin Coolidge, pela primeira vez o rádio foi usado durante a campanha pelos três candidatos. Graças ao engenhoso trabalho de David Sarnoff, a RCA, agora dirigida por ele, transmitiu os discursos pronunciados nas convenções dos partidos Republicano, Democrata e Progressista para todo o país.

Mil novecentos e vinte e quatro foi também um ano de mudanças na indústria automobilística em Detroit. Até então a Ford era a única montadora que se interessava por fabricar carros populares, tendo produzido 10 milhões de unidades do Modelo T. Agora havia uma concorrente de peso nesse segmento, a General Motors, que oferecia ao público modelos tão baratos quanto o T, só que equipados com mais recursos. Em vez da partida com manícula, por exemplo, uma manivela que fazia o motor pegar, de difícil manuseio para as mulheres e perigosa até para os homens, que não raro quebravam o braço no procedimento, os Chevrolets da GM dispunham de um sistema elétrico de partida que acionava um motor de arranque, além de outras novidades.

O Bancitaly, de Amadeo Peter Giannini, era agora uma poderosa instituição bancária com 115 milhões de dólares de capital. Ao contrário dos outros banqueiros, Giannini considerava sua empresa um órgão de utilidade pública, que existia apenas para servir às pessoas, e recusava-se a receber salário por seu cargo de presidente do banco.

A Casa Morgan, sob a direção de Jack Morgan, filho do falecido J. P., continuava atuando em diversos países. Em 1923 a instituição fez vultosos empréstimos para Cuba e para a Áustria, nações que corriam risco de se tornarem insolventes. Pouco depois, quando Cuba ameaçou criar impostos específicos para empresas e cidadãos americanos, Jack Morgan enviou um emissário a

Havana, que conseguiu que o país desistisse das medidas. Moscou não gostou da interferência. O Kremlin declarou que o "capitalismo orquestrado por Morgan estava tentando dirigir o mundo".

Em 1924, Frances Louise Tracy, viúva de J. Pierpont e mãe de Jack Morgan, morreu. Jack passou a ser o acionista majoritário do banco que já dirigia desde a morte do pai. Nesse ano, a Casa Morgan emprestou grandes quantias à França e ao Japão. Os Morgan eram de fato os banqueiros do mundo, papel que anos mais tarde caberia ao FMI e ao Banco Mundial.

Irving Berlin não podia se queixar da vida. Sua canção *What'll I Do?*, lançada em 1924, vendeu 2 milhões de cópias em discos e partituras. As ondas de rádio enviavam *What'll I Do?* para todas as cidades de costa a costa, assim como as músicas compostas anteriormente por Berlin.

A prosperidade dos Estados Unidos parecia não conhecer limites, para grande regozijo dos especuladores. Eles agora deixavam um pouco de lado o mercado de ações para investir num *boom* imobiliário que germinava na Flórida. Os preços dos terrenos, que podiam ser comprados com entradas módicas de até 10%, não raro triplicavam ou quadruplicavam em poucos meses.

"Alavancagem" voltava a ser a palavra mágica, a chave da riqueza fácil e quase instantânea.

Deus abençoe a América era o título da música guardada e esquecida no fundo do baú da casa de Irving Berlin em Nova York.

9. Pague um, leve dez

Embora os preços das ações nas bolsas de valores americanas continuassem subindo havia mais de um ano, os olhos mais gulosos de Wall Street se voltavam para a península da Flórida, onde oportunidades fantásticas no setor imobiliário surgiam todos os dias.

Na verdade, os especuladores não negociavam imóveis, mas sim papéis, ou melhor, promessas de venda. Se determinado terreno era oferecido — segundo a avaliação exagerada dos corretores — por 10 mil dólares, era possível comprá-lo dando uma entrada de mil. O comprador recebia a promessa, que podia ser negociada, e ficava devendo o resto.

Como o mercado só subia, logo o título passava para o comprador seguinte, que pagava, digamos, 1,5 mil e assumia o saldo devedor. O próximo dono comprava a dívida por 2 mil e a passava adiante por 3 mil dólares. Era um negócio espetacular para todos os envolvidos desde que o mercado, é claro, continuasse subindo para sempre.

O melhor de tudo é que dava para alavancar. Com 10 mil dólares se adquiria dez terrenos de 10 mil, pagando mil pela promessa de venda de cada um. Ao se vender as dez promessas por 15 mil, lucrava-se 50% em algumas semanas. E podia se partir para a próxima.

Segundo os contratos, os terrenos se localizavam em Miami, Miami Beach, Coral Gables, Palm Beach e outros lugares paradisíacos, com calor o ano todo e palmeiras à beira-mar. Só que os compradores não iam lá ver se suas terras realmente ficavam a um pulo da praia, como mostravam os prospectos dos vendedores. E assim as tais promessas quase sempre correspondiam a loteamentos em brejos, pântanos, às vezes a mais de cem quilômetros de distância da orla marítima. Aliás, esses detalhes não tinham a menor importância, já que os jogadores não estavam pensando em se mudar para a Flórida, mas apenas em dar uma tacada rápida e fácil. E comentavam com os amigos:

"Só 10% de entrada, meu chapa. Lotes na beira da praia. Com o dinheiro de um você compra dez. E vende tudo com lucro em poucas semanas. Só não entra nessa quem é otário. Vou lhe dar o telefone do meu corretor. Mas liga logo porque já está difícil encontrar os melhores terrenos."

Jessie, mulher de Jack Morgan, morrera em 1925, aos 57 anos, vítima de encefalite. Mas, se Jack sofreu muito com isso, quase ninguém percebeu. Nessa época ele tinha aprendido a não exteriorizar suas emoções em nenhuma circunstância.

Nesse mesmo ano, Thomas Lamont, segundo em hierarquia na Casa Morgan, foi a Roma encontrar-se com Benito Mussolini. Acertou com o ditador italiano liderar um consórcio para investir 250 milhões de dólares no país. Quando a imprensa dos Estados Unidos criticou a operação por estar beneficiando o regime fascista, Jack Morgan limitou-se a declarar aos jornalistas: "Foi apenas um negócio. Um bom negócio. Para isso estamos no mercado."

A fortuna de Joe Kennedy, assim como a de sua família, não parava de crescer. Desde o seu casamento com Rose, em 1914, Joe e a mulher produziam filhos em intervalos regulares. Joseph Patrick, o Joe Jr., nasceu em 1915, e John (Jack) Fitzgerald, dois anos depois. Vieram então quatro meninas: Rosemary (1918); Kathleen (Kick), em 1920; Eunice Mary (1921) e Patricia, em 1924. Seguiu-se um menino, Robert (Bobby), um ano depois. Ia se formando o clã mais famoso dos Estados Unidos.

"Não haverá perdedores nesta família", dizia Joe Kennedy aos filhos, tão logo eles chegavam à idade de compreender o sentido dessas palavras. "Vamos nos manter juntos e cada um ajudará o outro sempre que for necessário", arrematava Joe com seu orgulho irlandês.

10. Ricos e felizes

O mercado americano de ações continuava em franca expansão no início de 1925. Para financiar as operações com chamada de margem de seus clientes, as sociedades corretoras filiadas às bolsas haviam tomado emprestados dos bancos 2,5 bilhões de dólares. Era a "alavancagem" a pleno vapor.

Veio então o estouro da bolha imobiliária da Flórida. O pretexto foram dois furacões que atingiram o estado. Mas a desculpa foi apenas isso, uma desculpa, já que não há nenhuma imprevisibilidade em furacões na península. Eles acontecem quase todos os anos.

O motivo real foi que, em determinado momento, o número de vendedores de promessas de venda de terrenos ultrapassou o de novos investidores querendo entrar na ciranda do lucro fácil. Os preços pararam de subir e então desabaram. Uma multidão de especuladores queria vender suas promessas ao mesmo tempo e o pânico foi inevitável.

O desastre na Flórida refletiu-se negativamente no mercado de ações de Nova York, mas não por muito tempo. Logo a Bolsa voltou a subir.

A sociedade corretora Merrill Lynch, de Charles Merrill e Edmund Lynch, se especializara no lançamento de ações novas ao público (*IPOs — Initial Public Offering*), principalmente de empresas do ramo de mercearias, supermercados, lojas de departamento e cadeias varejistas. Esses papéis atraíam cada vez mais a classe média para as bolsas, que se democratizavam.

Após quatorze anos de viuvez, Irving Berlin casou-se novamente em janeiro de 1926, na cidade de Nova York. Ele tinha agora 37 anos. Sua noiva, a jornalista Ellin Mackay, de 22, era filha do magnata dos telégrafos Clarence Mackay, que se opôs ao casamento, ao qual não compareceu, entre outras coisas por Berlin ser judeu, quinze anos mais velho do que Ellin, vir de uma categoria social inferior, fora o "agravante" de ser um artista, embora muito rico. A família Mackay era católica e extremamente conservadora.

Mary Ellin, a primeira filha de Irving e Ellin, nasceu em 25 de novembro de 1926. Clarence, o avô, não foi conhecer a neta.

Na Inglaterra, no dia 3 de maio de 1926, 3,5 milhões de trabalhadores sindicalizados, a maioria ligada ao Partido Trabalhista, cruzaram os braços, interrompendo as atividades dos transportes públicos, das fábricas, das minas de carvão e dos moinhos. Com os gráficos também em greve, os jornais deixaram de ser publicados.

O governo conservador, liderado pelo primeiro-ministro Stanley Baldwin, mobilizou todos os efetivos policiais e militares do país para enfrentar os grevistas. Já o Chancellor of the Exchequer (chanceler do Erário, cargo equivalente ao de ministro da Fazenda), Winston Churchill, advertiu que o governo de Sua Majestade (George V) não hesitaria em usar esse aparato bélico para combater o movimento.

Em uma semana, 4 mil grevistas foram presos durante enfrentamentos com as forças oficiais. O *Flying Scotsman*, trem expresso que ligava Londres a Edimburgo, foi descarrilado por sabotadores. Finalmente a greve foi subjugada.

Nessa ocasião, Clarence Charles Hatry, magnata do vidro, agora com 39 anos, dono da British Glass Industries e um dos empresários mais bem-sucedidos do Reino Unido, tinha planos grandiosos, como sempre fora de seu feitio. Através de suas instituições financeiras, o Drapery and General Investment Fund e o Corporation and General Securities, Hatry pretendia fazer uma série de fusões e aquisições.

Clarence Hatry planejava adquirir o controle acionário da United Steel Company, que representava 10% da indústria britânica de ferro e de aço. Em seguida, o magnata fundiria a United com outras companhias siderúrgicas independentes.

Imodestamente, Hatry queria ser o rei do vidro, do ferro e do aço no Reino Unido. Para financiar todas essas operações, ele teria de vender ações do novo conglomerado ao público.

Em 1926, Joe Kennedy, que se mudara com a família de Boston para Nova York, sempre ansioso por explorar um novo campo de atividades, decidiu investir no *show business*. Viajou para a Califórnia e lá adquiriu uma pequena produtora de Hollywood, à qual deu o nome de FBO — Film Booking Office. Logo o novo estúdio rodava melodramas e faroestes em série. Eles levavam não mais do que uma semana para serem produzidos, ao custo médio de 30 mil dólares.

A FBO revelou-se bastante lucrativa, mas Kennedy queria mais. Sua intenção era ser um dos grandes do negócio. Procurou David Sarnoff, da RCA, e o convenceu a investir em seu estúdio, garantindo em troca exclusividade na rede de salas de exibição da Radio.

Kennedy comprou também a cadeia Keith-Albee de cinemas e teatros de *vaudeville*, pagando por ela 4,2 milhões de dólares.

Cinco milhões de residências americanas dispunham de aparelhos radiofônicos e a RCA formara uma rede transmissora à qual deu o nome de National Broadcasting Company (NBC), que disputava ouvintes com a concorrente Columbia Broadcasting System (CBS).

No dia 23 de agosto de 1926, os americanos, ou melhor, as americanas, enlutaram-se com a morte do astro de Hollywood Rudolph Valentino, aos 31 anos. O acontecimento provocou cenas de histeria em massa, assim como uma série de suicídios de fãs.

Nessa época, uma viagem de trem entre Nova York e Los Angeles durava cinco dias e cinco noites, o que nos melhores expressos não tinha nada de sacrificante. Tanto no *Twentieth Century Limited*, entre Nova York e Chicago, como no *Santa Fe Super Chief*, que ligava Chicago a Los Angeles, os passageiros de primeira classe, não raro astros e estrelas famosos do cinema, assim como grandes empresários, dispunham de compartimentos luxuosos.

As cabines de mogno, com detalhes em bronze polido e brocados vermelhos, eram equipadas com confortáveis poltronas, que à noite se convertiam em leitos. Havia comodidades tais como telégrafo, banhos de chuveiro, serviços de barbeiros, cabeleireiros e manicures, além de um requintado vagão-restaurante.

Enquanto os passageiros, durante o almoço, admiravam os campos da Nova Inglaterra, as pradarias do Meio-Oeste, os cânions do Colorado e os desertos do Arizona e do Novo México, podiam se deliciar com trutas frescas capturadas nos rios das montanhas, e entregues por pescadores nas estações ao longo da rota, ou guisados de perus selvagens, fornecidos por caçadores das matas à beira da linha férrea.

À noite o jantar, não menos sofisticado, era seguido por conversas animadas que iam até altas horas, regadas por bebidas que os agentes da Lei Seca não conseguiam impedir que fossem contrabandeadas para bordo do trem.

Naquele ano de 1926, 4,301 milhões de automóveis foram produzidos nos Estados Unidos. Os *Roaring Twenties* se encaminhavam para seu auge, uma época, conforme alguns prediziam convictos, na qual todos seriam ricos nos Estados Unidos da América. Ricos e felizes.

11. Consórcios de investimento

O puritanismo, que havia tempos regia os costumes de boa parcela do povo americano, na segunda metade dos anos 20 ia dando lugar a um comportamento licencioso, principalmente nas grandes cidades. Nos *speakeasies* de Greenwich Village, em Nova York; da Towertown, em Chicago; e do French Quarter, em Nova Orleans, os casais sacudiam os esqueletos ao ritmo frenético do *charleston*, que substituíra o foxtrote na preferência popular.

O mulherio desinibido saía à noite usando roupas decotadas, diáfanas e coloridas, cujas barras em franjas haviam subido a meio palmo acima do joelho. Cabelos cortados rentes, copo de uísque numa das mãos, piteira longa na outra, colares que desciam até o umbigo, as mulheres extravazavam sua alegria na coreografia delirante da nova dança.

Os negócios cinematográficos de Joe Kennedy estavam indo tão bem que mais uma vez ele resolveu se mudar, desta vez de Nova York para Los Angeles, embora sem levar a família. Negociando com uma série de grupos importantes do cinema, Kennedy coordenou diversas fusões e aquisições de empresas, resultando na criação da Radio-Keith-Orpheum Pictures, que se tornou mais conhecida por suas iniciais, RKO, uma empresa de 80 milhões de dólares. Com pouco tempo de atividade no novo ramo, Joe era agora o mandachuva de um grande estúdio.

Dinheiro não era o único atrativo que Hollywood oferecia a Kennedy. Havia também as mulheres. E que mulheres: estrelas, *starlets*, candidatas a um teste num estúdio, cada uma mais estonteante do que a outra. Boa parte delas se dispunha a deitar-se no sofá de um produtor importante, as mais jovens não raro levadas pelas próprias mães.

Após envolver-se com diversas atrizes, Joe Kennedy se deteve em ninguém menos do que a diva Gloria Swanson. Os dois se conheceram em 1927, ano em que Hollywood começou a produzir filmes falados. Gloria era então casada com seu terceiro marido, Henri, o marquês de la Falaise de la Coudraye, um aristocrata francês, homem muito conveniente por não ser dado a ciumeiras.

Além de maridos, miss Swanson, como gostava de ser chamada, já colecionara diversos amantes, entre eles o diretor Cecil B. de Mille e o galã

Rudolph Valentino. Como o currículo de Kennedy não ficava atrás, o caso dos dois foi a fusão da fome com a vontade de comer.

Rose Kennedy, que continuava morando em Nova York com as crianças, não tinha como desconhecer as estripulias sexuais do marido, que não saíam das colunas de mexericos dos jornais.

A prosperidade de David Sarnoff, agora com 36 anos, e das empresas que ele dirigia — RCA e NBC — parecia não conhecer limites. "Ele [Sarnoff] era consultado constantemente pelos grandes líderes, não apenas no mundo dos negócios e das indústrias, mas também no mundo da ciência", publicou a revista Forbes em 1927.

Nessa época, uma criação de David começou a ser posta em prática com estrondosa aceitação, principalmente entre as donas de casa. Eram os "teatros do ar", precursores das radionovelas (*soap operas*). Os anunciantes e agências de publicidade disputavam aos tapas os segundos de intervalo entre um bloco e outro.

Sem se deixar embriagar pelo sucesso, Sarnoff já trabalhava com sua equipe de engenheiros no projeto de um dia transmitir imagens pelo ar.

No mercado financeiro a novidade eram os consórcios de investimento. No início de 1927 já existiam nos Estados Unidos cerca de 160 dessas instituições. Em vez de comprar ações diretamente na Bolsa, através das sociedades corretoras, os investidores podiam adquirir cotas dos consórcios, deixando para profissionais especializados a escolha dos papéis a serem adquiridos.

A empresa administradora do consórcio cobrava uma taxa fixa pelo serviço, além de outra taxa, essa de sucesso (*success fee*), que era um percentual sobre o lucro alcançado pelo fundo. E, lógico, tratavam logo de alavancar, tomando dinheiro emprestado dos bancos.

Se o mercado caísse, haveria as chamadas de margem. Caso não fossem prontamente atendidas, os papéis seriam liquidados. O consórcio poderia então falir e os investidores perderiam seu dinheiro. Acontece que em 1927, assim como nos anos imediatamente anteriores, as bolsas de valores dos Estados Unidos viviam sob o signo do touro. As quedas, quando ocorriam, eram rápidas e de pouca expressão, não mais do que "saudáveis realizações de lucros", que era como os analistas e *traders* definiam esses pequenos espasmos de recuperação dos ursos.

Logo um financista mais esperto — e financista esperto era o que não fal-

tava naquela época — surgiu com uma ideia brilhante. Em vez de o consórcio comprar ações na Bolsa, por que não adquirir cotas de outros consórcios, que por sua vez comprariam as de outros? Assim seria possível alavancar a alavancagem e a alavancagem da alavancagem. Dez dólares aplicados na ponta inicial significavam cem, mil, 10 mil dólares lá no fim. Como o mercado só subia, o efeito dessas reaplicações em cascata dava lucros fenomenais, assim como fenomenais taxas de sucesso.

Evidentemente os investidores não faziam a menor ideia de onde o seu dinheiro fora parar. Muito menos se interessavam por esse detalhe. O que os deixava felizes era abrir o jornal todas as manhãs e ver que as cotas de seus consórcios de investimento haviam subido mais uma vez. Aqueles que resgatavam seus papéis, seja para garantir o lucro, seja por causa de uma necessidade inesperada, logo se arrependiam ao ver, nos dias e semanas seguintes, o quanto estavam deixando de ganhar.

"Puxa vida", um deles comentava com sua mulher, "aqueles duzentos dólares que jogamos na Bolsa e que a gente liquidou por quatrocentos, já estão valendo seiscentos. Na vida a gente tem de ser ambicioso, tem de acreditar. Isso aqui é a América. Se eu pudesse, dava um chute no meu próprio traseiro".

Nada entusiasmava tanto os americanos quanto o mercado de ações. A Bolsa de Valores de Nova York batia recordes atrás de recordes. As façanhas dos principais *traders* eram comparadas, em termos de heroísmo, às do aviador Charles Lindbergh, de 25 anos, que em maio de 1927 cruzara o Atlântico, entre Nova York e Paris, num voo solitário de 33 horas e meia, pilotando um monomotor Ryan NYP, ao qual dera o nome de *Spirit of St. Louis*.

Entre esses heróis do mercado estava o canadense Arthur W. Cutten, os sete irmãos Fisher, ex-fabricantes de carrocerias, e Billy Durant, que por duas vezes tivera e perdera o controle acionário da General Motors e que agora atuava como especulador em Wall Street, obtendo resultados excepcionais em seus lances alavancados.

Como se não bastasse o entusiasmo dos investidores e especuladores, o FED — Banco da Reserva Federal — vinha jogando gasolina na fogueira. Na primavera de 1927, o FED baixou a taxa básica de juros de 4% para 3,5% ao ano. Ao mesmo tempo, a Reserva adquiriu grande quantidade de títulos do Tesouro americano, injetando fundos na economia. Boa parte desse dinheiro foi diretamente para o mercado de ações. Os touros agradeceram.

Ao longo de 1927, na Bolsa de Valores de Nova York só em dois meses as cotações não tiveram variação positiva. No restante do tempo, foi alta após alta. Encerrado o ano, o mercado subira 40%. Para os especuladores que operaram com margens, multiplicando seus valores investidos, e para os consórcios de investimentos, esses 40% significaram ganhos de 100%, 200%, 300%, 500% e até mais.

O volume de empréstimos repassados no ano de 1927 pelos bancos às corretoras — para que estas financiassem operações alavancadas garantidas por margens — subira o mesmo que os índices da Bolsa: 40%. O valor total agora era de 3.480.780.000 dólares, um montante sem precedentes. Mas que logo seria suplantado, em muito, no auge da maior febre especulativa que o mundo jamais conheceu.

Nenhuma dessas jogadas atraía o interesse — embora elas despertassem a preocupação — do banqueiro Amadeo Peter Giannini. Seu único objetivo era fazer seus bancos, Bank of Italy e Bancitaly, crescerem e democratizarem o crédito. Em outubro de 1927, Giannini perpetrou a maior fusão bancária da história dos Estados Unidos até aquela época, quando, de uma tacada só — numa típica aquisição hostil (*hostile bid*) — ele absorveu, através de compras na Bolsa, o Liberty Bank of America — com 174 agências — e o enorme Italian American of San Francisco. Com esse lance, o Bank of Italy tornou-se um dos maiores bancos do país. O *The New York Times* não deixou por menos:

> FILHO DE IMIGRANTES SE DESTACA ENTRE OS BANQUEIROS
> *Sucesso de A. P. Giannini, que fundou o Bank of Italy, uma maravilha internacional. Usando recursos próprios e ignorando precedentes, o homem de São Francisco desenvolveu uma instituição de 500 milhões de dólares.*

Giannini estava convicto de que um crash ocorreria na Bolsa e uma depressão econômica se seguiria à debacle. Preparava suas instituições financeiras para esse momento.

Com exceção de A. P. Giannini e de mais uma dúzia de financistas sensatos, pouca gente acreditava nos prognósticos pessimistas. Esses poucos eram inclusive considerados derrotistas impatrióticos.

Ao final de 1927 os consórcios de investimento dos Estados Unidos haviam vendido ao público cotas no montante de 400 milhões de dólares.

12. Os manipuladores

Quase todos os surtos especulativos com ações começam com algum fundamento sólido. Pode ser o crescimento da economia, o aumento dos lucros das empresas, a descoberta de alguma rica jazida de petróleo ou mesmo uma mudança de governo. No início da década de 1920, não faltavam motivos para que os americanos se tornassem otimistas com o mercado.

Quando 1927 deu lugar a 1928, o *boom* da Bolsa de Valores de Nova York já se calcava muito mais na fantasia e na ganância do que na realidade. O mercado entrara em um círculo vicioso: todos compravam ações porque elas subiam e elas subiam porque todos compravam. E o ritmo alucinante da alta se devia à alavancagem. Era cada vez mais fácil se obter crédito para a compra de ações.

As pessoas mais conservadoras, ou prudentes, acabavam se sentindo otárias ao ver seus vizinhos trocarem seus carros por outros muito mais luxuosos, viajarem para a Europa nos grandes transatlânticos e frequentarem os *speakeasies* mais caros. "Ganhei na Bolsa", eles explicavam com candura, como se fosse a coisa mais natural do mundo comprar títulos de um consórcio de investimento que investia em outro consórcio e este em mais um outro.

Confiante de que tinha discernimento e experiência suficientes para detectar, com a devida antecedência, o momento da virada do mercado, Amadeo Peter Giannini também investia em ações. Só que o fazia em papéis do exterior, em empresas de alta reputação como o Banco da Inglaterra, o Banco da Irlanda, o Banco da França, o Reichsbank — com o marco estabilizado, a economia alemã voltara a crescer — e o Canal de Suez.

No plano interno, Giannini já detinha o controle acionário de nada menos do que 289 bancos, inclusive o relativamente pequeno, mas tradicional e reputado, Bank of America, com 116 anos de funcionamento. E via com grande preocupação as ações de seus bancos subirem mais do que ele considerava razoável.

Num único dia, Amadeo Giannini acompanhou, sem poder fazer nada a respeito, as ações de seu Bancitaly subindo dez pontos — ou dez dólares — nas bolsas de valores de Nova York e de São Francisco. Nessa época, o prestí-

gio de Amadeo já era tão grande que jornalistas viajavam da Europa para os Estados Unidos apenas para entrevistá-lo. Finalmente, em fevereiro de 1928, Amadeo Peter Giannini emitiu um comunicado oficial ao público exortando as pessoas a não comprarem ações de suas instituições financeiras por estarem sobrevalorizadas. Seguiu-se uma pequena queda nas cotações, que não durou mais do que poucos dias.

"O italiano espertalhão só pode estar blefando, para poder comprar barato", comentaram alguns especuladores desconfiados, antes de mergulharem de volta nos papéis de A. P. Giannini.

No primeiro trimestre de 1928, o volume de empréstimos concedidos pelos bancos às corretoras para financiar operações com margens caiu um pouco. Mas, com a chegada da primavera, os valores dispararam. Dinheiro era o que não faltava no mercado.

Só em março, o índice Dow Jones subiu quase 25 pontos. Nos jornais, as cotações da Bolsa foram promovidas das seções de economia para as primeiras páginas. E não sem motivo. Em certos dias, alguns papéis subiam dez, quinze e vinte dólares. Na segunda-feira, 12 de março, as ações da Radio (RCA), as mais negociadas da época, ganharam dezoito pontos. No dia seguinte, para espanto dos especuladores, a Radio abriu 22 pontos (dólares) acima do fechamento da véspera.

Essa nova realidade do mercado provocava cada vez mais aflição naqueles que haviam pulado fora. Ninguém calculava o que havia ganhado na venda, mas sim o que estaria ganhando se ainda possuísse os papéis.

"Você não deveria ter vendido", dizia a mulher ao marido, profetizando o passado. Era o pretexto que faltava para ele voltar ao carrossel da especulação.

Clarence Mackay, o magnata dos telégrafos e sogro de Irving Berlin, já não se sentia confortável com sua Postal Telegraph Company. Enquanto a Postal ganhava os lucros normais de qualquer empresa rentável, Mackay via alguns de seus amigos multiplicarem suas fortunas em alguns meses negociando papéis na Bolsa.

Por fim, Mackay não resistiu. Vendeu o controle acionário da Postal Telegraph para a International Telephone and Telegraph (IT&T), num negócio de 300 milhões de dólares. Não quis um centavo em dinheiro. Preferiu receber tudo em ações.

Tal como Amadeo Peter Giannini, Charles Merrill, da Merrill Lynch, acreditava que o preço das ações subira demais. Só que Charles era mais pessimista do que Amadeo. Ele achava que um colapso das bolsas era iminente e que sua opinião deveria ser tornada pública.

No dia 31 de março de 1928, a Merrill Lynch enviou um comunicado aos seus clientes no qual advertia, entre outras coisas, e sem usar uma linguagem muito direta, "que se deve aproveitar a atual alta dos preços para pôr a casa em ordem". A recomendação foi solenemente ignorada.

Hipnotizados pela força descomunal do *bull-market*, os especuladores não queriam nem saber dos fundamentos da economia. E, no entanto, 14 milhões de americanos estavam desempregados no final da primavera. Esse dado estatístico, divulgado pelo Departamento do Trabalho (US Department of Labor), passou despercebido pelos investidores. Mas não por todos. O número impressionou o ator Charles Chaplin, que, excetuando-se sua participação na United Artists, tinha todo seu dinheiro disponível aplicado na Bolsa. Chaplin, que não era dado a hesitações, não pensou duas vezes. Liquidou sua carteira de ações, no valor de 5 milhões de dólares.

John Jakob Raskob, 48 anos, era diretor da General Motors, além de participar do conselho de diversas outras grandes empresas, inclusive a gigantesca DuPont. Raskob também atuava na Bolsa. Mais do que isso, era especialista em manipular cotações, usando para isso seu prestígio pessoal, seu amplo crédito e suas conexões em Wall Street.

No dia 12 de março de 1928, ao embarcar para a Europa, Raskob deu uma entrevista aos jornais na qual disse que as ações da GM deveriam estar sendo negociadas a um preço no mínimo equivalente a doze vezes o lucro anual da empresa dividido pelo número de ações. Isso significava um valor unitário de 225 dólares.

Como a cotação naquele momento era de 187 dólares, se o que John J. Raskob afirmava fazia sentido havia ali um lucro potencial de 20%, isso para quem não alavancasse sua compra em operações com chamada de margem, caso em que o lucro seria muito maior.

Vaticínios pessimistas, como os de Amadeo Giannini e Charles Merrill, não eram muito populares naqueles tempos do touro. Já as declarações de Jakob não só mereceram grande destaque nos jornais como caíram no gosto do público.

“Foi o próprio cara da General Motors que disse”, comentava excitado um especulador para outro. “Não um borra-botas qualquer. Se ele diz que as ações estão baratas, ainda é hora de comprar.”

Não deu outra. As ações da GM pularam de 187 para 199 dólares, uma alta de quase 7% em poucos dias, puxando outros papéis em sua esteira, como é comum nas bolsas. E se as ações subiram, o prestígio de Jakob subiu com elas.

“Eu não disse?”, comentou o especulador com seu amigo. “Esses caras sabem das coisas. É só seguir o que eles dizem.”

No mesmo dia em que Jakob deu a entrevista, a Bolsa de Valores de Nova York bateu um novo recorde de negociações: 3.875.910 ações trocaram de dono, volume esse que passou a ser normal. Duas semanas depois, em 27 de março de 1928, 4.790.270 ações foram negociadas no pregão.

Para grande desalento de Amadeo Peter Giannini, os títulos de suas empresas subiam no mesmo ritmo.

“Isso é uma insensatez”, Giannini dizia para seu motorista e confidente, Joe Garcia.

Entre os manipuladores, gente que “fazia” o mercado, distribuindo dicas e subornando jornalistas para que publicassem notícias falsas e fizessem comentários favoráveis a determinados papéis, continuavam se destacando Billy Durant, ex-General Motors, os sete irmãos Fisher e o canadense Arthur Cutten. Só que agora eles eram mais organizados. Formavam *pools*.

Em cada *pool* havia um estrategista que comandava a ação dos parceiros e definia a hora de comprar e de vender, assim como o tamanho dos lotes. Ao final, o lucro era dividido entre os sócios, considerando-se o capital investido por cada um. O gerenciador da operação recebia um bônus especial.

Em 1º de junho de 1928, o total de empréstimos bancários às corretoras bateu um novo recorde: 4 bilhões de dólares. Onze dias mais tarde, o recorde coube ao volume de negociação na Bolsa de Nova York: 5.052.790 ações. Os papéis da Radio, cotados a dez dólares no início da década de 1920, valiam agora mais de duzentos dólares, uma alta de 1.900% para quem não alavancou e o céu para quem o fez.

Nessa época, tornou-se comum a *ticker-tape* — esteira de cotações da Bolsa semelhante a uma tira picotada de telex com dois centímetros de lar-

gura, transmitida pelas linhas telegráficas para todo o país — atrasar-se em uma ou duas horas. Só tinham conhecimento do mercado em tempo real os profissionais que estavam no recinto do pregão ou em contato com ele por telefone. Aos demais investidores e especuladores não restava outra alternativa a não ser observar a Bolsa pelo retrovisor.

Foi então que o mercado virou.

Amadeo Peter Giannini estava em Milão, a quase 10 mil quilômetros de distância de Nova York, quando recebeu um cabograma. As ações do Bank of Italy haviam caído 120 pontos; a Bancitaly Corporation perdera 86. A United Securities, oitenta.

Giannini fazia as malas para voltar para casa quando foi derrubado por uma polineurite. Não teve alternativa a não ser acompanhar a distância a tragédia que acontecia no outro lado do Atlântico, tragédia essa que ele previra, mas que poderia atingi-lo também se não administrasse seus negócios com cuidado.

Num único pregão, a Radio perdeu 23 pontos, mais de 10% de seu valor. No dia seguinte, um jornal de Nova York exibiu a seguinte manchete:

O MERCADO DE WALL STREET RUIU ONTEM,
PROVOCANDO UM ESTRONDO OUVIDO NO MUNDO INTEIRO

Tudo indicava que o *bull-market*, o ciclo do touro, chegara ao fim.

13. Fim de ano em Wall Street

Amadeo Peter Giannini não teve outra opção a não ser ficar na Itália. Levado para um hospital em Roma, permaneceu internado durante julho e parte de agosto de 1928. Mesmo atormentado por dores excruciantes, tinha de tomar decisões para manter sua cadeia bancária protegida da queda do mercado de ações nos Estados Unidos.

Finalmente, no início de setembro, Giannini, já restabelecido, mas ainda muito fraco, chegou a São Francisco. Mandou seu motorista, Joe Garcia, levá-lo diretamente da estação para o escritório, onde o banqueiro, mais do que depressa, mergulhou no trabalho. Nas semanas que se seguiram, em vez de ir todas as noites para casa, em San Mateo, 26 quilômetros ao sul, A. P. Giannini dormiu no Mark Hopkins Hotel.

Após pouco mais de um mês de cálculos e estudos cuidadosos, Giannini concluiu que tinha meios e recursos para constituir uma das maiores empresas *holding* dos Estados Unidos. Assim nasceu a Transamerica Corporation, com um capital de 217,5 milhões de dólares. A Transamerica deteria o controle acionário do Bank of Italy, da Bancitaly Corporation, da National Bancitaly Company, do California Joint Stock Land Bank, da Bancitaly Agricultural Credit Corporation, da Bancitaly Mortgage Company, da America Commercial Corporation, da Pacific National Fire Insurance Company e da Capital Company.

As ações da Transamerica foram registradas na Bolsa de São Francisco e se constituíram em sucesso imediato, apesar de o mercado ainda estar em baixa. Nessa época, Giannini usara de um estratagema para dormir em casa todos os dias sem enfrentar problemas de tráfego nas estradas. Conseguira ser designado chefe honorário do Corpo de Bombeiros e, graças a isso, pudera instalar sirenes e luzes vermelhas giratórias no capô de seu Rolls-Royce negro, modelo 1926. Além de agora poder trafegar acima do limite de quarenta quilômetros por hora, o Rolls, com seus alarmes ligados, obrigava os carros à frente a ceder passagem.

Joe Kennedy achava que a queda da Bolsa era coisa passageira e voltou a se interessar por ações. Ele chegara à conclusão de que os touros aproveitariam o pessimismo do mercado para fazer operações muito lucrativas e não

queria estar de fora quando as oportunidades surgissem. Joe agora se dividia entre a Califórnia, onde se concentravam seus negócios cinematográficos, e Nova York, onde perscrutava Wall Street com lupa.

No início de 1928 nascera mais uma menina no clã: Jean Ann. Joe e Rose Kennedy tinham agora oito filhos.

A queda da Bolsa de Valores de Nova York foi tão aguda quanto efêmera. Pouco antes do início do outono, as ações, tal como Kennedy previra, reverteram a tendência e voltaram a subir. O banqueiro Andrew W. Mellon, que no momento era secretário do Tesouro dos Estados Unidos, excitou os ânimos ao declarar, convicto: "A maré alta da prosperidade continuará."

No dia 1º de novembro de 1928, os empréstimos dos bancos às sociedades corretoras atingiram um novo recorde: 5 bilhões de dólares. Na sexta-feira, 16 de novembro, logo após a eleição de Herbert Hoover, por maioria esmagadora, para suceder Calvin Coolidge na Casa Branca, o volume de negócios na Bolsa de Nova York também fez nova máxima, com 6.641.250 ações transacionadas. Voltou a ser comum a *ticker-tape* se atrasar uma ou duas horas.

A essa altura dos acontecimentos, empresas tradicionais da Rua, como a Goldman Sachs, com quase sessenta anos de existência, puseram seu conservadorismo de lado, se juntaram ao trem da alegria e passaram a operar com consórcios. A Goldman criou um deles, emitiu um milhão de ações a cem dólares cada uma e repassou os papéis a 104 dólares para o público investidor.

Pronto. Num passe de mágica, 4 milhões de dólares — equivalentes a 54 milhões em números de 2013 — foram criados do nada, engordando os cofres da Goldman e os bônus de fim de ano de seus diretores.

Para os médios e pequenos investidores que aceitaram correr riscos, deu tudo certo em 1928, ano em que o índice Dow Jones subiu 35%. A Radio, que jamais pagara dividendos, subiu espantosos 394%, saindo de 85 dólares para 420. A DuPont foi de 210 para 524; a Montgomery Ward, de 117 para 440; e a Wright Aeronautic de 69 para 289.

Os que operaram com financiamento, garantidos por margens, ganharam além desses percentuais. Muito além. Já os profissionais tarimbados de Wall Street, que, atentos aos gráficos e às oscilações do dia a dia, foram touros no início do ano, ursos na queda, e touros novamente na reviravolta, esses... bem... esses se tornaram os homens mais bem-sucedidos dos *Roaring Twenties* até então.

Jamais, em nenhum momento da história, tantos ganhavam tanto. Simplesmente jogando com papéis, se valendo de recursos dos bancos. Milionários surgiam às dúzias.

Nadando contra a corrente especulativa, a Merrill Lynch continuava advertindo seus clientes a repeito dos riscos do mercado. "Agourento" era o mínimo que se dizia de Charles Merrill.

No dia 1º de dezembro nasceu Irving Berlin Jr., segundo filho de Irving e Ellin. O bebê morreu com 25 dias de vida, na noite de Natal. O avô, Clarence Mackay, não foi visitar o neto nem compareceu ao enterro.

Nova York, segunda-feira, 31 de dezembro de 1928. Três horas da tarde. No recinto de negociações da Bolsa de Valores o soar do gongo decretou o encerramento das operações naquele ano. Nos diversos postos do saguão, novecentos *traders*, todos donos de assentos e os únicos que tinham poderes para fechar negócios ali, substituíram seus gritos de apregoação por abraços de fim de ano nos companheiros.

O gongo significava também o término da jornada de trabalho de 1.145 telefonistas e quinhentos auxiliares de pregão, ou corredores (*runners*), cuja função era essa mesmo: correr. Correr de um lado para o outro com as ordens dos clientes e com os resultados das execuções dessas ordens. Nessa hora pararam também de trabalhar os operadores dos tubos pneumáticos — nos quais cilindros contendo boletos de negociações eram expelidos por ar comprimido para outros setores da Bolsa e para os escritórios das corretoras.

Todas as atividades daquela segunda-feira, assim como dos demais dias do ano, haviam sido supervisionadas e fiscalizadas pelo superintendente William R. Crawford, o homem que batera o martelo do gongo, responsável pelo funcionamento do que havia de mais representativo na máquina capitalista da América.

A cada compra feita teria de haver uma venda correspondente. Todas as operações tinham de aparecer na *ticker-tape* e no boletim da Bolsa. Crawford, cuja fisionomia não escondia o alívio de ver mais um ano terminado, agora caminhava pelos 1,5 mil metros quadrados do pregão, parando aqui e ali para cumprimentar os profissionais mais antigos da Casa.

Como sempre, a maior aglomeração de operadores (*floor traders*) ficava nas imediações do Posto 12, o "Posto da Radio", onde um dos prodígios de

Wall Street, Michael Meehan — nascido no País de Gales de pais irlandeses pobres, mas criado em Manhattan, para onde a família emigrara, e que começara sua carreira profissional como cambista de ingressos de teatros da Broadway —, costumava liderar a especulação desenfreada com ações da RCA, as de maior liquidez do mercado.

Outro astro do pregão chamava-se Frank Bliss, um veterano que costumava liderar puxadas rápidas e totalmente inesperadas em alguns papéis nos quais ninguém estava prestando atenção. Bliss era apelidado de "a raposa prateada de Wall Street" por causa de sua esperteza e de seus cabelos grisalhos.

Encerrados os negócios do dia, diversos operadores subiram para o sétimo andar do prédio, onde funcionava o restaurante da Bolsa, um dos mais requintados da cidade e restrito aos proprietários de assentos e seus convidados. Começava a tradicional festa de fim de ano. Logo uma fileira de garçons entrou no salão carregando travessas de prata contendo as iguarias que seriam servidas, acompanhadas de suco de mariscos, já que não ficava bem para a instituição descumprir acintosamente a Lei Seca.

Muitas mulheres e amantes dos *traders* já aguardavam seus maridos e parceiros no local. Mas quase ninguém ficou na festa por muito tempo, preferindo seguir para seus *speakeasies* favoritos, boa parte deles localizada por ali mesmo, na Baixa Manhattan, quase sempre em subsolos enfumarados.

Comemoração de fim de ano, ainda mais um ano exitoso como aquele, não tinha muita graça sem champanhe, vinho, uísque, absinto e cerveja. Sem contar que os desacompanhados estavam loucos para capturar uma garota para virar o ano com uma bela companhia. E nenhum lugar era melhor para esse tipo de caçada do que um *speakeasy*. O mais chique e exclusivo desses bares supostamente clandestinos — todo mundo sabia onde eles ficavam, inclusive a polícia — era a Casa Morgan, de Helen Morgan, que não tinha nenhum parentesco nem relacionamento com os Morgan banqueiros.

Entre os *traders* que operavam no saguão da Bolsa e os que dirigiam as operações de seus escritórios, alguns tinham se destacado em 1928: Mike Meehan, o especialista em ações da Radio; Frank Bliss, "a raposa prateada"; John J. Raskob, que se dividia entre as diretorias da General Motors e da DuPont e o mercado de ações; além do canadense Arthur Cutten, de Charles Topping e dos irmãos Fisher, todos hábeis formadores de *pools*. Ah, e o incomparável

Jesse Livermore, o “garoto de Boston”, o “urso da Nova Inglaterra”, o “demolidor de ações”, *trader* magistral que conseguia ganhar na baixa mesmo quando o conjunto do mercado estava subindo.

Quando o circunspecto e fumante inveterado Livermore começava a vender um papel a descoberto com a intenção de derrubá-lo para comprar mais barato, os touros de Wall Street tremiam.

Jesse Livermore tinha planos grandiosos para 1929.

14. Banqueiros, especuladores e visionários

Encerrado o expediente de 31 de dezembro no banco Morgan, repetia-se do lado de fora do prédio do número 23 de Wall Street, esquina de Broad Street, sede da instituição, a rotina de todos os dias úteis do ano. Uma longa fileira de limusines pretas, com para-choques e frisos cromados e seus choferes uniformizados ao volante, aguardava os sócios da casa. Era uma fila cuidadosamente organizada. O primeiro carro destinava-se a Jack Morgan, presidente do banco. Logo atrás ficava a limusine de Thomas Lamont, segundo em hierarquia na firma. O terceiro carro servia ao terceiro homem e assim por diante. Para que pudessem se alinhar desse modo preciso, a chegada das limusines ao local era uma operação logística minuciosa e cronometrada.

Antes de sair para pegar seu carro, Jack Morgan examinara planilhas com detalhamento do lucro do ano que se encerrava. Do total, Jack ficaria com 50%, sendo o restante dividido entre os demais sócios, levando em conta o desempenho, a posição hierárquica e o tempo de casa de cada um deles.

O processo de seleção dos sócios do Morgan, concebido pelo patriarca da família, Junius Spencer Morgan (1813-1890), e ligeiramente alterado por seu filho e pai de Jack, John Pierpont Morgan (1837-1913), não admitia o ingresso de judeus nem de homens divorciados na sociedade, por mais brilhantes que fossem. A casa escolhia seus próprios clientes, convidava-os a abrir uma conta e dificilmente uma pessoa ou empresa recusava a oferta, considerada uma distinção.

No rosto de Jack Morgan, agora com 62 anos, o bigode prateado contrastava com as sobrancelhas negras. No vestir ele imitava seu grande amigo, Edward, o príncipe de Gales, a quem convidava todos os anos para uma temporada na cabana de caça que Jack possuía na Escócia, ocasião em que os dois caçavam galos e gansos silvestres nos campos e colinas de Gannochy. Não raro toda a família real britânica participava desses eventos esportivos.

A fortuna pessoal de Jack Morgan era calculada em 500 milhões de dólares. Mas isso era apenas um palpite. Jack, que detestava qualquer tipo de publicidade, jamais divulgaria o valor de seus bens.

Quinhentos milhões ou não, o certo é que nesta noite de fim de ano, com a distribuição dos lucros do banco, o número teria um aumento considerável.

Após ter concluído que os cálculos das planilhas de resultados estavam corretos, Jack Morgan levantou-se de sua mesa tendo em mãos diversos envelopes. Cada um deles continha um cheque correspondendo aos bônus dos sócios. Morgan fez questão de distribuí-los pessoalmente aos parceiros, indo de escrivaninha em escrivaninha. Só então desceu para pegar sua limusine. Sempre em ordem hierárquica de cima para baixo, os sócios desceram em seguida. Quando chegavam à calçada, o carro de cada um acabara de parar em frente ao prédio, no qual não havia nenhum letreiro indicando ser ali o banco. Apenas uma placa com a inscrição "1914", ano em que o edifício fora inaugurado.

Na outra extremidade do continente, na Costa Oeste, o dia ainda estava claro por causa da diferença de três horas de fuso horário. Com luzes e sirenes ligadas, o Rolls-Royce de Amadeo Peter Giannini, dirigido por Joe Garcia, percorria em alta velocidade uma estrada de terra, erguendo em sua cola uma nuvem de pó. No banco traseiro, sem se perturbar com os sacolejos causados pelos buracos do caminho, Giannini estudava relatórios de seus bancos.

Giannini e Garcia haviam passado o dia todo percorrendo bairros de São Francisco, além de subúrbios da cidade e vilarejos próximos, tendo engolido sanduíches às pressas na hora do almoço. Em cada um dos lugares visitados, A. P. Giannini inspecionara agências da Transamerica. Agora, com o pôr do sol avermelhando o horizonte, o chofer lembrou ao patrão que este teria de presidir o jantar de fim de ano da família.

Naquele 31 de dezembro de 1928, o patrimônio de Giannini valia 250 milhões de dólares. Suas companhias tinham 75 mil acionistas. Isso não o impedia de continuar morando com sua mulher, Clorinda, quatro anos mais velha que o marido — 62 e 58 — e dois dos cinco filhos do casal, na mesma casa modesta de dois pavimentos de San Mateo, onde viviam havia anos. Dentre os filhos se destacava Claire, a caçula, agora com 23, por causa de sua forte personalidade e de sua vocação para os negócios.

Entre as celebridades que confiavam a Giannini suas aplicações financeiras estavam os atores Charlie Chaplin, Douglas Fairbanks e Mary Pickford.

Amadeo não gostava de retirar dinheiro de suas empresas para uso próprio. Resistia tenazmente às sugestões de Claire de que deveria se vestir como os outros banqueiros bem-sucedidos. Recusou-se a fazer um terno sob medida mesmo quando visitou o papa, o presidente eleito Hoover e o ditador italiano Benito Mussolini. Por outro lado, era pródigo em doações. Naquele

final de 1928, por exemplo, dera 1,5 milhão de dólares — o que significava boa parte de seus recursos pessoais — para programas de pesquisa de agricultura da Universidade da Califórnia.

Claire estava preocupada naquela noite, e não era por causa dos negócios da família. Ela adquirira uma baixela de prata para ser usada no jantar comemorativo da passagem do ano, em substituição às travessas arranhadas e manchadas usadas na mesa desde a época em que era criança, e temia que o pai a repreendesse pelo que poderia achar um desperdício. Mas nada aconteceu, pois ao chegar em casa ele não reparou na prataria nova.

Desde pequena, quando seu pai percebeu sua inclinação para os negócios, Claire fora educada para assumir algumas das funções dele. Mais tarde, já adolescente, enquanto suas amigas se interessavam por festas, namorados e roupas, ela passava boa parte do tempo estudando balanços e estatutos de empresas.

O mobiliário da casa, comprado em 1905, ano em que Claire nasceu, apresentava sinais crescentes de desgaste. O mesmo acontecia com as cortinas e tapetes. Certa ocasião Claire sugeriu reformar a sala de jantar usando um argumento óbvio:

"Mas, papai, você ganha tanto dinheiro."

"Para os outros, querida. Para os outros." A. P. Giannini pôs um ponto final na questão. "O dinheiro é dos correntistas e dos acionistas dos bancos."

O jantar chegava ao fim, quando Amadeo notou a prataria.

"Muito bonita", ele disse para Claire. "Mas vai precisar de polimento constante. Esse trabalho será seu."

Um repórter telefonou, querendo saber de Giannini qual eram suas previsões para 1929.

"Vai ser um ano difícil", o banqueiro respondeu. "Se essa jogatina descontrolada com ações continuar, teremos sérios problemas." Se para Amadeo Peter Giannini o mercado de ações era uma jogatina descontrolada, para Michael Meehan, o especialista da Radio no pregão da Bolsa de Nova York, era meio de vida e de enriquecimento fácil. A sociedade corretora de Meehan tinha oito assentos na Bolsa, quatrocentos empregados e uma folha de pagamentos de 600 mil dólares.

Naquela passagem de ano, Michael Meehan também fez uma declaração aos jornais: "O dinheiro existe para ser gasto."

Mas não na aparência pessoal, poderia se afirmar.

Baixinho, com uma barriga protuberante e arredondada, consequência do pecado da gula, Meehan usava pesados óculos de aço. O especulador parecia mais velho do que os seus 38 anos. Era displicente no vestir, usando ternos, camisas e gravatas baratos. O colarinho, sempre frouxo, destacava seu saliente pomo de adão.

Durante o ano que se encerrava, Michael Meehan ganhara 25 milhões de dólares com as ações da Radio. Mas isso era passado. Ele agora estava preocupado com a organização de um *pool*, uma puxada nas ações da Anaconda Copper, que pretendia executar em 1929. Para tanto esperava contar, entre outros, com gigantes como Percy Rockefeller, os irmãos Fisher e John Jakob Raskob, que ainda não sabiam de nada. Seria o *pool* mais audacioso da história, com um investimento inicial de 300 milhões de dólares.

Enquanto bebericava um uísque, Meehan não tinha outro pensamento a não ser a Anaconda.

O corpulento e pescoçudo Richard Whitney, vice-presidente da Bolsa de Nova York, talvez fosse o homem mais impopular que já exercera o cargo. Ninguém o suportava. Como se não bastasse, Whitney era incompetente em suas funções e desastrado em seus negócios particulares, além de ser um esnobe intragável. Só conseguia se manter no cargo graças à influência de seu irmão, George, um dos sócios da Casa Morgan. Sem contar que a Morgan executava grande parte de suas ordens na Bolsa através da sociedade corretora de Whitney, a Richard Whitney & Co.

Quando o mercado de ações se comportava em zigue-zague, Whitney caminhava em "zague-zigue". Se o reinado pertencia aos touros, ele vestia a pele do urso e vice-versa. Suas perdas eram invariavelmente cobertas por empréstimos que seu irmão George lhe concedia. No ano que se encerrava, Richard Whitney acumulara 590 mil dólares de prejuízos em suas especulações.

A despeito de seus fracassos, a grande ambição de Whitney era assumir o lugar de Edward Henry Harriman Simmons na presidência da Bolsa.

Ninguém em Wall Street, e talvez em todo o país, tinha um plano tão ambicioso para 1929 quanto John Jakob Raskob. Além de suas atividades no mercado de ações, Raskob pretendia iniciar o projeto e a construção do maior arranha-céu do mundo, com 102 andares e 443 metros de altura. Para tanto,

ele tinha a intenção de comprar o hotel Waldorf-Astoria, na esquina da Quinta Avenida com a rua 34 Oeste, e demoli-lo.

Até aquela noite de 31 de dezembro, Raskob guardara seu plano em segredo. Mas agora iria revelá-lo para William Lamb, um dos arquitetos mais reputados da cidade, a quem Raskob pretendia encarregar do projeto. Lamb era o queridinho dos especuladores. Construíra o novo escritório de Jesse Livermore e mobiliara o apartamento de Billy Durant.

John Raskob, homem dos mais excêntricos, detestava fumar, apesar de seu pai ter sido um bem-sucedido fabricante de charutos na Alsácia. Raskob recusava-se a dirigir automóveis, além de não gostar de andar neles, mesmo sendo proprietário de dois Cadillacs. Tinha o hábito de percorrer a pé as ruas de Manhattan. Nessas ocasiões um motorista, ao volante de um dos Cadillacs, seguia ao lado do patrão, perturbando o tráfego com sua vagareza.

O convite a William Lamb ocorreu na suíte do Carlton Hotel, onde John morava a maior parte do tempo, embora Helena, sua mulher, vivesse em Wilmington, Delaware, com os onze filhos do casal, na luxuosa Archemere, a mansão dos Raskob situada no centro de um enorme e magnífico terreno às margens do rio Delaware. A família tinha também um haras em Pioneer Point, Maryland.

Por mais que Lamb soubesse das excentricidades de Raskob, jamais poderia imaginar que o milionário lhe convidaria para planejar um edifício de 104 andares. John Jakob fez com que William Lamb fosse caminhando com ele — seguidos por um dos Cadillacs — até a esquina onde o prédio seria erguido.

"O hotel vai ser derrubado. Você vai providenciar isso. E no lugar vai construir o arranha-céu mais alto do mundo", Raskob disse, sem mencionar custos e sem perguntar ao outro se aceitava ou não a empreitada, pois em nenhum momento lhe ocorreu duvidar disso.

Os dois entraram no hotel, cujos salões e restaurantes estavam engalanados para abrigar diversos eventos, inclusive bailes à fantasia que iriam acontecer ali naquela noite de réveillon, sem contar algumas orgias em suítes exclusivas dos andares mais altos.

Desde 1893, quando ficou pronto, o Waldorf tornara-se o ponto mais chique da cidade de Nova York. E agora John Jakob Raskob pretendia derrubá-lo, pois sabia de fontes confiáveis que os donos do estabelecimento tinham a intenção de vendê-lo para fazer um projeto novo mais ao norte de Manhattan.

John J. Raskob já tinha até escolhido um nome para o arranha-céu: Empire State Building.

15. Flint, Michigan

Em Londres, o magnata Clarence Charles Hatry encarava 1929 como o ano decisivo de sua carreira empresarial, pois, nos meses seguintes, pretendia adicionar aos seus negócios uma participação de grande porte na indústria do aço, promovendo a fusão de diversas companhias do setor, obtendo recursos para isso através do lançamento de ações e obrigações ao público e contraindo empréstimos bancários.

Levantar dinheiro, embora não para seu uso pessoal, era tarefa relativamente fácil para Winston Churchill, agora com 55 anos, pois como chanceler do Erário bastava-lhe aumentar os impostos e diminuir os gastos sociais do governo. Churchill jamais hesitava em adotar as medidas de austeridade que julgava necessárias. Isso, como seria de se esperar, enfurecia boa parte do eleitorado britânico, principalmente os operários.

Tanto em Londres como em quase toda a Europa, as pessoas não se interessavam pelo *boom* no mercado de ações que ocorria nos Estados Unidos. Cada país europeu lidava com seus próprios cenários econômicos e políticos.

Na Alemanha, o governo democrático da República de Weimar eliminara, com grande sucesso, os últimos resquícios da crise financeira, causada pelas reparações da Grande Guerra fixadas pelo Tratado de Versalhes, e da hiperinflação de 1923. O país voltara a ser uma das grandes potências industriais do mundo. Com o salário dos operários subindo, Hitler e os nazistas viviam um tanto no ostracismo. O partido encontrava dificuldades para recrutar novos militantes.

A União Soviética, em seu quinto ano da nova política econômica de Stálin, enfrentava severa escassez de alimentos. Na Espanha, incertezas políticas paralisavam o país, governado pelo ditador Primo de Rivera, mais interessado em mulheres e bebedeiras do que no bem-estar dos espanhóis.

Na Europa Central e nos países balcânicos só um tema despertava suas populações da letargia: o ódio que nutriam uns pelos outros. Austríacos, eslavos, croatas, eslovenos e magiares eram povos que a guerra unira ou separara em fronteiras que pouco ou nada tinham a ver com suas identidades culturais e tradições históricas.

A Itália de Mussolini encontrava-se em recessão, provocada pelo desempenho pífio da indústria e da agricultura. Isso se refletia na Bolsa de Valores de Milão, onde os preços das ações simplesmente não se moviam devido à ausência quase total de negócios.

Nesse quadro de penúria, a França e a Suíça, assim como a nova Alemanha, eram exceções.

Os suíços, ao contrário de seus vizinhos, acompanhavam com vivo interesse os eventos em Nova York e investiam enormes somas nos bancos americanos para que estes, por sua vez, concedessem empréstimos a taxas que não raro chegavam a 10% ao ano e até mais, com os quais financiavam a especulação alavancada de Wall Street.

Já a França, onde as cotações da Bolsa de Nova York quase não apareciam nos jornais, experimentava seu próprio *boom*. Com orçamento equilibrado, balança comercial superavitária, pleno emprego, franco valorizado e alto padrão de vida da população, além de enorme reserva em ouro, os franceses viviam em uma fortaleza econômica.

Em Nova York, Charlton MacVeagh, de 26 anos, jantava na casa da família de sua namorada, Adele, 19, filha de Edwin Merrill, presidente do pequeno mas reputado Bank of New York. Ele já fizera isso outras vezes, mas agora se tratava de um evento formal. Os homens vestiam smokings; as mulheres, longos. Charlton MacVeagh e Adele anunciariam seu noivado.

O casal de jovens se conhecia havia dois anos, pois ele e o irmão dela, Edwin Jr., tinham sido colegas de classe em Harvard. Depois, Charlton estudara no Balliol College, em Oxford, na Inglaterra. Como se não bastassem seus dotes acadêmicos, era simpático, bonito, elegante, culto, inteligente e trabalhava na Casa Morgan, além de ser filho de Charles MacVeagh, sócio de um dos mais importantes escritórios de advocacia de Nova York e então embaixador dos Estados Unidos no Japão. Enfim, Charlton era um marido que qualquer pai, por mais exigente que fosse, desejaria para sua filha.

Só havia um defeito em Charlton MacVeagh, pelo menos na visão de seu futuro sogro. Tratava-se de um rapaz liberal, tendo apoiado causas de trabalhadores, coisa que, aliás, não escondia de ninguém.

“Se Morgan o contratou”, concluíra o pai de Adele, “é porque considerou essas ideias perigosas arroubos normais da juventude, que o tempo se encarrega de apagar”. Mas ficou uma pontinha de preocupação.

Durante o jantar, Charlton comentou os últimos acontecimentos de Wall Street.

"Jack Morgan fechou a conta de Amadeo Peter Giannini no banco. Morgan e Giannini discordaram a respeito da política monetária do FED. Jack era a favor e Giannini, contra." Embora trabalhasse na Casa Morgan, os olhos do jovem brilhavam de admiração pela atitude do audacioso banqueiro de São Francisco.

"Ah, aquele italiano", o olhar de Edwin Merrill foi de puro desdém.

Novecentos quilômetros a oeste dali, na cidade de Flint, Michigan, outro casamento estava sendo discutido. Desta vez sem consulta à noiva, Jolan Slezsak, de 15 anos, e mesmo sem ninguém saber ainda quem seria o noivo. Barbara, mãe de Jolan, e seu marido, Andrew Arway, padrasto da menina, chegaram à conclusão de que estava na hora de ela se casar.

Sentados à mesa da cozinha, Barbara e Andrew, ambos imigrantes húngaros, conversavam sobre quem poderia ser o "pretendente".

"O senhor Goldberger prometeu ajudar", disse Andrew.

O advogado Ephraim Goldberger tratava dos interesses da comunidade húngara de Flint. Fora ele que cuidara do divórcio de Andrew, cuja primeira mulher se recusara a emigrar para a América, permanecendo em Budapeste. Fora também Goldberger que movera seus pauzinhos para que Barbara, então viúva do pai de Jolan, e o divorciado Andrew pudessem se casar.

Apesar de sua pouca idade, Jolan trabalhava duro, assim como seus irmãos, Julius, 17, e Michael, 16. Nos dias de semana ela servia como criada de uma senhora judia. E nas sextas-feiras, sábados e domingos à noite vendia bebidas alcoólicas que sua mãe e seu padrasto destilavam clandestinamente em casa. Jolan fazia as vendas e as entregas levando sua irmãzinha Margaret, de 6 anos, num carrinho de criança em cujo fundo falso ela transportava as bebidas. Que agente da Lei Seca, por mais vigilante que fosse, iria suspeitar de uma adolescente passeando com uma garotinha?

Pouco antes de morrer, em consequência de um acidente na mina de carvão onde trabalhava, o pai de Jolan deixara para ela quatrocentos dólares em uma caderneta de poupança no Union Industrial Bank, o maior da cidade e um dos mais importantes da região dos Grandes Lagos, com mais de 32 milhões de dólares em depósitos distribuídos por dez agências. Jolan Slezsak só poderia sacar o dinheiro ao completar 18 anos ou então ao se casar, prevalecendo o que acontecesse primeiro. Daí o interesse de sua mãe e de seu padrasto no casamento.

Apesar da renda da destilaria e do trabalho dos filhos, a família era muito pobre. As refeições não variavam: *goulash* feito de carne de terceira e vegetais cultivados no quintal da casa. As roupas de baixo de Jolan, Julius, Michael e da menorzinha Margaret eram feitas por Barbara com sacos de farinha de trigo.

Homer Dowdy, carteiro de 34 anos, também morador de Flint, sentia-se seguro por ter posto suas economias no Union Industrial Bank. Pelo menos seu dinheiro estava a salvo de incertezas e crescendo. Com sua mulher, Gladys, muito doente, Homer sabia que de uma hora para outra poderia ficar sozinho com três crianças pequenas para criar.

As consultas do médico eram caras e os remédios que ele prescrevia também, embora ainda não tivesse descoberto o mal que aos poucos consumia sua paciente. Os medicamentos eram principalmente opiáceos, para aliviar as dores.

Mesmo com seu salário de 2,1 mil dólares anuais, Dowdy temia ter de sacar dinheiro da poupança para pagar o tratamento. O que mais doía no carteiro era ver seus filhos, as meninas Ferne e Doris e o caçula, Homer, de apenas 7 anos, cuidando da casa e da mãe durante o dia em vez de brincar com as crianças da vizinhança.

No seu trajeto diário de trabalho, Homer Dowdy entregava envelopes com cheques remetidos por bancos e pelas sociedades corretoras de Chicago e de Nova York. Muitos destinatários, afobados e ansiosos, abriam os envelopes na frente do carteiro.

"Ganhei jogando na Bolsa", os felizardos comentavam, exibindo os cheques. Uma mulher chegou a dançar na frente de Dowdy. "Foi uma tacada (*killing*) nas ações da General Motors", disse ela, manifestando sua alegria ensaiando passos desengonçados do *charleston*.

Dowdy era um homem antiquado e conservador. Tinha uma mulher doente e três filhos para sustentar. Simplesmente não se encorajava a trocar sua poupança por ações, mesmo sendo testemunha do que as pessoas estavam ganhando, aparentemente sem nenhum esforço.

Reduzindo a velocidade, que pouco antes fora de quase cem quilômetros por hora, o expresso Wolverine, procedente de Nova York, se aproximava de Detroit. Iniciava-se a terceira semana de janeiro de 1929 e a paisagem estava coberta de neve. Dos vagões, os passageiros já podiam ver o enorme prédio cinzento, todo feito em blocos de pedra, da sede da General Motors. Mas, de-

vido a distância, ninguém podia distinguir a letra "D" esculpida em vários pontos da fachada.

O "D" se referia a William Crapo Durant, ou Billy Durant, um dos passageiros do trem. Nas últimas quatorze horas ele permanecera em total isolamento, em sua suíte privativa na composição da New York Central. Durante esse tempo, garçons haviam servido o jantar e o café da manhã na sala de estar da suíte e um camareiro armara e desarmara a cama, com colchão de crina de cavalo e travesseiro estofado com penas de ganso.

Durant, um homem elegante, de fala macia e hábitos requintados, já ganhara 100 milhões de dólares especulando com ações em Wall Street. Numa das duas vezes em que detivera o controle acionário da General Motors, quase conseguira comprar a Ford Motor Company, de Henry Ford, por 8 milhões de dólares. O negócio só não se concretizou porque o banco que iria financiar a operação roeu a corda no último minuto, após Ford ter aceitado a oferta.

Billy Durant era um homem tão importante que se permitia ir a Washington visitar o escritório de transição de Herbert Hoover, presidente eleito dos Estados Unidos e que ainda não tomara posse, sem ter uma entrevista previamente agendada. E Hoover sempre o recebia.

Pouco antes de deixar Nova York, Durant fora convidado por John Jakob Raskob, seu ex-companheiro de General Motors, para ser um dos sócios na construção do Empire State Building. Essa proposta martelou em sua mente ao longo de toda a viagem. Seu hemisfério cerebral aventureiro lhe induzia a aceitar o convite. O outro lado, o da prudência, mostrava o risco de fracasso de um empreendimento tão colossal.

Com certeza a banda da aventura prevaleceria. Pois uma das máximas de Billy Durant era: "O dinheiro é apenas emprestado a um homem; ele chega ao mundo sem nada e vai embora sem nada."

Após desembarcar na Michigan Central Station, a principal de Detroit, Durant dirigiu-se para a limusine que o esperava junto à entrada. Seguiu nela para Flint, cem quilômetros a sudeste, cidade onde passara a infância — embora tivesse nascido em Boston — e para onde sempre retornava para se recuperar das tensões do mercado.

A notícia de que Billy Durant se dirigia a Flint chegou a Charles Stewart Mott, segundo homem em hierarquia da General Motors, trazendo-lhe grande

desconforto. Mott devia ao outro muitos favores, inclusive o de o ter levado, durante a gestão de Durant na GM, para trabalhar na empresa, onde Mott fez carreira meteórica e se tornou milionário graças às gratificações e ao direito de comprar ações da companhia por seu valor contábil, muito abaixo dos preços de mercado. Foi também Billy Durant que financiou a campanha eleitoral que fez de Mott prefeito de Flint entre 1912 e 1914.

O pavor de Charles Mott era que, algum dia, Durant lhe pedisse um favor em retribuição aos seus, quem sabe o de ajudá-lo a armar um complô que levasse Billy Durant a obter, pela terceira vez, o controle da GM, coisa que Mott não faria de modo algum, pois jamais trairia o então presidente da empresa, Alfred Sloan, com quem se relacionava magnificamente. Seus medos nunca se concretizaram, mas, mesmo assim, Mott se assustava toda vez que Durant surgia no estado de Michigan.

Mott enviuvara duas vezes. Sua primeira mulher, Ethel, com quem tivera três filhos, morrera em 1924, ao despencar — pelo menos foi essa a conclusão da polícia — da janela do quarto do casal. O segundo casamento foi com Mitties, uma divorciada, e durou apenas sete meses. Ela morreu em consequência de uma infecção de garganta, no remoto rancho de Charles Mott no Arizona.

Agora Mott mantinha um romance quase secreto com a jornalista Dee Van Balkom Furey, editora da revista *Bridle and Golfer*, de 29 anos, 24 a menos do que Charles. Ela o cobria de agrados e atenções, tendo acendido nele a chama de uma paixão mais condizente com a de um adolescente. Só os amigos mais íntimos do casal sabiam do caso e desconfiavam de que Dee estivesse interessada apenas na fortuna do industrial.

Além de suas posições na General Motors, Charles Mott era o maior acionista e presidente do Conselho (*chairman of the board*) do Union Industrial Bank, de Flint, o mesmo no qual a jovem Jolan Slezsak e o carteiro Homer Dowdy tinham suas poupanças guardadas. Mas Mott pouco interferia nas atividades do banco, confiando-as a diretores profissionais e a pessoas de seu círculo de amizades, entre os quais distribuíra os assentos do Conselho.

Raríssimas vezes Charles Mott comparecia às reuniões do banco. Se fizesse isso mais amiúde, talvez, graças à sua experiência em negócios, descobriria uma fraude que lá se iniciara, comandada de dentro da própria instituição. Os desfalques no Union, que no início foram pequenos, agora cresciam como uma planta bem-regada e adubada.

16. Liga de Cavalheiros

O National City Bank, de Charles Mitchell, com sede em Nova York, tornara-se o maior do país. Já vendera ao público americano 15 bilhões de dólares em títulos. Só em 1928 os salários de Mitchell, somados às suas participações nos lucros do banco, haviam atingido a soma fantástica de 1.316.634,14 de dólares. E ele achava que 1929 seria um ano ainda melhor.

Em questões de política monetária, Mitchell se julgava tão importante quanto os conselheiros da Reserva Federal, não escondendo de ninguém, muito menos da imprensa, a avaliação que fazia de si próprio. Agora, em fevereiro de 1929, o banqueiro estava revoltado com a decisão da Reserva de recomendar aos bancos diminuir os empréstimos às sociedades corretoras das bolsas, para desinflar um pouco a bolha no mercado de ações. Com efeito, a recomendação provocara uma queda de 21 pontos no índice da Bolsa de Valores de Nova York.

Tendo descoberto que Billy Durant estava em Flint, e sabendo que ele e o presidente eleito Herbert Hoover eram amigos pessoais, Mitchell telefonou para o especulador e pediu-lhe que alertasse Hoover de que o FED estava tentando matar a galinha dos ovos de ouro. Durant prometeu ajudá-lo. Afinal de contas, boa parte de suas operações especulativas com ações passava pelo National City.

Da janela de sua suíte no Hotel Durant, um dos diversos estabelecimentos da cidade que levavam seu nome, Billy via o Union Industrial Bank do outro lado da rua. Era um prédio em estilo clássico, com quinze andares, arcos no térreo e duas torres de aço no terraço sustentando antenas de rádio. Certa vez, Charles Mott, da General Motors e *chairman* do Industrial, o convidara a investir no banco. Mas Durant declinou do convite. Já ouvira dizer que Mott pouco se interessava pela instituição, raramente indo lá e deixando para outras pessoas a condução dos negócios.

Na segunda-feira, 4 de março de 1929, Herbert Hoover tomou posse em Washington, tornando-se o 31º presidente dos Estados Unidos. Em seu discurso inaugural enfatizou a imposição da lei. Era um tema bem apropriado. As cidades da América estavam se tornando cada vez mais violentas.

Em Chicago, Nova York, São Francisco e Detroit grupos rivais de gângsteres guerreavam pelo controle do comércio ilegal de bebidas alcoólicas. A luta pelo cumprimento da Lei Seca estava sendo perdida em todas as frentes; o governo federal acabara de anunciar a demissão de 706 agentes por aceitarem subornos dos proprietários de *speakeasies*. Estimava-se que Al Capone, o bandido número um de Chicago, em cuja folha de pagamento constavam policiais, juízes e políticos, tivera uma renda líquida de 25 milhões de dólares em 1928.

Uma das primeiras ordens do presidente Hoover foi a de quebrar o domínio de Capone naquela cidade. Isso seria feito por agentes do Tesouro, que os próprios bandidos e a opinião pública apelidariam de Os Intocáveis.

Burlar a Lei Seca não era a atividade mais danosa ao país. Nesse quesito, os gângsteres perdiam feio para os magos de Wall Street. Os banqueiros especulavam na Bolsa com o dinheiro de seus depositantes, como fazia a National City Company, de Charles Mitchell. Havia também os *pools*, puxadas organizadas pelos grandes mestres da manipulação de cotações.

Em cada fusão e aquisição de empresas os *insiders* (detentores de informações privilegiadas) ganhavam uma fortuna. Assim como ganhavam fortunas aqueles que emitiam papéis artificiais de *holding companies*, cuja única função era possuir outras *holding companies* sem que nenhum dos imprudentes gananciosos que compravam as ações dessas empresas soubessem o fim que a elas se destinava. Sabiam apenas que seus preços subiriam, o que de fato já vinha acontecendo. Portanto, estavam todos felizes: gângsteres, banqueiros, corretores e operadores de ações e especuladores. Quase ninguém perdia dinheiro.

A bolha inflava, mas ainda tinha muita resiliência.

Sempre empurrando o carrinho de sua irmã menor, Margaret, Jolan Slezsak percorria uma das plataformas da estação ferroviária de Flint para ver a partida do expresso noturno para Nova York. Apesar de jamais ter feito a jornada do trem, ela conhecia a rota de cor: Detroit, Toledo, Youngstown, Pittsburgh, Washington, Baltimore, Filadélfia e, finalmente, o terminal da Grand Central, em Nova York. Um dia, pelo menos era o que sonhava, ela faria isso. Só tinha 15 anos e muita coisa ainda iria acontecer em sua vida.

Desta vez Jolan estava tendo de lidar com um imprevisto. Uma das garrafas de gim colocadas no fundo falso do carrinho se quebrara e o líquido

pingava no chão, deixando um rastro no caminho, fora os vapores etílicos que emanavam da pequena Margaret. Como a garotinha estava muito feliz e ria à toa, Jolan suspeitava que ela tivesse se embebedado com os eflúvios da bebida.

Só faltava um agente da Lei Seca surgir por ali, sentir o cheiro do gim e fazer uma revista no carrinho. Mesmo assim, Jolan decidiu ficar na plataforma. Ela simplesmente não resistia à tentação de mais uma vez curtir o calor da caldeira da locomotiva, aspirar o aroma do carvão e da fumaça e ver o trem partir, o que aconteceria logo, pois os últimos passageiros estavam embarcando apressadamente.

Jolan Slezsak acabou reconhecendo um deles. Tratava-se de Billy Durant, cuja fotografia ela já vira várias vezes nos jornais que forravam o chão da destilaria de sua casa. Só que ele era muito mais baixo do que ela imaginara, talvez devido ao contraste com os homenzarrões que conduziam sua bagagem.

A menina se roeu de inveja ao ver que Durant dera um quarto de dólar para cada carregador. Em poucos segundos ele distribuíra mais dinheiro para aqueles homens do que o seu padrasto lucrava em uma noite inteira de trabalho destilando bebidas.

Assim que o expresso partiu, Jolan não quis dar mais chance ao azar e, em vez de completar a rota de entrega daquela noite, optou por voltar para casa. No caminho, passou pelo Union Industrial Bank. Imediatamente ela se lembrou dos quatrocentos dólares deixados por seu pai. Fechou os olhos e conseguiu ver o dinheiro na gaveta de um cofre do subsolo. Seu padrasto lhe explicara que todos os dias alguns centavos eram acrescentados à poupança. Ainda de olhos fechados, Jolan viu *pennies*, *nickels* e *dimes* caindo sobre as notas de dólar.

Jolan não entendia por que o banco, além de tomar conta de seu dinheiro, ainda acrescentava mais algum. "Se eles fazem isso com todo mundo", ela pensava, "como é que conseguem ter lucro?".

Todas as luzes da sede do Union Industrial Bank estavam acesas. Jolan se aproximou de uma das janelas do térreo. Ficou impressionada com o tamanho e a imponência do saguão e com o brilho dos boxes gradeados dos caixas. "Por que será que eles não apagam as luzes já que não há ninguém lá dentro?", ela se perguntou. Dar dinheiro para as pessoas, desperdiçar eletricidade, "seu" banco era mesmo maluco.

Jolan Slezsak retomou o caminho de casa sem ter a menor noção de que na sala do Conselho do Union Industrial, nos fundos do andar térreo e

revestida de paredes de carvalho, quinze homens se reuniam ao redor de uma mesa polida. Um enorme quadro retratando o presidente do Conselho, Charles Stewart Mott, dominava o ambiente.

Se retratos pudessem ver e ouvir, aqueles quinze homens seriam presos. Eram todos executivos, funcionários administrativos, tesoureiros e caixas do banco, supostamente pessoas de confiança da instituição. Eram também os sócios de uma operação de desfalque que subtraía dinheiro das contas dos clientes para aplicá-lo em operações alavancadas na Bolsa de Valores. Em suma, defraudadores.

Entre eles estava Frank Montague, um dos vice-presidentes do Union Bank, homem alto e magérrimo, com a pele empalidecida de um cadáver, que acompanhava atentamente as discussões. Frank não se considerava um ladrão. Segundo sua moral elástica, ele e seus sócios estavam apenas tomando dinheiro emprestado, dinheiro esse que logo seria reposto, uma vez que, segundo o juízo geral, era quase impossível perder dinheiro na Bolsa naqueles tempos de euforia.

Nos últimos anos, Montague contraíra inúmeras dívidas, que ultrapassavam em muito sua capacidade de pagá-las com seu salário. Mesmo assim ele fazia questão de manter o alto padrão de vida de sua mulher, Louise, e de seus filhos. Se por acaso fosse pego, preso, julgado e enviado para uma prisão, sua família passaria necessidade. Por isso, nas últimas semanas Frank Montague não conseguia dormir direito à noite, rolando na cama para lá e para cá.

"Aposto que isso é tensão por causa do trabalho", deduzia Louise, que não fazia a menor ideia da encrenca na qual o marido poderia estar se metendo.

Já Milton Pollock, um bonitão de 39 anos, vice-presidente do banco e também envolvido nas fraudes, conseguia afastar pensamentos pessimistas. Do contrário, enlouqueceria. Homem de família, tinha sua mulher, Elizabeth, muito doente e filhos pequenos para criar. O tratamento dela consumia todo o seu salário. Foi o desejo de obter dinheiro extra para pagar os remédios que levara Pollock a participar das falcatruas.

Ivan Christensen, tesoureiro assistente do Union Industrial Bank, um homem tremendamente exibido, roubava para manter um estilo de vida que julgava compatível com sua função. Seu salário de 93,75 dólares por semana jamais lhe permitiria pagar as mensalidades dos diversos *country clubs* que ele e sua mulher, Betty, frequentavam.

O casal se relacionava com a nata da sociedade de Flint. Ela se vestia nas melhores lojas, comprava os sapatos e bolsas mais caros e Ivan só usava ternos e camisas finos. Ivan e Beth haviam construído uma mansão de 75 mil dólares no bairro mais exclusivo da cidade, cujas prestações Christensen pretendia pagar com os lucros da especulação que, tal como seus sócios, fazia com o dinheiro do banco.

Christensen fora o pioneiro do grupo. Desde o início do ano de 1928, ele, trabalhando sozinho, começara a desviar fundos das contas dos clientes para comprar títulos nos mercados de Nova York e de Chicago. Teve sorte de principiante e acumulou alguns lucros. Sentindo-se um profissional, decidiu trocar de lado e tornou-se um urso. Vendeu ações a descoberto e perdeu dinheiro, anulando o ganho inicial. Desde então, não parou mais. Roubar tornou-se uma necessidade para cobrir os rombos pessoais. Tornou-se também um vício.

Em meados de 1928, Ivan Christensen percebeu que outros funcionários e executivos do banco faziam a mesma coisa e o mesmo aconteceu com os colegas em relação a ele. Daí a formarem um clube de investimentos, se é que a quadrilha podia receber tal nome, foi um passo. Referiam-se a si próprios como a Liga de Cavalheiros. No primeiro trimestre de 1929, o montante desviado do Union Industrial Bank pela Liga já passara de 2 milhões de dólares.

Fora também Christensen que sugerira a reunião semanal dos conspiradores, sempre à noite, após os demais executivos e funcionários terem ido embora. Nesses encontros, eles examinavam a carteira de ações da Liga e discutiam novas oportunidades de investimentos.

A presença de John de Camp no grupo fazia os outros relaxarem um pouco. Não sem razão: De Camp era o vice-presidente sênior do banco. Tratava-se também de um aristocrata. Vestia-se com o maior apuro. Do bolso de seu colete pendia um sólido relógio de ouro. Na verdade, ele não precisava ter-se unido àquele clube pois não enfrentava dificuldades financeiras. Casado, pai de quatro filhos, John estava de mudança para uma espaçosa casa na rua mais elegante de Flint, a Circle Drive, sem depender para isso dos lucros da Liga.

John de Camp era ladrão mais por esporte. Certa ocasião, num surto de sinceridade, dissera ao colega vice-presidente, Frank Montague: “O jogo do *bull-market* me pegou e não sei como parar.”

Curiosamente, tanto John de Camp como Frank Montague eram acionistas do banco que roubavam.

Se havia alguém que não deveria estar ali de modo algum, mas estava, era Robert Brown, um caixa de 29 anos. Robert era simplesmente filho do presidente do banco, Grant Brown, de 56 anos, que não fazia a menor ideia do que acontecia na instituição sob seu comando. Pudera. O senhor Brown passava a maior parte do tempo fora do escritório, viajando e curtindo com sua segunda mulher — a primeira, mãe de Robert, falecera — a vida mundana da alta sociedade do estado de Michigan.

Os demais integrantes da Liga de Cavalheiros eram Elton Graham, o tesoureiro sênior do Union Industrial; Russell Runyon, perito em cálculos e contabilidade, que se encarregava de escamotear as fraudes do grupo adulterando os livros contábeis; e os caixas James Barron, Farrell Thompson, Robert McDonald, George Woodhouse, Clifford Plumb, Mark Kelly, David McGregor e Arthur Schlosser.

Apesar da alta consistente do mercado de ações, a turma da Liga não vinha se dando bem, geralmente comprando quando a Bolsa caía, vendendo quando subia. O mais desastrado de seus integrantes era Elton Graham, que não acertava um palpite sequer, o que gerava profunda irritação em seus comparsas.

Embora supostamente a Liga de Cavalheiros fosse um colegiado, cada um agia por conta própria, seja nos desfalques nas contas correntes, seja nas aplicações na Bolsa. Na reunião daquela noite, por exemplo, que a cada minuto ficava mais tensa, Ivan Christensen anunciou que a conta que abrira numa corretora estava no vermelho em 70 mil dólares. Milton Pollock revelou a mesma coisa, só que num valor menor: 50 mil.

Se um cliente do banco de repente resolvesse sacar seu dinheiro e sua conta fosse uma das adulteradas, imediatamente Runyon fazia uma mágica contábil, desviando recursos de outro correntista. A coisa poderia funcionar assim durante meses e meses a fio, a não ser que surgisse uma auditoria ou então que os prejuízos se avolumassem demais, fora a hipótese de um crash na Bolsa ou de uma corrida bancária, caso em que todos os clientes poderiam querer zerar suas contas ao mesmo tempo.

Havia também empréstimos fictícios, geralmente em nome de pessoas proeminentes, com assinaturas falsificadas em notas promissórias. Era outra fonte de recursos da Liga de Cavalheiros. O dinheiro, supostamente emprestado, era jogado na Bolsa e a promissória ficava como contrapartida nos livros contábeis. O próprio *chairman* do banco, Charles Mott, e celebridades

como Billy Durant, Henry Ford, Joseph Kennedy e George F. Baker, presidente do First National Bank of New York, constavam dessa lista falsa de devedores notáveis.

Apesar do nervosismo natural pelo prejuízo acumulado, os cavalheiros da Liga permaneciam confiantes de que o *boom* da Bolsa ainda duraria muito tempo e eles não só cobririam os desfalques como sairiam ricos do episódio. Pelos menos é o que afirmavam uns para os outros naquelas "reuniões de Conselho".

"No final vai dar tudo certo", repetiam a todo momento, em meio a risadinhas forçadas. "O que a gente precisa é dar uma grande porrada (*killing*). Temos que nos concentrar nisso."

O sempre imaginativo Christensen deu uma nova sugestão:

"Vocês sabem que muitas mulheres tendem a deixar as chaves de seus cofres alugados no próprio banco. Quando se tratar de dinheiro vivo, a gente pode usar esses recursos para jogar no mercado."

Alguém não gostou muito da ideia: "E se uma delas aparecer de repente, querendo levar a grana?"

Christensen sorriu com condescendência.

"É simples, pedimos para a cliente esperar um pouquinho, pegamos o dinheiro de outro cofre e transferimos para o dela. Você não acha que todas vão aparecer ao mesmo tempo. Ou acha?"

"É, penso que não. Vai contra a lei das probabilidades."

Apesar de todo esse trabalho incansável e das horas insones, os membros do Clube continuavam se mostrando inábeis para ganhar dinheiro na Bolsa. Ivan Christensen fez questão de encerrar o encontro com mais uma mensagem de otimismo.

"Nós vamos ficar ricos. Muito ricos", ele afirmou, sem que sua voz revelasse indecisão. "O mercado vai subir como jamais subiu em tempo algum." Vaticínio no qual estava totalmente certo.

17. A toca do urso

O índice de preços das ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova York medido pelo *The New York Times* subira 207% entre janeiro de 1924 e janeiro de 1929, saindo de 110 para 338 pontos. Graças à alavancagem praticada à larga, que potenciava os lucros, novos milionários surgiam a cada dia. Um assento na Bolsa, cujo volume de negócios não parava de subir, valia agora meio milhão de dólares.

Apesar da grande euforia que se apossara dos *traders*, Charles Merrill continuava pessimista. Em um memorando enviado ao seu sócio, Edmund Lynch, Charles insistiu que os dois precisavam manter a corretora Merrill, Lynch & Co. com bastante liquidez, pois considerava inevitável um colapso da Bolsa.

"É apenas uma questão de tempo", proclamava convicto.

Charles Merrill não era o único que enxergava nuvens cinzentas no horizonte. A Sociedade de Economia da Universidade de Harvard pressentia uma recessão nos próximos meses. "A atividade econômica está se contraindo nos Estados Unidos", concluiu um dos relatórios semanais da instituição.

Outro que continuava achando que o mercado de ações seria abalado por um crash era o banqueiro Amadeo Peter Giannini, que agora passava parte de seu tempo na sede nova-iorquina do Bank of America. Quase sempre se fazia acompanhar da filha Claire, que aos poucos ia se tornando o braço direito do pai.

Para a maior parte da imprensa e dos analistas de mercado, esses palpites *bearish* (relativos aos ursos) eram típicos de gente perdedora, agourenta e impatriótica. O especulador Will Payne, por exemplo, escreveu um artigo na revista *World's Work*, publicado em janeiro de 1929, no qual reduzia o cenário da Bolsa a uma fórmula tão simplista quanto simplória.

"Alguém compra uma ação a cem dólares e vende por 150. O segundo comprador passa o papel adiante por duzentos. E o terceiro, por 250. É só o mercado continuar nesse ritmo que todo mundo ganha", argumentou ele.

Em janeiro, as médias industriais do *Times* haviam subido trinta pontos e o total de empréstimos bancários levantados pelas corretoras se elevara a 260 milhões de dólares. A partir do Ano-Novo passou a ser normal o volume

diário da Bolsa de Nova York ultrapassar a marca de 5 milhões de ações. Raros eram os dias em que não surgiam pelo menos dois ou três novos consórcios de investimento.

Nesse mesmo mês, janeiro, a J. P. Morgan and Company lançou ações de um consórcio, a United Corporation, e vendeu os papéis para uma série de amigos e sócios da Casa Morgan pelo valor unitário de 75 dólares. Uma semana depois a United foi lançada na Bolsa, abrindo a 92 dólares, garantindo aos bem-aventurados compradores iniciais um lucro de 22%. Era a América rica e feliz, a América que Will Payne vaticinava em suas colunas.

Um dos contemplados com as ações da United, comprando-as diretamente da Morgan, foi John Jakob Raskob, que continuava dividindo seu tempo entre especulações e sua ideia fixa de construir o Empire State Building. Assim que a United chegou à Bolsa, Raskob tratou de realizar o lucro, pois sabia que os bens do novo consórcio (cotas de outros consórcios) valiam muito menos do que o valor que o mercado estava atribuindo às suas ações.

Fevereiro de 1929 não foi um mês tão bom quanto janeiro. Tudo porque o Banco da Inglaterra elevou sua taxa de juros de 4,5% para 5,5%, numa tentativa de reduzir o fluxo de dinheiro da City de Londres para Wall Street. Em 7 de fevereiro, por exemplo, outro dia em que foram negociadas 5 milhões de ações na Bolsa, as médias industriais do *Times* caíram onze pontos. Novas quedas, embora menores, aconteceram nas sessões que se seguiram.

"Apenas uma saudável realização de lucros." Os otimistas repetiram sua argumentação preferida.

O *boom* econômico em alguns setores parecia dar razão aos touros. A United Airlines, por exemplo, acabara de lançar a primeira linha de passageiros costa a costa usando um trimotor que levava apenas 28 horas para ir de Nova York a Los Angeles, incluindo nesse tempo várias escalas para abastecimento de combustível e um pernoite no meio do caminho. Os voos de malas postais estavam em seu quinto ano. No chão, as ferrovias competiam com as empresas de caminhões na busca pelas melhores fatias do lucrativo transporte transcontinental de cargas.

As emissoras de rádio, agora em seu décimo ano de transmissões, cresciam mais do que qualquer outro ramo de atividade, com exceção dos negócios do mercado de Wall Street. Nas linhas de montagem de Detroit, alguns automóveis já saíam da fábrica equipados com aparelhos de rádio.

Se havia alguém que se preparava não só para não perder, mas também para ganhar quando a Bolsa desmoronasse, esse alguém era Joe Kennedy. Nos últimos anos, além de seus negócios em Hollywood, Kennedy jogara com enorme sucesso no mercado de ações, quase sempre apostando na alta.

Agora Joe começara a liquidar seus papéis, mas isso não lhe bastava. Ele queria estar vendido a descoberto, ser um autêntico urso, quando o pânico começasse. Não era uma coisa fácil. Seria preciso estimar, com precisão, o momento de virada do mercado para poder enfrentar e abater os touros. Caso contrário, se errasse o *timing*, seria atropelado pela manada ignara que vendia seus bens pessoais e ainda pegava dinheiro emprestado nos bancos para comprar ações.

Antes de conceber sua estratégia, Joe Kennedy decidiu sondar a opinião de Jack Morgan a respeito da tendência do mercado. Sabia que Morgan era um homem frio e calculista, que jamais se deixava guiar por emoções.

Certa manhã de fevereiro, Kennedy dirigiu-se à Casa Morgan. Não se preocupou em telefonar antes agendando uma visita, certo de que seu nome e sua reputação seriam suficientes para que Morgan o recebesse. Mas não foi isso que aconteceu.

Joe Kennedy subiu os seis degraus de granito da entrada da Morgan, no número 23 de Wall Street, e passou pelas portas duplas de acesso ao prédio. Foi imediatamente bloqueado por um porteiro.

"Sou Joseph Patrick Kennedy e vim ver o senhor John Pierpont Morgan Jr." Joe não se intimidou com a presença do homem e fez questão de ser seco e formal. Para sua surpresa, o outro agiu da mesma maneira.

"O senhor tem um encontro marcado?", limitou-se a perguntar o porteiro, sem alterar o semblante. E talvez tivesse feito a mesma coisa se por ali surgisse o herói nacional Charles Lindbergh ou o prefeito de Nova York, Jimmy Walker.

"Não, não tenho. Mas estou certo de que Jack me receberá." Joe Kennedy usou o apelido de Morgan para impressionar o serviçal que bloqueava seu caminho. "Diga a ele que é Joe Kennedy, de volta de Hollywood."

O porteiro hesitou um pouco. Percebendo-o de pronto, Kennedy engrossou o tom.

"Seja rápido, homem. Eu não tenho o dia todo." Ao dizer isso com acidez, Joe obteve sua primeira vitória. Após conversar com alguém através de um interfone, o homem conduziu Kennedy até uma antessala separada de um

enorme saguão por paredes e portas de vidro. Lá dentro ficavam os sócios e os executivos importantes da Morgan, assim como suas secretárias.

"Por favor, senhor Kennedy. Aguarde aqui."

Deixando Joe Kennedy de pé, o porteiro abriu a porta do salão e entrou. Joe podia ver como era lá dentro. Numa área de aproximadamente 4,5 mil metros quadrados, os dirigentes sentavam-se em escrivaninhas com tampas articuladas de correr. Apenas divisórias baixas de vidro separavam uns dos outros. O piso era de mármore cor-de-rosa. Algumas paredes laterais eram forradas de madeira; outras, de couro. Do alto das janelas pendiam cortinas pesadas. Jamais Joe vira um lugar que combinasse tão bem requinte e austeridade monástica.

Kennedy viu o porteiro alcançar a ala dos sócios, onde uma secretária já o aguardava. Os dois trocaram algumas palavras. Kennedy conhecia alguns homens que estavam lá dentro: Thomas Lamont, segundo em hierarquia na Morgan; seu filho, Thomas Stilwell Lamont; Henry Sturgis Morgan e Henry Davidson. Mais ao fundo, Jack Morgan examinava alguns papéis em sua escrivaninha.

A secretária foi até Morgan e lhe disse alguma coisa. Os dois conversaram por não mais do que alguns segundos. Ela então regressou para falar com o porteiro. Este, mais do que depressa, saiu do salão e informou a Joe Kennedy:

"O senhor Morgan está muito ocupado para recebê-lo."

Kennedy ficou em silêncio. Girou sobre os calcanhares e foi embora da Casa Morgan, determinado a se vingar da desfeita tão logo surgisse uma oportunidade.

Uma das primeiras pessoas a saber da humilhação de Joe Kennedy foi Jesse Livermore, que estava na suíte de seu escritório no 18º andar do Heckscher Building, na Quinta Avenida. Rei da baixa, urso maior, Livermore gostava de alardear para seus amigos mais íntimos e para suas amantes que nada acontecia em Wall Street sem que ele tomasse conhecimento imediato. Para isso, tinha uma enorme rede de informantes.

Como sabia tirar proveito de quase todos os fatos, por mais desimportantes que parecessem no início, Livermore anotou o incidente Kennedy-Morgan em um de seus inúmeros caderninhos, acrescido do seguinte comentário:

"Quando tiver uma oportunidade, Joseph Kennedy irá retaliar contra J. P. Isso poderá afetar o mercado."

A toca do urso Jesse era a mais bem-aparelhada de Nova York. Vinte analistas, todos discretíssimos, colhiam informações por intermédio de linhas particulares de telégrafo e dezenas de telefones cujos números não apareciam nos catálogos. Numa parede, as cotações da Bolsa eram anotadas em um quadro-negro com, no máximo, um minuto de atraso, limite de tolerância de Livermore. Estatísticos e grafistas completavam a equipe de apoio. Aproximadamente sessenta pessoas trabalhavam exclusivamente para prover o urso de Boston com os dados e notícias dos quais ele necessitava para agir antes dos demais *traders*, tão logo uma nova tendência começava a se delinear.

Jesse Livermore não tinha clientes. Só negociava por conta própria. E conseguia ser um dos mais bem-sucedidos operadores de ações apesar de seus enormes custos operacionais. Para alguns de seus pares, tratava-se de um gênio. Para outros, de um bruxo. Mas boa parte da Rua não gostava dele justamente pelo fato de Livermore trabalhar quase sempre vendido a descoberto, tentando forçar o mercado para baixo e estragar a festa da maioria.

Embora fosse casado, o apetite de Jesse Livermore se dividia entre a Bolsa e as mulheres. Gostava de sair à noite pelas ruas de Manhattan em seu Rolls-Royce amarelo-canarinho caçando garotas para satisfazer seu insaciável apetite sexual.

Se havia alguém que sabia conciliar trabalho e lazer, este era Livermore. Jesse possuía diversas mansões, um iate, um vagão ferroviário e um avião particular. Seus charutos eram enrolados especialmente para ele em Cuba. Para suas recepções, nas quais cortejava algumas das mulheres mais bonitas da América, ele comprava grandes quantidades de champanha francês contrabandeado e caixas e mais caixas de caviar iraniano. Mas nada o deixava mais excitado do que uma *killing* no mercado, principalmente se na "porrada" houvesse um lado perdedor bem identificável.

Mais do que Joe Kennedy, mais do que Amadeo Peter Giannini, mais do que Charles Merrill, mais do que os estudiosos de Harvard, Jesse Livermore tinha certeza de que um novo crash estava a caminho. Mas, tal como os outros, Livermore sabia que não bastava ser pitonisa. Era preciso acertar na mosca o *timing* do colapso.

Nem Kennedy, Giannini, Merrill e Livermore tinham a menor ideia da avalanche de ordens de compra de ações que, ainda naquele ano, iriam fluir de todos os recantos dos Estados Unidos da América, inclusive dos mais remotos, para Wall Street, na apoteose do maior *bull-market* da história.

18. Desencantos do casamento

Amadeo Peter Giannini e sua mulher, Clorinda, estavam hospedados em uma suíte do Hotel Ritz de Nova York. À noite, Giannini costumava sentar-se ao piano de cauda da sala de estar da suíte e cantar árias de óperas, acompanhando-as ao instrumento. Claire, que ocupava um quarto adjacente, ficava feliz ao ouvir a voz de barítono do pai.

Naquela noite o recital foi rápido, pois A. P. Giannini tinha um importante compromisso de jantar. Após seu rompimento com Jack Morgan, Amadeo procurava novos parceiros na cidade e um dos visados era o banco comercial e de investimentos Blair and Company. Blair, o maior acionista da instituição, morava em sua propriedade nas Bermudas e deixava seus negócios nas mãos de Elisha Walker, um nova-iorquino de 49 anos, graduado de Yale e do MIT. Era justamente com Walker que Giannini iria se encontrar.

Essa foi apenas a primeira de diversas reuniões exploratórias de lado a lado. Nessas oportunidades, A. P. descobriu, para sua satisfação, que Elisha era um homem franco e de mente aberta a inovações, sem nenhum traço da arrogância e ar de superioridade tão comuns nos executivos de Wall Street.

Após vários dias de conversas, Elisha Walker viajou para as Bermudas para informar ao seu patrão, Blair, sobre as intenções de Giannini.

"Eu preciso da *expertise* de vocês. Eu quero a sua companhia", dissera Amadeo a Elisha. "Diga isso a Blair."

O resultado foi um convite formal de Walker a Giannini para um jantar na sede da Blair em Nova York, o Blair Building. Quando chegou lá, pontualmente às vinte horas, Amadeo Peter Giannini foi levado até a sala do Conselho, onde Walker e outros onze sócios do banco o saudaram calorosamente. A maioria era composta de jovens na casa dos 30 anos.

Não poderia passar desapercebido a Giannini que os futuros sócios em potencial queriam agradá-lo. Na mesa e nos aparadores havia garrafas de seu vinho preferido, assim como travessas de antepastos de sua predileção. De um cômodo anexo emanava o aroma inconfundível da cozinha italiana, da qual uma grande variedade de pratos começou a ser servida em seguida.

Os sócios da Blair participavam do conselho de quase duzentas companhias americanas e estrangeiras e a instituição fazia empréstimos regulares

para governos de outros países. A Blair and Company administrava também um fundo de 55 milhões de dólares, o Petroleum Corporation of America. Com a cadeia de bancos de Giannini, e sua ampla atuação na Costa Oeste, os dois grupos se completavam.

Após o jantar, no qual os homens praticamente só conversaram sobre amenidades, todos se dirigiram a uma sala próxima. Então Elisha Walker disse a A. P. o que A. P. queria ouvir.

"Nós estamos prontos para sermos absorvidos pelo Império Giannini. É a única maneira de enfrentarmos os grandes conglomerados financeiros que estão se formando em Wall Street."

O arquiteto William Lamb, escolhido pelo magnata John Jakob Raskob para projetar o Empire State Building, tinha pesadelos terríveis todas as noites. Nesses sonhos ele via o gigantesco arranha-céu desabando sobre vários quarteirões da ilha de Manhattan, deixando dezenas de milhares de pessoas soterradas sob toneladas de ferro, aço, vidro e blocos de pedra e de concreto. Tudo porque, ainda no campo dos sonhos, ele errara nos cálculos da estrutura.

Além do entusiasmo com seu prédio, Raskob era um dos especuladores mais otimistas de Wall Street. Ele endossava os slogans do *boom*: "Seja um touro na América"; "Nunca venda os Estados Unidos a descoberto".

Certa noite, em fevereiro de 1929, enquanto John Raskob e William Lamb conversavam sozinhos no escritório de Raskob na cobertura do número 230 da Park Avenue, o arquiteto apresentou ao investidor o primeiro esboço do Empire State.

John Jakob Raskob quase perdeu o fôlego ao ver o desenho do prédio em forma de um lápis.

"Vai custar 60 milhões de dólares", informou Lamb.

Raskob não piscou um olho.

"O dinheiro já está reservado", limitou-se a dizer. "Basta entregar o prédio no prazo. Deixe o resto comigo."

Na compra do terreno, não houve barganha. Os proprietários do Waldorf Astoria haviam dado seu preço, 16 milhões de dólares, e John Raskob preenchera um cheque na hora.

Por mais que seus amigos íntimos o desaconselhassem, Charles Stewart Mott, 53 anos, segundo em comando e poder na General Motors e presidente

do Conselho do Union Industrial Bank, de Flint, resolvera se casar pela terceira vez, agora com a jornalista divorciada Dee Van Balkom Furey, 29. Os dois marcaram, em segredo, a cerimônia para a sexta-feira, 1º de março. Tudo o que Mott não queria era publicidade na imprensa sobre o casamento.

Na última vez em que Mott conversara ao telefone com Grant Brown, presidente do Union Industrial, Brown lhe disse que os negócios estavam prosperando. Mas cobrou de Mott uma visita a Flint, coisa que o *chairman* do banco, mesmo tendo sido um dia prefeito da cidade, não fazia havia meses. Dee simplesmente não gostava de lá, um lugar muito pequeno e provinciano para uma pessoa tão cosmopolita quanto ela. Dee Furey chegou a ter um chilique quando Charles sugeriu que passassem a lua de mel em uma mansão que ele possuía em Flint.

No ano de 1928, Charles Mott recebera, entre salários e bônus, mais de um milhão de dólares. Seus investimentos no mercado de ações haviam rendido mais do que o dobro disso. E tudo indicava que 1929 seria um ano ainda melhor, tanto profissionalmente como em sua vida pessoal, agora que iria se casar com uma mulher tão brilhante e tão mais jovem do que ele.

No final de fevereiro de 1929, Michael Meehan, o especialista da Radio Corporation of America no pregão da Bolsa de Valores de Nova York, decidira dar uma nova puxada no preço das ações da RCA. Segundo seu raciocínio, a cotação nominal do papel estava muito baixa: setenta dólares. Não levou em conta o fato de que a Radio dera uma bonificação de cinco por uma. Quem tinha cem ações ficou com quinhentas ações. Daí o fato de o preço ter caído de 420 para os tais setenta.

"Mas setenta é baixo", cismava Meehan. "Dá pra dar uma porrada."

Junto com Percy Rockefeller, Billy Durant, Charles Mitchell, Ben Smith e Tom Bragg, os dois últimos da W. E. Hutton and Company, Meehan acabara de ganhar uma fortuna no *pool* da Anaconda Copper. Mas o pessoal de Wall Street era insaciável.

"Porrada dada é passado", pensava Meehan. "Agora é partir para a Radio, que ficou de graça. Pelo menos é o que os investidores vão achar quando começarmos nossa campanha."

Outra razão para que Michael Meehan tivesse escolhido aquele momento para puxar a Radio, era que em alguns dias o último *pool* especulativo com o papel completaria um ano. Naquela ocasião, em apenas 24 horas, de 12 a 13 de março de 1928, a RCA subira espantosos quarenta pontos.

Enquanto brincava com suas filhas no estúdio de seu apartamento de quatorze quartos na rua 67 Leste, Meehan fazia contas mentalmente. Cada vez ficava mais convencido de que a RCA poderia ser a *killing* do ano. De vez em quando sua mulher, Elizabeth, 36, com quem Michael estava casado havia dezoito anos, entrava no estúdio para servir salgadinhos e refrescos para o marido e as meninas.

Para compor o *pool* da Radio, Michael Meehan pensava em convocar Rockefeller, Raskob e Billy Durant. Avaliara também a possibilidade de chamar Joe Kennedy, mas rumorejava-se na Rua que ele estava se transformando em um urso. Além disso, algumas fontes confiáveis haviam dito a Meehan que Kennedy fora escorraçado por Jack Morgan. E ninguém de bom senso traria um possível inimigo dos Morgan para participar de um *pool*.

Como toda puxada na Bolsa precisava de um gerenciamento central para definir os *timing*s e as estratégias, Michael Meehan pretendia sondar Bragg e Smith, da Hutton, para a função. Eram os melhores de Wall Street. Ao contrário do *pool* da Anaconda, programado para se arrastar ao longo de vários meses, a ideia de Meehan era que a tacada da Radio fosse brusca e desconcertante, durando apenas uma semana.

De acordo com as normas da Bolsa de Nova York, Michael Meehan não poderia possuir ações da Radio, uma vez que era o especialista do papel. Mas nada impedia que sua mulher, Elizabeth, agisse como “laranja”. Isso já acontecera diversas vezes e Michael não via razões para não recorrer novamente ao estratagema. Era só dar os papéis para ela assinar, o que Elizabeth fazia sem ler e sem hesitações. Sem saber que seu nome fora cogitado, e descartado, para participar de um *pool* da Radio, Joe Kennedy desfrutava de uma temporada em sua casa de praia de Palm Beach, na Flórida, acompanhado de Rose e das crianças.

Embora sua decisão de vender ações a descoberto estivesse de pé, Joe vinha protelando a ação. As notícias que lia nas páginas do *The New York Times* todos os dias lhe mostravam que a temporada do urso ainda não chegara. Num outro compartimento de sua mente, Kennedy continuava determinado a vingar-se da descortesia de Jack Morgan, mas para isso também teria de aguardar o momento certo.

Para evitar o assédio da imprensa, o industrial e banqueiro Charles Stewart Mott e a jornalista Dee Van Balkom Furey se casaram quase em segredo na

Igreja Episcopal de Trinity, na pequena cidade de Toledo, no estado de Ohio. À cerimônia, simples e curta, realizada de manhã, compareceram apenas os familiares do noivo e alguns convidados de seu círculo mais íntimo, tendo todos assumido o compromisso de não revelar o local e a hora para ninguém.

No aeroporto de Toledo, um trimotor Ford de propriedade de Earle Halliburton, magnata do petróleo, diretor da Southwest Airlines e um dos maiores amigos de Mott, aguardava os noivos para levá-los para o rancho de Charles, no Arizona. A escolha do local não podia ser mais infeliz, pois havia sido exatamente naquele lugar remoto que, um ano antes, a segunda mulher de Charles Mott, Mitties, também em lua de mel com ele, contraíra a infecção de garganta que a matou apenas sete meses depois do casamento.

Se a decisão a respeito da viagem para o Arizona foi péssima, a escolha da noiva, por parte de Mott, não ficou nada a dever em inépcia, tal como haviam suspeitado os amigos do industrial. Desde os primeiros minutos de casada, Dee se revelou uma mulher implicante e mal-humorada, impaciente com todos. Curiosamente, as únicas pessoas que ela chamou para assistir ao casamento foram o senhor e a senhora Prewitt Semmes, sendo ele seu advogado, já de prontidão para um possível e, pelo que se pode deduzir, premeditado, litígio.

Após um almoço na casa de Halliburton, Charles e Dee deram adeus aos convidados e se dirigiram ao avião que rapidamente decolou para o longo voo até o Arizona. Já eram quatorze horas.

A aeronave ainda estava nos procedimentos de subida quando Dee Mott se queixou da turbulência e da poltrona desconfortável. Emburrada, ela se reclinou no assento e não quis conversa com o marido. Os dois seguiram viagem em absoluto silêncio.

Uma hora após a decolagem, quando sobrevoavam a cidade de Anderson, 250 quilômetros a sudoeste do ponto de partida, o trimotor foi surpreendido por uma tempestade de neve. O piloto se afastou dali, saiu de sua rota e foi obrigado a voar mais baixo para se orientar pelos acidentes geográficos do solo. Não demorou muito e confessou aos seus dois passageiros: “Infelizmente, nós estamos perdidos.”

“Tudo por sua culpa”, Dee disse ao marido. “Bem que eu falei que a gente deveria ter passado a lua de mel em Detroit. Só você mesmo para ter essa ideia maluca de ir para o Arizona.”

Charles Mott ignorou as lamúrias da mulher e gritou para o piloto:

“Voe mais baixo. Vamos procurar um lugar para fazer um pouso forçado.”

Como Indiana é um estado essencialmente plano, os dois logo descobriram uma plantação numa pradaria. O Ford conseguiu fazer um pouso forçado, suas rodas se afundando na lama. Em menos de cem metros, o avião parou totalmente. Todos a bordo estavam ilesos.

A sra. Mott foi a primeira a cair fora do avião e dirigiu-se para a sede da fazenda próxima de onde o trimotor se atolara. Para sorte de Dee, lá havia um aparelho telefônico. Usando os serviços da telefonista de Anderson, Dee Furey, em vez de dar notícias aos seus parentes, ligou para ninguém menos do que o advogado Semmes, que ainda estava na festa na casa de Halliburton, em Toledo. Informou-o sobre o que acontecera.

Como Dee se recusou a dormir num lugar tão precário como a casa da fazenda, Mott convenceu o dono da propriedade a levá-los de carro até Anderson, onde, segundo o fazendeiro, havia um hotel. Quando chegaram lá, Dee Mott reclamou das instalações, dos quartos pequenos e mal mobiliados e do serviço.

Após uma noite no hotel o casal Mott seguiu viagem, agora de trem, para o rancho do Arizona, onde permaneceram uma semana. Charles não precisou de muitas horas para constatar que Dee detestava estar em sua companhia. Ela só estivera interessada em seu dinheiro. Antes de regressarem a Detroit, a sra. Mott deixou clara sua intenção de se divorciar e que seu advogado discutiria com Mott a divisão dos bens e uma pensão em dinheiro.

“Terceira mulher! Eu sou burro mesmo!”, Mott gemia a cada momento.

Se Charles Mott descobrira rapidamente os desencantos de sua jovem mulher, Jesse Livermore tinha poucas esperanças de aprender a lidar com Dorothy, com quem estava casado havia onze anos. Grande parte da culpa era dele, com seu histórico interminável de casos com amantes e prostitutas e de noites passadas fora de casa. Mas ela também tinha sua parcela de responsabilidade no fracasso do casamento.

Dorothy Livermore, 29 anos, era uma alcoólatra, vício que adquirira muito provavelmente para fugir da realidade de sua vida conjugal. A bebida, geralmente uísque, já começava a deixar traços em sua fisionomia, na silhueta, que se arredondara, e em seu comportamento. Ela se tornara uma pessoa triste quando sóbria e agressiva quando bêbada.

Quando as crises de sua mulher se tornavam especialmente agudas, Livermore, avisado pelos criados, deixava seu complexo de escritórios no

Heckscher Building e corria para o luxuoso apartamento no número 817 da Quinta Avenida para evitar que Dorothy, ou Dotsie — que era como ele a chamara nos primeiros anos —, cometesse uma sandice irreversível na presença dos dois filhos do casal, Jesse Jr., de 9 anos, e Paul, um garotinho extremamente bem-humorado, um ano mais moço do que o irmão.

Em 1929 a Lei Seca era uma peça de ficção em Nova York, cidade onde adquirir bebidas em um dos milhares de contrabandistas das máfias locais era tão fácil quanto comprar verduras em um mercado.

Jesse Livermore já poderia ter se divorciado de Dorothy há muito tempo, mas o medo de que ela ficasse com a guarda dos filhos, que o idolatravam, o tolhia. Mesmo porque ele também adorava os garotos.

19. Espertos e otários

Exatamente às dez horas da manhã de terça-feira, 12 de março, quando soasse o gongo de abertura do pregão da Bolsa de Valores de Nova York, Michael Meehan acompanharia atentamente o início da puxada das ações da Radio, versão 1929, na qual o dinheiro do especialista da RCA seria posto em risco.

Após despedir-se de sua mulher, Elizabeth — em cujo nome seriam executadas algumas das ordens do *pool* —, e de suas duas filhas pequenas, Meehan, tenso, emendando um cigarro no outro, seguiu no Rolls-Royce guiado por John, o chofer da família, para o prédio da Bolsa.

A logística da operação seria coordenada por Tom Bragg e Ben Smith, da W. E. Hutton and Company. O estopim da puxada fora um documento de três páginas, em papel timbrado da companhia de Meehan, distribuído para os investidores e especuladores de seu círculo e rotulado como "particular e confidencial", convidando-os a participar do *pool*.

Sessenta e oito desses homens responderam positivamente ao convite, entre eles James Riordan, amigo de Meehan, cuja única atividade na vida era especular com ações; John Jakob Raskob, que concordou em depositar um milhão de dólares; Billy Durant, com 400 mil; Percy Rockefeller, com apenas 75 mil dólares; além de Walter Chrysler, fundador da montadora Chrysler, e Bradford Ellsworth, também especulador profissional, que puseram no bolo meio milhão de dólares cada um. De todos eles, Ellsworth foi o único que investiu dinheiro em seu próprio nome, tendo os demais usado nomes de terceiros na operação, quase sempre suas próprias mulheres.

Somados todos os valores, os administradores do *pool*, Bragg e Smith, tinham à sua disposição 12,683 milhões de dólares para jogar na RCA.

Antes de a operação começar, só os boatos de que ela iria acontecer já haviam elevado as ações da Radio de 81,75 dólares para 89 dólares. E não pararam por aí. No domingo, 10 de março, o *Wall Street Journal* publicou a seguinte nota: "A situação financeira da Radio Corporation of America é a melhor de sua história. Agora a empresa irá expandir suas atividades para outros países."

Por causa dessa matéria, na segunda-feira as ações da Radio subiram para 92 dólares. Isso deixou aflito o grupo do *pool*, pois eles ainda não haviam sequer começado a comprar os papéis.

Nessa própria segunda, dia 11, uma nota na coluna The Trader, do New York Daily News, estimava uma alta rápida da RCA para cem dólares. "Amanhã, terça-feira, será um belo dia para a compra da Radio", arriscou o colunista do jornal, acertando o *timing* na mosca, pois a puxada realmente estava programada para começar no dia seguinte.

Realmente na terça, às dez horas, assim que o superintendente da Bolsa William Crawford bateu o gongo sinalizando a abertura dos negócios, no Posto 12, da RCA, sem que o especialista Mike Meehan tivesse aberto a boca — já que as ordens do *pool* eram executadas por operadores de outras sociedades corretoras, para não dar na vista —, os preços da Radio decolaram com um empuxo poucas vezes visto.

Quando surgiram alguns vendedores, atraídos pelo patamar mais alto, eles foram recebidos com vaias. Só que a pressão de compra dos touros era enorme e os ursos tiveram seus papéis sugados ou bateram em retirada, fora os que viraram casaca e engrossaram as hostes adversárias.

Ordens de compra dos papéis da RCA começaram a surgir de São Francisco, da Flórida, de Seattle e até de lugares distantes como o Havaí, influenciadas pelas matérias do *Wall Street Journal* e do *New York Daily News*. Com medo de perder o trem da alegria, os integrantes do *pool* entraram em campo. Suas primeiras ordens, executadas por volta das dez e meia, somaram 5 mil ações, compradas ao preço médio de 92 e ⅞ (sete oitavos). Segundos depois esse lote e esse preço apareceram na *ticker-tape*.

Boletins da Associated Press e da United Press informavam que a Radio se movia. Ao recebê-los, as emissoras de rádio incluíram a informação em seus programas de notícias.

Em seu escritório de Manhattan, no número 250 da Rua 57 Leste, Billy Durant esfregava as mãos satisfeito. Os 400 mil dólares que pusera no *pool* já começavam a crescer.

Ao mesmo tempo que acompanhava o mercado, Durant fazia anotações para o encontro que pretendia ter, na Casa Branca, com o recém-empossado presidente Herbert Hoover. Ele pretendia convencer Hoover de que a tentativa de endurecimento da política monetária por parte do FED era uma atitude totalmente errada e poderia interromper o *boom* econômico que o país vinha atravessando.

A notícia de que uma avalanche de ordens de compra da RCA estava inun-

dando Wall Street chegou a Frank Montague, um dos vice-presidentes do Union Industrial Bank, em Flint. Frank apressou-se a dar conta do fato aos seus comparsas conspiradores da Liga de Cavalheiros.

Eles fizeram uma reunião para discutir a possibilidade de comprar ações da Radio. Para isso, teriam de subtrair mais dinheiro dos correntistas do banco. Acabou prevalecendo a opinião de Montague.

"Vamos aguardar mais alguns dias para ver como o papel se comporta", argumentara o vice-presidente. "Se a RCA continuar firme, nós entramos de cabeça. Quem sabe desta vez a gente cobre os prejuízos e ainda põe alguma frente. Mas é melhor esperar um pouco."

Quando, às quinze horas, William Crawford fez soar o gongo encerrando a sessão daquela terça-feira, o último negócio das ações da Radio Corporation of America havia sido fechado a 91 e 5/8. O *pool* havia comprado 392.600 ações, mas vendera 246 mil, resultando num investimento líquido de 13,5 milhões de dólares, chegando a ultrapassar o cacife de que dispunha, o que não foi um problema. Bastou a cada um deles pôr um pouco mais de dinheiro.

Quando os touros puxam uma ação ou os ursos querem derrubá-la, é preciso que atuem nas duas pontas do mercado, comprando e vendendo, usando diversos operadores (*floor traders*) para que suas intenções não fiquem óbvias. Caso contrário, a estratégia operacional se revela um desastre, exatamente o que não aconteceu naquele 12 de março de 1929.

O *pool* comprou exatamente o que queria, praticamente na quantidade que queria, sem que ninguém pudesse ter certeza de suas verdadeiras intenções. Melhor: os pequenos investidores que haviam comprado nos dias anteriores e vendido agora, se contentando com um pequeno lucro (mãos fracas, conhecidos em Wall Street como flippers), estavam fora. O dinheiro que entrara hoje era dinheiro novo, de investidores "mãos fortes", convictos de que a Radio era a bola da vez e que poderia enriquecê-los.

Restava agora aos puxadores o mais difícil em qualquer *pool*: vender seus papéis para uma nova onda de compradores. Essa leva, a ser criada por eles, teria de ser grande o suficiente para absorver os papéis adquiridos pelo *pool* e ainda manter a RCA subindo, para que a puxada desse lucro.

Tal mágica só era possível porque Michael Meehan, Tom Bragg, Ben Smith e seus parceiros tinham a seu soldo uma equipe de jornalistas conceituados. Conceituados aos olhos do público, que era o que interessava.

Richard Edmondson, do *Wall Street Journal*; William Gomber, do *Financial America*; Charles Murphy, do *New York Evening Mail*; J. F. Lowther, do *New York Herald Tribune*; William White, do *New York Evening Post* e W. F. Walmsley, do *The New York Times*, aceitavam suborno para divulgar notícias falsas a respeito da empresa que os participantes de *pools* queriam puxar ou derrubar. E foi exatamente o que aconteceu na puxada da Radio Corporation of America em março de 1929.

As notícias foram tão exageradas que em 13 de março, graças a um artigo do *Wall Street Journal*, a RCA fechou a 94 dólares. No pregão seguinte, a Radio subiu para 100 dólares e meio. Nesse dia, uma declaração do secretário do Tesouro, Andrew Mellon, recomendando aos investidores trocar ações por títulos do governo, foi parar em letras miúdas nos cadernos interiores dos jornais enquanto as invencionices sobre a RCA deram manchetes de primeira página.

Na sexta-feira de 15 de março, a Radio bateu 107 dólares. No sábado, 109 e ¼. Embora ninguém soubesse, a não ser seus integrantes, o *pool* se livrou de suas últimas ações nesse sábado.

Não foi o que aconteceu com a Liga de Cavalheiros do Union Industrial Bank, de Flint. Após tantas notícias favoráveis à RCA, e com o mercado demonstrando enorme força, nos últimos dias eles resolveram entrar de cabeça no papel. Só que, sem o apoio do *pool* e com o fim das notícias otimistas nos jornais, na segunda-feira, 18 de março, a Radio caiu para 101 dólares e, no dia seguinte, para 92 e meio.

No sábado, 23, os cavalheiros da Liga não tiveram outro remédio a não ser liquidar sua nova e desastrada posição, pois os corretores que os atendiam estavam exigindo reforços de margens. O preço médio de venda foi de 87 e ¼.

O rombo estava cada vez maior. E os defraudadores só tinham duas alternativas: se entregar à polícia ou partir para outra jogada. Após se reunirem na sala do Conselho, com os nervos em frangalhos, optaram pela segunda.

O lucro líquido do *pool* concebido por Michael Meehan foi de 4.924.078,68 de dólares, distribuído entre seus participantes proporcionalmente à participação de cada um. Embora quase todo mundo em Wall Street agora soubesse dos detalhes da puxada escandalosa, em 1929 isso contava como mérito, esperteza, jamais como patifaria. A Rua dividia os homens em duas categorias: espertos e otários.

20. A pitonisa do Carnegie Hall

Após acertar a fusão de seus negócios bancários na Costa Leste com a Blair and Company, Amadeo Peter Giannini, acompanhado de sua mulher Clorinda e de sua filha Claire, retornava à Califórnia de trem. Em cada parada, as últimas edições dos jornais locais eram levadas à cabine privativa de Giannini. Assim, ele pôde acompanhar o que acontecia de importante nos Estados Unidos e no mundo. As matérias que faziam referências à família eram recortadas e guardadas numa pasta por Clorinda.

Claire Giannini estava imersa em outros pensamentos. Alguma coisa em Elisha Walker a incomodava. Walker, responsável pela direção da Blair, agora seria o presidente da Bancamerica-Blair Company e *chairman* do comitê executivo do novo banco. Esses cargos fariam dele o segundo homem em importância do conglomerado, atrás apenas de seu pai.

Nas reuniões de Amadeo e Claire com Elisha em Nova York, ela o achara encantador e polido. Encantador demais, polido demais, subserviente, enfim, um bajulador que concordava com tudo o que A. P. dizia. Isso, na opinião de Claire Giannini, poderia estar encobrindo uma dissimulação. Mas ela não quis falar sobre o assunto durante a viagem. Deixaria para mais tarde, em casa. Não desconsiderava também a possibilidade de estar enganada a respeito de Elisha Walker.

Evangeline Adams era a mais famosa vidente da América. Em seu consultório no prédio do Carnegie Hall, em Nova York, ela se valia do estudo dos astros, de bolas de cristal, cartas de tarô e leitura de mãos. Ficara rica prevendo o futuro, principalmente o futuro do mercado de ações, cujas altas e baixas vinha acertando desde 1927.

A pitonisa de Wall Street se limitava a prever como o índice industrial Dow Jones, da Bolsa de Valores de Nova York, iria se comportar. Como o Dow praticamente não fazia outra coisa exceto subir, e era isso que ela quase sempre vaticinava, o percentual de acerto da vidente era enorme.

Na segunda-feira, 25 de março de 1929, o urso Jesse Livermore, tocaiado em seu retiro na Quinta Avenida, resolveu bater no mercado. Os integrantes do Conse-

lho da Reserva Federal, em Washington, encontravam-se reunidos havia vários dias. A demora, ao modo de ver de Livermore, só podia significar que seus membros estavam em desacordo. Como desacordo gera incerteza, e incerteza derruba as bolsas, Jesse deu início a uma sequência de vendas a descoberto.

Quando, às dez horas, o superintendente William Crawford bateu o gongo e deu início à sessão do dia, Livermore disparou pelo telefone para diversas sociedades corretoras uma saraivada de ordens de compra e de venda de papéis, de modo que ninguém podia saber a origem dessas ordens e mesmo se o especulador que as passava era um touro ou um urso. Sendo um ás em seu métier, Jesse Livermore, que sempre conseguia camuflar suas intenções, conseguiu vender na surdina, a descoberto, grandes lotes de ações, pois suas vendas superaram por larga margem as compras.

Como qualquer urso que se preze, Livermore foi dormir vendido. Se dormiu tranquilo ou se passou a noite insone, a história não registrou. O fato é que não poderia ter tomado decisão mais acertada.

No dia seguinte, terça-feira, persistindo a indecisão dos conselheiros do FED, as taxas de juros do *call money* (empréstimos dos bancos às corretoras para financiar os especuladores) haviam subido para 20% ao ano, o maior nível desde 1920. Quando o painel elétrico do recinto de negociações anunciou o novo patamar das taxas, as cotações desmoronaram. Em meio ao pânico, 8.246.746 ações mudaram de dono, de longe o maior volume da história da Bolsa até então.

Jesse Livermore recomprou os papéis que vendera na véspera, realizando um lucro de 200 mil dólares. O urso estava em plena forma.

Charles Mitchell, presidente do National City Bank, não gostou nem um pouco da baixa. Convocou uma coletiva de imprensa e criticou severamente a junta da Reserva na capital federal, embora ele mesmo fosse um dos diretores seniores do Federal Reserve Bank de Nova York.

"A partir de agora o FED de Nova York ignorará as instruções vindas do Conselho em Washington", anunciou Mitchell.

Daí em diante, uma séria divergência se estabeleceu entre as autoridades monetárias de Nova York e de Washington, que iria pesar nos trágicos acontecimentos do quarto trimestre de 1929.

Mitchell deixou bem claro para a imprensa, e, portanto, para o público, que o FED de Nova York e seu próprio banco, o National City Bank, dispo-

nibilizariam o dinheiro necessário para que os tomadores de empréstimo o usassem a seu bel-prazer, seja para comprar uma casa ou um carro novo, seja para jogar na Bolsa.

Embora a prática fosse proibida por lei, o National City especulava com suas próprias ações ou financiava terceiros para que o fizessem. Entre janeiro de 1928 e o final de março de 1929, as ações do banco haviam subido 150%, saindo de 785 dólares para quase 2 mil dólares, uma rentabilidade excepcional para os que não operaram alavancados e estratosférica para aqueles que o fizeram, usando dinheiro emprestado pelo próprio National.

A vidente Evangeline Adams continuava a fazer grande sucesso. Muitos investidores, inclusive corretores e operadores profissionais, a procuravam. Entre seus clientes estava Charles Schwab, magnata do aço, ex-presidente da United States Steel, de onde se transferira para a liderança da Bethlehem Steel. Antes de comprar ou vender qualquer título na Bolsa, Schwab consultava Evangeline. O mesmo fazia a rainha do cinema, Mary Pickford.

Para a arraia-miúda, que não tinha condições financeiras de consultá-la pessoalmente, Evangeline Adams editava um boletim mensal explicando como a mudança da posição dos planetas afetava o preço das ações. Cada um dos 100 mil exemplares do boletim era vendido por cinquenta centavos.

Os palpites de Evangeline não eram as únicas orientações desprovidas de lógica seguidas pelos investidores e especuladores americanos. Outros serviços, sistemas e doutrinas os mais estapafúrdios eram obedecidos à risca. Uma dessas doutrinas se baseava na crença de que nenhum *bull-market* poderia entrar em colapso em um mês que não tivesse um "R" no nome. Outra estabelecia que o comportamento das ações dependia da posição do sol. Havia também a Teoria da Ostra, que demonstrava por A + B que o mercado sempre atingia seu pico na estação das ostras.

Nenhum desses métodos se equiparava em número de adeptos aos conselhos de Evangeline Adams. Dizia-se que o próprio John Pierpont Morgan pai, falecido em 1913, não fazia negócios sem consultá-la.

Certa vez, ainda segundo rumores jamais investigados, o venerando financista fizera um investimento de 100 milhões de dólares simplesmente porque a astróloga lhe dissera que Áries estava em posição favorável em relação ao sol. De acordo com os adeptos da vidente, J. P. obtivera um lucro tão

grande com a aplicação dos 100 milhões que levara Evangeline em seu iate para um extenso cruzeiro particular, no qual o magnata se esmerou em descobrir "os métodos científicos" usados por ela. Se encontrou uma resposta para seus questionamentos, Morgan a guardou para si.

Alguns integrantes da realeza europeia também consultavam Evangeline regularmente. Quanto mais ela cobrava, mais sua fama crescia. E acabou se tornando uma autora de profecias autorrealizáveis.

"Vai subir", a astróloga do Carnegie vaticinava. Todos compravam e o mercado subia mesmo. O mesmo acontecia na baixa.

As paredes da antessala de Evangeline Adams eram decoradas com retratos autografados de alguns de seus clientes mais célebres, entre eles o tenor Enrico Caruso (Peixes), John Pierpont Morgan pai e Mary Pickford (ambos Áries) e Charles Schwab (Aquário), cuja foto ampliada ocupava uma parede inteira.

Evangeline Adams previa sua própria morte para 1932. Em meados do primeiro trimestre de 1929, ela estava pesadamente comprada em ações e pretendia continuar assim por um bom tempo, tal como recomendava aos seus consulentes. Aqueles que entravam em sua sala como ursos saíam metamorfoseados em touros.

"As taxas dos *call loans* vão subir em breve. O mercado vai cair e isso será uma ótima oportunidade de compra. Não perca." Ela concluía sua sessão erguendo-se da cadeira para indicar ao cliente que a consulta estava encerrada.

Numa suíte do agora condenado hotel Waldorf-Astoria, cujo prédio iria ser demolido para dar lugar ao Empire State Building de John Jakob Raskob, um grupo de mulheres de todas as idades se reunia. Sentadas em sofás e poltronas que formavam um círculo, as senhoras e senhoritas discutiam apenas um assunto: ações. Era apenas um dos milhares de clubes femininos de investimentos semelhantes que se espalhavam por todo o território dos Estados Unidos.

De quando em vez um garçom, o único personagem masculino permitido na suíte, entrava trazendo bandejas com café, drinques e delicados sanduíches de pepino e punha tudo sobre uma mesa de centro, retirando-se em seguida com a louça usada.

Fumando cigarros turcos da moda, na ponta de longas piteiras, elas discutiam lucros, dividendos, fusões, aquisições e formações de novos consórcios e *pools*. Uma *ticker-tape* num canto do aposento, com seu matraquear,

trazia os últimos negócios da Bolsa. Os números eram anotados em um quadro-negro por duas moças que usavam guarda-pós azuis.

"A Radio está começando a se mexer", observava uma das investidoras, apontando para o quadro. "Acho que é hora de comprar."

"Vejam a Steel (United States Steel)", dizia outra. "Vocês não acham que está barata? Meu mari... eu fiquei sabendo que eles vão dar mais uma bonificação. Já a Copper (Anaconda Copper) está cara. Será que não vale a pena vendê-la a descoberto?"

"Eu jamais faço isso", revelou uma terceira. "Para baixo tem limite. Para cima é o infinito. Além disso, acho impatriótico."

Um murmúrio de aprovações e desaprovações seguiu-se aos comentários. A reunião esquentou e elas gostavam disso. Fazia com que se sentissem *traders* profissionais.

A sociedade de consumo americana, aquela em que todos seriam ricos, se aproximava de seu auge. Na classe média, cada vez maior, as famílias se sentiam obrigadas a possuir um carro, um aparelho de rádio, uma geladeira, uma máquina de lavar roupa, banheiro com água corrente e sistema de aquecimento para enfrentar o inverno. Mais do que isso: não bastava ter o carro ou a lavadora. Era preciso que fosse o último modelo, para não despertar o falatório depreciativo dos vizinhos.

Pagar não era problema; os bancos financiavam. Prazos de hipotecas eram ampliados, linhas de crédito, aumentadas. Fazia-se tudo para a economia dos Estados Unidos crescer mais e mais.

De vez em quando surgia alguma pessoa mais sensata para mostrar a realidade que os americanos viviam. No dia 8 de março de 1929, por exemplo, o respeitado banqueiro judeu nova-iorquino Paul Warburg, do International Acceptance Bank, alertou a respeito do grande risco que os investidores estavam correndo ao aderir sem freios à orgia alavancada na Bolsa, cujas cotações subiam havia cinco anos, com apenas algumas interrupções.

"Se a Reserva Federal", declarou Warburg, "não adotar uma política monetária enérgica que ponha um dique na especulação desenfreada, vamos ter um colapso desastroso. Os perdedores não serão apenas aqueles que investem em ações, mas o país inteiro. Poderemos ter uma depressão geral".

O mínimo que os touros disseram de Paul Warburg era que se tratava de um homem antiquado que estava "entravando a prosperidade norte-ame-

ricana". Outros o acusaram de estar vendido a descoberto na Bolsa. Como o mercado continuava subindo, as críticas se transformaram em chacotas, entremeadas de antissemitismo.

Com a chegada da primavera, a *ticker-tape* da Bolsa de Valores de Nova York já não conseguia acompanhar o andamento dos negócios. Atrasos de 45 minutos tornaram-se rotina. Nas corretoras de valores de todo o país, os investidores e especuladores passaram a operar em voo cego, comprando e vendendo sem saber o preço na hora.

Só que, para a maioria deles, isso não representava um entrave. Pessoas que se orientavam por videntes, por bolas de cristal, pela temporada das ostras ou por letras nos nomes dos meses bem que podiam operar no escuro. Bastava comprar, à vista ou a termo, pois o mundo era definitivamente dos touros. A não ser, é claro, que a Reserva Federal, em Washington, fizesse prevalecer sua ideia de dificultar os financiamentos para o mercado de ações.

21. Penetra na Casa Branca

Casados havia 21 anos, o megaespeculador Billy Durant e sua segunda mulher, Catherine, continuavam apaixonados um pelo outro. Uma das razões pelas quais o casal vivia tão bem era o fato de que ela tolerava todas as excentricidades do marido. Que não eram poucas.

Não raro Billy saía à noite do apartamento em que viviam, no número 905 da Quinta Avenida, com magnífica vista para o Central Park, para disputar uma partida de xadrez com o cabineiro do elevador do prédio — enquanto os dois subiam e desciam transportando os usuários —, ou então passar um fim de semana ausente de casa numa maratona de pôquer, em cuja mesa era capaz de apostar 10 mil dólares numa única mão de cartas.

Para aquele dia Durant tinha planos especiais, dos quais apenas Catherine tomara conhecimento. Ele viajaria de Nova York a Washington para discutir aspectos do mercado de ações com o presidente Herbert Hoover. O detalhe curioso era que não se dera ao trabalho de telefonar solicitando uma audiência.

"Hoover é meu amigo", pensava Billy, "e não vai deixar de me receber".

Em vez de ir para a estação ferroviária com seu chofer, Billy Durant, para preservar o sigilo, pegou um táxi. No início da tarde, já em Washington, se hospedou no Hotel Carlton. Naquela noite, sem que Durant soubesse, Hoover seria anfitrião de um jantar para as figuras mais importantes do Poder Judiciário Federal.

Pouco depois das nove da noite, Billy Durant, vestindo um terno cinzento escolhido por Catherine, seguiu de táxi para a Casa Branca. Embora três presidentes dos Estados Unidos — Abraham Lincoln, James Garfield e William McKinley — tivessem sido assassinados, a segurança do palácio era precária. Quando os guardas de um dos portões viram o táxi que conduzia Durant se aproximar, julgaram que se tratava de um dos convidados para o jantar. Sem pedir nenhuma identificação, fizeram sinal para que o carro seguisse para o pátio.

Mais adiante, já na entrada do prédio, um porteiro negro se dirigiu ao táxi. Perguntou o nome do passageiro e constatou que não havia nenhum William Crapo Durant na lista de convidados.

"Eu sou o senhor Billy Durant", disse o próprio. "Desejo ver o presidente. Vá chamar o mordomo."

O tom de comando de Durant foi tão incisivo que o porteiro, pedindo para que o visitante aguardasse ali na porta, entrou. Poucos minutos depois, voltou com o mordomo, um homem vestindo casaca e luvas brancas e que olhou arrogantemente para Billy Durant.

"William Durant, para ver o presidente."

Billy tinha uma maneira toda especial de lidar com criados esnobes. Deu certo. O mordomo, intimidado, voltou para o interior do prédio e retornou com o secretário particular de Hoover.

"Senhor Durant, o financista?", indagou o secretário.

"Sou eu mesmo. Trata-se de um assunto importante e inadiável, de interesse do país. Agora vá até Hoover e diga-lhe que seu amigo Billy Durant está aqui e deixe que ele decida se quer me receber ou não."

"Mas ele está no meio de um jantar com..."

William Durant não deixou que o homem prosseguisse.

"Faça o que eu disse. Vá e chame o presidente. Hoover ficará muito grato com o que vou lhe dizer."

Enquanto o secretário, entre perplexo e indeciso, sumiu lá para dentro, o mordomo encaminhou Durant para uma sala de espera.

Para surpresa dos serviçais, minutos depois Herbert Hoover veio até onde Durant o aguardava.

"Billy", disse Hoover. "É melhor que isso seja mesmo importante. Eu abandonei meus convidados."

Em pouco mais de dez minutos William Crapo Durant explicou ao presidente Herbert Hoover que se o Conselho da Reserva Federal continuasse insistindo em controlar os empréstimos para compra de ações (*call loans*), um colapso na Bolsa de enormes proporções seria inevitável.

"Impedir isso ou não depende exclusivamente de você", Billy disse a Hoover.

Sem fazer nenhum comentário, Herbert Hoover agradeceu o alerta de Durant e voltou para seus convidados. Mas o especulador saiu da Casa Branca certo de que impressionara o presidente e que este tomaria algum tipo de atitude, mesmo sendo a Reserva Federal uma instituição autônoma.

Hoover confiava muito na competência de Durant. Por isso, transmitiu como se fossem seus os temores do financista de Nova York ao presidente do Conselho da Reserva, Roy Young, que não quis assumir os riscos de um crash

na Bolsa. Após consultar seus colegas, a Reserva abandonou a ideia de cercear os *call loans*, tal como vinha insistindo Charles, *chairman* do National City Bank e diretor da Reserva em Nova York.

Até o momento o *boom* de 1929 estava salvo. Haveria dinheiro farto para a orgia da especulação alavancada, pois todas as cancelas estavam abertas para o expresso desembestado do *bull-market*.

22. Um engraxate bem-informado

Jack Morgan fazia questão de que os executivos da J. P. Morgan, além de estarem sempre impecavelmente trajados, mantivessem seus sapatos limpos e reluzentes. Para os sócios e diretores da firma, isso não era problema. Mandavam engraxá-los em casa e, como iam para o trabalho em limusines, não ficavam expostos a poças, à lama da neve fora de época daquele início de abril e a pisões de terceiros.

O mesmo não acontecia com Charlton MacVeagh, filho de Charles MacVeagh, o embaixador dos Estados Unidos no Japão, e noivo de Adele, filha de Edwin Merrill, presidente do Bank of New York. Charlton ia de metrô, sempre superlotado na hora do *rush* matinal, da rua 57, onde ficava seu apartamento, até Wall Street.

Para chegar com os calçados totalmente limpos no escritório, MacVeagh parava todas as manhãs na banca de engraxate de um jovem de 19 anos, Pat Bologna, situada no número 60 de Wall Street, a pouco mais de um quarteirão da Casa Morgan. Por um *dime* (dez centavos), Bologna fazia um sapato parecer novo em folha. E, muito mais do que isso, provia seus clientes com as dicas e boatos que influenciariam a Bolsa naquele dia.

Pudera. Pat Bologna era engraxate de Ben Smith — um dos chefões da W. E. Hutton —, de Joseph Kennedy, de Charles Mitchell e de Billy Durant, além de diversos outros banqueiros, investidores e especuladores do primeiro time da Rua.

De cada um que sentava na cadeira de sua banca, Bologna pedia conselhos sobre o mercado de ações e depois repassava as indicações para os demais, que também davam seus pitacos. Sem exagero, podia se afirmar que Bologna formava o consenso do mercado para a sessão do dia. Muita gente até dava uma lambuzadinha no sapato só para ter o pretexto de parar lá.

Bologna, evidentemente, não trabalhava só pelos *dimes*, por mais numerosos que fossem. Dentro de suas limitações financeiras, baseava-se nas dicas que recebia para se valer de *call loans* com os quais negociava uma grande variedade de ações. E jamais deixava de jactar-se com seus fregueses quando conseguia cavalgar uma vencedora. Assim foi aumentando sua fama.

Nos últimos oito anos, George Whitney, um dos sócios seniores da Morgan, estava envolvido em uma operação no mínimo pouco profissional. George vinha emprestando vultosas quantias a seu irmão Richard, vice-presidente da Bolsa de Valores de Nova York.

Os primeiros empréstimos, feitos em 1921, tinham sido pequenos. E foram acompanhados de aulas de George para Richard sobre os princípios de administração de recursos, aulas essas que de pouco adiantaram. Além de incompetente como *trader*, Richard Whitney era um perdulário. Isso não impediu que o irmão continuasse a abastecê-lo de dinheiro.

Em 1928, Richard recebeu 100 mil dólares da Morgan, supostamente para comprar uma casa. Mas o dinheiro foi alavancado na Bolsa em operações com margens. Deu tudo errado e agora Richard Whitney já devia à Casa Morgan quase 600 mil dólares, o que não o impediu de solicitar mais 175 mil, desta vez para investir em uma empresa de fertilizantes na Flórida, um dos papéis mais especulativos do mercado. Novamente George cedeu, dessa vez para que o irmão não se tornasse inadimplente e o rombo não fosse descoberto na firma. Só lhe restou rezar para que Richard estivesse certo em seu palpite.

Como seria de se supor, os 175 mil viraram pó. Só que Richard Whitney pediu mais. Precisava de meio milhão de dólares para comprar um assento adicional da Bolsa de modo a expandir sua firma. Mais uma vez George topou a parada e o débito de Richard subiu para 1,375 milhão de dólares, nada que pudesse arranhar os cofres abarrotados da J. P., mas o suficiente para uma demissão sumária de George se os demais sócios da Casa soubessem o que estava acontecendo. Só havia uma solução: tentar recuperar o dinheiro emprestando mais.

"Em algum momento", achava — ou pelo menos torcia — George Whitney, "isso vai ter de dar certo".

Uma das razões pelas quais o débito sem lastro de Richard Whitney com a Casa Morgan ainda não fora descoberto era que, de acordo com a política da companhia, nenhum auditor podia examinar seus balanços contábeis. A J. P. Morgan and Company era a mais fechada das empresas. Não devia, nem dava satisfações a ninguém.

Com a data do noivado de Charlton MacVeagh e Adele Merrill marcada, a preocupação de Adelaide, mãe da noiva, se concentrava na festa que iria acontecer no Colony Club no dia 26 de abril. Enquanto isso, em Flint, Michi-

gan, os detalhes de outro noivado estavam sendo discutidos. O curioso é que, nesse segundo caso, nem a noiva nem o noivo tinham conhecimento do fato.

Após o café da manhã, Barbara e Andrew, mãe e padrasto da jovem Jolan Slezsak, ainda em seus 15 anos, mandaram a garota sair de casa com seus irmãos mais moços, Frank e Margaret. Era para eles darem uma longa caminhada pelas florestas além da cidade, pois o casal tinha alguns assuntos importantes de adultos para conversar.

Quando Jolan voltou para casa com os irmãos, o reluzente Chevrolet do senhor Goldberger, advogado da comunidade húngara de Flint, estava estacionado na porta. No mesmo instante, como se estivesse esperando por Jolan, Goldberger saiu da casa, tirou de um dos bolsos do colete um *quarter* (moeda de 25 centavos) e o deu para as duas crianças menores irem comprar balas no armazém da esquina. O advogado então pegou Jolan pela mão e a levou para dentro da casa, onde cinco pessoas se reuniam em volta da mesa da sala de estar: Andrew e Barbara, outro casal mais ou menos da mesma idade e um jovem. Todos pareciam ansiosos.

Jolan viu que o rapaz era filho do casal, pois tinha as maçãs do rosto iguais às da mãe e as mesmas sobrancelhas espessas do pai. O jovem examinava Jolan com curiosidade e isso fez a orelha da moça enrubescer e a pele formigar.

Goldberger sentou-se na cabeceira da mesa e pôs Jolan ao seu lado. Virou-se para ela e fez as apresentações:

"Jolan, estes são o senhor e a senhora Vargo e o filho deles, Steve."

O casal Vargo limitou-se a um aceno de cabeça para a garota. Já Steve sorriu, impressionando Jolan com sua dentição branca e perfeita. Ela concluiu que se tratava de um bom rapaz. Então se lembrou de que já o vira outras vezes. Steve e sua família moravam a umas dez quadras de distância. Jolan indagou-se sobre a razão de eles estarem ali. Estando o advogado presente, só poderia ser algo importante.

Goldberger virou-se para Steve e perguntou:

"Você tem 19 anos?"

"Sim, 19."

"Trabalha na Buick?"

"Sim, na Buick."

"Há quanto tempo?"

"Três anos."

Steve Vargo não parecia se importar nem um pouco com o interrogatório, como se estivesse esperando por ele.

"Quanto você ganha?"

"Sessenta e seis centavos por hora."

Barbara, mãe de Jolan, resolveu interromper os prolegômenos e ir direto ao que interessava e que já havia sido decidido pelos adultos enquanto Jolan passeava na floresta. Olhou a filha nos olhos e disse:

"Você e Steve irão se casar."

Todos os olhos se fixaram em Jolan Slezsak para sentir a reação da moça, que não foi pequena. Agora a vermelhidão passara para todo o corpo. O advogado Ephraim Goldberger interpretou isso como uma aprovação:

"Casados!", proclamou, dando um salto da cadeira. "Vocês terão uma boa vida juntos", concluiu.

Andrew, o padrasto, pegou a deixa.

"Eles poderão se casar no outono", decidiu. "É uma boa época."

Todos os adultos concordaram. Nenhum deles se deu ao trabalho de olhar para os noivos. Se tivessem feito isso, teriam percebido que Steve não deu um pio. Jolan se sentiu tratada como um saco de batatas, mas não se aborreceu quando Goldberger lhe deu umas palmadinhas na cabeça.

"Estou certo de que vocês dois serão muito felizes. Vou agora deixar os detalhes para os pais. Tenho outras coisas a fazer."

Com um aceno geral de cabeça para todos, e uma reverência especial para as mulheres, o advogado levantou-se e deixou a sala em direção ao seu carro.

Perplexa, entorpecida, a jovem ouviu sua mãe e a senhora Vargo discutindo detalhes do casamento. Do "seu" casamento, com um rapaz que conhecia apenas de vista e do qual sabia apenas que tinha 19 anos e que trabalhava na Buick. Jolan sentiu uma vontade enorme de chorar. Percebendo-o, Steve se aproximou dela:

"Quer tomar um sorvete de baunilha? Tem um ótimo ali na lanchonete da esquina."

Jolan sorriu de pura felicidade. Baunilha era seu sabor preferido.

Na última vez em que o médico examinara Gladys — mulher de Homer Dowdy, o carteiro de Flint —, chamou Homer para uma conversa em particular após a consulta. Os dois sentaram-se à mesa da cozinha, ao redor de um bule de café e duas canecas.

“Ela está muito doente, Homer. Muito doente.” A fisionomia séria do profissional não traía sua sinceridade.

Pouco mais tarde, Homer conversou com Gladys sobre a possibilidade de sacar o dinheiro da poupança que o casal tinha no Union Industrial Bank. Assim, poderia levá-la ao melhor especialista de Detroit.

Gladys não concordou.

“Nosso médico está fazendo o melhor possível”, ela disse tristemente. “Guarde o dinheiro para as crianças, quando eu me for.”

Joe Kennedy via com cada vez mais pessimismo o mercado de ações. Durante anos a Bolsa vinha subindo sem parar e agora parecia a Joe que as pessoas aplicavam seu dinheiro sem sequer se dar ao trabalho de analisar os títulos que adquiriam, a maioria tomando dinheiro emprestado dos bancos, dando como garantia os próprios papéis e ficando sujeitas a chamadas de margem.

Era crença quase geral que o mercado jamais cairia, podendo no máximo permanecer estável. Consciente da estupidez de tal avaliação, Kennedy vinha aos poucos vendendo sua carteira.

Por volta das oito e meia da manhã, Grant Brown, presidente do Union Industrial Bank, iniciou uma inspeção na sede do banco, em Flint.

Brown desconhecia totalmente as falcatruas praticadas por vários dos integrantes de seu *staff* que se autodenominavam Liga de Cavalheiros. Brown vinha se descuidando do Union Industrial por viver em permanente lua de mel com sua nova mulher, Marie. Para seu pesar, ouvia rumores de que o mesmo não acontecia com o *chairman* do banco, Charles Mott, que enfrentava problemas em seu casamento com a jornalista Dee Van Balkom Furey. Mas o presidente não se sentia íntimo o bastante do *chairman* para indagar sobre sua vida conjugal.

De vez em quando Robert, filho do primeiro casamento de Brown, e já adulto, dizia ao pai que o fato de Charles Mott raramente visitar Flint, passando a maior parte do tempo em Detroit, era bom para o quadro de funcionários do Union, que se sentia inibido com a presença do *chairman*. Robert Brown, um dos caixas da instituição, participava ativamente da quadrilha que assaltava as contas dos clientes para jogar na Bolsa.

Enquanto inspecionava os diversos setores do banco, Grant Brown pôde ver seu filho, vestindo um colete preto de alpaca, no interior de seu boxe

gradeado, o penúltimo da fila de caixas, conferindo os 10 mil dólares em cédulas e moedas que o tesoureiro Elton Graham, outro cavalheiro da Liga, lhe entregara para as atividades do dia.

Logo adiante Grant Brown viu um dos vice-presidentes, Frank Montague, curvado sobre sua mesa. Brown estava considerando a possibilidade de conceder uma promoção a Montague — seu amigo e a quem admirava muito —, quem sabe para gerente de uma das agências. Tal como no caso de seu filho, Grant Brown não tinha a menor noção de que Frank era um dos mais ativos do grupo de defraudadores.

Com cada funcionário por quem passava em sua vistoria, Brown trocava amabilidades, nem que fosse um comentário sobre o tempo ou votos de um bom dia de trabalho. Fez isso com os caixas, com os escriturários e com os guardas de segurança.

Exatamente às nove horas as portas do banco foram abertas e os clientes começaram a chegar, num fluxo que duraria o dia todo. Grant Brown foi para sua mesa, onde ficou até o meio-dia, hora em que saiu para almoçar em casa, hábito que adquirira após se casar com Marie. Resolveu não voltar depois do almoço. Passou suas funções para o vice-presidente sênior, John de Camp, também integrante da Liga de Cavalheiros, em quem Brown confiava cegamente, tanto no sentido literal como no figurado do advérbio.

Os integrantes da gangue ficavam felizes quando Brown saía, pois temiam que algum acontecimento, por mais insignificante que parecesse, pudesse fazê-lo ficar desconfiado das falcatruas. Afinal de contas, as somas desviadas das contas dos clientes já eram vultosas e envolviam muita gente para adulterá-las. Frank Montague, por exemplo, achava que era apenas uma questão de tempo as fraudes serem descobertas.

Já o tesoureiro assistente, Ivan Christensen, não compartilhava dos temores de Montague. Ele achava que era possível manipular os números sem que pessoas de fora do grupo tomassem conhecimento. A não ser, é claro, que alguém da Liga fraquejasse e cometesse um ato de indiscrição ou que eles continuassem a perder dinheiro na Bolsa e a situação se tornasse insustentável. Havia também a possibilidade de uma visita inesperada de uma equipe de auditores ao banco que os colhesse de surpresa. Só que a Liga tinha algumas estratégias preparadas para essa hipótese.

Os auditores ficavam baseados em Lansing, a oitenta quilômetros de distância. Quando faziam a viagem entre as duas cidades, ao chegarem a Flint,

iam primeiro almoçar. Sempre no Durant Hotel. Só depois disso se dirigiam ao Union Industrial Bank para a inspeção dos registros contábeis. Então, bastava a Liga ter um mensageiro do hotel como espião para não serem pegos desprevenidos.

No dia em que o presidente do Industrial trabalhou no banco pela manhã e depois foi almoçar em casa com Marie, os auditores chegaram. Minutos depois, o espião chegou esbaforido ao Union:

"Os homens estão na cidade, no restaurante do Durant", o mensageiro deu o recado.

Os auditores não eram muito diligentes em seu trabalho, mas gostavam muito da fartura do almoço do hotel. Por isso demoraram duas horas antes de ir para o banco. Foi o tempo que os conspiradores da Liga tiveram para "trabalhar" os livros para que estivesse tudo OK na hora da visita.

Por volta das quinze horas os inspetores chegaram ao Union Industrial. Foram cortesmente recebidos pelo vice-presidente De Camp e pelo tesoureiro Christensen.

Percebendo que Frank Montague estava assustado, Ivan Christensen passou por ele e o tranquilizou:

"É apenas uma inspeção de rotina. Não há motivo para preocupações."

Se a Liga de Cavalheiros era incompetente para operar no mercado de ações, o mesmo não acontecia quando se tratava de adulterar os números das contas dos clientes do banco. Tanto é assim que, ao final da inspeção, o chefe dos auditores deu seu veredito:

"Os livros estão todos em ordem. Parabéns!"

23. O verdadeiro ano de 1929

Após uma infância e uma adolescência miseráveis, James Riordan conseguira, com enorme sacrifício, graduar-se em uma universidade e subir na vida graças a sua aptidão para negócios e facilidade em fazer amigos. Estes agora incluíam John Jakob Raskob, o incorporador do Empire State Building, ele também de origem pobre; Joseph Kennedy, assim como diversos integrantes dos clãs Rockefeller e Astor e de outras famílias ilustres. James se dava bem com todos sem que isso o impedisse de ter também amigos humildes como o porteiro de seu prédio e o manobrista de sua garagem.

Além de participar de diversos empreendimentos, James Riordan era presidente da pequena, mas sólida, New York County Trust Company, com sede em Greenwich Village, um banco cujos depósitos haviam subido de quatro para 20 milhões de dólares em apenas três anos.

Todos gostavam de James. Ele era isento de preconceitos religiosos, sociais e políticos. Embora católico praticante, tinha vários judeus e protestantes em seu vasto círculo de amizades.

Riordan era um dos convidados que John Raskob recebia para um jantar especial em seu apartamento na Carlton House. Os dois brindaram com dry martínis os maus e velhos tempos passados em cortiços e guetos, esperando que nunca mais se repetissem. Brindaram também às crianças de ambos, as onze de Raskob e as quatro de Riordan — James, Robert, Florence e Elizabeth —, que ajudavam, com sua alegria, o pai, viúvo desde 1917, a se sentir um jovem aos 48 anos.

“O dinheiro é que tem de trabalhar para você, nunca você para o dinheiro”, John Raskob certa vez dissera para Riordan, que jamais esqueceu o conselho. Os dois tinham acabado de dar uma tacada no *pool* da Radio, para o qual tinham sido convidados pelo galês Michael Meehan, o especialista da RCA no pregão da Bolsa de Valores de Nova York.

Após o jantar, e durante o conhaque, Raskob e Riordan voltaram a conversar a sós. Falaram sobre a subscrição de 40 milhões de dólares que a United States Steel estava oferecendo ao mercado, sobre a compra do Nassau National Bank por Amadeo Peter Giannini, sobre o retorno de Joe Kennedy a Nova York e sobre as críticas de Charles Mitchell e de Billy Durant ao Conselho

da Reserva Federal, Mitchell e Durant acusando a instituição de forçar para cima as taxas de juros, arriscando o país a entrar num período de recessão.

Já embalado pelas bebidas, John Raskob sentiu-se tentado a confidências. Pegando Riordan pela mão, levou-o até seu estúdio, numa ala afastada do apartamento. No chão, havia um objeto comprido e pontiagudo coberto com um pano.

Como se fosse um mágico no clímax de um número, Raskob ergueu o pano de um só golpe e exibiu ao amigo uma maquete do Empire State.

"Quinta Avenida, 350, entre 33 e 34 Oeste", limitou-se a dizer John Raskob.

Tal como acertado, a festa de noivado de Adele Merrill e Charlton MacVeagh acontecera no Colony Club, na Park Avenue, na sexta-feira, 26 de abril, com a presença de toda a Nova York que interessava. Para aborrecimento de Charlton, cada convidado que seu futuro sogro lhe apresentava fazia a mesma pergunta:

"É verdade que você trabalha na J. P. Morgan?"

Como se a pessoa não estivesse cansada de saber.

MacVeagh se via forçado a discutir assuntos do mercado financeiro quando a única coisa que queria era ficar com Adele. O mesmo acontecia com ela, que estava sendo obrigada pela mãe, Adelaide Merrill, a conversar com um monte de gente importante de quem a moça jamais ouvira falar.

Do que Adele gostou mesmo foi da presença de seus futuros sogros, que haviam vindo diretamente de Tóquio, onde eram embaixador e embaixatriz dos Estados Unidos da América.

"Eu sempre quis ter uma filha como você", disse a sra. MacVeagh, emocionando Adele e quase a levando às lágrimas.

Michael Meehan sentia-se altamente desconfortável. Seis semanas após o enorme sucesso do *pool* da Radio, já encerrado, uma operação similar, da Anaconda Copper, que começara muito antes, patinava em prejuízo, apesar do apoio financeiro de Percy Rockefeller, John Raskob e Billy Durant. Os gerenciadores da puxada, Bragg e Smith, não conseguiam impedir a queda das ações na Bolsa.

O *pool* fora formado através da compra, por parte de seus integrantes, de 200 mil ações da Anaconda ao preço médio de 170 dólares cada uma. Logo de saída elas subiram para 174 dólares. E então começaram a cair. Havia razões de sobra para isso. O preço do cobre baixara de 24 para 18 centavos por libra-

-peso. Com isso, os papéis da Anaconda passaram a ser negociados em média a 160 dólares, gerando um prejuízo de 2 milhões de dólares para os puxadores.

Pragmáticos e calejados, os integrantes do *pool* optaram por um *stop loss* (liquidar uma operação com prejuízo antes que as perdas se avolumem). E foi o que fizeram. Quando as 200 mil ações se juntaram aos lotes que estavam sendo vendidos por acionistas decepcionados com a queda do cobre, a desvalorização da Anaconda foi ainda maior.

Não foi a primeira vez, e com certeza não seria a última, que um *pool* fracassava, mesmo com o *bull-market* a pleno vapor, encorajado por uma declaração supostamente em *off* do secretário do Tesouro, Andrew Mellon, de que "não considerava os preços das ações perigosamente altos". Mellon sabia que sua confidência sairia em todos os jornais, o que realmente aconteceu.

Alexander Noyes, editor financeiro do *The New York Times*, um dos mais respeitados jornalistas de economia dos Estados Unidos, continuava convicto de que a alta da Bolsa se aproximava do fim e o dizia abertamente em seus comentários no jornal. Isso fazia de Noyes um dos maiores inimigos dos touros.

"Derrotista, é o que ele é", acusavam seus detratores, quando não diziam coisa pior: "Deve estar vendido a descoberto. Só pode ser um urso, aquele pilantra. O jornal deveria despedi-lo."

Cicatrizada a ferida da Anaconda, Michael Meehan estava com novas ideias na cabeça. Pretendia estabelecer uma filial de sua sociedade corretora no luxuoso vapor de passageiros *Berengaria*, que fazia a rota entre Nova York e a Europa. Como sempre havia muitos milionários a bordo, Meehan achava que o empreendimento seria um sucesso. Tanto foi assim que prometeu pagar à linha Cunard, proprietária e operadora do navio, 100 mil dólares por ano pela exclusividade.

Meehan submeteu sua proposta de uma corretora flutuante ao Conselho de Governadores da Bolsa de Valores de Nova York. Para pressionar seus integrantes, ele usou a influência do vice-presidente da Bolsa, Richard Whitney, e de David Sarnoff, vice-presidente executivo da RCA, o pai dos serviços de telégrafo sem fio e de rádio na América, seu amigo havia longo tempo e a primeira pessoa a dar notícia do naufrágio do *Titanic*, dezessete anos antes. Por sinal, recentemente a sra. Sarnoff obtivera um lucro de 58 mil dólares no *pool* da Radio sem pôr um centavo sequer na operação.

David Sarnoff seria de extrema importância caso a corretora flutuante fosse aprovada, pois caberia à RCA montar o serviço de telegrafia no *Berengaria* para que as ordens de compra e venda pudessem ser executadas na Bolsa de Nova York sem demora, assim como não poderiam demorar as confirmações dessas ordens para os passageiros.

O potencial do serviço de corretagem flutuante proposto por Meehan agradou tanto a Sarnoff que ele prometeu designar para o navio Arthur Costigan, considerado o telegrafista mais rápido do mundo.

Como o Conselho da Bolsa aprovou a ideia, Michael Meehan e David Sarnoff passaram a trabalhar no projeto.

Na quinta-feira, 9 de maio de 1929, as ações fizeram um novo pico em Nova York. Era o *bull-market* em sua robustez. Naquele dia, as ações da General Motors, de Charles Mott, foram o grande destaque nas negociações. O dinheiro continuava fluindo para Wall Street.

A participação das mulheres no mercado era cada vez maior, tanto comprando à vista como negociando a prazo através de empréstimos bancários, ou até mesmo vendendo a descoberto, como faziam os ursos profissionais. Um artigo publicado em abril pela revista *The North American Review* dissera que elas "haviam se tornado habilidosas praticantes do mais emocionante jogo capitalista inventado pelo homem".

Muitas descobriam que podiam ficar ricas sem depender dos respectivos maridos.

Com poucas exceções, a imprensa adorava a alta do mercado. Jornalistas recebiam propinas para escrever artigos favoráveis a determinadas empresas. Entre eles estava um colunista do *Daily News* que usava o pseudônimo de *The Trader*. Um comentarista de rádio, William J. McMahon, recebia 250 dólares por semana, em dinheiro vivo, de David M. Lion, um manipulador de ações. Obviamente McMahon elogiava os papéis que Lion tinha acabado de comprar e, como ninguém é de ferro, adquiria alguns títulos da mesma empresa para si próprio.

Como as previsões de Alexander Noyes, do *Times*, de que um crash estava a caminho nunca se materializavam, ele começou a ser ridicularizado pelos colegas.

Os touros recebiam tratamento VIP da mídia. Um deles, Bernard Baruch, em entrevista publicada pela *The American Magazine*, declarou que nenhum urso possuía casas na Quinta Avenida.

Alguns acadêmicos não ficavam atrás em otimismo. O professor Joseph Stagg Lawrence, da Universidade de Princeton, por exemplo, perguntou em um artigo: “Onde estão os sábios que se julgam autorizados a vetar o julgamento dessa multidão inteligente que aplica na Bolsa?”

Os Giannini estavam de volta a Nova York. O motivo anunciado da viagem era o de consolidar sua aliança com a Blair and Company. Mas Claire, filha de Amadeo, sabia que a razão pela qual seu pai voltava da Califórnia era para verificar se havia veracidade nas informações confidenciais, dadas por alguns auxiliares italianos que estavam com ele havia muito tempo, de que Elisha Walker vinha se comportando de modo extremamente arrogante em sua nova posição como presidente da Bancamerica-Blair Corporation.

Tal como sempre acontece nos grandes *bull-market*s — e o de 1929 foi o maior de todos os tempos — as ações não sobem linearmente. Os investidores e especuladores ficam extremamente sensíveis às notícias boas e ruins e o mercado passa a oscilar muito.

Na segunda-feira, 27 de maio, houve um tombo na Bolsa. A General Electric, por exemplo, caiu 13 e ¼ pontos. Nesse dia, mais de duzentas ações fizeram suas mínimas do ano.

Quando tudo parecia indicar que o *boom* chegara ao fim, o mercado voltou a disparar morro acima. Os ursos, vendidos a descoberto, entraram em pânico e cobriram suas posições.

Apesar da nova alta, Amadeo Peter Giannini estava convicto de que as ações estavam sendo cotadas a preços muito mais altos do que o seu valor real. O mesmo achava seu amigo, o banqueiro Paul Warburg.

Nem Giannini, nem Warburg, nem os touros e ursos mais celebrados podiam imaginar que nos próximos meses a Bolsa iria sofrer oscilações jamais imaginadas.

O verdadeiro ano de 1929, com todas as suas loucuras e tragédias, ainda não começara de verdade. Os momentos de maior euforia e dramaticidade ainda estavam por vir.

24. Palavra de banqueiro

Quinta-feira, 30 de maio de 1929. Uma multidão se aglomerava na calçada oposta à do número 10 da Downing Street, residência oficial do primeiro-ministro britânico. Havia dois grupos distintos. O menor deles era composto de jovens modernosos, os homens vestindo paletós justos e calças largas, as garotas, *flappers* (melindrosas), típicas dos anos 20, usando roupas diáfanas e sumárias, miçangas e chapéus apertados parecendo capacetes. Enfim, os ricos. Sobrepujando-os largamente em número e em alarido, estavam os representantes dos descontentes da nação: desempregados com seus bonés de pano, ternos de sarja e sapatos gastos.

O motivo de tanta gente estar ali era que a qualquer momento seria conhecido o resultado das eleições. Aí se saberia se a Grã-Bretanha iria ter um novo governo ou se o Partido Conservador, sob o comando do primeiro-ministro Stanley Baldwin, permaneceria no poder.

Baldwin, com sua política de austeridade, era tudo o que os desempregados — cujo contingente no país ultrapassava um milhão — não queriam. Por outro lado, o grupo dos almofadinhas e das *flappers* desejava a manutenção do status quo que beneficiava o mercado de ações da City, onde a classe alta vinha se fartando de ganhar dinheiro. Na verdade, muitas melindrosas estavam ali apenas para celebrar sua primeira eleição, resultado de uma lei votada meio a contragosto pelos conservadores que dera direito ao voto às mulheres com menos de 30 anos. Daí o entusiasmo delas em saber quem eram os ungidos pelas urnas, fossem eles quem fossem.

A fisionomia do chanceler do Erário, Winston Churchill, a caminho da Downing Street 10 em seu carro oficial, não dava mostras da ansiedade que o possuía. Se os conservadores perdessem as eleições, ele também perderia seu emprego.

Chegando ao número 10, Churchill ignorou os manifestantes do lado de fora — como se sabe, depois que a votação acaba os eleitores perdem todo o atrativo para os políticos — e foi direto para a sala do primeiro-ministro Baldwin. Juntos esperaram os primeiros resultados, que chegariam através da fita de uma máquina da Press Association, mandada instalar por Baldwin especialmente para a ocasião.

Se os conservadores fossem derrotados, Winston Churchill pretendia fazer uma viagem de costa a costa através dos Estados Unidos, terra natal de sua mãe e sua segunda pátria. Seu pai, lorde Randolph Churchill, tivera um assento na Bolsa de Valores de Nova York. Winston possuía ações de empresas americanas. Para negociar com elas, contava com os conselhos dos astutos especuladores Percy Rockefeller e Bernard Baruch.

Quando, no interior da residência oficial no número 10, a máquina da Press Association começou a cuspir os resultados das urnas, um após o outro, ficou evidente a vitória socialista. Baldwin e Churchill estavam fora. A vez era dos trabalhistas, cujos adeptos aglomerados na calçada em frente à sede do governo, ao saber por repórteres dos números oficiais, trocavam abraços emocionados.

Através de um dos aparelhos de rádio de sua mansão em Park Lane, na região mais nobre e valorizada de Londres, o financista multimilionário Clarence Hatry soube da derrota dos conservadores. Como tinha grandes planos para os meses seguintes, principalmente o da compra, através de uma *holding company*, a United Steel Limited, de diversas empresas siderúrgicas da Grã-Bretanha, Hatry não teve como não se preocupar.

Clarence Hatry enviara uma carta para cada um dos 40 mil acionistas da United Steel, contendo uma oferta formal de compra de suas ações individuais por um preço acima da cotação delas na Bolsa. Com a vitória trabalhista era provável que as cotações caíssem, mas Hatry seria obrigado, pelo compromisso exposto nas cartas-oferta, a pagar o preço fixado. E, por maior que fosse sua fortuna, não teria dinheiro necessário para honrar a promessa escrita se houvesse uma enxurrada de acionistas querendo vender seus papéis. Ficaria lhe faltando algo como 4 milhões de libras.

Para alívio de Hatry, lorde Bearsted, diretor do Montagu Samuel, um dos mais sólidos e prestigiados bancos de Londres, lhe prometera cobrir o que faltasse. Mas isso fora antes das eleições e a promessa, feita de boca. Não havia nenhum contrato escrito entre Clarence Hatry e o Montagu Samuel. Bearsted, porém, já emprestara quantias similares a Hatry e a liquidação dos empréstimos se dera sem contratempos.

Os conservadores obtiveram 260 assentos no Parlamento, contra 288 dos trabalhistas. O fiel da balança do poder ficaria com os liberais, com 59 cadeiras nos Comuns. E tudo indicava que eles fariam uma coalizão com os trabalhis-

tas deixando a oposição para os *tories* (conservadores). Winston Churchill tinha tanta certeza disso que marcou suas passagens para a América.

Tal como seria de se supor, a Bolsa de Valores de Londres levou um tombaço. Os bancos cortaram suas linhas de crédito para manter a liquidez. Mais uma vez, a Grã-Bretanha aderira ao socialismo. Nos Estados Unidos, as bolsas reagiram com indiferença e pequenas ondulações.

Por volta do meio-dia de sexta-feira, 31 de maio de 1929, Clarence Hatry se apresentou no escritório de lorde Bearsted, no Montagu Samuel, bem no coração da City.

“Suponho que a derrota política não mude nosso acordo.” Hatry foi direto ao assunto.

“Que acordo?” Bearsted era daqueles que preferia ficar amarelo de vergonha durante alguns minutos do que vermelho de raiva e arrependimento pelo resto da vida. “Eu não tenho nenhum acordo com você.” A desfaçatez não era um dos seus fracos.

Agindo com ingenuidade e total falta de pragmatismo, Clarence Hatry lembrou ao banqueiro os planos dos dois de adquirir a companhia siderúrgica, assim como cada detalhe das tratativas anteriores.

Lorde Bearsted respondeu devagar, medindo cada palavra.

“Com certeza nós chegamos a discutir essa operação. Confesso que cheguei a me interessar pelo negócio. Mas apenas como espectador. Nunca disse que o patrocinaria financeiramente. Você deve estar enganado.”

Hatry estava aturdido, mas não era nenhum imbecil. Levantou-se e, sem se despedir, deixou o escritório do banqueiro.

Sem o empréstimo do Montagu, Clarence Hatry percebeu que teria de vender todos os seus bens para poder pagar os acionistas que se apresentassem para se desfazer de seus papéis da United Steel. Esses bens incluíam suas casas, seus puros-sangues de corrida e seu iate de luxo. Mesmo assim, Hatry não tinha certeza de que os fundos arrecadados com essas vendas seriam suficientes. Precisava urgentemente encontrar outra maneira de levantar mais dinheiro.

Na terça-feira, 6 de junho, Stanley Baldwin se apresentou ao rei George V, que convalescia de uma prolongada doença no castelo de Windsor. Tal como era de praxe, Baldwin entregou suas credenciais de primeiro-ministro ao

rei. No dia seguinte, foi a vez de Ramsay MacDonald, líder trabalhista, pegar as credenciais, que recebia pela segunda vez. Cumpria-se assim o tradicional rito britânico de transição política.

Em seu ninho na Quinta Avenida, em Nova York, o urso Jesse Livermore aguardava impaciente o momento de executar mais um *killing* na Bolsa, vendendo ações a descoberto. Ao contrário da maioria de seus colegas de Wall Street, Livermore estudava o cenário internacional. Ele tinha certeza de que a situação econômica que se deteriorava na Europa e na Ásia terminaria por afetar o mercado americano. Se havia algo que acabrunhava Jesse era a possibilidade de o mercado cair sem ele estar vendido.

No plano pessoal, a situação de Livermore melhorara muito. Sua mulher, Dorothy, parara de beber e ele, de caçar garotas. Isso lhe facilitava concentrar toda a sua atenção no mercado de ações. Com a vitória trabalhista na Grã-Bretanha, muito dinheiro vinha emigrando de lá para os Estados Unidos. A Bolsa poderia dar mais uma espetada para cima e, na opinião de Jesse, seria a grande oportunidade de dar a maior tacada de sua vida.

Uma das coisas que os assessores de Jesse Livermore haviam descoberto e relatado para ele era que o mercado nova-iorquino de ações estava sendo inundado por peixes pequenos, não só dos Estados Unidos como do Canadá e da Europa. Esses investidores de algumas centenas de dólares se comportavam como verdadeiros cardumes, uns seguindo os outros, e mordiam a isca da ganância sem saber direito o que estavam comprando. Sua participação costumava ser um sinal confiável do fim de um *bull-market*. Mas, para dar sua grande patada de urso, Jesse tinha de acertar o *timing* da venda.

Os exemplos captados pelo *staff* de Livermore, em notícias nos jornais, não poderiam ser mais esclarecedores. Uma dona de casa da Quinta Avenida acabara de perder sua cozinheira, pois esta reivindicara um terminal da *ticker-tape* na cozinha, pedido que a patroa achara descabido. O chofer de uma viúva do Queens exigiu que sua jornada de trabalho fosse noturna, pois precisava operar no mercado durante o dia. Em vez de discutir os resultados dos jogos de beisebol, os lixeiros, entregadores de mercearia, operários da construção civil e estivadores das docas só queriam conversar sobre ações.

Ou todos os americanos, talvez com exceção dos pretos, estavam realmente se tornando ricos, como já fora vaticinado por alguém, ou uma desgraça estava a caminho, como acreditava Jesse Livermore.

Hipódromos estavam instalando *ticker-tape*s em suas tribunas, assim como o faziam as sinagogas em suas entradas e os cinemas nas salas de espera. Na maioria das cidades pequenas do país sociedades corretoras de Wall Street haviam instalado filiais. Nelas, nas salas reservadas aos clientes, impregnadas de fumaça de charutos, os especuladores, grandes e pequenos, passavam o dia acompanhando a *ticker-tape* e examinando cotações dispostas em quadros-negros.

Nos últimos dez anos, o volume de negociação das bolsas de valores de fora de Nova York havia subido num ritmo jamais imaginado. Chicago crescera dezessete vezes. St. Louis saíra de 80 mil para um milhão de dólares diários. Em seu primeiro ano de funcionamento, a Los Angeles Curb Exchange negociara 18 milhões de ações. A sociedade americana entrara de cabeça no jogo do "fique-rico-depressa" (*get-rich-quickgame*).

Boa parte desse povaréu operava com créditos bancários, alavancando e comprometendo suas posses, sujeitando-se às chamadas de margem (*margin calls*). Se houvesse um trompaço na Bolsa, todas essas margens seriam exigidas ao mesmo tempo. Livermore, que não tinha dúvidas de que mais dia, menos dia tal coisa iria acontecer, só esperava detectar, com antecedência de alguns dias, o momento do pânico coletivo para poder montar sua armadilha de urso.

Apesar de ser vice-presidente da Bolsa de Valores de Nova York e, portanto, ter amplo acesso a informações privilegiadas; apesar de ser irmão de George Whitney, um dos sócios de J. P. Morgan, que lhe concedera empréstimos vultosos, Richard Whitney continuava fazendo asneiras. A última delas fora a compra de ações de uma inexpressiva empresa que lidava com coloides minerais e húmus de ervilha.

Só mesmo Richard conseguia descobrir essas excentricidades. Parecia que gostava de jogar dinheiro fora, o que definitivamente não era o caso. Cada vez que entrava numa jogada nova, acreditava que iria fazer o *killing* do ano.

Desdenhado por seu esnobismo e por sua notória incompetência pelos grandes *traders* como Michael Meehan, Tom Bragg e Ben Smith, Whitney fora sumariamente excluído do *pool* da Radio. Joe Kennedy rechaçara peremptoriamente uma oferta sua de sociedade.

Agora Richard Whitney via cair em seu colo a grande oportunidade de sua vida. O presidente da Bolsa, Edward Henry Harriman Simmons, o convocara à

sua sala e lhe dissera que, após uma viuvez de nove anos, iria se casar no outono, provavelmente no início de outubro, e em seguida partiria com sua noiva, Beatrice, que acabara de se divorciar, para uma prolongada lua de mel no Havaí.

Durante a ausência de Simmons, Richard Whitney assumiria a presidência da Bolsa de Valores de Nova York, com todas as atribuições, os privilégios e as informações confidenciais que o cargo propiciava, além do poder de influenciar decisivamente o mercado.

25. Sexo com baunilha

Para transportar os quinhentos convidados da festa do casamento de sua filha Adele com Charlton MacVeagh, o banqueiro Edwin Merrill fretou um trem especial para percorrer os 65 quilômetros entre a cidade de Nova York e Bedford Hills, onde os Merrill tinham sua casa de campo. A locomotiva e os vagões estavam decorados com bandeiras de seda branca.

Os homens usavam fraques pretos ou cinzentos, chapéus de seda e botões de cravo na lapela. As mulheres trajavam vestidos feitos especialmente para a ocasião e chapéus de aba larga. Às três da tarde o trem chegou à estação de Bedford Hills, também toda engalanada de branco.

A mãe da noiva, Adelaide, se moveu entre os que desciam dos vagões, pinçando com grande habilidade e sem-cerimônia, e não menor memória visual, os cem previamente selecionados para assistir à cerimônia religiosa na igreja St. Matthew's, situada no alto de uma pequena elevação. Os demais foram encaminhados à casa da família Merrill, a uma distância de caminhada da estação.

No espaçoso gramado da propriedade um extenso toldo listrado, nas cores vermelha e branca, havia sido armado para a recepção. Canapés e refrescos começaram a ser servidos para distrair os que iriam aguardar ali os noivos e seus parentes, padrinhos e convidados especiais. Terminada a cerimônia, conduzida ao som de peças de Mendelssohn e Wagner, uma procissão de casais de braços dados, tendo Charlton e Adele à frente, desceu a colina e foi se encontrar com os demais.

Se havia uma Lei Seca em vigor nos Estados Unidos, não chegou a Bedford Hills. Pois assim que os noivos se misturaram aos convidados para receber os votos de felicidade, bebidas alcoólicas começaram a circular: champanhas franceses de safras nobres, uísque e gim da melhor qualidade, tudo fornecido por Michael Levine, um judeu russo de 37 anos que, à frente dos mais diversos negócios — legais e ilegais —, fizera fortuna ao criar o primeiro serviço de mensageiros de Wall Street, que contava com 2 mil funcionários.

Setecentos quilômetros a oeste de Bedford Hills, em Flint, Michigan, Jolan Slezsak, que acabara de fazer 16 anos, e seu noivo Steve Vargo tentavam conversar em meio ao som do borbulhar contínuo vindo do interior das cubas de

cobre da destilaria do padrasto e da mãe de Jolan. Não bastasse o incômodo do ruído, era sufocante o calor no porão da casa onde eram fabricadas as bebidas, por sinal de péssima qualidade.

Enquanto tentava entender o que Steve lhe dizia, pois a voz dele era abafada pelo barulho, Jolan sentia nas entranhas o quanto ele a excitava. A garota podia ver cada centímetro quadrado da masculinidade do noivo na camisa desabotoada, na pele brilhando de suor, enquanto os dois misturavam, com grandes pás de madeira, a bebida que fermentava. Ela tinha uma enorme vontade de fazer amor com ele, embora tivesse apenas uma vaga ideia de como a coisa se processava. Nunca vira, nunca ouvira falar.

Steve prometera dar à noiva um sorvete de baunilha todos os dias quando estivessem casados. Só que ela agora desconfiava que poderia haver algo mais saboroso envolvido no casamento.

Sexta-feira, 21 de junho de 1929. Grant Brown, presidente do Union Industrial Bank, recebeu a notícia de que Charles Stewart Mott, *chairman* do banco, estava partindo para uma segunda e demorada lua de mel na Europa.

"O casamento deles agora deve estar indo bem", interpretou Brown, sem saber que o único objetivo de Mott era tentar se livrar de um processo de divórcio oneroso, que poderia lhe custar a perda de boa parte de seus bens. Grant Brown também não sabia que o advogado de Dee Mott acompanharia o casal no navio.

Brown era outro que tinha viagem marcada. Iria participar de uma conferência de banqueiros em São Francisco. Na oportunidade esperava realizar um dos seus grandes desejos, que era o de conhecer pessoalmente Amadeo Peter Giannini.

O vice-presidente Frank Montague, do Union Industrial, ficou feliz em saber da viagem simultânea de Mott e de Brown. Estando o *chairman* e o presidente ausentes de Michigan, ficava mais fácil esconder as falcatruas que a Liga de Cavalheiros continuava fazendo, cada vez em maior número.

Montague vinha comendo e dormindo mal, perdera peso e desenvolvera um incômodo eczema nervoso. Percebendo a tensão do marido, sua mulher, Louise, vivia lhe perguntando o que o perturbava tanto. Certa noite ele quase lhe confessou tudo, mas acabou ficando com pena de estender a ela sua aflição. Além do mais, Louise já tinha preocupações suficientes com as lides da casa, o trato das crianças e o orçamento doméstico.

Felizmente para Frank e seus comparsas, pela primeira vez em muito tempo a Liga estava ganhando dinheiro. E poderia estar lucrando muito mais se eles não tivessem entrado atrasados no *pool* da Radio. Agora, um investimento bem-sucedido se seguia a outro, todos alavancados. Só em empresas automobilísticas e companhias de aviação os trapaceiros ganharam 200 mil dólares. E não parou por aí.

Na quarta-feira, 19 de junho, atuando com base em uma dica quente (*hot tip*) recebida por Milton Pollock, também vice-presidente do Union, a Liga comprou ações de uma indústria de alimentos cuja fusão com empresas concorrentes estava sendo patrocinada pela J. P. Morgan and Company. Em questão de dias, as ações subiram trinta pontos.

Se não podia estar feliz por causa da doença de sua mulher, Elizabeth, ao menos Pollock se sentia aliviado. Todas as manhãs, ao liderar a família nas preces matinais, ele pedia a Deus que provesse o dinheiro necessário para pagar as despesas médicas dela, que só faziam crescer.

Durante os últimos meses o pensamento dos integrantes da Liga de Cavalheiros era apenas o de recuperar o dinheiro que haviam "pegado emprestado" das contas dos clientes. Mas agora cada um deles pensava na possibilidade de sobrar um lucro palpável. Afinal de contas, toda a América estava se fartando de ganhar dinheiro na Bolsa.

Em Londres, Clarence Hatry tinha plena consciência de que estaria quebrado caso todos os acionistas da United Steel apresentassem suas ações para venda, conforme a carta que lhes enviara. E tudo indicava que isso iria acontecer, com as ações caindo mais e mais na Bolsa.

O que o jovem e bem-apessoado Edmund Daniels — um dos diretores-gerentes do grupo empresarial de Clarence Hatry — tinha de genialidade, principalmente ao lidar com números, tinha de inescrupuloso. Com uma ideia na cabeça para que o conglomerado saísse do buraco, Daniels procurou o patrão.

"E se a gente usasse cada ação vendida para nós pelos acionistas para levantar empréstimos bancários, dando os títulos como garantia?", sugeriu o diretor.

Clarence Hatry se irritou com o que supôs ser uma proposta ingênua.

"Mas como vamos dar as ações como garantia se nós as estamos comprando por um preço muito superior ao de mercado?"

“É só entregarmos mais ações ao banco do que as que temos em carteira.” Edmund Daniels abriu um sorrisinho cínico.

“Mas como?”, a irritação de Hatry aumentou.

“É simples. A gente imprime ações em quantidade superior à do capital da companhia.”

“Mas isso é crime, é estelionato, é roubo, dá cadeia”, a irritação transformou-se em indignação, que, a bem da verdade, foi diminuindo aos pouquinhos. “Você acha que tem chance de dar certo?”

Clarence Hatry via a chance de se agarrar a um galho, um galho muito fraquinho, mas mesmo assim um galho, à beira do penhasco.

“Não sei.” Daniels foi honesto. “O que sei é que se não fizermos nada vamos quebrar.” Ele usou o plural como se fosse sócio de Hatry.

A partir desse momento a United Steel começou a tomar empréstimos bancários dando em garantia ações falsas e verdadeiras computadas a preços inferiores aos da Bolsa. Com o dinheiro obtido ilegalmente, Clarence Hatry pôde honrar as cartas-oferta que, antes das eleições parlamentares, enviara aos acionistas.

Ao final do mês de junho de 1929, o índice de produção industrial americano atingiu o maior nível de todos os tempos até então. Muitos investidores que haviam relutado em comprar ações naqueles preços, que julgavam altos demais, se renderam aos fatos e jogaram suas economias na Bolsa.

Certos deviam estar o presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, e seu secretário do Tesouro, Andrew Mellon, quando declararam que o país ainda estava para viver seu melhor momento. A sociedade onde todos seriam ricos parecia cada vez mais real e não uma figura de retórica.

Novos consórcios de investimento eram lançados todos os dias e quase sempre integralmente subscritos. Apenas no decorrer do mês de junho as médias industriais do *Times* se valorizaram em 52 pontos, um quarto do que haviam subido nos últimos cinco anos.

Até os desonestos trapalhões da Liga de Cavalheiros do Union Industrial Bank de Flint estavam conseguindo ganhar cada vez mais dinheiro.

26. O céu é o limite

Em meio ao calor sufocante da manhã ensolarada de segunda-feira, 1º de julho, Homer Dowdy, carteiro de Flint, iniciou sua primeira ronda de entrega de correspondências. Em sua bolsa postal havia um grande número de envelopes amarelos que ele sabia conter cheques emitidos por sociedades corretoras de ações.

"Aqui na cidade muita gente está ganhando dinheiro no mercado", Dowdy deduziu corretamente.

Embora jamais tivesse aberto um desses envelopes, Homer Dowdy já testemunhara diversos destinatários das cartas fazerem isso na sua frente. Naquela segunda-feira mesmo, um comerciante exibiu ao carteiro o cheque que acabara de receber.

"Foi uma tacada que dei nas ações da General Motors", revelou ele. "Isso é mais do que ganho em um mês de trabalho duro no armazém."

Dowdy prosseguiu sua caminhada tendo um único pensamento na cabeça: a situação de seus três filhos pequenos. Sua mulher, Gladys, piorava a cada dia. O médico dera a ela seis meses de vida. Homer precisava pensar com calma sobre o que fazer com as crianças.

Gladys jamais se queixava das dores excruciantes que sentia para não afligir os filhos. Mas Homer os vinha preparando para o pior.

"Jesus irá chamar a mamãe brevemente", ele confidenciara às meninas, que logo repassaram a notícia ao irmãozinho.

Homer Dowdy sabia que, além de custear as despesas médicas, iria precisar de parte do dinheiro depositado no Union Industrial Bank para contratar uma governanta. O resto, ele pretendia dividir em três partes iguais, uma para cada filho, para que eles pudessem um dia frequentar uma universidade.

Steve Vargo, noivo de Jolan Slezsak, também tinha uma conta no Union Industrial que crescia todas as semanas com o dinheiro que ele separava de seu salário na Buick, para gastá-lo depois que se casasse.

Em julho, a tragédia atingiu em cheio a família Slezsak, quando Frank, de 7 anos, morreu atropelado por um caminhão. Jolan simplesmente não conseguiu lidar com a morte do irmão e entrou em desespero.

Durante o velório, enquanto uma garrafa do ardido uísque da casa era passada de boca em boca, e bebida no gargalo pelos presentes ao redor do caixão, num cerimonial de vigília húngara, Steve chamou Jolan de lado.

"Precisamos comprar uma coroa de flores para ele", o rapaz sussurrou ao ouvido da noiva, apontando para o corpo do garotinho.

"Mas, como? Estou sem um centavo. E você, está com dinheiro?"

"Não aqui. Mas tenho uma conta no banco da qual jamais fiz um saque. Mas agora é uma emergência. Vamos até lá!"

Quando os dois chegaram ao Union, o expediente já havia sido encerrado. Por isso eles não puderam entrar. Se tivessem feito isso, talvez Steve descobrisse que alguma coisa estava errada, pois contas como a dele e a de Jolan, clientes que jamais sacavam, eram as preferidas da Liga de Cavalheiros para terem seus saldos usados nas especulações da Bolsa. Naquele dia, por sinal, as duas estavam zeradas enquanto o pouco dinheirinho dos noivos circulava por Wall Street.

Mal o luxuoso transatlântico *Berengaria*, com suas três chaminés encarnadas, zarpou do porto de Nova York rumo a Cherbourg, na França, em meio ao pipocar de rolhas de champanha de passageiros que comemoravam a saída da zona de jurisdição da Lei Seca (como se já não bebessem o suficiente nos Estados Unidos), o primeiro escritório de corretagem de ações flutuante do mundo, pertencente a Mike Meehan, iniciou seus trabalhos de teste.

Durante a travessia, haveria a oportunidade de verificar se era realmente possível operar na Bolsa do meio do Atlântico Norte. As transações naquela viagem não seriam para valer. Apenas uma simulação. Dos setecentos passageiros do navio, muitos, principalmente entre os da primeira classe, poderiam se revelar ótimos clientes. Um novo marco na área de comunicações se iniciava.

Nas primeiras semanas do verão de 1929, o *bull-market* não dava o menor sinal de enfraquecimento. Muito pelo contrário, as ações agora desempenhavam um papel central na vida americana.

Como escreveria Frederik Lewis Allen no livro *Only Yesterday* (*Apenas ontem*), publicado em 1931:

> *Enquanto dirigia, o motorista do ricaço tinha os ouvidos atentos às notícias sobre uma iminente alteração na Bethlehem Steel; é que ele com-*

prara a termo cinquenta ações com vinte dólares de margem. O limpador de janelas do escritório da corretora interrompia sua tarefa para acompanhar a ticker, pois estava pensando em converter suas economias, penosamente acumuladas, em ações da Simmons Company.

O repórter Edwin Lefèvre escreveu em um artigo de jornal que o criado particular de um corretor ganhara um quarto de milhão de dólares na Bolsa e que uma enfermeira conseguira fazer 30 mil se valendo de informações passadas por pacientes agradecidos. Lefèvre narrou também a história de um vaqueiro do Wyoming, cujo rancho ficava a cinquenta quilômetros da ferrovia mais próxima, que comprava e vendia mil ações por dia.

Essa era a América do último verão dos *Roaring Twenties*, os "esfuziantes anos 20".

O *boom* não se limitava a Wall Street e nunca ficou totalmente claro se era causa ou consequência do estrondoso *bull-market*. Pois a situação econômica do país não parava de melhorar. Setenta e oito por cento dos carros do mundo estavam nos Estados Unidos, que queimavam 2,5 milhões de barris de petróleo por dia. Uma profusão de postos de abastecimento se espalhou pelas estradas de costa a costa.

Só a Ford Motor Company, uma das mais poderosas corporações do mundo, produzia 8 mil carros diariamente, registrava um superávit anual de 582 milhões de dólares e mantinha 275 milhões em caixa. A fortuna pessoal de Henry Ford era de um bilhão de dólares.

Mais uma vez hospedado no hotel Ritz, de Nova York, Amadeo Peter Giannini extravasava sua fúria nas teclas do piano da suíte. Claire sabia que de nada adiantaria tentar acalmar o pai. Teria de esperar que sua raiva se fosse como uma tempestade tropical levada pelo vento.

O motivo de tanta ira era que Elisha Walker continuava fazendo das suas, criando novos atritos com os executivos da Transamerica. Claire Giannini, que jamais confiara totalmente em Walker, não estava tão surpresa quanto o pai. Por isso sua raiva era menor.

Claire tentava raciocinar sobre a melhor maneira de lidar com a situação. Não era uma coisa fácil de ser resolvida. Desde a fusão dos grupos Giannini e Blair, a posição de Elisha Walker como segundo em comando ficara estabelecida.

Finalmente, mais calmo, Giannini decidiu dar tempo ao tempo. Resolveu aguardar três meses para que Walker se entrosasse com os demais diretores do grupo. Caso contrário, ele tomaria as providências necessárias, por mais drásticas que fossem. Escreveu uma nota em seu diário registrando a data-limite para a resolução do impasse: última semana de outubro.

Os consórcios de investimento não paravam de surgir, um após o outro. A palavra "alavancagem" tornou-se moda, mesmo entre os investidores novatos, marinheiros de primeira viagem.

"Vou alavancar meu dinheiro", dizia o empregado de uma padaria para o seu colega. "Um amigo meu investiu duzentos dólares e já está com 8 mil. Em menos de seis meses, acredite."

Isso era possível porque os consórcios compravam cotas de outros consórcios, que por sua vez compravam as de um terceiro, que adquiria as de um quarto e assim por diante, sempre alavancando. Consórcio patrocina consórcio, que patrocina consórcio. Só na compra, antes que as cotações se movessem, um único dólar significava dez, vinte ou até mesmo cinquenta dólares.

Como tudo subia, os lucros de cada uma dessas verdadeiras rodas da fortuna também subiam, em progressão geométrica. O processo só teria fim se o mercado caísse, hipótese que a maioria das pessoas considerava impossível numa época tão próspera.

"Isso é a América, terra da oportunidade", proclamavam eufóricos os investidores.

Nesse ambiente de delírio, os audaciosos ganhavam fortunas, os menos afoitos enriqueciam, os medrosos dobravam ou triplicavam seu dinheiro e caíam fora para voltar ao mercado semanas depois. Os ignorantes e idiotas ganhavam seus trocados.

O urso Jesse Livermore sabia que aquela situação não podia permanecer para sempre. Mas não havia nenhum sinal de que a manada de touros estava perdendo sua força de impulsão. E no mercado não adianta uma pessoa acertar o fato se errar o *timing*.

Justamente para tentar detectar o ponto de virada, Livermore reunia-se com seus assessores. E os relatos que ouviu não foram nada bons, não para quem pretendia ganhar na baixa. Jesse, com sua experiência, jamais com-

prara papéis de fachada negociados a preços artificiais, como era o caso dos consórcios. De uma coisa ele tinha certeza: quando a baixa ocorresse, ela seria muito mais rápida do que a alta.

Durante a reunião, o especialista de Livermore no mercado de moedas estrangeiras informou que 10 milhões de dólares em ouro, provenientes da Grã-Bretanha, haviam chegado na primeira quinzena de julho, levando o total acumulado do ano para 48 milhões. De Paris e de Berlim, outros 77 milhões, também em barras de ouro, haviam sido enviados para os Estados Unidos. Tudo isso ia direto para os bancos americanos, que financiavam os empréstimos com margem que abasteciam a febre da Bolsa.

A produção americana de aço em julho de 1929, Jesse Livermore ficou sabendo de outro de seus assessores, deveria superar em um milhão de toneladas o número recorde de julho de 1928. O esplendor da América se revelava em todos os setores de atividade.

Havia alguns dados econômicos contraditórios, que deixavam um urso atávico como Jesse mais animado. Os pátios das fábricas de Detroit começavam a se encher de carros não vendidos. Era grande a quantidade de imóveis novos à venda; nos últimos meses o valor desse estoque subira de 500 milhões de dólares para 18 bilhões de dólares, um número estarrecedor.

Isso significava que os americanos estavam destinando todo o seu dinheiro para Wall Street. Mas como as empresas cujas ações eram negociadas na Bolsa dependiam da expansão ininterrupta da economia, esses sinais contraditórios acenderam uma luz amarela na cabeça de Livermore.

"Vai haver um tombo em alguma hora", dizia para si mesmo e para seus especialistas. "Nós temos de ficar muito atentos."

No J. P. Morgan, Charlton MacVeagh vinha se destacando entre os colegas. Sua mulher, Adele, aceitava sem reclamar os serões que o marido fazia no banco quase todos os dias, fora o extenso volume de relatórios que ele levava para casa e com os quais não raro varava as madrugadas e os fins de semana. Recém-casados, ele e Adele mal tinham alguns momentos só deles.

"Wall Street é assim mesmo", Charlton dizia à mulher, sem que ela pedisse qualquer explicação, filha de banqueiro que era.

Quando os dois saíam para jantar fora, eram sempre acompanhados de colegas de mercado de MacVeagh. Os homens passavam o tempo todo falando de negócios, deixando as amenidades para suas mulheres.

Certa ocasião, num jantar na casa de Thomas Lamont, segundo em hierarquia na Casa Morgan, um dos altos executivos da firma confidenciou a Adele que logo seu marido iria se tornar o mais jovem sócio do banco e que Jack Morgan já decidira isso. Adele MacVeagh ficou sem saber se a notícia era boa ou má, pois, se fosse verdadeira a informação, sobraria ainda menos tempo para ela usufruir de Charlton. Mas isso não evitou que sentisse um imenso orgulho dele.

Outro que monitorava com lupa o mercado de ações para ganhar dinheiro quando a Bolsa despencasse era Joe Kennedy. Seu plano era aumentar sua já enorme fortuna vendendo ações a descoberto. Mas para detectar o momento exato da virada do mercado, Kennedy queria "sentir a Rua". E era isso que ele estava fazendo num dia de julho de 1929.

Joe Kennedy juntou-se à multidão que chegava ao distrito financeiro vinda de todos os lados. Após perambular um pouco entre os pedestres, Joe começou a visitar os amigos que trabalhavam na região. A primeira pessoa que ele procurou foi Michael Levine, o judeu russo dono da maior empresa de mensageiros de Wall Street, o mesmo que fornecera as bebidas para o casamento de Charlton e Adele em Bedford Hills.

Entre outros "empreendimentos" altamente rentáveis, Levine prestava todas as espécies de serviços pessoais, como conseguir, no meio da noite, uma garota de programa para um corretor solitário, reservar um quarto num dos bons hotéis da Baixa Manhattan para um banqueiro levar sua secretária na hora do almoço, indicar os melhores bordéis, cassinos clandestinos e os médicos confiáveis que faziam abortos seguros.

Kennedy sabia que Michael Levine, justamente por conhecer todo mundo em Wall Street, era um dos oráculos do mercado financeiro. Daí tê-lo visitado em primeiro lugar. Depois foi encontrar-se, ao mesmo tempo, com John Raskob, o homem do Empire State; o banqueiro James Riordan, da New York County Trust Company; e o canadense Arthur Cutten, um dos mestres formadores de *pools* e o mais bem-sucedido especulador de *commodities* do país, cuja fortuna era páreo para a de Jack Morgan. A reunião dos quatro, realizada no escritório de Cutten, já havia sido previamente agendada.

O encontro deixou Joe Kennedy perturbado. Ele viu que todos os seus colegas especuladores continuavam *bullish* (altistas) com relação às ações e concluiu que ainda não era hora de vendê-las a descoberto.

Após a reunião, Kennedy ainda visitou outras corretoras, colhendo de todos os profissionais a mesma opinião: o *bull-market* estava longe de chegar ao fim. A febre da alta grassava por todos os cantos da Rua.

Só faltava uma pessoa importante para Joe Kennedy entrevistar: o engraxate Pat Bologna, em sua banca no número 60 de Wall Street. Ele era outro que sabia de tudo o que acontecia no distrito financeiro.

Como Bologna não estava atendendo ninguém naquele momento, limitando-se a folhear um exemplar do *Wall Street Journal*, Joe subiu os dois degraus e sentou-se na cadeira.

"Como está o mercado, Pat?", Kennedy apoiou os dois pés nos descansos protuberantes da banca de engraxate.

"Sempre subindo, Mr. K, sempre subindo."

Bologna pegou suas escovas e começou a trabalhar.

"E você, está ganhando muito?", o interesse de Kennedy era visível.

"Com certeza. O senhor quer uma dica?"

Embora soubesse exatamente quem era quem em Wall Street, Pat Bologna tratava todos com a mesma informalidade.

Joseph Kennedy fez que sim com a cabeça.

"Compre petrolíferas e ferrovias, Mr. K. Elas vão atingir a lua. Um freguês que não erra nunca me trouxe hoje essa informação."

Joe se indagou se teria havido mesmo o tal freguês e se era fato que o cara não errava. Mas limitou-se a agradecer:

"Obrigado, Pat", e escorregou para as mãos do engraxate uma moeda de um quarto de dólar.

"Obrigado, Pat", repetiu.

Nessa noite Joseph Kennedy disse para sua mulher, Rose:

"Um mercado no qual qualquer um pode jogar e um engraxate faz previsões não é um mercado para Joe Kennedy. Como está todo mundo otimista, acho que ainda há espaço para a Bolsa crescer. Mas quando tudo desabar, e não vai demorar muito, o ruído será ouvido no outro lado do Atlântico. Eu vou aguardar mais um pouco. Depois serei um urso de dar inveja a Jesse Livermore."

Os consórcios iam de vento em popa. No dia 26 de julho foram emitidos pela Goldman Sachs 102,5 mil dólares em ações da Shenandoah Corporation. A alguns privilegiados, entre os quais os próprios sócios e diretores da Goldman, foi dado o direito de comprar esses títulos a 17,50 dólares.

Quando, dias depois, a Shenandoah foi lançada na Bolsa, já abriu a trinta dólares. Ao longo do pregão a cotação foi subindo, fechando a 36 dólares, gerando um lucro de 105% para quem comprou as ações diretamente da Goldman Sachs com seu próprio dinheiro e infinitamente mais para quem as adquiriu da fonte usando empréstimos bancários, cuja taxa de juros era de aproximadamente 10% ao ano.

O céu continuava sendo o limite em Wall Street.

Em Londres, mesmo após ter conseguido obter empréstimos bancários oferecendo em garantia certificados de ações inexistentes da United Steel, e com isso garantido momentaneamente o caixa da empresa, Clarence Hatry sentia que os alicerces de seu negócio continuavam correndo o risco de desmoronar. A indústria pesada e o setor naval britânicos enfrentavam uma grave crise, que se refletia no consumo de aço.

Até agora aproximadamente um bilhão de libras esterlinas em títulos falsos havia sido entregue aos bancos. Era um crime grave. Se descoberto, Hatry iria mofar na cadeia. Ele tinha medo de que as instituições que enganara logo começassem a fazer perguntas.

A única maneira de evitar isso era uma ação audaciosa. A poucos quarteirões de distância do escritório de Clarence Hatry estava a sede do Banco da Inglaterra, sob o comando de Montagu Norman, o único homem que poderia salvar Hatry.

Embora não fossem amigos, e até cultivassem uma antipatia mútua, Clarence tinha uma proposta para fazer a Montagu.

Com os conservadores fora do poder, Winston Churchill fazia os preparativos para sua viagem ao Canadá e aos Estados Unidos. Com ele iriam seu irmão Jack, seu filho Randolph e seu sobrinho Johnny. Nova York seria o último ponto da viagem do ex-chanceler do Erário. Churchill pretendia visitar Wall Street no final de outubro.

Como ninguém é de ferro, Winston Churchill aproveitaria a viagem para fazer também uma fezinha na Bolsa.

27. Feira do interior

Charles Stewart Mott levou cinco meses para ter certeza de que só o divórcio cortaria pela raiz os males de seu lamentoso relacionamento com Dee Van Balkom Furey, a jovem jornalista que se casara com ele visando apenas se apropriar de parte de sua fortuna.

Dee fizera o maior esforço para que o marido chegasse à decisão de se divorciar. Nas infindáveis discussões do casal, ela deixava claro o desprezo que sentia por ele. Mas não foi só isso. Entre outras extravagâncias, Dee Furey torrou 35 mil dólares remodelando o apartamento de Detroit, comprou um piano de 2,5 mil dólares, além de joias, vestidos e casacos de pele nas lojas mais exclusivas da cidade.

A segunda lua de mel, na Europa, fora um tremendo fracasso — para ele, é claro, pois tudo correu de acordo com os planos dela — com Dee passando a maior parte do tempo passeando em companhia de seu advogado, Prewitt Semmes.

De volta aos Estados Unidos, Dee recusou-se a pôr os pés em Applewood, a mansão de Charles em Flint.

Agora, tendo optado pelo divórcio, decisão que lhe trouxe grande alívio, Charles Mott decidiu fazer uma visita de surpresa a Grant Brown, presidente do Union Industrial Bank.

Em junho e julho de 1929, as ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova York haviam se valorizado mais do que durante todo o ano anterior, com uma alta de quase 25%. O grande *bull-market* não dava o menor sinal de fraqueza. Wall Street continuava a engolir o dinheiro do mundo. O total de empréstimos dos bancos às sociedades corretoras da Bolsa se elevara a 7 bilhões de dólares.

Após os testes da corretora flutuante de Michael Meehan a bordo do transatlântico *Berengaria* terem se mostrado totalmente satisfatórios, a Bolsa de Nova York concedeu permissão para o início dos negócios, agora para valer.

Ações de cem empresas foram escolhidas para serem transacionadas no navio, entre elas, é claro, a Radio Corporation of America, a RCA, de David

Sarnoff, o papel de maior prestígio entre investidores e especuladores e que tinha como especialista na Bolsa o próprio Meehan.

Logo Michael Meehan teria concorrentes nas águas do Atlântico Norte. O transatlântico francês *Île de France* estava montando um serviço idêntico para seus passageiros, a ser operado pela sociedade corretora parisiense Saint-Phalle and Company.

Como se os planos para erigir o Empire State Building, as participações em *pools* de cartas marcadas e as especulações particulares não fossem suficientes para ocupar todo o tempo de John Jakob Raskob, ele ainda escrevia artigos para jornais. Num deles, publicado em agosto de 1929 e intitulado *Everybody Ought to be Rich* (Todo mundo deveria ser rico), Raskob defendia a tese de que se uma pessoa que economizasse quinze dólares por mês, investisse esse dinheiro em ações e reaplicasse os dividendos, em vinte anos possuiria 80 mil dólares.

A rotina do superintendente da Bolsa de Valores de Nova York, William Crawford, era praticamente a mesma todos os dias. Na manhã de segunda-feira, 5 de agosto, por exemplo, ele aproveitou a viagem de metrô de casa para o trabalho para ler o último número da *American Magazine*. Uma das matérias, escrita pelo articulista John T. Flynn, citava Crawford de maneira positiva, deixando-o radiante.

Após desembarcar do trem, às nove horas, na estação de Wall Street, o superintendente caminhou para a Bolsa prestando atenção no movimento do Distrito Financeiro. Nas calçadas, os pedestres mais apressados eram os mensageiros que entregavam nas sedes das sociedades corretoras as ações compradas pelos clientes dessas firmas no sábado e as trocavam pelos cheques correspondentes. Estes, por sua vez, seriam entregues nas sociedades vendedoras. Guardas armados seguiam os mensageiros a curta distância.

Andando mais um pouco, William Crawford deparou-se com o corpulento banqueiro Charles Mitchell, presidente do National City Bank. Mitchell acabara de percorrer, a pé, os mais de dez quilômetros que separavam sua casa, em Uptown, até o banco, coisa que fazia todos os dias, sempre seguido de perto por sua limusine, dirigida pelo chofer. O motorista estacionou o carro junto ao City e carregou a volumosa pasta do patrão para dentro do banco.

Ao passar pela porta do número 23 de Wall Street, Crawford viu os por-

teiros do J. P. Morgan se alinhando para saudar, ao pé da escada de entrada do prédio, os primeiros sócios da firma que chegavam ao trabalho naquele momento, sempre em ordem inversa de hierarquia. O superintendente da Bolsa sabia que o último a aparecer seria Jack Morgan.

Nos últimos dias os tabloides sensacionalistas de Nova York comentavam os últimos feitos de Jack, nenhum deles ligado ao mercado. Morgan lançara ao mar o maior iate do mundo, que superava em tamanho o de Vincent Astor e o do inglês Clarence Hatry. Adquirira também, em leilão, um Tintoretto e doara 4 milhões de dólares aos hospitais New York Hospital e Lying-in Hospital, 2 milhões para cada um. A família Morgan patrocinava aquelas instituições desde a época do velho John Pierpont Morgan. Na véspera, domingo, um jornal noticiara que Jack Morgan estava de partida para o Reino Unido, onde caçaria gansos com integrantes da família real britânica.

Ao entrar na Bolsa de Valores, o superintendente William Crawford desconectou-se do mundo exterior e mundano e passou a pensar exclusivamente na instituição, cujo funcionamento era de sua responsabilidade. O preço das ações subia num ritmo jamais alcançado. Recordes eram quebrados praticamente a cada hora. E a infraestrutura da Bolsa tinha de acompanhar esses avanços, sob pena de entrar em colapso.

Desde fevereiro, o número de operadores de pregão aumentara de 1,1 mil para 1.375. Um assento agora custava 625 mil dólares. O que estava atrapalhando os negócios era o atraso da *ticker-tape*. Nos dias e horas de maior movimento, os clientes das sociedades corretoras espalhadas pelo país só ficavam sabendo dos preços uma hora após as operações terem sido fechadas. Um papel que aparecia na fita negociado a 140 dólares podia estar a 145 ou mais. Ou a 135. Isso criava enorme insegurança nos corretores e investidores, muitas vezes obrigados a atuar no escuro.

Havia 3 mil terminais de *ticker-tape*s só no Distrito Financeiro, outros 2 mil dispersos pela cidade de Nova York e mais 4,5 mil instalados em localidades de todo o país. O que dava certo alívio a Crawford era que estava para ser implantado um novo sistema de *ticker*s, capaz de imprimir novecentos caracteres por minuto, número suficiente para lidar com 7 milhões de ações diárias.

Após inspecionar a central de comunicações no subsolo, William Crawford subiu para o pregão onde, dentro de alguns minutos, ele mesmo faria soar o gongo, dando início aos negócios daquela segunda-feira. Ao passar pelo Posto 11, Crawford ficou sabendo que um dos corretores que operava ali, Michael

Bouvier, de 82 anos, decano do recinto de negociações, acabara de ser tio-avô de uma garotinha. O superintendente deu os parabéns ao velho Michael.

A recém-nascida se chamava Jacqueline — mais tarde, ela se tornaria mulher de John Kennedy, filho de Joe Kennedy, e seria a primeira-dama mais charmosa e conhecida da história dos Estados Unidos.

Exatamente às dez horas, William Crawford, do alto do púlpito, deu início ao pregão. Pouco depois foi chamado até a galeria de visitantes, onde o presidente da Bolsa, Edward Simmons, e seu vice, Richard Whitney, recebiam o prefeito de Nova York, James Joseph Walker, que visitava o lugar em campanha por reeleição na prefeitura, disputando o cargo com o carismático Fiorello La Guardia.

Crawford, tal como os demais, foi obrigado a rir de piadas sem a menor graça ditas a todo momento pelo político para os repórteres que o acompanhavam na visita. Os trajes do prefeito eram mais apropriados a um ator de *vaudeville* do que ao chefe do Executivo de uma das maiores cidades do mundo. Walker vestia um paletó xadrez espalhafatoso, que em nada combinava com sua camisa e sua gravata, floridas, muito menos com seus sapatos bicolores de bico fino e comprido.

Finalmente, para satisfação do superintendente William Crawford, o prefeito partiu para outro compromisso eleitoral. Nesse momento, um assessor trouxe a notícia de que a *ticker* estava começando a se atrasar, tormento que agora acontecia quase que diariamente.

San Mateo, Califórnia, terça-feira, 6 de agosto de 1929, seis e meia da manhã. Tal como acontecia todos os dias a essa hora quando Amadeo Peter Giannini estava em casa, a campainha do telefone tocou.

No sábado, A. P. Giannini, Clorinda e Claire haviam chegado de Nova York. A jornada de quatro dias fora particularmente longa e cansativa, com o *Overland Express*, que fizera o trecho Chicago/São Francisco, se atrasando quase nove horas.

Embora fosse uma rotina, o telefonema acordou a casa toda. Amadeo foi molhar o rosto antes de atender a chamada no térreo, Clorinda saiu da cama e começou a se vestir. Em seu quarto, Claire também se levantou.

Quem ligava era Attilio — "Doc", para a família —, irmão de Amadeo, falando de seu escritório no prédio do Bank of America, em Wall Street, onde já eram nove e meia. Doc iria fazer o primeiro relato do dia. Mais tarde as chamadas seriam feitas para o escritório de Giannini em São Francisco.

Após um início frio e de mútua desconfiança, o relacionamento entre Doc Giannini e Elisha Walker estava melhorando aos poucos, os dois homens fazendo um esforço honesto para encurtar suas diferenças. Mas Doc continuava sendo os olhos e os ouvidos de seu irmão Amadeo.

"As ações devem continuar subindo hoje." Faltando meia hora para a abertura do mercado, Doc fazia a primeira previsão do dia, após ler os jornais e conversar com vários corretores e *traders*. "Tá todo mundo *bullish*", concluiu a análise para o irmão.

O sentimento positivo não impressionou Giannini.

"Quero que o banco alerte os nossos pequenos clientes da Costa Leste sobre o perigo de comprar ações nos preços atuais, principalmente com dinheiro emprestado, garantido por margens. As pessoas estão simplesmente loucas acreditando que o mercado pode continuar subindo para sempre." A voz de Amadeo não demonstrava o menor sinal de hesitação. Ele acreditava firmemente que um crash estava a caminho e queria que os clientes de seu banco soubessem sua opinião.

Outro medo de Amadeo Peter Giannini era que os investidores, se valendo de créditos, comprassem ações do Transamerica, que iria pagar um dividendo recorde de 150%. Apesar de toda sua solidez, A. P. sabia que mesmo o Transamerica sofreria com o colapso geral da Bolsa.

O tema "risco da Bolsa" prevaleceu na mesa de café da manhã dos Giannini, ao qual vieram se juntar os dois irmãos de Claire, Virgil e Mario. Claire achava que deveriam publicar uma matéria paga na imprensa emitindo um alerta sobre as compras baseadas em margens. Virgil e Mario tinham dúvidas a respeito disso. Clorinda não achava nada e Amadeo gostava de ver os filhos debatendo o assunto. Indagou-se sobre quantas famílias na América tinham esse privilégio.

Do lado de fora da casa, o chofer Joe Garcia aguardava ao volante do Rolls-Royce. Logo todos, com exceção de Clorinda, entraram no carro que seguiu para São Francisco com as luzes giratórias vermelhas de alerta do Corpo de Bombeiros acesas. O patrão sentava-se ao lado de Garcia e seus três filhos se espremiam no banco de trás. Com a velocidade liberada, a jornada até São Francisco duraria apenas meia hora.

Quando chegou ao escritório, A. P. Giannini tomara uma decisão que lhe angariaria muitos inimigos em Wall Street. Convocou uma coletiva de imprensa para alertar ao grande público que especular era coisa para profis-

sionais, não para um pai de família assalariado. Um grande número de repórteres atendeu ao chamado.

Assim que as matérias sobre a entrevista de Giannini foram publicadas nos jornais da Costa Oeste, houve muita revolta no país onde todos queriam — e achavam que podiam — ser ricos.

O mínimo que se disse de Amadeo Peter Giannini foi que se tratava de um traidor, um inimigo do *way of life* norte-americano.

"Nos Estados Unidos não existe lugar para destrutivistas como o senhor Giannini", declarou uma empresa de assessoria de investimentos sediada em Boston.

Mais uma semana se passou. Na segunda-feira seguinte, 12 de agosto, Charlton MacVeagh chegou cedo para trabalhar no J. P. Morgan. Ele queria testemunhar com seus próprios olhos uma visão que um mês antes o mais *bullish* dos analistas teria considerado impossível.

Agosto sempre fora um período de férias em Wall Street. Os *traders* costumavam ir para Long Island, Atlantic City ou Cape Cod com suas famílias e gozar das delícias das praias até o recomeço das atividades propriamente ditas, após o feriado do *Labour Day* (Dia do Trabalho), na primeira segunda-feira de setembro. Mas essa pausa de descanso não estava acontecendo em 1929.

No fim de semana os jornais e os boletins das rádios informaram que muitos corretores permaneciam em seus escritórios, preparando-se para enfrentar uma ofensiva fora de estação desfechada por pequenos investidores.

Tornou-se moda a gente miúda que entrava no mercado pela primeira vez ir pessoalmente fazer seus negócios no Distrito Financeiro. Alguns iam para a galeria de visitantes da Bolsa, outros para as salas de clientes das sociedades corretoras da área de Wall Street. Eram investidores diferentes, que davam vivas quando suas ações subiam ou acolhiam as baixas com protestos indignados. Muitos ficavam espalhados pelas ruas do distrito, acompanhando o mercado através do boca a boca. Vendedores ambulantes vendiam sanduíches, refrigerantes e cachorros-quentes para o pessoal. Enfim, a Rua começava a parecer mais uma feira do interior do que o austero santuário da época de John Pierpont Morgan.

Naquela semana o mercado sofreu grandes oscilações, porque o Banco da Reserva Federal de Nova York subiu sua taxa de desconto de 5% para 6%. A notícia fez a Bolsa cair muito, mas as cotações se recuperaram antes do sábado.

No domingo, dia 18, à noite, todos os hotéis próximos ao Distrito Financeiro estavam lotados. Algumas pessoas tentaram dormir na Trinity Church, mas, como isso não foi possível, passaram a noite acampadas no cemitério anexo à igreja. Todo mundo queria estar presente quando o mercado abrisse no dia seguinte. O policiamento foi reforçado na área e os cafés e restaurantes da região de Wall Street permaneceram abertos.

Repórteres se espalhavam pela multidão em busca de histórias pitorescas. Entrevistaram investidores que haviam vindo do Meio-Oeste, do Extremo Sul, do Canadá e do México, gente que achava que ficaria rica em poucos dias aplicando algumas centenas de dólares. Houve um que viajara desde o Alasca para testemunhar a nova corrida do ouro e, é claro, tirar a sua parte no filão.

O engraxate Pat Bologna praticamente abandonara sua profissão. Embora continuasse ao lado de sua banca, no número 60 de Wall Street, ele agora se limitava a dar consultas sobre investimentos. Os forasteiros faziam fila para ouvir seus conselhos sobre as tendências do mercado e sobre os melhores papéis para aplicar o dinheiro.

Nessas sessões Bologna ganhava em uma hora o que levaria um dia para faturar engraxando e lustrando sapatos. Em meio às suas dicas, citava Joe Kennedy, Charles Mitchell e Jack Morgan como se fosse amigo íntimo deles. Os fregueses arregalavam os olhos de admiração.

28. Os novos alquimistas

A *ticker-tape* agora alcançava o país inteiro, embora quase sempre se atrasasse nos dias e nas horas de maior movimento na Bolsa. É verdade que as pessoas podiam pegar cotações atualizadas através de telefonemas para as corretoras. Mas não raro essas linhas também ficavam congestionadas nos horários de pico.

Além do *Berengaria*, outros dois transatlânticos, o Leviathan, da United States Lines, e o francês *Île de France* também disponibilizaram corretoras flutuantes para seus passageiros. Uma das primeiras pessoas a usar os serviços de corretagem do *Île de France* foi o compositor Irving Berlin, que vendeu mil ações da Paramount-Famous-Lasky por 72 dólares cada uma.

Quem entrou para valer na alavancagem foi o banco Goldman Sachs, que, após lançar a Shenandoah, emitiu 7,25 milhões de ações da Blue Ridge Corporation. Desse total, a própria Shenandoah adquiriu 6,25 milhões de títulos a preço superior ao de lançamento, garantindo o sucesso — e o lucro — imediato da Blue Ridge. Da Shenandoah os papéis foram oferecidos ao público, e integralmente subscritos, por preço ainda maior. Sem correr nenhum risco, e apenas se aproveitando da demanda insaciável por papéis, as duas empresas ligadas ao Goldman contabilizaram uma fortuna.

O curioso da Shenandoah e da Blue Ridge era que nenhuma das duas empresas fabricava nem comercializava nada, a não ser papéis. Tratava-se de um sistema de alavancagem infinita, que faria os alquimistas da Idade Média se roerem de inveja em suas covas. Nos *Roaring Twenties*, em Nova York, pessoas ardilosas aprendiam a fórmula mágica de extrair ouro praticamente do nada.

Instituições eram criadas a todo momento apenas para enfiar papéis na goela faminta dos investidores incautos, quase todas com nomes pomposos que insinuavam solidez e austeridade: American Insuran stocks Corporation, Gude Winmill Utility Investments, International Carriers Ltd., Transcontinental Allied Corporation, National Republic Investment Trust, Insull Utility Investments, Solvay American Investment Corporations, Cosmopolitan Fiscal Corporation, Financial Counselor e inúmeras outras.

Além dos bancos e das sociedades corretoras ditos sérios — que pelo me-

nos executavam as ordens dos clientes —, não parava de crescer o número de *bucket shops*, os bookmakers de Wall Street que aceitavam ordens de investidores mas não as cumpriam no pregão da Bolsa, ao qual não tinham acesso, extraindo seu lucro cobrando corretagens exorbitantes, simulando as compras dos títulos acima do preço de mercado e as vendas abaixo da cotação praticada no momento. O atraso constante da *ticker-tape* favorecia as *bucket shops*, pois seus investidores não tinham como verificar se o preço que lhes passavam era justo ou não.

Às vezes a Bolsa subia tanto que uma dessas *bucket shops*, mesmo com toda a bandalha, era obrigada a fechar as portas, deixando seus clientes com uma mão na frente e outra atrás. Mas logo o incidente era esquecido e o mercado de corretoras ilegais voltava a florescer.

Em Londres, Clarence Hatry chegou à sede do Banco da Inglaterra. Entrou por uma porta lateral que lhe havia sido designada. Hatry vestia um terno cinza-escuro, camisa branca com colarinho engomado e gravata da mesma cor do terno, só que um pouco mais clara. Ele tinha encontro marcado com o *governor* do banco, Montagu Norman, a única pessoa capaz de salvar Hatry da enrascada em que se metera ao tentar adquirir o controle da United Steel.

Pontualmente às dez horas, Clarence Hatry foi conduzido ao gabinete do *governor*. Este o cumprimentou afavelmente e apontou para duas poltronas próximas à janela, onde os dois se sentaram. Como Hatry não adiantara nada sobre o que o levava até ali, Norman estava curioso.

Durante dez minutos Hatry explicou a Norman a situação da United Steel. Mas nada falou a respeito da emissão de ações sem lastro. Disse apenas que lorde Bearsted, do Montagu Samuel, lhe prometera financiar a compra do controle acionário da United, mas que na última hora, por conta da vitória trabalhista nas eleições, roeu a corda.

"Lamento, senhor Hatry. Mas o senhor teria de ter assinado um contrato com o banco. Além disso, se me permite a franqueza, acho que pagou caro demais pelas ações. Não há nada que eu possa fazer." Montagu Norman parecia feliz com a situação.

Clarence ainda argumentou que se não fosse auxiliado pelo Banco da Inglaterra seu império poderia desmoronar. Mas o modo frio e insensível como o *governor* reagiu a essas palavras fez com que o magnata percebesse que estava perdendo seu tempo.

"Sinto muito, senhor Hatry", acrescentou Norman, fazendo menção de erguer-se da poltrona de modo a indicar que a reunião estava encerrada.

Clarence Hatry ainda fez uma última tentativa, se odiando pela humilhação.

"Quer dizer então que não irá me ajudar?", procurou disfarçar seus sentimentos.

"Não, senhor Hatry, não irei."

Seis mil e quinhentos quilômetros a oeste de Londres, no Union Industrial Bank, em Flint, Michigan, o vice-presidente Frank Montague, um dos homens da Liga de Cavalheiros, sentia as mesmas aflições. Eram nove horas da manhã de uma segunda-feira quando ele viu o *chairman* em pessoa, Charles Stewart Mott, entrar no banco. Meses haviam se passado desde que Mott fizera isso pela última vez. O primeiro pensamento de Montague foi pessimista.

"Ele está sabendo de tudo."

A notícia se espalhou pelos diretores e funcionários envolvidos nas trapaças.

"Logo agora que as coisas estão perto de serem solucionadas...", gemeu um deles. Boa parte dos fundos desviados havia sido reposta em suas devidas contas.

No domingo, Montague, seu colega vice-presidente Milton Pollock e Robert Brown haviam se encontrado na saída da igreja e concluído que dentro de uma semana todos os desfalques estariam cobertos. Robert tinha esperanças de que seu pai, Grant Brown, presidente do banco, jamais soubesse do que acontecera.

Após uma série de operações tão alavancadas quanto bem-sucedidas, tudo estava se resolvendo a contento, com grandes chances de os trapaceiros saírem limpos. Só faltava essa agora: Charles Mott, *chairman* e maior acionista do banco, aparecer por lá.

Mott foi até Grant Brown e chamou-o para uma conversa na sala do Conselho. A certeza de que o *chairman* sabia de tudo tomou conta dos cavalheiros da Liga, que trocavam murmúrios pessimistas nos corredores.

"Ele sabe"; "Ele descobriu"; "Ele está aqui para desmascarar a gente", só mudavam as palavras.

Na verdade, Charles Mott passara o fim de semana em sua mansão de Applewood, lá mesmo em Flint, onde não ia havia muitos meses. E, na segunda-feira, chamou seu amigo S. S. Stewart, conselheiro, diretor e acionista do Industrial Bank, que desconhecia os desfalques que estavam acontecendo na instituição, para tomar café da manhã em sua casa.

Durante o café, Stewart disse a Mott que achava estranho Ivan Christensen, tesoureiro assistente do banco, cujo salário era modesto, estar construindo uma casa de 75 mil dólares.

Já na sala do Conselho, quando Mott perguntou a Grant Brown a respeito da casa de Christensen, Grant lhe disse que tivera a mesma desconfiança. Mas, após algumas investigações, descobrira, através de seu filho Robert, que o tesoureiro acertara uma grande tacada no mercado de ações, o que lhe permitira construir a casa.

Brown se satisfizera com a explicação. E o mesmo aconteceu com Mott. O *chairman* deixou o banco, pegou a estrada e dirigiu de volta a Detroit.

Tão logo Charles Mott se foi, os defraudadores, aliviados, fizeram seu primeiro investimento do dia: compraram 10 mil dólares em ações de ferrovias. Na quarta-feira elas seriam vendidas com lucro. Para a Liga de Cavalheiros de Flint faltava agora recuperar apenas 60 mil dólares para repor os 2,5 milhões que haviam pegado "emprestados".

Tudo indicava que iriam se safar da embrulhada.

Às oito e meia da manhã de terça-feira, 27 de agosto, um Rolls-Royce amarelo dirigido por um chofer parara junto ao meio-fio em frente ao número 730 da Quinta Avenida. Jesse Livermore, que passara a noite na farra, descera pela porta traseira do carro e entrara no prédio Heckscher.

Seu terno cinzento, estilo jaquetão, cortado dos melhores tecidos pelos mais caros alfaiates, encontrava-se amarrotado. A camisa branca, que costumava estar imaculada, fazia parecer que ele havia dormido com ela; o lenço de tafetá, frouxo, pendia do bolso do terno como uma flor murcha.

Livermore, que usava *pince-nez*, tinha a aparência de seus 52 anos. Seu cabelo, agora despenteado, embora ainda predominantemente louro, já exibia os primeiros fios brancos. Uma entrada de calvície acentuava seu nariz e suas orelhas grandes.

O boato que corria solto em Wall Street era que Livermore se bandeara de lado e se tornara um touro. Os mexericos tinham razão de ser. Com o mercado subindo daquela maneira, só havia uma maneira de se ganhar dinheiro: comprando.

Às dez da manhã, barbeado, de banho tomado e vestido com novas roupas — das quais mantinha farto estoque no escritório —, Livermore entrou em ação, decisivamente como touro. Tal como os integrantes da Liga de Cava-

lheiros de Flint, comprando ações de ferrovias. Só que enquanto eles haviam investido 10 mil dólares, Livermore sozinho comprou 250 mil dólares, com a intenção de realizar o lucro o mais rapidamente possível, uma vez que continuava com a impressão de que uma baixa sem precedentes estava a caminho.

Naquela mesma terça-feira, Winston Churchill se sentia radiante. Em carta que escreveu do Canadá para sua mulher, Clementine, que permanecera na Inglaterra, Churchill disse que ganhara 5.750 libras especulando na Bolsa.

O ex-chanceler do Erário e sua comitiva, o filho Randolph, o irmão Jack e o sobrinho Johnny, percorriam o país de trem, antes de seguir para os Estados Unidos, onde dois grandes amigos bilionários de Churchill, o magnata das comunicações William Randolph Hearst, na Costa Oeste, e o financista e especulador Bernard Baruch, na Costa Leste, os aguardavam para recepcioná-los e servir-lhes de cicerone.

Cientes da Lei Seca americana, mas não do quanto ela era desrespeitada, o grupo inglês levava em sua bagagem dois grandes cantis, um com uísque e o segundo com conhaque.

Em Nova York, o assunto do momento na mídia era o Empire State Building de John Jakob Raskob. Na quinta-feira, 29 de agosto, o *The New York Times* publicou uma matéria sobre o custo de construção e as dimensões da nova torre. A Associated Press informou como o projeto estava sendo financiado. Finalmente a United Press distribuiu uma entrevista com o arquiteto William Lamb, que detalhou a obra e a demolição do Waldorf-Astoria, que ressurgiria na Park Avenue.

Só em agosto de 1929, as ações haviam ganhado mais 33 pontos na Bolsa de Valores de Nova York. Nos últimos três meses o avanço fora de 110 pontos, com destaque para as ações da Westinghouse, da General Electric, da United States Steel, da American Telephone and Telegraph (AT&T), da United Founders e da Alleghany Corporation. O vigoroso *bull-market* se mantinha intacto.

Se a alta das cotações era impressionante, o volume de negócios não ficava atrás. De 4 a 5 milhões de ações eram negociados a cada dia. A euforia dos touros não era menor nas bolsas de Boston e de São Francisco.

E a verdadeira ação ainda estava para começar, com a chegada do Labour Day, que marcava o fim das férias escolares e da temporada de viagens (*driving season*).

29. Uma terça muito especial

A *ticker-tape* do escritório de Billy Durant permaneceu silenciosa na segunda-feira, 2 de setembro. Era feriado, Labour Day, e ao mesmo tempo o último dia das férias de boa parte dos americanos. Apesar de a Bolsa de Valores estar fechada, Durant trabalhava desde cedo em sua sala, preparando suas estratégias para o outono, que se iniciaria em três semanas, estação na qual ele antevia ganhos impressionantes no mercado, algo como nunca tinha sido visto antes. Nenhum acontecimento doméstico ou externo poderia impedir que as ações continuassem subindo. As manadas de touros haviam adquirido dimensões colossais.

Como exemplo disso, naquela segunda-feira as ruas do Distrito Financeiro estavam cheias de transeuntes, alguns visitando o santuário sagrado do capitalismo como turistas, e outros, pequenos investidores e especuladores, apenas esperando a chegada da terça-feira, quando a verdadeira ação se reiniciaria. Não eram poucos os que reclamavam do feriado, verdadeiro desperdício, um dia em que não se podia ganhar dinheiro.

"Se é *Labour Day*, as pessoas deviam trabalhar", resmungou um dos insatisfeitos.

Billy Durant pensava em nomes para constituir mais um grande *pool*, talvez o maior de todos. Gostaria muito de ter Joe Kennedy ao seu lado. Joe mantinha sempre suas emoções sob total controle, nunca se deixando contaminar pelo pânico e, mais importante, jamais se entusiasmando em excesso quando os negócios iam bem.

Outro que poderia se juntar à nova puxada era o banqueiro James Riordan, da New York County Trust Company, conhecido por transformar em verdadeiras cruzadas as causas que patrocinava. Mike Meehan, o especialista da Radio, os *traders* Tom Bragg e Ben Smith, os sete irmãos Fisher, de Detroit, e Percy Rockefeller eram todos cogitados para entrar na sociedade. Tais pessoas envolvidas no mesmo *pool*, e um bom serviço de divulgação paga nos jornais, atrairiam centenas de milhares de especuladores para comprar os papéis na hora em que Durant e seus sócios quisessem pular fora e realizar seus lucros.

A ideia de Billy Durant era a de que o *pool* entraria em ação no final de ou-

tubro de 1929. Ele fixou o dia 28 daquele mês para o início das operações. Portanto, dispunha de 56 dias para definir os detalhes de seu plano de trabalho.

Na tarde desse mesmo dia um repórter da estação de rádio WJZ NBC entrevistou a astróloga Evangeline Adams. Queria obter dela uma previsão para o comportamento do mercado nos próximos meses.

"As ações poderão subir aos céus", a pitonisa respondeu com grande entusiasmo.

A profecia de Evangeline, levada ao ar no noticiário noturno da emissora, foi ouvida por dezenas de milhares de motoristas cujos carros, equipados com rádios, se arrastavam pelas estradas e pontes de acesso a Nova York, engarrafadas por causa do acúmulo de tráfego na volta das férias e do feriadão. Para piorar as coisas, o dia estava tão quente que a água de muitos radiadores ferveu, obrigando alguns automóveis a parar, agravando o trânsito. Outras pessoas simplesmente abandonaram seus carros no engarrafamento e foram para casa de metrô ou de trem.

Terça-feira, 3 de setembro, primeiro dia útil após as férias de verão. Charlton MacVeagh mastigou às pressas seu café da manhã, beijou Adele e partiu para Wall Street. Tal como a maioria das pessoas envolvidas com o mercado, MacVeagh detestara os três dias sem ação na Bolsa.

O metrô para Downtown estava superlotado e sufocante. Pudera. A previsão meteorológica estimava que seria o dia mais quente do ano. A temperatura máxima esperada na área de Nova York era de 35°C.

De pé num dos vagões, ensanduichado entre outros passageiros, Charlton MacVeagh mantinha a mão direita firmemente agarrada numa das alças de apoio dependuradas em uma barra de metal cromado presa ao teto, paralela ao sentido do trem. Ele conseguia ler um exemplar do *The New York Times*, que segurava em sua mão esquerda acima das cabeças das pessoas sentadas nos bancos. Para mudar de página era necessária uma ginástica de contorcionismo. Assim Charlton pôde ler as notícias principais.

O *Graf Zeppelin* terminara sem nenhum incidente seu voo de circumnavegação. Um avião trimotor da Transcontinental Air Transport caíra no estado do Novo México, devido a uma tempestade, matando oito pessoas. *All Quiet on the Western Front* (Nada de novo na frente ocidental), um livro de ficção ambientado nas trincheiras da Grande Guerra, de viés pacifista, escrito pelo

alemão Erich Maria Remarque, se mantinha em primeiro lugar nas listas de best-sellers.

O noticiário político dava conta de que a luta entre Jimmy Walker e Fiorello La Guardia pela prefeitura de Nova York seria dura, embora os dois candidatos estivessem prevendo para si vitórias por larga margem sobre o adversário.

Como o presidente da Bolsa de Valores de Nova York, Edward Simmons, ia se casar em breve e se ausentar por longo tempo, seu vice e substituto estatutário, Richard Whitney, a quem a maioria dos executivos e funcionários da Bolsa detestava, começava a pôr suas manguinhas de fora.

Na terça-feira, dia 3, Whitney convocou o superintendente William Crawford à sua sala.

"Exijo que a *ticker-tape* mostre sempre as cotações em tempo real." O tom de voz era o de um chefe supremo e não o de um futuro presidente interino.

William Crawford conteve sua irritação.

"Nós já estamos trabalhando em um novo siste..."

"Eu não tenho tempo para fazedores de desculpas." Whitney cortou a palavra do superintendente.

Desde que trocara, na prática, a flanela e a escova pelas consultorias, jamais o engraxate Pat Bologna tivera um movimento tão bom. Formando uma fila, especuladores e candidatos a especuladores ansiosos aguardavam sua vez de serem atendidos por Bologna, todos ávidos por uma boa dica.

Não muito distante de Pat Bologna, o judeu Michael Levine, faz-tudo de Wall Street, sabia que aquela terça-feira seria um dia intenso. Ele receava que seus mais de 2 mil mensageiros, correndo entre os bancos, as casas de corretagens e a Bolsa, seriam incapazes de dar conta do movimento que se prenunciava recorde. Milhares de envelopes contendo ordens de mercado, certificados de ações e cheques teriam de ser despachados para todos os cantos do Distrito Financeiro. Outros tantos precisavam ser recolhidos nos mesmos lugares.

Cada negócio fechado pelos 1.375 operadores de pregão da Bolsa de Nova York, e não havia dúvidas de que o movimento daquele primeiro dia após as férias seria colossal, detonaria uma ou duas dessas viagens de liquidação. Caso contrário, a máquina toda entraria em colapso. Wall Street simplesmente não podia ser derrotada pela burocracia.

Às 10h01, apenas sessenta segundos após William Crawford ter batido o gongo para abrir os negócios do dia 3 de setembro, Levine percebeu que ele e seus rapazes estavam correndo sério risco de sucumbir sob um mar de papéis.

Em sua toca, por volta das onze da manhã, Jesse Livermore já sabia que o mercado estava sendo impelido para cima como as cinzas e as lavas de um vulcão em erupção.

Naquele exato momento, Livermore era um touro. Mas estava atento aos sinais de suas vísceras, que raramente lhe davam indicações erradas, para vender tudo em dobro e voltar a ser o maior de todos os ursos.

Billy Durant e Michael Meehan faziam uma leitura diferente da de Jesse Livermore sobre o que estava acontecendo e sobre o que iria acontecer. Embora os dois antevissem alguns movimentos de consolidação financeira, a tal “saudável realização de lucros”, ambos acreditavam que a verdadeira alta ainda nem começara.

Por volta das quatorze horas, a Radio, papel de responsabilidade de Meehan, estava sendo negociada a 101 dólares, isso após ter dado uma bonificação de cinco ações por cada uma e de jamais ter pago um dividendo sequer. Com igual força subiam os papéis das concessionárias de serviços públicos (*utilities*) e das empresas de entretenimento.

O índice industrial Dow Jones, tal como a astróloga Evangeline Adams previra na véspera para a WJZ NBC, subira aos céus, fechando no nível recorde de 381,17.

Embora quase ninguém desconfiasse disso, esse nível seria o maior do grande *bull-market* dos anos 20, e só voltaria a ser atingido um quarto de século mais tarde, em 1954, após as tragédias da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial.

30. Arauto da desgraça

Existe um indicador dos mercados em geral, e do mercado de ações em particular, que mostra que quando quase todo mundo está *bullish* (altista) para as cotações elas param de subir. Esse indicador tem um nome: Índice de Força Relativa (*Relative Strength Index* ou RSI).

O aparente paradoxo tem uma explicação. Se todos estão otimistas, quem tinha de comprar já comprou. E não havendo mais ninguém para comprar, o mercado cai. Cai até que surjam preços mais baixos e convidativos.

Em setembro de 1929, os jornais davam corda aos investidores. Uma matéria do *Wall Street Journal* de quarta-feira, dia 4, relatava:

> *Wall Street entrou na estação financeira do outono em um estado de espírito de otimismo. Com as ações das ferrovias apresentando um ganho firme e a produção nos principais ramos da indústria crescendo em forte ritmo, as perspectivas de ganhos das principais corporações com ações registradas na Bolsa de Valores são vistas como extremamente promissoras.*

Jesse Livermore, o mais bem-sucedido dos ursos, foi um dos que interpretaram a alta de terça-feira como sendo um possível topo do mercado. E decidiu agir de acordo com suas conclusões.

Na quarta, quinta, sexta e sábado da primeira semana de setembro, as ações começaram a oscilar muito, às vezes subindo, em outras descendo, mas sempre fazendo topos e fundos inferiores (*lower highs*, *lower lows*) aos da terça-feira, dia 3. Os investidores e especuladores começaram a ficar inquietos, conformando-se agora em realizar lucros pequenos tão logo surgia a oportunidade. A sociedade onde todos seriam ricos já não era um dogma incontestável. A ganância começava a ceder terreno ao medo.

Na manhã do próprio dia 4, Jesse Livermore recebeu em seu escritório uma mensagem cifrada procedente de seu informante de Londres. Segundo o comunicado secreto, Clarence Hatry, o rei do vidro, e que agora tentava tor-

nar-se o rei do aço, enfrentava sérios problemas financeiros. E Hatry era simplesmente um dos homens mais ricos da Europa.

Livermore decidiu manter um olhar permanente na situação do magnata inglês, que poderia afetar negativamente não só o mercado londrino como também Wall Street. As primeiras peças do quebra-cabeças do urso começavam a se encaixar. Restava-lhe traçar uma estratégia para a grande tacada de sua vida, justamente no campo escorregadio da baixa, que era a sua especialidade.

Quinta-feira, 5 de setembro, foi o dia do almoço anual da National Business Conference, em Boston. Desta vez o principal orador era o professor, estatístico e matemático Roger W. Babson, que vinha prevendo o tombo das bolsas de valores havia dois anos e por isso perdera boa parte de sua credibilidade.

Antes que Babson pronunciasse seu discurso, Jesse Livermore, imaginando que o orador iria mais uma vez prever uma grande queda do mercado, resolveu agir, agora amparado pela ansiedade que reinava entre os *traders*. Usando trinta corretoras diferentes, de modo a manter em segredo suas operações, Livermore fez vendas a descoberto no valor de 300 mil dólares. Era o velho urso em plena ação.

Desta vez Roger Babson não deixou barato: "Mais cedo ou mais tarde o colapso virá e poderá ser tremendo. A média industrial Dow Jones perderá de sessenta a oitenta pontos. Fábricas fecharão, seus empregados serão despedidos, o círculo vicioso da economia funcionará a pleno vapor e o resultado final será uma grave depressão econômica."

"ECONOMISTA PREVÊ UM CRASH NO MERCADO DE AÇÕES", foi o boletim que as máquinas de telex da Associated Press enviaram para seus assinantes: rádios, revistas e jornais. Quase todos os órgãos divulgaram a notícia para seus leitores e ouvintes.

Evidentemente os touros não gostaram. "O espírito de porco da América voltou a fazer suas previsões catastróficas, desprovidas de sentido", foi o mínimo que disseram do economista. Nada disso evitou que uma onda de ordens de venda chegasse às corretoras.

Os verdadeiros profissionais levaram a sério os vaticínios de Babson. Entre eles, John Jakob Raskob, o banqueiro James Riordan e Billy Durant. Em troca de telefonemas os três concordaram que o discurso do economista poderia causar danos irreparáveis ao mercado.

Mal as notícias e os presságios negativos chegaram às corretoras, os papéis começaram a cair, entre eles Westinghouse, Woolworth, Consolidated Gas, Adam Express e Coca-Cola. No Posto 12 da Bolsa de Valores de Nova York, onde se negociava a Radio, Mike Meehan via as ordens de venda chegando de todos os lados. O mesmo acontecia em todos os postos de negociação.

Em Wall Street, o engraxate Pat Bologna se via cercado de homens e mulheres amedrontados. Eram em sua maioria pessoas de fora da cidade, parte da multidão que frequentava as salas de clientes das corretoras e dormia nos hotéis e pensões da Baixa Manhattan. Só estavam em Nova York para dar uma tacada na Bolsa antes de voltar para suas casas.

Bologna tentou tranquilizar seus consulentes. Mas quando um deles lhe disse que acabara de perder o dinheiro que acumulara ao longo de toda a sua vida, o engraxate começou a sentir medo.

Em sua edição das quatorze horas, o *Herald Tribune* publicou um artigo do prestigiado economista Irving Fisher, da Universidade de Yale, autor de vários livros sobre o mercado financeiro, refutando os argumentos de Roger Babson. Segundo Fisher, não havia a menor possibilidade de um crash na Bolsa.

A briga entre touros e ursos, agora no campo do academicismo, se estendeu aos jornais. Um tabloide nova-iorquino ofereceu cem dólares por semana a Babson para assinar uma coluna financeira diária e ele aceitou.

Durante toda a quinta-feira Jesse Livermore vendeu ações a descoberto. E dormiu vendido. Nessa sessão, o índice do *Times* caiu dez pontos e 5.565.280 ações trocaram de dono. Na sexta pela manhã, Livermore cobriu suas posições, pois os argumentos de Fisher estavam acalmando os investidores. Foi uma decisão acertada: ao longo do dia a Bolsa recuperou a maior parte das perdas da véspera.

No sábado o mercado também se manteve em alta, para alívio de Pat Bologna.

Winston Churchill entrou nos Estados Unidos a bordo de um *ferryboat* que o trouxera com sua comitiva de Vancouver, no Canadá, através das águas calmas do Puget Sound, para o porto de Seattle, no extremo noroeste do país. O barco ancorou no sábado, 7 de setembro.

Sempre atenta ao cumprimento da Lei Seca, que não vigorava em território canadense, a Alfândega americana resolveu revistar as bagagens dos quatro ingleses: Winston, Randolph, Jack e Johnny. Como levavam nas malas uísque e conhaque, mercadoria que não havia sido declarada, Winston Churchill não viu outra alternativa a não ser a do tradicional e universal "você sabe com quem está falando?".

Churchill brandiu no rosto dos agentes seu passaporte diplomático e uma carta de apresentação escrita e assinada por Charles Dawes, ex-vice-presidente dos Estados Unidos e agora embaixador americano em Londres. E recusou-se a abrir a bagagem.

Sem coragem de fazer a inspeção à força, os inspetores convocaram o chefe local da Alfândega que, por sua vez, chamou o vice-cônsul britânico em Seattle. Enquanto aguardava a solução de seu caso, o ex-chanceler do Erário dava baforadas furiosas em seu charuto.

Após algumas negociações, durante as quais as malas continuaram fechadas, prevaleceu a boa e velha "carteirada". Temendo estar criando um incidente diplomático, o chefe da aduana liberou os Churchill e suas bagagens. E ainda levou os ingleses para um hotel onde, para grande surpresa de Winston e sua turma, foram conduzidos a uma mesa na qual lhes serviram cerveja e champanha, com os quais o inspetor-chefe não se vexou em brindar os ilustres estrangeiros com generosos tragos.

Após a primeira semana de setembro, quedas e altas abruptas passaram a se alternar na Bolsa de Nova York, embora quase sempre obedecendo ao padrão lower highs, lower lows. O volume dos negócios aumentou bastante, com os papéis e o dinheiro mudando de mãos. Muita gente que enriquecera na alta liquidava suas posições. No sentido inverso, investidores novos continuavam aparecendo nos escritórios das corretoras espalhadas pelo país, ávidos por ingressar na sociedade onde todos seriam ricos.

O editor financeiro do *The New York Times*, Alexandre Noyes, proclamava o fim do *bull-market*, no que foi contestado pelo *Wall Street Journal*. O *Times* estava certo, pois o mercado, embora ziguezagueando, ziguezagueou caindo. O concorrente *Journal* continuou *bullish*, declarando num primor de inobjetividade: "A evolução das cotações do principal conjunto de ações continuou a mostrar ontem as características de um grande avanço, temporariamente detido para a efetuação de reajustes técnicos."

Na quarta-feira, 11 de setembro, o *Wall Street Journal* apelou para uma citação de Mark Twain para sustentar, de modo ambíguo, sua opinião: "Não se desfaça de suas ilusões; quando as perder, você poderá continuar existindo, mas terá deixado de viver."

31. O homem da mala

Steve Vargo pretendia sacar todo o dinheiro de sua poupança no Union Industrial Bank, de Flint, economizado de seu salário na Buick, para gastá-lo após o casamento. E já decidira que entre as despesas teria de incluir um sorvete de baunilha diário para Jolan, para cumprir a promessa solene que fizera a ela.

A morte, por atropelamento, de Frank, o irmão de 7 anos de Jolan, não alterara os planos da cerimônia e da festa, dos quais as duas famílias se incumbiam com gosto, não sem uma série de divergências sobre o número e, principalmente, os nomes dos convidados.

Era um domingo e Steve acabara de almoçar com a noiva, a mãe dela e o padrasto. Depois todos se sentaram em cadeiras de balanço no alpendre, enquanto aguardavam a chegada dos pais do noivo para dar prosseguimento às conversações. Mesmo na varanda o cheiro forte de álcool fermentado que emanava do subsolo da casa era forte.

Não demorou muito e os pais de Steve chegaram em seus melhores trajes domingueiros. Andrew, o padrasto de Jolan, deu um pulo na "fábrica" e trouxe de lá uma garrafa de uísque e copos. Só a noiva, por ser ainda uma menina, não foi servida.

Sem nenhum preâmbulo, e sem que ninguém ainda tivesse dito nada sobre o casamento, Andrew perguntou:

"Sábado, 19 de outubro, é uma boa data?" E completou: "Assim terei tempo suficiente para fermentar algo especial."

Os pais de Steve não objetaram. Ao contrário.

"Nessas semanas que faltam poderemos mandar fazer roupas apropriadas para a ocasião."

Após muitos debates, diversas outras decisões foram tomadas pelos mais velhos, sem que os noivos fossem ao menos consultados.

Na manhã seguinte, Steve Vargo, antes de bater o ponto na Buick, escoltou Jolan em sua primeira entrega diária de aguardente engarrafada, escondida no fundo falso do carrinho de Margaret, empurrado pelos dois em direção ao Centro de Flint. Steve voltou a falar de seu dinheiro guardado no banco.

"A única pessoa que sabe disso é você", ele a envaideceu.

"Puxa vida, Steve. Vamos poder comprar um bocado de sorvete de baunilha."

“Quando nós estivermos casados”, ele abriu um sorriso cativante, “acho que vai dar para comprar uma máquina de fazer sorvetes”.

A última das dúvidas de Jolan sobre se o casamento era uma coisa agradável, e não uma submissão dolorosa, havia acontecido alguns dias antes quando ela e Steve trocaram carícias no banco detrás de um carro. Nessa ocasião, ele a tratara com toda delicadeza, sem forçar nada.

Durante a caminhada de entregas daquela segunda-feira, Jolan e Steve foram abordados por um policial. Ela ficou aterrorizada.

“Está precisando de conserto”, o oficial apontou para uma das quatro rodinhas. “A borracha está gasta e diversos raios estão faltando.”

Jolan concordou com a cabeça, o coração aos pinotes.

Em nenhum momento Steve Vargo se atemorizou:

“Eu mesmo faço isso, talvez ainda hoje”, ele disse ao agente da lei, que concordou com um aceno de cabeça e prosseguiu em sua ronda.

Na quinta-feira, 13 de setembro, Clarence Hatry chegou a Paris. Hospedou-se num dos melhores hotéis da Champs-Élysées. Junto com Hatry viajavam seu diretor-gerente Edmund Daniels e o assistente de Daniels, o italiano John Gialdini, um gênio em matemática que fizera carreira meteórica na corporação. Os três iriam fazer uma derradeira e desesperada tentativa para obter um empréstimo que pudesse salvar o império Hatry de um colapso total.

Ao embarcarem na Victoria Station, em Londres, na noite da véspera, Clarence Hatry se surpreendera com o tamanho da bagagem de Gialdini, desmesurada para uma viagem de poucos dias. A surpresa se transformou em estranheza quando o italiano manteve as malas junto de si no trajeto inglês do trem, na travessia do canal a bordo de um *ferry* e no percurso final do expresso para Paris.

Indagado a respeito das malas, Gialdini explicou a Hatry que se tudo corresse bem na França ele iria tirar alguns dias de férias na Suíça, onde sua mulher o encontraria.

A ida a Paris revelou-se um fracasso. Nas reuniões que Hatry e seus dois homens mantiveram com banqueiros franceses, todos se recusaram a lhes emprestar dinheiro.

Apesar do insucesso da viagem, na noite de sábado Gialdini recusou-se a voltar para Londres. Dizendo-se extremamente tenso, decidiu ir mesmo

para a Suíça. Quando ele partiu com suas malas, Clarence Hatry, suspeitando de uma deserção, virou-se para Daniels e perguntou: "Será que nós o veremos novamente?"

O que Hatry não sabia, nem tinha como saber, era que Gialdini levava na bagagem 400 mil libras esterlinas que roubara de uma das companhias do grupo. O magnata inglês também desconhecia que da Suíça o italiano faria uma baldeação para seu país. Lá estaria seguro, pois não havia tratado de extradição entre a Itália de Mussolini e o Reino Unido.

Acabrunhado, Clarence Hatry pediu a Edmund Daniels que reservasse lugares no trem e no *ferryboat* noturnos para a Inglaterra. Daniels ainda pensou em perguntar ao patrão se deveria adquirir bilhetes de segunda classe, mas se deu conta de que seria uma humilhação totalmente inútil.

32. Confissões

Em meados de setembro, embora o mercado já tivesse dado os primeiros sinais de fraqueza, Wall Street continuava a lançar consórcios. Páginas e mais páginas de anúncios do *The New York Times* e do *Wall Street Journal* ofereciam esses papéis ao público.

O volume de empréstimos obtidos dos bancos pelas sociedades corretoras mantinha-se em alta. Qualquer pessoa que quisesse alavancar seu dinheiro em Wall Street não encontrava obstáculos em seu caminho.

Das dez da manhã, quando o pregão da Bolsa de Valores de Nova York era aberto, até as três da tarde, hora em que o superintendente William Crawford batia o gongo de encerramento, as salas de clientes das corretoras continuavam apinhadas de gente. A *ticker-tape* corria de mão em mão entre os especuladores. Aos poucos, os ursos voltavam a acreditar em sua força.

Quarta-feira, 18 de setembro, final da tarde. Sentado em sua sala no National City Bank, Charles Mitchell acabara de estudar cuidadosamente os números recentes do pregão, assim como os últimos relatórios da Reserva Federal. Não precisou de muito tempo para concluir que as ações estavam firmes e que quebrar os recordes de preços do dia 3 de setembro seria uma questão de tempo. De muito pouco tempo.

Mitchell tinha uma viagem marcada para a Europa, onde passaria um mês de férias. Mas antes de embarcar queria aumentar seus investimentos na Bolsa e convocar uma coletiva de imprensa para anunciar sua opinião sobre o mercado que poderia ser resumida em um simples conselho: "Seja um touro na América."

Já de volta a Londres, na manhã de quinta-feira, dia 19, Clarence Hatry, acompanhado de Edmund Daniels e de outros dois diretores de seu grupo empresarial, foi introduzido no escritório de Sir Gilbert Garnsey, um dos mais conceituados contadores da City.

Garnsey havia sido contratado pelo Lloyds Bank para estudar a situação das empresas de Hatry, uma vez que o magnata procurara o Lloyds na véspera, numa derradeira e desesperada tentativa de conseguir um empréstimo que impedisse seu império de desmoronar.

O contador foi direto ao assunto, sem adoçar as palavras: “Senhor Hatry, sua solicitação foi recusada.”

Em apenas dois dias o preço total das ações das empresas de Clarence Hatry havia caído 2 milhões de libras. Ao mesmo tempo, em Paris, os papéis da Photomaton, também do grupo Hatry, entraram em colapso.

Hatry compreendia que agora nada podia salvá-lo. Por isso confessou a Garnsey que suas companhias tinham um passivo de 19 milhões de libras, contra apenas 4 milhões de ativos, havendo, portanto, um rombo de 15 milhões. E concluiu sua entrevista com o contador com um pedido surpreendente:

“Sir Gilbert, o senhor pode me levar até a delegacia de polícia mais próxima de modo que eu possa ser posto em custódia?”

Assustado, Garnsey fez uma contraproposta:

“E se eu fosse imediatamente procurar Montagu Norman no Banco da Inglaterra?”

O contador tinha esperanças de encontrar uma maneira de evitar uma debacle na City, que poderia se estender a Wall Street.

“Por favor, senhor Hatry, não vamos falar em polícia agora. Deixe-me ao menos tentar uma solução política. Enquanto isso, procure seu advogado”, aconselhou. “No final da tarde os senhores voltem aqui para vermos como ficaram as coisas”, concluiu, erguendo-se da cadeira e estendendo a mão aos visitantes.

Clarence Hatry e seus três executivos foram almoçar com Stanley Passmore, advogado de Hatry havia muitos anos. Passmore ficou estarrecido ao tomar conhecimento da situação financeira de seu cliente e amigo e, principalmente, dos delitos que ele cometera. Mas não foi por isso que recusou a causa.

“Eu não estou qualificado para esse caso. Clarence, desta vez você tem de procurar um criminalista.”

Já em seu escritório, Clarence Hatry examinou algumas listas de nomes de advogados, mas não conseguiu encontrar nenhum que conhecesse bem a ponto de entregar-lhe um caso tão importante para seu futuro, futuro esse que poderia lhe custar muitos anos de cadeia. Esperou o final da tarde e retornou com seus homens ao escritório de Sir Gilbert Garnsey.

As notícias do contador não podiam ser piores.

Garnsey disse que sua visita a Montagu Norman não havia produzido nenhum resultado positivo e que não encontrara nenhum sinal de boa vontade no *governor* do Banco da Inglaterra, como aliás já acontecera com o próprio

Clarence. Só que Sir Gilbert omitiu o fato mais importante. Norman lhe dissera que informara ao *chairman* da Bolsa de Valores de Londres a respeito da situação de Hatry e que a Bolsa decidira suspender os negócios com todos os papéis do grupo a partir da manhã seguinte.

Com relação à ideia manifestada pela manhã por Clarence Hatry de se entregar à polícia, desta vez Gilbert Garnsey concordou.

"Os senhores devem fazer isso imediatamente. Vou ajudá-los no procedimento, para causar-lhes o mínimo de embaraço possível."

O contador ligou para um velho amigo, Sir Archibald Bodkin, diretor da Promotoria britânica. Disse-lhe que iria encaminhar um grupo de homens da City que precisavam vê-lo imediatamente.

Bodkin quis saber por quê.

"Para confessar uma fraude", Garnsey não economizou nas palavras. Mas Bodkin quis saber mais detalhes.

"Fraude? Que tipo de fraude?" O promotor perguntou. "O que é que eles fizeram?"

"Uma falsificação. E as quantias envolvidas são gigantescas." O contador queria passar logo o problema adiante.

Sir Archibald era chegado a minúcias: "Quanto?"

"Da ordem de 20 milhões de libras."

Desta vez Gilbert Garnsey tinha certeza de que impressionara Bodkin. Mas não contava com a fleuma de Sir Archibald.

"Vê-los-ei amanhã às dez em ponto em meu escritório", a voz do promotor não revelou excitamento, embora jamais houvesse lidado com uma fraude daquele montante, possivelmente a maior da história do Império britânico.

Do lado oeste do Atlântico Norte, outras conversações aconteciam na cidade de Flint, Michigan, onde ainda era fim da manhã daquela quinta-feira. O tema era o mesmo: fraude. Os integrantes da Liga de Cavalheiros do Union Industrial Bank combinavam uma reunião para aquela noite no local de sempre: a sala do Conselho do banco.

O vice-presidente Frank Montague passou o dia todo em estado de grande nervosismo. Mesmo a Bolsa de Nova York tendo recuperado em parte as perdas da primeira semana de setembro, após a alta recorde do dia 3, Montague não conseguia dormir à noite, limitando-se a breves cochilos. Passava horas e mais horas na cama, ao lado de sua mulher Louise, pensando na melhor

maneira de sair da situação. E o que mais o amargurava é que quase tinham conseguido sair do buraco.

A mesma aflição acometia o também vice-presidente Milton Pollock e o caixa Robert Brown, filho do presidente do banco. A única vantagem de Pollock e do rapaz Brown sobre Montague é que os dois primeiros recorriam a orações, na esperança de que Deus os tirasse daquela situação.

Na reunião programada para a noite, o vice-presidente sênior John de Camp e o tesoureiro assistente Ivan Christensen fariam uma exposição aos colegas da Liga sobre a posição real da carteira de ações do grupo.

Depois que os funcionários do banco foram para casa, após o encerramento do expediente, os quinze defraudadores se reuniram na sala do Conselho.

De Camp não perdeu tempo em dar as más notícias.

"No dia em que Roger Babson fez aquele discurso catastrofista em Boston", explicou ele, "nós estávamos comprados. E perdemos muito dinheiro quando a Bolsa despencou. Então eu resolvi vender a descoberto para recuperar o prejuízo. E, como vocês sabem, o mercado reverteu a tendência e subiu. Em resumo: perdemos na ida e na volta".

John de Camp fez uma pausa, respirou fundo e fulminou:

"Nosso déficit, que havia caído para apenas 60 mil dólares, está agora em 700 mil. Tudo isso em apenas duas semanas e sempre usando os fundos das contas dos clientes."

Houve um silêncio abissal na sala, só quebrado por um gemido de Frank Montague.

Após algumas discussões acaloradas, com trocas de acusações as mais diversas, os cavalheiros da Liga decidiram que a única opção era continuar fazendo as operações fraudulentas no mercado de ações, alavancando cada vez mais, até que pudessem repor o dinheiro dos correntistas. Caso contrário, todos iriam para a cadeia, deixando suas famílias arruinadas.

33. Atrás das grades

A notícia de que as ações das empresas de Clarence Hatry haviam sido suspensas das negociações na Bolsa de Valores apareceu nos matutinos de Londres de sexta-feira, 20 de setembro. Em termos práticos, isso significava que o império de Hatry poderia estar desmoronando. Restava ao grande público saber como pudera acontecer tal coisa. Pois só o círculo mais interno do empresário — o contador, Sir Gilbert Garnsey; o *governor* do Banco da Inglaterra, Montagu Norman; o advogado de Hatry, Stanley Passmore; e Sir Archibald Bodkin, diretor da Promotoria britânica — tinha conhecimento do caso.

Em Nova York, o urso Jesse Livermore também soubera, havia mais de duas semanas, através de seu informante em Londres, das dificuldades financeiras do magnata inglês.

Tal como combinado, Hatry e seus três associados se apresentaram na antessala de Sir Archibald às dez da manhã. Hatry passara a noite em um hotel. Como não raro acontece entre pessoas que guardam um segredo comprometedor por muito tempo, ao revelá-lo ele se sentira aliviado e dormira bem. Durante o café da manhã pôde ler sobre o colapso de suas empresas nos jornais. Estava na primeira página de todos eles, desde os tabloides sensacionalistas até o *The Times*.

O primeiro castigo foi um chá de cadeira ao qual foram submetidos por Sir Archibald. Quando finalmente os fez entrar em sua sala, o diretor da Promotoria não os convidou a se sentar nem lhes estendeu a mão. Hatry e seus homens permaneceram de pé, constrangidos, em frente à mesa da autoridade refestelada em sua poltrona.

"Por favor, expliquem o motivo de suas presenças", pediu Bodkin.

Hatry não escondeu nada. Além de relatar o rombo nas finanças de suas empresas, confessou as irregularidades que havia cometido.

Bodkin pressionou um botão em sua mesa. Imediatamente um detetive da Scotland Yard, que estivera aguardando o chamado num escritório adjacente, entrou na sala, exibindo uma fisionomia inamistosa.

"Estes senhores querem fazer uma declaração", Sir Archibald informou ao recém-chegado.

Hatry repetiu tudo o que dissera ao diretor da Promotoria. Quando terminou, Bodkin apontou a porta com a ponta do queixo e instruiu o policial:

“Prenda-os.”

Já do lado de fora, o rosto do detetive se desanuviou.

“Eu vou precisar obter um mandado”, explicou em tom amável. “Enquanto isso, por que vocês não se alojam no Charing Cross Hotel? Fica aqui perto. Lá vocês podem almoçar enquanto aguardam minha volta. A burocracia às vezes demora um pouco. E nunca se sabe quando haverá uma oportunidade de outra refeição decente.”

O oficial só retornou no final da tarde, já de posse da papelada. As coisas então se sucederam rapidamente. Em menos de duas horas, Clarence Hatry e seus companheiros estavam atrás das grades.

Desde o início de setembro, quando no dia 4 soube dos problemas do conglomerado inglês de Clarence Hatry e, no dia seguinte, quando o economista Roger Babson anteviu um crash no mercado de ações de Nova York e uma depressão econômica nos Estados Unidos, o urso Jesse Livermore já ganhara um milhão de dólares vendendo ações a descoberto.

O lucro não tinha sido tão fácil como se poderia supor. A Bolsa ainda observava uma trajetória de zigue-zagues, embora mantendo-se no padrão de lower highs, lower lows. Mas Jesse sabia lidar bem com aquelas oscilações, maximizando com elas os seus ganhos.

Na sala de estar da mansão na rua 12 do banqueiro James Riordan, presidente da New York County Trust Company, John Jakob Raskob tentava convencer seu anfitrião de que a queda do mercado de ações nova-iorquino causada pela falência de Clarence Hatry era uma ótima oportunidade para se entrar no mercado comprando.

“Eu sei que o conglomerado do inglês é grande”, o tom de voz de Raskob demonstrava toda a confiança no que dizia, “e que o rombo também é, mas isso foi lá em Londres. Já, já a Bolsa daqui passa a olhar para os fundamentos da América, que estão cada vez mais sólidos e promissores”.

Raskob trouxera consigo uma garrafa de conhaque espanhol, que ele e Riordan esvaziavam com sofreguidão.

“Você não tem medo de trafegar com isso pelas ruas?”, James Riordan apontou para a bebida. “E se os agentes da Lei Seca lhe pararem?”

John Raskob deu uma risada gostosa e sacou do bolso do paletó uma declaração de seu médico afirmando que o paciente necessitava de conhaque por razões medicinais.

Os dois voltaram a conversar sobre o mercado. Riordan não compartilhava do otimismo de Raskob.

“Você precisa ver o nível das pessoas que estão pedindo dinheiro emprestado ao banco para aplicar na Bolsa”, disse. “Tudo peixe pequeno querendo ficar rico da noite para o dia.”

“E você empresta?”, John Raskob quis saber.

“É o meu negócio”, respondeu James Riordan. E completou: “Mas quando as ações caem nós enviamos um telegrama exigindo reforço de margem. Se os caras não pagam imediatamente, os papéis são liquidados.”

“Não se preocupe muito com isso.” Raskob era definitivamente um touro convicto. “O mercado ainda vai subir por mais uns vinte anos. Nessa época, eu já terei morrido e só serei lembrado por causa do Empire State Building.”

Ao longo da segunda quinzena de setembro o mercado prosseguiu em seu canal de baixa, embora com piques de alta. Isso era facilmente perceptível nos gráficos. Os volumes de negociação se mantiveram elevados e muitas ações mudavam de dono. “O bom não é comprar na baixa?”, argumentavam os calouros, antes de dar seus bens em garantia de empréstimos bancários.

As declarações do professor Irving Fisher, da Universidade de Yale, que recebiam ampla publicidade nos jornais, encorajavam os novos touros.

“Estou totalmente convicto de que as ações atingiram um patamar que se manterá permanentemente elevado”, Fisher declarou e os peixes miúdos foram na dele.

Na outra face da moeda, não faltavam advertências sobre os riscos da Bolsa. A *Weekly Business and Investment Letter*, publicada pela agência classificadora Standard & Poor’s, chamou de “grande delírio” o que estava acontecendo em Wall Street. O diretor de redação do *The Commercial and Financial Chronicle* escreveu que a Bolsa endoidecera. Mais do que todos, o veterano Alexander Dana Noyes, do *The New York Times*, carregava nas tintas, alertando, entre outros presságios sinistros, sobre a iminente chegada do “Juízo Final” no mercado de ações.

Na Bolsa de Valores de Nova York, os volumes continuavam altos, oscilando entre quatro e 5 milhões de ações negociadas diariamente e às vezes

passando dos cinco. E, mais perigoso, o volume de emissões de novos papéis, boa parte deles apenas isso, "papéis", batia recordes atrás de recordes.

No dia 20 de setembro, as ações da Lehman Corporation — grupo que seria pivô de uma grave crise 79 anos mais tarde —, que haviam sido lançadas no dia 19 a 104 dólares, abriram no pregão a 136, um lucro de 30% em 24 horas.

O que não faltava era lenha para a fogueira. No mesmo mês de setembro os empréstimos dos bancos às corretoras atingiram a marca de 670 milhões de dólares.

Só os profissionais mais lúcidos percebiam que o padrão *lower highs*, *lower lows* continuava prevalecendo. Ou seja, a Bolsa estava caindo. Para isso, bastava observar os gráficos dos índices de ações. Mas poucos queriam saber de gráficos no apogeu dos *Roaring Twenties*, uma época em que a ganância se sobrepunha à lógica.

34. Feridos, desconfiados, mas ainda touros

No vagão abarrotado do metrô que o levaria até a estação de Wall Street, o jovem Charlton MacVeagh, marido de Adele e executivo do J. P. Morgan, prestava atenção à conversa dos demais passageiros. A maioria só falava de ações e consórcios de investimento. Só que ninguém fazia comentários negativos. Era como se o colapso do inglês Clarence Hatry não tivesse acontecido e como se os analistas profissionais fossem unânimes na crença de que o mercado continuaria firme para sempre.

Aquele trem, tudo parecia indicar, era um expresso de touros, com exceção de MacVeagh, que temia pela sorte da Bolsa desde o surgimento dos primeiros sinais de fraqueza.

Ao emergir das escadarias da estação de Wall Street, e iniciar seu pequeno percurso até a Casa Morgan, Charlton, tal como vinha acontecendo nas últimas semanas, precisou forçar sua passagem por entre a multidão que se concentrava do lado de fora das sociedades corretoras. As expressões de euforia das pessoas eram idênticas às dos passageiros do *subway*.

Quando se aproximou do J. P. Morgan, Charlton viu a limusine de Thomas Lamont se afastando e Lamont subindo as escadas do prédio. Com medo de ter-se atrasado, MacVeagh olhou as horas. Viu que estava no horário. Quem se adiantara fora Lamont, no momento ocupando o primeiro cargo na hierarquia da firma, uma vez que Jack Morgan estava gozando suas férias anuais em Wall Hall, seu castelo em Hertfordshire, Inglaterra.

De acordo com a tradição da Casa, o primeiro em posto era sempre o último a chegar, pontualmente às nove horas. E se isso não estava acontecendo naquela manhã era porque havia algo de anormal.

Outro que caminhava pela Wall Street em direção ao seu escritório era Hut Hutton-Miller, 26 anos, corretor júnior revelação da W. E. Hutton and Company. Miller, como alguns de seus colegas já veteranos, ponderava os perigos do culto ao mercado de ações. Ele sabia que muitas daquelas pessoas que apinhavam as calçadas do Distrito Financeiro voltariam desapontadas para casa no final do dia.

Minutos mais tarde, já em sua mesa de trabalho, enquanto atendia os clientes da firma pelo telefone, Hut os alertava sobre as tentações e os riscos

da expectativa de uma fortuna fácil e rápida. Mas os novos investidores e especuladores estavam muito mais interessados nas entrevistas de John Jakob Raskob e do professor Irving Fisher — com suas previsões megalômanas sobre as tendências das cotações —, do que nas advertências de corretores mais prudentes.

"Se você já pulou fora", ponderava Hutton-Miller, "continue de fora. O mercado está cada vez mais difícil de interpretar, mesmo para pessoas como eu, que lidam com ele todos os dias".

"Mas se você ainda está dentro", prosseguia Miller, "adote uma postura cautelosa, principalmente se sua posição é alavancada. Liquide tudo ao primeiro sinal de perigo. Lembre-se das chamadas de margem, que surgem imediatamente quando as ações caem. Se você não tem fundos para cobri-las, vai ser catapultado do mercado".

Hutton-Miller fazia questão de ser bem alarmista, embora soubesse que a ganância travava o raciocínio das pessoas, inclusive o dele. O próprio Miller se via incapaz de seguir seus conselhos. A tentação de tirar a sorte grande (*to hit the jackpot*) era irresistível.

Já no Morgan, Charlton MacVeagh viu, através do vidro que isolava acusticamente sua escrivaninha da grande sala dos sócios, que estes conferenciavam com ares de grande preocupação ao redor da mesa de Lamont. Logo MacVeagh ficou sabendo, por intermédio de uma secretária, que a reunião havia sido convocada de manhã cedo pelo telefone e que iria durar mais tempo do que o encontro diário normal.

Na verdade, os sócios estavam conversando sobre uma mensagem importante que chegara de Jack Morgan, naquele momento em Londres, alertando sobre as possíveis repercussões em Wall Street do colapso de Clarence Hatry na Grã-Bretanha.

Billy Durant achava que o caso Hatry estava sendo superestimado pela mídia e tentava convencer o financista Bernard Baruch dessa tese. Os dois se conheciam e se respeitavam havia vários anos. Durant tentava recrutar Baruch para participar do novo consórcio que vinha planejando.

"Não, Billy, não tenho o menor interesse no momento de entrar em consórcio algum." Baruch se mostrou peremptório.

Durant reduziu suas pretensões.

“Então dê ao menos uma declaração à imprensa encorajando as pessoas a investir.”

“Não, amigo, nem isso. Eu simplesmente acho que o mercado vai desabar. E não pretendo iludir as pessoas.”

Billy Durant fingiu ignorar a censura embutida nas palavras do amigo.

“Em todo caso, obrigado, Bernard.” Durant desligou o telefone, não conseguindo evitar uma pontada de desconforto ao ver Baruch tão pessimista.

Joe Garcia achou o trajeto daquela manhã de terça-feira, 24 de setembro, invulgarmente calmo. Ao seu lado no Rolls-Royce, o patrão Amadeo Peter Giannini quase não falou durante a viagem de San Mateo para São Francisco. Sentada no banco traseiro, Claire também se mantinha em silêncio. Ela sabia que não faltavam ao pai motivos para ficar apreensivo.

O mercado de ações estava vulnerável e A. P. Giannini sabia disso. No primeiro telefonema daquela manhã, que atendera ainda em casa, Doc, seu irmão, de Nova York, lhe dissera que havia mais ursos profissionais em Wall Street do que em qualquer ocasião da qual ele pudesse se lembrar. Uma onda de perdas parecia ser questão de tempo.

Para piorar as coisas, Giannini e sua filha se preocupavam com Elisha Walker, o sócio da Transamerica que viera a reboque da fusão com o grupo Blair, um touro convicto que poderia causar enorme estrago se adotasse uma postura agressiva de compra no mercado. Sendo Walker agora o segundo em hierarquia no conglomerado, ficava difícil pajear todas as suas tomadas de decisão.

Giannini já estava em São Francisco, visitando uma das agências do banco, em Chinatown, cuja gerente, a primeira mulher contemplada com esse cargo nos Estados Unidos, fazia aniversário, quando Doc telefonou pela segunda vez no dia.

“A. P.”, que era como Doc às vezes o chamava, “a bolsa está caindo muito. As ações da Transamerica estão perdendo terreno”.

“Vamos sustentá-las. Compre o que for preciso”, Giannini não perdeu tempo.

Sempre que uma emergência se apresentava, ele raciocinava com velocidade espantosa. Isso desde o terremoto e o incêndio de São Francisco, 23 anos antes.

A rapidez da queda naquela terça-feira pegou até o urso Jesse Livermore desprevenido. Não houve tempo de vender a descoberto. Restou-lhe o tormento de ver a Bolsa cair sem que ele ganhasse um centavo. A American Can levou um tombo de 5,12 dólares por ação; a General Motors, cinco dólares; Montgomery War, 4,20 dólares; Radio, 3,50 dólares; e United States Steel, 5,25 dólares.

"Isso ainda é consequência da falência de Clarence Hatry", concluiu Livermore. "Mas estão surgindo sinais de uma catástrofe em Wall Street. E essa eu não vou perder", consolou-se o urso.

A terça revelou-se desastrosa para a Liga de Cavalheiros do Union Industrial Bank de Flint. Pois justamente naquela manhã de 24 de setembro, antes da abertura dos mercados, eles haviam desviado grandes somas de fundos das contas dos clientes para comprar ações da U. S. Steel, da General Electric e das principais ferrovias.

Findo o dia, restou aos cavalheiros lamber as feridas. Só naquele mês o rombo aumentara em 1,5 milhão de dólares.

Não menos preocupado estava o engraxate Pat Bologna ao ver hordas de investidores vagueando por Wall Street, todos praguejando sobre a falta de lógica da Bolsa.

"Eles vão recuperar seu dinheiro, e eu também", aprumou-se Bologna.

A sessão do dia causou grande desgosto ao superintendente da Bolsa de Valores de Nova York, William Crawford. Não tanto por causa da queda, já que ele não especulava. O problema de Crawford era que a grande quantidade de ordens de venda atrasara a *ticker-tape*. No fechamento dos negócios, a fita exibia transações realizadas meia hora antes e não os preços em tempo real como deveria ser.

Não bastasse seu próprio aborrecimento, Crawford ainda teve de enfrentar uma descompostura do vice-presidente da Bolsa, Richard Whitney, por causa do desempenho do maquinário. Pelo menos foi ao atraso da *ticker* que as críticas de Whitney se referiam, já que não podia culpar o superintendente pelo comportamento do mercado, este sim o verdadeiro motivo de seu nervosismo, pois sua carteira particular sofrera enorme tombo ao longo do dia.

Mais uma vez, Richard teria de pedir socorro financeiro ao seu irmão George, do J. P. Morgan. Se o Whitney banqueiro recusasse apoio ao Whitney da Bolsa,

este se veria na mesma posição do inglês Clarence Hatry e dos cavalheiros da Liga do Union Industrial Bank, todos contabilmente quebrados, todos trapaceiros, variando apenas o tamanho dos respectivos passivos a descoberto.

Evidentemente nem todo mundo perdera dinheiro naquela terça-feira de 24 de setembro de 1929. Afinal de contas, quando alguém compra, alguém vende. E o grande urso do dia fora o especulador Bernard Baruch, o mesmo que se recusara a participar do novo consórcio de Billy Durant. Havia dois dias Baruch vinha se livrando de sua carteira de ações.

Outros que venderam foram Michael e Jack Bouvier, respectivamente tio-avô e pai da futura primeira-dama Jacqueline Kennedy, nascida dois meses antes. O velho Michael e seu sobrinho Jack se desfizeram da totalidade de suas carteiras.

Joe Kennedy já estava de fora do mercado havia algum tempo. Esperava apenas ter a habilidade de detectar um momento propício para vender a descoberto, coisa que alguns veteranos manipuladores já haviam começado a fazer, entre eles Tom Bragg, da W. E. Hutton; e Albert Wiggin, presidente do Conselho de Diretores do Chase National Bank.

Wiggin fizera algo que ninguém jamais poderia supor: vendera a descoberto ações do próprio Chase. O resultado da ousadia seria um aumento de 4 milhões de dólares em sua fortuna pessoal.

Embora crescente, o número de ursos era ainda insignificante se comparado ao tamanho da manada de touros. Feridos, desconfiados, mas ainda touros.

35. Chamadas de margem

Na quarta-feira, 25 de setembro, pouco antes de os mercados americanos abrirem, as agências de notícia informaram sobre a intenção do Banco da Inglaterra de subir a taxa de desconto naquele país. Como resultado, nas duas primeiras horas de pregão na Bolsa de Valores de Nova York novas ondas de venda deram prosseguimento às do dia anterior. Os preços das ações continuaram despencando.

Em Flint, Ivan Christensen, tesoureiro assistente do Union Industrial Bank, recebeu logo de manhã telefonemas das três filiais na cidade das casas de corretagem de Wall Street com as quais a Liga de Cavalheiros operava. Todas pediam reforços de margens para compensar os prejuízos da véspera.

Cada vez que desligava o telefone, Christensen repassava a má notícia aos comparsas da Liga. Os 100 mil dólares desviados de clientes escolhidos pelo vice-presidente sênior John de Camp no início do expediente já não davam para cobrir as perdas. Para piorar as coisas, eles haviam comprado mais ações de grande liquidez (*blue chips*) na abertura do pregão. E teriam de honrar esses compromissos adicionais no período da tarde.

Os corretores locais não faziam grande pressão sobre o pessoal do Industrial. Eles acreditavam que os investimentos estavam sendo feitos por especuladores ricos da cidade, que poderiam arcar com os prejuízos. Por isso aceitavam novas ordens e admitiam pequenos atrasos no pagamento dos reforços de margem. Mesmo gente rica às vezes tinha dificuldade de obter dinheiro instantaneamente.

O vice-presidente do Union Industrial, Frank Montague, estava particularmente aturdido. Desde o início das falcatruas, ele tinha dificuldade em lidar com a pressão sobre seus nervos. Dormindo poucas horas por noite, Frank perdera peso e passara a tratar com rispidez Louise e as crianças.

Havia outra razão para Montague se torturar. Sem que os colegas de falcatruas soubessem, ele fizera um desfalque particular no valor de 50 mil dólares, também jogados na Bolsa. E perdera até o último centavo. Agora pensava seriamente em cometer suicídio.

Os nove atendentes de caixa envolvidos nas fraudes faziam malabarismos

escriturais e contábeis para desviar os fundos necessários para cobrir margens. Lançavam retiradas fictícias e se apoderavam do dinheiro. Quando um dos correntistas lesados aparecia no banco para fazer um saque maior do que o saldo lançado de sua conta, era necessário transferir às pressas recursos de outro correntista.

Sendo ao mesmo tempo caixa e integrante da Liga, Robert Brown, filho do presidente do Union, Grant Brown, se sentia em meio a uma operação de guerra. Uma guerra surda, muda e secreta. Pois nem os clientes nem o pai podiam sequer suspeitar levemente dos cambalachos que ele fazia, o que o obrigava a ser um ator quando chegava em casa, à noite, sorridente e descontraído por fora, angustiado por dentro.

Christensen, De Camp, Robert Brown e os demais colegas sabiam agora que não tinham outra opção a não ser seguir adiante até que Wall Street se recuperasse dos baques ou então que as falcatruas fossem descobertas, caso em que iriam todos para a cadeia. O único que tinha uma solução alternativa, o suicídio, era Montague. Que por sinal não tinha nada de honroso, pois iria jogar o peso de sua desgraça sobre a cabeça de Louise e dos filhos.

À medida que, naquela manhã, o mercado de ações continuava a cair em Nova York, crescia o número de saques no Union Industrial Bank. Não que os cidadãos de Flint subitamente desconfiassem da solidez da instituição, que em seus 36 anos de existência enfrentara — e superara — diversas crises e pânicos ocorridos em Wall Street. É que esses clientes também jogavam na Bolsa e agora recebiam suas próprias chamadas de margem. Isso só piorava as condições do terreno minado e pantanoso no qual os membros da Liga se moviam.

A quase insana tarefa de maquiar as contas-correntes minuto a minuto cabia ao tesoureiro sênior Russell Runyon e a seu braço direito, Elton Graham — um trabalho que exigia enorme perícia e sangue-frio.

Era quase hora do almoço quando, sem que ninguém esperasse, surgiu no prédio o presidente do banco, Grant Brown.

“Vim fazer uma inspeção”, Brown explicou enquanto se dirigia para sua sala. “Por favor, me tragam os livros.”

36. Venda o rumor e compre o fato

Os demais bancos de Flint haviam lançado um movimento conjunto para tentar tirar o Union Industrial de sua posição de liderança. Visando contrabalançar essa iniciativa, o presidente Grant Brown, do Union, fazia uma campanha de visitas aos principais empresários da cidade para lhes lembrar que seu banco era o mais seguro e confiável de todo o estado de Michigan.

Como alguns desses homens de negócio haviam perguntado a Brown sobre os últimos resultados do Industrial, o presidente resolveu conferi-los pessoalmente. Daí sua ideia de inspecionar os livros contábeis e as fichas das contas-correntes naquela quarta-feira, 25 de setembro.

Em outubro, Grant Brown pretendia lançar uma grande campanha publicitária. Entre outras providências, tais como anúncios na mídia local, todas as empresas e residências de Flint receberiam um panfleto mostrando os formidáveis recursos financeiros do Union Industrial Bank.

Quando Brown pediu para examinar os livros, o vice-presidente sênior John de Camp, um dos membros mais ativos da Liga de Cavalheiros, se ofereceu para executar a tarefa de inspeção.

“Não faz sentido um homem de sua posição ficar conferindo números”, De Camp lançou sua isca.

Brown se valeu de uma desculpa para não aceitar a oferta.

“Obrigado, John, mas faço questão de checar as contas”, afirmou Grant de modo incisivo, não dando margem para insistências. “Se um dia a Comissão de Bancos”, prosseguiu, “me chamar para depor sobre nossa situação, terei de jurar que esmiucei pessoalmente os registros”.

Grant Brown já estava em sua escrivaninha quando Milton Pollock, também vice-presidente, com o rosto descorado de preocupação, trouxe o primeiro livro. Após um quarto de hora, que pareceu uma eternidade para os cavalheiros da Liga, já informados da inspeção, Brown aprovou os lançamentos e pediu o segundo.

Mais alguns minutos, o presidente, após seu exame, solicitou o terceiro, depois o quarto, o quinto, o sexto e assim por diante. O que ele não sabia era

que cada livro que entrava em sua sala acabara de receber um lançamento de crédito, feito por um dos defraudadores, correspondente ao dinheiro subtraído daquela conta.

Nessa atividade frenética, os caixas e tesoureiros envolvidos na trapaça tinham de consultar outro livro, este exclusivo da Liga. Tratava-se de um caixa dois, no qual todos os desfalques eram lançados, sempre com os nomes e os valores correspondentes a cada operação. Não fosse isso, eles perderiam o controle de suas atividades. Nesse caso, mesmo que as especulações na Bolsa dessem certo, seria impossível repor a quantia exata em cada conta.

Antes de os papéis irem para a sala do presidente, a tinta dos lançamentos era cuidadosamente secada com mata-borrões, para que não ficasse óbvio que o registro acabara de ser feito.

Dentro de suas gaiolas douradas, os atendentes de caixa trapaceiros prendiam a respiração à medida que cada livro e cada ficha voltavam da inspeção de Brown.

Em determinado momento, uma das fichas seguiu para o presidente sem que tivesse havido tempo de "consertar" os lançamentos. Foi então que o tesoureiro assistente Ivan Christensen, por sua própria iniciativa, num rasgo de audácia, entrou na sala de Brown.

"Senhor", disse Christensen, sem que sua voz demonstrasse a menor insegurança, "eu preciso dessa ficha para lançar uma chamada de margem. Para isso é necessário conferir se o cliente tem saldo suficiente. O mercado está levando um tombo em Nova York e temos de fazer lançamentos a cada minuto. Não poderia haver um momento mais inapropriado para essa conferência. Preciso manter os livros contábeis do meu lado para atender as chamadas. Do contrário, o banco estará correndo sério risco".

O presidente Grant Brown hesitou um pouco. Então decidiu:

"Estou satisfeito com o que vi até agora. Podem parar de me trazer os livros. Não quero atrapalhar o trabalho de vocês."

Nada mais tendo a fazer, Brown foi para casa almoçar. A notícia de sua saída se espalhou entre os "cavalheiros". A comemoração discreta que fizeram durou pouco tempo. Eram treze horas e as *blue chips* que haviam selecionado pela manhã estavam com uma queda média de sete dólares.

Uma hora mais tarde, Ivan Christensen recebeu o telefonema de um corretor exigindo que um depósito de margem fosse feito imediatamente. Desta

vez Christensen perdeu o controle de seus nervos. Virou-se para alguns comparsas que se encontravam a seu lado e disse:

"Está tudo terminado!" (*It's over!*)

John de Camp pediu a Christensen que falasse com Nova York. Havia rumores de que o National City se juntara a outros bancos para montar uma gigantesca operação de compra para equilibrar o mercado. O resgate se concentrava em papéis estratégicos: United States Steel, General Electric, United Aircraft e Standard Oil, títulos nos quais a Liga de Cavalheiros fizera compras pesadas sob garantias de margens.

A força-tarefa de socorro funcionou. Por volta das 14h45, Christensen pôde avisar aos seus cúmplices que a baixa de Wall Street fora estancada. Como o mercado fecharia em quinze minutos, era bem provável que no dia seguinte, quinta-feira, o mercado abrisse em alta e recuperasse suas perdas.

"Vamos ficar sentados sobre nossos papéis", Ivan Christensen comandou confiante, aparentemente recuperado do pânico que o acometera pouco antes.

Tal como fora noticiado, na quinta-feira, dia 26, o Banco da Inglaterra elevou sua taxa de desconto de 6% para 6,5% ao ano, no que foi acompanhado pelos bancos centrais de Áustria, Dinamarca, Noruega, Suécia e República da Irlanda.

Existe um ditado em Wall Street que diz: "Compre os rumores e venda o fato" (*buy the rumour, sell the fact*). Funciona e mais uma vez funcionou. Só que desta vez foi ao contrário. O certo então seria: "Venda o rumor e compre o fato." Os *traders* que haviam vendido ações a descoberto na expectativa do aumento dos juros na Europa trataram de recomprá-las. Os papéis em Nova York e nas demais praças americanas subiram naquela quinta, para grande alívio dos touros e desalento dos ursos.

Um dado preocupante, anunciado no final do pregão pelo vice-presidente da Bolsa de Nova York, Richard Whitney, aparentemente passou despercebido ou foi interpretado de maneira errônea pelos especuladores. Na semana anterior, de acordo com Whitney, houvera um aumento de 192 milhões de dólares nos empréstimos às sociedades corretoras, elevando o total para vertiginosos 6,8 bilhões.

Billy Durant e John Jakob Raskob concluíram que o aumento no volume de empréstimos estava totalmente em descompasso com a performance do mercado. Para duas raposas velhas como Durant e Raskob, isso era um sinal

inequívoco de que as ações estavam passando das mãos fortes dos grandes investidores para as mãos fracas da arraia miúda, que vendia, ou era forçada pelos bancos a vender, na primeira chamada de margem.

Dito e feito. Na sexta-feira de 27 de setembro, o mercado voltou a desabar. A Westinghouse perdeu onze dólares por ação; a Allied Chemical, 10,75; a General Electric, quase treze dólares. A cotação da Columbia Carbon fechou 17,25 dólares abaixo de seu preço de abertura.

Em Flint, a Liga de Cavalheiros perdeu 100 mil dólares. Já em Wall Street, o engraxate Pat Bologna ficou duzentos dólares mais pobre.

No sábado, o mercado se mostrou errático. Abriu fraco e permaneceu fraco até faltarem quarenta minutos para soar o gongo de fechamento. Então recuperou-se com robustez a ponto de fechar o dia em alta. Foi o suficiente para reacender a euforia da multidão que se aglomerara em Wall Street.

Ao sair de seu escritório, o jovem corretor Hut Hutton-Miller viu um homem vestindo um macacão e um capacete de operário da construção civil dizer para um colega que usava trajes idênticos:

"Agora é o momento dos espertos. É só pular dentro e esperar a nova onda de alta. O banco me ofereceu outro empréstimo. Você acha que eu vou perder a chance?"

37. Suporte organizado

Trinta de setembro de 1929 caiu numa segunda-feira. Uma grande agitação se apossara do Distrito Financeiro de Nova York àquela manhã. Desde cedo o engraxate Pat Bologna recebia enorme assédio de "clientes". Em toda a região de Wall Street, grupos de pequenos investidores e especuladores se formavam do lado de fora das casas de corretagem, num empurra-empurra em que todos queriam entrar ao mesmo tempo. Uma enorme fila, que começava na entrada da galeria de visitantes da Bolsa de Valores, ziguezagueava por sete quarteirões até a margem do East River.

Nas instituições financeiras, sócios, diretores e demais executivos faziam prognósticos sobre os rumos do mercado. Só a maneira de falar variava. No Bank of America, de Amadeo Peter Giannini, discutia-se em italiano, não sem o acompanhamento típico de movimentos espalhafatosos das mãos. Na sala do conselho do National City Bank havia uma confusão de sotaques. Enquanto isso, no J. P. Morgan, um sussurrar discreto e refinado zumbia ao redor da mesa do presidente em exercício, Thomas Lamont.

Boateiros se espalhavam por todos os lados. Na W. E. Hutton and Company, Hut Miller ouvia seus colegas passarem dicas ao telefone, embora nenhum deles estivesse convicto de nada.

Segundo muitos, a fórmula mágica para salvar o mercado de ações era um "suporte organizado de compra" (*organized buying support*). Embora a expressão soasse bem, era difícil presumir-se que o tal suporte seria posto em prática. Pois implicava desprendimento solidário, coisa que não fazia parte da cultura de Wall Street, onde nas horas mais críticas sempre prevalecera o "salve-se quem puder".

Pelo menos em declarações à imprensa, prestadas no domingo, 29, o usualmente contido bilionário canadense Arthur Cutten se revelava um touro convicto.

"Não me surpreenderia", dissera Cutten, "se os empréstimos dos bancos às sociedades corretoras para operações lastreadas com margens na Bolsa se elevassem a 12 bilhões de dólares". A quantia mencionada pelo magnata significava dobrar os valores, já altíssimos, que prevaleciam naquele fim de mês.

Postas na balança as correntes otimistas e pessimistas naquela segunda-

-feira, o peso maior recaía nas primeiras, talvez por causa do fechamento da Bolsa no sábado, que revelara uma robusta leva de compradores nos últimos minutos de pregão. Agora, nem mesmo os prognósticos soturnos feitos pelo editor de finanças Alexander Noyes, na edição dominical do *The New York Times*, pareciam assustar os touros.

"Suporte organizado de compra..." os investidores individuais acreditavam, ou se forçavam a acreditar, que não estariam operando sozinhos. "O *bull-market* não pode terminar"; "Na América todos serão ricos". De repente as palavras de ordem renasciam em Wall Street e em todos os rincões do país. "Todos serão ricos" — parecia mais vontade do que convicção.

O grande fornecedor de mensageiros do Distrito Financeiro, Michael Levine, que andara pensando em contrair seu negócio, mudou rapidamente de ideia ao pressentir novos bafejos na Rua.

"Deixem entrar qualquer pessoa que esteja à procura de trabalho", disse Levine aos dois leões de chácara que guarneciam a porta de sua firma.

O urso maior, Jesse Livermore, não ficara nem um pouco satisfeito com as declarações de Arthur Cutten. Tal como Joe Kennedy, Livermore aguardava apenas o momento ideal para atacar, com uma patada de cima para baixo, esmagando as cotações.

Durante a primeira metade da sessão da Bolsa, o mercado escorregou. Levemente, mas escorregou. Mas eis que, por volta do meio-dia, grandes ordens de compra de investidores não identificados começaram a entrar.

"O suporte organizado está chegando", comemorou um dos operadores do Posto 12, da Radio.

Em sua banca, no número 60 de Wall Street, Pat Bologna filosofou com um dos seus consulentes: "O que desce sempre pode subir."

Desse modo ilusório, chegou ao fim o último dia do último mês dos "esfuziantes anos 20", os *Roaring Twenties*.

38. A grande chance

Nos primeiros dias de outubro de 1929 o padrão *lower highs*, *lower lows* (máximas e mínimas sempre menores) prevaleceu na Bolsa. Embora exibindo ligeiras recuperações em determinados momentos, o mercado se mantinha em inconfundível canal de baixa. O volume de negócios continuou alto, com boa parte das ações saindo das carteiras dos investidores e especuladores mais antigos para uma multidão de novatos de poucos recursos e muita ambição.

John Jakob Raskob, o empreendedor do Empire State Building, estava sossegado com relação ao projeto do arranha-céu. A família Du Pont, uma das mais ricas do país, financiaria grande parte dos 60 milhões de dólares necessários para a conclusão da obra. E, segundo Raskob, não havia queda na Bolsa, por maior que fosse, que abalasse a fortuna Du Pont.

Mesmo com o Empire State garantido, a última coisa que John Raskob queria na vida era uma recessão grave para o país. De que lhe adiantaria ter o maior prédio do mundo se não conseguisse achar os inquilinos necessários para ocupar os quase mil conjuntos de escritórios? Por isso fazia questão de dar declarações otimistas à imprensa.

"Nos próximos anos", ele dizia aos repórteres com a maior desfaçatez, "as ações estarão sendo negociadas por valores dez vezes maiores do que os atuais. Todo mundo poderá ser rico se quiser". John Raskob se valia do já batido bordão.

Se Raskob não fazia muita fé em suas próprias palavras, o povão as bebia sofregamente e se lançava de cabeça na ciranda de Wall Street. Hipotecando suas casas e terras, punha na Bolsa os recursos assim obtidos, alguns se limitando a comprar ações à vista, outros, mais ousados ou mais gananciosos, alavancando as aplicações por meio de empréstimos com margens.

Àquela altura dos acontecimentos, não havia declaração, por mais bombástica que fosse, que impedisse a queda do mercado. Na quinta-feira de 3 de outubro, o tombo foi tão grande que o *The New York Times* do dia seguinte exibiu na primeira página a seguinte manchete:

PIOR QUEDA DO ANO ATINGE O MERCADO DE AÇÕES
Negociação de 1,5 milhão de ações na última hora de pregão
United States Steel cai dez pontos

Os vizinhos da mansão do número 821 da Park Avenue, onde morava Edward Henry Simmons, presidente da Bolsa de Valores de Nova York havia cinco anos, podem ter-se admirado ao vê-lo sair sorridente de sua casa na manhã de sexta, dia 4, vestindo terno escuro e camisa branca de colarinho duro engomado, e entrar em sua limusine.

"Como pode ter tanto sangue-frio?", perguntou-se um morador da casa ao lado, tendo nas mãos um exemplar do *Times*.

Na verdade Simmons estava menos preocupado com a Bolsa do que com seu próprio casamento, a realizar-se dentro de meia hora na igreja presbiteriana da própria Park Avenue. A noiva era a divorciada Beatrice Vanderpoel Bogert.

Tão logo o veículo se pôs em movimento, Simmons prendeu em sua própria lapela um botão de cravo. Ergueu-se um pouco de modo a ver seu paletó no espelho retrovisor do motorista e ajeitou a posição da flor.

Alguns quarteirões adiante a limusine parou para pegar Allen Lindley, ex--colega de Edward Simmons na Universidade de Columbia, e agora padrinho do noivo. Lindley, o maior amigo do presidente da Bolsa, usava um cravo idêntico.

Apenas um grupo seleto de parentes e pessoas mais chegadas havia sido convidado para a cerimônia religiosa, todos tendo se comprometido a não revelar nada à imprensa. Nada seria mais desagradável para Simmons do que encontrar um bando de repórteres em seu casamento indagando sobre a debacle do mercado.

Após o rito presbiteriano, seguiu-se uma recepção íntima na casa de Edward Simmons. Lá o presidente informou que ele e Beatrice partiriam no dia seguinte para uma viagem de lua de mel de dois meses no Havaí.

Se alguém presente na festa estranhou o fato de Simmons se afastar da Bolsa durante tanto tempo em meio à crise que crescia dia a dia, guardou a estranheza para si.

O grande favorecido pela ausência de Edward Henry Simmons era seu substituto imediato, o vice-presidente Richard Whitney. Enterrado até o pescoço

em dívidas causadas por suas especulações desastradas no mercado, Whitney agora teria poder suficiente para recuperar-se dos prejuízos, mesmo que tivesse de apelar para extorsões e outras operações escusas, e assim poder pagar as dívidas com seu irmão George, do J. P. Morgan.

Só uma coisa aborrecia Richard: o fato de não ter sido convidado para o casamento do presidente. Mas o desconforto pela descortesia era infinitamente menor do que a antecipação do gozo das oportunidades que teria pela frente, mesmo com a Bolsa em baixa.

Aos 41 anos, Richard Whitney seria o homem mais jovem a se sentar na cadeira da presidência da Bolsa de Valores de Nova York. Lá, Whitney sabia muito bem, ele iria dispor de mais informações confidenciais do que qualquer outra pessoa envolvida com o mercado. Era sua grande chance. Leria relatórios secretos sobre companhias e bancos espalhados pelos Estados Unidos e seria abastecido com informações vindas de outras bolsas do país e do exterior.

"Ganhar dinheiro nessa situação", o vice-presidente em exercício não conseguiu evitar o pensamento, "será como roubar a chupeta da boca de um bebê".

39. Reviravolta

Ao meio-dia de domingo, 6 de outubro, o vagão ferroviário particular do financista e especulador Bernard Baruch, engatado no *Twentieth Century Express*, entrou na Grand Central Station, em Nova York. Baruch fizera questão de ir pessoalmente a Chicago buscar os quatro integrantes da família Churchill, os irmãos Winston e Jack, com seus respectivos filhos, Randolph e Johnny, todos bronzeados por causa de sua estada na Califórnia, onde haviam sido hóspedes do magnata da imprensa William Randolph Hearst.

Numa carta para sua mulher, Clementine, que tratava carinhosamente por Clemmie, Winston Churchill descrevera Hearst como um homem simplório mas muito importante, que tinha um temperamento desagradável. Gostava de brinquedos caros, inclusive duas esposas encantadoras — Churchill se referia à senhora Hearst e à amante do empresário, a belíssima atriz Marion Davies.

O ex-chanceler do Erário britânico e futuro primeiro-ministro sempre apreciara ter amigos bilionários, hábito que o acompanharia até a morte, em 1965, aos 90 anos. Em seus últimos anos, Churchill seria convidado habitual do iate *Christina*, do armador grego Aristoteles Onassis, marido de Jacqueline Kennedy Onassis (nascida Bouvier), em cruzeiros de verão pelo Mediterrâneo.

Durante sua viagem pelo Canadá e pelos Estados Unidos, Churchill vinha fazendo fezinhas na Bolsa, tal como os "nativos". Deliciara-se particularmente com duas pequenas investidas lastreadas em margens, nas quais ganhara 6 mil libras quase sem ter posto um tostão.

Em sua pequena temporada californiana, Winston Churchill conhecera o ator Charles Chaplin, seu compatriota. Ao longo da viagem Chicago-Nova York, em meio a baforadas de charutos e goles de brandy — bebida era o que não faltava no vagão especial —, Churchill descrevera Chaplin a Bernard Baruch como sendo um homem revolucionário em política e delicioso em prosa.

No curto pregão da véspera, sábado, dia 5, o mercado dera uma violenta guinada para cima, enganando completamente os ursos, que já se posicionavam para ganhar uma fortuna no provável crash. Para grande alegria do presi-

dente em exercício da Bolsa, Richard Whitney, em seu primeiro dia na nova função, a United States Steel subira quase oito dólares por ação; a General Electric, dez dólares; e a American Tobacco dera um salto de inacreditáveis 38 dólares.

Nessa reviravolta, dramática para os ursos e revigorante para os estropiados touros, o índice industrial Dow Jones, que refletia o comportamento de trinta das ações mais negociadas no pregão da Bolsa, recuperara mais de dezesseis pontos. A alta repetiu-se em São Francisco, onde o número de negócios com a Transamerica bateu recorde. As bolsas de St. Louis, Los Angeles, Filadélfia, Minneapolis-St. Paul, Baltimore, Boston e Hartford também foram varridas por uma onda de euforia, com os preços dos papéis subindo violentamente.

Como que num passe de mágica, o otimismo e a velha e cansativa história de que todos — com exceção dos ursos, é claro — seriam ricos voltaram ao centro das conversas.

"O *bull-market* continua intacto", proclamaram os mais entusiasmados, parecendo ter se esquecido do sufoco que haviam passado nas últimas semanas. "É o suporte organizado", esclareceram outros.

Mesmo os veteranos mais cascudos, como John Jakob Raskob, Percy Rockefeller, os Du Pont, os Van Sweringens e Billy Durant, precisaram apenas de um sábado apoteótico para cogitar a hipótese de que as quedas recentes eram apenas uma pausa para descanso na longa atropelada dos touros.

Enquanto Churchill e sua comitiva desciam na Grand Central, milhares de pessoas se deslocavam de suas cidades, lotando os trens e congestionando as estradas de acesso a Nova York, todas ávidas para estar na cidade quando a ação recomeçasse na segunda-feira. Elas queriam ver de perto como era o tal *bull-market* do qual tanto se falava.

Um comentarista de rádio resumiu a peregrinação: "Parece uma terceira Corrida do Ouro." Ele se referia aos movimentos de 1848 na Califórnia e de 1897/1898 no Canadá e no Alasca, quando gente de todas as classes e níveis de renda se deslocou para essas regiões do Oeste ao saber da descoberta de grandes jazidas.

Algumas casas de corretagem de Wall Street convocaram seus funcionários para trabalhar no domingo. Era preciso abandonar o viés de cautela, substituindo-o pelo de alta na lida com os clientes.

O próprio perspicaz, prudente e calejado Winston Churchill se juntou à manada de touros. Aproveitara-se das horas de conversa com Bernard Baruch a bordo do trem para pedir algumas dicas. As 6 mil libras que ganhara de modo tão fácil podiam se multiplicar e multiplicar.

"O mercado de ações ainda é a maneira mais fácil e mais rápida de se enriquecer", rabiscou ele num bilhete para Clementine.

Evidentemente nem todos estavam altistas para o mercado. Joe Kennedy, por exemplo, continuava achando que tudo terminaria numa grave crise econômica, para a qual vinha se preparando havia meses. Jesse Livermore gostara da alta do sábado, pois lhe propiciaria uma venda a descoberto em níveis mais altos. Amadeo Peter Giannini, que não se impressionara com o renascimento meteórico, escrevia uma carta a ser distribuída para os clientes de seus bancos, alertando-os mais uma vez para os perigos da especulação ancorada em dinheiro emprestado.

"Se querem investir na Bolsa", aconselhava Giannini, "façam-no em valores que não comprometam seus patrimônios".

Na segunda semana de outubro, que se iniciou no dia 7, as ações continuaram subindo, de modo gradual e sustentado.

"Acho que me enganei", disse A. P. Giannini para sua filha Claire. "O mercado está realmente firme."

Entre os ursos de maior peso, restavam Joe Kennedy e Jesse Livermore.

40. Jolan vai ao banco

No dia 15 de outubro, Charles Mitchell, presidente do National City Bank, que viajara para Londres a negócios, declarou à imprensa local que os preços das ações em Wall Street estavam convidativos. Nessa mesma ocasião, o professor Irving Fisher, da Universidade de Yale, reforçou a opinião de Mitchell dizendo que esperava ver nos próximos meses cotações bem mais elevadas do que as do momento. Fisher aproveitou para debochar do economista Roger Babson, que seguia alertando sobre a possibilidade de um crash da Bolsa.

Outro que se atinha ao seu pessimismo era Alexander Noyes, do *The New York Times*. "É a calmaria que precede a tempestade", foi como o editor de finanças descreveu a interrupção na queda das cotações. Noyes fundamentou sua opinião no declínio da produção industrial nos Estados Unidos. Falando a repórteres, Amadeo Peter Giannini, que se transmudara em touro, rebateu o *Times* dizendo que as estatísticas da indústria logo voltariam a melhorar.

Apesar da guinada em sua concepção sobre os fundamentos da economia, Giannini permanecia preocupado com os fundos de investimentos, que se multiplicavam como ervas daninhas. Eram agora várias centenas deles, totalizando um capital de 3 bilhões de dólares, sendo poucos administrados de modo honesto e competente. A maioria se tratava de arapucas criadas apenas para tomar dinheiro dos pequenos investidores, acumulando em seus portfólios, se é que suas "carteiras" mereciam esse nome, títulos que só poderiam ser classificados como lixo (*junk securities*).

Bastou o novo alento nas hostes dos touros para que os jornais voltassem a se encher de histórias de pessoas que haviam ficado ricas da noite para o dia. O espírito de ganância reapareceu. Homens e mulheres das mais diversas classes sociais especulavam de modo desenfreado — e haviam tornado a ganhar —, sem o menor conhecimento da natureza das ações nas quais haviam investido.

Quando tudo indicava que a sociedade dos "todos ricos" era novamente uma possibilidade real, na quarta-feira, 16 de outubro, o Comitê da Associação de Banqueiros de Investimento (Investment Bankers Association), em Nova York, anunciou que a especulação alcançara um ponto perigoso e que

muitas ações estavam sendo negociadas a preços muito acima do razoável. Foi o que bastou para derrubar o mercado: a General Electric caiu dez pontos; a Westinghouse, mais de onze; a United States Steel, quase dez.

Mais uma vez os touros descreveram a quebra como uma "saudável realização de lucros", e no dia seguinte, 17, os preços se recuperaram.

Flint, Michigan, sexta-feira, 18 de outubro, véspera do casamento de Jolan Slezsak com Steve Vargo. Como o pai da jovem, pouco antes de morrer, lhe deixara no Union Industrial Bank uma poupança de quatrocentos dólares dos quais ela só poderia se apossar quando completasse 18 anos ou se casasse, Jolan, uma vez que seria cumprida uma das cláusulas condicionantes da herança, resolveu dar uma conferida em seu saldo na sede do banco, onde chegou pouco antes do fechamento do expediente.

Tendo trabalhado o dia todo na destilaria, o corpo e as roupas de Jolan rescendiam a bebida alcoólica que a família fabricara em grande quantidade para a festança do dia seguinte, festança essa que começaria com um café da manhã regado a cerveja, gim e uísque literalmente caseiros. Por isso a garota olhava desconfiada para todas as pessoas que se aproximavam dela, temendo esbarrar com um agente de fiscalização da Lei Seca.

Mesmo a morte por atropelamento, três meses antes, do garotinho Frank, de 7 anos, irmão de Jolan, não fora considerada empecilho para as celebrações do casório. Era um hábito dos húngaros comemorar essas ocasiões com festas que duravam o dia todo e se prolongavam até tarde da noite.

Uma vez no interior do saguão do Union Industrial, Jolan Slezsak sentiu uma agradável sensação de aconchego por causa do sistema de aquecimento do prédio. Lá fora, na rua, a temperatura estava abaixo de zero, mesmo faltando dois meses para o início do inverno. Por outro lado, o calor e o ambiente fechado fizeram com que os aromas etílicos emanados por ela aumentassem de intensidade.

Temendo que seu cheiro e suas roupas remendadas chamassem a atenção dos clientes, funcionários e guardas de segurança do banco, Jolan decidiu se apressar e parou junto à primeira gaiola de caixa que viu. Naquele fim de tarde, aquele posto era ocupado pelo tesoureiro sênior Russell Runyon, da Liga de Cavalheiros, justamente o encarregado de camuflar as fraudes cometidas pelo grupo. Jolan remeteu um sorriso cativante para o atendente.

"Eu gostaria de ver o saldo de minha conta."

“*Você* é cliente daqui?” A voz e o olhar de desprezo de Runyon mostravam claramente sua perplexidade com o fato de a mocinha andrajosa e com cheiro de aguardente alegar ter conta no Union.

Se havia uma coisa que Jolan Slezsak sabia fazer bem era lidar com pessoas presunçosas. Ela rebateu desprezo com ironia.

“Esse é o Union Industrial Bank, não?”, perguntou. “Ou será que entrei no lugar errado?”

Russell Runyon não teve alternativa senão a de concordar.

“Sim, somos nós”, o tesoureiro disse-o como se fosse sócio da instituição e não o integrante de um bando de ladrões que apenas trabalhava lá.

Jolan abandonou o tom de deboche e falou sério. Explicou a respeito da poupança que seu pai abrira em seu nome antes de morrer. Falou também dos requisitos testamentais para saque e disse que iria se casar no dia seguinte. Naquele momento só queria saber o saldo.

O caixa pediu licença e foi até o setor de poupança, do outro lado do saguão. Examinou algumas fichas e retornou para sua gaiola.

“Como se trata de uma conta inativa há muito tempo, precisaremos de alguns dias para ver o saldo e organizar o saque.”

Russell Runyon acabara de ver que a poupança de Jolan Slezsak estava zerada, pois o dinheiro da garota se juntara ao bolo desviado pela Liga para as especulações na Bolsa. A conta teria de ser refeita e isso levava realmente algum tempo, pois seria necessário fazer cálculos de juros e pesquisar os lançamentos feitos no livro secreto do caixa dois dos trambiqueiros.

Jolan não gostou nem um pouco da explicação.

“É melhor que você tenha o meu dinheiro pronto na próxima semana, quando virei buscá-lo. Caso contrário, enviarei o senhor Goldberger aqui.”

“Você conhece o senhor Goldberger?”, Runyon tomou um susto.

Aquela afirmação mudava tudo de figura. Ele sabia que o advogado Ephraim Goldberger cuidava dos assuntos, inclusive financeiros, da colônia húngara de Flint, que incluía diversos correntistas do Union Industrial. Pior: Goldberger era um dos acionistas do banco. Russell Runyon não haveria de pôr o golpe da Liga em risco por causa de algumas centenas de dólares de uma garota praticamente maltrapilha e fedendo a bebida.

“Quando a senhorita voltar munida da certidão de casamento e de uma cópia do testamento de seu pai”, o tom do tesoureiro agora era de subserviência, “seu dinheiro estará à disposição”. Runyon arreganhou um sorriso forçado.

Jolan saiu do banco pisando duro. Lá fora caíam os primeiros flocos de neve do inverno de 1929/1930. Ela apressou o passo e foi para casa. Ao chegar, viu que os preparativos para a festa estavam a pleno vapor. Não havia folga para ninguém, nem mesmo para a noiva. Ela se juntou aos trabalhos, totalmente despreocupada com o dinheiro.

Os homens da família, inclusive o noivo, Steve Vargo, levavam do porão para a parte de cima jarros e mais jarros de bebida recentemente fermentada ou destilada. Calculava-se que cada adulto do sexo masculino consumiria em média meio litro. E muitas mulheres também bebiam, algumas tanto quanto seus maridos.

As mães de Jolan e de Steve, auxiliadas por senhoras da vizinhança, preparavam uma série de iguarias húngaras que se juntariam a outras tantas que seriam trazidas por convidados. A festa aconteceria no porão da igreja católica de Saint Joseph, próxima dali, onde mesas haviam sido montadas sobre cavaletes e cobertas com lençóis brancos cedidos pelos vizinhos. Louças e talheres, boa parte emprestados, estavam dispostos sobre os lençóis.

John Bokr, o merceeiro do bairro, que alguns consideravam uma pessoa mais influente do que o advogado Goldberger, dera sua palavra a Andrew Arway, padrasto de Jolan, que não haveria nenhum problema com os rapazes da Lei Seca (*prohibition boys*).

Bokr tomara as devidas providências junto às autoridades da prefeitura de Flint para que, durante a recepção que se seguiria ao casamento, as eventuais abordagens na igreja fossem feitas pelo Departamento de Polícia local com instruções específicas para afastar dali qualquer agente da *Prohibition*.

Usando o velho e bem testado método de camuflagem da garotinha Margaret sentada em seu carrinho, à noite Jolan e Steve fizeram diversas viagens entre a "destilaria" e a sacristia da igreja transportando as jarras de bebida, que foram escondidas atrás das garrafas de vinho da comunhão e das caixas de hóstias.

À meia-noite Jolan Slezsak, que no dia seguinte se tornaria a senhora Jolan Vargo, foi se deitar. Excitada demais para dormir, ela limitou-se a fechar os olhos enquanto imaginava como seria ter um homem ao seu lado na cama. Jolan não tinha a menor ideia de como os casais agiam nessas horas. Só sabia que tinha algo a ver com a chegada de bebês. Pensou em algumas cenas que presenciara com vira-latas de rua e não conseguiu evitar um sentimento de repugnância.

41. Casamento húngaro

A neve parara de cair durante a noite, o gelo do chão se derretera e o dia do casamento começou sob um sol radiante. Desde as sete da manhã, Jolan já estava de pé. Agora, de banho tomado, foi até o quarto da mãe e do padrasto. Lá, o vestido de noiva — com uma cauda que se arrastaria pelo chão —, o véu e a tiara estavam dispostos na grande cama de casal.

Barbara Arway não medira despesas. Só o enxoval da filha custara cem dólares, dinheiro retirado dos lucros da fabricação e da venda de bebidas.

Ajudada pela mãe, Jolan começou a se vestir. Pela primeira vez em sua vida experimentou a sensação de roupas de baixo macias e confortáveis, não as costuradas com sacos de farinha que usara desde a primeira infância.

Enquanto se ajeitava, Jolan Slezsak ouvia de sua mãe a primeira e única explicação sobre sexo, que praticamente não revelou coisa alguma.

"Filha", disse Barbara, pouco à vontade, "não espere muita coisa de sua noite de núpcias". E ficou nisso. A senhora Arway não queria criar uma falsa expectativa em Jolan, pois não tinha a menor ideia de como Steve Vargo iria agir — com jeito e carinho ou como macho possuidor querendo logo usufruir ao máximo as delícias de sua fêmea virginal.

Às nove da manhã, as doze damas de honra começaram a chegar, cada qual usando seu melhor vestido. Não demorou muito e todos os cômodos do andar de baixo da casa, inclusive a cozinha, estavam repletos de convidados.

Eram nove e meia quando o advogado Goldberger e o merceeiro Bokr, as duas figuras mais proeminentes da comunidade húngara da cidade, chegaram para desejar boa sorte à noiva. Após falar com Jolan, Bokr pediu aos convidados que se deslocassem para a igreja de St. Joseph.

Tal como convém nessas ocasiões, Jolan, acompanhada de seu padrasto, Andrew Arway, foi a última pessoa a chegar à St. Joseph. Pontualmente às dez horas os dois subiram as escadas da igreja e desfilaram de braços dados pelo corredor central da nave até o altar, em meio aos olhares de admiração dos presentes. Em seus trajes de noiva, Jolan pouco se assemelhava à moleca esmolambada que até então fazia as entregas da "destilaria" da família. Por sua vez, Andrew exibia um sorriso de orelha a orelha.

Oitocentos quilômetros a leste de Flint, no curto pregão de sábado da Bolsa de Valores de Nova York, as cotações desmoronavam. Nas primeiras duas horas alguns papéis chegaram a cair quarenta dólares. As ações da Simmons Company, nas quais Winston Churchill prudentemente se contentara em realizar na véspera um lucro de mil dólares, cederam onze pontos. A Otis Elevator caiu de 401 para 396; a General Electric, de 347 para 339; a Auburn Auto, de 390 para 375. A *blue chip* United States Steel, que naquela semana fora negociada a 223 dólares, estava agora a 209.

Se na igreja de St. Joseph o casamento era uma alegria só, no Centro de Flint só restava aos cavalheiros da Liga do Union Industrial Bank rezar para que a situação em Wall Street melhorasse. Cada um deles sabia que não só seu dinheiro, sua liberdade e sua honra estavam em jogo, como também os saldos das contas-correntes e das poupanças de boa parte da população da cidade.

A cerimônia de casamento terminara. Sem saber que suas modestas poupanças bancárias estavam correndo sério risco, Steve e Jolan Vargo contemplavam extasiados a "pequena fortuna" em notas de dólares que os convidados jogavam em uma chaleira de cobre posta para esse fim sobre uma das mesas do subsolo da St. Joseph, onde agora se iniciavam os comes e bebes. Essas doações em dinheiro eram o modo tradicional dos húngaros de presentear os noivos.

Sua primeira providência na segunda-feira, planejava Steve, seria depositar o dinheiro das doações no Union Industrial. Jolan, por sua vez, não estava tão certa disso. Ela continuava intrigada com o fato de que não conseguira, na véspera, sequer saber o saldo de sua conta.

Aproveitando-se da presença do senhor Goldberger, os noivos o consultaram sobre o caso. O advogado prometeu dar uma olhada no assunto na semana seguinte.

"Por enquanto", aconselhou ele, "é melhor transferir o dinheiro que vocês estão ganhando de presente para o cofre do meu escritório".

Encerrado o lauto café da manhã matrimonial, a música começou. Os dançarinos rodopiavam sobre o chão de cimento do subsolo da St. Joseph ao som de czardas húngaras. Nas mesas, as garrafas de bebida eram substituídas tão logo se esvaziavam. De vez em quando aparecia lá embaixo um dos policiais de Flint que vigiavam o lado de fora da igreja para enxotar os fiscais da Lei Seca, tal como lhes solicitara o senhor Bokr. Desciam para tomar um gole.

Ao final do pregão em Nova York, 3.488.100 ações haviam trocado de dono. Era o segundo maior movimento da história da Bolsa em um sábado. A média industrial do *Times* caíra onze pontos. As *blue chips* tinham sofrido forte baixa, embora menor do que os papéis preferidos pelos especuladores, que simplesmente desabaram. A J. I. Case, por exemplo, perdera quarenta pontos.

A maioria das sociedades corretoras manteve seus funcionários administrativos fazendo serão naquela noite para calcular as chamadas de margem dos clientes que estavam a descoberto. Cada um desses especuladores receberia um telegrama no dia seguinte, domingo, com uma convocação para depositar o dinheiro na primeira hora de segunda-feira. Caso contrário, suas posições seriam liquidadas sem aviso prévio.

Wall Street precisava de dinheiro.

42. Vendo! Vendo! Vendo!

Na própria noite de sábado, dia 19, os integrantes da Liga de Cavalheiros de Flint receberam diversos telegramas com chamadas de margem. Combinaram de se reunir no domingo para ver como poderiam lidar com a situação. Boa parte das contas-correntes do banco já tinha sido desfalcada e o dinheiro disponível para novas fraudes tornava-se cada vez mais escasso.

Enquanto os trambiqueiros se afligiam, na igreja de St. Joseph as festividades do casamento de Jolan e Steve não davam o menor sinal de estarem terminando. Uma segunda chaleira se enchera de dinheiro até a borda, incluindo agora algumas doações generosas de notas de dez e vinte dólares. Pudera. Os convidados estavam se divertindo a valer.

À meia-noite serviu-se mais uma refeição. Para acompanhá-la, novas garrafas e barriletes de aguardente foram abertos. As danças tornaram-se mais ousadas. Animados com tanta bebida, homens e mulheres se esfregavam uns nos outros lascivamente.

Os policiais de Flint que haviam passado o dia do lado de fora da igreja, protegendo-a de uma incursão indesejada dos rapazes da Lei Seca, entrando apenas de vez em quando para tomar um trago, agora haviam se juntado definitivamente à pândega.

Um dos oficiais trouxe um exemplar da edição dominical de um matutino de Detroit. Na primeira página estava estampada a notícia da queda da Bolsa de Valores de Nova York no pregão de sábado. Só que nenhum dos presentes se deu ao trabalho de ler. As páginas do jornal serviram apenas para uma guerra de bolinhas de papel encharcadas de cerveja.

Em poucas ocasiões, Jolan e Steve Vargo tiveram a oportunidade de ficar juntos. Num desses momentos, ela fez ao marido uma indagação surpreendente:

"Quando eu ficar grávida, o bebê vai sair pelo umbigo?"

"No momento certo, você saberá desses assuntos", Steve assumiu um ar sério e professoral. Não teve coragem de confessar que não tinha a menor ideia de como as crianças nasciam.

"Eu vou buscar mais um sorvete de baunilha para você", o noivo disfarçou sua ignorância.

Não só em Detroit, mas em todo o país, os jornais do domingo, 20 de outubro, dedicavam a maior parte de seu espaço aos acontecimentos de Wall Street. A manchete do *The New York Times*, por exemplo, foi: AÇÕES DESPENCAM DIANTE DA ONDA DE VENDAS QUE ASSOLA O MERCADO.

Segunda-feira, 21 de outubro de 1929. Muitos passageiros do transatlântico *Berengaria*, que zarpara havia 24 horas do porto de Cherbourg, na Normandia, com destino a Nova York, ignoravam as ondas de cinco metros de altura que, trazidas pelos ventos de noroeste, se arrebentavam contra o casco do navio. Caminhando com dificuldade pelos corredores, por causa do balanço provocado pela tempestade, os especuladores se dirigiam à sociedade corretora flutuante para acompanhar a abertura da Bolsa.

Entre os ocupantes das melhores suítes da primeira classe estava a multimilionária Helena Rubinstein, de 58 anos, que se autoproclamava, com algum exagero, "a maior especialista em beleza do mundo". Além de seus negócios na área de cosméticos, madame Rubinstein se dedicava com afinco a especular na Bolsa. Por isso ela não via a hora de o mercado abrir.

Charles Goudiss e seu assistente, Stanley Moore, eram os responsáveis pela corretora de bordo, de propriedade de Michael Meehan, membro da Bolsa de Valores de Nova York e especialista das ações da Radio.

Por volta das 13h45, horário daquele ponto do Atlântico Norte que correspondia a quinze para as dez da manhã em Nova York, Moore abriu as portas do escritório. Os especuladores, entre os quais diversos conhecidos milionários, entraram na sala de operações da corretora flutuante empurrando-se uns aos outros afobadamente.

O mercado de segunda-feira, 21, já abriu abaixo do fechamento de sábado. Continuou a cair ao longo do dia, com muitos investidores entrando em pânico. No fechamento, as cotações se recuperaram um pouco.

Durante toda a sessão, em nenhum momento os preços dos principais papéis foram negociados acima das mínimas da sessão anterior. Desta vez, em lugar do padrão *lower highs*, *lower lows*, os gráficos da Bolsa mostraram um hiato (*brakeaway gap*) entre as mínimas de sábado e as máximas de segunda. Para os analistas técnicos, era um sinal inequívoco de fraqueza. O urso Jesse Livermore foi um dos que percebeu isso, e toda vez que os preços paravam um pouco para respirar, ele vendia a descoberto.

Nos deques, camarotes e salões da primeira classe do *Berengaria* a Bolsa era o único assunto. Nem mesmo a tormenta que sacudia o navio chamava a atenção dos especuladores de bordo.

Quando as notícias da queda do mercado nova-iorquino se espalharam pelo transatlântico, a corretora flutuante se abarrotou de passageiros, cada qual mais aflito que o outro. Charles Goudiss e Stanley Moore se desdobravam para atender a todos que queriam liquidar suas carteiras. Havia pouquíssimos clientes interessados em comprar.

Os dois operadores de rádio da corretora passavam as ordens para Nova York, a 3 mil quilômetros de distância, e recebiam de lá as confirmações de venda. Num quadro-negro as cotações eram anotadas com giz por um jovem funcionário.

Entre o momento em que a ordem era enviada e o momento da resposta com o preço de execução decorriam não mais do que dois minutos. O sistema que Meehan implantara no navio funcionava muito melhor do que a *ticker-tape* em território americano, cujo atraso constante exasperava os clientes.

Impassível, Helena Rubinstein permaneceu durante toda a sessão sentada numa das trinta poltronas da corretora. Não comprou nem vendeu nada, não comentou o mercado com ninguém e limitou-se a anotar os preços em um bloquinho com capa de couro. Só às dezenove horas, hora do navio, quando terminou o pregão em Nova York, ela deixou o local e foi para a sua suíte.

Naquela segunda-feira de queda abrupta, o volume de negócios na Bolsa de Valores de Nova York, o terceiro maior da história, subira a 6.091.870 dólares. A *ticker-tape* se atrasara uma hora e quarenta minutos.

O pregão do dia seguinte, terça, 22 de outubro, foi um *inside day* (máxima inferior e mínima superior às máximas e mínimas da véspera), comportamento que os analistas consideraram uma pausa antes da continuação da agora clara tendência de baixa. Isso se confirmou na quarta-feira. O mercado levou outro tombo, desta vez com volume pequeno — os compradores começavam a sumir.

"Vendo! Vendo! Vendo!", era o coro histérico que mais se ouvia no recinto de negociações da Bolsa de Valores de Nova York.

43. Jantar em Hollywood

A constante defasagem da *ticker-tape* trazia enormes inconvenientes para os investidores e especuladores de todo o país. Alguém, por exemplo, em Wichita, no Kansas, querendo pular fora de determinado papel, poderia ver na *ticker* que seu título estava cotado a oitenta dólares. Então dava uma ordem de venda a mercado, supondo que a transação sairia por volta daquele preço. Só que, devido ao atraso, a ação talvez pudesse estar a 75 dólares. E era nesse nível bem mais baixo que saía o negócio, provocando a fúria do vendedor.

Bobagens e mais bobagens continuavam sendo ditas pelos otimistas mais recalcitrantes. O professor Fisher, de Yale, agora afirmava que a queda dos últimos dias era apenas "o resultado de um comportamento lunático, mas passageiro, por parte dos investidores".

Noutra explicação, não menos tola, Fisher disse que os preços das ações ainda não refletiam os benefícios causados pela Lei Seca à produtividade dos trabalhadores americanos. O professor só não mencionou o fato de que a lei já estava em vigor no país havia dez anos.

Para a maioria das pessoas que tinham aplicado seu dinheiro na Bolsa nos últimos anos, os lucros de suas carteiras ainda eram substanciais. Mas a sessão de quarta-feira, dia 23 outubro de 1929, foi a última oportunidade de pular fora da ciranda da felicidade dos *Roaring Twenties*.

Nessa quarta, o mercado abriu calmo. Quem quis vender na abertura, pelos preços de fechamento da véspera, ainda pôde fazê-lo. Só que a calmaria teve vida curta. Logo começaram a surgir ondas de vendedores, alguns premidos por chamadas de margens dos bancos, outros, ursos oportunistas, vendendo a descoberto.

Ao final do dia, a média industrial do *Times* caíra de 415 para 384, voltando ao nível de junho. A AT&T perdera quinze pontos, ou quinze dólares; a General Electric, vinte; a Westinghouse, 25; a J. I. Case, 46; a Commercial Solvents, setenta; a Otis Elevator, 43; a Westinghouse, 35; e a Adam Express catastróficos 96 dólares por ação. O volume de negócios atingiu 6.374.960 ações, o segundo maior da história.

Ao atraso, agora rotineiro, da *ticker-tape*, juntou-se uma tempestade prematura de neve que interrompeu as comunicações em diversos pontos do Meio-Oeste, deixando os investidores dessas áreas sem ter a menor ideia do que acontecia em Wall Street.

Richard Whitney, vice-presidente em exercício da Bolsa de Nova York, não testemunhou a queda. Resolvera enforcar o dia, sem avisar aos seus subalternos onde poderia ser encontrado, e foi assistir às corridas de cavalos no hipódromo de Essex Fox Hounds, em Far Hills, Nova Jersey.

Com o presidente Edward Simmons em viagem de lua de mel e seu vice cabulando o serviço, a Bolsa não dispunha de ninguém para discutir, se fosse o caso, com as autoridades monetárias um modo de impedir o agravamento da situação.

Em Hollywood, o ator Charles Chaplin e o compositor Irving Berlin foram jantar juntos. Chaplin ficou surpreso quando Berlin — cuja canção *Blue Skies*, escrita três anos antes, liderava as paradas de sucesso — lhe disse que tinha vários milhões de dólares em ações.

"Você está louco, Irving", o comediante censurou o amigo. "O mercado está se esfarinhando. Você vai perder uma fortuna. Eu liquidei minha carteira na primavera do ano passado."

"Ano passado?", Berlin abriu um sorriso de deboche. "Então você deixou de ganhar uma fortuna. Perdeu toda essa alta."

"Mas não vou perder a baixa. Eu já disse. O mercado vai levar um tombo gigantesco. Liquida tudo."

"Não se ofenda, Charlie", o compositor assumiu um ar de censura, "mas eu acho esse negócio de vender impatriótico. Antiamericano. Eu vou continuar comprando todos os meses. Na alta, na baixa, não quero saber. Parte do que eu ganho irá sempre para o mercado de ações".

O dia seguinte provaria que Charles Chaplin estava certo. E as próximas seis décadas, que Irving Berlin — cuja morte só aconteceria aos 101 anos — não estava de todo errado. Mas só alguém com a determinação e a tenacidade daquele bielorrusso/americano de 41 anos teria nervos para suportar os acontecimentos da quinta-feira, 24 de outubro de 1929, quando os americanos, sem acreditar no que viam, pararam para acompanhar o terremoto que tomou conta de Wall Street.

44. Quinta-Feira Negra

Em Flint, após passar a noite rolando na cama sem conseguir dormir, às seis e meia da manhã de quinta-feira Frank Montague, vice-presidente do Union Industrial Bank e cavalheiro da Liga, decidiu se levantar. O dia ainda não nascera. Abrindo um pouco a cortina da janela do quarto, ele viu refletidas na neve as luzes dos postes da rua.

Na véspera, antes de se deitar, Montague conversara ao telefone com o colega vice-presidente John de Camp e com os tesoureiros Ivan Christensen e Elton Graham, os únicos de seus comparsas nas fraudes contra o Union que possuíam telefone em casa. Nenhum deles apresentou qualquer solução imaginativa, mesmo que absolutamente desonesta, para o problema que teriam de enfrentar assim que chegassem ao banco: como cobrir as chamadas de margens relativas às perdas da quarta-feira.

A noite em claro serviu para Frank Montague tomar uma decisão: raspar todo o dinheiro das contas-correntes e poupanças pouco movimentadas dos clientes do Union Industrial e jogar no mercado, alavancando o máximo possível, e, ao mesmo tempo, inventar alguma desculpa para protelar o pagamento dos reforços de margens aos corretores. Esperava que seus "sócios" concordassem com a medida extrema, cujas chances de êxito eram quase nulas, a não ser que a Bolsa subisse muito ao longo de todo o dia, coisa que, àquela altura dos acontecimentos, nem o mais otimista dos touros acreditava.

Se Montague estava tão aflito, o estado de espírito do também vice-presidente do banco Milton Pollock, outro que já se levantara, era do mais profundo desespero. Pollock temia que sua mulher, Elizabeth, muito doente, pudesse ter seu estado agravado e até morrer de desgosto quando os desfalques do marido, dos quais ela não tinha o menor conhecimento, fossem descobertos e ele, preso.

Os ventos gelados que açoitavam os poucos pedestres que se expunham nas ruas de Flint não impediram que o carteiro Homer Dowdy iniciasse sua primeira ronda de entregas no horário de sempre: sete da manhã. Sua sacola postal estava mais pesada do que o costume, carregada de envelopes pardos enviados pelas sociedades corretoras da Bolsa aos seus clientes.

Se ao longo da maior parte do ano de 1929 os envelopes costumavam conter os cheques correspondentes aos lucros dos especuladores, eles agora, nas últimas semanas, levavam cada vez mais cartas de cobranças de margens. Dowdy percebia isso só pelo rosto tenso e amedrontado dos destinatários que abriam suas portas ao primeiro toque das campainhas. E sem-cerimônia batiam as mesmas portas na cara do carteiro tão logo assinavam o protocolo de recebimento.

Havia algum tempo a linguagem usada nos textos das mensagens das corretoras evoluíra de "educada" para "educada e categórica" e, nos últimos dias, para "categórica e ameaçadora".

"O senhor tem até o meio-dia de hoje, quinta-feira, dia 24 de outubro de 1929, para depositar (por exemplo) 655 dólares. Caso contrário, suas ações serão imediatamente vendidas a mercado. Se o valor de venda não for suficiente para cobrir seu débito, a diferença terá de ser depositada até o fim do expediente bancário."

O que o carteiro Homer Dowdy não sabia, nem tinha como saber, era que sua suada poupança no Union Industrial Bank, acumulada dólar a dólar para atender às despesas do tratamento médico de sua mulher e a educação de seus filhos, estava no mesmo barco que, descendo correnteza abaixo em direção ao abismo, continha o dinheiro dos especuladores da cidade, inclusive o de um grupo de diretores e funcionários desonestos do próprio banco.

Enquanto caminhava pelas ruas, Dowdy ponderou pela primeira vez a hipótese de sacar seu dinheiro e guardá-lo em casa sob o colchão. "Quem sabe, essas pessoas que jogam na Bolsa não vão ter condições de pagar suas dívidas e alguns bancos não poderão arcar com o prejuízo."

Tendo deixado seu escritório à uma e meia da madrugada de quarta para quinta-feira, seis horas mais tarde, Hutton-Miller, da W. E. Hutton and Company, estava de volta ao Distrito Financeiro. Caminhando por Wall Street, ele notou que as filas do lado de fora das corretoras e dos bancos eram maiores do que em qualquer ocasião da qual ele podia se lembrar. Dizia-se que no pânico de 1907 também fora assim, mas em 1907 Hut Miller era apenas um garotinho de 3 anos.

Alguns investidores haviam passado a noite em *speakeasies* e ainda estavam bêbados. Outros vestiam roupas amarrotadas, pois tinham dormido nos saguões dos hotéis lotados ou mesmo nas ruas sob as marquises dos prédios.

Rumores os mais diversos corriam pelas filas. “O presidente Hoover vai tomar providências”; “A Bolsa de Valores não irá abrir”; “John Jakob Raskob tem um ‘plano de salvação’”; “Charles Mitchell bolou um ‘esquema’”.

Uma multidão se formara em frente ao número 23 de Wall Street, sede da Casa Morgan. Corria o boato de que Jack Morgan iria intervir para salvar o mercado, tal como seu pai, o finado John Pierpont Morgan, fizera 22 anos antes.

Outro ajuntamento, este composto em grande parte por italianos, fincara pé em frente ao prédio do Bank of America. Eram correntistas do banco querendo ouvir uma palavra tranquilizadora de “papa” Amadeo Peter Giannini ou de seu sócio, Elisha Walker. Só que Giannini estava em São Francisco e Walker, a bordo do *Overland Express*, viajava ao encontro dele.

O mesmo tipo de coisa acontecia em frente às corretoras e bancos mais importantes, onde pessoas aflitas se agrupavam, como se a proximidade das instituições financeiras com as quais tinham negócios tivesse o poder de aliviar seus temores. Passando em meio a toda aquela gente, Hut Miller notava claramente a ansiedade no rosto de cada um.

Quando chegou à sua instituição, Hut encontrou a entrada bloqueada por um grupo de homens e mulheres. Para superar o obstáculo, o jovem executivo precisou da ajuda dos guardas de segurança da empresa. Mas não teve como evitar vaias e insultos. Já lá dentro, Hutton-Miller viu que muitos dos seus colegas haviam passado a noite toda trabalhando, a maioria fazendo cálculos de chamadas de margens para poder despachar telegramas para os clientes.

Por volta das oito da manhã, Charles Stewart Mott, presidente do conselho diretor do Union Industrial Bank e segundo homem na hierarquia da General Motors, sentado em sua sala no quartel-general da montadora em Detroit, tinha de lidar com dois problemas simultâneos, um de ordem profissional, outro envolvendo sua vida particular.

Mott tentava fazer projeções de números para a inevitável queda nas vendas de carros provocada pela adversidade nas Bolsas e, simultaneamente, estudar os termos de um comunicado à imprensa dando conta de seu divórcio da senhora Mott — em solteira, a jornalista Dee Van Balkom Furey —, após menos de sete meses de um casamento que não tivera sequer um dia

feliz. Num momento difícil para a GM e possivelmente para o banco — e Charles Mott não sabia de nada sobre o tumor maligno que já corroía as entranhas do Union Industrial —, ele não queria ser perseguido por um bando de repórteres bisbilhoteiros e de colunistas de mexericos.

A General Motors estava bem preparada para a crise em Wall Street. Desde o dia 4 de outubro, o presidente Alfred Sloan previra o fim da expansão industrial consequente da euforia de consumismo que o país experimentara nos últimos anos e decretado uma política de austeridade para a companhia.

Na ausência dos irmãos Amadeo e Doc Giannini e de Elisha Walker, E. C. Delafield respondia pelos negócios do Bank of America em Nova York. Respondia apenas em tese, pois não tomava nenhuma decisão importante sem antes consultar seus superiores. Como há uma diferença de três horas de fuso horário entre as costas Leste e Oeste, Delafield esperou até às nove da manhã para telefonar para A. P., que ainda dormia em San Mateo, Califórnia.

A campainha soou diversas vezes antes de Giannini acordar e descer até o térreo da casa para atender a chamada. Sem prolegômenos, Delafield, cuja voz não escamoteava seu deplorável estado de nervos, disse a Amadeo que o banco parecia estar sob sítio — a multidão lá fora crescera para centenas de pessoas, todas querendo se certificar de que seu dinheiro estava seguro.

Embora Giannini tenha logrado êxito em acalmar Delafield, no fundo ele preferia que pelo menos Doc e Walker estivessem naquele momento em Wall Street, e não impotentes na cabine de um trem. Como àquela altura o *Overland Express* devia estar se aproximando de São Francisco, Giannini decidiu tentar persuadi-los a voltar de avião para Nova York, coisa que ele, A. P., definitivamente não tinha a coragem de fazer, e muito menos se sentia no direito de obrigar outras pessoas a arriscar a vida pelo banco.

Prevendo horas críticas pela frente, Giannini decidiu transferir o posto de comando de suas empresas para o último andar do Mark Hopkins Hotel em Nob Hill, uma das colinas de São Francisco, onde mantinha uma suíte exclusiva. De lá, ele podia telefonar para todos os lugares sem ser importunado por chamadas de fora.

O motorista Joe Garcia levou A. P. para o hotel. Pouco antes de chegarem ao destino, Giannini pediu a Garcia para desligar as luzes de viatura do Corpo de Bombeiros do Rolls-Royce, tentando passar despercebido.

Eram nove e meia da manhã em Nova York. Jesse Livermore se movia sem descanso entre as salas de seu complexo de escritórios. Emendava um charuto no outro enquanto fazia a mesma pergunta a cada um dos seus assessores:

"Tudo foi checado?"

"Sim, chefe. Sim, patrão. Sim, Jesse. Sim, senhor Livermore." A resposta era sempre a mesma, só variando o tratamento.

Apesar de a maioria do *staff* de Livermore ter passado a noite estudando o comportamento do mercado na véspera, agora, enquanto o mais notável dos ursos e seu pessoal aguardavam o início do pregão, ninguém tinha coragem de garantir a ele que a queda prosseguiria. Todos esperavam que o patrão, como quase sempre ocorria, se baseasse no sentimento de suas entranhas antes de decidir como operar naquela quinta-feira.

Exatamente 22 anos antes, em outro 24 de outubro, Jesse Livermore, no auge do Grande Pânico de 1907, ganhara 250 mil dólares vendendo ações a descoberto. Só que, desta vez, suas vísceras emitiam sinais conflitantes, algumas o aconselhando a não vender a qualquer preço.

Faltando quinze minutos para a abertura da Bolsa, John Jakob Raskob, em seu escritório privativo no número 230 da Park Avenue, já mantinha os olhos fixos em sua unidade de *ticker-tape*. Era como se o comportamento das ações naquele dia fosse depender de uma marcação severa sobre a máquina. Raskob temia que um colapso do mercado implodisse seu projeto de construção do Empire State Building, antes mesmo que as primeiras vigas de aço do arranha-céu fossem forjadas.

John Raskob não era o único a marcar de perto sua *ticker*. Naquele momento, cada qual em seu canto, Joe Kennedy, Billy Durant, Arthur Cutten e Charles Mitchell faziam o mesmo.

Pat Bologna era outro que tinha plena consciência da importância daquela quinta-feira. Ao se encaminhar para sua banca de engraxate, Bologna se impressionara com o silêncio expectante da multidão, agora que o momento do soar do gongo no recinto da Bolsa se aproximava.

A chegada de alguns caminhões da polícia na Baixa Manhattan só contribuiu para aumentar o clima de ansiedade. As viaturas foram estacionadas de través no meio da rua de modo a bloquear o tráfego em Wall Street a partir da esquina com a Broadway. Seus ocupantes desceram e se espalharam pelo Distrito Financeiro. Nove e cinquenta da manhã. O superintendente da Bolsa,

William Crawford, fazia uma última inspeção no recinto de negociações, já abarrotado de operadores e auxiliares, para ver se estava tudo em ordem, quando um dos ajudantes do presidente em exercício, Richard Whitney, lhe trouxe um recado: Crawford devia estar preparado para receber um visitante ilustre, Winston Churchill, ex-chanceler do Erário britânico.

O superintendente não gostou nem um pouco da missão. Logo num dia em que era previsto um enorme volume de negócios, com chances de atraso recorde na *ticker-tape*, ele tinha de servir de cicerone a um figurão. A chegada de Churchill — disse o emissário de Whitney — aconteceria na parte da manhã.

Nos escritórios das sociedades corretoras o trabalho era intenso. Um número de ordens sem precedentes, a maioria de venda, chegara durante a noite. Já as ordens de compra fixavam preços bem abaixo das mínimas da quarta-feira.

Faltando dois ou três minutos para a abertura, William Crawford se dirigiu ao pódio. Subiu vagarosamente os degraus. Quando seu cronômetro marcou dez horas em ponto, ele bateu com força incomum o gongo. Ao fazê-lo, deu início à sessão de 24 de outubro de 1929, dia que a história dos mercados marcaria para sempre como *Black Thursday*, ou Quinta-Feira Negra.

45. Último suspiro

No primeiro minuto após a abertura do pregão da Quinta-Feira Negra, a Bolsa de Nova York subiu. Uma transação de 20 mil ações da Kennecott Copper foi feita onze dólares acima do preço de fechamento da véspera. O mesmo aconteceu com a Sinclair Oil, num negócio de 15 mil ações com alta de meio dólar, e com a Standard Brands, também com 15 mil ações quarenta centavos acima do encerramento do dia 23. E foi só. Seguiu-se uma avalanche de ordens de venda.

A primeira queda do dia se materializou nos papéis da General Motors, um bloco de 20 mil ações transacionado com perda de oitenta centavos.

Logo as linhas telefônicas das sociedades corretoras eram inundadas com ordens frenéticas em tom do mais profundo desespero.

"Vende, vende a mercado!"

"Vende tudo!"

"Liquida meus papéis!"

Durante sofridos vinte minutos, entre dez e meia e dez para as onze, Pat Bologna lutou para abrir caminho até a sala de clientes de uma corretora próxima à sua banca de engraxate. Chegou a tempo apenas de ver, no quadro de cotações, que sua carteira de operações a termo, num total de 5 mil dólares, havia se transformado em pó.

Restavam a Bologna ações do National City Bank, que comprara à vista seguindo conselho do próprio presidente do banco, Charles Mitchell, cujos sapatos costumava engraxar.

"Só os cagões vendem ao primeiro sinal de perigo", Mitchell lhe dissera certa vez. Talvez por isso Bologna tenha decidido manter os papéis. Mas não quis permanecer em meio ao pandemônio que reinava na corretora e saiu para a rua.

De seu escritório na General Motors em Detroit, Charles Stewart Mott acompanhava ao telefone a derrocada do mercado.

"Nada podemos fazer para impedir a queda da GM", acabara de lhe dizer o especialista do papel, diretamente do recinto de negociações da Bolsa, antes de a ligação cair, assim como caíam as ligações em todo o território americano.

A rede de comunicações que conectava Nova York ao resto do país e ao mundo simplesmente não fora projetada para suportar o movimento daquela quinta-feira. Nem mesmo as linhas diretas privativas mantidas pela Bell Telephone Company, tal como a que ligava Mott à Bolsa, davam conta da sobrecarga de tráfego.

Impossibilitado de falar com Charles Mitchell por causa da pane no sistema telefônico, Thomas Lamont, do Morgan, mandou sua secretária levar pessoalmente um recado ao colega banqueiro. Apenas um quarteirão separava os escritórios dos dois homens, respectivamente nos números 23 e 55 de Wall Street.

Já no City, a moça perguntou a Mitchell se ele poderia participar de uma reunião de banqueiros que aconteceria na Casa Morgan ao meio-dia. Pauta: tentativa de salvar o mercado. Charles Mitchell aceitou o convite imediatamente.

Por volta das onze e meia, ao fazer uma de suas inspeções rotineiras no pregão, o superintendente da Bolsa, William Crawford, verificou que vários corretores não obedeciam às rígidas regras de decoro da casa. Uns corriam e empurravam os colegas, outros diziam palavrões. Alguns estavam sem o obrigatório paletó. Num dia normal, Crawford imediatamente chamaria a atenção dos faltosos. Mas naquela quinta-feira ele resolveu deixar para lá. Verificou, pela fisionomia dos *traders*, que muitos estavam a ponto de sofrer um colapso nervoso.

Entre os postos de negociação o mais agitado era o número 2, onde se negociava, entre outras companhias, a United States Steel. O especialista do papel, general Oliver Bridgeman, estava literalmente sitiado por seus colegas operadores. A cada compra que fechava, Bridgeman reduzia o preço, sem que isso diminuísse o ímpeto da horda de vendedores.

A primeira baixa física ocorreu no Posto 4, palco da Anaconda, Caterpillar, Southern Pacific, U. S. Pipe and Foundry e General Motors. Um *floor trader* obeso e suarento sofreu um pique de pressão arterial e desabou no solo. Foi preciso chamar os enfermeiros, que o levaram embora.

Nada disso preocupava tanto o superintendente Crawford quanto o desempenho da *ticker-tape*, que a cada volta do ponteiro de minutos do relógio se atrasava mais e mais. Tornara-se impossível saber, mesmo no interior do prédio da Bolsa, a situação real dos negócios. Mais uma vez Wall Street trabalhava em voo cego. E sem instrumentos.

Na sala de operações da W. E. Hutton, o jovem Hut Miller urrava num telefone privativo tentando se fazer ouvir por um dos auxiliares da empresa situado na outra ponta da linha, bem no meio do tumulto do pregão. Hut queria desesperadamente saber as cotações do momento. Era o mínimo de que precisava para poder conversar com os clientes da firma.

"Não dá para entender os preços", gritou o rapaz. "Aqui ficou todo mundo louco. A pedra está atrasada e a *ticker* também. Só sei que os papéis estão desmoronando. Tem gente que até já morreu", exagerou o auxiliar, referindo--se ao *trader* levado para a enfermaria. Para desalento de William Crawford, Winston Churchill chegou ao prédio da Bolsa às 11h45. O superintendente se viu obrigado a largar tudo para acompanhar o ilustre estrangeiro até a galeria de visitantes, de onde o estadista pôde testemunhar os lances da tragédia que se desenrolava lá embaixo.

Embora possuísse sua própria carteira de ações, Churchill se interessou muito mais pela importância histórica dos acontecimentos que presenciava do que pelo dinheiro que perdia com eles.

Em Flint, o tesoureiro Ivan Christensen, do Union Industrial Bank, acompanhava junto aos colegas defraudadores, todos já entorpecidos pelas derrotas recentes, a materialização de seus piores pesadelos. O atraso, agora de 55 minutos, da *ticker* já não os incomodava. Falidos ou falidos em dobro ou em triplo não fazia a menor diferença. Sem contar que a falência era fraudulenta e teria como consequência uma longa temporada atrás das grades, fossem quais fossem os números do rombo.

Na Baixa Manhattan, a multidão que congestionava as ruas do Distrito Financeiro só crescia, tanto em tamanho como em indignação. Excitados, repórteres e fotógrafos tentavam captar a atmosfera. Os mais perspicazes talvez já desconfiassem que os *Roaring Twenties* chegavam ao fim. Mas nem estes tinham como supor que aquele momento, mais do que o fim de um ciclo virtuoso, marcava o início de um enorme flagelo que afetaria toda a humanidade.

Oitocentos quilômetros a leste/nordeste de Wall Street o *Berengaria* cortava as águas do Atlântico Norte, procedente da Europa, trazendo 1.415 passageiros. O mar estava agitado devido a fortes correntes de vento. Com a viagem chegando ao fim, a diferença de fuso horário entre o navio e a Costa Leste dos

Estados Unidos era de apenas uma hora.

À uma da tarde, hora do navio, o restaurante da primeira classe deveria estar cheio. Deveria, mas não estava. Seus potenciais frequentadores, sem nenhum apetite, não arredavam pé da sociedade corretora flutuante do transatlântico, cuja sala de atendimento não comportava tantas pessoas, estando agora a maioria do lado de fora, atenta às notícias.

O que mais Charles Goudiss e Stanley Moore, empregados de Michael Meehan e responsáveis pela corretora de bordo, ouviam era:

"Vende, vende a mercado!"

Mesmo sabendo que a *ticker* do navio, defasada em uma hora, não representava os preços reais, Goudiss e Moore se limitavam a transmitir as ordens dos passageiros para a matriz da firma em Wall Street. Um bom tempo se passaria até que cada um dos passageiros vendedores fosse informado dos preços de suas liquidações.

"Vende, vende a mercado", eles continuavam gritando aflitivamente, como se essas palavras tivessem o poder de exorcizar o demônio que os possuía.

Helena Rubinstein ocupava uma poltrona próxima da escrivaninha de Stanley Moore. Madame Rubinstein sentara-se ali desde antes da abertura e até agora só dera algumas ordens pequenas. Aparentando indiferença ao tumulto que a rodeava, a rainha da beleza universal cochichava o tempo todo com Davenport Pogue, seu assessor financeiro, agachado ao seu lado.

De repente, como se fosse a única pessoa presente na corretora, a senhora Rubinstein moveu o indicador direito, repleto de anéis, para Moore, convocando-o a se aproximar dela, no que foi imediatamente obedecida.

"Venda 50 mil ações da Westinghouse a mercado", ela ordenou. O encarregado de dispor as cotações no quadro-negro acabara de apagar o preço de 190 dólares do papel, substituindo-o por 173.

Mesmo que, devido à defasagem da *ticker*, a venda fosse feita por 150, tratava-se da maior ordem isolada que a corretora flutuante do *Berengaria* já recebera desde sua inauguração.

Helena Rubinstein aguardou paciente o retorno da ordem, com a confirmação do preço de venda. Sequer piscou um olho ao ver o número 168, o que significava um total de 8,4 milhões de dólares.

Quando a madame se ergueu da poltrona, os demais clientes se moveram, abrindo um respeitoso corredor para ela sair, tão respeitoso quanto o silêncio que o acompanhou.

Se tivesse esperado mais uma semana para tomar a decisão de vender, Helena Rubinstein teria ficado um milhão de dólares menos rica.

Era meio-dia e vinte em Nova York quando, no J. P. Morgan, Charlton MacVeagh abdicou da fleuma que conseguira manter desde a abertura, fleuma essa que se esperava, em todas as circunstâncias, de qualquer executivo da firma. Só que o alarido do populacho reunido do lado de fora da Bolsa de Valores, a poucos metros do venerando prédio Morgan, impedia MacVeagh de se concentrar no trabalho.

Charlton se deslocou até a janela e viu que um cordão humano, formado por seguranças da empresa e policiais, impedia que a turba que sitiava a Bolsa se aproximasse da entrada da Casa Morgan. À medida que o tempo passava o ruído do povo se tornava mais ameaçador e a dificuldade dos guardas em impedir um tumulto crescia na mesma proporção.

Pelo rádio, MacVeagh ficou sabendo que em outros estados a situação era ainda pior. As bolsas de valores de Chicago e Buffalo haviam fechado e a de São Francisco estava para fechar.

A chegada de Charles Mitchell ao Morgan, em mangas de camisa, chamou a atenção de Charles MacVeagh. Depois dele, com um intervalo de minutos entre um e outro, apareceram Albert Wiggin, *chairman* do Chase National Bank; William Potter, presidente do Guaranty Trust; e Seward Prosser, *chairman* do Bankers Trust. Os banqueiros formaram uma roda em torno da escrivaninha de Thomas Lamont, roda essa que representava 6 bilhões de dólares de ativos, não incluindo nessa conta os recursos da própria Casa Morgan, jamais revelados pela instituição.

"Eles estão tentando achar um modo de interromper a queda", deduziu MacVeagh, cético quanto aos resultados de um suporte organizado àquela altura dos acontecimentos.

Não se sabe como, a notícia de que os banqueiros estavam reunidos no Banco Morgan chegou rapidamente ao pregão da Bolsa e foi suficiente para estabilizar os preços. Os *traders* se lembraram de que uma reunião similar, ocorrida no dia 24 de outubro de 1907, portanto havia exatos 22 anos, liderada por ninguém menos do que o lendário John Pierpont Morgan, criara um *pool* de sustentação que interrompera o pânico daquele ano.

Na rua, o otimismo não era o mesmo. Uma ordem do presidente em exercício da Bolsa, Richard Whitney, mandando o superintendente William

Crawford fechar a galeria de visitantes para o público, foi interpretada pelos investidores e especuladores de plantão do lado de fora como um indício de que o pregão seria interrompido. A multidão se tornou mais agitada e foi necessária a convocação de mais reforços policiais para evitar que as pessoas cometessem vandalismos.

Os visitantes escorraçados da galeria trouxeram consigo a notícia de que não havia compradores no pregão. Só operadores interessados em vender a qualquer preço.

No Morgan, a reunião terminou. Lamont acompanhou seus colegas banqueiros até a porta. A chegada do grupo à rua virou mais uma vez a opinião do público. De todos os lados ouviam-se gritos:

"Vai dar tudo certo."

"Os grandes banqueiros vão sustentar o mercado. Serão centenas de milhões de dólares."

"Acabou o pânico."

"É hora de comprar. Na baixa é que se ganha dinheiro."

Na realidade, Lamont e seus pares haviam concordado em investir 50 milhões de dólares na compra de ações. Ficou decidido que o próprio presidente interino Whitney executaria as ordens de compra, providência que foi imediatamente posta em prática.

Era uma e meia da tarde quando Richard entrou no pregão. Pomposamente dirigiu-se ao Posto 12. Estava ali na qualidade de corretor oficial da Casa Morgan. Em voz alta e clara, ele perguntou ao general Bridgeman qual fora a última oferta para a Steel.

"Cento e noventa e cinco", respondeu Bridgeman.

"Compro 10 mil a 205", apregoou Richard Whitney.

Por alguns segundos, houve silêncio no posto, como se os operadores precisassem digerir a notícia. Então, como se o pesadelo tivesse terminado, o recinto de negociações foi varrido por uma explosão de alegria. Whitney se aproveitou disso para percorrer os demais postos. Em cada um deles deixou novas ordens de compra de *blue chips*.

Foi o último suspiro do grande *bull-market* dos anos 20, o maior e mais exuberante de todos os tempos.

46. Dono da América

Por volta das duas da tarde, em Flint o vice-presidente do Union Industrial Bank, Frank Montague, e seus comparsas da Liga de Cavalheiros John de Camp, Milton Pollock, Elton Graham e Ivan Christensen apuraram que o rombo escavado por eles nas contas dos clientes passava de 2 milhões de dólares.

O terminal da *ticker-tape* instalado no banco, que agora rodava com um atraso de duas horas, mostrava a Westinghouse cotada a 160 dólares e a General Motors, a 283.

"Nós temos de pular fora", disse Montague, sem que nenhum dos colegas defraudadores o contestasse. Como não o contestariam se o vice-presidente dissesse que deveriam comprar mais. Àquela altura dos acontecimentos ninguém mais tinha esperança de se safar da enrascada em que haviam se metido.

Pouco depois das três da tarde, logo após o fechamento do mercado, Thomas Lamont, que respondia pelo J. P. Morgan na ausência de Jack Morgan — de férias em seu castelo na Inglaterra —, tomou uma atitude inédita na história do banco. Convocou uma coletiva de imprensa.

"Não há corretoras com problemas financeiros e todos os reforços de margem cobrados dos clientes de cada uma estão sendo cobertos de modo satisfatório", garantiu aos jornalistas o sisudo Lamont, que, diga-se a bem da verdade, não dispunha de dados para corroborar suas afirmativas.

Quem sabe devido às declarações de Thomas Lamont, ou talvez por causa das compras feitas por Richard Whitney nos diversos postos da Bolsa em cumprimento do "suporte organizado", o certo é que, apesar da enorme baixa do dia, os noticiários noturnos das rádios apresentaram um viés otimista para a sexta-feira, 25 de outubro.

"O pior já passou", foi a tônica de alguns dos analistas entrevistados pelas emissoras. "O *rally* do final da sessão deverá ter prosseguimento amanhã", anteviram os mais otimistas.

Só às 19h08, com quatro horas e oito minutos de atraso, a *ticker-tape* parou de rodar, dando números finais ao dia. Um total recorde de 12.894.650 ações,

representando 974 empresas dos mais diversos ramos de atividade, trocou de dono.

O mercado caíra 11%. Três bilhões de dólares tinham sido perdidos pelos investidores, dinheiro esse que simplesmente deixou de existir. Boa parte da multidão que se concentrara em Wall Street e arredores ao longo do dia permaneceu no local, atordoada demais para voltar para suas casas. Muitos se sentavam nos meios-fios em profundo silêncio. Seus sonhos de riqueza fácil haviam esmaecido.

Temendo distúrbios e cenas de vandalismo, a chefia da polícia metropolitana enviou um pelotão para passar a noite no Distrito Financeiro.

Em certo momento alguém apontou para o alto de um arranha-céu, onde um operário fazia um reparo na fachada. Logo se espalhou que se tratava de um especulador querendo pular. Não faltaram gritos de incentivo.

O surto coletivo de trauma e medo não se limitava a Nova York. Em todo o país investidores não arredaram pé das sociedades corretoras com as quais faziam negócios, como se os preços dos papéis pudessem ser defendidos com sua simples presença.

O dia fora intenso para a astróloga de Wall Street, Evangeline Adams. Em seu estúdio no prédio do Carnegie Hall, ela se vira obrigada a cancelar as consultas individuais, trocando-as por sessões coletivas. Caso contrário não poderia dar conta da fila de consulentes que aguardavam suas previsões para o comportamento do mercado nos próximos dias.

Evangeline dissera dois dias antes que a Bolsa sofreria um crash. Mais do que isso: garantira até que as piores horas seriam na parte da manhã de quinta, com uma recuperação no período da tarde. Agora seus clientes queriam saber se o mercado atingira o fundo do poço ou não.

Usando palavrório astrológico, no qual alegava interdependência da Bolsa com o alinhamento de certos planetas, desta vez Evangeline Adams errou. E errou feio, como os dias, semanas, meses e anos seguintes iriam mostrar. Ela simplesmente vaticinou uma forte alta das cotações, alta essa que começaria na manhã seguinte.

Grupos aliviados de investidores puderam ser vistos deixando o Carnegie Hall no final da tarde e início da noite de 24 de outubro. Nenhum deles sabia que a vidente dera ao seu corretor ordens expressas de zerar sua carteira de títulos ao soar do gongo de abertura na sexta-feira. Ao prever uma alta,

a astróloga quisera apenas criar um fluxo comprador para dar liquidez às suas vendas.

No entender de Jesse Livermore, as perdas mais significativas realizadas até agora haviam se concentrado na arraia-miúda, uma vez que a maior parte dos negócios do dia se compusera de lotes pequenos. Os grandes especuladores tinham mantido seu sangue-frio e permaneciam comprados.

Livermore estava extremamente aflito, pois não contara com a violência da queda. Urso atávico, não ganhara um centavo sequer nem na quarta nem na quinta. Para um profissional como ele, o fato de perder uma oportunidade ímpar como aquela já significava enorme fracasso, mesmo que boa parte de seus pares estivesse se esvaindo em sangue e ele, ileso.

A atuação do consórcio de bancos liderada pelo Morgan deixara John Jakob Raskob feliz. Após passar o dia acompanhando a Bolsa, Raskob foi para casa convicto de que os recursos para a construção do Empire State Building não corriam risco.

Na suíte do último andar do Mark Hopkins Hotel, em São Francisco, eram 16h08 quando a *ticker-tape* de Amadeo Peter Giannini cuspiu o último negócio do dia. A. P. respirou fundo. Embora os papéis da Transamerica tivessem enfrentado forte onda vendedora durante a sessão da Bolsa de Nova York, eles acabaram fechando com baixa de apenas um dólar.

Naquele momento o irmão e o sócio de Amadeo, respectivamente Doc e Elisha Walker, voavam de volta para Nova York a bordo de um trimotor Boeing 80 da United Airlines, que faria apenas um pernoite no meio do caminho. Se as condições meteorológicas fossem favoráveis, no sábado os dois já estariam em seus postos em Wall Street.

Encerrado o pregão, Giannini pediu ao *room service* do hotel uma refeição de espaguete e mandou chamar lá embaixo o motorista Joe Garcia para comer com ele. Assim que terminaram, A. P. foi tirar um cochilo. Garcia postou-se no corredor do lado de fora da suíte, de onde não deixaria nenhum intruso interromper o descanso do patrão.

O especulador Billy Durant perdera dinheiro naquela quinta, embora não tanto quanto chegara a temer em certo momento do dia — antes da che-

gada do socorro dos banqueiros. Agora Durant estava otimista para a sessão de sexta-feira.

Durante o jantar, em seu luxuoso apartamento da Quinta Avenida, sua mulher, Catherine, admirou-se da calma com que o marido enfrentava o momento crítico. Faminto, Billy comeu por dois.

O comportamento do mercado nova-iorquino na Quinta-Feira Negra, dia 24 de outubro de 1929, repercutiu em todo o mundo.

No mercado informal de rua de Shorters Court, em Londres, mesmo sob forte chuva, os corretores, ensopados, continuaram negociando com ações americanas até altas horas da noite. Os papéis caíram para níveis bem abaixo do fechamento em Nova York. Foi preciso que policiais da Scotland Yard encerrassem o "pregão" por causa da barulheira.

Em Paris havia euforia. Os financistas de lá acreditavam que a Bourse parisiense poderia se beneficiar de uma provável repatriação de capital francês que se movera para Nova York em busca de melhores ganhos. Já a Berlin Börse acompanhara Wall Street tanto na queda da primeira metade do pregão quanto na recuperação no fim do dia.

Após ponderar todas as notícias, o editor financeiro do *The New York Times*, Alexander Noyes, optou pelas seguintes manchetes que estampariam a primeira página da edição de sexta:

CRASH ABAFADO PELOS BANCOS

12.894.650 AÇÕES INUNDAM O MERCADO

LÍDERES CONFERENCIAM
E DEDUZEM QUE AS CONDIÇÕES SÃO SÓLIDAS

FINANCISTAS REDUZEM AS TENSÕES

QUEDA FOI TÉCNICA

WALL STREET OTIMISTA APÓS DIA TEMPESTUOSO

Charles Mitchell, do City Bank, terminara o dia praticamente quebrado, mesmo tendo informações privilegiadas, já que participara da reunião na Casa Morgan. Na verdade, as informações não tinham lhe valido muito, pois no momento em que as obteve já estava com todo seu dinheiro comprometido em operações a termo. Assim não pôde comprar mais nada antes do início das atividades do suporte organizado dos bancos, o tal fundo de 50 milhões de dólares.

Nos cinco semestres compreendidos entre janeiro de 1927 e julho de 1929, Mitchell ganhara 3,5 milhões de dólares em participações nos lucros do banco. Esse dinheiro lhe permitiria viver confortavelmente até o fim de seus dias. Só que Mitchell quis mais, muito mais, alavancou sua fortuna no mercado e ao final da Quinta-Feira Negra só lhe restavam esperanças. Esperanças de que a Bolsa se recuperasse desde o primeiro minuto do pregão de sexta-feira, antes que ele fosse chamado para comparecer com reforços de margens.

Na noite de 24 de outubro o músico Irving Berlin trabalhava até altas horas nos estúdios da United Artists, na Califórnia, com o coreógrafo Maurice Kusell. Começou a circular no estúdio a notícia de que algo muito sério ocorrera nas bolsas de valores.

Mesmo tendo sido instado na véspera por Charles Chaplin a liquidar sua carteira, Berlin recebeu a notícia impassível.

"Vou aproveitar essa crise", o compositor disse para Kusell, "para comprar mais. E se o mercado continuar caindo comprarei ainda mais. Até ser dono de toda a América".

47. O grande perdedor

Em vez de ir dormir em seu apartamento, Hut Miller, da W. E. Hutton, limitou-se a descansar algumas poucas horas em um hotel nas proximidades da firma. Como não dispunha de aparelho de barbear, de manhã, antes de voltar para a Hutton, ele foi até um salão. Mas desistiu na porta ao ver a fila de espera. Pareceu-lhe que Nova York inteirinha passara a noite no Distrito Financeiro.

Michael Levine, o dono da empresa especializada em mensageiros, mas que aceitava qualquer tipo de encomenda, passou a noite na sede da firma. Mas não dormiu. Atendendo pedidos que vinham de todos os lados, Levine coordenou uma equipe de entrega de bebidas alcoólicas. Wall Street poderia estar moribunda, mas isso não impedia que estivesse sedenta.

Desde muito antes da abertura, os telefones das sociedades corretoras tocavam sem parar. Clientes de todos os estados e dos territórios do Alasca e do Havaí, tendo passado a noite fazendo planos para seus negócios na Bolsa — uns, desanimados, querendo pular fora; outros, achando que o mercado fizera um fundo na véspera, desejavam comprar a preços de barganha —, queriam logo passar suas ordens antes que as linhas ficassem congestionadas.

Percorrendo as filas que se formavam nas portas das corretoras, o engraxate Pat Bologna detectou um clima de otimismo. No entender de Bologna, tudo indicava que a recuperação iniciada no final do pregão de quinta-feira teria prosseguimento na sexta.

Na entrada do J. P. Morgan, populares saudaram com entusiasmo a chegada de cada um dos sócios e, finalmente, de Thomas Lamont. Isso trouxe grande desconforto aos austeros banqueiros, cujo último desejo na vida era serem tratados como celebridades.

Charles Mitchell voltou à rotina habitual. Seguido de perto pelo chofer guiando a limusine, o presidente do National City percorreu a pé os dez qui-

lômetros de casa até o banco. No final da caminhada, Mitchell foi testemunha da calorosa recepção dada aos colegas do Morgan. Isso melhorou seu estado de espírito, que já não era de todo ruim desde que lera as manchetes otimistas de diversos matutinos.

Na entrada da Bolsa de Valores, a multidão ali reunida formara um corredor através do qual os operadores de pregão tinham de passar para entrar no prédio. Em vez de imprecações, ou outras manifestações de hostilidade, os *traders* ouviram gritos de incentivos, como se fossem jogadores de futebol chegando ao estádio antes do início de uma partida importante.

A mesma atmosfera favorável foi sentida pelo superintendente da Bolsa, William Crawford, ao atravessar o recinto de negociações rumo ao pódio. Ao final do saguão, Crawford subiu as escadas, esperou o relógio marcar dez horas e soou o gongo.

O superintendente viu sua percepção inicial confirmada quando os primeiros negócios mostraram ganhos, embora nada pudesse anular as pesadas perdas dos dias anteriores. Mesmo assim, só a descontinuidade do crash já era para Crawford e para os operadores e corretores motivo de comemoração.

Na Califórnia, apesar de ter ido para a cama de madrugada, o músico Irving Berlin acordou cedo para acompanhar a abertura em Nova York, que na Costa Oeste se dava às sete da manhã. Ao ver que o mercado estava em alta, Berlin passou algumas ordens de compra para seu corretor e foi tratar de coisas ligadas ao seu trabalho.

Ao longo daquela sexta-feira, 25 de outubro, o pregão esteve calmo. O índice industrial Dow Jones acabou fechando com uma alta irrisória de 1,75 ponto. Os preços já tinham caído demais para que os ursos se animassem a vender a descoberto e os touros atuaram com parcimônia. Pouco menos de 6 milhões de ações foram negociadas, volume inferior à metade da véspera, ainda assim um número alto.

À tarde, ao saírem da Bolsa, os profissionais tinham a sensação de que a crise havia ao menos sido estancada.

Embora poucos analistas tivessem se dado conta disso, um tumor maligno continuava se alimentando das entranhas pustulentas do mercado: uma

enorme quantidade de especuladores não havia depositado os valores correspondentes às chamadas de margens para cobrir os prejuízos de quarta e quinta-feira. Havia rombos em quase todas as sociedades corretoras, que teriam de vender as ações das carteiras da clientela inadimplente.

Um dos mais endividados, agora sem chances de recuperação, era o magnata dos telégrafos, Clarence Mackay, sogro de Irving Berlin. Mackay — que se opusera ao casamento de sua filha Ellin com um reles músico, ainda por cima judeu — alavancara sua fortuna em operações a termo e estava irremediavelmente quebrado, tendo perdido quase 100 milhões de dólares, a maior perda individual do mercado de ações de Wall Street até então.

48. Mal sabia ele

No sábado, antes da abertura dos mercados, os jornais chegaram às bancas e aos assinantes com mensagens de otimismo dos mais importantes empresários e financistas do país. Charles Schwab, por exemplo, *chairman* da Bethlehem Steel, amigo de Henry Ford e consulente de Evangeline Adams, disse que não via motivos para que a prosperidade dos Estados Unidos não continuasse indefinidamente, declaração essa que recebeu o apoio integral de James Farrell, presidente da U. S. Steel, maior concorrente da Bethlehem.

Por sua vez, Alfred Sloan, *chairman* da General Motors, declarou que a violenta queda da Quinta-Feira Negra fora até saudável, diagnóstico este que não foi bem aceito nem pelos acionistas da GM, que tinham visto seus patrimônios encolherem sensivelmente, nem pelo segundo homem da empresa, Charles Stewart Mott, que, preocupadíssimo com a possibilidade do agravamento da crise, se transferira com armas e bagagens para seu escritório na sede da companhia, em Detroit, onde dormia por apenas umas poucas horas em uma cama de campanha.

Já Walter Teagle, presidente da Standard Oil, aconselhou os acionistas da companhia a não se desfazerem de seus papéis, pois, segundo ele, não houvera nenhuma mudança nos fundamentos da indústria petrolífera. Samuel Vauclain, da Baldwin Locomotive, acreditava que "a América continuava nos trilhos, no horário, e a todo vapor e velocidade".

"Não há na situação econômica do país nada que justifique qualquer nervosismo", foi o diagnóstico de Eugene M. Stevens, presidente do Continental Illinois Bank.

Instado a enviar uma palavra de ânimo aos investidores, o presidente Herbert Hoover, raposa matreira, tergiversou:

"As atividades fundamentais do país, isto é, a produção e a distribuição de mercadorias, estão apoiadas em bases sólidas e prósperas." E mais não disse.

Quem destoou do coro foi o governador do estado de Nova York, Franklin Delano Roosevelt, que criticou acidamente a "febre de especulações".

Embora, nos últimos tempos, tenha alertado sobre a possibilidade de uma grande queda da Bolsa, desta vez Amadeo Peter Giannini julgou por bem dar

uma palavra de conforto aos clientes e acionistas de seu grupo financeiro. O que não impediu que Doc Giannini e Elisha Walker, tão logo desembarcassem no aeroporto de Newark, procedentes da Califórnia, fossem direto para a sede nova-iorquina do Bank of America, onde passaram a ajustar, para baixo, as estimativas dos preços das ações para efeito de garantias de empréstimos de margem. O mesmo faziam os demais banqueiros, todos temendo uma inadimplência generalizada dos especuladores.

Repetindo a performance da véspera, o pregão de sábado, dia 26 de outubro, oscilou pouco. Os preços dos papéis caíram ligeiramente. Não houve pânico, mas também não houve entusiasmo. A exceção ficou por conta de John Jakob Raskob, o homem do Empire State, que se destacou na ponta compradora.

O superintendente da Bolsa, William Crawford, aproveitou-se da calmaria — o volume geral de negócios ficou ligeiramente acima de 2 milhões — para fazer uma revisão geral no sistema de *ticker*. A última coisa que Crawford queria na vida era que a fita voltasse a se atrasar.

Mal sabia ele.

49. Misericórdia divina

A maioria das sociedades corretoras da Bolsa de Nova York aproveitou o domingo para preparar cartas de solicitação de reforços de margens e preencher ordens de venda — a serem executadas na abertura do pregão de segunda-feira — de papéis das carteiras dos inadimplentes.

Quem caminhasse pelas ruas do Distrito Financeiro podia pensar que se tratava de um dia útil, tal o tráfego de carros e pedestres. Ônibus repletos de turistas paravam em frente ao prédio da Bolsa. Cento e cinquenta metros ao norte, na Trinity Church, investidores pediam misericórdia a Deus. Em meio aos fiéis, alguns profissionais do mercado podiam ser vistos, entre eles Hut Miller, da W. E. Hutton. No sermão que pronunciou, um dos reverendos episcopais da igreja se valeu da ocasião para criticar a ganância dos especuladores que só agora, no prejuízo, se lembravam do Senhor.

Em Wall e Broad Street ambulantes circulavam entre os passantes, vendendo, a um *dime* (dez centavos) cada, pedacinhos da *ticker-tape* da Quinta-Feira Negra como souvenir.

Tanto em Nova York como no resto do país, era grande a expectativa com relação ao comportamento do mercado na segunda. O otimismo que se apoderara de alguns investidores na sexta e no sábado se esvaía no domingo. A sociedade onde todos seriam ricos agora se conformava em não ser pobre.

As palavras tímidas que o presidente Hoover pronunciara no sábado em nada haviam contribuído para levantar os ânimos. Os maus presságios do governador Roosevelt eram mais lembrados. Havia boatos de que os banqueiros que haviam tentado sustentar os preços — o tal suporte organizado — nos últimos dias agora iriam engrossar a horda de vendedores, num mais do que temido “salve-se quem puder”.

50. A véspera

Os jornais de segunda-feira, 28 de outubro, continham farto material de propaganda enganosa: anúncios, artigos caracterizados como matéria paga e artigos pagos por baixo do pano pelas sociedades corretoras a jornalistas inescrupulosos. De acordo com essas matérias, uma quantidade fabulosa de ordens de compra proveniente de investidores que queriam se valer das baixas cotações dos papéis aguardava a abertura do mercado.

Desde as primeiras horas de segunda, milhares de turistas se concentravam no Distrito Financeiro. Alguns eram investidores novos, marinheiros de primeira viagem, com dinheiro vivo para investir na Bolsa.

Entre os especuladores veteranos, também havia gente otimista. Um dos touros mais entusiasmados era Mike Meehan, especialista nas ações da RCA, a gigantesca cadeia de comunicações controlada por David Sarnoff. A Radio vinha caindo havia seis meses, de cem dólares, cotação de abril, para 44, mínima alcançada na Quinta-Feira Negra, recuperando-se na sexta e no sábado para sessenta dólares, preço que, na opinião de Meehan, continuava sendo uma pechincha.

Alguns achavam que o *pool* de banqueiros liderado por Thomas Lamont, do Morgan, tinha como objetivo puxar os preços para cima. Nada mais inexato. Os bancos queriam apenas estabilizar o mercado para defender seus próprios cofres, ou seja, para evitar a inadimplência generalizada dos tomadores de empréstimo para compra de ações garantidas por margens, inadimplência essa que lhes traria enormes prejuízos. Só que os recursos alocados para o *pool* tinham limite, que os analistas mais perspicazes sabiam ser insuficiente para reverter a maré vendedora que vinha prevalecendo desde o início de setembro.

De seu quartel-general de emergência na cobertura do Mark Hopkins Hotel, em São Francisco, Amadeo Peter Giannini telefonou às cinco e meia da manhã (oito e meia em Nova York) para seu irmão Doc, a postos no Bank of America, na Baixa Manhattan.

“Esse negócio de ‘suporte organizado’ é conversa fiada”, A. P. disse para Doc. “Nessas horas, o medo é que prevalece”, advertiu. “Se todo mundo estiver pensando em vender, o mercado vai romper o fundo da quinta-feira.

Nem nós mesmos vamos sustentar a Transamerica. É melhor deixar que os papéis encontrem seu nível, seja ele qual for."

Um sentimento unia Mike Meehan, Thomas Lamont, Amadeo e Doc Giannini e os demais profissionais em todo o país: a enorme ansiedade com que aguardavam o início dos negócios na Bolsa.

Após bater o gongo, William Crawford ainda não tinha chegado ao pé da escada do pódio quando viu que o mercado caía. No Posto 2, a United States Steel estava sendo negociada a 202,25 dólares, 1,25 dólar abaixo do fechamento de sábado. No 17, a ITT abrira com uma queda de três dólares. E, pior de todas, no Posto 6 a General Electric desabara 7,5 dólares. Tudo isso em menos de um minuto.

Como seria de se supor, a *ticker-tape* não conseguiu acompanhar a ligeireza dos negócios. Às 10h10 a máquina registrava o que acontecera às 10h05. E a tendência, Crawford sabia disso, era piorar, alargando cada vez mais o *gap*.

Meia hora após a abertura, a U. S. Steel rompeu, para baixo, a barreira psicológica dos duzentos dólares. As demais *blue chips* também afundavam.

O pregão seguiu caindo. Os poucos compradores abriam a boca, apregoavam timidamente um preço bem abaixo da cotação anterior e, mesmo assim, os papéis lhes eram enfiados pelas goelas.

"Vendo mais, vendo mais", os ursos de ofício, os ursos de ocasião e os ursos de puro desespero afrontavam os touros.

Por volta de uma da tarde, a *ticker* já exibia um atraso de noventa minutos. Com exceção daqueles poucos que estavam no recinto da Bolsa, ninguém sabia qual era o mercado real. Só restava aos especuladores uma alternativa:

"Vende, vende a mercado", eles berravam no ouvido dos corretores.

"Mas já caiu muito..."

"Vende, vende a mercado."

Quando Charles Mitchell, do National City, entrou no prédio sede da Casa Morgan, um rumor se alastrou pelas ruas próximas dando conta de que uma nova força-tarefa de suporte dos preços iria se formar. E, das ruas, se espalhou através das ondas de telégrafo de todo o país.

Na verdade, Mitchell foi ao Morgan pedir 12 milhões de dólares emprestados para poder sustentar as ações do próprio City. Mais por questão de princípios, Thomas Lamont impôs um abatimento e lhe concedeu dez.

O sorriso estampado no rosto de Charles Mitchell quando ele deixou o número 23 foi interpretado pelas testemunhas atentas como um bom sinal. Mais veloz do que se transmitida pelo telégrafo, a notícia chegou ao pregão da Bolsa. Imediatamente o mercado se estabilizou.

Meio na surdina, um corretor a serviço do J. P. Morgan começou a comprar ações da Steel, que rapidamente subiram de 193,5 para 198 dólares. No entanto, a alegria dos touros durou pouco. Surgiram maciças ordens de venda e a U. S. Steel voltou a ceder, agora para 190, fazendo nova mínima do dia.

Assim foi ao longo da segunda-feira. Apenas na última hora de pregão quase 3 milhões de títulos mudaram de dono. Na sessão inteira foram 9.212.800. A queda, de 49 pontos, significou um prejuízo de 14 bilhões de dólares em perda de valor das empresas negociadas na Bolsa.

De novo, Jesse Livermore, o rei dos ursos, fizera por desmerecer esse título. As perdas haviam sido tão rápidas que ele não tivera tempo, e muito menos coragem, de vender a descoberto. Só depois que o mercado fechou, Livermore, reunido com seus assessores, percebeu, ao analisar os gráficos das cotações, que, no dia seguinte, terça-feira, o tombo poderia ser maior, muito maior, quem sabe uma catástrofe sem precedentes em Wall Street.

51. Terça-Feira Negra

Após trabalhar em sua sala na W. E. Hutton até as primeiras horas da manhã de terça, Hut Miller não resistiu ao sono e desabou numa poltrona. Mas não por muito tempo. Acordou às seis horas, assustado com o som de um terminal de telex que começara a vomitar notícias, uma após a outra.

Na Albânia, o rei Zog pusera os principais líderes da oposição na cadeia. Em Londres, Edward, o príncipe de Gales, de 35 anos, redecorava sua residência oficial, a York House. Num inflamado discurso pronunciado em Roma, Benito Mussolini vaticinava que o fascismo iria dominar o mundo. Josef Stálin garantia o mesmo em Moscou, só que a respeito do comunismo. Em Xangai, o líder nacionalista Chiang Kaishek, como que em resposta ao ditador soviético, dizia que os comunistas jamais governariam a China. No Japão, um camponês pulou na frente da carruagem dourada do imperador Hirohito, sofrendo morte instantânea.

As notícias chegaram a irritar Hut Miller, já que nenhuma delas tinha a menor capacidade de influenciar o comportamento da Bolsa de Nova York, a única coisa que o interessava naquele dia.

Outro que passou a noite em seu posto de trabalho foi William Crawford, superintendente da Bolsa. Só que Crawford não se deu ao luxo nem de um breve cochilo. Desde o fechamento da véspera, ele e sua equipe tinham feito várias modificações no sistema de *ticker-tape*, visando a diminuição do atraso da fita.

A principal mudança foi suprimir os primeiros algarismos das cotações. Assim, uma transação com determinado papel fechada a 104,25 apareceria na fita a 4,25. Seriam frações de segundos a menos no relato de cada negócio. Só que aqueles que leriam a fita teriam de estar bem atualizados com os níveis do mercado de modo a não confundir 104 com 94 ou com 114.

O dia estava clareando quando o novo método foi posto em teste, tendo funcionado a contento. Precioso tempo seria economizado. Mesmo que o gigantesco volume da Quinta-Feira Negra — quase 13 milhões de ações negociadas — se repetisse, a *ticker* tinha chances de cumprir sua função. Pelo menos era o que Crawford e seus homens esperavam.

Se o pessoal de Wall Street não dormia, Michael Levine e seus 2 mil mensageiros faziam o mesmo, não por solidariedade, é claro, mas por oportunismo. Antes mesmo de o sol nascer, o que aconteceu às 6h22 naquela terça de outono, os rapazes de Levine, os mesmos que buscavam bebidas nos *speakeasies* para seus clientes durante a noite, já percorriam casas e apartamentos dos funcionários da Bolsa e das corretoras para pegar mudas de roupas limpas a serem entregues no local de trabalho de cada freguês, ao preço de cinquenta centavos de dólar por viagem.

Michael Levine raspara os estoques de estimulantes nas farmácias locais. Tinha certeza de que haveria forte demanda por eles assim que o mercado abrisse. E mais uma vez seus portadores entrariam em ação, entregando os medicamentos nas corretoras.

John Jakob Raskob agendara um café da manhã no Hotel Plaza. Seus convidados eram Alfred Smith, Pierre du Pont e outros diretores da Empire State Inc., empresa fundada para financiar e construir o arranha-céu de Raskob. O horário da *breakfast meeting* fora marcado de modo que todos pudessem estar em seus escritórios antes da abertura do pregão.

O excelente estado de espírito de Raskob, mais interessado na construção de seu prédio do que nos rumos da Bolsa, contagiou os demais integrantes da mesa.

"A América não é apenas um amontoado de papéis trocando de mãos", argumentou John Raskob. "Nós somos uma nação de empreendedores, tais como os senhores e eu. Nós somos a América", empolgou-se.

Enquanto viajava no metrô, rumo sul, em direção ao Distrito Financeiro, o engraxate Pat Bologna prestava atenção na conversa dos outros passageiros do vagão. A maioria estava otimista, refletindo o tom dos matutinos que quase todos tinham em mãos.

Pouco mais tarde, já em sua banca na Wall Street, Bologna não encontrou sua freguesia — bem mais calejada do que a turma do *subway* — tão animada. Exaurida sua capacidade de comparecer com reforços de margem, as pessoas diziam ao engraxate que só sobreviveriam se o mercado abrisse em forte alta e continuasse subindo ao longo do dia.

Temendo que a angústia reinante pudesse provocar baixas entre os investidores, a Bolsa de Valores reforçara o contingente de seu departamento

médico, dirigido pelo doutor Francis Glazebrook. A polícia fora autorizada a enviar para lá todos aqueles que passassem mal em Wall Street e nas ruas próximas. A última coisa que o presidente em exercício Richard Whitney queria ver eram manchetes sensacionalistas na imprensa dando conta de pessoas morrendo de ataques cardíacos nas proximidades de sua instituição. Daí o fato de ter franqueado ao público o ambulatório, até então exclusivo dos membros e funcionários da Bolsa.

Glazebrook, 51 anos, grisalho, veterano da Grande Guerra, era especializado em traumatismo psicológico. Tratava-se da pessoa certa para o momento certo. Não faltariam traumas naquela terça-feira que os historiadores, sempre apegados a um clichê, rotulariam como negra, tal como acontecera com a quinta da semana anterior.

Em seu escritório, Jesse Livermore olhava para o lado de fora da janela. Faltando uma hora para a abertura do pregão, uma neblina, acompanhada de leve garoa, caía sobre Nova York, dando cores apropriadas ao clima de tristeza que reinava na cidade.

Não aguentando mais o estado permanente de bebedeira de sua mulher, Dorothy, com quem tinha discussões intermináveis a propósito de tudo, Jesse deixara o apartamento. Agora ele se dividia entre suítes dos melhores hotéis e o escritório, onde passava boa parte das noites, tal como acontecera nos últimos cinco dias, com incursões rápidas aos apartamentos das coristas com as quais mantinha casos fugazes. Esses romances, se é que podemos chamá-los assim, sempre terminavam com um adeus sem mágoas, não sem a ajuda de um presentinho sob a forma de um casaco de peles ou uma joia.

Jesse Livermore estava cada vez mais aflito por não estar ganhando uma fortuna num cenário que sempre fora o seu domínio: o do medo, da baixa, do pânico, do desespero. Agora, Jesse contemplava um ponto indefinido do outro lado da janela, suas entranhas lhe dizendo que esta terça-feira, 29 de outubro, seria o seu grande dia.

Pouco antes da abertura, o galês Mike Meehan chegou ao Posto 12, onde a RCA era negociada. O olhar gélido e a fisionomia indecifrável de Meehan não davam o menor indício do que ele estaria antevendo para a sessão. Seria uma barganha comprar o papel a quarenta dólares, preço da véspera, ou seriam os quarenta dólares a rampa de salto de uma nova queda?

Meehan sabia as respostas para essas dúvidas. Durante a noite milhares de ordens de venda da Radio haviam chegado à sua sociedade corretora. Ao galês caberia tão simplesmente executá-las. Defender o papel seria um mero e inútil suicídio financeiro. Mesmo porque a maior preocupação de Meehan naquele momento era a de salvar o que restava de seu patrimônio. O único modo de fazer isso era se juntando às hostes vendedoras.

Nos próximos dias o *Berengaria* estaria partindo para a Europa com boa parte de suas cabines vazias. O mesmo não aconteceria na volta. Chamuscados pela queda da Quinta-Feira Negra, muitos americanos, agora com menos dinheiro e menos vontade de gozar as delícias europeias, faziam fila em Londres, Paris e Berlim para comprar seus bilhetes de regresso aos Estados Unidos. Durante a viagem, poderiam liquidar o que sobrara de suas carteiras, se é que sobrara alguma coisa, na corretora flutuante de Mike Meehan.

Desde a Quinta-Feira Negra a galeria de visitantes da Bolsa de Valores estava fechada a... visitantes. Se, ao fazer isso, o presidente em exercício, Richard Whitney, quis evitar o pânico, ele não poderia ter tomado decisão pior. Não percebeu que as pessoas se impressionam muito mais com o que imaginam do que com o que veem.

Agora o superintendente William Crawford subia ao pódio para dar início ao pregão. Seus olhos observaram ao redor. A galeria dos visitantes, deserta, lhe pareceu obscena. "Quem sabe não tenha sido um erro fechá-la" — pela primeira vez a possibilidade ocorreu ao superintendente.

"Agora é tarde", pensou ele, antes de bater o gongo.

Iniciava-se a sessão mais dramática e assustadora dos até então 112 anos de existência da Bolsa de Valores de Nova York, sessão essa que seria lembrada para sempre e que mudaria a história americana e mundial.

52. Papéis podres

Em questão de segundos após a batida do gongo, os dezessete postos do pregão da Bolsa de Nova York tornaram-se palco de uma fúria epilética jamais vista no local. Enquanto mil operadores se esgoelavam, cada um querendo vender antes do outro, seus auxiliares (*runners*) corriam selvagemente dos postos de negociação para as cabines telefônicas, e das cabines para os postos, trazendo consigo muitas ordens e poucas execuções. Quase não havia touros e mesmo estes poucos só queriam comprar no fundo do poço. O ruído era ensurdecedor. As tábuas corridas do piso do recinto começavam a se cobrir de boletos rasgados.

"Vinte mil, vendo!"

"Trinta mil, vendo!"

"Cinquenta mil, vendo!"

Era só o que se ouvia.

No Posto 2, o general Oliver Bridgeman, especialista da United States Steel, via, atordoado, seus papéis despencarem sem que ele tivesse coragem de apregoar uma compra. Se o fizesse, todos os operadores da roda se lançariam sobre ele como aves de rapina em cima de uma carniça.

Sem o seu protetor oficial, 650 mil ações da Steel foram vendidas a preços impensáveis até alguns dias antes. Bastava alguém abrir a boca e dizer "compro", não importava a quanto, que as levava. Assim o papel caiu para 179 dólares, 13% abaixo do nível defendido por Richard Whitney na sessão da Quinta-Feira Negra, por ocasião do suporte organizado... e fracassado.

Logo surgiu um enxame de vendedores a 179, o que fez com que os touros emudecessem.

Nas demais rodas a situação era a mesma.

Alguns *runners* não aguentaram a pressão e fugiram do prédio da Bolsa, entre eles um que quase fora asfixiado por um *trader* falido que agarrara o rapaz pelo pescoço e só o soltara após a intervenção de terceiros.

"Hoje é o dia da matança dos milionários", um *runner* gritou para um colega enquanto os dois corriam pela Wall Street em direção ao East River.

O Distrito Financeiro tornara-se refém de um bando de loucos.

Ao passar pelo Posto 7, o superintendente William Crawford percebeu, aterrorizado, que as enormes telas Trans-Lux espalhadas pelo saguão estavam em branco. Isso significava que a *ticker-tape* emperrara, estrangulada pelo gigantesco volume de negócios. O mercado mais importante do mundo se dissolvia — pensou Crawford — e a informação não era transmitida ao mundo exterior.

A sessão já se desenrolava havia quase dez minutos quando a *ticker* anunciou a primeira transação do dia. Só agora os corretores espalhados pelo país começariam a ser informados, com atraso crescente, sobre a calamidade que ocorria em Nova York. Todos os esforços do superintendente e de sua equipe para pôr a fita em dia com os acontecimentos haviam sido em vão.

No Posto 12, a Radio caía muito. Tal como planejara, Mike Meehan se unira aos ursos e vendia. Vendia, vendia, e vendia ainda mais. Com a barulheira muito acima do normal, era difícil para Crawford, distante uns dez metros de Meehan, ver quantas ações ele apregoava e a que preço. Mas a mão direita espalmada para a frente não deixava dúvidas sobre sua intenção de pular fora. A RCA já caíra inacreditáveis 25% em relação ao fechamento de segunda-feira, com enormes lotes negociados a trinta dólares.

Cinco rodas adiante, no Posto 17, o especialista da International Telephone & Telegraph tentava, sem sucesso, impedir que seu papel caísse abaixo de dezessete dólares, esforço que se revelara inútil, quando sua atenção foi despertada por um incidente, no mínimo bizarro, ao seu lado. Um operador dera um berro tão forte que sua dentadura voou longe, sendo pisoteada pelos *floor traders*.

Após ter sido transacionada por um bom tempo a trinta dólares, a Radio finalmente teve seu suporte rompido.

"Vendo a 29 e ¾!", um operador tomou a iniciativa.

"Vendo a 29 e ½!", gritou outro.

"Vendo a 29 e ¼!", urrou um terceiro.

"Vendo a 29!", ousou um quarto.

"Vendo a 28!", apregoou um quinto.

"Vendo a 27!", derrubou um sexto.

"Vendo a 26!", o mercado parecia ir direto para o fundo do poço.

"Fechado."

Só nesse nível, que representava uma perda de 74% desde as máximas do ano, surgiu, sem grande entusiasmo, o primeiro comprador.

Mike Meehan assistia impassível a derrocada de sua ação, a mais popular entre as *blue chips* dos anos 20. Por ser popular era líquida. Por ter liquidez era a preferida dos especuladores que precisavam fazer um mínimo de caixa para pagar reforços de margem de operações alavancadas em outros títulos.

Também no Posto 12, as cotas do Fundo Allegheny, consórcio que era a menina dos olhos de Jack Morgan, caíram cinco pontos, de 28 para 23 dólares, em um único negócio de 50 mil ações.

No Posto 6 a situação não era melhor. Apenas diferente. Dois auxiliares de pregão se engalfinharam por causa da venda de um lote da American Can. Nessa mesma roda, a General Electric, mesmo tendo um especialista a defendê-la, afundara à razão de um dólar a cada dez segundos durante os seis primeiros minutos de negociação. Do outro lado do recinto, a Westinghouse caíra dois dólares por minuto entre o gongo de abertura e as 10h15. Se prosseguisse nesse ritmo, ao meio-dia não valeria absolutamente nada. Ainda nessa roda, um *floor trader* tentava, sem sucesso, vender um lote de 25 mil ações da Timken Roller Bearing.

Simplesmente não havia comprador, embora o *trader* estivesse oferecendo o papel a um preço 19,75 dólares abaixo do fechamento da véspera.

General Motors, Anaconda Copper, Southern Pacific, Montgomery Ward, Paramount, Fox, Warner Bros… cada uma daquelas grandes corporações parecia agora não mais do que um amontoado de papéis podres, como se suas linhas de montagem, minas, ferrovias, sofisticados sistemas de vendas pelos correios e estúdios cinematográficos simplesmente não existissem.

Eram apenas dez e meia da manhã.

53. Choros e rezas

A queda na primeira meia hora de pregão fora tão violenta que o mínimo que se podia esperar era uma estabilização dos preços. Só que isso simplesmente não aconteceu. O pânico se apossara da Bolsa de Valores de Nova York. Bastava um corretor gritar "compro", em qualquer posto, a qualquer preço, para qualquer papel, que seu desejo era prontamente atendido.

Muita gente descobrira ao mesmo tempo que o rei estava nu. As ações da Blue Ridge Corporation, por exemplo, o consórcio fundado pela Goldman Sachs para alavancar a alavancagem sem produzir nenhum serviço ou mercadoria, mas tão somente especular em cascata, despencara de dez dólares, preço da abertura, para apenas três. Algumas semanas antes, a Blue Ridge havia sido negociada a 24 dólares.

A United Corporation, uma das empresas favoritas dos pequenos especuladores, caíra, também na primeira meia hora, de 26 dólares para 19,30.

Mesmo títulos de companhias produtivas como as mineradoras American Smelting e Kennecott Copper e a cadeia de lojas de varejo Woolworth, as três negociadas no Posto 11, não resistiam ao tropel avassalador dos ursos.

"Vendo! Vendo! Vendo!" O mercado tornara-se uma unanimidade maligna.

Apesar da presença no recinto de negociações de inúmeros donos de corretoras e dirigentes de bancos importantes, gente que controlava dezenas de milhões de dólares, nenhum deles se dispunha a sustentar as cotações. O objetivo comum era, na medida do possível, salvar a própria pele.

O presidente interino da Bolsa, Richard Whitney, também descera para o pregão. No início, alguns viram sua presença como a possibilidade de uma repetição do que acontecera na Quinta-Feira Negra, quando Whitney adquirira grandes lotes para o grupo organizado na Casa Morgan. Todos ficaram atentos. Se o presidente abrisse a boca, comprando, receberia em resposta uma saraivada de vendas. Mas ele se limitou a assistir a derrocada. Logo ninguém mais prestava atenção à sua presença.

Na mesa de negócios da W. E. Hutton, Hut Miller ouvia o som do vozerio que chegava do setor de clientes e da ala dos diretores da empresa. Não dava para entender o que as pessoas falavam, mas era nítido o tom do mais profundo lamento.

Havia quadros-negros nas paredes da sala, nos quais dois garotos iam anotando as cotações. Mas os números, que eram copiados da *ticker-tape*, estavam tão defasados que nenhum dos corretores prestava atenção a eles. O que valia eram as informações que chegavam da Bolsa por intermédio dos aparelhos telefônicos acionados a manivela das linhas diretas com o pregão.

De uma coisa todos tinham certeza. A torrente de vendas se iniciara na abertura e, até agora, não dera o menor sinal de arrefecimento.

Por volta das 10h45 o gerente de operações da Hutton entrou na sala e determinou aos corretores que liquidassem, a preços de mercado, todas as carteiras de ações dos clientes que não tivessem atendido às chamadas de margem.

O próprio Hut se viu obrigado a vender os papéis de sua carteira particular, por não ter condições de cobrir o reforço solicitado. Constatou que ficara 100 mil dólares mais pobre.

Usando um telefone público ao lado de sua banca de engraxate, Pat Bologna acabara de liquidar suas ações do National City. Dos quase 10 mil dólares investidos em títulos que ele já possuíra, restaram-lhe não mais do que 1,7 mil dólares, que Bologna agora se apressava em transformar em dinheiro.

Em São Francisco, Amadeo Peter Giannini era informado de que as ações de seu Transamerica haviam desabado de 62 e ¾ dólares para 20 e ¼ dólares, preço pelo qual estavam sendo oferecidas, sem que houvesse comprador. A. P. sabia ser desperdício de dinheiro tentar defender o papel. Restava-lhe aguardar, aflito, que o Transamerica encontrasse seu chão.

Finalmente Jesse Livermore assumira sua condição de urso, pela qual ficara tão famoso na Rua. De seu escritório, usando diversos corretores, ele vendera a descoberto, na abertura, enormes lotes de ações. Agora zerava as posições com grande calma e sangue-frio. Em alguns momentos se aproveitava do pânico para comprar alguns títulos também.

Para homens da têmpera de Livermore, grandes oportunidades se sucediam naquela terça-feira louca. Papéis que tinham fechado na véspera a vinte dólares podiam ser comprados a três ou quatro e vendidos a cinco ou seis alguns minutos depois.

A não ser aqueles que se encontravam no pregão, ou os poucos privilegiados que conseguiam, através de linhas diretas, falar com algum corretor de confiança no recinto, ninguém tinha condições de saber as cotações. A *ticker-tape* perdera sua utilidade.

Amontoados nas salas de clientes dos escritórios das sociedades corretoras espalhados pela América, pequenos e médios investidores e especuladores não tinham outro remédio a não ser se basear na fita para dar uma ordem.

Se alguém, por exemplo, quisesse vender ações da Radio a trinta dólares, preço exibido na *ticker*, e desse ordem a esse preço, podia ver o papel cair para 28, 25, 23... sem que a ordem fosse executada. Por outro lado, se mandasse vender a mercado, podia ser surpreendido com uma liquidação a dezoito dólares, isso após horas de angustiosa espera, para em seguida ver o preço subir para 22.

No pregão da Bolsa de Nova York operadores inescrupulosos se aproveitavam dessas bruscas variações de preços para comprar e vender para si, realizando lucros tão rápidos quanto substanciais. Poucos eram os que pensavam em seus clientes, que quase sempre ficavam com os piores preços, comprando caro e vendendo barato.

Por volta das onze e meia, Richard Whitney reuniu seus colegas governadores da Bolsa numa sala do subsolo do prédio. Propôs a eles que o pregão fosse fechado até que a situação de pânico se revertesse. Isso já acontecera em 1914, após a irrupção da Grande Guerra, quando os negócios ficaram suspensos por quatro meses e meio.

Em meio a uma fumarada de charutos e cigarros, a proposta de Whitney foi rejeitada por seus pares. A maioria ficou com medo de que a decisão gerasse grande revolta entre os investidores de todo o país.

O mercado continuou caindo no início da tarde. Quase todas as cotas dos fundos de investimentos, os "fabulosos" consórcios, invenção mágica da Rua, tinham simplesmente virado pó. As tábuas do piso do recinto de negociações da Bolsa agora estavam totalmente cobertas de boletos rasgados, escondendo parte dos sapatos dos *floor traders* e auxiliares.

Pouco depois de uma da tarde, o volume de negócios ultrapassou o da sessão inteira da Quinta-Feira Negra.

Entre os corretores, muitos não se vexavam em chorar copiosamente. Outros se ajoelhavam e rezavam contritos nos cantos do pregão. O Senhor não deve ter se comovido muito, pois o ritmo da baixa não sofreu alteração.

Do lado de fora, Wall Street estava tomada por uma multidão que se estendia desde a Broadway até a boca do East River. As pessoas estavam mais atônitas do que revoltadas.

A chance de a América quebrar não havia sido prevista por quase ninguém.

54. Temos um problema

Desde o início da manhã, Homer Dowdy vinha entregando telegramas com chamadas de margens na área urbana de Flint sob sua responsabilidade. Nos demais bairros, outros carteiros faziam o mesmo, num ritmo sem precedentes. Isso se repetia em cada cidade, em cada vila e em cada aldeota da América. Nas zonas rurais, o trabalho era feito em carros, bicicletas, cavalos e charretes.

Os destinatários dos telegramas distribuídos por Dowdy eram em sua grande maioria pequenos especuladores, entre eles vários empregados da GM, da Buick e da Chrysler, lojistas, profissionais liberais e donas de casa. Muitos haviam adquirido lotes de ações de empresas e de consórcios pagando apenas dez por cento do valor total, sendo o restante financiado pelos bancos, que agora cobravam reforços de margem, sob ameaça de liquidação imediata das posições.

Como tinha seus próprios problemas — a doença terminal da mulher, Gladys, e três filhos pequenos para criar —, Homer Dowdy não se deixava comover muito com a fisionomia de desespero das pessoas que abriam os telegramas.

Enquanto ia de casa em casa dando conta de seu serviço, Dowdy passou por um homem que vinha em sentido contrário, transtornado, gritando para quem quisesse ouvir:

"O Union Industrial Bank acaba de fechar as portas! O Union Bank está fechado!"

Se até aquele instante Homer Dowdy era não mais do que um mensageiro da crise, agora, caso o arauto da desgraça que acabara de ver e escutar não estivesse fazendo uma brincadeira de tremendo mau gosto, o carteiro era mais uma vítima. Todas as suas economias estavam depositadas no Union Industrial.

Como notícia ruim se espalha logo, os recém-casados Jolan e Steve Vargo também já tinham sido informados do que acontecera com o banco. Imediatamente correram para lá. Dois quarteirões antes, já puderam ver as portas trancadas — embora ainda faltasse meia hora para o fim do expediente bancário — e uma multidão se formando do lado de fora. O jovem casal, que não fazia a menor ideia de que um crash acontecia na Bolsa de Nova York,

temeu, e tremeu, por seu dinheiro, toda a herança de Jolan e a suada poupança de Steve.

No começo da tarde, após rápida reunião com o tesoureiro Ivan Christensen, Frank Montague, vice-presidente do Industrial, concluíra ser totalmente impossível, por mais que usassem os saldos ainda disponíveis das contas dos clientes, pagar os reforços de margem que as sociedades corretoras estavam exigindo até o fim do dia, um valor que superava 3,5 milhões de dólares.

Montague foi até a sala do presidente Grant Brown, que não sabia nem desconfiava de nada, e, sem maiores introitos, contou tudo a respeito dos desfalques da Liga de Cavalheiros.

Coube a Brown a decisão de fechar as portas do banco imediatamente, inclusive obrigando os clientes que estavam no saguão naquele momento a sair para a rua antes mesmo de efetuar as transações que os levaram até ali.

Sem que sua fisionomia revelasse grandes emoções, Grant Brown convocou à sala do conselho todos os diretores e executivos que porventura estivessem envolvidos nas falcatruas. Só que, para sua enorme surpresa, além de Frank Montague e Ivan Christensen, apareceram na sala outros dois vice-presidentes, Milton Pollock e John de Camp, mais dois tesoureiros, Russell Runyon e Elton Graham, os atendentes de caixa James Barron, Farrell Thompson, Robert McDonald, George Woodhouse, Clifford Plumb, Mark Kelly, David McGregor e Arthur Schlosser, além do próprio filho de Grant Brown, Robert Brown, também atendente de caixa.

"Até você, Bob?", a voz sumidiça do presidente agora transparecia sua profunda decepção.

Grant Brown exigiu que cada um dos presentes detalhasse seu papel na bandalheira, enquanto ia tomando notas em um pequeno bloco. Quando o desfile de confissões chegou ao fim, Brown tomou do telefone e pediu à telefonista uma ligação para o *chairman* do banco, Charles Stewart Mott, que se encontrava na sede da General Motors, em Detroit.

"Senhor Mott, nós temos um problema." Brown começou a transmitir a notícia de que o Union Industrial Bank fora obrigado a fechar suas portas ao público por causa de um desfalque perpetrado por seus funcionários mais graduados.

"Estou indo imediatamente para aí", foi a resposta do *chairman*, após ouvir o relato.

55. Irremediavelmente pobres

No dia 29 de outubro de 1929, a Bolsa de Valores de Nova York só parou de cair quando o tempo acabou. No horário de sempre, quinze horas, o superintendente William Crawford bateu o martelo. Não se pode dizer que a Bolsa foi salva pelo gongo porque na Terça-Feira Negra não se salvou nada. Além disso, após o fechamento, as cotações continuaram caindo na *ticker-tape* por causa do atraso nas transmissões de dados. Caíram até que o 16.383.700º negócio do dia, mais uma vez um número recorde, foi registrado.

"Fique rico rapidamente", "pague uma e leve dez", "não hesite, use seu crédito", "seja um touro", "entre para o nosso consórcio"... De repente os slogans dos reclames que haviam atraído tanta gente por tanto tempo soavam falsos e ardilosos, soavam irreais, como se a ideia de que poderia haver uma sociedade em que todos os que quisessem seriam ricos só poderia resultar em uma sociedade na qual, por mais que não quisessem, as pessoas seriam irremediavelmente pobres.

As perdas acumuladas na Bolsa entre 3 de setembro, dia em que o mercado fez um topo, e a Terça-Feira Negra haviam somado espantosos 50 bilhões de dólares, dez vezes a quantidade de moeda em circulação nos Estados Unidos naquela época.

Na terça, 29 de outubro, o desempenho de alguns papéis foi aterrador. A White Sewing Machine Company, por exemplo, que no pico do *bull-market* fora negociada a 48 dólares, e na segunda-feira, dia 28, fechou a onze dólares, apareceu na *ticker* a um dólar. E só saiu a esse preço porque um gaiato, por simples molecagem, apregoou:

"Sewing, compro a um!"

Levou.

Entre os maiores corretores, apenas uns poucos, como Charles Merrill, da Merrill Lynch, haviam advertido seus clientes para a possibilidade de uma queda sem precedentes. Também não foram muitos os especuladores que não se deixaram levar pela ganância. Em meio a essas exceções, o ator Charles Chaplin. Ele se revelava engraçado e irresponsável na tela, mas, nascido e crescido na pobreza dos cortiços londrinos, o criador e intérprete do

imortal vagabundo dos filmes mudos era extremamente sério quando se tratava de cuidar de seu dinheiro.

Além de Chaplin, que se limitara a ficar de fora do mercado no último ano do *boom*, desta vez alguns *traders* mais lúcidos e audaciosos venderam a descoberto, entre eles Jesse Livermore. Mas o grande ganhador foi Albert H. Wiggin, do Chase National Bank, que ficou vendido em enormes lotes entre a quinta e a terça-feira “negras”.

Após o fechamento de terça-feira, Jimmy Walker, prefeito de Nova York, fez um apelo aos produtores de jornais cinematográficos.

“Por favor”, pediu ele, “mostrem imagens que restabeleçam a coragem e a confiança dos investidores”.

Evidentemente Walker não foi atendido. As cenas do crash, preservadas em arquivos de mídia, são exibidas até hoje.

56. Fim de uma era

Charles Stewart Mott, *chairman* do Union Industrial Bank, que viajara de Detroit para Flint tão logo foi informado pelo presidente do banco, Grant Brown, sobre o desfalque perpetrado pelos integrantes da Liga de Cavalheiros, fez questão de interrogar pessoalmente os defraudadores. Numa reunião realizada na sala do conselho do Union, a mesma que os trambiqueiros tinham usado para tramar seu desastrado golpe, Mott tomou conhecimento dos detalhes da participação individual de cada um deles.

Só às cinco da manhã de quarta-feira, dia 30, o *chairman* deu por encerrado o encontro. Antes, exigiu a renúncia por escrito de cada um dos "cavalheiros", no que foi prontamente atendido. Depois mandou-os para casa. Não disse se iria dar conhecimento dos fatos à polícia nem se iria processá-los na Justiça.

Após determinar que o banco permanecesse fechado, Charles Mott foi para sua mansão local descansar um pouco. Por volta das nove da manhã, ele chamou o promotor público de Flint, Charles Beagle.

Até hoje o teor da conversa dos dois é motivo de controvérsias. Não se sabe se o *chairman* exigiu a punição dos malversadores ou se pediu a Beagle para relevar os trambiques e agir como se o rombo no banco tivesse sido provocado unicamente pelo crash do mercado de ações, evitando assim um escândalo maior. O certo é que o promotor não tomou nenhuma providência imediata.

Apesar do tombo colossal, a Bolsa de Valores de Nova York abriu no horário normal na quarta. Todas as transações efetuadas na Terça-Feira Negra foram processadas. Quem comprou, recebeu seus papéis. Quem vendeu, seu dinheiro.

O músico Irving Berlin viu o valor de sua carteira de ações reduzido a praticamente zero. Mas recebeu a notícia com tranquilidade. Continuou investindo na Bolsa, todos os meses, o dinheiro que recebia de direitos autorais. Iria fazer isso pelos próximos sessenta anos, nos quais recuperaria, e multiplicaria, cada centavo perdido.

Em todos os Estados Unidos muita gente reuniu seus últimos trocados para aplicar em ações, na esperança de que o crash de 29 de outubro tivesse representado o fundo do poço. A partir desse fundo, só teriam a ganhar — pensavam.

O que ninguém, ou quase ninguém, poderia supor é que a Terça-Feira Negra seria não só o marco do fim de uma era de gastança e prosperidade, mas também o ponto de partida da maior depressão econômica do século XX, depressão essa que iria atingir brutalmente a população americana e, por efeito dominó, a de todo o mundo, incluindo povos que jamais tinham ouvido falar sobre bolsas de valores e mercado de ações.

Essa depressão afetaria a humanidade por longos onze anos, após os quais seria seguida por uma catástrofe ainda maior.

57. A Grande Depressão

Os carros que conduziam as pessoas em êxodo arrastavam-se para a estrada principal, vindos dos caminhos que a cruzavam, e despejavam populações para o oeste. Quando a escuridão baixava, agrupavam-se qual percevejos nos abrigos. E isso porque todos eles estavam deslocados e perplexos, porque tinham vindo de terras em que reinava a tristeza e a preocupação…

Nessa linguagem impregnada de melancolia, o autor John Steinbeck (1902-1968; prêmios Nobel e Pulitzer), em sua obra-prima *As vinhas da Ira* (*The Grapes of Wrath*) descreveu o cenário da Grande Depressão que se seguiu ao crash.

Foram tempos sombrios, caracterizados por persistente deflação e violenta queda no consumo. Praticamente não surgiram novos investimentos e as falências se sucederam em proporções jamais vistas na América. Em Nova York, a Bolsa de Valores continuou funcionando, mas o que se ouvia no recinto do pregão eram murmúrios mais adequados a um velório e não os gritos eufóricos e excitados dos *traders*.

Para a grande maioria dos americanos, que jamais investira sequer um centavo na Bolsa, muito menos em especulações alavancadas, o colapso do mercado de ações parecia algo distante que em nada lhe afetaria a vida. Logo eles perceberiam seu equívoco quando os empregos, tanto urbanos quanto rurais, começaram a escassear. Fazendeiros de todo o país, já fragilizados pela queda dos preços de seus produtos, agora se viam à mercê dos bancos, que executavam as hipotecas e expulsavam famílias inteiras de suas casas, onde não raro elas viviam havia gerações.

Como um típico republicano, o presidente Herbert Hoover era contra qualquer espécie de ajuda financeira do governo aos flagelados da depressão. Assim, os desempregados e desalojados passaram a depender da caridade dos mais afortunados, ou dos menos desafortunados, para não passar fome. Filas de sopa gratuita se formavam em todas as metrópoles dos Estados Unidos. Houve grande migração do campo para as cidades, onde os novos-pobres se amontoavam em abrigos para não dormir ao relento. Quando todas as camas desses albergues já estavam tomadas, os retardatários tinham de

ir para algum *speakeasy*, onde o proprietário os “acomodava” sobre pó de serragem espalhado pelo chão, faturando assim alguns trocados extras.

Pela manhã os albergados eram postos no olho da rua, chovesse, nevasse ou fizesse sol. Ao longo do dia nem mesmo tentariam procurar emprego, tal a inutilidade do esforço, limitando-se a entrar nas filas de sopa. À noitinha voltavam à luta para encontrar outra vaga nos abrigos ou bares. Era essa a triste rotina dos herdeiros da Grande Depressão.

A pátria do capitalismo parecia amaldiçoada.

No outro lado do Atlântico, a situação não era nem um pouco melhor. Na boca do estuário do rio Clyde, na Escócia, por exemplo, os estaleiros que atendiam boa parte das companhias de navegação mais importantes fechavam seus diques por falta de encomendas. Profissionais especializados na construção de navios, como operadores de guindastes, soldadores, montadores, eletricistas, pintores, encanadores, tapeceiros e estofadores, dispensados de seus serviços, eram agora obrigados a recorrer aos cheques magros do seguro-desemprego.

Os números do tráfego marítimo entre os Estados Unidos e a Europa, a rota mais nobre e movimentada do mundo, haviam caído para menos de um terço daqueles anteriores ao crash. A crise na indústria de construção naval ia da foz do Mississippi até o porto de Yokohama, no Japão.

No mercado financeiro americano, a falência serial iniciada na Terça--Feira Negra tornara-se sistêmica. Só no ano de 1931, nada menos do que 2.294 bancos foram forçados a fechar suas portas. O dinheiro dos depositantes que simplesmente evaporou podia ser medido em bilhões. As instituições mais sólidas, que haviam conseguido se manter funcionando, eram agora obrigadas a enfrentar a corrida dos clientes que tentavam sacar seus dólares para convertê-los em ouro.

Em novembro de 1932, quando o índice de desemprego nos Estados Unidos se encontrava em 25% da força de trabalho, o ex-governador democrata de Nova York Franklin Delano Roosevelt, que sofria de poliomielite, foi eleito presidente do país, tendo derrotado Hoover — em busca de seu segundo mandato — no colégio eleitoral por um placar acachapante de 472 votos contra 59.

A plataforma do vencedor era simples: criar empregos de qualquer maneira, nem que fosse contratando homens para cavar buracos e outros para

tampá-los. O plano de Roosevelt, que tomou posse no dia 4 de março de 1933, levou o nome de New Deal.

O que Franklin Roosevelt não previra, nem tinha como prever, foi a severa estiagem — mudança climática provocada pelo aquecimento das águas do oceano Pacífico — que acometeu alguns estados agrícolas importantes do país em 1934 e 1936, estiagem essa que ficou conhecida como *Dust Bowl* (tigela de poeira) e que agravou ainda mais a tragédia americana. Se a terra estava seca, as bocas nem tanto. No dia 5 de dezembro de 1933 deixara de vigorar a *Prohibition*, em vigor havia quase catorze anos. Valiosos empregos foram criados na restabelecida indústria de bebidas alcoólicas.

Nos primeiros anos da Grande Depressão, a queda nos preços dos produtos agrícolas foi desastrosa. O trigo caiu 19%; o algodão, 27%; a lã, 42%; a seda, 30%; o estanho, 29%; a borracha, 42%; o açúcar, 20%; o café, 43%; e o cobre, 26%. "Por que comprar hoje se amanhã estará mais barato?", raciocinavam os consumidores, que só adquiriam o essencial do essencial.

Outras matérias-primas também sofreram com a escassez de dinheiro. O preço do barril de petróleo do Texas desabou para quatro centavos, valor que nem sempre dava para cobrir as despesas de extração. Muitos poços foram fechados.

O setor industrial não deixou por menos. Em Detroit, a Ford Motor Company por pouco não faliu. As vendas de seu Modelo A caíram de 1,5 milhão de unidades, número de 1929, para 232 mil em 1932. Mais de um milhão de veículos usados atulhavam os pátios dos revendedores de carros de segunda mão em todo o país. As vendas da RCA murcharam de 137 milhões de dólares para 62 milhões. O parque siderúrgico americano chegou a operar com 88% de capacidade ociosa.

Não bastasse a penúria generalizada, sessenta países adotaram medidas protecionistas e retaliativas erguendo barreiras para produtos importados, numa política burra de "eu me lasco, mas você se lasca também". E todos se lascaram. Muros se ergueram entre as nações. O comércio dos Estados Unidos com o resto do mundo caiu 82% em relação ao nível pré-crash.

Na remota Nova Zelândia, nação que dependia inteiramente do comércio com o exterior, e aqui também pinçada como exemplo, a conjuntura tornou-se catastrófica. Suas exportações de lã, manteiga, carnes, peles, couro e cebola sofreram uma queda de 80%.

Ainda no governo Hoover, mais precisamente no dia 8 de julho de 1932, o índice Dow Jones da Bolsa de Valores de Nova York fez sua mínima a 41,22, uma queda de 89% sobre o pico atingido em 3 de setembro de 1929, que só voltaria a se repetir 21 anos mais tarde.

Entre as ações mais massacradas estavam as da Goldman Sachs Trading Corporation, as da United Founders e as da American Founders, que haviam caído respectivamente de 222, setenta e 117 dólares para 1,75 dólar, a primeira, e 63 e cinquenta... centavos (sim, centavos) as duas últimas.

Nos primeiros meses de 1934, o presidente Roosevelt resolveu criar a Comissão de Títulos e Câmbio (Securities and Exchange Commission — SEC) para fiscalizar o mercado e impedir que esbórnias financeiras como a da segunda metade da década de 1920 se repetissem. Para espanto da sociedade, Roosevelt nomeou o grande especulador Joe Kennedy para ser o primeiro *chairman* da agência.

"Ele chamou a raposa para tomar conta do galinheiro", protestaram os republicanos.

Poucos conheciam tão bem as tramoias do mercado de valores como Kennedy e, portanto, poucos tinham condições tão plenas como ele de coibi-las. O que Joe Kennedy não disse, mesmo porque ninguém lhe perguntou a respeito na ocasião, é que pretendia também usar o cargo para se desforrar da desfeita que Jack Morgan lhe fizera em fevereiro de 1929, recusando-se a recebê-lo em seu escritório.

Seis mil e duzentos quilômetros a leste de Washington, onde o presidente Roosevelt perpetrava as mudanças radicais que imortalizaram seus primeiros cem dias de governo, na Alemanha Adolf Hitler caminhava a passos largos para assumir o poder.

De certo modo, Hitler nutria o mesmo plano de Franklin Roosevelt: criar empregos. Só que, em seu caso, para rearmar a Alemanha, tornando-a novamente uma potência militar que pudesse se impor na Europa.

58. O cabo austríaco

Assim como aconteceu em quase todo o mundo, o *boom* econômico que a Alemanha vivera nos *Roaring Twenties* veio abaixo com o crash de 1929 e com a depressão que se seguiu. Dessa tragédia valeu-se o ex-cabo Adolf Hitler, abutre sinistro que se alimentava de crises para incrementar o poder político de seu mais do que radical e xenofóbico Partido Nazista, que quase caíra no esquecimento nos tempos de prosperidade da República de Weimar.

Não é exagero afirmar que Hitler foi a consequência mefistofélica da queda da Bolsa. Senão vejamos:

Em 1929 os filiados do Partido Nazista, decadente após o sucesso inicial, somavam apenas 178 mil, numa população de 65 milhões. Um ano mais tarde, nas eleições parlamentares, agora tendo ao fundo um cenário de 4 milhões de trabalhadores desempregados, os hitleristas obtiveram 6 milhões de votos, o que lhes valeu a segunda maior bancada do parlamento: 107 cadeiras. Os nazistas de carteirinha, contribuintes do partido, eram agora 800 mil.

Em suas diatribes histéricas, pronunciadas perante multidões hipnotizadas que incluíam milhares de homens das SA (Sturmabteilung — divisões de assalto) usando camisas marrons e braçadeiras com suásticas, Hitler prometia uma Alemanha forte e autossuficiente.

Em 1932 realizaram-se eleições presidenciais, com Hitler concorrendo contra o presidente em exercício, o venerando e popular marechal Hindenburg, então com 84 anos. O desemprego subira para apocalípticos 9,5 milhões.

Tal como se esperava, Hindenburg venceu, mas lhe faltou 0,4% dos votos necessários para obter a maioria exigida por lei. Houve necessidade de um segundo turno para o marechal se manter no cargo.

Nas eleições seguintes, para o Parlamento, os nazistas, sempre com a proposta de emprego para todos, tornaram-se o maior partido alemão, conquistando 230 de um total de 608 cadeiras. Hitler recusou a vice-chancelaria que lhe foi oferecida pelo chanceler de Hindenburg, Franz von Papen.

As tropas de assalto de Hitler transformaram a vida alemã em um sobressalto constante, espancando e matando adversários políticos, empastelando redações e gráficas de jornais que lhes opunham e saqueando lojas de ju-

deus. Finalmente, temendo uma guerra civil, Hindenburg ofereceu o cargo de chanceler a Adolf Hitler.

Tendo aceitado a chancelaria, Hitler quis aumentar seu poder e exigiu novas eleições, no que foi atendido. Na segunda-feira, 27 de fevereiro de 1933, dias antes da votação, o chanceler foi extremamente beneficiado por um incêndio criminoso. Era noite quando o edifício do Parlamento, Reichstag, ardeu em chamas, obra de um jovem comunista holandês com problemas mentais, Marinus van der Lubbe. Como seria praticamente impossível uma pessoa sozinha provocar um incêndio de proporções tão grandes, é provável que agentes nazistas, interessados em ver o circo, literalmente, pegar fogo, tenham facilitado a tarefa de Lubbe, espalhando gasolina pelos corredores do prédio.

Aproveitando-se do incidente, Hitler conseguiu a aprovação de um decreto suspendendo os direitos civis. Sua recém-criada polícia, a Gestapo, prendeu 4 mil comunistas. Nesse clima de medo e coerção, os nazistas elevaram sua bancada de 230 para 288 cadeiras. Embora esse número não significasse maioria absoluta, Hitler, com seus métodos truculentos, conseguiu a aprovação de uma lei, o Ato de Capacitação, que lhe permitiu governar por decreto. Era o início de uma das mais sangrentas ditaduras da história, por certo mais um subproduto do crash de Nova York. Para começar, 24 parlamentares que faziam oposição aos nazistas foram assassinados por eles.

Com um gigantesco programa de obras públicas — autoestradas, pontes, túneis, barragens, portos e replantio de florestas — e de incentivo à indústria bélica, o governo nazista trouxe o índice de desemprego para níveis desprezíveis, façanha que pouquíssimos países haviam conseguido naqueles meados dos tenebrosos anos 1930.

Adolf Hitler passou a ser cultuado, dentro e fora da Alemanha, como um gênio econômico, um homem que derrotara a depressão, transformando seu país em uma ilha de prosperidade. Se derrotara também a democracia e as liberdades individuais, se perseguia os judeus e outras minorias, se defendia teorias raciais esdrúxulas e extremadas, se divulgava ideias expansionistas, para os alemães isso não importava muito. O que valia era não sofrer a humilhação da miséria e do desemprego.

No dia 2 de agosto de 1934, Hindenburg morreu. Mais do que depressa, Adolf Hitler se autonomeou presidente, acumulando o cargo com o de chanceler e dando a si próprio o título de *Führer* (chefe). Exigiu que todos os oficiais e soldados das forças armadas lhe jurassem obediência incondicional.

Legitimou seus atos submetendo-os a um plebiscito, no qual obteve 90% dos votos. Pôde então dar início aos seus projetos de expansão territorial.

O primeiro ato do "Reich de Mil Anos", que era como Hitler se referia à "sua" Alemanha, foi anexar a Áustria, operação conhecida como Anschluss, que as potências a leste e a oeste aceitaram passivamente. Não era Adolf Hitler austríaco? Não fora recebido triunfalmente em Viena? Um referendo popular, levado a cabo na Áustria e na Alemanha, não aprovara a fusão dos dois países, com 99,7% dos votos a favor? Quem poderia ser contra?

À anexação da Áustria seguiu-se a conquista da Tchecoslováquia, aceita passivamente por França e Inglaterra. Veio então a invasão da Polônia, no dia 1º de setembro de 1939, quando tropas alemãs irromperam através da fronteira.

Desta vez os ingleses e os franceses reagiram, dando início à Segunda Guerra Mundial, a última e pior consequência do crash da Bolsa de Valores de Nova York, ocorrido dez anos antes. A depressão econômica mundial dera lugar ao maior morticínio de todos os tempos.

59. Guerra e paz

A Segunda Guerra Mundial durou exatamente seis anos e um dia, contando da data em que Hitler invadiu a Polônia até 2 de setembro de 1945, quando os japoneses se renderam aos americanos a bordo do encouraçado *Missouri*, ancorado na baía de Tóquio, após bombas atômicas terem sido lançadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Entre soldados e civis, os mortos no conflito somaram mais de 62 milhões de pessoas.

Nos primeiros anos, a vitória dos alemães foi avassaladora. No auge de seu poderio, Hitler chegou a controlar um imenso território que ia da península de Breton, no extremo oeste da França, até os rios Don e Volga, no Cáucaso, União Soviética. No sentido norte-sul, as tropas nazistas dominaram desde a região ártica da Noruega e da Finlândia até as areias escaldantes do deserto líbio, na África.

A partir da derrota na batalha de Stalingrado, travada no final de 1942 e início de 1943, o Terceiro Reich, projetado para mil anos, não fez outra coisa senão encolher. No dia 30 de abril de 1945, quando Adolf Hitler cometeu suicídio em seu abrigo subterrâneo, o Reich não passava de um quarteirão em ruínas no centro de Berlim.

No Pacífico, os japoneses também começaram com uma vitória maiúscula ao atacar e destruir parte da frota americana em Pearl Harbor, Havaí, provocando a entrada dos Estados Unidos na guerra. Seguiu-se uma sucessão de batalhas navais e combates pela posse de ilhas no caminho entre o Havaí e o Japão. Tal como o Reich de Hitler, o império japonês foi encolhendo. E teria encolhido até o fim não fossem as bombas atômicas e a rendição.

Obviamente não houve recessão, e muito menos desemprego, durante a guerra. Mas poderia ter havido tão logo os combates cessaram, se o presidente norte-americano Harry Truman, sucessor de Roosevelt, não tivesse tomado algumas decisões importantes.

No cenário doméstico, Truman assinou a chamada G. I. Bill, através da qual os soldados americanos que haviam retornado dos teatros europeu e do Pacífico fizeram jus a financiamentos com juros próximos de zero para compra ou construção de casa própria, início de um negócio ou custeio de estudos de segundo grau e universitários. Isso deu enorme impulso à economia.

A Europa foi beneficiada com o plano Marshall, também com financiamento americano, que bancou a reconstrução. O mesmo aconteceu no Japão, onde os grandes empresários tiveram acesso a linhas de crédito para refazer seus parques industriais.

Dessa maneira terminou o ciclo perverso iniciado às dez horas da manhã de quinta-feira, 24 de outubro de 1929, quando o superintendente da Bolsa de Valores de Nova York, William Crawford, bateu o gongo do pregão e deu início ao crash.

Resta agora contar o que aconteceu com aquelas pessoas que esta narrativa abandonou tão abruptamente para tratar da depressão e da guerra.

60. Joe Kennedy

Entre os financistas e especuladores que ganharam fortunas na euforia da Bolsa nos *Roaring Twenties*, Joseph (Joe) Kennedy foi um dos bem-aventurados que conseguiram reverter suas posições a tempo e atravessar os dias do crash de outubro de 1929 vendidos em ações a descoberto. Como se não bastassem todos os seus acertos até aquele momento, Joe continuou acumulando dinheiro ao longo da Grande Depressão, comprando ativos mobiliários e imobiliários por preços ínfimos.

Não totalmente satisfeito com seus incontáveis sucessos, Kennedy partiu para a política partidária, na qual logo se sobressaiu. Joe Kennedy acalentava o sonho de ser um dia presidente dos Estados Unidos.

Em 1932, Franklin Roosevelt se candidatou à Casa Branca. Mais do que depressa, Joe se pôs a serviço dele, não só angariando apoio na colônia católica irlandesa como dando generosa contribuição ao caixa da campanha, muito necessitado de fundos naqueles anos de depressão.

Com a eleição de Roosevelt, o mínimo que Kennedy esperava era ser contemplado com um cargo no primeiro escalão do governo, quem sabe até o de secretário do Tesouro, como chegou a confidenciar a alguns amigos. Veio então o convite para dirigir a Comissão de Títulos e Câmbio (Securities and Exchange Commission — SEC). Como se tratava de um órgão recém-criado, com grande poder sobre o mercado financeiro, Joe aceitou.

Já trabalhando em Washington, Kennedy deu uma enorme tacada que nada teve a ver com bolsas. Sabedor de que a Lei Seca (*Prohibition*) estava com os dias contados, Joe comprou grande quantidade de uísque escocês, estocando a bebida em armazéns no Canadá. Em dezembro de 1933, tendo a Suprema Corte americana derrubado a *Prohibition*, bastou ao esperto irlandês mover a mercadoria para o lado sul da fronteira.

Em 1937, já no segundo mandato de Roosevelt, após um breve e bem-sucedido período como *chairman* da Comissão Marítima, Joe Kennedy foi nomeado embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha. Apresentou suas credenciais ao rei George VI no início de 1938.

Para desgosto dos ingleses, Kennedy tomou-se de admiração pelo regime nazista da Alemanha, implantado havia cinco anos. Ele acreditava que as

democracias ocidentais precisavam conviver amistosamente com Hitler se quisessem se defender da expansão do comunismo de Stálin, que reinava absoluto na União Soviética.

Na madrugada de 1º de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra. Joe Kennedy, convicto de que uma vitória alemã era questão de tempo, insistiu com Roosevelt para que os Estados Unidos mantivessem sua postura isolacionista. Por medida de segurança familiar, Joe embarcou Rose e os filhos de volta para a América. Mais tarde, ele mesmo alugou uma casa fora de Londres para fugir dos bombardeios alemães. Os ingleses carimbaram-no como covarde e derrotista.

Em maio de 1940, tendo a Alemanha invadido e conquistado a França, Winston Churchill sucedeu Neville Chamberlain como primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Imediatamente Churchill passou a se comunicar diretamente com Roosevelt, sem que os dois estadistas notificassem o embaixador Kennedy sobre o teor dessas conversas.

Ignorado por seu presidente, e até mesmo pelo Departamento de Estado, Joe Kennedy não desperdiçou de todo sua temporada na Inglaterra. Enormes comboios de cargueiros cruzavam o Atlântico Norte trazendo armas e suprimentos americanos para a Inglaterra. Kennedy moveu seus pauzinhos para que, em suas viagens de retorno, alguns desses navios levassem lotes de uísque do estoque de seu comércio particular.

O desprestígio por fim tornou-se insustentável para Kennedy. Em 27 de outubro de 1940, a seu próprio pedido, ele foi destituído do cargo e regressou à América. Lá, voltou às atividades partidárias democratas, sempre com a esperança de um dia chegar à Casa Branca. Foi então que cometeu sua grande asneira.

Louis Lyons, um jornalista do *Boston Sunday Globe*, conseguiu uma entrevista com Kennedy. Entre outras impropriedades, Joe disse que o fim da democracia na Grã-Bretanha, e até mesmo nos Estados Unidos, era uma questão de tempo.

Como seria de se esperar, a reação negativa do público e da mídia foi enorme. Kennedy foi convocado a se explicar com o presidente Franklin Roosevelt e a relação de amizade entre os dois, que nunca fora muito ardente, terminou.

Pelo menos na política, o nome Kennedy parecia uma carta totalmente fora do baralho. Isso se os dois filhos mais velhos de Joe não fossem rapazes

bonitos, inteligentes, extremamente simpáticos, destemidos e obstinados: Joseph (Joe Jr.), o mais velho, de 25 anos, e John (Jack), 23.

Na primavera de 1941, Joe Jr. entrou para a Marinha dos Estados Unidos para servir como piloto naval. Completou seu curso de treinamento pouco antes de os japoneses atacarem Pearl Harbor, em 7 de dezembro, fato que determinou a entrada dos americanos na guerra. John também se alistara na Marinha, no verão, mas, como sofria de dores constantes na coluna, foi designado para um cargo burocrático em Washington, onde já vivia sua irmã Kick, de 21 anos, jornalista do *Washington Times-Herald*.

Após se livrar parcialmente do problema nas costas à custa de muito exercício, fisioterapia e potentes analgésicos, John Kennedy foi enviado para o teatro de guerra do Pacífico Sul com a missão de comandar uma lancha torpedeira PT, em seu caso a PT 109, parte de uma frota de grande mobilidade e rapidez que a Marinha americana usava para atacar de surpresa e afundar navios de guerra japoneses.

No domingo, 1º de agosto de 1943, o serviço de inteligência naval dos Estados Unidos captou uma troca de mensagens entre os navios de um comboio japonês, escoltado por três destróieres, que cruzava o estreito de Blackett, nas ilhas Salomão. Diversas lanchas torpedeiras, entre elas a PT 109, foram acionadas para destruir a flotilha inimiga, mas falharam em interceptá-la.

Já eram as primeiras horas da madrugada de segunda-feira, e a PT 109 retornava para a base, quando um destróier japonês, o *Amigari*, surgiu no meio da escuridão e colidiu com a lancha de John Kennedy, partindo-a ao meio. Dois tripulantes morreram no choque, outros três ficaram feridos, sobrando ilesos apenas John e um marinheiro.

Durante quatro horas o jovem Kennedy e seu subordinado nadaram em mar aberto, sendo que John trazia a reboque um dos feridos, até encontrarem uma ilha deserta e desprovida de água e de recursos. Na ausência de melhor solução, John Kennedy voltou a cair no mar e nadou até outra ilha, esta habitada, onde conseguiu mantimentos e pediu socorro. Só seis dias após a colisão com o barco japonês é que os sobreviventes da PT 109 foram resgatados pela Marinha.

Assim que a notícia chegou à América, John Kennedy tornou-se um herói nacional, recebendo enorme publicidade e diversas condecorações por bravura em cerimônias realizadas em Washington. Isso não o impediu de

voltar ao Pacífico, comandando outra lancha PT, até que as dores nas costas, acompanhadas da malária que contraíra na selva, o venceram e ele deu baixa, retornando para casa.

A atenção dada a seu irmão mais novo deixou o piloto Joe Jr. inquieto. Ele queria no mínimo igualar o feito de John, mas continuava longe do front, patrulhando águas americanas. Finalmente conseguiu ser transferido para uma base em Cornwall, na Inglaterra, onde passou a realizar missões sobre o Atlântico Norte e o Canal da Mancha para detectar submarinos alemães. Por mais importante que fosse o trabalho, ele não satisfez totalmente Joe Jr. Por isso, quando surgiu uma "oportunidade tentadora", ele não pensou duas vezes.

Pilotos voluntários experientes estavam sendo procurados para uma missão tão importante quanto perigosa. Em junho de 1944, os alemães haviam posto em ação a sua mais recente arma de terror, a bomba voadora V1, que era lançada balisticamente contra Londres e as principais cidades inglesas, provocando enorme destruição. As V1s partiam de plataformas localizadas no norte da França, na Bélgica e na Holanda, superprotegidas por casamatas e forte barragem de artilharia antiaérea.

Como ataques convencionais de aviões ingleses e americanos não estavam surtindo efeito contra as bases de V1s, surgiu uma nova ideia que recebeu o nome de Projeto Afrodite. Pilotos voariam bombardeiros lotados de explosivos sobre o Canal da Mancha, voando rente às águas para não serem detectados pelos radares alemães. Ao se aproximarem das plataformas de lançamento, apontariam suas aeronaves para o alvo e, segundos antes do impacto, pulariam de paraquedas de baixa altitude e em alta velocidade. Se tudo desse certo, seriam recolhidos por lanchas de resgate aliadas.

O piloto poderia morrer ao saltar, a carga poderia explodir sob turbulência ou na hora de ser armada por controle remoto instalado em outro avião. Nada disso impediu que Joe Jr. se voluntariasse. Ou melhor, o alto risco foi justamente seu grande incentivo.

No fim da tarde de sábado de 12 de agosto de 1944, o primogênito dos Kennedy, que acabara de completar 29 anos, decolou de uma pista de Suffolk pilotando um PB4Y, o *Zootsuit Black*, abarrotado de explosivos potentíssimos.

Por volta das 18h20, quando Joe Kennedy ainda voava sobre a Inglaterra, algo deu errado. A carga explodiu no momento de ser armada e o *Zootsuit Black* transformou-se numa bola de fogo e destroços. A tripulação sofreu morte instantânea e nenhum fragmento de corpo foi encontrado.

Se o embaixador Joe Kennedy fora simpático ao nazismo, se previra que a Inglaterra perderia a guerra e se tornaria nacional-socialista, se dissera que os Estados Unidos deixariam de ser uma democracia, tudo isso foi esquecido com a demonstração de extrema coragem de seus filhos, um deles ainda vivo.

Outro episódio contribuiu para aumentar a aura mística que começava a envolver o nome Kennedy no imaginário do povo americano. Um dos genros do velho Joe, o inglês William Cavendish, marquês de Hartington, que se casara com Kick e agora servia em seu regimento no norte da Bélgica, foi morto por um franco-atirador alemão quando liderava uma patrulha.

Os episódios de heroísmo da família não iludiram Joe Kennedy. Ele teve a perspicácia de deduzir que dificilmente conseguiria alcançar a presidência. Seu passado voltaria à tona durante a campanha. Mas o filho John, agora o mais velho, extremamente charmoso, condecorado de guerra — que logo se casaria com Jacqueline Bouvier, uma bela e encantadora descendente de franceses, nascida no ano do crash da Bolsa —, reunia todos os requisitos para conseguir o cargo.

Joe decidiu fazer de John presidente dos Estados Unidos, usando todos os seus recursos financeiros para atingir esse objetivo e agindo sempre por trás das cortinas para não atrapalhar a carreira do filho.

No início deu tudo certo. Após uma trajetória meteórica, na qual foi deputado e senador de Massachusetts, sempre em campanhas financiadas pelo pai, John Fitzgerald Kennedy se elegeu em 1960 o 35º presidente dos Estados Unidos, ao derrotar Richard Nixon, vice de Eisenhower.

Antes que seu filho completasse um ano na Casa Branca, a fatalidade se abateu sobre o velho Joe Kennedy. Na terça-feira, 19 de dezembro de 1961, durante uma partida de golfe, ele sofreu um AVC que o deixou paraplégico e sem fala, embora lúcido.

Foi preso a uma cadeira de rodas em sua casa de Hyannis Port, no cabo Cod, que Joe Kennedy acompanhou o assassinato de John, em Dallas, em 22 de novembro de 1963, assim como o de Bob, que tinha tudo para ser o segundo Kennedy na Casa Branca, durante um evento em Los Angeles, parte da campanha presidencial de 1968.

Joe Jr., morto na guerra. John e Bob, assassinados por lunáticos. Entre os filhos homens de Joe Kennedy restava apenas o caçula Ted, tal como seus irmãos um político carismático, e já senador, com grandes chances de um

dia disputar a Casa Branca. Só que em 18 de julho de 1969, num incidente muito mal explicado, Ted Kennedy, que estava acompanhado da jovem Mary Jo Kopechne, de 28 anos, perdeu a direção de seu carro, que caiu de uma ponte na ilha de Chappaquiddick, em Massachusetts.

Ted conseguiu escapar do carro, mas Mary Jo ficou presa no interior do veículo e se afogou. Omissão de socorro? Covardia? Embriaguez ao volante? Relacionamento extraconjugal? Os detalhes jamais foram totalmente esclarecidos. Mas junto com Mary Jo se foi também a possibilidade de Edward Kennedy se candidatar a presidente dos Estados Unidos, embora fosse exercer, com brilhantismo, inúmeros mandatos de senador por Massachusetts.

Joe Kennedy não sobreviveu muito tempo a essas tragédias. Menos de seis meses após o episódio de Chappaquiddick ele morreu, aos 81 anos. A fortuna que acumulou, nem sempre de modo muito ético, durante os *Roaring Twenties*, o crash de 1929, a guerra e o pós-guerra, sem nunca ter sofrido um revés financeiro de peso, sustentará ainda muitas gerações do clã dos Kennedy.

61. Jack Morgan

Jack Morgan e seus sócios na J. P. Morgan se sentiam tão superiores aos outros banqueiros, e mesmo aos demais homens de negócio da América, que não deram, ou pelo menos não pareceram dar, muita importância ao crash e à depressão que se seguiu. Era como se nada pudesse afetá-los negativamente.

O *chairman* da Casa Morgan costumava passar suas férias na Grã-Bretanha, onde não raro recebia em Wall Hall, seu castelo de estilo gótico em Aldenham, Hertfordshire, integrantes da família real. Em 1931, quando a situação da libra esterlina ameaçou se tornar insustentável, mais do que depressa Jack, que se sentia mais inglês do que americano, se ofereceu para prestar auxílio financeiro ao Banco da Inglaterra. Ofereceu-lhes um empréstimo de emergência, prontamente aceito por Sir Montagu, *governor* do banco.

O valor foi de 25 milhões de libras. Embora não se tratasse de uma grande soma, principalmente sendo tomador o Império britânico, o que valia era o simbolismo da operação. Significava que a J. P. Morgan tinha confiança no poder de recuperação da moeda inglesa. Imediatamente o FED (Federal Reserve Bank) ofereceu ao Banco da Inglaterra outros 25 milhões. O mesmo fez o Banco da França.

A comunidade financeira e empresarial americana não achou a menor graça ao ver seu banco central e sua casa bancária mais prestigiosa socorrendo um país estrangeiro justo no momento em que os Estados Unidos da América mais precisavam de liquidez. Jack Morgan foi metralhado por críticas. "Anglófilo impatriótico" foi o mínimo que se disse dele.

A colaboração externa em pouco ajudou a Inglaterra, e o dinheiro dos empréstimos de emergência logo evaporou, com os investidores exigindo ouro — a Grã-Bretanha adotava o padrão-ouro, lastreando sua moeda no metal — em troca de suas libras.

Por fim a situação da libra esterlina tornou-se insustentável. No dia 21 de setembro de 1931, agindo por ordem do primeiro-ministro Ramsay MacDonald, o Banco da Inglaterra anunciou que não mais entregava ouro a quem o exigisse em troca de libras, tal como vinha fazendo desde 1925.

A cotação da libra frente ao dólar, até então fixada em 4,86665 dólares, caiu imediatamente para 3,75 dólares e passou a flutuar ao sabor do mer-

cado. Como a Casa Morgan fizera o empréstimo em libras, e iria, ao final, receber em libras, o prejuízo em dólares tornou-se inevitável. Embora isso não abalasse as finanças da Morgan, abalava seriamente seu prestígio, pois dera seu aval a uma moeda que não se sustentara. Isso era apenas o primeiro de uma série de reveses que Jack Morgan iria sofrer nos anos 30.

Como a J. P. Morgan era uma empresa de capital fechado, ela não publicava balanços nem divulgava seus resultados. Mas rumorejava-se em Wall Street que a firma acumulara no crash e nos dois anos que se seguiram perdas de 65 milhões de dólares. Isso não impediu que Jack lançasse um novo iate de 2,5 milhões de dólares. Ou quem sabe o fez para mostrar que estava bem financeiramente.

Só que as coisas continuaram piorando. Em 1932 o Senado americano criou uma comissão de inquérito presidida pelo senador Ferdinand Pecora para investigar as causas do crash. Jack Morgan foi uma das primeiras pessoas convocadas para depor.

Pouquíssima gente nos Estados Unidos conhecia a fisionomia e a voz de Morgan, que mantinha uma vida reservada, não frequentava eventos sociais e jamais dava entrevistas. Certa vez ele dera uma bengalada em um fotógrafo que tentara retratá-lo. Agora o banqueiro era obrigado a se expor e explicar aos senadores como funcionavam seus negócios. Entre uma e outra audiência na Comissão Pecora, os jornais o chamavam de bankster, combinando as palavras "banqueiro" e "gângster".

Tendo Franklin Delano Roosevelt tomado posse na Casa Branca em 1933, a situação de Jack Morgan se deteriorou ainda mais. Suas empresas passaram a pagar muito mais impostos, criados por Roosevelt, e Jack começou a ser perseguido por Joe Kennedy, *chairman* da Comissão de Títulos e Câmbio (SEC), que não se esquecia da desfeita que Jack lhe fizera quatro anos antes.

Como se não lhe bastassem tantos contratempos, em função da lei Glass-Steagal, recém-promulgada, Morgan se viu obrigado a vender parte de suas instituições financeiras, pois os bancos passaram a ter de optar entre captar depósitos ou fazer investimentos. Ficou proibido exercer simultaneamente as duas atividades.

Ao longo da segunda metade dos anos 30, a J. P. Morgan — que se viu obrigada a aceitar novos sócios e passou a se chamar Morgan, Stanley & Co. — foi emagrecendo. Assim como emagreceu a fortuna pessoal de Jack. Para seu profundo desgosto, ele foi obrigado a fazer economias, dispensar serviçais e vender obras de arte, tudo pelos preços minguados da depressão.

Quando Jack Morgan morreu, na Flórida, em 13 de março de 1943, aos 75 anos, sua fortuna pessoal, que chegara a ser a maior do mundo, era de apenas 16 milhões de dólares, sendo que dois terços desse montante foram imediatamente engolidos pelos impostos de herança criados por Roosevelt.

Nunca mais a Morgan teve alguém com o sobrenome da família na direção de seus negócios. Na aldeia inglesa de Aldenham quase não há indícios de que um dia Jack Morgan conviveu por lá com reis, rainhas, príncipes e princesas. Sobrou como lembrança apenas uma bucólica rua residencial chamada Morgan Gardens.

62. Perdas e ganhos

Após o crash de 1929, o engraxate Pat Bologna, tendo perdido seu precioso "capital de risco", voltou a se dedicar exclusivamente ao enfadonho esfrega-e-lustra na banca do número 60 de Wall Street. Já não havia tantos clientes, e mesmo esses gatos-pingados davam gorjetas magras, compatíveis com os novos tempos.

Nunca mais Bologna deu conselhos de investimentos, mesmo porque ninguém os solicitou, e ele mesmo evitava falar no assunto para não perder o freguês. Nas cinco décadas seguintes Pat continuou por lá, até que um dia pegou suas tralhas, foi embora e não se ouviu falar mais dele.

O judeu russo Michael Levine, faz-tudo, fornecedor de bebidas e dono de uma firma de mensageiros, também continuou na Rua. Como seria de se esperar, seu negócio encolheu. Agora, muitas vezes o próprio Levine se encarregava de entregar as mensagens e as encomendas da clientela.

Apesar de Amadeo Peter Giannini ter antevisto o crash, seu grupo financeiro sofreu pesadas perdas. Para piorar as coisas, Giannini e seu sócio Elisha Walker travaram uma disputa feroz pelo controle acionário do Transamerica e das demais empresas associadas.

Walker desejava vender o banco para Charles Mitchell, do National City, enquanto A. P. Giannini queria continuar tocando o negócio, concentrando-o cada vez mais em operações de varejo, atendendo correntistas, poupadores e investidores pequenos. O confronto entre os dois sócios acabou sendo resolvido litigiosamente em uma assembleia de acionistas, para a qual Giannini conseguiu reunir procurações de padeiros, merceeiros, açougueiros, verdureiros, garçons, operários etc., todos acionistas do banco. Isso foi suficiente para que ele derrotasse, ainda que por escassa margem, o grande capital que apoiava Elisha Walker.

Livre de Walker, Amadeo Giannini voltou a perseguir seu sonho de montar um grande banco dirigido às pessoas de menor renda. Para ficar mais com a cara de sua instituição, A. P. livrou-se de seu Rolls-Royce. O chofer Joe Garcia passou a dirigir um carro americano comum, sem sirene de bombeiros e outros espalhafatos.

Giannini entregou a direção do Bank of America a seus filhos, inclusive Claire, que se casou e passou a se chamar Claire Giannini Hoffman. Ela se aposentou com quase 80 anos e viveu até os 92. Teve a alegria de ver o banco fundado por seu pai, que morrera em 1949, aos 79 anos, transformar-se no maior do mundo.

John Jakob Raskob, o idealizador e construtor do Empire State Building, teve a esperteza de ficar vendido a descoberto em ações durante o crash e os meses de queda que vieram depois. Com isso, Raskob não só manteve sua fortuna como a vitaminou e pôde manter vivo seu sonho de construir seu arranha-céu.

Na segunda-feira 17 de março de 1930, dia de São Patrício, os primeiros alicerces do Empire State foram colocados em posição para sustentar as 365 mil toneladas de aço, pedra, concreto e vidro. Nos 410 dias que se seguiram, a construção subiu em ritmo vertiginoso. Sentados em uma arquibancada que Raskob mandou montar em frente à obra, curiosos e palpiteiros nova-iorquinos podiam ver o prédio se elevando nas alturas, não raro seu topo furando a camada de nuvens.

Finalmente, no dia 1º de maio de 1931, em plena Grande Depressão, o presidente Herbert Hoover cortou a fita inaugural do Empire State Building. Em seu discurso, John Jakob Raskob disse que aquele edifício era uma prova de que os bons tempos iriam voltar. Não se pode dizer que Raskob errou, mas seu prognóstico levaria mais de uma década para se tornar realidade.

Charles E. Merrill, da Merrill Lynch, fora um dos primeiros financistas de Wall Street a prever o crash. Ele fizera isso, num comunicado aos seus clientes, um ano e meio antes da Terça-Feira Negra, levando alguns investidores cautelosos a liquidar suas carteiras de ações.

Após o colapso do mercado, todo mundo se lembrou de Merrill. E o prestígio de sua sociedade corretora cresceu imensamente. Merrill e seu sócio Edmund Lynch se juntaram à empresa E. A. Pierce & Co., formando a Merrill Lynch, Pierce, Fenner & Smith, que se tornou a maior corretora de valores do planeta.

Durante o *bull-market* dos *Roaring Twenties*, a ação mais prestigiada e mais negociada do mercado havia sido a da RCA, Radio Corporation of America, a popular Radio. Evidentemente, sua cotação despencou junto com as outras. Só que a RCA tinha um negócio bom demais para naufragar, mesmo em um cenário de depressão.

David Sarnoff, o bielorrusso que chegara à América ainda criança, era agora, aos 39 anos, presidente da Radio. Sarnoff tinha enorme fé na empresa que dirigia, mesmo naqueles anos de penúria. Novidades na área de comunicação surgiam a todo momento e a RCA se beneficiava imensamente delas. Conquanto sua firma se dedicasse mais à fabricação e à venda de aparelhos de rádio e a transmissões radiofônicas, David, em seu amplo e suntuoso escritório no 53º andar do Rockefeller Center, na Quinta Avenida, pensava longe e grande. Televisão, ele tinha certeza, seria o grande negócio do futuro em seu campo de atividade.

No dia 30 de abril de 1939, durante a Feira Mundial de Nova York, David Sarnoff, dirigindo-se a uma câmera, participou da primeira transmissão de televisão do país.

Amadeo Peter Giannini, do Bank of America, John Jakob Raskob, do Empire State Building, Charles E. Merrill, da Merrill Lynch, e David Sarnoff, da RCA, assim como o já citado Joe Kennedy, foram notáveis exceções naquela década de fracassados.

63. De Wall Street para Sing Sing

Por ocasião do crash, o presidente da Bolsa de Valores de Nova York, Edward Simmons, encontrava-se em prolongada lua de mel no Havaí e não fez a menor questão de antecipar sua volta. Seu substituto, Richard Whitney, o desastrado especulador que conseguia a proeza de perder dinheiro tanto na alta quanto na baixa, continuou tendo seus prejuízos cobertos pelo irmão, George, sócio e diretor da Casa Morgan.

Simmons só reassumiu seu posto em 2 de dezembro de 1929. Mas permaneceu nele por apenas quatro meses e meio. Em abril de 1930 Richard Whitney, apoiado pela J. P. Morgan, foi eleito presidente da Bolsa. O cargo, agora em caráter efetivo, veio a calhar, pois lhe permitiu esconder suas perdas no mercado, tanto as de sua conta pessoal como as da sociedade corretora Whitney & Co., da qual era sócio majoritário.

A situação de relativo conforto de Richard durou até Franklin Roosevelt assumir a Casa Branca, em 1933, e criar a Comissão de Títulos e Câmbio (SEC), nomeando Joe Kennedy como *chairman*. Nessa mesma época, a Comissão Pecora, do Senado, investigava os acontecimentos de 1929.

Até então a Bolsa de Nova York não abria seus livros contábeis para ninguém. Agora era obrigada a dar satisfações ao Senado e à SEC. O senador Ferdinand Pecora, por exemplo, enviou enorme e detalhado questionário, preparado por um batalhão de advogados, para ser respondido não só por cada um dos diretores da Bolsa como por todos os proprietários de assentos. Isso implicava trazer à tona os números de milhares e milhares de contas de investidores e especuladores.

Como seria de se esperar, Richard Whitney foi convocado a depor. Submeteram-no a severo interrogatório que, aos poucos, foi minando sua arrogância. Enquanto isso, em Nova York, os investigadores de Kennedy esmiuçavam os lançamentos de suas contas pessoais.

A SEC e o Senado levaram cinco anos para descobrir todas as falcatruas de Whitney, inclusive apropriações de fundos das contas dos clientes da Whitney & Co., entre os quais viúvas e órfãos, e até um desfalque no New York Yatch Club, cometido na época em que Richard era seu tesoureiro.

Às nove horas da manhã de segunda-feira, 11 de abril de 1938, agentes

policiais, munidos de um mandado, se apresentaram na mansão de Richard Whitney no número 115 da rua 73 Leste, em Midtown Manhattan. Horas mais tarde, após ser levado à presença de um juiz, ele teve sua prisão preventiva decretada. Julgado por vários crimes, Whitney foi condenado a cumprir uma sentença de cinco a dez anos de prisão na penitenciária de Sing Sing. Recebeu liberdade condicional em 1941. Jamais voltou ao mundo dos negócios. Morreu em 1974, aos 86, tendo sido sustentado em seus últimos 33 anos de vida pelos rendimentos de um pecúlio doado por seu irmão, George Whitney, que em nenhum momento o abandonou.

Charles Mitchell, do National City Bank, foi outro financista que teve de prestar contas à Comissão Pecora. Apesar de ter sido um dos maiores responsáveis pela febre especulativa que precedeu o crash, os senadores, assim como os fiscais da SEC, não descobriram nenhuma prática de atos ilícitos por parte de Mitchell durante o *boom* de 1929.

O banqueiro só não escapou do Internal Revenue Service (IRS), órgão arrecadador e fiscalizador do imposto de renda americano. Auditorias em suas contas pessoais revelaram que Mitchell cometera sonegação. Após ter sido preso, ele acabou fechando um acordo com o IRS e pagou aos cofres públicos uma importância não revelada. Tendo renunciado ao cargo de presidente do City Bank em 1933, ele passou a viver de rendas. Morreu em 1955, aos 78 anos.

O galês Michael Meehan, notório especulador, participante de diversos *pools* e outros tipos de "puxadas" durante o *bull-market*, dono de oito assentos na Bolsa de Valores de Nova York e especialista da Radio no Posto 12 do pregão, além de proprietário da corretora flutuante do transatlântico *Berengaria*, perdeu quase toda a sua fortuna no crash. O fato de que a RCA continuou prosperando durante a Grande Depressão não o ajudou em nada, pois deixou de ser o especialista no papel.

Como se não bastassem os prejuízos de Meehan, a SEC de Joe Kennedy não o deixou em paz. Suas operações especulativas foram esquadrinhadas. No início, Michael se declarou inocente e colaborou com as investigações. Mas quando sentiu que poderia ir para a cadeia, ele simplesmente desapareceu.

Em dezembro de 1936, a revista *Times* descobriu que Michael Meehan era um dos internos do asilo para doentes mentais Bloomingdale, em White Plains, ao norte da cidade de Nova York. Uma reportagem feita sobre ele descreveu-o "caminhando altivamente pelos gramados, tragando seus charutos...".

Na verdade Meehan se transformara em um alcoólatra que passava boa parte do tempo discutindo em voz alta consigo mesmo. Quando não conseguia, mediante suborno de enfermeiros, acesso a bebidas, sofria sérias crises de abstinência. Nada disso impediu que, uma vez localizado, tivesse que responder pelos atos que cometera durante o *boom*. Resultado: foi proibido de operar em todas as bolsas de valores dos Estados Unidos, medida provavelmente inócua devido ao seu estado físico e mental.

Michael Meehan morreu no dia 2 de fevereiro de 1948 com a idade de 56 anos, não sem antes fazer uma última incursão no mundo dos negócios, adquirindo o controle acionário de uma fábrica de sorvetes.

Billy (William Crapo) Durant, criado em Flint, fundara a General Motors. Mais tarde fora um dos grandes especuladores de Wall Street, amigo e parceiro de Charles Mitchell, John Jakob Raskob e Mike Meehan. Tinha sido uma pessoa tão ilustre que visitava o presidente Herbert Hoover sem agendar uma entrevista. Só que o passado brilhante não impediu que seu destino fosse marcado por um declínio lento e melancólico.

Só no crash, Billy Durant perdeu 40 milhões de dólares. Fora o que perdera nas semanas anteriores, quando acreditara em uma recuperação do mercado. No ano seguinte, 1930, Durant pediu a sua mulher, Catherine, 187 mil ações da General Motors de um fundo de investimentos fechado que constituíra para ela.

"É um empréstimo rápido, só para dar uma tacada certa", ele dissera a ela.

O dinheiro de Catherine Durant simplesmente evaporou.

Pedindo um empréstimo aqui, oferecendo uma tacada infalível ali, Billy Durant continuou tentando se refazer, cada vez com menos capital. Os amigos e conhecidos agora se recusavam a recebê-lo, não o atendiam ao telefone.

Em 1933, Durant tentou voltar à indústria automobilística comprando por um valor insignificante uma montadora em estado pré-falimentar e mudando o nome da empresa para Durant Motor Car Company, só para vê-la falir de verdade algumas semanas depois.

Três anos mais tarde, quem pediu falência foi o próprio Billy pessoa física. Declarou dívidas no valor de 914.231 dólares e um patrimônio de 250 dólares, representados por pouco mais do que as roupas que vestia ao se apresentar ao juiz.

Próximo passo ladeira abaixo, Durant abriu uma lanchonete em Asbury

Park, Nova Jersey. Com o parco dinheiro que arrecadava, conseguia sobreviver, talvez porque comesse seus próprios sanduíches.

Um dia William Crapo Durant, já quase octogenário, decidiu voltar às suas origens. Vendeu a lanchonete e mudou-se para Flint, onde abriu um boliche, unidade pioneira, pelo menos era o que ele dizia às pessoas, de uma cadeia.

Em outubro de 1942, Billy Durant sofreu um AVC. Tinha 80 anos. Ainda viveu mais cinco, agora num modesto apartamento em Nova York, preso a uma cadeira de rodas, sempre ao lado da fiel mulher, Catherine. Ela vendeu suas joias, peça por peça, para pagar as contas da casa e as despesas médicas do marido. Alguns figurões sobreviventes da indústria automobilística, entre os quais Charles Stewart Mott, Alfred Sloan e Walter Chrysler, eventualmente visitavam o casal e nunca se esqueciam de deixar um cheque para auxiliar nas despesas.

Billy Durant morreu em 18 de março de 1947, aos 85 anos.

Na Inglaterra, Clarence Hatry, o ex-magnata do vidro, homem cuja falência, na opinião de muitos, dera início à crise econômica que desencadeou o crash, foi solto da prisão em 1930. Hatry conseguiu se recuperar, voltando a ficar rico, atuando na City. Morreu em 19 de junho de 1965, aos 76 anos.

O professor Irving Fisher, da Universidade de Yale, economista que havia garantido que um crash da Bolsa de Nova York era simplesmente impossível, ao menos foi coerente com suas próprias ideias. Perdeu tudo o que tinha, inclusive a própria casa, quando Wall Street quebrou. Fisher teve de ir morar de favor na casa de sua filha, onde morreu aos 80 anos, em 1947.

64. Flint: os escroques e suas vítimas

Tão logo soube dos desfalques nas contas do Union Industrial Bank praticados pelos cavalheiros da Liga, todos eles dirigentes e funcionários da própria instituição, Charles Stewart Mott, *chairman* e maior acionista do banco, decidiu cobrir o rombo com seu próprio dinheiro. Isso lhe custou 3,392 milhões de dólares.

A corajosa atitude de Mott revelou-se inútil para salvar o Industrial. Embora o banco tivesse deixado de operar apenas durante não mais do que dois expedientes e meio, esse pequeno espaço de tempo — ainda mais tendo acontecido simultaneamente ao crash da Bolsa de Nova York — foi suficiente para quebrar a confiança dos depositantes.

Na dúvida, dinheiro na mão. Sempre fora assim no sistema bancário em todo o mundo ao longo dos tempos. Quando as portas do Union Industrial se reabriram, houve uma corrida aos caixas e a direção do banco se viu obrigada a interromper novamente os saques. Interrupção que acabou se tornando definitiva, pois o Industrial teve sua falência decretada.

Entre os que ficaram sem nada, estava o jovem casal Vargo, Jolan e Steve. Ela não conseguiu receber a herança que seu pai lhe deixara ao morrer. Steve, por sua vez, perdeu todas as economias que acumulara, tiradas de seu suado salário na Buick.

Os Vargo jamais se mudaram de Flint. Tal como a maioria dos americanos, eles passaram necessidades durante a Grande Depressão, mas conseguiram refazer suas vidas na próspera década de 1950. A história se esqueceu de registrar se tiveram filhos e netos. Na ausência de informações em contrário, vamos supor que viveram felizes para sempre e que Jolan tenha tomado muitos sorvetes de baunilha.

Homer Dowdy, o carteiro de Flint, foi outro que não conseguiu sacar seu dinheiro no Union Industrial Bank, justamente na época em que mais precisava, devido à doença de sua mulher, Gladys. Ela morreu sem a assistência médica que ele desejara. Como felizmente tinha um emprego estável, Homer, que se casou novamente, viveu melhor do que a maioria dos americanos nos difíceis anos 30 e pôde proporcionar uma boa educação aos filhos.

Em 15 de novembro de 1929, a promotoria de Flint acusou os cavalheiros da Liga de desfalque no banco. A maioria se declarou culpada e o julgamento teve início em janeiro de 1930.

O vice-presidente sênior do Union, John de Camp, foi sentenciado a dez anos de prisão. Ivan Christensen, tesoureiro assistente, pegou sete anos e meio. Frank Montague, outro vice-presidente, três anos e meio. Robert, filho de Grant Brown, apenas seis meses. Os demais trambiqueiros receberam sentenças leves.

Curiosamente, a Liga de Cavalheiros de Flint continuou se reunindo após o julgamento, pois seus membros foram enviados para o mesmo local, a prisão estadual de Michigan, onde receberam celas contíguas. Como se revelaram prisioneiros-modelo, e se tratavam de executivos experientes, logo receberam do diretor do presídio a tarefa de aprimorar a administração da cadeia, no que foram extremamente bem-sucedidos. Isso lhes valeu uma rápida liberdade condicional.

Após serem soltos, quase todos voltaram para Flint, sendo que alguns conseguiram empregos em bancos locais.

É bem possível que De Camp, Christensen, Montague, Robert Brown e outros pares da Liga tenham cruzado nas calçadas da cidade com os Vargo e com o carteiro Dowdy, sem que nenhum deles soubesse quem era quem.

65. Minha vida foi um fracasso

Além de ativo especulador da Bolsa, James Riordan era presidente da New York County Trust Company. Sua morte foi uma surpresa para o mercado. Às 17h40 de sexta-feira, 8 de novembro de 1929, portanto menos de duas semanas após o crash, ele sentou-se numa poltrona de sua elegante casa em Manhattan e suicidou-se com um tiro no ouvido.

Assim que soube da tragédia, John Jakob Raskob, o homem do Empire State e sócio de Riordan na New York County, fez o possível e o impossível para que a imprensa não soubesse do ocorrido até o final do expediente bancário de sábado, dia 9, que aconteceu ao meio-dia.

Com a colaboração da polícia metropolitana de Nova York, inclusive do médico legista que cuidou do corpo de Riordan, a iniciativa de John Raskob teve êxito. Nas primeiras horas, só o círculo mais íntimo de parentes e amigos do morto ficou sabendo do suicídio. Raskob pôde então examinar as contas do banco, o que fez durante o restante do sábado e o dia todo de domingo.

Para grande espanto de John Jakob Raskob, não havia nenhum rombo na New York County Trust Company. Na segunda-feira, com toda a opinião pública já ciente do que acontecera, Raskob assumiu as rédeas da instituição e usou de todo o seu prestígio para minimizar os efeitos de um início de pânico dos correntistas. Contou com a ajuda do prefeito da cidade, James Walker, que mandou o tesouro municipal fazer um vultoso depósito no banco.

A County Trust continuou de pé, agora com John Raskob na presidência. Riordan, embora tenha perdido boa parte de sua fortuna especulando na Bolsa, não tocara em um só centavo do dinheiro da Trust.

É comum se mostrar o grande crash de 1929 como tendo sido o detonador de uma onda de suicídios. Hollywood, por exemplo, adora essa versão. Em diversos filmes, especuladores e homens de negócios os mais diversos são mostrados saltando de andares altos dos hotéis de Nova York. Ficcionistas também são fãs do tema, como também eram os comediantes da época, politicamente mais do que incorretos.

“O senhor está se registrando para dormir ou para pular?”, perguntava, num diálogo tragicômico de um show de variedades da Broadway, o recep-

cionista de um hotel nova-iorquino. "Se for para pular, senhor, por favor, pague adiantado."

Tudo isso é puro folclore, além de exagero. Houve realmente um aumento no índice de suicídios após o crash e durante a depressão, mas foi uma coisa mais pontual. Só que houve gente que se aproveitou dessas mortes para especular na Bolsa.

No sábado, 12 de março de 1932, por exemplo, Ivar Kreuger, um financista e especulador international de grande notoriedade — operava, nem sempre de modo muito honesto, nas bolsas dos dois lados do Atlântico Norte —, apontou uma arma semiautomática contra a própria cabeça e se matou.

O suicídio ocorreu em Paris, às onze da manhã, hora local, com a Bolsa de Nova York tendo todo seu meio pregão de sábado pela frente. Policiais parisienses foram subornados e a notícia retida até que especuladores do círculo de Kreuger pudessem vender a descoberto ações da Kreuger and Toll e da Lee, Higginson and Company — empresas ligadas ao financista morto — no mercado americano.

Jesse Livermore tornara-se o mais famoso e mais bem-sucedido urso dos Estados Unidos e talvez do mundo. Como emérito ganhador nas baixas, não era de se espantar que ele tenha faturado horrores no crash.

Nos dias de pânico generalizado do final de outubro de 1929, Livermore se deu muito bem. Ficou vendido a descoberto e rachou de ganhar dinheiro.

No dia 13 de novembro, uma quarta-feira, Jesse Livermore percebeu que o mercado já caíra demais. E trocou a pele de urso pela de touro. Liquidou suas posições vendidas e adquiriu todos os papéis que lhe foram oferecidos. Mais uma vez acertou na mosca. Assim como continuou ganhando ao longo de 1930.

Os lucros agora eram menores, pois o mercado já não absorvia grandes lotes. Esse marasmo não só continuou como cresceu em 1931. Seria a ocasião de Livermore parar de operar. Daria para viver de renda a vida toda e ainda durante umas cinco reencarnações.

Um erro comum nas pessoas que têm sucesso em determinado momento da vida é o de confundir o fato (correto) de que foram vencedores porque estavam do lado certo com o fato (incorreto) de que qualquer posição que assumam passa a ser imediatamente a certa. Isso acontece em todos os ramos de atividade e em todas as profissões. E com Jesse Livermore não foi diferente.

A partir de 1931, Livermore passou a errar sistematicamente. E não admitia isso. Nem para os outros, nem para si mesmo. Achava que o mercado estava errado e não ele. O dinheiro que entrara nos tempos de acerto começou a sair, primeiro devagarzinho, depois, à medida que Jesse se impacientava e aumentava suas apostas, aos borbotões. Ao final do ano, metade de sua fortuna se fora.

Em 1932, Jesse Livermore parecia um novato, amador precipitado, que apostava todas as fichas em qualquer mão, por pior que fossem suas cartas. Nesse ano ele jogou fora 30 milhões de dólares, seus últimos 30 milhões.

Como se não bastassem os reveses na Bolsa, Livermore descobriu que Dorothy, sua mulher alcoólatra, o traía com um agente da Lei Seca. O casal se divorciou em Reno.

No mês de março de 1933, aos 58 anos, Livermore se casou com Harriet Metz Noble, uma viúva rica natural de Omaha, Nebraska, concertista de piano e vinte anos mais nova do que ele. Mais do que depressa, Jesse pediu a ela um empréstimo de 136 mil dólares.

"É para depositar como margem de uma operação infalível", ele disse a Harriet. "Impossível perder." Só que o impossível aconteceu e Harriet Noble jamais viu seu dinheiro de volta.

Jesse Livermore vendeu seus imóveis, seu Rolls-Royce amarelo. Tomou dinheiro emprestado a juros e não pagou. Gângsteres a soldo de agiotas o ameaçaram. Ele precisou se esconder desses cobradores truculentos, assim como de oficiais de justiça que o procuravam para entregar intimações de sociedades corretoras das quais ele era devedor.

Desse modo inglório, Livermore atravessou toda a Grande Depressão. Até que em 28 de novembro de 1940, ele, impecavelmente vestido como nos seus tempos de fama, entrou no Sherry-Netherland Hotel, na esquina da Quinta Avenida com a rua 59 Leste. Foi até o bar, onde entornou dois martínis, e depois seguiu para o banheiro masculino.

Mirando-se no espelho, o grande Jesse Livermore, o urso de Boston, o maior especulador dos *Roaring Twenties*, uma figura mítica de Wall Street, sacou uma pistola do bolso do paletó, apontou-a para a testa e atirou. Quando caiu no chão, já estava morto. Em seu bolso foi encontrado um lápis de ouro, última lembrança de sua época de esplendor, e um caderninho em cujas páginas Livermore rabiscara dezenas de vezes:

"Minha vida foi um fracasso" (*My life has been a failure*), "Minha vida foi um fracasso", "Minha vida foi…"

Como herança, Jesse Livermore deixou apenas os direitos autorais de um livro que publicara oito meses antes e que fora um fracasso editorial. Seu título: *Como operar com ações* (*How to Trade in Stocks*).

Após a morte do autor, o livro passou a vender bem. Aliás, vende até hoje, passados mais de setenta anos. É só entrar num dos bons sites de livrarias virtuais americanas que *How to Trade in Stocks* está lá.

66. Epílogo

Na véspera do crash, o ator Charles Chaplin e o compositor Irving Berlin haviam jantado juntos em Hollywood, ocasião em que Berlin censurara Chaplin por ter vendido sua carteira de ações, atitude que o compositor considerava impatriótica. O colapso em Nova York pegou os dois em posições antagônicas, o comediante zerado e o músico com todas as suas economias aplicadas na Bolsa.

Embora em ritmo menor do que nos *Roaring Twenties*, a indústria de entretenimento continuou crescendo ao longo da Grande Depressão. Charles Chaplin pôde aumentar sua já enorme fortuna ao passo que Berlin começou a refazer a sua, quase toda perdida no crash. Seja por teimosia, seja por perspicácia, seja por patriotismo, o músico continuou aplicando dinheiro em ações.

Em fevereiro de 1931, Chaplin lançou *City Lights* (*Luzes da cidade*), um filme meio-mudo — embora não houvesse diálogos entre os personagens, a ação era acompanhada de uma trilha sonora musical. A produção da fita custou 2 milhões de dólares, uma extravagância para aqueles tempos de depressão.

Mesmo sem falas, *City Lights*, com Chaplin interpretando Carlitos pela última vez, foi um estrondoso sucesso, tendo sua bilheteria — 5 milhões só nos primeiros meses — sido maior do que a de qualquer outro filme da época. Apesar disso, Charles Chaplin concluiu que chegara o momento de pôr fim à carreira do personagem Carlitos.

Multimilionário e grande celebridade em todo o mundo, Chaplin diminuiu seu ritmo de trabalho e passou a se dedicar a viagens, principalmente pela Europa, tendo inclusive visitado Berlim um ano e meio antes da ascensão de Adolf Hitler.

O mítico talento de Charles Chaplin era tão reconhecido pelo público que ele ainda insistiu em alguns filmes sem diálogos, só com o acompanhamento de música. *Modern Times* (*Tempos modernos*), no qual Chaplin contracenou com Paulette Goddard, com quem vivia maritalmente na época, foi um desses. Estreou em 1936 e repetiu o êxito de *City Lights*.

Três anos mais tarde, justamente quando a Inglaterra e a Alemanha entraram em guerra, Charles lançou *The Great Dictator* (*O grande ditador*), um fita falada que, graças à interpretação magistral de Chaplin, ridicularizava ao

extremo a figura do ditador nazista. Foi mais um triunfo artístico e financeiro. *The Great Dictator* veio a ser o filme mais lucrativo de Charles Chaplin até então.

Quando, após o ataque dos japoneses a Pearl Harbor, os Estados Unidos entraram na guerra, Chaplin fez uma longa turnê de palestras pelo país instando os assistentes a apoiar a agora aliada União Soviética. O entusiasmo com que defendia os russos, aliado ao uso da expressão "camaradas", com a qual se dirigia à plateia, iria lhe causar grandes inconvenientes no futuro.

Após a Segunda Guerra, já nos tempos inquisitoriais do macarthismo, e em plena Guerra Fria, Charles Chaplin, agora considerado por muitos como simpatizante do comunismo, durante uma viagem de navio para a Europa, a bordo do transatlântico *Queen Elizabeth*, ficou sabendo, por um telegrama do Serviço de Imigração, que seu visto de permanência dos Estados Unidos fora cassado — ele jamais quisera pleitear a cidadania americana. Na época Charles era casado com Oona O'Neill, 36 anos mais moça do que ele, filha do dramaturgo Eugene O'Neill. Depois de algum tempo em Londres, o casal fixou moradia em Vevey, na Suíça.

Chaplin só voltou à América em 1972, e mesmo assim por poucos dias, para receber um Oscar especial da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, que lhe foi concedido pelo conjunto da obra. Tinha então 83 anos. Morreria no dia de Natal de 1977, na Suíça, deixando nove filhos e enorme fortuna, resultado de seus filmes e das aplicações na Bolsa feitas nos *Roaring Twenties*, as quais liquidara em 1928.

Irving Berlin saiu do crash e entrou na Grande Depressão quase tão pobre quanto no começo de sua vida artística no início do século, só que agora com a vantagem de ter seu talento amplamente reconhecido no mundo da música. Como não diminuiu a demanda por suas canções, e ainda recebia direitos autorais das obras anteriores, Berlin não demorou a voltar a investir na Bolsa, comprando ações por preços baixíssimos. Goldman Sachs Trading Corporation, por exemplo, um papel pelo qual ele chegara a pagar 220 dólares, estava a menos de dois dólares.

O sogro de Irving, o católico Clarence Mackay, magnata dos telégrafos, que jamais aprovara o casamento de sua filha Ellin com o músico judeu, também perdera tudo que tinha no colapso de 1929. Só que Mackay, ao contrário do genro, não tinha como refazer sua fortuna, pois isso dependeria de capital e não de talento criativo.

Dono de Harbor Hill, uma enorme e luxuosa propriedade em Wheatley Hills, Long Island, Mackay não podia vendê-la por absoluta falta de compradores. Muito menos tinha condições de custear a manutenção da casa principal, das casas de hóspedes, da estufa, dos estábulos que antes haviam abrigado seus puros-sangues ingleses, das quadras de tênis, da piscina e dos campos a perder de vista, fora os salários dos 134 empregados.

A alternativa foi dispensar todo mundo e mudar-se para a pequena casa do porteiro, junto ao portão de entrada da propriedade, e deixar o resto abandonado, à mercê das intempéries e da sanha dos saqueadores.

Em agosto de 1932, quando o Industrial Dow Jones da Bolsa de Valores de Nova York bateu em sua mínima, a 63 pontos, o menor nível desde a criação do índice, em 1896, e uma queda de 83% sobre o pico registrado na terça-feira 3 de setembro de 1929, Irving Berlin continuava comprando ações. Nessa época o ritmo da *ticker-tape* se assemelhava ao bater irregular do coração de um moribundo. Havia momentos em que a fita parava por absoluta falta de negócios no pregão.

Quando Kitty, mulher de Clarence Mackay, morreu de câncer na garganta, o viúvo levou sua amante, Anna Case, para morar com ele na casa do porteiro. Por fim, casou-se com ela. Irving e Ellin Berlin compareceram à cerimônia. De presente, Berlin deu um cheque de um milhão de dólares para o sogro. Assim ele e Anna puderam viver com conforto e dignidade até o fim dos seus dias.

Em setembro de 1930, Irving Berlin comprara um lote no número 66 da rua 93 Leste, entre a Madison e a Park Avenue. Sua ideia era derrubar o prédio que havia no local e construir uma mansão em seu lugar. Precisava apenas de emplacar um novo hit. E não é que emplacou dois, ambos em 1932: *Say It Isn't e How Deep is the Ocean*. Como se não bastasse, o musical *Off Thee I Sing*, dos irmãos George e Ira Gershwin, montado na "Music Box", casa de espetáculos de propriedade de Berlin, e de cuja bilheteria ele tirava um percentual, fez 441 apresentações.

Na temporada seguinte (1933-1934), o musical *As Thousands Cheer*, com composições de Irving Berlin, e montado em seu próprio teatro, foi também um grande sucesso. A fortuna perdida no crash se recuperava rapidamente. E cada centavo que sobrava Irving Berlin punha na Bolsa, com exceção do dinheiro que reservou para erguer sua mansão no East Side.

O ano de 1935 trouxe novos êxitos: as canções do filme *Top Hat*, que teve

como protagonistas Fred Astaire e Ginger Rogers. De participação na bilheteria, Berlin, agora com 46 anos, faturou 300 mil dólares.

Em 1917 Irving escrevera a música e a letra da canção *God Bless America*, que por algum motivo decidira pôr de lado. Vinte e um anos mais tarde, em 1938, ele resolveu resgatá-la do fundo de um baú.

God Bless America causou tanto impacto que, dias após ter sido apresentada pela primeira vez, numa transmissão radiofônica, na voz de Kate Smith, tornou-se o hino extraoficial dos Estados Unidos. Passados 75 anos do lançamento, e quase cem da criação, não há um instante sequer em que *God Bless America* não esteja sendo tocada ou cantada em algum canto do país.

Irving Berlin podia agora viver de direitos autorais, sem precisar criar mais nada e ainda tendo recursos de sobra para aplicar na Bolsa. Mas Berlin simplesmente não quis parar. Veio a Segunda Guerra e ele produziu um musical para a Broadway, *This is the Army*, com toda a renda, que ultrapassou 10 milhões de dólares, destinada ao Exército. Para si, Berlin escreveu a canção *White Christmas*, que arrecadou tanto quanto *God Bless America*.

Só com a voz de Bing Crosby, *White Christmas* vendeu 10 milhões de discos. Mais 4 milhões saíram com outros cantores, além de 3 milhões de partituras.

O dinheiro continuou entrando aos borbotões. O musical *Annie Get Your Gun* foi exibido 1.147 vezes. Uma das músicas da peça, *There is no Business Like Show Business*, repetiu a trajetória de *God Bless America* e de *White Christmas*. A inspiração de Irving Berlin, agora com 58 anos de idade, parecia não ter limites. *Annie Get Your Gun* rendeu ao compositor 400 mil dólares, mais 650 mil pela adaptação para o cinema. Com o disco e a partitura de *There is no Business Like Show Business*, ele faturou outros 600 mil.

Em 1947, Irving e Ellin se mudaram para a enorme mansão que ele finalmente construíra, onde viveriam o resto de suas vidas. No ano seguinte, o filme *Easter Parade*, com a trilha sonora composta por ele, faturou 6,8 milhões de dólares de bilheteria.

Os sucessos passaram então a se alternar com fracassos. *Miss Liberty*, por exemplo, encenado na Broadway em 1949, mal deu para cobrir as despesas de produção. Pouco mais tarde, em 1950, o filme *Annie Get Your Gun*, baseado na peça do mesmo nome, faturou 8 milhões de dólares.

Berlin, aos 63 anos, tornara-se um homem sovina, mesquinho, ganancioso, deprimido e mal-humorado. Isso talvez tenha destruído sua inspiração. Sua

última canção bem-sucedida foi *You're Just in Love*, parte do musical *Call me Madam*, montado em 1951. Depois dela, quase mais nada deu certo.

Pela primeira vez em sua carreira, Irving Berlin começou a ter músicas recusadas na Broadway e em Hollywood. Evidentemente que isso em nada contribuiu para melhorar seu estado de espírito. Mas não prejudicou sua renda de direitos autorais, garantida até o fim da vida graças aos sucessos anteriores. E quase tudo que entrava continuou indo para o mercado de ações.

Aos 70 anos, Berlin padecia tanto de depressão que um hospital foi montado em sua casa. Três enfermeiras se alternavam ao seu lado. Devem ter feito um ótimo trabalho, pois Irving viveu mais três décadas, recluso, sempre acabrunhado, viciado em soníferos, morrendo apenas em 1989, aos 101 anos de idade, catorze meses após Ellin, dezessete anos mais moça.

Além dos direitos autorais de mais de 1,5 mil canções, Berlin deixou para seus filhos uma carteira de títulos no valor um 1,1 bilhão de dólares.

Muitos defensores do mercado de ações dizem que Irving Berlin mostrou que aplicar dinheiro na Bolsa, por todo o tempo, seja na alta ou na baixa, é um método infalível de se enriquecer. Mas se esquecem de assinalar que para isso é preciso ter outras rendas e viver um século.

James Riordan, Ivar Kreuger, Jesse Livermore, Richard Whitney, Michael Meehan, Billy Durant, Irving Fisher e centenas de outros desafortunados mostraram que a armadilha criada pela prosperidade dos *Roaring Twenties* e pela catástrofe de outubro de 1929 havia mudado, para pior, a história dos Estados Unidos da América e do mundo, afetando a vida de centenas de milhões de pessoas, os herdeiros da sociedade onde todos seriam ricos.

Bibliografia

ALEXANDER, David. *Panic! The Day the Money Stopped*. Evanston, Ill.: Regency Books, 1962.

ALLEN, Frederick Lewis. *Only Yesterday*. Nova York: John Willey & Sons, 1997.

BERGREEN, Laurence. *As Thousands Cheer*: The Life of Irving Berlin. Cambridge: Da Capo Press, 1996.

BERNANKE, Ben. *Essays on the Great Depression*. Princeton: Princeton University Press, 2004.

CAROSSO, Vincent P. *The Morgans*: Private International Bankers. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

CHAPLIN, Charles. *My Autobiography*. Londres: Penguin Books, 2008.

DERBYSHIRE, Wyn. *Six Tycoons*. Londres: Spiramus Press, 2009.

EGAN, Timothy. *The Worst Hard Time*. Boston: Mariner Books, 2006.

FRIEDRICH, Otto. *Before the Deluge*. Nova York: Harper Perennial, 1995.

GALBRAITH, John Kenneth. *A Short History of Financial Euphoria*. Londres: Penguin Books, 1994.

______. *The Great Crash*. Boston: Mariner Books, 2009.

GORDON, John Steele. *The Great Game*: A History of Wall Street. Londres: Orion Business Books, 1999.

GREENSPAN, Alan. *The Age of Turbulence*: Adventures in a New World. Londres: Penguin Books, 2008.

GROSS, Daniel. *Forbes*: Greatest Business Stories of All *Times*. Nova York: John Wiley & Sons, 1997.

GUILLEBAUD, C. W. *The Economic Recovery of German from 1933 to March 1938*. Nova York: AMS Press, 1972.

HALPERING, S. William. *A Political History of the Reich from 1918 to 1933*. Nova York: W. W. Norton & Co., 2007.

HAYES, Helen; LOOS, Anita. *Twice Over Lightly*: New York Then and Now. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

HINDUS, Milton. *The Old East Side*. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1971.

KEYNES, John Maynard. *The General Theory of Employment, Interest and Money*. Nova York: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2011.
LEFÈVRE, Edwin. *Reminiscences of a Stock Operator*. Nova York: John Wiley & Sons, 2004.
LIVERMORE, Jesse. *How to Trade in Stocks*. Columbus: McGraw-Hill, 2006.
LOOS, Anita. *Kiss Hollywood Goodbye*. Boston: G. K. Hall, 1975.
MALRAUX, André. *Le Temps du Mépris*. Paris: Gallimard, 1945.
MCGOVERN, James. *And a Time for Hope*. Westport: Praeger Publishers, 2001.
MORGAN-WITTS, Max; THOMAS, Gordon. *The Day the Bubble Burst*. Garden City, NY: Doubleday & Company, 1979.
ODETS, Clifford. Waiting for Lefty. Nova York: Dramatists Play Service, 1998.
ORWELL, George. *The Road to Wigan Pier*. Londres: Penguin Classics, 2001.
PARKER, Selwyn. *The Great Crash*: How the Stock Market Crash of 1929 Plunged the World into Depression. Londres: Piatkus Books, 2008.
PECORA, Ferdinand. *Wall Street Under Oath*. Nova York: A. M. Kelley, 1973.
PIGOU, Arthur. *The Veil of Money*. Nova York: Greenwood Press, 1979.
______. *Economics of Welfare*. Londres: Macmillan, 1962.
SALVEMINI, Gaetano. *Under the Axe of Fascism*. Whitefish, MT: Literary Licensing, 2011.
SHIRER, William L. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Agir, 2012.
STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
SULLIVAN, Lawrence. *Prelude to Panic*. Washington, DC: Statesman Press, 1938. TERKEL, Louis. *Hard Times*. Nova York: New Press, 1970.
TOLAND, John. *Adolf Hitler*. Harpswell, ME: Anchor Publishing, 1991.
WEISS, John. *Nazis and Fascists in Europe*: 1918-1945. Chicago: Quadrangle Books, 1969.
WILSON, Joan Hoff. *American Business and Foreign Policy, 1920-1933*. Boston: Beacon Press, 1973.
YERGIN, Daniel. *The Prize*: the Epic Quest for Oil, Money and Power. Nova York: Free Press, 1993.

Duas crônicas

Caro leitor,

Nesta edição especial de *1929*, editada pela Inversa Publicações, decidimos oferecer, além da obra excepcional do nosso mestre Ivan, dois textos inéditos dele. Essas histórias revelam a lógica de investimento de um dos *traders* mais experientes do Brasil sob a ótica da maior crise do capitalismo. Mesmo após mostrar todos os detalhes do *crash*, Ivan deposita sua confiança no mercado e explica como você pode se beneficiar para atingir seus objetivos financeiros. Aproveite!

Um abraço,

Olivia Alonso
Publisher da Inversa Publicações

Ações – e não se fala mais nisso

Apesar de todos os períodos de insanidade pandêmica que o mercado atravessou desde que começaram a surgir os primeiros lançamentos públicos, há quatro séculos, ações continuam sendo a melhor opção de investimento a longo prazo. Repito: a longo prazo!

Nesta altura do texto, você, caro amigo leitor, pode estar indignado. “Como é que o Ivan tem a cara de pau de aconselhar as pessoas a investir suas economias em ações se ele mesmo já escreveu inúmeras vezes sobre pândegas as mais descaradas nas bolsas de valores?”

Explico: uma coisa é seguir as dicas e os modismos de determinada época. Outra, é comprar ações de empresas grandes, rentáveis e de boa reputação, esteja a bolsa em alta ou em baixa, vivendo um *boom* avassalador ou um cataclismo.

Ninguém tem condições de saber, a não ser quando já é tarde demais, se o que parece ser um *boom* passageiro é apenas o início de um grande ciclo de alta ou se o cataclismo pode significar que o pânico fez o mercado descer até um nível excepcional para compra de papéis, tal como aconteceu no pregão de segunda-feira, dia 19 de outubro de 1987, que passou a ser chamada de *Black Monday*.

Nas mínimas daquela segunda, o mercado americano de ações ofereceu a melhor oportunidade de compra de todos os tempos. Eu me lembro bem da *Black Monday* porque na época operava S&P 500 futuro na bolsa de Chicago.

A impressão que se tinha era que um novo 1929 estava acontecendo e que a ele se seguiria uma nova Grande Depressão.

Só que nada disso aconteceu.

Se você já concordou, ou está começando a concordar, comigo e acredita que ações são o melhor investimento a longo prazo, que tal raciocinar agora sobre como escolher as ações? Sim, porque cada uma é uma história.

Sugiro adquirir papéis de sete empresas, com atividades distintas:

– Um banco sólido, com décadas de tradição.
– Uma companhia petrolífera.
– Uma grande mineradora.

– Uma empresa industrial ou agroindustrial.
– Uma empresa de serviços.
– Uma concessionária pública.
– Uma empresa de alta tecnologia.

Os setores acima são apenas sugestões, mas a diversificação é necessária. Como disse James Tobin, prêmio Nobel de Economia de 1981, "jamais ponha todos os seus ovos em uma única cesta".

Todo mês, use, digamos, 10% de seu salário, divida o valor por sete e compre ações das empresas escolhidas. Se esse percentual não representa um valor significativo, e a divisão resultar em lotes muito pequenos, faça um rodízio: em janeiro, compre A; em fevereiro, B, março, C; e assim por diante.

Agora, importantíssimo: você vai comprar os papéis que escolheu, na data prevista, independentemente do que os telejornais estão noticiando ou do que seu gerente de banco, ou corretor de ações, estiver achando. Porque eles acham demais, e costumam achar errado. Pior, não raro acham de má-fé, indicando ações que seus bancos, ou suas corretoras, estão lançando.

Lembre-se: você está aplicando para ter uma velhice digna.

Existe outro modo de investir na Bolsa, sem ter que se dar ao trabalho de escolher as empresas. São os fundos de investimento em ações. Só que a escolha do fundo tem de ser feita com muita cautela, e não menos desconfiança – no mercado financeiro, todo mundo é culpado até prova em contrário.

Se as ações, por exemplo, subiram 45% nos últimos 12 meses (o que pode ser medido pelo índice Bovespa), e seu fundo rendeu 41% no mesmo período, significa que o desempenho dele é pior do que a média do mercado. Para profissionais, ficar abaixo da média é sinal de incompetência, para não dizer coisa pior.

Por outro lado, se a bolsa caiu 18%, e o fundo que você estuda apenas 15%, isso é sinal de uma boa performance.

Quando o gerente do banco, ou corretor, lhe exibir gráficos de desempenho, nesses gráficos, com certeza, o período selecionado será aquele no qual o fundo obteve o melhor resultado. Você ouvirá auto-louvações tais como:

"Nos últimos três anos, a cota do nosso fundo subiu 24%, contra uma inflação acumulada de 12%. Simplesmente o dobro." Ele só mencionará o índice Bovespa se a comparação de dados for vantajosa.

Escolha você o período de medição de desempenho. Escolha vários, mesmo que aleatórios.

"Quero saber como ficou a cota de vocês nos últimos 19, 27 e 44 meses. Me diga também qual foi a evolução do Bovespa no mesmo período. A inflação não me interessa. O que vale é comparar bolsa com bolsa. E não bananas com melancias."

Não deixe de verificar quais são as taxas de administração cobradas pelo fundo. Às vezes, eles cobram também "taxa de sucesso", embora eu jamais tenha ouvido falar de uma "indenização de insucesso".

Para efeito de avaliação de rentabilidade, essas taxas têm de ser abatidas no cálculo da performance.

Finalmente, um assunto desagradável, mas que eu já testemunhei diversas vezes quando lidava na linha de frente do mercado. E é preciso que todos saibam disso, *duela a quien duela,* como dizia o Collor.

Muitas vezes, quando um fundo está apresentando um desempenho espetacular, seus administradores saem comprando e vendendo adoidado para, como costumam dizer entre si, "cortar um pouco de gordura".

Nesse compra-e-vende, a tal gordura do fundo se derrete e vai para o bônus de fim de ano dos gestores da carteira.

Comprar e vender ações o tempo todo é coisa de profissionais. Não só pelo conhecimento do mercado, mas também, e principalmente, porque eles se dedicam exclusivamente a isso. Ficam oito ou mais horas por dia em frente a telas coloridas de cotações, de gráficos e de notícias. Não raro sabem dos fatos antes mesmo de eles acontecerem. E trocam entre si figurinhas do tipo:

"Informação de cocheira. A Clever vai comprar a Smart."

Se você for disciplinado e desprovido de ganância (um pouquinho de ambição é bom), vai fazer um ótimo pé-de-meia investindo em ações. Nos momentos de insegurança, que é quando os palpiteiros atacam, lembre-se de uma coisa:

Quando o mercado sobe, com ações você ganha dinheiro. Quando cai, com dinheiro (que vai entrar no fim do mês) você ganha mais ações.

Diamantes são eternos; ações, não

Aparentemente desmentindo o título acima, acredito que alguém pode possuir ações pelo resto da vida e deixá-las para seus herdeiros. Só há um detalhe: não as mesmas o tempo todo.

Os tempos mudam, as companhias negociadas em bolsa também. Algumas crescem, outras se apequenam. Não são poucas as que simplesmente morrem de inanição, seja porque seus produtos se tornaram obsoletos por não conseguirem acompanhar o desenvolvimento tecnológico da indústria, do comércio, do setor de serviços, seja pelas mudanças de hábito dos consumidores.

Usando como exemplo o Índice Industrial Dow Jones, de 30 ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova York, e sua composição em 1929, ano do Grande *Crash*, apenas a General Electric continua listada até hoje. Empresas fabulosas na época, como a American Can Company e a American Tobbaco Company, faleceram respectivamente em 1980 e 1994.

Digamos que um bebê nascido em 1929, e hoje, se vivo, um ancião, tivesse recebido ações de seus pais. A não ser que os papéis fossem da GE, ele ou seus herdeiros, se houvessem permanecido fieis às empresas da qual o recém-nascido se tornou acionista, teriam perdido essa fração de seu patrimônio, com exceção dos dividendos recebidos enquanto as companhias viveram.

Vamos agora avançar uma década no tempo, para o limiar da Segunda Guerra Mundial. Estamos no primeiro semestre de 1939, e Adolf Hitler, após ter anexado a Áustria e parte da Tchecoslováquia, ameaça o mundo com seu *Lebesraum* (expansão do Terceiro Reich para o Leste).

Do Industrial Dow Jones de 1939, apenas três empresas (E. I. du Pont de Nemours & Company, a nossa velha conhecida General Electric e a The Procter & Gamble Company) permanecem no índice. Havia, no entanto, no Dow, uma *blue chip* extremamente badalada naqueles meses pré-guerra, verdadeira coqueluche dos consumidores da América. Tratava-se da Eastman Kodak Company, com sede em Rochester, no estado de Nova York.

Poucas companhias tinham uma visão do futuro tão arejada como a da Kodak. Ao invés de produtos caros, como os concorrentes da Alemanha, com suas magníficas Leicas, a Eastman Kodak fabricava câmeras do tipo caixote

para o grande público. Eram produtos baratos que caíram no gosto das pessoas de todas as idades.

Só que a Kodak percebeu que o grande negócio era vender filmes. Tal como fazem os fabricantes de impressoras de computadores dos dias de hoje, cujo interesse é vender cartuchos de tinta, a empresa de Rochester praticamente dava as câmeras para poder vender as películas de celuloide.

Eles não pararam por aí. Logo vendiam câmeras e filmes baratos para ganhar com a revelação.

Infelizmente não perceberam, no final da década de 1990, que a chegada dos aparelhos celulares tornaria o negócio de câmeras, filmes e revelações totalmente ultrapassado.

Em janeiro de 2012, a Eastman Kodak Company apelou para o capítulo 11 da Lei de Falências, equivalente à nossa recuperação judicial. Mais tarde, conseguiu emergir da concordata vendendo suas patentes para Apple, Google, Facebook, Amazon, Microsoft, Samsung e Adobe, enfim, para seus próprios algozes.

Estamos em 1956. A Segunda Guerra já terminou há onze anos. O *Baby Boom* está em pleno auge. Curiosamente, no índice Dow Jones permanecem as mesmas três *blue chips* que, inclusive, continuam pujantes até hoje: Du Pont, GE e Procter & Gamble. Mas há duas siderúrgicas que iriam ser engolfadas pela concorrência internacional: United States Steel e Bethlehem Steel Corporation, que não conseguiriam rivalizar com produtos da China, do Brasil, da Índia e do México.

Há também uma curiosidade. Nessa época em que quase todo mundo fumava, inclusive nos cinemas (até os atores e atrizes na tela), aviões, trens e hospitais, a American Tobacco Company permanecia lá no Dow, como em 1929.

Mal sabiam os fumantes daquela ocasião que fumar se tornaria pecado.

Mil novecentos e oitenta e sete, ano do segundo crash, o de 19 de outubro (*Black Monday*). Nove empresas que estão até hoje no Dow Jones já se encontravam lá. Além da imbatível General Electric, a American Express, a Boeing, a Chevron, a Coca-cola, a Du Pont, a IBM (novidade), a McDonald's Corporation e a Procter & Gamble permaneciam na lista.

Tudo bem, já são nove. Mas nove entre 30 é menos de um terço. Os executivos e acionistas da Kodak, que ainda está no Dow, não se dão conta da tragédia que o futuro próximo lhes trará.

Eu poderia continuar citando exemplos e mais exemplos para mostrar que ações podem ser investimentos para toda a vida, desde que o aplicador acom-

panhe cada uma delas e saiba sair de um papel para entrar em outro, sempre antenado nos progressos da ciência e na evolução dos acontecimentos.

Mesmo entre as empresas de alta performance, e futuro aparentemente promissor, a lista das que ficaram pelo caminho é enorme. Só para lembrar algumas que derrubaram seus investidores: Blockbuster, Polaroid, Netscape, Napster e Compaq, não necessariamente nessa ordem de importância.

O mesmo aconteceu nas bolsas de valores brasileiras, embora aqui as principais, Petrobras, Banco do Brasil e Vale do Rio Doce, se mantiveram como *blue chips*, talvez por terem por trás o bolso generoso dos contribuintes, lembrando que a Vale mais tarde foi privatizada.

Isso não impediu que papéis como a Paranapanema e a OGX dessem enorme prejuízo aos investidores.

É comum analistas afirmarem que, em vez de confiar em fundos de previdência, e muito menos na previdência oficial, cada pessoa deveria construir sua aposentadoria investindo em ações.

Tudo bem, o conceito pode até ser certo. Mas, ou o investidor é um *expert* no assunto, ou aplicará em um fundo de ações de confiança, ou precisará de um corretor honesto e competente ou, finalmente, assinará uma publicação de primeira linha.

Se for leigo, o aplicador não irá detectar as esquinas traiçoeiras do mercado, que surgem quando uma empresa dá lugar a outra, ou quando um setor de atividade se torna anacrônico.

Diamantes são eternos; ações, não.

tipografia Silva Text
papel Pólen Soft 80 g/m²
impressão EGB
tiragem 3.000

EVERSON VERDIÃO

Após trabalhar durante 37 anos no mercado financeiro, operando inclusive nas bolsas de Nova York e Chicago, em 1995 Ivan Sant'Anna resolveu trocar os números pelas letras. Agora, com 16 títulos no acervo, entre eles clássicos como *Os mercadores da noite* e *Rapina*, Sant'Anna se divide entre os mais diversos temas, tanto de ficção como de não ficção. Para a Inversa Publicações, Ivan escreve newsletters diariamente, em que oferece sua experiência como *trader* a milhares de leitores. *isantanna@inversapub.com*